

João Fábio Bertonha

Sob o signo do Fascio: O fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943

Tese de doutorado apresentada ao
Departamento de História
(IFCH/UNICAMP)
Orientador: Prof. Dr. Michael Hall
Financiamento: FAPESP, Processo
96/11870 - 9

- Esse exemplar corresponde à redação final da
tese defendida e aprovada pela comissão
juladora em / /

Prof. Dr. Michael Hall (orientador)

Prof. Dr. Claudio Batalha

Prof. Dr. Ítalo Tronca

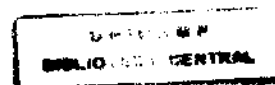
Prof. Dr. Renè Gertz

Prof. Dra. Valquíria Leão Rego

Campinas, dezembro 1998

B462s

36337/BC



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	
V.	CA.
TOMBO BC	36337
PROD.	229/99
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	28/01/99
N.º CPD	

CM-00120730-8

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

B 462 s **Bertonha, João Fábio**
Sobre o signo do Fascio : o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943 / João Fábio Bertonha. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador: Michael Hall.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Fascismo. 2. Imigrantes italianos - Brasil - 1922-1943. 3. Integralismo. 4. Brasil - Relações exteriores. 5. Itália -Relações exteriores. I. Hall, Michael M. (Michael McDonald), 1941- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Para as minhas três
mulheres: Mirtes, Júlia e Lísia

AGRADECIMENTOS

Na redação deste trabalho, tivemos a inestimável ajuda de colegas e amigos, que merecem uma palavra de gratidão de nossa parte.

Antes de tudo, uma palavra sincera de agradecimento em relação ao Michael, cuja erudição no tema e estímulo intelectual e pessoal constantes foram uma das chaves desse trabalho.

À minha família que, mesmo sem entender muito bem o que é a pós-graduação, nunca deixou de me apoiar no momento certo.

Aos "malas" de Itatiba, amigos fiéis sempre dispostos a aguentar o mau humor inerente, em certos momentos, a quem escreve dissertações e teses. Valeu, BICs!!!

Ao pessoal da república entre 1990 e 1995, porto seguro onde sempre pude ancorar nos momentos difíceis.

Aos meus amigos na UNICAMP, cujas horas de cafés e cantinas compartilhadas comigo tornaram muito menos árdua a tarefa de escrever.

Ao Fernando, velho amigo que nunca me deixou na mão nos momentos decisivos.

Ao CNPQ e à FAPESP, pela ajuda financeira que possibilitou a pesquisa no Brasil e nos EUA e à CAPES/Ministero degli Affari Esteri italiano, financiadores da viagem que permitiu a pesquisa nos arquivos ingleses e italianos e um ano de vivência na Itália que tornou apenas maior meu afeto por esse país e meu orgulho por ser um "oriundi". Uma palavra de agradecimento também em direção ao CEMI (Centro de Estudos de Migrações Internacionais) da UNICAMP, que forneceu-me auxílios para pesquisa de tese no Rio de Janeiro e Buenos Aires e um espaço precioso para discussão e debate.

À Colin Lewis, que orientou a pesquisa quando de minha segunda viagem à Londres e, especialmente, à Ângelo Trento, orientador da pesquisa na Itália, por sua infinita paciência e gentileza em atender todas as minhas necessidades acadêmicas e burocráticas.

À Christel, que tão generosamente me hospedou em Paris.

À Daniela, Bruna, Laura, Ivana, Luigi, Edilene, Daniele, Claudio, Alessandra, Fábio e tantos outros que tornaram bem mais fácil e divertida minha estadia na Itália

SUMÁRIO

<u>Introdução</u>	10

Parte A - O Quadro Geral

Cap. 1 – Os emigrantes, a política externa da Itália fascista e os instrumentos da ação fascista entre eles, 1922-1942

A política de emigração fascista	17
Os fasci all'estero	28
Os Dopolavoro all'estero	35
O serviço diplomático	37
Escolas, jornais, associações e as Casas d'Italia	39

Parte B - O fascismo italiano no Brasil

Cap. 2 - O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943

As relações Brasil-Itália no período pré fascista	48

O Brasil e a política externa fascista	50
Os anos 20	51
Os anos 30	56
A carta ideológica e a II Guerra Mundial	60

Brasil

Cap. 3 – A rede de propaganda italiana e sua ação nas comunidades italianas do

Os fasci all'estero	76
Os Dopolavoro	93
A rede consular	97
As grandes manifestações	101
A imprensa em língua italiana	113
O Fanfulla	119
As escolas italianas	122
As associações	129
As Casa d'Italia	142

Parte C – A coletividade italiana de São Paulo e sua recepção ao fascismo

Cap. 4 - As divisões sociais, geracionais e regionais

A elite industrial	147
As classes médias	158
Os padres italianos no Brasil	161

Os operários e trabalhadores de São Paulo	167
A diferença geracional	176
A Segunda geração e o fascismo	180
As diferenças regionais	187

Cap. 5 - O “fascismo difuso” e a questão do “nacionalismo defensivo”

O fator temporal	231
O primeiro fascismo, 1919-1927	231
O fascismo avança, 1928-1933	234
A Guerra da Abissínia, 1935/1936	236
A coletividade italiana e a II Guerra Mundial	242

Parte D - O Fascismo italiano e o Brasil

Cap. 6 - A estrutura de propaganda italiana no Brasil

Os anos 20	251
Os anos 30	254
A Guerra da Abissínia, 1935/1936	258
A Guerra das Embaixadas, 1936/1940 (A propaganda direta)	261
A Guerra das Embaixadas, 1936/1940 (A propaganda cultural)	270
O II Conflito Mundial e a propaganda italiana, 1940/1942	281

Os defeitos das estrutura de propaganda italiana no Brasil	285



Cap. 7 – O fascismo italiano, o governo e a sociedade brasileira

A sociedade brasileira e o fascismo: a evolução temporal da questão	295
O fascismo na Itália e no Brasil: lados diferentes da mesma moeda	310
O empastelamento do Il Piccolo, 1928	315
O Estado brasileiro e o fascismo: o governo federal	319
O Estado brasileiro e o fascismo: os governos estaduais e municipais	326
A imprensa brasileira e o fascismo	331
O jornal O Estado de São Paulo	336
A Igreja Católica Brasileira e o fascismo	339
O fascismo e as outras colônias estrangeiras no país	344

Cap. 8 - A influência do Fascismo italiano na política brasileira: o Integralismo

<u>Conclusão</u>	374

<u>Fontes e Bibliografia</u>	379

ABREVIATURAS USADAS

- ACS - Archivio Centrale dello Stato, Roma
- AEL/ADA - Arquivo Edgar Leuenroth/Arquivo Diplomático americano
- Social AERJ/DOPS - Arquivo do Estado do Rio de Janeiro/Delegacia de Ordem Política e Social
- AESP/DOPS - Arquivo do Estado de São Paulo/Delegacia de Ordem Política e Social
- AGL - Archivio Giustizia e Libertà, Florença
- AN - Arquivo Nacional
- AHI - Arquivo Histórico do Itamaraty
- ASMAE - Archivio Storico Ministero Affari Esteri, Roma
- CPC - Casellario Politico Centrale
- DGP – Divisione Generale di Propaganda
- DGPS - Divisione Generale di Pubblica Sicurezza
- FO - Foreign Office-
- IIC - Istituto Italiano de Cultura
- MAE – Ministero degli Affari Esteri, Roma
- MJNI - Ministério da Justiça e Negócios Interiores, 1933-1939
- NACP - National Archives at College Park, Maryland
- PNF – Partito Nazionale Fascista
- PRO - Public Record Office, Londres
- SPD _ Segreteria Particolare del Duce

Introdução

Entre os fins do século XIX e o início do XX, cerca de 1 milhão e meio de italianos emigraram para o Brasil¹. Destes, a grande maioria emigrou entre 1890 e 1920 e a grande maioria deles se fixou no estado de São Paulo. Postos diante de difíceis condições de vida e de trabalho, muitos voltaram à Itália² ou foram para outros países de imigração. Os que ficaram, porém, foram suficientes para transformar profundamente a vida econômica e social de São Paulo através de sua integração no sistema de produção urbano e rural e na sua participação na vida cultural e nos diversos conflitos sociais do período.

A vida desses homens e mulheres gerou, como seria razoável esperar³, um verdadeiro dilúvio de livros, artigos e monografias apresentando sua ação em São Paulo nos mais diferentes aspectos: a inserção no mundo da produção, a luta por melhores condições de vida dentro desse mundo, as trocas culturais, as lutas pela ascensão social, etc⁴

Dentro desse contexto, abre-se, porém, uma estranha lacuna: a vida política. Claro que existe um quadro de debates sobre a questão da participação dos italianos na vida política do estado. Tradicionalmente⁵, porém, atribui-se aos italianos um total isolamento da política estatal⁶

¹ - A estatística vem de Alvim (ALVIM, 1986, p. 111 e segs.). Esse número, porém, é questionado por outros autores. Vide, por exemplo, Angelo Trento (TRENTO, 1989) e Emilio Franzina (FRANZINA, 1995)

² - Vide ALVIM (1986, p. 111 e segs)

³ - Para uma boa visão geral da historiografia sobre a imigração italiana em São Paulo, vide Ângelo Trento (TRENTO, 1989); Bóris Fausto (FAUSTO, 1991); Emilio Franzina (FRANZINA, 1995) e Michael Hall (HALL, 1989)..

⁴ - Vide FAUSTO (1991).

⁵ - Vide RIOS (1959) e DORE (1964).

derivado de sua marginalidade e dedicação exclusiva ao sonho da ascensão social. Eles seriam uma massa apolítica, individualista e sem nenhum interesse além das conquistas econômicas.

Esse quadro - ainda mais levando-se em conta a forma de organização política da República Velha⁷ - não parece ser cem por cento absurdo. Como propõem, porém, Bóris Fausto (FAUSTO, 1991, pp.42-45 e 1995) e Maurício Font (FONT, 1990), seria útil matizar a questão para absorver as particularidades da relação dos imigrantes com a política paulista na República Velha e posteriormente, as diferenças regionais no estado, etc. Ângelo Trento (TRENTO, 1989, pp. 387-394) também recorda como a participação política dos italianos cresceu com o emergir da segunda geração e durante as revoluções de 1924, 1930 e 1932. Como, além disso, não considerar a imensa participação italiana no movimento operário como algo eminentemente político?⁸ Temos, assim, um quadro de trabalhos com os quais podemos, de qualquer forma, começar a rediscutir o problema.

Muito menor atenção mereceu, contudo, outra questão chave sobre o relacionamento dos italianos com o mundo político: seus contatos com os movimentos políticos de seu país de origem, os quais foram, porém, bastante consistentes.

Se recuarmos um pouco no tempo e partirmos para o Rio Grande do Sul, teremos registros de conflitos entre os italianos e os austríacos de língua italiana por questões relativas ao Risorgimento italiano (DE AZEVEDO, 1975, p. 217). Ainda no século XIX, os adeptos e os inimigos de Mazzini também trouxeram para a colônia italiana presente no Brasil (ainda incipiente) seus conflitos e problemas (RAGIONIERI, 1962; OSTUNI, 1980 e TRENTO, 1989, pp. 16-18). Acontecimentos da Pátria distante como a Primeira Guerra Mundial também atraíram a atenção da

⁶ - Ainda que, como lembra Bóris Fausto (FAUSTO, 1991, p. 42), a definição de “política” precise ser melhor elaborada. Jogo eleitoral? Relações de classe?

⁷ - Que nunca promoveu, de fato, a criação de um sistema para inserir maciçamente a população imigrante na política nacional como ocorreu nos Estados Unidos e que, nos anos 30, dará enorme poder ao “voto étnico” italiano, atraindo inclusive a atenção particular do presidente Roosevelt. Vide VENTURINI (1985).

coletividade italiana (RIOS, 1959, pp. 47-53), enquanto seria impossível esquecer a imensa influência do anarquismo e do socialismo italianos no movimento operário em São Paulo em fins do século XIX e início do XX. Os italianos residentes no Brasil sempre estiveram atentos, assim, ao que ocorria no outro lado do Atlântico e reproduziram essas lutas políticas no interior da colônia.

Dentro dessa problemática, a questão do fascismo e do antifascismo merece um destaque especial. Durante um período de quase 20 anos (1922-1942), de fato, a coletividade italiana de São Paulo e de outros estados brasileiros foi sacudida por um intenso esforço do governo fascista para retomar os laços com os italianos e seus filhos presentes no Brasil. Os objetivos de tal esforço, suas fases e mecanismos, suas interferências na política brasileira, seus resultados e outros pontos merecem, a nosso ver, um estudo de maior profundidade que supere as poucas informações disponíveis na historiografia brasileira. É a razão de ser dessa tese.

Trabalhar o tema do fascismo italiano no Brasil, porém, é mais complicado do que pode parecer a primeira vista. Em primeiro lugar, porque ele não se restringiu hermeticamente à coletividade italiana, mas abriu contatos com outros segmentos da sociedade brasileira, o que amplia a dimensão de nosso objeto. Em segundo, porque, ao mesmo tempo, os fascistas italianos em ação no Brasil e em São Paulo em particular não só jamais deixaram, obviamente, de manter relações com a Itália, como se conectavam a uma rede maior de atividade fascista espalhada pelos mais diversos países de vários continentes. O fascismo italiano no Brasil, portanto, era uma realidade não só da coletividade italiana local (e, especialmente, da de São Paulo⁸) e da sociedade brasileira, mas algo que se conectava também à realidade italiana e à de outros países de imigração italiana. Nesse sentido, temos que fazer contínuas conexões entre a História brasileira e italiana, o que nem sempre é fácil, mas que deve ser feito para que não se percam as relações que fazem do tema um objeto único de pesquisa.

⁸ - Sobre essa participação, ver as obras de Ângelo Trento (TRENTO, 1989, pp. 209-264) e Bóris Fausto (FAUSTO, 1991) e a imensa bibliografia citada nelas.

Dessa forma, a primeira parte da tese é justamente um quadro geral sobre a atuação e os objetivos do fascismo italiano com relação aos emigrantes italianos espalhados pelo mundo e os instrumentos utilizados nessa atuação entre 1922 e 1943. Tal parte seria provavelmente desnecessária numa versão italiana da tese, mas é fundamental numa versão brasileira, destinada a um público não familiarizado com organismos, pessoas, debates e acontecimentos que, para o leitor italiano, seriam absolutamente conhecidos.

Posto isso, faremos uma transposição daquilo visto na primeira parte para a realidade brasileira. Políticas, organismos e situações vivenciadas no mundo do fascismo italiano no exterior serão vistos enquanto atuantes na realidade nacional, com suas especificidades e condições próprias, através dos quais teremos elementos para entender os objetivos, os interesses e os instrumentos da ação fascista no país.

Um aprofundamento do nosso conhecimento sobre o mundo fascista italiano do Brasil caracteriza os capítulos seguintes, onde procuraremos entender a receptividade do fascismo entre os imigrantes italianos presentes no Brasil dos anos 20 e 30 e, especialmente, os níveis variáveis dessa receptividade entre os diferentes grupos sociais da principal coletividade italiana do Brasil, a de São Paulo, e as questões geracionais e regionais. A fundamental distinção entre militantes e simpatizantes fascistas e a relação desses últimos com o nacionalismo italiano serão examinadas a seguir.

Na última parte, enfim, sairemos dos limites das coletividades italianas e procuraremos apresentar e compreender as ações e relações do fascismo italiano com a sociedade brasileira como um todo e, em especial, com o Integralismo, levantando alguns efeitos dessas relações na história política e social brasileira do período.

⁹ - Note-se que essa tese é centrada no estudo do movimento fascista italiano no estado de São Paulo, pois este foi a sua principal base de operações. Referências a outros pólos de fascismo italiano no Brasil serão feitas, contudo, no decorrer do texto e, em especial, no capítulo 5.

Como se percebe pelo final do parágrafo anterior, esta tese se percebe como pertencente tanto à historiografia brasileira como à italiana e é assim que espera-se que ela seja lida. É pretensão do autor, assim, que esta tese sirva de ponte entre Brasil e Itália, desvendando laços intelectuais e políticos que foram fundamentais para os dois países e que, espera-se, possam ser recuperados e aprofundados para o enriquecimento de ambas as historiografias.

PARTE A – O QUADRO GERAL

Capítulo 1 - Os emigrantes, a política externa da Itália fascista e os instrumentos da ação fascista entre eles, 1922-1942

Durante a maior parte do período em que a Itália viveu sua fase de grande emigração, um imenso volume de publicações foi produzido com vistas a reduzir o fenômeno a um simples efeito da exuberância demográfica italiana. Como efeito contrário, surgiram, posteriormente, livros que caminhavam na direção oposta e que tendiam a ver na emigração um instrumento maquiavélico criado pelas classes dirigentes italianas para lidar com o conflito de classes na Itália via exportação do problema e para angariar imensos lucros com essa atividade¹.

Tais livros são muito úteis no sentido de romper com uma tradição que ignora voluntariamente os problemas políticos e sociais que são fundamentais para compreender a maciça emigração italiana nos séculos XIX e XX. Ainda assim, é importante notar que a questão emigratória nunca foi vista de forma tão homogênea pelas classes dirigentes italianas como quer essa literatura de “denúncia”.

De fato, o problema emigratório foi o centro de imensas discussões dentro da Itália e um desses debates foi justamente sobre a possibilidade de usar os emigrantes como instrumentos da política externa e do poder italianos. Nesse sentido, a grande discussão era sobre a viabilidade de aproveitar a maciça emigração italiana em direção à Argentina e ao sul do Brasil para a criação de uma zona de influência italiana na região. Esse debate, onde se contrapunham os defensores do “imperialismo clássico” e os partidários da “colonização livre” nas Américas, zatrovessou várias

¹ - Vide, por exemplo, IANNI (1972).

décadas de história italiana e foi a matéria prima com que os fascistas construíram sua política de relacionamento com os emigrantes e seus filhos espalhados pelo mundo. Ele não foi, porém, incorporado diretamente pelo ideário fascista, mas através da mediação de um outro grupo político de fundamental importância na Itália do início do século: os nacionalistas.

Os nacionalistas, presentes na história do país desde os fins do século XIX, eram notórios partidários do imperialismo clássico e opositores da ideia da “colonização pacífica” na América Latina. Deve ser destacado, porém, que a posição dos nacionalistas frente à questão não era uma simples e absoluta recusa da mesma. De fato, não só as posições nacionalistas frente a questão sofreram nuances com o tempo (sendo mais suaves entre 1903 e 1908 e mais intensas posteriormente - GENTILE, 1986) como eles acabaram incorporando a emigração dentro de seu raciocínio imperial: a emigração era algo negativo e a prioridade era a conquista real de colônias, mas os emigrantes haviam tido a coragem de iniciar um novo tipo de imperialismo e a Itália tinha que se aproveitar disso (FRANZINA, 1995, pp. 178-180).

Esse aproveitamento só se daria, porém, se a emigração pudesse ser transformada e instrumentalizada em arma de conquista ou, ao menos, de aumento da influência italiana no mundo (MILZA, 1989). Tal condição implicava, por sua vez, na manutenção da italianidade dos emigrantes e seus filhos e na disciplinarização dos mesmos pelo Estado. Sem essa manutenção dos contatos e a tutela dos emigrantes, a emigração seria realmente um dreno inútil das forças da nação e não poderia servir, assim, para a expansão italiana no mundo (GENTILE, 1986)².

A consciência dessas nuances do pensamento nacionalista sobre a emigração é fundamental para nosso estudo da política de emigração fascista. De fato, os fascistas retomaram, para criar seu ideário próprio, boa parte das propostas e ideias dos nacionalistas (SALVEMINI,

1966; GREGOR, 1979 e BURGWIN, 1997) e a questão emigratória não foi exceção. Claro que seria absurdo propôr que o fascismo fez uma simples cópia das idéias nacionalistas sobre o assunto, mas é inegável que uma das fontes onde o fascismo bebeu para construir sua base ideológica³ e sua política de emigração foi o pensamento nacionalista, conservando as diretrizes básicas de usá-la como instrumento do prestígio e do desenvolvimento da Itália (GENTILE, 1986)⁴

A política de emigração fascista, porém, não só não se manteve sempre estática e fiel a sua origem predominantemente nacionalista (variando com o tempo), como houveram interpretações, condições políticas dadas e outros fatores que a condicionaram, o que nos obriga a um exame mais detalhado da mesma.

A política de emigração fascista

Os primeiros anos de regime fascista viram, no que se refere à política emigratória, a manutenção de algumas das diretrizes anteriores da Itália liberal (CANNISTRARO, 1979^a; BRIANI, 1970; NOBILE, 1974 e BIANCHI, 1994). De fato, o regime e seus pensadores foram

² - Essa posição dos nacionalistas levou, no pós I Guerra Mundial, à criação da *Lega Italiana per la tutela degli interessi nazionali*, com o objetivo de unir os italianos do exterior ao redor da Pátria mãe. Sobre a mesma, vide FABIANO (1985).

³ - O que não significava, porém, que estas idéias eram cem por cento preponderantes. De fato, ainda nos anos 30 e 40, setores do PNF mais próximos aos ex-nacionalistas estavam em conflito com alas mais radicais do partido e do regime, os quais propunham um ativismo fascista maior na política externa e de emigração do regime. Ver VENERUSO (1975) e GREGOR (1979).

⁴ - Na tentativa de não sobrecarregar esse capítulo, as informações relativas ao uso dos emigrantes dentro do imperialismo italiano na era liberal e às idéias nacionalistas foram condensadas ao máximo. Um aprofundamento substancial dessas questões está, porém, disponível em BERTONHA (1998).

pródigos, no início da década de 20, em ressaltar a absoluta necessidade da emigração para a economia e a sociedade italianas. Realmente, o próprio Mussolini dizia em 1923:

“Boa ou má que seja a emigração, é uma necessidade fisiológica do povo italiano. Somos quarenta milhões presos em nossa adorável península que não pode nutrir a todos. E então se compreende como o problema da expansão italiana no mundo é um problema de vida e de morte para a raça italiana. Digo expansão: expansão em todos os sentidos: moral, política, econômica, demográfica. Declaro aqui que o governo italiano intende tutelar a emigração italiana; esse não pode mais desinteressar-se daqueles que atravessam os montes e se dirigem ao lado de lá do Oceano; não pode desinteressar-se porque são homens, trabalhadores e sobretudo italianos... É onde quer que haja um italiano lá está a bandeira tricolor, lá está a Pátria, lá está a defesa do governo para estes italianos”⁵

O regime, porém, não só não se contentou em aceitar a emigração como uma necessidade do país, como manteve intensos esforços para manter abertas as portas dos países de imigração aos italianos. Nesses esforços, devem ser incluídas as Conferências de emigração de 1924 e 1927 (BIANCHI, 1994) e todo um trabalho para, ao menos em teoria, preparar o emigrante italiano para a disputa de espaço num quadro internacional de contínuo fechamento dos espaços de migração (FRANZINA, 1994, pp. 236-237; BIANCHI, 1994; DE MICHELIS, 1927 e SULPIZI, 1923).

Dentro dessa política, o fascismo parece ter absorvido algumas das idéias dos nacionalistas sobre como a emigração era um mal, mas que, já que era uma necessidade obrigatória da Itália e não podia, assim, ser bloqueada, era imperativo retirar dela a maior quantidade possível de benefícios para a Pátria mãe (GENTILE, 1986; CANNISTRARO, 1979). Ou, nos dizeres de Mussolini:

⁵ - ARENA (1927, p. X). Ver outros exemplos de época desse discurso em FALORSI (1924); DE MICHELIS (1925) e MUSSOLINI (1934, discurso de 1923).

“A emigração é um mal, porque empobrece a nação de elementos ativos que vão ao exterior para tornarem-se os glóbulos vermelhos de anêmicos países estrangeiros. Este mal pode ser minimizado com a organização e tornar-se um peso a nosso favor a nível internacional”⁶

O fascismo também desenvolveu, com base provavelmente nas idéias nacionalistas da “Pátria em expansão”, toda uma mística da emigração como expressão não na debilidade, mas sim da vitalidade da raça italiana no mundo⁷. Talvez seja um exagero atribuir à esse primeiro expansionismo fascista uma derivação direta das velhas idéias de “colonização pacífica”⁸, mas parece provável que aquele velho debate, filtrado e reelaborado pelo pensamento nacionalista, foi uma das bases para essa idéia fascista de um expansionismo mais ou menos pacífico, via comércio, cultura e emigração, que o regime adotou na primeira metade dos anos 20⁹.

Do mesmo modo, foi na fonte nacionalista que o fascismo recuperou a idéia que, para os emigrantes se tornarem realmente símbolos e instrumentos do regime, era fundamental a retomada dos laços destes com a Pátria mãe e sua firme tutela (DAMIANI, 1979). A originalidade fascista foi a sua identificação da italianidade com o fascismo¹⁰, o que o levou a associar uma política de

⁶ - Prefácio de Mussolini em Rapporto del Commissario Generale italiano per l'emigrazione per gli anni 1924-1925, citado em CRESCIANI (1979, p. 11).

⁷ - Vide um discurso nesse sentido de Mussolini em 1925 em ALESSANDRI (1936, p. 20). Ver também GERACI (1925).

⁸ - Como propõe OSTUNI (1981^a, pp. 77-78).

⁹ - Note-se que essa idéia de um expansionismo mais ou menos pacífico nesse início do regime fascista vai ser, com o tempo, abandonada em favor de um imperialismo mais direto e que, mesmo nos anos 20, essa idéia coincidia com ações imperialistas clássicas, voltadas basicamente aos Balcãs e ao Mediterrâneo. Vide BURGWIN (1979); CAROCCI (1969); CASSELS (1970); DI NOLFO (1960) e outros.

¹⁰ - Que seria o único capaz de unificar, dada a sua concepção ideal ampla o suficiente para absorver todas as manifestações da raça, os italianos do exterior em torno da bandeira tricolor. Vide DI MARZIO (1923) e BASTIANINI (1925). Ver também GENTILE (1986).

maiores relacionamentos e tutela dos emigrantes (já tradicionalmente defendida pelos nacionalistas) com uma associação da Pátria italiana ao regime fascista¹¹.

Essa política de emigração fascista vai sofrer uma notável alteração a partir do final dos anos 20, quando o regime recuperou a visão da emigração como um dreno inútil dos recursos da nação e começou a adotar medidas para dificultar um movimento que já vinha declinando, de qualquer forma, devido aos mecanismos de controle dos países de imigração e especialmente dos Estados Unidos¹².

Essa nova diretriz fascista sobre a emigração - considerando-a um mal e preferindo a colonização interna e a do Império¹³ - derivou claramente do contínuo afirmar-se das sempre presentes tendências imperialistas no fascismo dentro de um contexto onde o regime ia se consolidando e onde as possibilidades de emigração iam se fechando rapidamente. A realidade objetiva do mercado de trabalho internacional e a lenta evolução ideológica do regime fascista em direção a um imperialismo de base demográfica foram levando, assim, a uma crescente oposição deste à emigração¹⁴ (CANNISTRARO, 1979 e 1979^a; DAMIANI, 1979; BIANCHI, 1994; FINKELSTEIN, 1988; MASTELLONE, 1992 e NOBILE, 1974).

Mesmo dentro dessa nova política demográfica e de emigração, porém, o interesse fascista pelos italianos do exterior não diminuiu. Pelo contrário, a busca pela lealdade dos emigrantes e

¹¹ - Vide CANTALUPO (1940, pp. 302-306). Para os enormes esforços que os antifascistas italianos em ação no Brasil fizeram para tentar quebrar essa equação "italiano = fascista", vide BERTONHA (1992, pp. 157-160 e 1996, pp. 66-72).

¹² - A queda da migração externa não deixou de ter efeitos, aliás, no próprio processo de consolidação do fascismo no poder. Vide NAZZARO (1972 e 1974).

¹³ - Vide ALESSANDRI (1936); CANTALUPO (1940); BASTIANINI (1939); BRENNI (1928); FIORENTINO (1931) e PEDRAZZI (1942).

¹⁴ - Para os números que atestam a forte queda da emigração na Itália fascista nos anos 30, vide SORI (1975 e 1975^a). Para os outros componentes da política demográfica do regime (o bloqueio às migrações internas e o incentivo à natalidade), vide SCARZANELLA (1977); MAGGIO (1977); MASI (1986); BIANCHI (1994) e TREVES (1976 e 1980).

seus filhos cresceu sem parar no período considerado (CANNISTRARO, 1975 e 1979; ROSOLI, 1986). De fato, o aumento dos esforços fascistas para controlar as coletividades italianas do exterior e transformá-las em instrumento da política externa fascista (e, possivelmente, de difusão da ideologia fascista) não estava em oposição ao objetivo de bloquear a emigração permanente, mas era sim um complemento a este no sentido que “recuperava” mais italianos para a Itália e aumentava suas forças para a luta imperialista com as outras nações¹⁵.

A intensidade da propaganda fascista ressaltando essa nova conquista do fascismo, ou seja, sua habilidade em reconectar os emigrantes italianos e seus filhos com a Pátria mãe dificilmente poderia ser reconstruída em um único parágrafo, pois realmente varreu a imprensa e a literatura fascista durante a existência do regime¹⁶. É curioso notar, porém, que mesmo entre os propagandistas e pensadores fascistas começaram a surgir, desde cedo, vozes admitindo que, sem fluxos renovadores de migrantes italianos e com a assimilação rápida destes (e, especialmente, dos filhos de italianos) no exterior, a batalha pela manutenção da italianidade entre os italianos fora da Itália estava, desde o seu início, perdida e que tudo o que o fascismo poderia fazer era tentar se adaptar à isso.

De fato, já em 1931, Margheritta Sarfatti se questionava, durante viagem ao Brasil, sobre a validade em enviar emigrantes a locais onde, depois de uma geração, nada mais restava da italianidade (SARFATTI, 1931). Vários outros autores (FOÀ, 1937; DORIA, 1937; DE ZUIANI, 1938) também se lamentaram amargamente sobre como os “oriundi” da América Latina estavam não só “perdidos” para a Itália como, o que era pior, haviam se convertido em fervorosos nacionalistas em seus países de adoção.

¹⁵ - Para exemplos de época desse raciocínio, vide DI MARZIO (1938); NUCCI (1941) e FIORENTINO (1931). Ver também SERRA (1994). Para um viés de análise que considera que o governo fascista estava realmente mais interessado no controle e uso das coletividades italianas no exterior e menos na sua tutela (o que parece provável), vide BIANCHI (1994).

¹⁶ - Vide, por exemplo, FIGLI (1934); PARINI (1935) e ORANO (1938).

Essa situação levou vários pensadores do regime à lúcidas reflexões sobre como o regime devia estar ciente que não poderia exigir demais dos italianos do exterior ou, ao menos, das antigas e assimiladas colônias do continente americano. Realmente, autores como Carlo Foà (FOÀ, 1937), por exemplo, defendiam que, no caso brasileiro, fosse estimulada a fusão da comunidade italiana à sociedade brasileira para que essa se convertesse em amiga da Itália, enquanto outros, como Americo Ruggiero (RUGGIERO, 1937) analisavam a situação dos italianos nos Estados Unidos, chegando à conclusão que era impossível manter a italianidade em uma comunidade que se assimilava mais e mais e que o máximo que podia ser feito era utilizá-la como ponte de manutenção da civilização italiana no novo continente.

É na obra do embaixador Cantalupo (CANTALUPO, 1939), porém, que fica evidente como muitos fascistas estavam convictos da contínua assimilação dos italianos, da pouca capacidade destes em influenciar a política dos seus países de adoção em prol da Itália e como, apesar dos imensos esforços fascistas, a batalha pela italianidade estava desde o início perdida. É a partir dessa consciência que parece ter surgido, aliás, a idéia que só o retorno dos emigrados e seus filhos à Itália poderia salvá-los para a italianidade e para o fascismo. Essa política chegou a ser esboçada em 1939, com o surgimento da *Comissione Permanente per il rimpatrio degli Italiani all'estero* (BRIANI, 1970, pp. 122-124) e o fato desta ter falhado não diminui a importância do fato de muitos fascistas estarem, nesse fim dos anos 30, começando a ter consciência que o intenso esforço do fascismo durante 20 anos para “recuperar” os italianos do exterior para a Itália havia, em linhas gerais, falhado e que uma nova política era necessária¹⁷.

¹⁷ - Vide CANTALUPO (1939 e 1940); BASTIANINI (1939) e PEDRAZZI (1942). A coerência dessa nova política com o discurso do Império fascista e da substituição de “um velho mal italiano”, a emigração, pela colonização deste também é evidente.

Para discussões entre os órgãos diplomáticos italianos no Brasil sobre a cada vez maior desagregação da colônia italiana local e a viabilidade de transferir os poucos italianos ainda “recuperáveis” para a África Oriental italiana, vide ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 24, p. “Rapporti Politici”, 1940, diversos documentos.

De qualquer forma, o que é visível nesse estudo da política de emigração fascista é que, a parte um fundo genérico constante (recuperar os emigrantes e seus filhos para a Itália e difundir e valorizar a imagem da Pátria e do fascismo no exterior através deles), o relacionamento e os objetivos da Itália fascista em relação aos emigrantes apresentam variações temporais significativas, no que refletem, como visto, a própria evolução da política externa e da ideologia do regime.

Mais interessantes que as variações temporais, contudo, foram as contínuas adaptações que o fascismo fez nessa política geral de usar os emigrantes como instrumento de prestígio e poder para a Itália. De fato, as condições reais em que a política exterior italiana atuava, os diferentes objetivos italianos em cada país de migração italiana e as situações políticas diversas fizeram o discurso geral da Itália fascista sobre os emigrantes apresentar nuances muito distintas de região para região de migração italiana.

A constatação dessa adaptabilidade da política fascista de conectar os italianos do exterior com a política externa italiana é muito importante no sentido de romper com o discurso dos antifascistas e demais inimigos do fascismo, o qual, por razões políticas de momento bastante compreensíveis, mas que não correspondem à realidade, insistiam em classificar toda a ação fascista entre os emigrados como uma tentativa de angariar novos soldados para o Exército italiano¹⁸ ou, o que era mais comum, de tornar os italianos do exterior quinta colunistas, espiões e vanguardas das tropas de ocupação fascistas¹⁹.

¹⁸ - Vide, por exemplo, DUGFIELD (1929). O mesmo raciocínio é repetido por DIGGINS (1972, pp. 131-132).

¹⁹ - Vide, por exemplo, as palavras de Fernando Schiavetti na Suíça em SIGNORI (1983, p. 214) e as denúncias dos antifascistas italianos do Brasil sobre o "perigo italiano" em BERTONHA (1992, pp. 142 e 1996, pp. 42-44).

Que o fascismo não deixava de pensar nas vantagens do uso dos italianos do exterior para seu exército²⁰ e que tenha mesmo os utilizado quando surgiu ocasião²¹, é inegável²². A realidade, porém, é que os objetivos e ações do governo fascista eram muito mais maleáveis e adaptáveis do que podem parecer a primeira vista.

No caso de países situados na esfera imediata dos interesses imperiais italianos, por exemplo, o objetivo do governo fascista parece ter sido realmente o de utilizar os emigrantes italianos como força de espionagem e quinta coluna, a espera da futura chegada das tropas italianas. Esse foi, sem dúvida, o caso da Tunísia (BESSIS, sem data; PEDRAZZI, 1929, pp. 13-24; RAINIERO, 1978). Isso não quer dizer, claro, que efetivamente a coletividade italiana da Tunísia estivesse realmente disposta a cumprir esse papel, mas é inegável que os esforços fascistas para conquistar essa colônia foram muito mais intensos e ostensivos (inclusive para amedrontar e pressionar a França) que em outros lugares.

O mesmo pode ser dito da ilha de Malta (GALLO, 1970, pp. 74-77) e, especialmente, da Suíça, onde os fascistas italianos, apesar do cuidado em não se associar abertamente àqueles que desejavam a secessão do Ticino e sua absorção pela Itália, foram extremamente agressivos na sua

²⁰ - Como prova, por exemplo, o ofício do *Ministero degli Affari Esteri* de agosto/1933 perguntando à inúmeros consulados italianos espalhados pelo mundo com quantos italianos do exterior seria possível contar, como soldados, em caso de guerra. Vide ASMAE/Archivio Gabinetto 1923-1943, Parte Seconda (1930-1943), Série - Gabinetto del Ministro, b. 503, p. "Italiani all'estero".

²¹ - Essa maleabilidade foi, aliás, um efeito direto da vitória do Estado sobre o partido dentro da estrutura política do regime, que permitiu que uma política externa e de emigração rigidamente ideológica (como desejado por setores do PNF) fosse substituída por uma mais maleável e relacionada aos interesses nacionais italianos, o que agradava também os setores nacionalistas do partido. Ver NELLO (1985, p. 17).

²² - De fato, em 1936, uma legião de camisas negras (a 221ª) foi formada por italianos do exterior e combateu na Guerra da Abissínia, tendo inclusive 20 mortos, 105 feridos e 12 mutilados. Seria muito interessante um estudo monográfico, ainda inexistente, sobre ela. Há também referências à 7 mil italianos do exterior lutando nas forças armadas da Itália na II Guerra Mundial, o que também mereceria ser melhor estudado.

Para essas informações, vide GRANDE (1937) e DEL BOCA (1979, p. 452, 672 e 704). Ver também "Il glorioso elenco degli Italiani all'estero caduti per la conquista dell'Impero" in *Il Legionario*, XIV, 39, 29/12/1936 e "I nostri vivi" in *Il Legionario*, XIX, 21, 15/11/1942.

política de conquista dos italianos locais e dos suíços de língua italiana e de apoio aos fascistas locais do Coronel Fonjallaz (CERUTTI, 1986). Como na Tunísia, tal agressividade só pode ser explicada se nos recordarmos do contínuo desejo fascista de anexar efetivamente tais regiões num futuro grande Império italiano.

No caso francês, o governo fascista se opunha abertamente à naturalização e à integração dos emigrantes italianos na sociedade francesa e buscou a criação de um verdadeiro Estado italiano dentro do Estado francês (CAROCCI, 1969, pp. 28-29). Algumas idéias de utilizá-los como força de vanguarda de uma ofensiva italiana não deixaram de surgir (GALLO, 1970), especialmente nas regiões fronteiriças (SCHOR, 1988 e 1988^a) mas, na realidade, a atuação dos fascistas italianos na França não só refletiu diretamente o estado das relações entre Roma e Paris, como foi instrumento dessas relações (MILZA, 1983). Isso foi tão real que se cogitou o retorno dos italianos da França à Itália como maneira de salvá-los de uma assimilação que os fascistas não conseguiam evitar e procurou-se a instrumentalização dos mesmos, já nos anos 40, dentro do relacionamento da Itália com a Alemanha e o regime de Vichy (MANTELLI, 1994).

Na América Latina, a questão era mais complexa. O regime debateu continuamente o que se poderia esperar dos milhões de italianos e filhos de italianos residentes no Brasil, Argentina, Uruguai e outros países (ALBONICO, 1982) e parece ter sido dominante a opinião que não se devia esperar muito dos mesmos (GUERRINI, 1994, pp. 382-383) e que o que se podia fazer era apenas tentar retardar o inevitável processo de desnacionalização das colônias e usá-las como ponta de lança para a difusão da idéia fascista na opinião pública e a obtenção do máximo possível de influência italiana²³.

²³ - O mesmo objetivo parece ter sido perseguido também em um outro cenário onde o regime fascista italiano não podia ambicionar grandes glórias: a Austrália, onde o objetivo chave do governo italiano era o de usar a coletividade italiana para difundir o fascismo e instrumentalizar a opinião pública local para os interesses da Itália. Ver CRESCIANI (1979, pp. 146-148).

A distância, a fraqueza militar italiana e a presença hegemônica dos Estados Unidos (associadas à menor inserção dos italianos no processo eleitoral dos países latino americanos e, especialmente, à sua incapacidade/resistência de atuar em bloco e em senso pró fascista na política de seus países) fizeram, assim, que os objetivos da Itália fascista em relação às suas colônias na América Latina fossem relativamente modestos e adaptados à situação local das mesmas.

Mesmo dentro da América Latina, porém, a política italiana era flexível. De fato, enquanto no Brasil a existência de um forte movimento fascista local levou o governo fascista a investir mais na propaganda e nas relações com esse movimento e o *Estado Novo* (como veremos no capítulo 3), a situação, por exemplo, no Peru era diversa, com a falta de um movimento fascista dinâmico como no Brasil levando Roma a apostar suas fichas mais na capacidade de influência dos italianos locais e na relação com o governo Benevides que no fascismo local (CICCARELLI, 1990).

Também na Argentina e no Paraguai a situação era diversa da brasileira, com os fascistas argentinos recebendo, possivelmente por estarem visivelmente longe da possibilidade de atingir o poder (NEWTON, 1992, p. 135 e 1995, p. 176), pouca atenção de Roma, que também ignorava o Paraguai (SEIFERHELD, 1985 e 1986). A política italiana se adaptava, pois, aos interesses estratégicos da Itália e à situação de cada país²⁴.

O caso mais emblemático, porém, da maleabilidade da política fascista para os italianos do exterior é o caso americano. Os Estados Unidos reuniam, de fato, algumas características que levaram o governo fascista a fazer uma especial adaptação de suas idéias para o contexto americano. Realmente, não só os EUA eram de fundamental importância dentro da política externa e da economia italianas (DAMIANI, 1980; BIOCCHI, 1974; SCHMITZ, 1980 e, especialmente, MIGONE, 1971, 1976 e 1980) como, ao contrário da América Latina, o seu sistema político

²⁴ - O que era, aliás, percebido na época. Ver "U.S. Held Popular in Latin America" in The New York Times, 26/7/1938, recorte localizado em PRO, FO 371/21457.

permitia aos italianos uma forte presença no processo eleitoral e na política americanas (VENTURINI, 1984 e 1985).

Tal situação levou o regime a concessões imensas dentro de sua política emigratória em geral. Realmente, não só aceitou-se (como veremos no capítulo seguinte) a abolição - ao menos oficialmente - dos *fasci all'estero* no país para evitar reações nacionalistas americanos (MIGONE, 1971; CANNISTRARO, 1995) como se estimulou a naturalização (mas não, claro, a assimilação) dos italianos e sua participação maciça no processo eleitoral americano em defesa dos interesses italianos.

Essa força dos italianos na estrutura política americana vinha sendo olhada com atenção pelo governo italiano já em 1920 (SALVEMINI, 1977, pp. 8-9) e revelou-se real na Guerra da Abissínia, quando a enorme pressão da comunidade ítalo americana foi um dos fatores que mantiveram o governo americano longe do boicote da Liga das Nações (NORMAN, 1949; HARRIS, 1969; VENTRESCO, 1980 e KANAWADA, 1982). O fato desse sucesso não ter se repetido quando da II Guerra Mundial não diminui a acuidade e a habilidade dos planejadores da política externa fascista em adaptar-se à realidade e relacionar teoria e prática dentro das políticas externa e emigratória do regime.

O que fica evidente, assim, é como a instrumentalização das coletividades italianas do exterior era importante dentro da política externa do regime fascista. Para conseguir tal instrumentalização, o regime trabalhou tanto na implantação dos órgãos fascistas propriamente ditos - os *fasci all'estero*, os *Dopolavoro*, as *Casa d'Italia*, etc - no exterior, como na conquista dos foros de vida coletiva das colônias, numa teia de dominação que convém examinar em detalhe.

Os *fasci all'estero*²⁵

A experiência dos *fasci all'estero* e suas transformações são um capítulo a parte na história do PNF e interessante por seu ineditismo: um partido que construía redes de seções no exterior para mobilizar seus conacionais era algo, realmente, sem precedentes e que gerou reações dentro e fora da Itália²⁶.

De fato, um dos pontos mais marcantes e inéditos dessa política de espalhar seções do PNF pelo mundo para difundir a ideologia fascista entre os emigrantes é que foi criada, ao menos nos anos iniciais, uma política externa paralela a do Estado italiano, exercida pelo PNF para transferir a política totalitária para os italianos do exterior e utilizá-los para influenciar e difundir a ideologia fascista nos países hospedeiros.

O esforço fascista nesse sentido foi intenso em todo o ventênio fascista, com a rede de *fasci all'estero* se expandindo notavelmente, em termos quantitativos, pelo mundo (e, especialmente, pela Europa e América) no período considerado e atingindo um universo máximo de algumas centenas de seções e de cerca de cem a duzentos mil filiados no fim dos anos 30.

Desde os seus inícios, os *fasci all'estero* viveram fortes contradições internas entre alas do PNF que, especialmente nos inícios do partido, auspicavam uma intervenção nas coletividades italianas do exterior não só em defesa dos interesses da Pátria mãe, mas também para a difusão da ideologia fascista. A entrada dos nacionalistas na estrutura do PNF “suavizou” essa pretensão em favor de uma política mais focada na defesa do interesse nacional italiano que na difusão do

²⁵ - Para um estudo detalhado sobre os *fasci all'estero*, sua evolução, conflitos internos e externos, etc, ver BERTONHA (1998^a). Optou-se pela não reprodução do grosso das informações presentes nesse artigo aqui para manter um mínimo de concisão no capítulo.

²⁶ - Quando não indicado em contrário, as informações das próximas páginas virão de GENTILE (1995).

fascismo, o que gerou, porém, tensões dentro do partido e, muito especialmente, na organização dos *fasci all'estero* (VENERUSO, 1975).

É interessante notar, também, como muitos dos primeiros *fasci all'estero* eram, se é possível usar essa expressão, mais fascistas que o próprio PNF, escapando do controle direto do mesmo. Foi justamente para retomar o controle da situação que o partido criou, ao se tornar governo, toda uma estrutura legislativa e administrativa para enquadrar os *fasci all'estero*.

Esse maior controle do PNF não impediu, porém, que as lideranças da *Segreteria Generale dei fasci all'estero* entrassem em conflito com as representações diplomáticas no exterior. Estas, de fato, não aceitavam a intromissão do partido no que consideravam a sua área exclusiva de atuação e temiam os atritos com governos estrangeiros que a visão “esquadrista” de fascismo promovida por ela provocava nos mais diversos países.

O resultado desse conflito foi a resistência contra os *fasci all'estero*, por parte dos diplomatas, os quais, capitaneados por Dino Grandi (o grande artífice da fascistização do *Ministero degli Affari Esteri* e da resistência à ingerência direta do PNF dentro dele – NELLO, 1985, pp. 16-18; 1987, pp. 256-264 e 1993, pp. 14-15) lutaram pela sua extinção pura e simples.

Mussolini se equilibrava, então, entre partido e Estado. Ele aceitava as idéias de Bastianini, o líder dos *fasci all'estero*, e considerava útil mantê-los como força de apoio a sua diplomacia paralela no exterior. Ele não podia permitir, contudo, que surgissem problemas com os diplomatas e nem com os governos estrangeiros. Renunciar aos *fasci all'estero* e seu projeto era inaceitável, mas as pressões contra eles eram fortes, o que gerou um problema para o fascismo.

A solução de compromisso encontrada foi subordinar os *fasci all'estero* aos diplomatas, mas exigindo do *Ministero degli Affari Esteri* o apoio às medidas fascistizantes dos emigrantes (ainda que com cautela e graduais), ao mesmo tempo que fascistizava-o com pessoas de fé fascista, as quais era, por fim, confiada a tarefa de fascistizar os emigrantes.

Grandi foi, como já explicitado, o grande artífice dessa política, que mantinha as colônias como zona de influência fascista, mas anulava as pretensões autonomistas e de difusão maciça da doutrina fascista de Bastianini, cuja demissão da *Segreteria Generale dei fasci all'estero* em 1927 fecha um ciclo na história dos mesmos, com a subordinação direta ao *Ministero degli Affari Esteri*²⁷. Houve, claro, resistências a essa situação nos *fasci all'estero* (como a rápida demissão do sucessor de Bastianini, Di Marzio, em 1928, vem a comprovar) e alguma autonomia foi sempre mantida por eles. No geral, porém, é perceptível como o conflito Estado/Partido dos primeiros anos do fascismo também se reproduziu nessa área específica, com o Estado italiano sendo fascistizado, mas não sendo totalmente eclipsado pelo partido.

É curioso notar como esses conflitos se desdobraram em quase todos os países de imigração italiana, como na França, onde o fascismo radical, esquadrista e linha dura de Nicola Buonservizi entrou em choque com os representantes consulares locais e levou à uma intervenção conciliatória de Mussolini (MILZA, 1983 e 1989) ou na Suíça, onde os diplomatas italianos levaram um bom tempo para controlar e disciplinarizar os fascistas locais (CERUTTI, 1986 e MORNATI, 1995).

O caso britânico também é bastante curioso, especialmente pela presença de um fascista intransigente, muito chegado a Bastianini (Camilo Pellizzi) e detentor de uma visão de fascismo que privilegiava seus aspectos esquadristas e revolucionários. Controlar esse foco de fascismo dissidente foi um trabalho de anos dos diplomatas italianos locais, o qual terminou com o fascio burocratizado e rigidamente disciplinado pela Embaixada italiana, especialmente no período de Dino Grandi como embaixador em Londres a partir de 1932 (VALLI, 1995).

²⁷ - Ver a legislação a respeito em BOSIO (1939).

O caso mais emblemático, porém, foi o americano²⁸, onde o interesse especial do governo fascista em manter boas relações com Washington e a irritação da opinião pública americana com as atividades fascistas no país acabou levando à medida extrema de dissolução de toda a rede dos *fasci all'estero* em território americano em 1929, a qual foi substituída por uma propaganda mais sutil e gerada a partir das associações, clubes e outras organizações da vida coletiva italiana nos Estados Unidos. Os interesses de Estado triunfaram mais uma vez, assim, sobre os desejos do partido (ou, ao menos, de parte dele).

Um efeito dessa vitória foi, como visto anteriormente, a flexibilização da política italiana relativa aos emigrantes nos diversos países e contextos onde havia populações de origem italiana. Como efeito disso, também os *fasci all'estero* se revelaram muito diversificados em termos de objetivos e atividades, em cada país de imigração italiana.

De fato, enquanto os *fasci all'estero* de Malta, da Tunísia e da Suíça, por exemplo, eram abertamente agressivos com relação à comunidade italiana e às próprias populações locais (CERUTTI, 1986; GALLO, 1970; RAINIERO, 1978 e 1994 e BESSIS, sem data), os dos Estados Unidos permaneciam camuflados (SALVEMINI, 1977) e os da França refletiam o nível das relações franco italianas (MILZA, 1983). Um exame do mapa de distribuição dos *fasci all'estero* pelo mundo também revela como, apesar da concentração dos mesmo nas áreas de forte imigração italiana, havia um número anormal de seções bastante ativas na região mediterrânea/danubiana, não por acaso áreas privilegiadas do imperialismo italiano²⁹. Tudo isso indica que, a parte as diretrizes gerais de influenciar as coletividades italianas do exterior em senso pró fascista, cada

²⁸ - As informações a seguir se originam de BERTELLO (1974); BICOCCHI (1970); CASSELS (1964); MIGONE (1971); SALVEMINI (1977); PERNICONE (1996) e, especialmente, CANNISTRARO (1995).

²⁹ - Ver, para informações sobre esses *fasci*, as coleções de *Il Legionário* e *Aquilotti d'Italia*.

fasci all'estero tinha especificidades próprias, em termos de funções e objetivos, especificidades estas que só uma longa série de estudos regionais poderia recuperar.

Curiosamente, não só os *fasci all'estero* seguiam diretrizes diversas em cada país ou região, como eram percebidos também de maneira diversa. O governo britânico, por exemplo, praticamente ignorava, no período até 1935, o fascio de Londres, por considerá-lo inofensivo, enquanto o de Alexandria (Egito) era vigiado por receio de ações de sabotagem. Em 1928, aliás, o embaixador britânico em Roma enviou um ofício ao *Foreign Office* ressaltando justamente que os *fasci all'estero* não eram perigosos para o Reino Unido, pois se limitariam a defender a italianidade, o que poderia ser problema para países com grandes coletividades italianas como França e Estados Unidos, mas certamente não para o Reino Unido (VALLI, 1995, pp. 995-996). Uma análise talvez superficial, mas que revela a multiplicidade de tipos de *fasci all'estero* (e de visões sobre estes) que podiam ser encontrados pelo mundo.

Como bem ressalta Emílio Gentile (GENTILE, 1995, p. 898), de fato, escrever uma história unitária dos *fasci all'estero* é tarefa dificultada pela amplitude de experiências políticas e sociais que eles tiveram em cada uma das diversas comunidades italianas do exterior e em cada país hospedeiro. Ainda assim, alguns objetivos gerais de favorecimento dos interesses políticos e econômicos italianos, de preservação da italianidade dos imigrantes e de difusão do fascismo podem ser elencados, assim como não parece inútil tentar reunir alguns outros elementos da história dos *fasci all'estero* que permitam a criação de um esquema geral da evolução e da vida dos mesmos onde contrapor o caso brasileiro.

Uma comparação dos primeiros anos de ação dos *fasci all'estero* nas coletividades italianas do exterior revela, de fato, semelhanças notáveis. Realmente, em um sem número de contextos³⁰, a maioria dos primeiros *fasci all'estero* surgiu espontaneamente, dentro do clima

³⁰ - Para o caso francês, ver SCHOR (1984 e 1986^a); WIEGANDT (1986a); MILZA (1983, 1989 e 1994) e COUDER (1986). Para o caso americano, ver SALVEMINI (1977); DIGGINS (1972) e

patriótico do fim da I Guerra Mundial, normalmente por obra de veteranos de guerra. Mesmo após a sua disciplinarização por parte de Roma a partir de 1922/23, eles permaneceram, como visto, carregados de uma forte tintura ideológica e esquadrista, que os levou a um ataque a ferro e fogo pelo controle das associações e da vida coletiva das coletividades italianas e à violentos choques com militantes antifascistas, com saldo de centenas de mortos e feridos (FASCI, 1930 e 1933).

A agressividade dos fascistas e o pessoal de péssima qualidade (corrupto e incompetente, em sua grande maioria³¹) que foi enviado de Roma para assumi-los ou fundá-los causou fortes reações nas comunidades emigradas, nos países hospedeiros e também no pessoal diplomático italiano. É patente, assim, o porquê dos *fasci all'estero*, vistos com desconfiança e antipatia pelos emigrantes e pelos governos locais, formados com gente de reputação duvidosa e em choque aberto com os antifascistas, pouco se desenvolveram em seus anos iniciais (a não ser em número de seções) e causaram um caos no mundo da diáspora italiana.

A partir, grosso modo, dos anos 30, os *fasci all'estero*, acomodados dentro das estruturas do Estado fascista³², viveram uma fase mais tranquila. De fato, as diretrizes de conquista direta das coletividades italianas do exterior, com ataque frontal aos antifascistas e resistentes, foram substituídas por uma tática mais suave, onde os *fasci all'estero* se tornaram mais abertos e menos intransigentes, ambicionando hegemonizar a vida coletiva dos italianos do exterior (sob a mediação dos Consulados), mas não tomar de assalto as colônias.

Nessa nova tática, os *fasci all'estero* passaram a se dirigir à massa dos imigrantes e procuraram cooptá-la na sua totalidade, se possível (CANNISTRARO, 1982, pp. 197-198), e

CANNISTRARO (1995) e, para o suíço, CANTINI (1976); CERUTTI (1986); SIGNORI (1983) e MORNATI (1995). Informações sobre o caso britânico estão em VALLI (1995).

³¹ - Até observadores fascistas, em análises posteriores, admitiam essa baixa qualidade. Ver BARTOLOTTI (1953).

³² - Para a participação dos *fasci all'estero* nas Mostras fascistas de 1932, 1937 e 1942, ver FIORAVANTI (1990, pp. 280-281).

substituindo os conflitos de rua pela propaganda, atividades assistenciais e culturais e cerimônias de defesa da italianidade e do fascismo (MILZA, 1983 e MORNATI, 1995).

É curioso notar, contudo, que, à medida que a política externa italiana foi assumindo características mais ideológicas (fazendo a política externa do Estado italiano se confundir mais e mais com a expansão da ideologia fascista pelo mundo) no decorrer dos anos 30, a função “subversiva” dos *fasci all'estero*, que nunca havia sido abandonada totalmente, foi reorganizada, tendo eles papel importante – ao menos em alguns locais³³ - na “diplomacia paralela” de Mussolini e no contato com os movimentos fascistas estrangeiros (CANNISTRARO, 1995). Uma grande diferença da “fase esquadrista” dos *fasci all'estero* do início dos anos 20, já que, dessa vez, a ação dos mesmos estava firmemente sob controle de Roma e não em oposição a ela.

Os fascistas não conseguiram, de qualquer forma, congregar todos os italianos do exterior em torno dos *fasci all'estero*, mesmo no seu período mais brando. De fato, no auge do movimento, em 1937, existiam, segundo dados mencionados anteriormente, apenas 180 mil militantes fascistas (mais 65 mil jovens) espalhados pelo mundo, o que é um número de alguma relevância, mas que perde expressividade se nos lembrarmos que, nessa época, mais de 10 milhões de italianos e descendentes viviam, segundo as próprias estatísticas fascistas, no exterior.

Na realidade, a bibliografia internacional sobre o tema demonstra como, nos contextos mais diversos, apenas uma pequena minoria dos imigrantes foi convertida em militantes dos *fasci all'estero* e que a esmagadora maioria desses militantes era constituída de membros da burguesia e das classes médias italianas locais³⁴. Essa característica explicava, aliás, porque, por exemplo, os

³³ - Ver, por exemplo, GALLO (1970) para o caso da ilha de Malta e CERUTTI (1986, pp. 432-433) para as relações do líder fascista suíço Fonjallaz com Roma, mediadas pelos órgãos diplomáticos italianos e pelos *fasci all'estero* da Suíça.

Para o uso da estrutura dos *fasci all'estero* na guerra da Abissínia em 1935/1936 em todo o mundo e, especialmente, no Reino Unido, ver GOGLIA (1984, pp. 894-895).

³⁴ - Ver MILZA (1983 e 1994); NOIRIEL (1983) e SCHOR (1988) para a França; SALVEMINI (1977) para os EUA; FAYOT (1983) para o Luxemburgo, SIGNORI (1983) para a Suíça e MORELLI (1980 e 1987) para a Bélgica. Houve, claro, diferenças de região para região, especialmente no tocante ao

militantes fascistas eram em porcentagem altíssima, por exemplo, no Reino Unido e no Peru (onde a coletividade italiana era formada basicamente de comerciantes e outros membros das classes médias – COLPI, 1991; BONFIGLIO, 1997) e microscópica em Longwy (França), onde os trabalhadores eram a maioria dos imigrantes (NOIRIEL, 1980). Uma situação que se repetirá, como veremos no capítulo 4, no interior do Brasil.

Os Dopolavoro all'estero³⁵

A *Opera Nazionale Dopolavoro* (OND) era vista, pelo fascismo, como um de seus principais instrumentos de política social. As suas origens podem ser traçadas a partir das atividades do engenheiro Mario Giani que, já em 1919, sustentava a necessidade de fazer os trabalhadores se afastarem de ambientes nocivos à sua saúde física e moral, como tavernas, casas de jogo e prostituição, círculos socialistas, etc. Na realidade, porém, essas preocupações estavam radicadas nas classes dirigentes italianas desde o século XIX e já haviam conhecido uma primeira realização prática durante a guerra, com as “Case del Soldato”.

O projeto era de afastar os operários dos ambientes de socialização popular e política e envolvê-los em atividades que comportassem a gestão do tempo livre dos mesmos pela empresa ou pelo Estado. Aproveitando as idéias de Giani (mas centralizando e burocratizando a estrutura a níveis não concebidos anteriormente), os fascistas criaram a OND em 1925, a qual se tornou muito

“fascismo ou antifascismo difuso” (ver capítulo 4), mas o mesmo ocorreu até mesmo onde uma fortíssima atividade fascista resultou numa maior penetração do fascismo, como a Tunísia. Ver BESSIS (sem data) e RAINIERO (1978 e 1994).

³⁵ - Quando não mencionado em contrário, as informações a seguir virão de GUERRINI (1994 e 1995) e DE GRAZIA (1981).

popular (dadas as suas atividades físicas, recreativas e culturais) e atingiu nada menos que 3.800.000 aderentes na Itália em 1939.

O fascismo percebeu desde cedo a possibilidade de utilizar os *Dopolavoros* para exercer uma certa influência sobre as comunidades italianas do exterior e, já em 1925, o regime começou a emitir diretivas para organizar os *Dopolavoros all'estero*. Não foi criada, porém, uma organização centralizada, deixando às autoridades diplomáticas e aos *fasci all'estero* locais o papel de coordenação dos *Dopolavoros* em cada jurisdição no exterior. Colaboração e troca de experiências entre as células da OND no exterior e na Itália foram, porém, comuns.

A iniciativa de criar um *Dopolavoro* era, muitas vezes, de fascistas ou de ex-combatentes locais, mas era comum também o surgimento de seções a partir das iniciativas do corpo diplomático. Elas foram bastante difundidas em todos os países onde havia italianos, chegando a 244 seções em 1937 e 332 em 1939³⁶.

Na América Latina, a difusão dos *Dopolavoros* foi boa, com presença significativa na América Central e no Peru, além da atuação óbvia nos países de grande imigração italiana, como o Brasil e a Argentina. Havia diferenças entre as várias seções, porém, de acordo com as condições sócio econômicas das coletividades italianas.

De fato, é curioso notar como os *Dopolavoro* implantados pelo governo fascista na América Latina se adaptavam às condições locais de cada comunidade italiana. Nos países de escassa imigração italiana, o *Dopolavoro* foi, antes de tudo, um círculo privado para a socialização dos poucos funcionários e comerciantes italianos presentes, enquanto nos países onde os italianos eram mais numerosos e em melhores condições econômicas (Chile, Peru, Bolívia), o *Dopolavoro* se desenvolveu mais, mas com poucas atividades assistenciais. Por fim, teríamos o

³⁶ - Ver "L'Italia nel campo internazionale" in *Il Legionario*, 20, 19/5/1937 e BASTIANINI (1939).

caso do Brasil e da Argentina, onde os *Dopolavoro*, malgrado algumas diferenças de ênfase, agiram em profundidade, enquadrando milhares de pessoas, atraindo algumas dezenas de milhares às suas atividades culturais, recreativas e assistenciais e assumindo uma função política clara no sentido de, junto com os *fasci all'estero*, influenciar em senso pró italiano e pró fascista as massas emigradas (GUERRINI, 1995, pp. 521-522).

Ao assumir, em linhas gerais, atividades políticas, os *Dopolavoros all'estero* começaram a exercer funções que, tradicionalmente, deviam pertencer aos *fasci all'estero*. Estes, por sua vez, também tinham funções assistenciais, recreativas e culturais, o que levou à duplicação de esforços e à conflitos de competência, normalmente resolvidos a favor do fascio.

Do ponto de vista quantitativo, de adesões aos *Dopolavoros*, as fontes e a bibliografia são pouco informativas, mas tudo leva a crer que a rede de *Dopolavoros all'estero* não conseguiu mobilizar em massa os imigrantes. Ainda assim, em ao menos alguns lugares (como Brasil e Argentina), as adesões aos *Dopolavoros* foram maiores que as dos *fasci all'estero*, confirmando como o *Dopolavoro* era um meio muito eficaz de aproximar, via recreação, esporte e cultura, os italianos do exterior ao fascismo.

O serviço diplomático

O corpo diplomático italiano era, tradicionalmente, formado por pessoas pertencentes às elites italianas, as quais, apesar de certas simpatias pelo fascismo, certamente não se prestariam a ser simples instrumentos do regime e de suas diretrizes para a política externa. Foi necessária, então, uma reforma na estrutura do *Ministero degli Affari Esteri*.

Tal reforma, conduzida entre 1925 e 1929, afetou não apenas as funções do corpo diplomático (que teve que sair de suas funções meramente burocráticas e administrativas para assumir o caráter de veículo de propaganda e vigilância política desejado pelo fascismo), como também sua composição. De fato, pouco a pouco, inúmeros fascistas foram sendo alçados para posições de destaque dentro do MAE, enquanto eram abertas novas vagas e os cônsules passavam a ter as imunidades e as prerrogativas do pessoal diplomático. Essa expansão também permitiu a entrada de muitos militantes fascistas na estrutura do Ministério, aproximando-o do regime³⁷.

O grande mentor dessa “fascistização” do serviço diplomático foi Dino Grandi, que, apesar disso, agiu firmemente, como vimos, no sentido de impedir o Partido de dominar o Estado, no que reflete as suas concepções particulares sobre o que era a revolução fascista e sobre o papel privilegiado do Estado nessa revolução (NELLO, 1985, pp. 13-18).

A fascistização completa do MAE, porém, só se deu a partir de 1936, quando Galeazzo Ciano, genro do Duce e figura de expressão do regime, assumiu a sua direção e conduziu a política externa italiana a partir de parâmetros não só, mas também, ideológicos, no que desagradava o antigo pessoal de carreira do Ministério (SEITENFUS, 1985, p. 115).

Como dito anteriormente, uma forma encontrada pelo regime para garantir a infiltração fascista no Ministério e ampliar a cobertura da rede diplomática italiana foi aumentar o número de consulados e de representações italianas no exterior, o que permitiu a entrada de inúmeros fascistas no serviço diplomático como cônsules³⁸.

É importante notar, contudo, que essas alterações não foram importantes apenas para os equilíbrios de poder dentro do Estado italiano, mas também para as coletividades italianas do

³⁷ - Para detalhes sobre as leis e as mudanças na estrutura burocrática do MAE, ver SERRA (1991).

³⁸ - Cento e vinte fascistas foram admitidos na carreira diplomática entre 1928 e 1929. No mesmo período, o número de representações diplomáticas italianas cresceu de 230 para 300, sendo abertos 70 novos Consulados. Ver SANTARELLI (1981, p. 481).

exterior, pois os “cônsules fascistas” que começaram a chegar nos diferentes países de imigração italiana em fins da década de 20 foram chave para acelerar os esforços de controle fascista sobre as coletividades italianas do exterior. Nesse sentido, os exemplos dos cônsules de Ottawa e Montreal, Luigi Petrucci e Giuseppe Brigidi; do cônsul de Detroit, Giacomo Ungaretti; do de Pretória, Natale Labia; do de Nova York, Antonio Grossardi e o de Marselha, Barduzzi, são bastante esclarecedores³⁹.

Nesse sentido, os Consulados e demais órgãos diplomáticos italianos se tornaram órgãos de propaganda, ação política e vigilância policial sobre os imigrantes italianos, para a conquista dos quais não só se utilizaram amplamente das novas técnicas de propaganda de massa que se desenvolviam naquele momento (a coreografia de massas fascista, o cinema, o rádio, as visitas e feitos das esquadrilhas aéreas e das frotas italianas⁴⁰), como também dos antigos canais de vida coletiva dos italianos do exterior.

Escolas, jornais, associações e as Casas d'Italia

³⁹ - Ver LIBERATI (1983); CANNISTRARO (1975); SANI (1990); TEMINE (1986) e SALVEMINI (1977).

⁴⁰ - Sobre as “crociere aeree” italianas, ver SEGRÈ (1987); CUPINI (1973) e MENCARELLI (1987). Sobre o imenso efeito que tais exhibições de engenhosidade e poder exerciam sob os italianos do exterior, um interessante documento é a carta que Reverendo Giuseppe Faso, de Omaha (EUA) enviou a amigos comentando-as. Ver TOMASI (1982, p. 187).

Desde cedo, de fato, o fascismo procurou garantir o controle dos organismos que permitiam a socialização dos imigrantes italianos no exterior, como os jornais, as escolas e as associações.

No tocante à conquista da imprensa italiana do exterior, as informações disponíveis na literatura internacional são fragmentárias, mas suficientes para demonstrar o esforço fascista em conquistar os tradicionais jornais das colônias italianas e fundar/subsidiar outros, num claro esforço para ter sob seu controle os canais de expressão das camadas mais letradas das diferentes coletividades italianas do exterior.

As escolas italianas do exterior foram outro dos alvos dos fascistas. Na realidade, porém, a rede escolar italiana no exterior tinha sido sempre vista com especial carinho pelo governo de Roma, desde o período liberal, pois era considerada básica para manter a italianidade e os laços dos filhos de italianos nascidos no exterior com a Itália.

De fato, já em 1889 uma lei do governo Crispi regulamentava a existência das escolas italianas do exterior e condicionava a criação e o apoio financeiro às mesmas com a aceitação da supervisão do governo, o que vale dizer, ao aceite, por estas escolas, das diretrizes para a emigração e a política externa do governo italiano. Outras leis, como as de Titoni em 1910, reforçaram esse ponto, desenvolvendo um sistema de ensino no exterior que atingia 120 mil alunos em 1940 (FLORIANI, 1974, p. 75).

Que o governo italiano pretendia usar essas escolas em benefício de seus interesses internacionais, é algo comprovável pelo fato do grosso das escolas mantidas diretamente por Roma se situar, no início do século, na área central de atenção do imperialismo italiano, ou seja, o Mediterrâneo, deixando as imensas coletividades italianas da América a cargo das escolas subsidiadas e dando pouca prioridade financeira, em termos proporcionais, as mesmas (FLORIANI, 1974 e SALVETTI, 1995).

O governo fascista iniciou sua conquista do sistema escolar italiano no exterior já em 1923/1924, quando várias leis centralizaram as escolas e acentuaram seu papel de educar italianamente os jovens italianos do exterior⁴¹. Num esforço auxiliar, também as organizações juvenis fascistas foram transferidas para o exterior (CAPORILLI, 1930, pp. 175-184).

Apesar desse controle fascista (ou, talvez, por causa dele), a diretriz de usar a rede escolar como instrumento de política externa foi mantida, e se refletiu numa priorização das escolas italianas da área do Mediterrâneo. De fato, temos, em 1940, não menos de 12 mil estudantes matriculados nas escolas italianas do Egito e outros 11 mil na Tunísia (FLORIANI, 1974, p. 79 e RAINIERO, 1978 e 1986), enquanto uma coletividade italiana muito superior numericamente como a argentina tinha, no mesmo ano e segundo a mesma fonte, não mais que alguns milhares de alunos, o que revela as prioridades fascistas.

A bibliografia internacional nos mostra como, nos mais diferentes lugares, o governo fascista trabalhou incansavelmente para implantar suas diretrizes de educar italiana e fascisticamente as crianças italianas nascidas no exterior, o que levou, em alguns lugares (especialmente, na Europa e na Argentina/Uruguai) a uma reação antifascista. O uso da máquina governamental e a criação de iniciativas de sucesso, como as colônias de férias para os filhos dos italianos do exterior (que traziam anualmente milhares de crianças nascidas no exterior – normalmente da área européia mediterrânea – para férias na Itália⁴²) deram ao governo fascista, de qualquer modo, bons resultados na sua política de manter os jovens de origem italiana ligados à Itália, a qual era expressa abertamente, aliás, nos livros enviados por Roma para esses jovens⁴³.

⁴¹ - FLORIANI (1974). Para a bibliografia de época, ver ORANI (1928); MINISTERO (1941); GIANANTONIO (1935) e VANNI (1934).

⁴² - Ver a coleção do *Il Legionario* e DUPONT (1932). Ver também BIANCHI (1994).

⁴³ - Ver, por exemplo, MONELLI (1929, pp. 125-127).

Menos simples foi a conquista fascista das associações de italianos do exterior e das próprias organizações que trabalhavam com os emigrantes com base na Itália.

Logo ao assumir o poder, o fascismo percebeu a absoluta necessidade de ter as rédeas da estrutura estatal relativa aos emigrantes e o primeiro reflexo disto foi a incorporação do *Comissariato Generale dell'emigrazione* ao MAE em 1923. Com o passar dos anos 20 e a contínua mudança das diretrizes emigratórias fascistas em direção a um enfoque mais politizado, o CGE foi eliminado, sendo substituído por uma *Direzione Generale degli italiani all'estero* em 1927, mais adequada aos novos interesses fascistas (BIANCHI, 1994, pp. 106-107; OSTUNI, 1980^a, 1981 e 1983^a).

Outro efeito da alteração da política emigratória do regime foi a resistência do mesmo a repetir o apoio dos governos liberais às organizações privadas de auxílio aos emigrantes. Esse apoio, de fato, poderia até mesmo se concretizar, mas desde que essas organizações aceitassem o controle e as diretrizes de Roma.

O alvo privilegiado dessa ofensiva fascista eram as organizações católicas de ajuda aos emigrantes, sendo o caso mais emblemático o da *Opera Bonomelli*, organização católica que sofreu tamanha pressão do regime que a Igreja acabou decidindo pelo seu fechamento, em 1927, para evitar sua subordinação ao fascismo (CANNISTRARO, 1979b e ROSOLI, 1986).

Esse revés não intimidou o regime, que sabia como o apoio das instituições católicas era chave para a realização de seus objetivos relativos aos emigrantes e que tinha consciência que parte do clero era favorável às suas aspirações. Mesmo com o tratado de Latrão, porém, a Igreja se recusou a servir como simples instrumento do fascismo e resistiu à colaboração direta com o regime (ROSOLI, 1986). Aproximações e colaboração entre as organizações católicas que trabalhavam com os emigrantes italianos e os organismos fascistas ocorreram (DELLA ROCCA, 1981), mas não no nível de dependência desejado pelo fascismo (FRANCFORT, 1991, pp. 321-326; BORRUSO, 1994).

Com uma outra organização italiana que trabalhava com os emigrantes, a conquista fascista foi mais suave e completa. Estamos nos referindo à *Società Dante Alighieri*⁴⁴.

Fundada em 1889, a *Società Dante Alighieri* foi a mais importante instituição laica italiana destinada ao objetivo de “exportar italianidade” para os emigrantes italianos e para as populações estrangeiras. Ela atuava em escala global e era, assim, pouco adaptada a interesses regionais, o que a fazia menos popular entre os emigrantes, que preferiam as associações locais. Sua importância, porém, foi enorme pela continuidade, por muitos anos, de seu objetivo de manter a identidade nacional dos italianos no exterior.

Entre 1889 e 1896, a associação se concentrou na chamada “Itália irridenda” e no financiamento de escolas italianas no exterior, com ênfase na área mediterrânea (o que revela seu relacionamento com a política imperialista de Crispi). Com o tempo, o interesse pelos emigrantes cresceu e, com o apoio do Estado, Comitês da *Società Dante Alighieri* começaram a surgir nos mais diferentes países de imigração italiana, onde a associação apoiava escolas, atividades culturais para italianos e para estrangeiros, etc.

Na década de 10, a sociedade foi ampliando suas atividades e assumindo tons mais e mais nacionalistas (PISA, 1995), o que a aproximou ainda mais do Estado italiano. Tal harmonia só cresceu com o advento do fascismo, que não podia deixar de apreciar uma associação que difundia a cultura italiana no exterior, operava em tons nacionalistas e que ia assumindo cada vez mais uma visão da emigração como fator de potência próxima a do regime.

No decorrer do ventênio fascista, houve alguma resistência de alguns dos Comitês da *Dante* no exterior (como Genebra, Londres, Túnis e Casablanca) à aproximação da associação com o fascismo e conflitos de competência com os *fasci all'estero* (CAPARELLI, 1987), mas a fascistização do órgão só cresceu com o decorrer do tempo, sendo o mesmo chave para atingir os

⁴⁴ - Se não indicado em contrário, as informações a seguir virão de SALVETTI (1995).

imigrantes e seus filhos e, especialmente, as elites estrangeiras, de forma a atraí-las à órbita cultural da Itália (PISA, 1995). Vários exemplos internacionais mostram a atuação da *Dante* nesse processo⁴⁵.

No que concerne às associações fundadas por italianos no exterior, as quais proliferaram nos países da diáspora italiana, os fascistas realizaram uma primeira tentativa de conquista já no início dos anos 20, quando conseguiram, em geral, a conversão das associações mais patrióticas (como as seções da *Dante* e de ex-combatentes) e de outras chantageadas pelos subsídios financeiros dos Consulados⁴⁶. Nessa primeira fase, os *fasci all'estero* tiveram papel importante.

De fato, essa foi a época em que Bastianini criticava as associações italianas por excesso de independência e preocupações políticas e proclamava a necessidade de fazê-las girar, a qualquer preço, ao redor dos *fasci* (BASTIANINI, 1925). O resultado foi uma ofensiva aberta contra as associações italianas, a qual não atingiu, porém, seu objetivo de controle total das associações, antes afastando as mesmas, horrorizadas com a brutalidade dos agentes fascistas, do regime.

Com o controle dos diplomatas italianos sobre as ações dos fascistas no exterior a partir do fim dos anos 20, as técnicas fascistas para o domínio das associações se suavizaram um pouco, mas a chantagem financeira e as manobras continuaram, ampliando pouco a pouco a força dos fascistas. Também não faltaram tentativas de usar os *Dopolavoro*, então sendo introduzidos no mundo italiano, como fator de agregação e centralização das associações italianas do exterior (GUERRINI, 1994, p. 385).

Todo esse esforço ampliou substancialmente o poder do fascismo entre as associações italianas do exterior. Ainda assim, houve, em alguns contextos, uma forte resistência antifascista que anulou o trabalho de convencimento e disciplinarização das associações realizado pelo regime.

⁴⁵ - Ver, por exemplo, LEIVA (1983) para a Argentina e WIEGANDT (1986a) para a França.

⁴⁶ - Ver, para a Suíça, CANTINI (1975) e, para a França, FRANCFORT (1991).

A questão das associações revela, realmente, imensos contrastes entre os vários países de imigração italiana. De fato, enquanto os antifascistas italianos dos Estados Unidos, por exemplo, não conseguiram salvar muitas associações do assalto fascista e nem criar associações antifascistas duradouras e do porte das fascistas (SALVEMINI, 1977), aqueles presentes na Bélgica ou na França (COUDER, 1993; FRANCFORT, 1991) tiveram muito mais sucesso, enquanto os residentes na Suíça conseguiram até mesmo criar uma sólida rede de escolas, colônias de férias e outras associações para se contrapor às equivalentes fascistas (BRESADOLA, 1974; FEDELE, 1976; SIGNORI, 1977 e 1983). Isso para não falar do caso argentino (OSTUNI, 1990 e 1992; LEIVA, 1983), onde os antifascistas dominaram a maior parte das associações italianas até o fim da II Guerra Mundial.

Ainda assim, é possível afirmar que, em linhas gerais, a influência fascista sobre o mundo das associações fascistas do exterior só cresceu com o tempo. A experiências das *Casas d'Italia* também confirma isso.

As *Casa d'Italia* surgiram no início dos anos 30 e representaram o cume dos esforços fascistas para manter as associações italianas rigidamente sob controle. A princípio, estas instituições seriam simplesmente uma maneira de potencializar a vida coletiva das colônias através da reunião do fascio, do Dopolavoro, do Consulado, das escolas e das associações num único local:

“Nas Casas d'Italia, que o fascismo fez surgir de um canto a outro do mundo, o italiano, qualquer que seja sua condição (social), encontra a atmosfera da fraternidade mais acolhedora entre gente da sua própria raça e que sabe compreendê-lo e ajudá-lo quando é necessário. Nelas, ou próximo a elas, serviços médicos gratuitos ou semigratuitos e ambulatorios, serviços de assistência da infância e da maternidade (oferecidos pelos fasci femininos), seções dopolavorísticas, onde se cultivam todas as formas de diversão sadia, grupos de ginástica, bandas musicais, grupos filodramáticos e, onde é necessário, cozinhas populares gratuitas, estão disponíveis. É um trabalho de

obras e de iniciativa, um trabalho harmônico que se realiza cada dia, sob a vigilância dos cônsules e a direção dos secretários dos fascios”⁴⁷

mas eram, na realidade, instrumentos⁴⁸ para que o fascismo pudesse completar sua dominação das coletividades italianas do exterior, dominação esta que encontraria, contudo, limites, mais ou menos acentuados, em todos os países de imigração italiana.

⁴⁷ - BASTIANINI (1939, pp. 62-63), citado em GUERRINI (1994, p. 386).

⁴⁸ - Há o registro de 171 *Casas d'Italia* no mundo em “L'Italia nel campo internazionale” in Il Legionario, XV, 20, 11/5/1937.

Capítulo 2 - O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943¹

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, número substancial de historiadores e estudiosos italianos se dedicaram ao tema da política externa fascista. As origens do imperialismo fascista, a questão da continuidade ou ruptura entre a política externa fascista e a da Itália unida, o realismo e o papel da ideologia nessa política e outros pontos foram esmiuçados a fundo, gerando um imenso volume de bibliografia sobre o tema

Como seria de se esperar, a esmagadora maioria desses trabalhos envolve a área geográfica tradicional da política externa italiana, ou seja, a Europa. Às outras áreas de atuação da política externa do regime de Mussolini, era dedicado, até recentemente, pouco ou nenhum esforço de análise, criando uma lacuna que só nos últimos anos - e em boa parte por mérito dos historiadores agrupados em torno da revista *Storia Contemporanea* (QUARATO, 1987) - começou a ser fechada graças a diversos trabalhos sobre a atuação da diplomacia fascista no Oriente Médio, China, Japão, etc.²

Pouco se fez, porém, com relação à uma área geográfica que, mesmo sendo, sem dúvida, menos importante para a política externa fascista do que a Europa ou os Estados Unidos, nos parece muito mais relevante para a Itália (dada a afinidade latina e a presença maciça de emigrantes italianos) que, por exemplo, o Japão e a China: a América Latina³. Claro que trabalhos

¹ - Uma versão desse capítulo, ligeiramente condensada e sem o grosso da documentação inglesa, foi publicada anteriormente. Ver BERTONHA (1997^a).

² - Sobre os países árabes e o Oriente Médio, vide SCHRODER (1971); GRANGE (1974 e 1976); LALLI (1976); MCDONALD (1977); QUARTARARO (1979); STRIKA (1984); DE FELICE (1988) e LUMINARI (1995). Para a China, ver GODLEY (1973); BORSA (1979) e FERRETTI (1979a), enquanto, para o caso japonês, são úteis os textos de FERRETTI (1976, 1979 e 1983).

abordando indireta ou parcialmente o tema surgiram nos últimos anos mas, com exceção do interessante texto de Marco Mugnaini (MUGNAINI, 1986), o autor desconhece a existência de trabalhos que aprofundem a questão. O presente capítulo visa fornecer subsídios para a superação dessa lacuna através da abordagem do caso brasileiro, e para a compreensão dos objetivos fascistas dentro do relacionamento Brasil-Itália e da política migratória.

As relações Brasil-Itália no período pré fascista⁴

As relações bilaterais entre o Reino da Itália e o Brasil foram geralmente marcadas pela amizade e simpatia (SEITENFUS, 1985, cap. 3), com os governos italiano e brasileiro tendo normalmente uma imagem positiva um do outro. Desde 1870, mecanismos para entendimento mútuo foram criados e os organismos diplomáticos de ambos os países nunca perderam o contato entre si.

No início desse relacionamento, o governo brasileiro tomava mais regularmente as iniciativas, sempre em busca de mercados e trabalhadores que mantivessem funcionando a grande estrutura econômica do país no período, ou seja, a lavoura do café.

A situação se alterou a partir dos anos 80 do século XIX, quando uma torrente de imigrantes italianos se estabeleceu no sul e sudeste do Brasil. Os homens de estado italianos passaram, então, a se interessar mais pela situação do gigante sul americano, mas tendo em vista

³ - Vide SEITENFUS (1990, p. 37). As informações biográficas levantadas por Philip Cannistraro (CANNISTRARO, 1982) e James Burgwyn (BURGWYN, 1997) sobre os membros do corpo diplomático e do Partido fascista que serviram no Brasil no entre guerras - a maioria do primeiro time dentro da estrutura diplomática italiana - também mostram como o Brasil não era um lugar tão marginal assim. Vide os verbetes sobre Bernardo Attolico, Roberto Cantalupo, Luigi Freddi, Vincenzo Lojacono e outros.

⁴ - Quando não houver menção em contrário, as informações a seguir se originam de CERVO (1992).

basicamente duas linhas de ação: a proteção dos conacionais e a promoção do comércio e das relações econômicas (RIOS, 1959, p. 30).

Em relação ao segundo ponto, as esperanças do governo de Roma de que a maciça presença de imigrantes italianos no Brasil geraria uma enorme demanda por produtos italianos não se verificou pela ausência de acordos alfandegários liberalizando o comércio entre os dois países, ineficiência do sistema de comunicações e transportes e, especialmente, porque os italo-brasileiros foram pródigos em criar uma produção agrícola e industrial própria para atender essa demanda (TRENTO, 1989, pp. 68-74).

Já a proteção e a tutela dos imigrantes e a tentativa de mantê-los ligados à Itália eram comuns à política italiana de então (como visto no capítulo primeiro), mas foram de difícil aplicação no Brasil devido à pouca resistência dos italianos ao processo de assimilação e à escassa disponibilidade de meios a disposição do governo italiano para tentar detê-lo. Ainda assim, atritos entre os governos brasileiro e italiano por causa dos prejuízos econômicos sofridos pelos italianos nas guerras e revoluções internas no Brasil e pela superexploração dos colonos foram uma constante, apesar de não abalarem o clima geralmente cordial entre Roma e o Rio de Janeiro.

Apenas em fins do século XIX esse clima amistoso foi realmente ameaçado quando conflitos de rua entre italianos e brasileiros em São Paulo causaram um estremecimento das relações entre os dois países, com o governo italiano levantando até a possibilidade de enviar uma expedição naval contra o Brasil (GABRIELE, 1967). Foram, porém, fatos isolados e, à parte vozes solitárias na Itália que pretendiam, como visto no capítulo 1, algum tipo de atitude colonialista em relação ao Brasil, a atitude e as pretensões italianas em relação ao país sempre foram bastante modestas, o que permitiu que a transfusão de população entre os dois países se

desse sem que - ao contrário do caso alemão⁵ - preocupações de um “perigo italiano” à soberania e à independência brasileira estivessem presentes no período pré fascista (RIOS, 1959, p. 41).

O Brasil e a política externa fascista

Como já apresentado, o interesse historiográfico pelas relações entre a Itália fascista e o Brasil é incipiente e, apesar da existência de alguns textos que abordam a questão com alguma profundidade (MUGNAINI, 1986; CERVO, 1990 e 1992; SEITENFUS, 1985, 1990 e 1996), a produção historiográfica não conseguiu ainda sair de algumas conclusões genéricas e certamente corretas, mas que precisam tanto ser melhor verificadas empiricamente, como receber um recorte temporal mais preciso.

De fato, a bibliografia disponível insiste em ressaltar as boas relações governo a governo, a falta de um real conflito de interesses entre a Itália e o Brasil por causa do destino da coletividade italiana presente no Brasil, a boa imagem desfrutada por cada povo em relação ao outro, a (em geral) improvisação e falta de objetivos definidos por parte de Roma, etc. Nada parece indicar que essas conclusões gerais mereçam substancial revisão, mas um estudo mais detalhado dos interesses do governo fascista em relação ao Brasil parece ser fundamental para aprofundar essas conclusões e delimitar melhor a teia de objetivos políticos que norteava o relacionamento entre os dois países.

Do mesmo modo, é historicamente incorreto tratar o período de 1922 a 1942 como um todo único e sempre igual. Os autores citados obviamente não são tão ingênuos a ponto de cometer esse erro grosseiro. Ainda assim, é fundamental um melhor cuidado para estabelecer as alterações

⁵ - Para o “perigo alemão”, que gerou grandes apreensões no Brasil no século XIX e primeira metade do XX, vide uma lúcida análise em GERTZ (1987, cap. 2 e 1991) e uma bibliografia alemã atualizada sobre

de diretrizes e políticas que marcaram as políticas externas brasileira e italiana (e, portanto, o relacionamento entre os dois países) no período.

De fato, não só a política externa brasileira vai passar por diferentes fases naqueles anos (CERVO, 1992⁸) como, o que é mais importante para nossos objetivos de delimitar os interesses do governo fascista no Brasil, a própria política externa italiana não será a mesma em todo o ventênio fascista.

Não é esse certamente o lugar para retomar o intenso debate da historiografia italiana sobre a evolução da política externa fascista, suas diferentes fases, etc. É ponto passivo para o autor, porém, que a política externa do regime fascista não foi - dada a evolução ideológica do regime e seu consolidamento interno, as mutantes condições do sistema internacional, etc - a mesma nos seus 20 anos de existência e que uma análise dos interesses italianos no Brasil e do próprio relacionamento Brasil/Itália no período deve levar em conta - assim como foi feito no primeiro capítulo, sobre a política emigratória do regime - os padrões variáveis dessa política externa. É nesse sentido que temos que fazer recortes temporais precisos dentro do espaço de 20 anos em que o regime de Mussolini dedicou interesse à nação brasileira.

Os anos 20

No decorrer do capítulo I, tivemos a oportunidade de demonstrar como, no seu início, o regime fascista recuperou a antiga idéia de criar uma Itália no exterior via emigração (ainda que sobre um novo enfoque) e o seu objetivo de expandir as fronteiras econômicas e culturais italianas através dela. Essa política - que dura, grosso modo, até o final da década de 20 - se refletiu nos

o assunto em GERTZ (1995).

interesses italianos no Brasil. De fato, ao invés de ver no país mera válvula de escape para a exuberância demográfica italiana, o governo fascista passou a ver, no Brasil, um terreno fértil onde se podiam perseguir objetivos econômicos, culturais e mesmo políticos (CERVO, 1990, p. 28 e SEITENFUS, 1984).

Isso não quer dizer, claro, que o governo italiano não mantivesse um grande interesse (ainda mais levando-se em conta que as portas para a emigração italiana nos Estados Unidos iam se fechando e a política de não emigração fascista ainda não havia, como vimos no primeiro capítulo, se iniciado) em usar o Brasil para absorver o suposto excedente demográfico italiano⁶. Tanto que várias tentativas de acordos de colonização foram feitos, os quais só não levaram aos resultados desejados devido às péssimas condições de trabalho nas fazendas paulistas, as quais afastaram do Brasil a emigração italiana daqueles anos (TRENTO, 1989, pp. 267-281; OSTUNI, 1983)⁷.

Os interesses italianos em ampliar o comércio e o relacionamento econômico entre Brasil e Itália, em tutelar os seus emigrantes e em realizar uma política de difusão cultural também eram ainda muito próximos aos padrões das políticas anteriores, mas tais esforços passaram a ser potencializados - reativando a Câmara de Comércio italiana em São Paulo⁸, enviando a missão

⁶ - Para informações sobre como ao menos parte da opinião pública italiana via realmente o Brasil como a única possibilidade real de alívio demográfico italiano e sobre como esse ideal era perturbado pelas contínuas notícias sobre maus tratos aos italianos no Brasil, vide AHI, 229/3/7, Ofícios da Embaixada Brasileira em Roma, diversos ofícios de 1922 e 1923. Ver também AHI, 273/2/4, p. "Conferência internacional de emigração e imigração (1924)", relatório reservado de Afonso Bandeira de Mello, 18/12/1924.

⁷ - Note-se que, apesar do interesse italiano e brasileiro em fomentar a emigração para o Brasil, a situação social dos italianos no país era tão crítica que o próprio governo de Roma via-se forçado a não estimulá-la, o que irritava, aliás, o governo brasileiro. Ver PRO, FO 371/9514, A1527, Informe Embaixada britânica de 8/2/1924; FO 371/9516, A2108, relatório de 17/3/1924, p. 27 e A2503, informe Embaixada britânica de 21/3/1924 e outros.

⁸ - Ver ITALIANI (1924, pp. 7-13) e detalhes em "Atti Ufficiali" in Bollettino della Camera Italiana di Commercio di San Paolo, XXI, 178, jan/jun 1924.

Giuriati à América Latina para ampliar o intercâmbio econômico⁹, redobrando os esforços para ligar os imigrantes e seus descendentes à Itália (como veremos no capítulo seguinte) , etc - e, especialmente, passou-se a ter um quadro mais preciso do papel que os emigrantes e sua tutela teriam dentro do interesse italiano em desfrutar os recursos econômicos do Brasil.

Os anos 20 vão ver, de fato, uma profusão de declarações dos representantes italianos no Brasil¹⁰ e de pensadores da própria Itália¹¹ sobre como a expansão italiana no mundo se daria pela via econômica e cultural e como, nesse contexto, o Brasil - e especialmente São Paulo - seria um lugar privilegiado, onde surgiria uma grande nação latina ligada culturalmente à Itália¹² e um mercado capaz de absorver imensas quantidades de produtos italianos e complementar a sua economia com vasto fornecimento de minérios, matérias primas e alimentos.

Nesse quadro, não só a reabertura da emigração italiana para o Brasil era usada, sem maiores escrúpulos, como instrumento de chantagem para a obtenção de vantagens comerciais (TRENTO, 1989, pp. 277-278), como a própria comunidade italiana já instalada no país seria chave ao gerar os mercados para os produtos italianos e para criar uma influência cultural que se

⁹ - A missão Giuriati à América Latina em 1924 era baseada num grande cruzeiro do navio "Italia" a inúmeros portos latino americanos para apresentar e vender produtos italianos. Sobre ela, ver CERVO (1992, pp. 98-99); GIURIATI (1925) e AHI, 229/3/8, Ofícios da Embaixada brasileira em Roma de julho 1923 a dezembro 1924. Ver também as edições do Bollettino della Camera Italiana di Commercio di San Paolo de 1924. Sobre seus, aparentemente, imensos defeitos de organização, ver PRO, FO 371/10609, relatório de 24/4/1925, pp. 7-8 e outros.

¹⁰ - Vide as declarações do embaixador Badoglio em 1924 sobre a necessidade de enviar não só os braços mas também a inteligência italiana ao Brasil e de Giovanni Giuriati sobre a "obra de expansão italiana na América Latina" em ITALIANI (1924, pp. 8-14).

¹¹ - Vide BONACCI (1920 e 1928); PEVIANI (1922); FERRI (1924); IMPERATORI (1924 e 1929); ROCCA (1925); LEONINI (1926) e ZOLI (1927). Ver também as revistas Rivista d'Italia e d'America e Colombo, surgidas nesse período justamente para dinamizar o relacionamento cultural com a América Latina e especialmente "L'utilità di una spedizione in Brasile" in Rivista d'Italia e d'America, IV, 12, dez/1926, sobre a complementariedade entre as economias brasileira e italiana.

¹² - Já em 1920, por exemplo, Mussolini, num discurso em Trieste, se referiu ao estado de São Paulo como um lugar onde logo a língua e a cultura dominantes seriam, dada a predominância numérica, italiana. Vide ORANO (1937, p. 21).

transmutaria em um relacionamento mais próximo e harmonioso entre os dois países (CAMERA, 1924 e 1927 e SOLERI, 1928).

Dentro desses objetivos, era fundamental a conservação dos laços da coletividade italiana com a Pátria mãe e a preservação do sentimento de italianidade entre as novas gerações (MANCINI, 1924), o que ajuda a explicar, ao lado de questões relativas à própria ideologia fascista (como visto no cap. 1), o fervor com que o governo italiano procurou reativar os laços de suas coletividades na América Latina com a Itália.

Os interesses italianos para o Brasil nos anos 20 podem ser melhor compreendidos, porém, através da leitura de um surpreendente relatório escrito em 1925 por um emissário do governo italiano que, após passar três anos no Brasil, enviou à Itália um relato bastante lúcido tanto sobre a situação dos italianos no Brasil como sobre as pretensões de Roma no país na década de 20.

Umberto Sala inicia seu relatório¹³ comentando como a Itália continuava sua crise demográfica e que, fechada a porta americana, a única saída disponível era a América do Sul e, em especial, o Brasil. Sala ressaltava imediatamente, porém, que isso era apenas um potencial e que vários fatores (exploração capitalista a níveis fora do concebível mesmo de italianos para italianos, ação estatal de proteção aos trabalhadores inexistente, etc) inibiam um retorno da migração italiana de massa para o Brasil.

Ainda assim, o autor acreditava no enorme potencial do Brasil e em especial do estado de São Paulo e augurava como fundamental o não abandono do país pela política italiana.

Nesse sentido, Umberto Sala lamentava o relativamente baixo nível de envolvimento dos italianos na política paulista e discutia como seria proveitoso fazer os italianos e seus filhos conservarem a italianidade, mas agirem na política local em defesa dos interesses da comunidade e da Pátria mãe. Nesse momento, o autor ressaltava que, se fosse possível realmente fazer os

¹³ - Vide SALA (1925). Exemplar datilografado pertencente à Biblioteca do *Ministero degli Affari Esteri*/Roma.

italianos influírem na vida política do estado, estes conseguiriam, por simples peso demográfico, criar um grande centro de influência italiana na América Latina.

Incorporar militarmente esse centro à Itália seria, continuava o autor, muito difícil devido à distância e à presença do poder dos Estados Unidos, mas surgiria, de qualquer forma, um centro de expansão da raça italiana, onde a solidariedade de origem, raça e cultura formaria algo semelhante a um "Dominion" inglês como o Canadá ou a Austrália e onde se poderia contar com um lugar conveniente para enviar os excedentes demográficos italianos, um aliado seguro em caso de guerra e uma complementação econômica que seriam básicas para a sobrevivência da raça italiana. A tendência separatista de São Paulo também seria um fator auxiliar para firmar o predomínio italiano no estado.

Em nome dessas possibilidades, o autor recomendava o retorno da imigração italiana, as boas relações com o Brasil e a firme união da coletividade em torno da italianidade e das diretrizes de Roma. Para isso, as seções dos *fasci all'estero* e das associações dos ex-combatentes seriam chave e ele terminava seu relatório ressaltando o progresso e o desenvolvimento desses órgãos, fundamentais para fazer a colônia cerrar fileiras em torno das diretrizes e interesses fascistas.

Vê-se, assim, que, se é verdade que as relações italo-brasileiras nos anos 20 se centraram basicamente nas questões da imigração e do relacionamento comercial (SEITENFUS, 1990) e que mesmo estas terminaram com baixo sucesso italiano em suas pretensões¹⁴, outros interesses, como a influência política direta, não estavam fora de cogitação, só não sendo implementadas não por uma especial delicadeza fascista em relação ao Brasil, mas pela consolidação do regime e o amadurecer das suas, sempre presentes, tendências imperialistas (no sentido mais clássico do

¹⁴ - De fato, as relações econômicas e a penetração cultural dos italianos no Brasil não tiveram, como esperava Roma, grande avanço nos anos 20 devido à escassa disponibilidade de capitais italianos e sua fraqueza industrial, a influência americana e a pouca disponibilidade da coletividade italiana em obedecer incondicionalmente as diretrizes de Roma. Vide TOSCANO (1980); CERVO (1992) e TRENTO (1989).

termo) ainda estarem se processando; pela concentração dos interesses italianos, nesse momento, na Europa e Mediterrâneo e pela consciência que a fraqueza militar italiana, a presença dos EUA como potência hegemônica no continente e o contexto internacional não abriam à Itália nenhuma perspectiva de sucesso nesse campo.

Mesmo assim, é manifesto que, apesar dos alertas dos antifascistas italianos sobre a ameaça do imperialismo fascista sobre o Brasil (BERTONHA, 1996, pp. 42-44) e das dúvidas que a imprensa brasileira levantava na época sobre as possibilidades do imperialismo fascista se dirigir ao Brasil, as pretensões fascistas nunca foram - dadas as razões mencionadas - muito ambiciosas e que comércio e manutenção da italianidade dos imigrantes eram realmente as chaves dos interesses italianos nos anos 20. A situação começaria a mudar logo em seguida.

Os Anos 30

Como explicitado anteriormente, não é este o espaço para discutir a ampla literatura disponível sobre os caminhos e a evolução da política externa italiana durante o fascismo. É importante observar, porém, que os anos 30 vêem o regime fascista aprofundar suas sempre existentes tendências imperialistas e totalitárias e refinar a idéia de um verdadeiro “Império italiano” no mundo. Tal transformação não podia deixar de ter reflexos na política e nos interesses italianos para o Brasil.

Marco Mugnaini (MUGNAINI, 1986) nos dá um excelente resumo sobre as novas pretensões do governo italiano na América Latina e no Brasil (superando a política anterior, centrada na questão dos emigrantes e do comércio) a partir, grosso modo, do início da década de 30. Dentre essas pretensões, destacavam-se o combate aos grupos antifascistas italianos locais, a

busca de um apoio político às pretensões mediterrâneas/européias do regime e a ampliação da influência política, econômica e cultural da Itália na região.

Parece óbvio que essa política não era isenta de incoerências e hesitações (ALBONICO, 1982), que Mussolini sabia dos limites do seu “jogo” latino americano (dada a presença hegemônica dos EUA) e que a América Latina continuava secundária nos planos expansionistas do regime. Ainda assim, era uma fase diferente da política italiana para a América Latina que se iniciava.

A documentação de época confirma esses sinais da ampliação dos interesses italianos em relação à América Latina em geral¹⁵ e também ao Brasil. Em 1931, por exemplo, o *Ministero degli Affari Esteri* chegou a discutir a possibilidade de apoiar o separatismo dos estados do Sul do Brasil para conseguir influência redobrada nessa nova federação, que concentraria a esmagadora maioria da comunidade italiana instalada no país¹⁶.

O exemplo mais claro da nova orientação da política italiana para o Brasil nesse momento (em busca de real influência política), porém, é o relatório reservado que a Embaixada italiana enviou ao *Ministero degli Affari Esteri* em 11/4/1933 e do qual convém fazer uma longa citação:

“Não parece que, até agora, a Itália tenha tentado, em linhas gerais, influir no Brasil: o país é submetido, de fato, a tal ação direta da diplomacia norte americana, que verdadeiramente não se pode pensar de mudar o estado das coisas. Acrescente-se a isto o fato, lamentável mas indiscutível, que os dois milhões de assim chamados italianos que aqui vivem e trabalham, no interesse único do Brasil, não tem nenhuma influência na política interna do país, ao qual estes trouxeram, todavia, riqueza, prestígio e civilização. Não excludo que, se não tivéssemos no Brasil uma emigração que sempre se desnacionaliza mais, poderíamos talvez exercitar uma ascendência maior, mas as nossas colônias aqui estabelecidas constituem-se num peso morto

¹⁵ - O número de missões militares italianas na América Latina, por exemplo, parte de zero em 1935 para 10 em 1938. Vide ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 29, p. “Miscellanea”, 1944

¹⁶ - Idem, b. 1, p. “Rivoluzione in Brasile - Governo provvisorio”, Pro memoria MAE de 1931.

mesmo para a nossa ação geral no país. Amarga realidade, que nenhum italiano verdadeiramente novo tem mais o direito de esconder.

Outro motivo que pode ter induzido a nossa diplomacia a omitir-se de influir nas classes dirigentes e sobre a opinião pública do país em favor da política italiana foi certamente a consideração desencorajadora que o Brasil na Europa não conta. Não me parece, todavia, que esta seja uma razão suficiente para aceitarmos que a Itália, por sua vez, não conte nada no Brasil. São duas concepções em eterna polêmica: cultivar ou ignorar os países secundários? Eu subordinadamente me solidarizo a muito com os que sustentam a tese ativa, favorável à exploração de qualquer vantagem, mesmo modesta, que se possam obter a favor dos nossos interesses e as experiências diplomáticas do autor confirmam a opinião que se pode obter alguma coisa mesmo dos mais pequenos e que em todos os casos o favor, ainda que platônico, da maioria, deve ser cultivado. Além disso, a disputa pela opinião pública do país pelas diversas Embaixadas é notável e não vejo porque deveríamos ficar ausentes.”¹⁷

É curioso notar que esse renovado interesse italiano pelo Brasil se deu num momento em que os interesses econômicos italianos no país (dada a permanência de relações comerciais apenas incipientes e a contínua assimilação da colônia italiana) iam diminuindo¹⁸, o que revela que foram realmente os sonhos fascistas da construção de um Império e de um sólido prestígio internacional para a Itália (centrados, obviamente, na Europa e na zona mediterrânea, mas que podiam ser levados a cabo, se houvesse possibilidade e oportunidade, em outros locais¹⁹), que explicam o renovado esforço fascista em influenciar os rumos políticos do Brasil.

É claro que essa nova tendência do governo fascista em seu relacionamento com a América Latina não se devia apenas à evolução do regime com relação à política emigratória, o expansionismo em todas as locais onde houvesse oportunidade, etc. Também foi importante, para

¹⁷ - Idem, b. 4, p. “Rapporti politici”, Relatório Embaixada do Rio de Janeiro, 11/4/1933. A parte sublinhada é original do documento..

¹⁸ - Como, aliás, os próprios italianos estavam conscientes. Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 11, f. 9, Relatório Embaixada italiana, 20/3/1937.

¹⁹ - Vide DI NOLFO (1990^a, p. 183) para uma discussão sobre como o crescimento das ambições imperiais fascistas nos anos 30 e especialmente no pós 1936 e a visão de Mussolini que a luta imperialista

essa mudança, a ascensão de diversas ditaduras militares na América do Sul no início dos anos 30, que alçou as esperanças de maior influência por parte de Roma, a qual identificava nesses governos autoritários clientes em potencial do fascismo.

Como bem ressalta Marco Mugnaini (MUGNAINI, 1986, pp. 208-211), as esperanças de Roma se frustraram um pouco devido ao nacionalismo desses regimes - que entravam em conflito com a renovada política italiana de tentar impedir a absorção de suas coletividades no exterior -, mas as relações com os governos Vargas no Brasil, Uriburu na Argentina e outros se mantiveram cordiais e continuariam assim durante os anos 30.

Mais importante que tudo nesse momento, porém, é identificar uma tendência dentro da política externa fascista que esteve presente desde os anos 20, mas que adquiriu mais força e visibilidade nos anos 30: a fusão dos objetivos nacionais do Estado italiano com aqueles de divulgação e expansão da ideologia fascista.

Dentro dessa tendência, os interesses nacionais italianos e a ideologia fascista se fundiam num todo muitas vezes contraditório e ambíguo, mas que passou a condicionar cada vez mais a política externa italiana a partir de então: os interesses do Estado italiano podiam ser atingidos através da carta ideológica, de solidariedade dos regimes de caráter fascista e a própria expansão da ideologia fascista se daria pelos mecanismos de poder do Estado italiano.

Dentro desse contexto é que podemos entender as esperanças do governo de Mussolini com os regimes autoritários que surgiram na América do Sul no início dos anos 30. Estes regimes, porém, não deram à Itália (apesar de sua simpatia pelo fascismo) a influência que ela almejava na região.

O surgimento de grupos de clara tendência fascista na América Latina a partir de 1932/33 abriu, contudo, um novo canal pelo qual a influência italiana podia ser transmitida. No caso

nesse momento teria que ser travada em escala global levaram o regime a se envolver em áreas antes consideradas periféricas, como a América Latina, o Extremo Oriente, etc.

brasileiro, essa possibilidade foi explorada a fundo através do mais importante movimento fascista das Américas: *A Ação Integralista Brasileira* (AIB).

A carta ideológica e a II Guerra Mundial (1935-1942)

Como visto, a idéia fascista de influenciar politicamente o Brasil se desenvolveu e se consolidou no decorrer dos anos 30. Nesse período também, como já explicitado, o governo fascista acreditava ter encontrado uma maneira de superar as deficiências em poder econômico e militar que haviam prejudicado os esforços italianos no passado: a criação de uma ponte ideológica entre os dois países, que serviria para compensar quaisquer debilidades italianas para sustentar seus esforços hegemônicos no país. A expansão ideológica do fascismo seria a grande arma de ação da Itália no Brasil e na América Latina em geral (TOSCANO, 1980)²⁰.

Como vimos, essa experiência começou no início dos anos 30, com os regimes militares que estavam assumindo o poder em diversas partes do sub-continente mas só se solidificou quando o fascismo a refinou (SANTARELLI, 1981) e, principalmente, passou a contar com interlocutores adequados nos países latino americanos. No caso do Brasil esse interlocutor foi, sem dúvida, o Integralismo.

²⁰ - Também em outros lugares o fascismo italiano procurou utilizar a “carta ideológica” para defender seus interesses estratégicos. Isso só se dava realmente, porém, onde Roma considerava que valia a pena utilizar essa carta e onde os fascistas locais demonstrassem ter possibilidades de atingir o poder, como na Suíça (CANTINI, 1983; CERUTI, 1986). Onde isso não se dava, como no Canadá (BETCHERMAN, 1978) ou na Austrália (CRESCIANI, 1979), os fascistas locais eram simplesmente ignorados. Abordaremos essa diferenciação com relação aos países da América Latina a seguir.

Antes, porém, de entrarmos no complexo relacionamento entre fascistas e integralistas, convém fazer uma pausa para discutir os objetivos dessa nova fase da política italiana para a América Latina e o Brasil. Até onde chegariam as novas pretensões e desejos do regime fascista?

Durante os anos 30, a perspectiva de uma invasão nazista com o apoio da aparentemente cem por cento nazistificada coletividade alemã do Sul do país preocupou enormemente círculos políticos e militares no Brasil e nos Estados Unidos²¹. Raramente, porém, essa possibilidade foi levantada com relação aos italianos.

Isso não quer dizer, claro, que essa possibilidade nunca viesse a tona. Já em 1923 e 1924, de fato, artigos da imprensa brasileira discutiam a possibilidade da nova agressividade fascista se dirigir ao Brasil²² e, em 1926, há registros de um alto funcionário do Itamaraty comentando com o embaixador belga como seria um erro a saída do Brasil da Liga das Nações, pois o Brasil podia precisar dela se, por exemplo, Mussolini enviasse uma frota para Santos para pressionar por algo relativo aos imigrantes italianos²³. Foi quando da revolta de São Paulo em 1932, porém, que a idéia de uma invasão italiana para apoiar São Paulo tomou contornos mais reais, gerando um sentimento anti-italiano no resto do país²⁴ e preocupando o governo britânico²⁵. Outros boatos surgiram no fim

²¹ - Houve também uma certa preocupação com a atividade dos japoneses no país e até com a dos poloneses no Paraná, o que revela o "clima" com relação aos estrangeiros naqueles anos.

Sobre as atividades polonesas, ver AN/MJN 1933-1939, IIJ 1319 e Caixa 75, p. 904. Ver também LEVINE (1980, pp. 62-63).

²² -- Ver AHI, 26/3/23, Notas da Embaixada italiana para o Itamaraty, ofício de 7/2/1924.

²³ - Ver PRO, FO 371/11967, A2932, relatório "Brazil - Annual Report - 1926", inícios de 1927.

²⁴ - Ver AHI, Despachos da Embaixada italiana para o Itamaraty, 1932 (85/4/5), diversos documentos. Um observador da época também anota como "tropas foram mandadas contra São Paulo, pretextando os interventores que seus estados lutariam contra os italianos residentes na terra bandeirante, que pretendiam fundar ali uma colônia fascista às ordens de Mussolini". Ver Carneiro, Glauco. História das Revoluções Brasileiras, citado em DONATO (1995).

Para as tentativas dos insurretos paulistas de obter o apoio italiano e comprar armas na Itália, vide HILTON (1982, pp. 226-230, 245 e 259-261).

²⁵ - Ver PRO, FO 371/15809, A6384, Informe Embaixada britânica de 26/9/1932 e FO 371/16553, A2814, relatório "Annual Report, 1932" de 13/3/1933.

dos anos 30²⁶, mas a tensão criada por essa possibilidade era uma fração desprezível da gerada pelos alemães.

Essa confiança na Itália derivava certamente da maior simpatia de setores da sociedade brasileira pela Itália e pelo fascismo italiano que por seus côgeneres alemães e da confiança na assimilação dos italianos no país²⁷, mas também da evidente incapacidade italiana em sustentar uma invasão armada contra o Brasil, incapacidade esta que fez com que projetos de invasão nunca estivessem entre os planos do governo italiano (BOREJSZA, 1971, p. 147).

Descartada essa hipótese, o grande objetivo do governo italiano passou a ser - descontada a continuidade de interesses econômicos e de manutenção da italianidade da colônia italiana - a quebra da hegemonia americana e a formação de um grande bloco de nações latinas e fascistas ligadas à Roma²⁸.

Parece evidente que esse interesse da Itália fascista por uma hegemonia política no Brasil era bastante teórico e condicionado pelas prioridades e pelos recursos italianos (tanto que, como vimos, a ameaça italiana nunca foi levada tão a sério, por brasileiros e americanos, como a alemã). O fato, porém, é que essa pretensão existia e, para atendê-la, o governo italiano dispunha, no Brasil, de um tripé formado por três pólos: a coletividade italiana, a propaganda direta e o seu

²⁶ - Um caso foi um boato de 1938 que dizia que um golpe de estado nazista/integralista ia instalar um protetorado nazista nos estados do Sul do Brasil, enquanto o Estado de São Paulo seria entregue à Itália fascista. Vide DIFFIE (1940, p. 426). Ainda em 1938, circulou outro boato descrevendo o complô das potências fascistas com a Argentina, que queriam conquistar o Paraguai e a Bolívia e desmembrar o Brasil, que seria dividido entre a Alemanha (Rio Grande do Sul/Santa Catarina, o sul do Paraná e parte do Mato Grosso), a Itália (Norte do Paraná, parte de Mato Grosso e São Paulo) e o Japão (a Amazônia). Vide Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, Arquivo Osvaldo Aranha, rolo 15, fotograma 617, relatório "Interesses estrangeiros pelas nossas terras - política argentina", 1938.

²⁷ - Ver as observações inglesas a respeito em PRO, FO 371/30361, A4770, relatório de 22/3/1842 e FO 371/29935, A811, diversos documentos de 1941.

²⁸ - Vide SANTARELLI (1981, pp. 116-118) e ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 15, p. "Integralismo - Rifugiati Politici", relatório Embaixada italiana, 18/3/1937. e b. 16, p. "Situazione Politica interna - 1938", carta de Eugenio Coselschi à Ciano, 13/11/1937. Coselschi, aliás, era o chefe dos *Comitati per l'universalità di Roma*, embrião de uma Internacional fascista.

intenso relacionamento com o fascismo brasileiro representado pelo Integralismo e, em menor escala, com o regime do *Estado Novo* de Getúlio Vargas..

Esses três pontos serão objeto de discussão mais aprofundada em capítulos posteriores. Por ora, basta identificar alguns aspectos desse triângulo e o como eles se relacionavam com os ideais hegemônicos italianos.

O primeiro instrumento de ação italiana era a propaganda direta da ideologia fascista entre a opinião pública brasileira. Essa propaganda foi mais forte a partir da segunda metade da década de 30 e foi tão marcante que merecerá uma análise bem mais aprofundada em capítulos posteriores. Por ora e para os objetivos desse capítulo, o que é necessário saber é para que servia, dentro dos interesses italianos, esse esforço de propaganda da Itália.

Inicialmente, é importante observar constatar que o fascismo procurava, sem dúvida, difundir sua imagem no Brasil para scumprir seus objetivos de um consenso externo para o regime, que sua política de propaganda foi cautelosa e muitas vezes contraditória - para evitar danos no relacionamento com o governo do Rio de Janeiro (SEITENFUS, 1990, pp. 40-41 e 1996) - e que encontrou enormes dificuldades em sua execução (TOSCANO, 1980, p. 247). Em última instância, porém, parece estar presente, como pano de fundo, o desejo italiano de usar a propaganda cultural e de difusão do fascismo como instrumento de penetração política capaz de influir em senso fascista e pró Itália a política interna e externa do Brasil²⁹.

Ao lado dessa propaganda direta, um outro instrumento de penetração fascista nessa nova fase seria a imensa coletividade italiana, a qual deveria continuar a ter um papel chave na aplicação dos interesses italianos no Brasil, mas com objetivos e diretrizes mais realistas.

²⁹ - Ver uma prematura análise nesse sentido em VILLA (1933) e uma carta de Mário da Silva ao Ministero della Cultura Popolare (MinCulPop) de 20/12/1937, onde tal idéia é abertamente defendida em TOSCANO (1980, p. 247).

De fato, se, nos anos 20, a coletividade italiana deveria ser usada basicamente como consumidora de produtos italianos e para auxiliar na influência indireta da Itália no país, as pretensões fascistas em relação à colônia mudaram nos anos 30, revelando a capacidade dos agentes diplomáticos italianos em avaliar as reais possibilidades de ação italiana no país via comunidade italiana.

Que o *Ministero degli Affari Esteri* tinha esperanças em usar a coletividade italiana do Brasil para influenciar a política brasileira em sentido pró fascista, é algo inegável e que pode ser comprovado por um comunicado que ele enviou aos embaixadores da América Latina em 1937 requerendo informações sobre a força política de cada colônia e pedindo para os Embaixadores examinarem a possibilidade delas servirem para influenciar esses países³⁰

Num outro memorando, dirigido especificadamente para o o embaixador Lojacono no Rio de Janeiro em 26/4/1937³¹, o *Ministero degli Affari Esteri* revelou-se muito lícido e realista, porém, sobre as reais possibilidades de uso da coletividade italiana para influenciar politicamente o Brasil. Em primeiro lugar, relembra-se que, dada a estrutura política brasileira, a capacidade dos italianos locais de influenciar as diretrizes políticas do governo brasileiro tinham sido sempre limitadas e que mesmo durante a Guerra da Abissínia, quando o Brasil não aderiu ao boicote da Sociedade das Nações, essa posição pró-Itália era mais uma derivação dos interesses brasileiros e da neutralidade dos Estados Unidos que efetivamente uma conquista da pressão dos italianos locais.

Ao lado dessa consciência de que a situação das coletividades italianas nos países latino americanos era muito particular e que não se poderia esperar muito delas em termos de fonte de

³⁰ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 11, f. 9, p. "Situazione Politica in Brasile - 1937", Telespresso MAE, sem data.

³¹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 11., f. 1, memorando reservado ao Embaixador Lojacono, 26/4/1937.

pressão política (como ocorria nos EUA) e muito menos como uma “quinta coluna” ou força de apoio para uma possível invasão, o governo italiano também demonstrava consciência das mudanças demográficas das coletividades italianas da América do Sul e que era aos filhos de italianos que o regime devia se dirigir (mantendo-os ligados à Itália) se quisesse manter alguma influência na política latino americana e na brasileira em particular³².

Isso, na verdade, vinha sendo inferido com cada vez mais clareza pelos órgãos diplomáticos italianos e seus representantes no Brasil desde o início dos anos 30. De fato, já em 1934, a Embaixada italiana assim se expressava ao comentar a nomeação de Vicente Rao, filho de italianos, ao posto de Ministro da Justiça do Brasil:

“ (...) é o primeiro filho de italianos que chega a um cargo como este. Se não for o único e se muitos seguirem o seu exemplo, a política dos filhos de italianos, que eu não me canso de apresentar como indispensável ao nosso país na América do Sul, dará frutos fecundos e necessários”³³

De forma coerente, o governo fascista parece ter percebido que não só os filhos de italianos iam representando cada vez mais a maioria absoluta da colônia italiana no Brasil no decorrer dos anos 30, como que a eles não deviam ser dirigidos apelos excessivos pois, apesar de serem majoritariamente pró-fascistas e com grande admiração por Mussolini (como veremos em detalhes nos capítulos seguintes), não eram, certamente, os soldados fiéis esperados pelo Consulado³⁴ e, no caso de terem que escolher entre o Brasil e a Itália, sem dúvida optariam pelo

³² - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 11, f. 1, memorando reservado ao Embaixador Lojacono, 26/4/1937.

³³ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 6, p. “Brasile- Rapporti Politici”- 1934”, Informe Embaixada italiana, 4/8/1934.

³⁴ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 15, p. “Integralismo - Rifugiati Politici”, relatório do Dr. Colpi à Embaixada italiana, 12/8/1938.

primeiro. Não era possível, assim, exigir muito da coletividade italiana do Brasil e o regime não o fez.³⁵

Dada essa situação, era à outra arma que o regime fascista dedicava suas esperanças para aumentar sua influência no Brasil: seu intenso relacionamento com o fascismo brasileiro, o Integralismo.

Os íntimos laços que o fascismo italiano teve com a *Ação Integralista Brasileira* (em termos institucionais, de relações de base e de cúpula, de influência ideológica, etc) serão analisados em detalhes no cap. 8. Por ora, o mais interessante é destacar o que o governo italiano esperava, em termos de retornos geopolíticos e estratégicos, da aliança e da solidariedade ideológica com os integralistas³⁶.

Um primeiro sinal nos é dado pelo embaixador Lojacono que, em 1937, dizia que o essencial era:

“romper o fronte democrático no maior país da América do Sul, criar um ambiente que seja favorável, por razões de analogia, ao nosso regime, cultivar uma opinião nacional brasileira aberta às premissas e às necessidades da Itália, abrir uma fonte de consenso moral e de recursos materiais naquela parte do mundo que estará a menor distância do nosso

³⁵ - Vide, a propósito, a discussão mantida pelos órgãos diplomáticos italianos no Brasil em 1939 sobre como a maioria dos descendentes de italianos não eram mais “recuperáveis” para a Itália e que a única solução possível seria a transferência dos que ainda se sentiam italianos para a África Oriental e sobre como qualquer influência da Itália sobre os descendentes de italianos no Brasil só poderia ser obtida se Roma se adaptasse a dura realidade da assimilação e usasse as armas adequadas como, por exemplo, um jornal em português.

Essas discussões estão em ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 24, p. “Rapporti Politici 1940”, vários documentos e ACSMinCulPop, DGP, b. 278, f. 14, sottof. 1, p. “Brasile - Propaganda italiana”. Carta Cesco Tomaselli à Alessandro Pavolini, 4/12/1939.

³⁶ - Renè Gertz vai nos informar (GERTZ, 1987, pp. 118-138) que não só as relações entre o governo nazista e os integralistas foram muito mais conflituosas que aquelas entre o Integralismo e o fascismo italiano, como que a Alemanha confiou muito menos que a Itália na solidariedade ideológica com a Ação Integralista para defender seus interesses no Brasil. Tal situação derivava, possivelmente, do fato da Itália fascista se utilizar muito mais dos ideais da “Internacional fascista” para proteger seus interesses que a Alemanha nazista. Vide detalhes em MICHAELIS (1973).

eixo imperial e do nosso aparato respiratório, eis o que significa o estabelecimento de um estado integralista no Brasil”³⁷

Um outro sinal dessa ambição de Roma pode ser encontrado nem relatório secreto escrito por Cesare Rivelli, funcionário do Consulado italiano de São Paulo, gestor de várias atividades de propaganda fascista no país (sendo inclusive redator do *Fanfulla*) e agente de ligação do fascismo com os integralistas).

Nesse relatório, Rivelli analisava as possibilidades do Integralismo chegar ao poder no Brasil, a conveniência em apoiá-lo e o como fazê-lo e concluía que era uma aposta arriscada, mas que devia ser feita, pois:

“Um Brasil integralista, obediente à vontade de Roma constituiria um magnífico ponto de partida para a hegemonia italiana nessa parte do continente, além de representar um mercado vastíssimo facilitado à nossa produção agrícola, industrial, intelectual”³⁸

Ao mesmo tempo, porém, que jogavam suas esperanças na *Ação Integralista*, os italianos sentiam-se bastante atraídos pelo governo do presidente Vargas, que não só ia, aparentemente, aplicando cada vez mais princípios fascistas à administração do Brasil, como era

³⁷ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 15, relatório reservado de 27/9/1937, citado em SEITENFUS (1990, p. 51).

³⁸ - AESP/DOPS, Prontuário 613 (“César Rivelli”), relatório ao Consulado italiano de 20/5/1938 (apreendido pela polícia). O mesmo documento está em AN/MJN, 1933-1939, Caixa 392, pasta 1031/38, “Processo de Expulsão de César Rivelli”. Ver também o curioso livro de Gino Ducci (DUCCI, 1938), onde ele questiona o “egoísmo” americano em querer o domínio exclusivo da América Latina.

Outro documento curioso é uma carta do diretor dos *Comitati per l'Universalità di Roma* (CAUR), Eugenio Coselschi, ao Conde Ciano, onde ele propunha enviar Emilio Santi ao Brasil para examinar a situação local em vista dos objetivos de intervir na Ação Integralista para equilibrar a influência nazista e controlar Salgado para conduzi-lo à criação de um bloco econômico latino americano ligado à Roma. Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 16, p. “Situazione politica interna - 1938”, carta de Eugenio Coselschi à Ciano, 13/11/1937.

extremamente amigo da Itália, tendo inclusive resistido, como visto, às pressões inglesas para aderir ao boicote anti italiano da Sociedade das Nações em 1936. Dada essa situação, não espanta que dúvidas sobre qual caminho tomar (apoio ao Integralismo ou ao regime de Vargas) apareçam regularmente na documentação italiana³⁹

Na realidade, porém, o caminho mais conveniente para os italianos seria uma aliança entre Getúlio Vargas e os integralistas para uma condução segura do Brasil para os caminhos do Eixo e há vários exemplos disponíveis sobre a esperança e o desejo fascista de que o regime de Vargas e a *Ação Integralista* se reunissem para dar cabo da tarefa de criar o Brasil fascista.

Isso pode ser confirmado, por exemplo, pelo comunicado que o *Ministero degli Affari Esteri* enviou à imprensa italiana em 1937 ordenando que as notícias sobre a criação do *Estado Novo* no Brasil mencionassem tanto Vargas quanto o Integralismo e auspicassem sua união⁴⁰. Em 1946, o ex-funcionário da Embaixada italiana Nunzio Greco também indicou, em entrevista, que a esperança fascista para afastar o Brasil do campo democrático residia num sólido bloco AIB/Vargas⁴¹, enquanto o gerarca fascista Luigi Federzoni, em entrevista ao *Il Popolo d'Italia* de 13/11/1937, mal conseguia conter seu entusiasmo frente às duas “**grandes forças renovadoras da política brasileira**” e que deveriam continuar juntas para o bem do país⁴².

Com o tempo, tornou-se visível⁴³ a decepção italiana com a incapacidade integralista de tomar o poder pela força e seu encanto com o *Estado Novo* varguista cresceu continuamente.

³⁹ - Vide SEITENFUS (1990, p. 50). Ver também vários despachos da Embaixada italiana de março a abril de 1938 onde a dúvida sobre a melhor opção para os interesses italianos no Brasil é manifesta. Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 16, p. “Situazione politica interna - 1938”.

⁴⁰ - Idem

⁴¹ - ASMAE/Affari Politici 1946-1950 (Brasile), b. 1, p. “Stampa in Brasile, 1946”.

⁴² - ADA, Rolo 3/380, código 832,00, fotograma 1114, Memorando da Embaixada americana em Roma ao Departamento de Estado, 18/11/1937.

⁴³ - Ver mais detalhes no cap. 8.

Grandes discussões foram mantidas na imprensa e entre os diplomatas italianos sobre a real filiação ideológica do *Estado Novo* (TOSCANO, 1980) mas, por fim, a decisão italiana passou pelo abandono dos integralistas e pelo apoio ao novo regime brasileiro, que recebeu então imensa atenção por parte da propaganda italiana⁴⁴.

Essa política ambígua e muitas vezes contraditória entre o Integralismo e o *Estado Novo* varguista demonstra como, apesar dos esforços italianos, os meandros da política brasileira ainda eram relativamente desconhecidos por Roma (o que levava a apostas dificilmente realizáveis, como a da aliança entre Getúlio Vargas e Plínio Salgado) e, especialmente, o imenso pragmatismo das atividades italianas que, mesmo se baseando numa carta ideológica como o cerne de sua política, podiam ser alteradas e reformuladas conforme a situação o exigisse.

Parecem estar claros, de qualquer forma, os objetivos da Itália em relação ao Brasil na segunda metade dos anos 30 e as armas - a propaganda direta, a coletividade italiana e, especialmente, o jogo entre a Ação Integralista e o *Estado Novo* - que ela dispunha nesse jogo.

É importante notar, porém, que esses diferentes instrumentos não eram utilizados e pensados como compartimentos estanques, mas como uma rede cuidadosamente planejada - o que não significa dizer que não tivesse contradições e problemas - para atender aos interesses da Itália fascista no Brasil⁴⁵.

De fato, não só os italianos jogavam continuamente entre Getúlio Vargas e Plínio Salgado, como a forte propaganda fascista dirigida à opinião pública brasileira e as atividades fascistas

⁴⁴ - Para exemplo dos enormes elogios que a propaganda italiana fez ao regime de Vargas e ao próprio desde 1937 até 1941, vide CANTALUPO (1941); ARALDI (1937); CARRAZONI, (1941) e a imprensa fascista editada no Brasil naquele momento. Ver também Valentini, Giuseppe. "10 Novembre" in *Littoria*, II, 14, nov/1938, onde o autor, assessor de imprensa da Embaixada italiana no Rio de Janeiro, comparava o *Estado Novo* com o fascismo e Vargas com Mussolini. Para análises posteriores, ver TOSCANO (1980) e SEITENFUS (1990).

⁴⁵ - A idéia que a chamada "diplomacia paralela" (de apoio ao Integralismo) fosse, assim, cem por cento desconectada das estruturas do Estado italiano e do partido fascista instaladas entre as comunidades italianas no Brasil - como mencionado em GUERRINI (1994, pp. 388-389) - merece ser, de fato, reconsiderada.

dentro das coletividades italianas ajudaram a criar um “clima” de grande utilidade tanto para os integralistas como para o regime de Vargas. Além disso, o governo italiano via, por exemplo, a entrada maciça dos filhos de italianos na Ação Integralista como um instrumento chave para subtraí-la à influência nazista e a própria AIB era vista como o canal privilegiado para inserir os filhos de italianos na política brasileiro num sentido pró Itália e difundir a realidade fascista no país⁴⁶. Coletividade italiana, propaganda direta e uma política de equilíbrio entre o governo brasileiro e os fascistas locais eram, portanto, braços conectados de uma única estrutura destinada a conduzir o Brasil à aproximação com o Eixo.

Nas memórias do embaixador Raffaele Guariglia, aliás, há referências (GUARIGLIA, 1950, p. 334) de que Mussolini havia se impressionado com a firme e positiva resposta da coletividade italiana do Brasil aos apelos da Pátria mãe durante a guerra da Abissínia (em oposição à Argentina) e acreditado na sua total devoção ao regime. Ele também teria acreditado na força do Integralismo e suposto que a união dos integralistas com a fascistizada colônia italiana ia garantir uma vasta influência italiana no país:

“Ele acreditava que o movimento brasileiro das assim chamadas “camisas verdes” era um movimento nitidamente fascista, o qual levaria ao poder um presidente, Getúlio Vargas, que faria do Brasil um grande Estado totalitário na democrática América Latina.

As “camisas verdes”, os italianos e os alemães, numerosos e bem organizados no Brasil, subtrairiam o país da influência norte americana e o aproximariam definitivamente ao Eixo”⁴⁷.

⁴⁶ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 11, f. 9, 1, memorando do MAE ao Embaixador Lojacono, 3/5/1937.

⁴⁷ - GUARIGLIA (1950, p. 334).

Essa esperança de Mussolini logo se revelou vã. Apesar dos esforços do governo italiano para continuar em boas relações com o regime de Vargas e manter o Brasil, ao menos, neutro na guerra continuarem até 1941⁴⁸, as considerações geopolíticas predominaram sobre a simpatia ideológica que o *Estado Novo* certamente mantinha pela Itália fascista e lentamente conduziram o Brasil para o campo aliado⁴⁹.

Não é impossível, aliás, que o governo italiano tenha inferido o caminho pró Estados Unidos que o governo brasileiro ia seguindo entre o final da década de 30 e o início da de 40 e tenha decidido, então, criar uma rede de espionagem no país para o caso de que o Brasil efetivamente optasse pelo campo aliado.

Na realidade, ao contrário da rede de espionagem alemã no Brasil do período, que foi realmente consistente e sobre a qual sabemos alguma coisa⁵⁰, as informações sobre essa possível rede de espionagem italiana são fragmentárias e inconclusivas e não se sabe realmente muito sobre ela.

Para o governo brasileiro, não havia dúvidas que havia espionagem italiana no país, inclusive com uma seção da polícia política italiana, a OVRA, no Rio de Janeiro⁵¹. O governo

⁴⁸ - Ver CANTALUPO (1941); CARRAZONI, (1941); VILLARI (1941) e PETTINATTI (1941). Uma informação interessante é que, aparentemente, setores do governo fascista chegaram a pensar em fazer um retorno à carta integralista quando se confirmou a “traição” de Vargas. Vide os contatos do governo fascista com Plínio Salgado (então exilado em Portugal) em ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 11 e em SEITENFUS (1985, pp. 461-465) e uma curiosa carta de F. Pietro à Vincenzo Coppola (agente do governo italiano no Brasil) de 30/10/1941, onde ele comunicava que, dada a aproximação de Vargas com os americanos, a única solução que Roma conseguia vislumbrar era apoiar novamente “*nosso*s amigos camisas verdes”. Vide o original da carta em AERJ/DOPS, Série Temática “Espionagem”, Pasta 3, Dossiê “LATT”. A mesma informação é confirmada em PRO, FO 371/25800, A9449, telegrama da Embaixada britânica de 29/11/1941.

⁴⁹ - Vide SEITENFUS (1985); COGGIOLA (1995) e GAMBINI (1977).

⁵⁰ - Vide HILTON (1977 e 1983). Ver também PERAZZO (1997) e NEWTON (1992).

⁵¹ - Vide AERJ/DOPS, Série Temática “Italianos”, Pasta 3, Dossiês “OVRA” e “Empresa Editorial Vecchi” e Série Temática “Espionagem”, Pasta 3, Dossiê “Espionagem na Argentina”.

inglês também acreditava na existência dessa rede, que teria surgido no início dos anos 40⁵² e os americanos chegavam a fornecer alguns detalhes da sua estrutura, como, por exemplo, sobre o núcleo de Natal/RN, destinado a vigiar as bases americanas no Nordeste brasileiro⁵³. Há um consenso geral, porém, que era um sistema de espionagem imensamente inferior ao montado pelos alemães⁵⁴.

Notícias sobre prisões de italianos (na maioria das vezes, ligados à empresas italianas como bancos⁵⁵ ou a LATI⁵⁶ e ao corpo diplomático italiano ou ainda aos órgãos fascistizados - como os *fasci all'estero* e os *Dopolavoro* - das coletividades italianas espalhadas pelo país) são

⁵² - PRO, FO 128/390, relatório "German Activities in Pernambuco" e FO 128/393, relatório do Consulado de São Paulo, 18/1/1941, anexo 1 "The Fascist organization in the state of San Paulo". Ver também PRO, FO 371/26025, A4224, relatório "The CAO organization North and South America" de 10/9/1941, onde são dados os nomes dos espões italianos (21 no total) em ação no Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Recife e Belém. Ainda sobre a CAO, ver BRADFORD (1943, pp. 110-111).

⁵³ - Ver informações diversas sobre esse possível núcleo de espões italianos em NACP/General Records of the Department of State, RG 59, 250/30/9/6 Box 5659, 865.20210, pastas. "Latorraca, Heitor"; "Leoni, Manlio" e "Lettieri, Guglielmo" e em NACP/General Records of Latin American Branch, RG 165, 390/35/17-18/5 - 1, Entry 188, Box 976, p. "Argentina - Italians", relatório do FBI de 30/4/1945. Esse último relatório confirma, aliás, que a estrutura de espionagem italiana visava basicamente o Rio de Janeiro e Natal (informações sobre o tráfego naval) e que, após a entrada do Brasil na guerra, era coordenada através de Buenos Aires.

⁵⁴ - Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 27, p. "Protezione interessi italiani in Brasile", Informe Embaixada de Lisboa, 12/5/1942 e NACP/General Records of Latin American Branch, RG 165, 390/35/17-18/5 - 1, Entry 188, Box 982, relatório "Axis Espionage and Propaganda in Latin American", Military Intelligence Division, 1946. Ver também BRADFORD (1943, pp. 107-121), que chama os italianos de "irmãos menores" dos alemães.

⁵⁵ - Ver NACP/General Records of the Department of State, RG 59, 250/30/9/6 Box 6877, 862.20211/1895, relatório de 21/12/1938 e Box 5655, cartas do Consulado americano de Marselha de 28/5 e 7/8/1941, que identificam empregados dos Bancos da Sicília e di Napoli de São Paulo como agentes fascistas.

⁵⁶ - Vide AERJ/DOPS, Série Temática "Espionagem", Pasta 3, Dossiê "LATI". Às empresas aéreas alemã (Condor) e, especialmente, italiana (LATI) era atribuído, aliás, papel chave na espionagem e contrabando para o Eixo pelos governos americano e inglês. Ver Foreign Relations of the United States - Diplomatic Papers, 1940, v. 5, pp. 658-669; 1941, v. 6, pp. 514-528 e 1942, v. 5, p. 766 e BURDEN (1942) para o imenso esforço americano para sobrepujar a LATI e a Condor na aviação regional e desmontar essa rede. Ver também HUMPHREYS (1981, volume 1, pp. 142-143) e HILTON (1994, pp. 368-372).

uma constante em 1942 e 1943⁵⁷, com a maioria deles sendo processada pelo *Tribunal de Segurança Nacional* e libertada em 1944.

Dentre esses presos, alguns mereceram atenção especial da polícia brasileira, como Pietro Perosino⁵⁸; os comandantes Coppola e di Vicino, acusados de serem líderes da espionagem italiana no Rio de Janeiro e de desviarem fundos da LATI para financiar tais ações⁵⁹; o diretor do *Dopolavoro* de São Paulo e suposto agente de ligação entre os sistemas de espionagem alemã e italiana Franco Cecchini⁶⁰; o conde Edmondo di Robillant, que seria responsável pelo fornecimento à Roma das informações sobre partidas de navios mercantes do porto do Rio de Janeiro através de uma rádio clandestina montada em Jacarepaguá⁶¹; o veterano da Abissínia e membro do fascio do Rio de Janeiro Felippo Peviani (preso em 1941)⁶² e outros.

Sem dúvida, essa suposta atividade de espionagem por parte dos italianos era inflada pelo clima de guerra da época e é curioso não termos encontrado, na documentação diplomática italiana, uma confirmação formal de sua existência e alcance⁶³. De qualquer forma, há indícios

⁵⁷ - Vide AERJ/DOPS, Série Temática "Espionagem", Pasta 2, Dossiê "Condenado por espionagem" e Pasta 3, Dossiê "LATI". Ver também ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 27 a 30.

⁵⁸ - Vide AERJ/DOPS, Série Temática "Espionagem", Pasta 3, Dossiê "Pietro Perosino".

⁵⁹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 27, p. "Protezione Interessi italiani in Brasile - 1942", Informe Embaixada de Buenos Aires, 22/9/1942 e AERJ/DOPS, Série Temática Espionagem, Pasta 2, Dossiê "Condenados por espionagem".

⁶⁰ - Vide ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 27, p. "Protezione Interessi italiani in Brasile - 1942", Telegrama Embaixada de Lisboa, 15/4/1942 e AERJ/DOPS, Série Estados/São Paulo, Pacote 22B, Dossiê "Associação Opera Nazionale Dopolavoro", Comunicado de 2/10/1942.

⁶¹ - Vide AERJ/DOPS, Série Temática "Espionagem", Pasta 4, Dossiê "Caso Edmondo di Robilart" e AERJ/Acervo DESPS, Notação 78, "Inquérito contra Edmondo di Robillant e outros", 21/9/1942. Ver também ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 27, p. "Protezione Interessi italiani in Brasile - 1942", Telegrama da Embaixada de Lisboa, 23/9/1942.

⁶² - Vide AERJ/DOPS, Série Temática "Espionagem", Pasta 3, Dossiê "LATI".

⁶³ - É provável que um exame da documentação militar italiana do período revelasse mais informações a respeito. O autor não teve acesso, porém, a esse material.

suficientes para concluir que algum tipo de atividade desse tipo existiu⁶⁴, o que é revelador sobre a qualidade do relacionamento italo-brasileiro nesse início dos anos 40.

De fato, a aposta italiana que a presença de uma imensa massa de italianos e descendentes no Brasil e que a solidariedade ideológica com o Integralismo e depois com o *Estado Novo* ia compensar suas deficiências econômicas e militares e gerar uma ampla influência italiana no país falhou totalmente (TOSCANO, 1980 e ALBONICO, 1994, pp. 165-168), com a guerra encerrando melancolicamente uma fase de grandes expectativas da Itália em relação ao Brasil⁶⁵

A análise da ação fascista dirigida ao Brasil e à América Latina como um todo nos permite perceber, assim, como esta seguiu, com bastante coerência, as alterações no padrão da política externa italiana imprimidas por Mussolini e seu regime no decorrer do ventênio fascista. De fato, ela partiu de uma visão de um Império cultural e econômico italiano a ser criado na região através dos emigrantes nos anos 20 para a idéia de formar uma zona de influência italiana baseada na solidariedade ideológica nos anos 30, o que reflete o crescimento das idéias imperialistas e totalitárias e a importância cada vez maior do componente ideológico dentro da política externa italiana no período.

⁶⁴ - Ainda que tenha sido muito inferior, como já observado, à espionagem nazista e sem uma coordenação completa com estes e com os japoneses, como temia o governo brasileiro na época. Para um documento nesse sentido, que informa como o Japão seria o encarregado da espionagem nos países da costa pacífica da América do Sul, a Alemanha do sul do Brasil e do continente e a Itália o resto do Brasil, incluindo São Paulo, vide AN/MJN, 1933-1939, IJ1 1426, Ofício do Itamaraty ao Ministério da Justiça, 12/5/1942.

⁶⁵ - Nada mais emblemático da decepção italiana que as palavras amargas do embaixador Raffaele Guariglia (GUARIGLIA, 1950, pp. 333-334) se recordando como a presença maciça de italianos no Brasil não o impediu de fazer a guerra contra a Itália e o artigo do órgão oficial dos *fasci all'estero* *Il Legionario*, comentando a entrada do Brasil na guerra como uma traição de Getúlio Vargas e não do Brasil latino e fecundado pelos italianos. Vide "Questo Brasile" in *Il Legionario*, XIX, 15/16, 31/8/1942. Vide também AHI, 41/4/11, Ofícios da Embaixada brasileira em Roma ao Itamaraty, diversos ofícios de 1942, onde há recortes de diversos jornais italianos comentando a "ingratidão brasileira".

Essa política era muito cautelosa e pragmática e sua adaptação aos diferentes contextos representados pelos vários países da América do Sul é notável e seria conveniente a existência de mais estudos de caso para determinar com mais segurança os padrões de atuação fascista na América Latina.

Ela era também, sem dúvida, ambiciosa e com incoerências e improvisações evidentes. Ela nunca foi, porém, completamente aleatória e ilógica e, ao menos num aspecto, revelou-se duradoura e precisa. Estamos nos referindo ao imenso esforço de Roma no sentido de converter os italianos e seus descendentes residentes no Brasil ao fascismo, esforço este cujos meandros, resultados e consequências para a coletividade italiana e para a sociedade brasileira merecem ser discutidos a fundo.

Capítulo 3 – A rede de propaganda fascista e sua ação nas comunidades italianas do Brasil

Como visto, os objetivos políticos e estratégicos de Roma no Brasil implicavam na conquista da coletividade italiana e na instrumentalização desta para seus fins. Para atingir tais objetivos, o governo fascista trabalhou em três níveis: na implantação no país dos órgãos de socialização fascistas propriamente ditos - os *fasci all'estero*, os *Dopolavoro* e as *Casa d'Italia* - ; na potencialização do serviço consular e na conquista dos tradicionais foros da vida da colônia, ou seja, as escolas, as associações e os jornais. Examinaremos cada um desses níveis separadamente e em detalhes, mantendo, porém, a ressalva que as discussões gerais sobre esses métodos fascistas, já realizadas em capítulo anterior, serão omitidas nesse capítulo em favor da exposição detalhada do processo de construção da rede fascista no país.

Os *fasci all'estero*

Os primeiros pontos a serem destacados no processo de implantação dos *fasci all'estero* no Brasil são a rapidez com que eles se instalaram no país e o enorme esforço fascista para que a rede de *fasci* se estendesse da maneira mais capilar possível, de forma a cobrir a maioria dos centros urbanos habitados por imigrantes italianos e seus filhos.

É muito difícil quantificar com exatidão os *fasci* existentes no Brasil, pois, como veremos a seguir, eles eram continuamente criados, dissolvidos, inaugurados e reinaugurados, etc no decorrer do período em estudo. É possível, porém, ter uma idéia aproximada da evolução numérica e da difusão dos *fasci*, as quais são realmente espantosas.

Os primeiros *fasci all'estero* no Brasil surgiram em 1923, quando entre dez e doze deles foram inaugurados, incluindo os de São Paulo, o do Rio de Janeiro e o de Santos¹. Em março de 1924, já eram dezoito (TRENTO, 1994, p. 252) e o balanço do final do ano indica um total de treze novos *fasci* inaugurados². Até 1926/27, a proliferação dos *fasci* continuou e eles parecem ter atingido o número de 52 em 1927³ e 54 em 1928, quando estavam assim distribuídos:

Rio de Janeiro/Espírito Santo	6
Minas Gerais	8
Goiás	3
Paraná	2
Rio Grande do Sul	3
São Paulo	32 ⁴

Seis anos depois, em 1934, por sua vez, o governo fascista registrava a presença de 75 *fasci all'estero* e de 7 seções de *fasci* (ainda não desenvolvidas suficientemente para a transformação em célula do PNF e indicadas na tabela abaixo por um asterisco) espalhadas como uma teia por todo o território nacional:

Amazonas: 1 (Manaus)

Pará: 2 (Belém e Obidos)

Paraíba: 1 (João Pessoa)

¹ - Para essas estimativas, ver "Il movimento fascista in Brasile" in I fasci italiani all'estero, II/17, 23/4/1925 e TRENTO (1994, p. 252).

² - "Il movimento fascista in Brasile" in I fasci italiani all'estero, II/17, 23/4/1925.

³ - Ver "Seicento fasci italiani all'estero" in Il Legionario, III/44, 30/10/1926 e TRENTO (1994, p. 252).

Pernambuco: 2 (Recife e Milagres)

Bahia: 3 (Poções*, Nazareth* e Salvador)

Ceará: 1 (Fortaleza*)

Alagoas: 1 (Maceió)

Mato Grosso: 1 (Campo Grande)

Santa Catarina: 3 (Florianópolis, Urussanga e Laguna)

Paraná: 2 (Curitiba, Ponta Grossa)

Rio Grande do Sul: 7 (Uruguaiana, Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre, Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias)

Espírito Santo: 4 (Vitória, Nova Venezia, Accioly e Cachoeiro de Itapemirim*).

Rio de Janeiro: 3 (Rio de Janeiro, Petrópolis e Nova Friburgo)

Minas Gerais: 19 (Uberaba, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Barbacena, Carambola, Ubá, Rio Branco*, Ouro Fino, Poços de Caldas, Pouso Alegre*, Santa Rita de Cássia, São Sebastião do Paraíso, Monte Santo, Guaxupé, Guararema, Arceburgo, Guaranésia, Jacutinga e Monte Sião).

São Paulo: 35 (São Paulo, Santos, São Bernardo, Sorocaba, Andradas, Botucatu, Bauru, Presidente Prudente, São João da Bocaina, Jaú, Catanduva, Jaboticabal, Itápolis, Araraquara, Ribeirão Bonito, Barretos, São Joaquim, Franca, Ribeirão Preto, Tambaú, Mococa, Sertãozinho*, São Carlos, Espírito Santo do Pinhal, Limeira, Piracicaba, Rio Claro, Jundiaí, Campinas, Batatais*, Salto, São José do Rio Pardo, São João da Boa Vista e mais 2 seções não identificadas⁵).

O mesmo texto (que pode, sem dúvida, estar inflacionando o número de células realmente ativas) fornece também alguns números sobre a rede de fasci em outros países de imigração italiana (com a exceção dos Estados Unidos onde, como visto anteriormente, os fasci foram formalmente dissolvidos no final dos anos 20) e vale a pena citar esses números como forma de comparação com o caso brasileiro..

Reino Unido: 18 fasci e 7 seções

⁴ - MINISTERO (1928). Essa listagem parece omitir – por inatividade, talvez – os fasci do Norte/Nordeste, que também já haviam surgido nesse período, como os de Recife (1924) e Salvador (1925). Ver ANDRADE (1992) e SANTINON (1991).

⁵ - GAGLIARDETTI (1934, p. 9).

França: 46 fasci e 60 seções

Suiça: 36 fasci e 12 seções

Argentina: 36 fasci e 4 seções

Canadá: 10 fasci e 2 seções

Bélgica: 5 fasci e 8 seções

Se tais dados estão corretos (o que é realmente impossível afirmar com toda a certeza), o Brasil parece ter sido um dos países mais visados para a implantação dos *fasci all'estero*, num processo que continuou até o fim dos anos 30, quando a polícia brasileira ainda registrava criação de novas células⁶.

O Estado de São Paulo foi, como se observa nos dados expostos, o centro nervoso desse processo. De fato, o número de *fasci all'estero* passou de 19 em 1924 (TRENTO, 1989, p. 310) a 12 em 1925⁷ e a 32 em 1928 (MINISTERO, 1928). Por volta de 1930, esse número parece ter sido ampliado para 54⁸, mas tudo indica que este é um número fantasioso e que a estimativa de 28 fasci para 1933 é muito mais razoável⁹. O processo de expansão continuou, contudo, pela década de 30 e o número de 34 fasci e algumas seções entre 1934¹⁰ e 1937¹¹ se manteve até o final da década,

⁶ - Ver AERJ/DOPS, Série Temática "Italianos", Pasta 2, Dossiê "Propaganda Fascista".

⁷ - Ver ASMAE/MinCulPop, b. 30, p. "Franchigie telegrafiche e tasse telegrafiche per l'estero", relatório do fascio de São Paulo, 23/5/1925.

Essa queda se deveu, possivelmente, aos fortes conflitos internos que atingiram os fasci nesse anos iniciais e que levaram a várias dissoluções e à uma inatividade geral. Voltaremos a esse tópico a seguir.

⁸ - Longhini, Mário. "Dove il lavoro italiano e brasiliano sono alleati" in *Il Legionario*, VII/35, 30/8/1930.

⁹ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 2, p. "Invio di films nel Brasile", relatório Secretaria dei fasci all'estero de São Paulo, 20/1/1933.

¹⁰ - GAGLIARDETTI (1934, p. 9) e AESP/DOPS, Prontuário 27084 ("Fascio de São Paulo - Lista de contribuintes").

¹¹ - PISANI (1937, pp. 1248-1250).

quando novos núcleos foram abertos¹² e a rede de fasci atingiu seu apogeu em São Paulo, com cerca de 38 núcleos por volta do início dos anos 40¹³.

É evidente que esses fasci eram profundamente desiguais em número de membros, em infraestrutura e em capacidade de congregar os italianos locais e que podiam variar desde aqueles totalmente inoperantes (e que parecem ter sido a maioria) à núcleos de maior consistência, como os do Rio de Janeiro e o da cidade de São Paulo, cuja história nos interessa, por razões óbvias, em particular.

O fascio de São Paulo foi o primeiro a ser constituído no Brasil, tendo surgido por iniciativa de Emidio Rocchetti (fascista de primeira hora e que havia assassinado, em 1921, o secretário do *Partito Comunista d'Italia* de Macerata, Augusto Troccaioli), o qual obedecia as ordens de Roma, em março de 1923.

Rocchetti permaneceu como chefe da secretaria regional dos *fasci all'estero* (que englobava São Paulo e Mato Grosso) até 1928, enquanto na liderança do fascio de São Paulo, se alternaram Rocchetti, Braz Altieri e Milano). Neste ano, os dois cargos foram fundidos e vários hierarcas (Manera, Manginelli, Colpi, Altieri, Santi, Tuccimei e Renato Bifano) conduziram o fascio até o fim da década de 30.

Durante a década de 20, as reuniões ocorriam em sedes ocasionais (escolas, associações, etc), mas a estrutura do fascio foi sendo progressivamente aperfeiçoada no decorrer da década de 30, com a criação de três grupos regionais (Brás, Bela Vista, Bom Retiro) e de uma *Legione Operaia del Littorio* para atingir as classes populares, aumento de atividades, etc. (TRENTO, 1989, pp. 308-311).

Um outro aspecto curioso dentro do processo de implantação dos *fasci all'estero* foi a espontaneidade com que alguns deles foram constituídos. De fato, apesar da maioria dos fasci ter se

¹² - Ver nota 6

implantado como resposta direta às ordens de Roma, vários deles surgiram também pelo entusiasmo de italianos locais pela idéia fascista.

Um exame da biografia de alguns desses homens pode nos revelar, aliás, o perfil básico das pessoas que procuraram, por si só, criar os *fasci all'estero* em suas cidades. Foi este o caso de Amatore di Giacomo, médico, oficial do Exército, emigrado para o Brasil em 1920 e tenaz no trabalho de converter a associação dos veteranos de guerra do Rio de Janeiro em um fascio; Ludovico Cemieri, emigrado em 1899, comerciante, ardente patriota e fundador do fascio de São Bernardo do Campo em 1930; Anselvo Savassi, industrial e fundador do fascio de Belo Horizonte; Giovanni Ponte, fundador do fascio de São Sebastião do Paraíso e muitos outros¹⁴.

Como se nota, há uma larga predominância de industriais, comerciantes e profissionais liberais que, espontaneamente, procuraram levar os *fasci all'estero* à suas cidades. Essa espontaneidade não impedia, porém, que seus líderes fossem envolvidos em escândalos financeiros e em denúncias de corrupção e incompetência¹⁵.

Essa situação não era, porém, privilégio dos fasci surgidos mais ou menos espontaneamente. O fascio de Santos, por exemplo, fundado em 1921, se tornou inoperante nos anos seguintes devido às discórdias pessoais e teve que ser reconstruído a partir do nada em 1928¹⁶, enquanto mesmo o importante fascio paulistano teve, nos seus anos iniciais, momentos de paralisia por apatia e disputas internas (TRENTO, 1989, pp. 308-313).

Uma grande mudança na história dos *fasci all'estero* no Brasil ocorreu em 1938, e por ação externa. Nesse ano, o governo federal brasileiro baixou leis proibindo a atividade de partidos políticos estrangeiros no território nacional. Como veremos no capítulo 7, estas leis eram

¹³ - PRO, FO 128/393, relatório do Consulado britânico de São Paulo, 18/1/1941, anexo 1 : The Fascist Organization in the state of San Paolo".

¹⁴ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 5, p. "Onoranze e Onorificienze".

¹⁵ - Ver, por exemplo, o caso de Luigi Sciutto, um dos organizadores do fascismo do Rio em TRENTO (1989, p. 309) e em matéria em II Legionário, X, 21, 21/5/1932.

¹⁶ - Longhini, Mario. "Italiani di Santos" in II Legionário, VII, 23, 7/6/1930.

prioritariamente voltadas contra os alemães. Ainda assim, os italianos foram obrigados a realizar mudanças na estrutura dos fasci brasileiros de forma a adaptá-los ao novo contexto.

Nesse sentido, é perceptível como, apesar das queixas italianas ao governo brasileiro sobre o rigor das leis¹⁷, estas tiveram um efeito relativamente pequeno sobre a estrutura dos fasci, os quais tiveram que encerrar suas atividades oficialmente, mas continuaram funcionando em segredo e discretamente¹⁸ (inseridos dentro de outras associações italianas ou ainda em sedes de bancos e seguradoras italianas¹⁹ e, possivelmente, com o aval do governo brasileiro) até pelo menos o início dos anos 40, quando ainda temos referências claras de sua existência²⁰. A grande alteração, assim, foi a transferência das atividades dos fasci para os subterrâneos e a sua maior discrição, como ressaltava aliás a Embaixada americana logo após a promulgação das leis de 1938²¹.

Dessa forma, a maioria das atividades promovidas pelos fasci no Brasil continuaram, discretas e camufladas, até 1942, quando a declaração de guerra do Brasil contra o Eixo fez a enorme tolerância do governo brasileiro frente a estas atividades ser substituída pela repressão. Que atividades, porém, seriam essas? Nesse ponto, de fato, uma tarefa se impõe: identificar corretamente no que consistiam as atividades promovidas pelos *fasci all'estero* em vinte anos de atuação no Brasil.

¹⁷ - Ver AHI, Notas Embaixada italiana para o Itamaraty, 85/4/8 e 9, Ofícios diversos de 1938 e 1939 pedindo a suavização das leis de 1938.

¹⁸ - Ver ADA, rolo 4/380, código 832,00F, relatório "Italian Activities in Brazil" de 6/2/1939, fotograma 19, p. 13; AERJ/DOPS, Série Temática "Italianos", Pasta 2, Dossiê "Propaganda fascista", pp. 13-14 e ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 15, p. "Brasile e Itália", telegrama da Embaixada italiana de 12/9/1938.

¹⁹ - Ver AESP/DOPS, Prontuários 27804 ("Fascio de São Paulo"), 30854 ("Fascio Cesare Battisti de Itápolis") e 77173 ("Fascio italiano de Campinas"); AERJ/DOPS, Série Temática "Italianos", Pasta 4, Dossiê "Subscrição fascista de 1942", relatório de 18/7/1939 e NACP/Records of the Office of InterAmerican Affairs, RG 229, 229/350/76/12/2, Entry 25, box 610, relatório "The Italians in Brazil" de 24/8/1942.

²⁰ - AERJ/DOPS, Série Temática "Italianos", Pasta 1, Dossiê "Itália", p. 12 e ACS/MinCulPop, DGP, b. 277, f. 8, sottof. 2, p. "Articoli, giornali e fotografie - SP", carta de 6/5/1941 de Osvaldo Scognamiglio, presidente da Federação dos fasci do estado de São Paulo ao MinCulPop.

²¹ - ADA, rolo 4/380, código 832,00F, fotograma 14, Memorando do Conselheiro Scotten ao Departamento de Estado, 22/4/1938.

Cumpra ressaltar inicialmente, a respeito desse tópico, que a apresentação que faremos sobre as atividades dos *fasci all'estero* no Brasil não pode ser vista como totalizante e que, obviamente, nem todos os *fasci* seguiam o mesmo roteiro único e inflexível para as suas atividades. Como explicitado anteriormente, de fato, muitos dos *fasci* só existiam em termos formais, enquanto outros mantinham apenas um mínimo de atividades, no que contrastavam com *fasci* muito mais ativos como os de São Paulo e o do Rio de Janeiro. É uma diferenciação chave e que deve ser mantida em mente quando da leitura dos parágrafos a seguir.

Como células do PNF no exterior, os *fasci all'estero* deveriam se dedicar prioritariamente à conversão dos italianos fora da Itália ao fascismo e, nos anos 30, à difusão da ideologia fascista no exterior. Como explicitado anteriormente, porém, essa linha teórica foi alterada, na prática, pela subordinação deles aos interesses italianos em cada país onde eles estavam situados, o que, no caso brasileiro, suavizou esse caráter doutrinador e propagandista dos *fasci all'estero*.

Isso não quer dizer, claro, que a doutrinação fascista inexistisse. Realmente, as fontes consultadas mostram os *fasci* como centros privilegiados para as pomposas e ruidosas cerimônias de comemoração das datas festivas italianas e fascistas e de distribuição de material de propaganda do regime via doação de livros e folhetos²² e manutenção de bibliotecas em cada *fascio*²³, para italianos e brasileiros. Além disso, era nas sedes dos *fasci* que conferências e encontros com autoridades fascistas eram realizados, as quais serviam também, muitas vezes, para a exibição de filmes de propaganda enviados pelo governo italiano, os quais eram, apesar de certos problemas²⁴, comprovadamente eficientes e do agrado dos imigrantes.

²² - O jornal *Aquilotti d'Italia*, da seção juvenil da *Segreteria Generale dei fasci all'estero*, por exemplo, era distribuído em São Paulo. Ver matéria sem título em *Aquilotti d'Italia*, III/18, 15/9/1929.

²³ - O Arquivo Edgar Leuenroth da UNICAMP conserva alguns livros da Biblioteca do *fascio* de Jundiaí, enquanto o de Rio Claro custodia amostra representativa da biblioteca do *fascio* local, onde se destacam as obras sobre a cultura italiana e a fascista e livros de caráter mais ameno, como romances e livros de viagem.

²⁴ - Os problemas chave eram de infraestrutura: tempo insuficiente do filme no Brasil para exibição fora dos grandes centros; número pequeno de projetores nos *fasci* (em 1933, por exemplo, só três *fasci* de São Paulo –

Os *fasci all'estero* do Brasil não se restringiam, porém, à propaganda pura e realizavam um sem número de atividades culturais e recreativas para atrair os italianos, como a formação de bandas musicais²⁵, a realização de excursões para o litoral, onde alguns fasci mantinham colônias de férias²⁶, a criação de “centúrias líricas” para as meninas inscritas na seção juvenil do fascio²⁷, etc.

A ação assistencial também era muito valorizada, com distribuição de cestas de natal, mantimentos e outros artigos aos italianos pobres; consultas médicas gratuitas, subsídios financeiros aos mais necessitados²⁸, etc. No caso de um fascio bastante ativo, como o do Rio de Janeiro, essas atividades podiam chegar a níveis de alguma expressividade:

Visitas médicas gratuitas: 1930: 550
1931: 1250
1932: 1300

Subsídios aos necessitados: 1923: 424 liras
1924: 1.112 liras
1927: 3.200 liras
1931: 30.236 liras

Pessoas atendidas pelo fascio: 1923: 20
1926: 129
1930: 300
1931: 1.200²⁹

Campinas, Santos e São Paulo) – tinham projetores próprios), etc. Ver, entre outras possibilidades, ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottofs. 1 e 2, diversos documentos. Voltaremos ao tópico a seguir.

²⁵ - Ver, para a banda do fascio de Santos, Longhini, Mário. “Dove il lavoro italiano e brasiliano sono alleati” in Il Legionario, VII/35, 30/8/1930.

²⁶ - A do fascios gaúchos ficava em Belém Novo e a dos de São Paulo ficava em Santos. Ver notícia sem título em Il Legionario, XIII/20, 18/5/1935 e “Fascio di San Paolo – Colonia Marini” in Il Legionario, XV/13, 31/3/1937.

²⁷ - “Canto di Primavera al Teatro Casino Antarctica” in L'Italia in Marcia, II/3, dezembro/1937.

²⁸ - O jornal da *Segreteria Generale dei fasci all'estero*, Il Legionario, está repleto de notícias a respeito dessas atividades.

²⁹ - “Le opere assistenziali del fascio a Rio de Janeiro” in Il Legionario, X/42, 15/10/1932.

Essas atividades educacionais, recreativas e assistenciais estavam, porém, carregadas de um conteúdo ideológico evidente. Índícios nesse sentido podem ser encontrados em coisas simples como no fato de que os mantimentos distribuídos pelo fascio vinham em caixas com a bandeira italiana e a marca do fascio littorio ou nas canções de guerra fascistas que os excursionistas dos fasci cantavam quando se dirigiam ao litoral³⁰. Um exemplo perfeito dessa situação, porém, foi a festa de Natal do fascio do Rio de Janeiro em 1928 quando, após a distribuição de presentes e prêmios escolares e a exibição de danças típicas, a cerimônia foi encerrada pela aparição, aos acordes da *Giovinezza*, de uma jovem envolta na bandeira tricolor e com um fascio littorio ao peito³¹, o que mostra como as atividades dos fasci não eram realmente apolíticas.

Isso sem contar, claro, que à parte tais atividades ostensivas, os fasci tinham também funções subterrâneas, nas quais quaisquer sutilezas e disfarces eram abandonadas. De fato, a subordinação dos *fasci all'estero* ao *Ministero degli Affari Esteri* não significou que estes perdessem toda a sua autonomia e nem que não pudessem ser usados para cumprir tarefas como a vigilância e repressão aos antifascistas, a manutenção de contatos com os integralistas, a espionagem, etc.

Determinar exatamente qual foi o nível e o tipo de atividade mantido por cada um dos núcleos do PNF espalhados pelo país é tarefa que requer grandes pesquisas em história regional e que, obviamente, foge das possibilidades desse trabalho. Parece óbvio, porém, que a análise das atividades de cada um dos fasci só pode ser feita a partir da sobreposição das características gerais de suas ações, que acabamos de apresentar, à realidade local.

Mais importante que determinar o grau de difusão dos *fasci all'estero* no país e estabelecer um padrão de suas atividades, porém, é verificar se os contínuos alertas dos antifascistas

³⁰ - AESP/DOPS, Prontuário 10405 ("Osvaldo Scognamiglio"), documento sem data.

³¹ - *Il Legionario*, VI/3, 19/1/1929.

(BERTONHA, 1992 e 1996) e a quase histeria da imprensa brasileira em alguns momentos – ver capítulo 7 – com relação ao perigo representado pelos *fasci all'estero* no Brasil tinha uma base real e se efetivamente esses órgãos conseguiram mobilizar partes expressivas da coletividade italiana.

Tudo indica que os antifascistas tendiam, por razões óbvias, a exagerar as cifras dos filiados aos fasci. Em 1925, por exemplo, um artigo do antifascista Bertho Condè na Folha da Manhã³² alertava a opinião pública sobre o perigo representado por 300 mil militantes fascistas em São Paulo. Um número tão exagerado que os próprios fascistas não puderam deixar de fazer suas ironias:

“Trezentos mil, nada menos que isso! São muito menos, ilustre advogado, creia-me. Se houvessem 300 mil seria uma felicidade para a Itália e, me permita, também para o Brasil, que, além de tudo, teria 300 mil cidadãos disciplinadíssimas e que obedeceriam e observariam cega e fielmente as leis brasileiras”³³

³² - Condè, Bertho. “É prejudicial aos nossos interesses a ação do fascismo” in Folha da Manhã, 20/12/1925.

³³ - Rocchetti, Emidio. “Réplica ao Dr. Bertho Condè” in Folha da Manhã, 21/12/1925.

Os números disponíveis indicam, de fato, uma capacidade extremamente reduzida, por parte dos fascistas, de atrair os italianos para as hostes dos fasci. De fato, frente a imensa consistência da comunidade italiana no Brasil no entre guerras, os números de membros dos fasci são realmente irrisórios.

No final dos anos 20, por exemplo, o fascio de Recife não tinha mais que 100 membros, enquanto o de João Pessoa se reduzia a 34 sócios (ANDRADE, 1992) e o da Bahia a 100 em 1932 (TRENTO, 1989, p. 312 e 1994, p. 252). No centro sul do país, a situação não era melhor, com 130 membros no fascio do Rio de Janeiro em 1924 (RIOS, 1959, pp. 56-57) e 1.100 em 1932 enquanto, no mesmo ano, os fasci de Minas Gerais contavam com apenas 700 sócios, dos quais 170 em Belo Horizonte e 130 em Juiz de Fora (TRENTO, 1989, p. 312 e 1994, p. 252).

No grande centro da coletividade italiana no Brasil, o estado de São Paulo, o número de fascistas ativos também era mínimo: só oito fasci do interior tinham mais de 100 membros em 1932, enquanto a média dos sócios da maioria deles girava em torno de 50 (TRENTO, 1989, p. 312 e 1994, p. 252). Fasci mais bem sucedidos eram os de Santos, onde os sócios passaram de 53 em 1928³⁴ para 350 em 1941 e o de Campinas, onde o número de associados parece ter chegado a 1500 no mesmo ano³⁵. Um número possivelmente exagerado, mas mesmo assim, não muito expressivo frente aos 11.500 e 23.000 italianos e descendentes que viviam, respectivamente, nas duas cidades (PISANI, 1937).

Esse padrão de um número reduzido de fascistas em relação a população italiana local, mas com um aumento de número no decorrer dos anos 30 se repete no tocante ao mais importante dos fasci, o da cidade de São Paulo, sobre o qual, felizmente, dispomos de informações mais seguras.

O fascio "Filippo Corridoni" tinha, depois de um ano de atividades, 400 membros (RIOS, 1959, pp. 56-57). Esse número, possivelmente pelas fortes dissensões internas, caiu para 150 em

³⁴ - Longhini, Mario, citado.

1926, mas atingiu 1.755 em 1928 (mas com somente 1.115 em dia com os pagamentos) e um número um pouco maior em meados da década de 30 (PISANI, 1937).

No início dos anos 40, o material apreendido pelo DOPS de São Paulo³⁶ e a espionagem do Consulado britânico³⁷ indicavam cerca de 3.000 a 3.500 sócios (sendo cerca de 1.400 presentes nas seções de bairro do Brás, Bela Vista e Ipiranga), aos quais deveriam ser adicionados cerca de 2.300 membros da *Gioventù Italiana del Littorio all'estero*. Esses números parecem incluir, porém, também os omissos, pois as fontes indicam apenas 600 ou 700 contribuintes ativos e que haviam retirado a carteirinha em 1940 e o número de 30 italianos como voluntários para serem esquadristas. A numeração serial dos registros chega a 18.000 em 1940, o que indica possivelmente o número total de italianos que se credenciaram como membros do fascio paulistano nos seus 20 anos de existência, o que é, sem dúvida, um número irrisório frente às centenas de milhares de italianos e descendentes presentes na cidade.

Não é a toa, assim, que os relatórios de Giovanni Giuriati e sua equipe, em visita ao Brasil em 1924, tenham sido bastante críticos em relação à paralisia e inoperância dos fasci de São Paulo e do Rio de Janeiro³⁸ e que Filippo Peviani, escrevendo a D. Luigi Sturzo em 1925, considerasse o fascio de São Paulo como **“mera reunião de três ou quatro deslocados que procuram levar vantagem em seus negócios através de lisonjas ao Duce”**³⁹.

Do mesmo modo, não é possível discordar do serviço de inteligência dos Estados Unidos que, no início da década de 40, registrava como

³⁵ - PRO, FO 128/393, relatório Consulado britânico de São Paulo, 18/1/1941, anexo 1 - “The Fascist Organization in the State of São Paulo”.

³⁶ - AESP/DOPS, Prontuário 27804 (“Fascio de São Paulo – Lista de contribuintes”) e Seção Manuscritos, Caixa 1, Ordem 725, Acervo do delegado do DOPS Tavares da Cunha, pedido 19.

³⁷ - Ver nota 36.

³⁸ - ACS/Archivio Cornelio di Marzio, Scatola 47, cartas de Emidio Rocchetti a Bastianini, 2 e 4/6/1924.

³⁹ - Archivio Luigi Sturzo, Arquivo Correspondência, f BP, 299, c. 33, carta de Filippo Peviani a D. Luigi Sturzo, São Paulo, 15/4/1925.

“Os vários clubes patrocinados pelos fascistas nunca foram muito grandes e, aparentemente, nunca atraíram a simpatia de mais do que uma muito pequena fração das pessoas que eram elegíveis para pertencer aos mesmos. Além disso, as vantagens materiais de ser um membro dessas organizações atraíram algumas pessoas que não eram ideologicamente simpáticas. Os órgãos antifascistas tiveram, evidentemente, um apoio ainda menor.”⁴⁰

Se levarmos em conta que muitos desses inscritos só haviam entrado no fascio para evitar problemas com o Consulado⁴¹ ou pelas atividades de socialização, como jantares e recepções⁴², o grau de adeptos convictos ao fascismo em São Paulo parece realmente irrisório. Um número maior de italianos era atingido, porém, pelas atividades dos fasci não destinadas apenas a seus membros, mas abertas a todos os italianos (com a exceção óbvia dos antifascistas) locais como exibição de peças teatrais, de filmes⁴³, etc. A mesma técnica era utilizada por outro órgão de difusão do fascismo nas coletividades italianas e que teve mais sucesso entre os italianos, o *Dopolavoro*, que começaremos a estudar logo após a fundamental discussão do porquê do número de italianos que aderiram ao fascismo ter sido tão reduzido.

Essa situação de pouco desenvolvimento dos fasci em termos reais (e não apenas em crescimento numérico dos núcleos) se deve a diversos fatores. Em primeiro lugar, o relativo desconhecimento sobre o fascismo entre os italianos de São Paulo na década de 20 diminuía o público que poderia aderir aos fasci. Em segundo, deve-se ressaltar a imensa incompetência e ausência de tato dos fascistas ao tentarem implantar os fasci na vida comunitária dos italianos locais.

⁴⁰ - NACP/Office of the Intelligence Research, Division of Research for the American Republics, RG 59, 250/46/9/3-5, Entry 451B, Box 13, relatório “The United States and Italians in Latin America”, p. 168.

⁴¹ - Ver casos registrados em diversas pastas do AESP/DOPS e em HECKER (1988, p. 196).

⁴² - Ver o irritado comentário de um fascista a respeito em *Il Pasquino Coloniale*, 12/1/1929.

⁴³ - ACS/MinCul Pop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 1933, diversas pastas e documentos.

De fato, apesar da enorme esperança, entre alguns observadores fascistas (SALA, 1925, pp. 240-246), que os fasci iriam servir para congregar os italianos e tutelá-los em nome da Pátria, a sua implantação em território brasileiro foi um processo bastante difícil e coberto de dificuldades e problemas.

Antes de mais nada, os fascistas não só não conseguiram congregar a coletividade em torno dos ideais fascistas e da italianidade como se envolveram em boa parte dos conflitos que permeavam a vida associativa italiana de São Paulo desde o século XIX. Com isso, encontramos o fascio envolvido, já em 1927, nas polêmicas entre Matarazzo e Crespi⁴⁴, sendo o mesmo acusado, inclusive, de estar subordinado aos objetivos pessoais dos líderes fascistas locais e dos industriais e não aos interesses maiores do fascismo e da colônia⁴⁵.

Os fascistas não só não conseguiram, assim, se tornarem os órgãos de coesão da colônia, como acabaram ampliando as discórdias internas a tal ponto que o relatório da missão Giuriati chegava a afirmar que **“eles constituem apenas uma sociedade colonial a mais que, muito frequentemente, aumenta a desagregação de nossa coletividade”** (TOSCANO, 1980, p. 238).

Boa parte dessa incapacidade fascista veio do péssimo material humano que, em geral, foi usado na implantação dos núcleos. De fato, sendo agressivos a um nível tal que pareciam estar ainda nas lutas esquadristas contra a esquerda na Itália⁴⁶, arrogantes a ponto de atacarem, inicialmente, até os ricos da colônia⁴⁷ e incompetentes e corruptos em grande maioria⁴⁸, não era a toa que foram incapazes de cativar a colônia⁴⁹.

⁴⁴ - ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1638, relatório do Consulado de São Paulo de 13/7/1927.

⁴⁵ - ASMAE/MinCulPop, b. 30, relatório Consulado de São Paulo de 15/2/1925 e carta da direção do Il Piccolo à Mussolini, 11/5/1925.

⁴⁶ - Ver, por exemplo, a carta que Rocchetti divulgou em 1923 praticamente ameaçando os que não haviam se inscrito no fascio de São Paulo em RIOS (1959, p. 56).

⁴⁷ - Ver o discurso de Giuseppe Mastromattei questionando o patriotismo e a dignidade dos “graúdos” em ASMAE/Archivio Gabinetto 1923-1943, Parte Prima 1923-1929, Série I, b. GM153, p. “Brasile”, Memorial de Nunzio Greco, São Paulo, 2/3/1925. A possibilidade desses ataques iniciais aos ricos da colônia serem

Essa incapacidade era amplificada, além disso, pelo fato da maioria dos imigrantes (e, especialmente, os chegados a longa data) se irritarem com a intromissão dos fasci em suas vidas e se assustarem com a possibilidade de conflitos e problemas com os brasileiros⁵⁰ ou não conseguirem compreender os objetivos dos fasci. Ou como se expressava, ainda em 1935, o vice cônsul italiano em Santa Catarina, Guido Zecchin:

“Na prática, esses fasci não existem. Foram fundados por pessoas animadas por elogiáveis sentimentos de italianidade e por ótimas intenções. Conseguiram facilmente um número notável de inscrições. Mas nunca funcionaram. Os compatriotas nunca compreenderam que funções o fascio deveria ter. Se se tratava – era, em particular, o caso dos velhos – de se reunir para afirmar seus sentimentos de italianidade, muitos estavam prontos para fazê-lo. Mas, e depois? O que podia o fascio fazer, além dessas manifestações de caráter exclusivamente platônico?”⁵¹

Dado esse conjunto de fatores, não é difícil entender, assim, as observações negativas da própria polícia política fascista⁵² e o caráter decididamente crítico com que Domenico Bartolotti, viajante fascista, vai tratar do tema dos fasci brasileiros em dois de seus livros sobre o

também uma tentativa de atrair os trabalhadores a partir da manutenção de um discurso revolucionário fascista não deve, aliás, ser descartada.

⁴⁸ - Como os jornais antifascistas e os fascistas dissidentes não paravam de acusar. Vide, por exemplo, “Nella Pattumiera” in *La Difesa*, IV/181, 4/9/1927; “Ritorniamo a Bomba” in *Il Moscone*, V/201, 11/5/1929 e ACS/Archivio Cornelio di Marzio, Scatola 47, cartas de Emidio Rocchetti a Bastianini, 2 e 4/6/1924.

⁴⁹ - Onde esse material humano era de maior qualidade, os resultados parecem ter sido melhores. Ver o caso de Campinas, onde o fascio tinha uma boa quantidade de membros e era, aparentemente, bem dirigido por um certo capitão Masina em ACS/Archivio Cornelio di Marzio, Scatola 48, relatório “Note sul mio viaggio nell’America Latina quale inviato della segreteria dei fasci all’estero e della presidenza dell’associazione nazionale combattenti” de dezembro de 1927.

⁵⁰ - Ver carta nesse sentido de Pincho Machiè em “Il Coloniale che protesta” in *Il Pasquino Coloniale*, 12/1/1929.

⁵¹ - Relatório de 31/5/1935 ao MinCulPop, citado em TRENTO (1989, p. 313).

⁵² - Ver ACS/Min Int, DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 21, f. “San Paolo (Brasile) – Fuorusciti e antifascisti”, relatórios da Embaixada italiana de 29/10/1927 e da Polizia Politica de 29/9/1927, onde se diz que a falta de tato e o comportamento dos líderes dos fasci all’estero no Brasil acabariam esvaziando os mesmos.

Brasil (BARTOLOTTI, 1926, pp. 97-108 e 1928, pp. 111-116). Neles, de fato, Bartolotti vai comentar como o fascio de São Paulo foi extremamente mal organizado e, dirigido por um ex-esquadrista (Rocchetti) arrogante e cheio de disputas internas, fracassou a tal ponto que chegou a abalar o prestígio fascista na cidade⁵³, o que indicava a absoluta necessidade de mudanças nos mesmos.

Aparentemente, tais mudanças não ocorreram (apesar de alguma melhora na infraestrutura dos fasci) mesmo quando o consenso fascista nas comunidades ítalo-brasileiras cresceu no decorrer dos anos 30. De fato, continuamos a localizar, na documentação dessa época, as referências a fascios existentes apenas no papel ou pouco atuantes, à disputas internas nos fasci⁵⁴, à resistência do grosso dos italianos em se filiar a eles e correr o risco de atrair a ira dos nacionalistas brasileiros (TRENTO, 1989, p. 213), etc.

Também o material humano não parece ter melhorado muito. Nesse sentido, o caso de Emilio Santi é muito expressivo. Nomeado em 1934 para inspetor dos *fasci all'estero* no Brasil, foi acusado, pela própria Embaixada italiana, de arrogância e profunda incompetência, não conseguindo aumentar o número de inscritos no fascio paulistano e nem estimular “os inúmeros fasci decadentes e abandonados do interior do estado” e tendo que ser, por isso, exonerado em 1936⁵⁵.

Não é difícil entender, assim, o fracasso dos *fasci all'estero* no Brasil. Mais bem sucedidos foram os *Dopolavoro*.

⁵³ - Houve mesmo casos de pessoas que apoiavam totalmente o fascismo e Mussolini, mas procuravam manter distância dos hierarcas fascistas de São Paulo. Ver “Ritorniamo a Bomba” in Il Moscone, V/201, 11/5/1929.

⁵⁴ - Ainda em 1936, por exemplo, houve conflitos entre o *Circolo Italiano* de Campinas e o cônsul italiano dentro do fascio da cidade. Ver BRITO (1969, p. 194).

⁵⁵ - ASMAE/MinCulPop, b. 491, p. “Santi, Emilio”, relatório reservado da Embaixada italiana de 2/11/1936.

Os Dopolavoro

Assim como aconteceu com os *fasci all'estero*, a rede dos *Dopolavoro* foi sendo progressivamente estendida no país pelo governo fascista. A grande diferença com relação aos *fasci all'estero* foi que eles começaram a ser introduzidos mais tarde (fins da década de 20, início da de 30) e que sua difusão foi mais restrita.

De fato, a resistência dos imigrantes à concorrência que as seções da *Opera Nazionale Dopolavoro* (OND) representavam com relação às associações tradicionais de lazer e ajuda mútua só foi superada pelos representantes fascistas no final da década de 20 (TRENTO, 1989, pp. 340-341), com a inauguração dos *Dopolavoro* do Rio (1929) e de São Paulo (1931). Este núcleo inicial se desdobrou em dezenove no final dos anos 30, dos quais doze em São Paulo (PISANI, 1937 e GUERRINI, 1994 e 1995). É possível, porém, que esse número possa ser maior, pois ainda em 1939, o DOPS registrava a criação de novas células⁵⁶.

Esse aumento do número de seções do *Dopolavoro* justamente quando as leis de 1938 – que proibiam a atividade política estrangeira no país – entraram em vigor e os *fasci all'estero* tiveram que reduzir as suas atividades e se camuflar não é, certamente, casual. De fato, dada a nova situação política, os fascistas procuraram ampliar a rede dos *Dopolavoro* para poderem escapar, a partir do seu suposto caráter “apolítico”, das novas leis e manter as atividades fascistas. Essa situação era percebida claramente na época tanto pelos agentes fascistas⁵⁷ como pela polícia⁵⁸, mas foi tolerada pelas autoridades brasileiras, por diversas razões⁵⁹, até o período da II Guerra Mundial.

⁵⁶ - AESP/DOPS, Prontuário 29293 (“Organização Nacional Desportiva – Opera Nazionale Dopolavoro”).

⁵⁷ - Ver o discurso do tenente Renato Bifano de 9/4/1938 numa reunião do *Dopolavoro* de São Paulo, quando ele apresenta a OND como o novo organismo fascista para difundir a ideologia do regime entre brasileiros e italianos em AESP/DOPS, Prontuário 77882 (“Renato Bifano”), relatório de 10/4/1938. Ver também relatório do Embaixador britânico ressaltando a importância da rede dos *Dopolavoro* para espalhar propaganda para brasileiros e italianos na difícil época da II Guerra em PRO, FO 371/25800, A6989, relatório “Enemy Propaganda in Brazil” de 11/7/1941.

Descrever as atividades e os objetivos dos *Dopolavoro* brasileiros é tarefa simples, pois tais atividades seguiam, grosso modo, o mesmo padrão geral de atividades dos *Dopolavoro all'estero* (e, especialmente, dos latinoamericanos, apresentado no capítulo I.)

Nesse sentido, percebe-se que o objetivo chave dos *Dopolavoro* no Brasil era impedir a absorção completa dos italianos na sociedade brasileira, de forma que estes pudessem servir para a promoção dos interesses italianos no país. Nesse esforço, as atividades dos *Dopolavoro* se centraram na assistência social e na difusão do esporte e da cultura, no que eram apoiados, como veremos depois, pelos *fasci all'estero*, pela rede consular e outras associações sob o controle fascista.

No que se refere à assistência social, os *Dopolavoro* apoiavam os imigrantes em dificuldades com subsídios, cursos de profissionalização, etc. Era, entretanto, na promoção do esporte e do lazer que os *Dopolavoro* se destacavam, com a criação de times de futebol, basquete e vôlei, à promoção de competições atléticas e à formação de equipes de ginástica (que eram, aliás, muito úteis nas grandes coreografias fascistas⁶⁰), etc. Em alguns *Dopolavoro*, se chegava à sofisticação ainda maior, com a criação de equipes de luta livre⁶¹, de pingue pongue⁶², etc.

Junto com essas atividades esportivas para adultos e crianças, muito esforço era destinado ao lazer e ao tempo livre, com a manutenção de bibliotecas e salas de leitura nas sedes dos *Dopolavoro*, passeios de bicicleta pelas ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro, etc. Nesse aspecto, aliás, um cuidado especial era tomado através da criação de colônias de férias dos *Dopolavoro* para os adultos e, especialmente, para as crianças.

⁵⁸ - Ver os registros policiais brasileiros em AESP/DOPS, Prontuário 29293 ("Organização Nacional Desportiva – Opera Nazionale Dopolavoro"). Ver também GUERRINI (1994 e 1995, pp. 530-532).

⁵⁹ - Ver capítulo 7.

⁶⁰ - Como ocorreu, por exemplo, nas grandes manifestações fascistas de 25/5/1936 no Rio de Janeiro, onde vinte mil pessoas foram assistir a coreografia fascista ensaiada pelos ginastas do Dopolavoro. Ver GUERRINI (1995, p. 528).

⁶¹ - Foi o caso do Dopolavoro de Belo Horizonte. Ver *II Legionário*, 29/9/1937.

⁶² - No Dopolavoro de Barretos. Ver *II Legionário*, 2/12/1933.

Como visto anteriormente, essas colônias de férias eram um instrumento muito eficaz do fascismo para manter a italianidade dos italianos e seus filhos no exterior. A distância que separava o Brasil da Itália não impedia que grupos de filhos de italianos nascidos no Brasil fossem enviados para as colônias de férias que o regime mantinha na Itália⁶³, mas era um recurso raramente utilizado e que era preterido em favor das colônias de férias locais, mantidas e utilizadas em conjunto pelos *fasci all'estero*, *Dopolavoro* e escolas italianas e que causavam imensa impressão em seus frequentadores⁶⁴.

A atividade cultural também era chave para manter os italianos ligados à Itália. Nas sedes do *Dopolavoro*, eram comemoradas as grandes festas fascistas e italianas; promovidos bailes, festas e almoços de confraternização, recitais, peças teatrais⁶⁵, exibições de grupos de corais e de filmes fascistas e de entretenimento⁶⁶, etc. Uma busca nas páginas do jornal dos *fasci all'estero*, *Il Legionário*, e em jornais diários das coletividades italo-brasileiras (como o *Fanfulla*, em São Paulo), permitiria reconstruir sem dificuldade uma boa parte das atividades promovidas pelos *Dopolavoro* no país, as quais foram, realmente substanciais.

Como já explicitado, parece evidente que as atividades dopolavoristas (seja em geral, seja no caso específico das seções atuantes no Brasil) dificilmente podiam ser consideradas realmente

⁶³ - Em 1937, por exemplo, um grupo de 150 italo-brasileiros de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre partiu para as colônias de férias na Itália, enquanto outro grupo seguiu em 1938. Ver AHI, Ofícios de Roma, 41/4/43, maio/setembro de 1938, Informe Embaixada brasileira em Roma, 16/8/1938 e Notas da Embaixada italiana para o Itamaraty, 85/4/7, agosto/1935 a 1937, Memorando de 9/6/1937.

⁶⁴ - Ver "La prima gita a Santos dell'OND - Sezione del Braz" in *L'Italia in Marcia*, 3, dezembro/1937 e o depoimento de Cezira Curty (Campinas, 18/5/1992), onde a depoente - que frequentou a colônia de férias de Santos - se recordou vivamente dos horários rígidos, dos uniformes e filas em estilo militar, dos passeios e gritos de guerra, etc.

⁶⁵ - Em 1940, por exemplo, a seção filodramática do *Dopolavoro* de São Paulo estava apresentando as seguintes comédias: "Addio Giovinezza", "Tristi Amori", etc. Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottot. "Brasile - 1940", relatório Embaixada italiana de 15/4/1940.

⁶⁶ - Havia, normalmente, uma combinação de cinejornais italianos e de filmes mais politizados com outros mais ou menos neutros. Em 1940, por exemplo, o *Dopolavoro* de São Paulo exibia cinejornais italianos e alemães e comédias leves. Ver AESP/DOPS, , Prontuário 29293 ("Organização Nacional Desportiva - Opera Nazionale Dopolavoro"), relatório de 20/6/1940.

apolíticas, pois a ideologia e a mística fascista perpassavam todas as suas atividades⁶⁷. Ainda assim, era um estilo de propaganda muito mais suave que o dos *fasci all'estero*, tanto que a própria política política brasileira tinha dúvidas, às vezes, se os membros dos *Dopolavoro* eram realmente perigosos⁶⁸ e que declarações como a de Guido Caloi (que só teria entrado no *Dopolavoro* de São Paulo por sua paixão pelo ciclismo⁶⁹) podem refletir algo mais que a simples necessidade de responder à perseguição policial.

De qualquer forma, as estatísticas mostram como a maior sutileza da propaganda dos *Dopolavoro* e a efetiva atração que suas atividades exerciam resultou em um maior número de aderentes em relação aos *fasci all'estero*. A seção do Rio de Janeiro, por exemplo, contava com mil membros em 1938, enquanto a de São Paulo passou de 1.500 sócios em 1931 para 2.800 em 1932, 5.437 em 1934 e 7.000 em 1935⁷⁰. Há indícios que esse número declinou um pouco a partir de 1938 devido as novas leis brasileiras⁷¹, mas fica claro como os *Dopolavoro* eram mais populares que os *fasci all'estero* e que mais pessoas eram atingidas através deles que através da propaganda direta (TRENTO, 1989 e GUERRINI, 1994).

Nem os *fasci all'estero* nem os *Dopolavoro* tinham autonomia, porém, para decidir suas políticas de propaganda locais, pois eram subordinados àqueles que eram os verdadeiros órgãos de coordenação das atividades italianas no Brasil, sejam elas de espionagem, de vigilância dos

⁶⁷ - Em alguns momentos, aliás, a capa apolítica dos *Dopolavoro* cedeu lugar à manifestações fascistas mais explícitas. Isso ocorria, por exemplo, quando o *Dopolavoro* fornecia a "massa" necessária para as comemorações fascistas ou quando os dirigentes do *Dopolavoro* atacavam a democracia em suas cerimônias e faziam visitas a navios de guerra italianos refugiados no porto de Santos. Ver AESP/DOPS, Prontuário 29293 ("Organização Nacional Desportiva – Opera Nazionale *Dopolavoro*"), diversos documentos.

⁶⁸ - Idem, relatório de 2/3/1943.

⁶⁹ - AESP/DOPS, Prontuário 14591 ("Guido Caloi").

⁷⁰ - Ver TRENTO (1989, p. 341) e "Un'intervista mancata col Comm. Alberto Ferrabino" in *Il Moscone*, julho 1935.

⁷¹ - Ver AESP/DOPS, Prontuário 29293 ("Organização Nacional Desportiva – Opera Nazionale *Dopolavoro*") e ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 8, p. "Pellicole di propaganda – 1940", carta do Consulado italiano de São Paulo, 27/3/1940.

antifascistas ou de propaganda dirigida tanto a italianos como a brasileiros: os consulados e a rede diplomática italiana instalados no país, a respeito da qual convém fazer um exame mais detalhado.

A rede consular

A primeira observação a fazer é sobre o imenso desenvolvimento que a rede consular italiana sofreu no Brasil no entre guerras. De fato, a rede consular sofreu um aumento espetacular (especialmente com relação às localidades menores e mais isoladas) e passou a atingir de forma capilar recantos onde até então a presença dos órgãos diplomáticos italianos era desconhecida, como pode demonstrar a tabela abaixo.

	1904	1929	1939
Embaixada	1	1	1
Consulados	9	8	8
Vice Consulados	5	3	5
Agências Consulares	23	48	63 ⁷²

O grosso dessa rede estava, obviamente, no estado de São Paulo, onde havia, em 1937, um Consulado em São Paulo, 4 Vice Consulados (Bauru, Campinas, Ribeirão Preto e Santos), 17 Agências Consulares e nada menos que 170 correspondentes consulares (PISANI, 1937, p. 1237) e

⁷² - Os dados vem de TRENTO (1989, p. 164); MALESANI (1929, p. 45) e NACP/General Records of Latin American Branch, RG 165, 390/17-18/5-1, Entry 188, Box 980, relatório "Pre War Axis Diplomats in Latin America").

sua expansão (injustificável para os padrões normais da diplomacia, segundo os órgãos de inteligência americanos⁷³) só pode ser compreendida dentro dos objetivos fascistas de maior controle e tutela dos italianos emigrados no Brasil.

A rede consular não foi modificada, porém, apenas no nível quantitativo. Também em termos qualitativos, foi feito um grande esforço (e com razoável sucesso) para que os consulados superassem o seu antigo desleixo e desprezo aos imigrantes pobres (TRENTO, 1989, pp. 164-165) em favor de uma presença mais ativa na sua tutela, o que teve repercussões positivas óbvias entre os imigrantes, especialmente os da zona rural⁷⁴.

Ampliar a rede consular e aperfeiçoá-la não bastava, porém, para os interesses do fascismo. Era mister garantir também a sua fascistização, de forma que ela pudesse cumprir seu papel de coordenadora e promotora das atividades fascistas.

Seria exagero dizer que o corpo diplomático italiano presente no Brasil na primeira metade da década de 20 não apoiasse o fascismo, como os exemplos e as falas dos Embaixadores Montagna e Attolico podem comprovar (TRENTO, 1994, pp. 256-257). Ainda assim, há indícios de que homens como, por exemplo, o cônsul italiano em São Paulo de 1924 a 1928, Giovanni Dolfini, eram, senão antifascistas, com certeza afascistas⁷⁵, procurando, no máximo, coexistir com os fascistas:

“Inútil dizer que o cônsul tem todo o cuidado para viver em harmonia com os fascistas; é fascista por razões de cargo e continua a ser um dos mais furiosos blasfemadores conhecidos, apesar de tentar dominar-se em vista da nova lei fascista sobre a blasfêmia”⁷⁶

⁷³ - Idem.

⁷⁴ - Ver, por exemplo, a efusiva recepção dos colonos italianos do interior de São Paulo às visitas do cônsul Serafino Mazzolini no final da década de 20. Estes colonos não escondiam, de fato, sua satisfação por terem sido finalmente lembrados pelo consulado italiano. Ver SARFATTI (1931, p. 454) e “Da squadrista a giornalista di un maceratese” in Il Risorgimento, 15/16, 16/8/1928.

⁷⁵ - Ragognetti, Vincenzo. “Perchè il fascismo è mal visto in Brasile” in Il Moscone, V/218, 21/9/1929.

⁷⁶ - Fondazione Luigi Sturzo/Archivio Luigi Sturzo, Arquivo de Correspondência, f. BP 301, c 122, carta de Filippo Peviani a Luigi Sturzo, São Paulo, 4/6/1926.

Essa situação, que, obviamente, não agradava aos fascistas⁷⁷, se modificou radicalmente com a fascistização do corpo diplomático italiano e a chegada dos “cônsules fascistas” ao país a partir de 1928: Serafino Mazzolini (São Paulo), Ludovico Censi (Rio de Janeiro), Manfredo Chiostrì (Porto Alegre), Giuseppe Mammarella (Curitiba), etc. Outros eram menos conhecidos e até recrutados localmente, como o vice cônsul de Ribeirão Preto, Giorgio Tiberi, possuidor da medalha de ouro fascista da Marcha sobre Roma; o Vice cônsul de Campinas e secretário do fascio local Giovanni Moscati; o cônsul de São Paulo entre 1932 e 1935, Gaetano Vecchiotti, acusado de ser agente da polícia política fascista, a OVRA e vários outros (TRENTO, 1989, p. 315).

A grande figura entre esses diplomatas fascistas foi, porém, a do cônsul de São Paulo, Serafino Mazzolini. Nascido em 1890, Mazzolini era veterano da Primeira Guerra Mundial e da Marcha sobre Roma. Deputado no Parlamento e secretário do PNF na década de 20, foi nomeado cônsul em São Paulo em 1928, onde permaneceu até 1932, quando foi transferido para Montevidéu e depois para o Cairo. Aderiu à República de Salò em 1943, tornando-se subsecretário de Relações Exteriores. Faleceu de coma diabético em 1945⁷⁸.

Sendo ou não conhecidos, estes homens foram de importância fundamental para a consolidação da rede de propaganda fascista no país, intensificando a repressão aos antifascistas, avançando com decisão na tarefa de conquistar escolas, associações e jornais para o regime, etc. A importância desses homens para o desenvolvimento do fascismo no Brasil era reconhecida até pelos antifascistas (FROLA, 1938, pp. 65-70) e pelos órgãos diplomáticos americanos, que chegavam a

⁷⁷ - Os antifascistas chegaram a escrever que o Embaixador Attolico, fascista convicto e que assumiu a Embaixada em 1927, teve que ser discreto no seu primeiro ano no país, pois o grosso do corpo diplomático italiano no Brasil era afascista, o que só começaria a mudar daí para a frente. Ver “La visita e i discorsi dell’Ambasciatore fascista” in *Il Risorgimento*, 8, 16/4/1928.

⁷⁸ - Ver TRENTO (1989, p. 316). Ver também uma coletânea de seus discursos em MAZZOLINI (1928).

identificar os “cônsules fascistas” com energia e defesa da idéia fascista e os velhos diplomatas de carreira com inércia e refluxo da mesma⁷⁹.

À parte os efeitos da chegada desses homens em termos de promoção dos *fasci all'estero* e *Dopolavoro* (TRENTO, 1989, p. 317), da conquista das associações e jornais italianos em várias localidades do Brasil e na própria coesão dessas comunidades em torno do fascismo (temas a serem abordados a seguir), parece evidente o poderoso instrumento que era a rede consular na difusão do fascismo entre os italianos (e, posteriormente, também entre os brasileiros). De fato, os órgãos diplomáticos tinham os recursos e a imunidade para subornar pessoas e órgãos para garantir os interesses do fascismo⁸⁰ e podiam deixar extremamente difícil a vida dos que se recusassem a aderir. Mais que isso, o fato dos cônsules e demais diplomatas serem os representantes oficiais da Itália no Brasil facilitava enormemente os contatos (e os pedidos de ajuda e repressão contra os antifascistas) com o governo brasileiro e também a manutenção da equação “Itália = Fascismo”, a qual o regime procurou conservar com cuidado (com êxito e com um retorno evidente, como veremos, em termos de apoio ao fascismo e recusa do antifascismo entre os imigrantes – BERTONHA, 1992 e 1996) em seus anos de ação no Brasil.

O processo de conquista da coletividade italiana de São Paulo e do Brasil como um todo não compreendeu, porém, apenas a ampliação e conversão da rede consular e a difusão da rede de *fasci all'estero* e *Dopolavoro*. De fato, também era fundamental submeter às ordens de Roma os velhos órgãos da vida associativa italiana local, como os jornais, as escolas e as associações, sendo que a descrição desse processo merece um cuidado especial e um mínimo de detalhamento.

Antes, porém, é conveniente fazer um breve parêntese para mencionar algumas novidades trazidas pelo fascismo à vida e à rotina dos italianos de São Paulo no entre guerras e que marcaram profundamente tanto essa rotina como as recordações das pessoas que viveram aquele momento.

⁷⁹ - ADA, rolo 4/380, código 832,00F, relatório “Italian Activities in Brazil” de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 72-76.

Estamos nos referindo aos modernos meios de comunicação de massa (rádio e cinema) e às coreografias e grandes manifestações fascistas, introduzidos pela primeira vez na vida comunitária dos italianos de São Paulo.

As grandes manifestações

Já é um senso comum o fato dos movimentos totalitários – e os fascismos em particular – dedicarem um cuidado especial às grandes manifestações de massa e à uma coreografia particular, com vistas a legitimizar simbolicamente sua visão de sociedade e seu sistema de poder⁸¹. No caso da ação fascista em São Paulo, não foi diferente.

De fato, todas as grandes datas do calendário fascista e italiano eram efusivamente comemoradas nas sedes dos *fasci all'estero*, dos *Dopolavoro*, dos consulados, das associações, etc e uma profusão de camisas negras, desfiles, saudações, cantos de guerra como a “Giovinezza” estavam sempre presentes, como vários exemplos retirados da documentação de época⁸² e a iconografia do período podem demonstrar.

Na realidade, todas as oportunidades eram aproveitadas para a difusão da ritualística fascista em São Paulo. Isso ocorria em atividades aparentemente inocentes como, por exemplos,

⁸⁰ - Ver observação nesse sentido em PRO, FO 371/14207, A3079, relatório da Embaixada britânica de 10/4/1930, p. 17.

⁸¹ - Ver informações e bibliografia complementar em BERTONHA (1992^a e 1993).

⁸² - Ver, apenas a título de exemplo, a descrição da grande reunião fascista na sede do *Palestra Itália* em 1936 para comemorar o ano XV do fascismo em *L'Italia in Marcia*, I, 1, 18/11/1936 e uma outra reunião, realizada no mesmo local poucos meses antes para celebrar a “Leva fascista anno XIV” e que reuniu 25.000 pessoas em “La leva fascista a XIV celebrata a San Paolo davanti a 25.000 italiani” in *Il Legionario*, XIV, 20, 20/7/1936.

bailes e jogos de futebol⁸³ e também em inaugurações como a do monumento aos “heróis do Atlântico”, inaugurado em São Paulo em 21 de agosto de 1929, com a presença de marinheiros italianos, autoridades brasileiras e italianas e uma massa calculada em 10 mil assistentes (MARANHÃO, 1986).

As visitas de nomes expressivos do governo italiano ou do PNF a São Paulo também davam vez a imensas manifestações de massa. Isso ocorreu, por exemplo, na viagem de Piero Parini ao Brasil em 1932, na de Marconi a São Paulo em 1936 ou na da filha do Duce, Edda Ciano, ao Rio de Janeiro em 1939. Um momento especial, porém, foi a visita do importante gerarca fascista Luigi Federzoni a São Paulo em 1937, a qual foi estopim para grandes manifestações fascistas na cidade.

De fato, a descrição da recepção a Federzoni no Estádio do *Palestra Itália* é realmente impressionante: grandes estandartes com as cores brasileiras e italianas desde do portão de entrada até o campo; quatro fasci littorio e bandeiras dos dois países de 12 metros de altura no centro do gramado; um grande retrato do Duce em divisa de Caporale d’Onore della Milizia; grande desfile dos *fasci all'estero*, associações e escolas de todo o Estado, evoluções artísticas dos ginastas do *Dopolavoro*, a “Giovinezza” cantada em coro, etc⁸⁴. Um observador desavizado certamente acreditaria estar em Roma ou Firenze e não na América do Sul.

Nessa manifestação, os fascistas calcularam a presença de 50 mil pessoas⁸⁵. Um número talvez exagerado, mas é uma realidade que, como se pode observar pelas fotos de época, grandes multidões eram atraídas para esse tipo de manifestação, o que revela como a capacidade de atração do fascismo italiano em São Paulo não se resumia apenas aos italianos efetivamente filiados aos *fasci all'estero* e aos *Dopolavoros*.

⁸³ - Ver a crítica antifascista a uma série de partidas de futebol promovida pelos consulados italianos em São Paulo e Rio de Janeiro com um time de Bologna e que envolviam manifestações da simbologia fascista em “Fronte Único” in *Il Risorgimento*, II/56, 1/8/1929.

⁸⁴ - “La vibrante manifestazione allo Stadio del Palestra Italia” in *Giovinezza*, I, 16, 7/8/1937. Outras grandes manifestações por ocasião da visita de Federzoni ocorreram na sede do *Dopolavoro* do Brás, com hinos, “alalás” ao Duce e ao Rei, saudações à bandeira italiana por crianças ítalo-brasileiras, etc. Ver *L’Italia* in *Marcia*, II, 3, dez/1937.

Essa mesma situação fica evidente quando examinamos uma novidade implantada pela máquina de propaganda fascista e que exercia enorme efeito entre os italianos de São Paulo e de todo o país: as visitas navais e, especialmente, aéreas italianas.

As visitas de navios de guerra italianos (como, por exemplo, os cruzadores “Italia” em 1924, “Trento” em 1930 e “Duca d’Aosta” e “Eugenio di Savoia” em 1938) eram realmente momentos ímpares para os italianos locais serem atingidos pela nova imagem de potência da Itália e, na imprensa da época, são numerosos os registros sobre a grandiosa recepção prestada pelos italianos das localidades visitadas pelas belonaves italianas, sendo a tripulação desses navios, aliás, um reforço especial para a criação da massa necessária ao cerimonial fascista.

A maior mobilização das colônias italianas ocorria, porém, quando das grandes expedições aéreas italianas com destino ao Brasil. Tais expedições não eram uma exclusividade do Brasil e nem da Itália fascista. Eram, porém, de imensa importância por representarem não só a nova força e o novo poder da Itália como também a recuperação dos laços desta com os seus emigrantes.

A primeira dessas “crociere aeree” ocorreu, após uma tentativa frustrada em 1925, em 1927, quando Francesco de Pinedo atravessou o oceano para uma visita ao Brasil. O vôo causou imensa mobilização popular em São Paulo⁸⁵ e até um monumento foi erguido em homenagem a eles pela colônia italiana, o qual recebeu inclusive uma coluna romana enviada da Itália diretamente por Mussolini (MARANHÃO, 1986).

Um ano depois, em 1928, temos a viagem de Arturo Ferrarin e Carlo del Prete, que fizeram um vôo solitário entre Roma e o Rio de Janeiro. O sucesso do vôo causou grande contentamento entre os italianos, assim como foi imensa a emoção suscitada (entre os italianos e também entre os brasileiros) pela morte de Del Prete em um acidente ainda durante a sua estadia no Brasil⁸⁷. A

⁸⁵ - “Luigi Federzoni tra gli italiani di San Paolo” in Il Legionario, XV, 42, 20/10/1937.

⁸⁶ - Ver as edições de A Platea de fins de fevereiro e março de 1927.

⁸⁷ - Para um bom relato factual de todo o “raid” Del Prete e sua morte, ver A Platea, edições de julho a setembro/1928.

viagem de uma esquadrilha aérea comandada por Bruno Mussolini em 1938 também foi muito comentada e discutida⁸⁸.

A “crociera” de maior sucesso, porém, foi aquela de 1931. Nessa, uma esquadrilha de catorze hidroaviões comandada por ninguém menos que Ítalo Balbo, ministro da Aeronáutica e um dos principais hierarcas do regime, fez a travessia atlântica, com onze aviões chegando a Natal em 6/1/1931. A imprensa acompanhou os preparativos do voo por todo o ano de 1930 e as manifestações de júbilo, interesse e apoio varreram tanto as coletividades italianas do Brasil como o público brasileiro por muitos meses após a proeza⁸⁹.

O substancial número de pessoas – brasileiros e italianos – mobilizados nessas aventuras aéreas⁹⁰ e os monumentos que as várias coletividades italianas erigiram nos diversos locais – no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Natal⁹¹ e etc - onde os aviadores passaram já são indícios da incrível arma de propaganda que eram esses vôos na formação de uma aura de prestígio e poder italianos dentro das coletividades emigradas no Brasil. O fato dessa animação e deste entusiasmo se dilatar até para centros de população italiana não diretamente atingidos pelos “raids”⁹² também é um indício nessa direção. Nesse sentido, adquirem relevância as palavras da viajante fascista Margheritta Sarfatti, que anotou:

⁸⁸ - ADA, rolo 16/380, Código 832.248, fotograma 163, relatório de 14/2/1938. A Embaixada americana informava, porém, que se o entusiasmo dos italianos pelos raids aéreos continuava o mesmo, o dos brasileiros tinha caído devido a cada vez mais evidente inferioridade do material aeronáutico italiano.

⁸⁹ - Além da imprensa, brasileira e italiana da época, ver BALBO (1932 e 1934); SEGRÈ (1987, pp. 215-219) e RAMPELLI (1981).

⁹⁰ - Há notícias, provavelmente exageradas mas não irreais, de 300 mil pessoas participando do funeral de Del Prete em 1928 e de 1 milhão esperando Balbo no Rio de Janeiro em 1931. Ver BALBO (1932) e CERRUTI (1951, pp. 159-160).

⁹¹ - O monumento de Natal a Ferrarin/Del Prete foi inaugurado por Ítalo Balbo em 1931 e também incluía uma coluna romana doada por Mussolini. Ver CUPINI (1973, p. 158).

⁹² - Ver os casos, por exemplo, de Barretos, Colina e Jaú, no interior de São Paulo, onde os *fasci all'estero* passaram filmes sobre o “raid” de Balbo: “com imensa satisfação dos italianos” e o livro de Atas da *Società Mutuo Soccorso Principe di Napoli*, de São Caetano/SP, onde estão registrados o júbilo e a alegria dos italianos locais pelas proezas aéreas. Ver MARTINS (1992, p. 221) e “Gagliardetti italiani e cuori italiani nel mondo” in *Il Legionario*, 28/3, 21/11 e 19/12/1931.

“Quando eu estava no Brasil, haviam apenas se iniciado os comentários sobre a futura, maravilhosa “crociera aerea” conduzida por Italo Balbo. Com que ansiedade, com que infinita comoção se falava da mesma!”

Somente quem esteve lá pode compreender o que um ato como este significa para o coração de milhões e milhões de italianos residentes no exterior e também para realçar o prestígio coletivo destes como colônia e até mesmo as sortes individuais de cada um nos países que os hospedam”⁹³

Essa relação dos “raids” aéreos com o resgate, individual e coletivo, do orgulho dos imigrantes italianos é ponto a ser aprofundado em capítulo posterior. Por ora, adquire relevância a discussão sobre um ponto chave: esses “raids” aéreos representavam um ganho de prestígio na comunidade italiana para a Itália ou para o fascismo?

Essa questão era realmente chave dentro do conflito entre fascismo e antifascismo vivido pelas coletividades italianas de São Paulo e de outros pontos no país naqueles anos. De fato, os antifascistas fizeram um esforço intenso para separar os vôos transoceânicos e o reforço que eles representavam para o orgulho e o amor próprio dos italianos locais do fascismo, chegando ao ponto de escrever:

“De Pinedo é fascista? Bem, não é como tal que ele conduz seu aeroplano pelos céus do mundo. É como italiano, nada mais... Como amantes entusiastas de tudo o que significa conquista de progresso, admiramos e seguimos ansiosamente o aviador De Pinedo em seu magnífico vôo. Não gostaríamos que ele próprio se esquecesse de que é italiano, para fazer-nos recordar que é fascista”[□]

⁹³ - SARFATTI (1931, p. 446).

□ - “De Pinedo” in La Difesa, 17/2/1927, citado em TRENTO (1989, p. 306). Ver também Mariani, Mario. “Distinções e responsabilidades” in A Platea, 12/1/1931 e “Fascisticamente” in A Platea, 20/1/1931.

As informações disponíveis indicam que os antifascistas perderam essa batalha e que o prestígio fascista crescia muito com essas manifestações de poder aéreo. Claro que muitos italianos não faziam mais nada que dar uma boa recepção a seus patrícios⁹⁵, mas o forte cuidado (e sucesso) fascista em relacionar os vôos não com a velha Itália, mas com a disciplina e a força da Itália fascista⁹⁶ explica porque no Rio de Janeiro em 1928, por exemplo, as comemorações “italianas” pelo vôo de Ferrarin e Del Prete assumissem caracteres tão explicitamente “fascistas”. Ou, como escrevia o jornal A Platea:

“Nunca a Embaixada italiana esteve tão repleta como ontem a noite. Dir-se-ia que todos os italianos do Rio se encontravam nos jardins do palacete a rua das Laranjeiras.

Tudo profusamente iluminado, com os distintivos do fascio e da coroa da Itália. Milhares e milhares de pessoas, quase todos os homens vestindo a camisa preta (...)

De repente, entoa-se um hino:

“Giovinezza, Giovinezza”

É uma voz única que se eleva de milhares de peitos.

“...Primavera di bellezza...”. Os fascistas cantam nos jardins e, nos salões, respondem todos os italianos.

O momento é de grande emoção. Vitória-se Del Prete e Ferrarin, vitória-se a Itália”⁹⁷

Podemos ver, assim, como as grandes manifestações de massa, as visitas aéreas e navais e toda a parafernália simbólica do PNF eram muito convenientes e eficientes na tarefa de atrair os italianos imigrados em São Paulo para uma visão mais positiva do fascismo. Isso era reconhecido pelos próprios fascistas (ainda que nem sempre de forma positiva⁹⁸) e também pelos

⁹⁵ - Como continuaram a fazer, aliás, no pós II Guerra Mundial. Ver, para a descrição de um vôo de aviadores italianos para São Paulo em 1949 e a excelente recepção da colônia italiana local em ASMAE/Affari Politici (Brasile) 1946-1950, b. 10, p. “Italia e Brasile – 1949”, diversos documentos.

⁹⁶ - Ver declarações explícitas de De Pinedo em “O vôo de De Pinedo através dos continentes” in A Platea, 26/2/1927. De Pinedo serviu, aliás, como padrinho de “batismo” do estandarte do fascio de São Paulo. Ver matéria sem título em O Combate, 29/2/1927.

⁹⁷ - “Ferrarin e Del Prete” in A Platea, ano 41, número 32, 6/8/1928.

antifascistas, em luta contínua para denegrir tais atividades e tentar diminuir o efeito delas entre os italianos⁹⁹.

Isso não quer dizer, note-se, que tais comemorações fossem sempre coroadas de êxito. De fato, a maioria das cerimônias e manifestações do fascio atraíam pouca gente e mesmo as consideradas bem sucedidas (como a celebração dos 16º aniversário dos fasci em São Paulo, que atraiu 2 mil pessoas) não conseguiam superar, por exemplo, as comemorações nazistas¹⁰⁰ e nem atrair a massa dos italianos, como se queixava, em 1937, um jornal fascista ao comentar como o comício de Federzoni no *Palestra Italia* em 1937 deveria, apesar de ter sido um sucesso, ter atraído mais gente:

“Notamos, entre a multidão de nossos concidadãos, alguns que vieram das mais longínguas cidadezinhas do estado (...) Mas, ao mesmo tempo que podemos admirar tanto espírito de patriotismo e dedicação, também pudemos observar com tristeza que o número de nossos compatriotas residentes em São Paulo era relativamente pequeno. Dizem – e achamos que a cifra não é exagerada – que moram em São Paulo mais de 200 mil compatriotas. Onde estavam eles no domingo? Onde estavam os comodistas preguiçosos que, com medo de perturbar a elaborada digestão do almocinho dominical, preferiram não interromper a sesta costumeira com o gozo espiritual incomum e o imperativo patriótico de ir à reunião?”¹⁰¹

⁹⁸ - Em Editorial da sua edição de 16/3/1931, de fato, o jornal *Corriere degli Italiani* comentava, depreciativamente, como a italianidade da colônia italiana parecia estar sempre adormecida e como só grandes acontecimentos e eventos ela voltava à tona, o que seria lamentável.

⁹⁹ - Ver ACS/CPD, b. 1349, p. 19725 (“Cingolani, Luigi”), relatório do Consulado de São Paulo, 16/2/1931. Ver também Mariani, Mario. “Distinções e responsabilidades”, citado.

¹⁰⁰ - Vide ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 8, p. “Onoreficienze 1935”, Informe à *Segreteria Generale dei fasci all'estero* do enviado especial Emilio Santi de 3/5/1935, onde o autor compara amargamente a coesão e maciça presença dos alemães de São Paulo nas festas nazistas mesmo quando o seu número era uma pequena fração do de italianos.

¹⁰¹ - “Gli assenti” in *Giovinezza*, 7/8/1937, citado em TRENTO (1989, p. 339). Ver também a carta de Pinco Machiè ao *Il Pasquino Coloniale* (“Il Coloniale che protesta” in *Il Pasquino Coloniale*, 12/1/1929), onde ele comenta a superficialidade e pouca representatividade dos que participavam do cerimonial fascista.

Ainda assim, parece óbvio que tais manifestações eram importantes dentro da propaganda fascista, tanto que, mesmo sabendo que tais manifestações causavam atrito com os brasileiros¹⁰², indignados com a coreografia fascista em sua própria terra¹⁰³, eles as mantiveram, tomando apenas um ou outro cuidado para evitar uma exposição excessiva¹⁰⁴ até as leis de 1938, que as levou para a esfera privada. Ou, como registrava a Embaixada americana neste ano:

“A primeira oportunidade pública para uma demonstração dos efeitos da nova lei ocorreu em São Paulo em 21 de abril, por ocasião da visita oficial à cidade de Vincenzo Lojacono, o Embaixador italiano. Ao espetáculo de gala que o “Dopolavoro” de São Paulo promoveu no Teatro Municipal em honra do Embaixador, todas as pessoas, incluindo os diplomatas e oficiais consulares italianos, vestiam trajes civis, sem camisas negras ou emblemas fascistas... (Até então), o Embaixador e as autoridades italianas sempre apareciam vestindo a camisa negra em tais ocasiões”¹⁰⁵

As grandes manifestações de massa, a coreografia e a simbologia fascistas não foram, porém, as únicas novidades introduzidas pelo fascismo em São Paulo. Os programas de rádio e, especialmente, os filmes de propaganda também eram chave na difusão do fascismo em São Paulo.

Sobre a difusão cinematográfica italiana no Brasil, convém, antes de mais nada, ressaltar a diferença entre os filmes enviados pelo governo italiano para exibição privada nas coletividades italianas e aqueles comerciais que, especialmente nos anos 30, vão disputar o mercado brasileiro com americanos, alemães, ingleses e etc. Estes últimos serão vistos em detalhes no capítulo 6,

¹⁰² - Ver os alertas de Domenico Bartolotti nesse sentido em BARTOLOTTI (1928, p. 115).

¹⁰³ - Ver TRENTO (1989, p. 339) e o capítulo 7.

¹⁰⁴ - Em 1931, por exemplo, o Embaixador Cerrutti recebeu a “crociera” de Balbo com a camisa negra e se envolveu em luta aberta com os antifascistas, o que incomodou a opinião pública brasileira e também Dino Grandi, que o removeu do cargo por causa disso. Ver BIANCHI (1984, p. 204).

¹⁰⁵ - ADA, rolo 4/380, Código 832.00F, fotograma 14, Memorando do Conselheiro Scotten ao Departamento de Estado, 22/4/1938.

restando, para esse capítulo, a análise dos filmes e documentários destinados prioritariamente aos italianos e seus filhos.

Há informações que esses filmes começaram a chegar ao Brasil já no início dos anos 20¹⁰⁶, mas a estrutura e o ritmo de envio de filmes parece se consolidar realmente somente no início da década de 30¹⁰⁷. É a partir, grosso modo, de 1931, de fato, que as notícias sobre a exibição de filmes de propaganda fascista nos *fasci all'estero* e nos *Dopolavoro* do país adquirem mais consistência e regularidade.

É em 1931 que surgem, desse modo, as primeiras informações sobre a chegada de filmes como “Anno VIII”, “Campeggio Mussolini”, “Guerra Nostra”, “Fiat 522”, “Balila 508” e outros para distribuição e exibição nos *fasci all'estero*, *Dopolavoro* e *Casas d'Italia* do país. Cinejornais da LUCE, filmes específicos sobre acontecimentos que interessavam especialmente aos italianos do Brasil (como o “Raid Orbetello – Rio”, sobre a “crociera aerea” de Balbo) e outros também estavam chegando ao Brasil no início da década de 30¹⁰⁸.

O fornecimento de filmes prosseguiu imutável, segundo os registros italianos, até 1935/36, quando a Guerra da Abissínia fez filmes e jornais LUCE serem fornecidos para exibição aos italianos e simpatizantes brasileiros¹⁰⁹. A Guerra da Espanha também causou mudanças no teor de alguns dos filmes (com a exibição, para o público italo-brasileiro de, por exemplo, “Arriba Espana” e “Organizzazione Falangista a Maiorca”¹¹⁰), o que indica como os filmes e documentários enviados tinham um caráter ostensivo de divulgação da força e do poder italianos e da ideologia e grandes

¹⁰⁶ - Vide o pedido de franquia, já em 1923, por parte do governo italiano, para a chegada ao Brasil de seis filmes de propaganda do PNF em AHI, Notas da Embaixada italiana para o Itamaraty, 1923/24, 286/3/12, Ofício de 26/3/1923.

¹⁰⁷ - Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 1, verbale de 9/2/1933.

¹⁰⁸ - Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, diversos documentos.

¹⁰⁹ - Idem, b. 273, f. 10, sottof. 4, p. “Invio pellicole di propaganda nel Brasile”, Telexpresso para a Embaixada italiana de 4/3/1936.

¹¹⁰ - Idem, Comunicado do MinCulPop à Embaixada do Rio de Janeiro, 30/10/1936.

feitos fascistas. Isso se confirma também na época da II Guerra Mundial, quando filmes como “Conquista della Somalia britannica”; “Fronte libico” e “Battaglia delle Alpi”¹¹¹ foram exibidos¹¹².

O valor propagandístico das sessões cinematográficas é algo que perspassa toda a documentação italiana, com indicações de número de expectadores que atingiam a casa dos milhares mesmo em fasci pequenos do interior de São Paulo, como em Jaboticabal¹¹³, de filmes que conseguiam atingir até mesmo os italianos moradores das fazendas¹¹⁴, etc. Não era à toa, assim, que todos os Consulados, *fasci all'estero* e *Dopolavoro* insistissem sempre com o MinCulPop para o envio de mais filmes e os considerassem muito mais importantes para a propaganda fascista que conferências e folhetos de propaganda¹¹⁵ e que o Vice Consulado de Ribeirão Preto requisitasse continuamente filmes para “desenvolver entre os nossos conacionais uma propaganda efficientíssima, como somente a cinematografia pode permitir”¹¹⁶.

Essa pressão por parte dos órgãos diplomáticos e do PNF no Brasil obrigou o MinCulPop e a Embaixada italiana a organizarem melhor o sistema de distribuição de seus filmes no Brasil. Logo no início dos anos 30, de fato, surgiram reclamações sobre o pouco tempo que os filmes podiam ficar no Brasil e como isso inviabilizava a sua exibição para todos os italianos e seus filhos residentes no país. Em 1932, por exemplo, a Embaixada italiana no Rio de Janeiro comunicava que o prazo de um mês concedido a cada filme para exibição em território brasileiro só permitia que

¹¹¹ - Idem, b. 274, f. 10, sottof. “Brasile – 1940”, p. “Pellicole – Fotografie”, Informe Embaixada italiana de 12/8/1940.

¹¹² - Em 1941, há, inclusive, relatos de sessões especialmente dirigidas aos italianos pobres dos bairros de São Paulo e de caravanas para exhibir filmes e documentários de guerra aos italianos das pequenas cidades do interior. Ver Idem, b. 275, f. 10, sottof. 7, vários documentos.

¹¹³ - Idem, b. 272, f. 10, sottof. 2, p. “Invio di films nel Brasile”, carta do fascio de Jaboticabal, sem data.

¹¹⁴ - Isso ocorreu, por exemplo, na Fazenda Dumont, interior de São Paulo, onde foi exibido um filme sobre a viagem de Hitler à Itália. Ver Idem, b. 275, f. 10, sottof. 8, p. “Pellicole di propaganda – SP”, Informe Consulado de São Paulo, 30/10/1938.

¹¹⁵ - Idem, b. 272, f. 10, sottof. 2, p. “Invio di films nel Brasile”, relatório da Segreteria dos *fasci all'estero* de São Paulo, 20/1/1933.

este filme fosse exibido em alguns poucos lugares (Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Campinas e Piracicaba) e que isso era um absurdo¹¹⁷. O aumento do prazo para três meses no início do ano seguinte não parece ter ajudado muito¹¹⁸.

Já em 1931, as autoridades italianas começaram a estudar maneiras de reverter esse problema e o debate foi acalorado, com pessoas da Embaixada italiana defendendo a importância da exibição de filmes para a manutenção da italianidade especialmente nas cidades pequenas e isoladas (e onde haviam muitos italianos analfabetos que não podiam ser atingidos pela propaganda escrita) do interior do Brasil, enquanto o Embaixador Cerrutti considerava que o melhor a ser feito era centrar todos os esforços cinematográficos do regime no estado de São Paulo, onde se concentrariam tanto os italos como os interesses italianos no Brasil, e esquecer o resto¹¹⁹.

Em 1933, a Embaixada italiana finalmente organizou um esquema mais elaborado para a distribuição capilar dos filmes de propaganda italianos na maioria dos centros habitados por italianos no Brasil. Nesse esquema, a idéia era organizar o circuito de exibição da seguinte forma:

Zona Consular	Localidades	Dias
RJ	3	30
PA	1	25
PE	6	50
ES	5	20
MG	33	104

¹¹⁶ - Idem, b. 274, f. 10, sottof. "Brasile - 1940", p. "Pellicole - Fotografie", carta do Vice Consulado de Ribeirão Preto, 26/1/1937.

¹¹⁷ - Idem, b. 272, f. 10, sottof. 1, p. "Viaggio dei sovrani in Sardegna", diversos documentos.

¹¹⁸ - Idem, p. "Viaggio del Principe ereditario in Somalia ed altri", Informe do MAE de 14/8/1933.

¹¹⁹ - Idem, sottof. 2, p. "Invio di films nel Brasile", diversos documentos.

SP	28	60
RS	15	75 ¹²⁰

A Embaixada finalizava sua proposta com o alerta de que, se não fosse autorizada a ampliar o tempo de permanência dos filmes no Brasil de 90 para 500 dias, continuaria a exibí-lo apenas nas capitais.

Piero Parini, o diretor da *Direzione Generale degli Italiani all'estero*, consentiu, logo depois¹²¹, que os filmes ficassem no país até se consumirem pelo uso. Isso indica que a frequência de exibição e o alcance dos filmes aumentou muito a partir de então. Não atingiu seguramente, porém, os níveis de eficiência e capilaridade esperados pela Embaixada.

Isso ocorreu porque o sistema de distribuição de filmes de propaganda para as coletividades italianas do Brasil era coberto de falhas e problemas, como a falta de projetores¹²², o atraso no envio dos filmes pela Embaixada e a incompetência na manipulação deles¹²³, a baixa qualidade e repetição dos enredos¹²⁴, etc. a importância dos filmes de propaganda na conquista fascista dos italianos no Brasil não pode ser, assim, superestimada. Seria um erro, porém, menosprezá-la e esquecer seu valor como arma de propaganda.

¹²⁰ - Idem, relatório da Embaixada italiana de 23/10/1933. A Embaixada ressaltava, porém, que esse esquema excluía os lugares mais remotos e que se queria incluir, o que elevaria para 500 dias o tempo necessário para fazer um filme ser exibido a todos os italianos do Brasil.

¹²¹ - Idem, carta Piero Parini à Embaixada italiana, 9/12/1933.

¹²² - Em 1933, por exemplo, dos 28 *fasci all'estero* de São Paulo, só três (São Paulo, Santos, Campinas) tinham projetores. Ver Idem, relatório *Segreteria dos fasci all'estero de São Paulo*, 20/1/1933. Nos anos seguintes, vários fasci (dos quais vários importantes, como os de Belo Horizonte e Porto Alegre) ainda estavam solicitando apoio para a compra de projetores e/ou renovação dos antigos.

¹²³ - Idem, documentos diversos.

¹²⁴ - Idem, b. 273, f. 10, sotof. 4, p. "Invio materiale varie di propaganda nel Brasile", relatório do Vice Consulado de Salvador, 10/12/1936.

Fasci all'estero, *Dopolavoro*, manifestações da cultura de massa, etc foram expressões de uma mesma rede de propaganda fascista, mas com especificidades próprias. Num ponto, porém, elas eram bastante próximas: todos esses órgãos e atividades representavam novidade no cotidiano e na vida associativa das coletividades italianas, seja a de São Paulo, seja as do Brasil como um todo. O sistema de difusão do fascismo também abrangia, contudo, uma via indireta, com a conquista das diversas organizações que, desde o século XIX, davam vida às coletividades italianas como os jornais, as escolas e as associações. Será o trabalho fascista nessas organizações que será visto a partir de agora.

A imprensa em língua italiana

Uma das manifestações culturais mais importantes trazidas pelos imigrantes italianos à São Paulo e ao Brasil em geral foi a imprensa em sua língua de origem. Há registros de folhas italianas no Brasil desde o século XVIII, mas tal imprensa foi inexpressiva até o fim do século XIX, sendo isso derivado do simples fato que não havia, no Brasil, massa concentrada de italianos apta a ler essa produção jornalística. Essa situação mudou radicalmente no período pós 1880, com a chegada maciça dos imigrantes italianos. Claro que boa parte desses imigrantes ficou isolada na zona rural, era analfabeta ou desconhecadora do idioma italiano (já que a maioria falava o dialeto) ou ainda tinha pouco interesse ou recursos financeiros para pensar em jornais. O fato, porém, é que o Brasil recebeu tantos italianos que um mercado consumidor para uma imprensa em língua italiana foi criado.

O reflexo disto foi uma explosão da imprensa italiana no Brasil. Ângelo Trento calcula em cerca de 500 as publicações italianas existentes no Brasil desde as origens até 1940 (TRENTO, 1989, p. 185). Destas, 300 eram publicadas na cidade de São Paulo (o que é natural, já que era o

centro urbano que concentrava a maior parte dos imigrantes italianos), 40 no interior do Estado, 64 no Rio de Janeiro, 53 no Rio Grande do Sul, 10 no Paraná e umas poucas no resto do Brasil. As publicações italianas acompanharam, assim, os imigrantes italianos na sua jornada pelo Brasil, surgindo nas áreas onde esses imigrantes estavam mais concentrados.

Esses jornais viviam normalmente em dificuldades financeiras e eram muito irregulares: a maioria deles não durou mais que alguns números. Eles também abarcavam tendências as mais diversas, indicando a enorme multiplicidade de interesses e posições dentre os italianos. Havia jornais satíricos, humorísticos, religiosos, maçons, regionalistas, folhetins e etc. Na maior parte das vezes, esse jornais se concentravam em assuntos italianos e relativos à colônia, evitando entrar em política brasileira (apesar de isto não ser, claro, regra geral).

Houve também, contudo, uma imprensa operária e de esquerda muito combativa. Esse fato se explica pela chegada, à São Paulo, de muitos imigrantes italianos de fê anarquista, socialista ou sindicalista revolucionária (que criaram esses jornais) e pelo fato do grosso do proletariado urbano de São Paulo ser de origem italiana (HALL, 1979 e MARAM, 1979), o que obrigava até os militantes de esquerda brasileiros a publicarem em italiano para atingir seu público alvo, o operariado. De qualquer maneira, jornais como os socialistas Avanti e Il Secolo, anarquistas como o La Battaglia e outros marcaram realmente a luta operária e de esquerda brasileiras e deixaram sua marca na história.

Foi sobre o conjunto dessa imprensa que o fascismo estendeu suas garras, objetivando seu controle e instrumentalização. Nesse esforço, duas foram as técnicas utilizadas: fundação de novos jornais e conquista dos já existentes.

Os primeiros artigos da imprensa ítalo-brasileira a respeito da questão fascista são de 1921 (TRENTO, 1989 e 1994) e revelam imensa prudência com relação aquele novo movimento que tomava mais e mais espaço na agenda política italiana. Desde cedo, porém, houve vozes dentro dessa imprensa (que se acentuariam com o decorrer do tempo) que assumiam-se abertamente como fascistas.

Foi esse o caso, por exemplo, do jornal Il Moscone, cujo proprietário, Vincenzo Ragognetti, manteve desde cedo uma posição de apoio e defesa contínuos do fascismo “**mesmo quando todos na colônia achavam que ele iria durar quinze dias**”. De fato, Il Moscone vai se proclamar, desde o início dos anos 20, o único e verdadeiro jornal fascista de São Paulo, entrando em conflito, inclusive, com os representantes do fascismo e outros jornais ligados ao fascismo na cidade¹²⁵.

A mesma situação de rápida e definitiva conversão ao fascismo ocorreu, por exemplo, com o jornal La Tribuna Italiana, que, fundado em 1922, logo se revelou de confiança para o fascismo.

Nem todos os jornais italianos tiveram, porém, um processo de conversão tão linear e tranquilo. O caso do Il Piccolo é, nesse sentido, exemplar. Fundado em 1918 por P. Mazzoldi, tornou-se propriedade de Arturo Trippa com a morte do primeiro, abrigando artigos de caráter progressista e até alguns antifascistas de Antônio Piccarolo em 1922. Sua conversão ao fascismo iniciou-se neste ano, mas ele teve vários conflitos com figuras do fascismo local e um bastante sério com Giovanni Giuriati, o chefe da missão fascista de 1924. Também hesitou em seu apoio ao fascismo quando do assassinato de Matteotti em 1924¹²⁶ e só maciça cooptação e pressão do Consulado permitiram que o objetivo de fazer do Il Piccolo o grande divulgador das atividades fascistas em São Paulo¹²⁷ fosse completado, tendo o jornal cumprido esse papel até seu fim em 1931.

Os exemplos do Il Moscone e do Il Piccolo revelam como a maioria dos jornais italianos de São Paulo reagiu ao fascismo no seu início: algum apoio espontâneo ao novo regime, mas resistência, em nome de seus interesses e disputas particulares, a se submeter ao controle absoluto desejado pelo Consulado. A eliminação dessa resistência foi tarefa cumprida pelo mesmo entre

¹²⁵ - Ragognetti, Vincenzo. “Lettera aperta a SE Benito Mussolini, Duce del Fascismo” in Il Moscone, V/200, 4/5/1929 e “Perche il fascismo è mal visto in Brasile” in Il Moscone, V/216, 7/9/1929.

¹²⁶ - ASMAE/MinCulPop, b. 30, p. “Franchigie telegrafiche e tasse telegrafiche per l'estero - 1925”, relatório do fascio de São Paulo, 24/3/1925.

¹²⁷ - Ver ACS/Archivio Cornelio di Marzio, Scatola 47, relatório de Emídio Rocchetti, secretário dos *fasci all'estero* no Brasil a Bastianini, 24/5/1924.

1922 e 1928, tendo o cônsul Serafino Mazzolini apenas colhido os louros finais do processo, sendo que as armas utilizadas foram a corrupção, a pressão econômica e a cooptação.

O dinheiro era, obviamente, a arma mais poderosa. Ele podia ser usado de forma indireta, subsidiando os jornais, ou direta, adquirindo os controles acionários e permitindo ao Consulado um controle total e direto deles. Foi assim que o fascismo conseguiu dominar o Il Piccolo, o La Tribuna Italiana e outros jornais¹²⁸, num processo que indignava os antifascistas:

“A imprensa tem que estar a serviço do governo fascista. Na Itália, obteve-se isto com a violência... aqui, procura-se chegar ao mesmo resultado com a corrupção e as intrigas. Compram-se jornais e se obriga a colônia a desembolsar milhões para dar um jornal a um rapazinho inculto, que se vangloria da própria ignorância. Mantém-se jornalecos clandestinos, escritos por esquadristas e espiões que representam uma verdadeira ameaça... pagam-se os mais baixos malandros da imprensa local para incensar o regime fascista e denegrir os seus adversários, mesmo quando se trata de pessoas respeitabilíssimas que honram a Pátria italiana”¹²⁹

Outros tipos de instrumento, como a pressão consular para que as empresas de italianos não anunciassem nos jornais que não se submetessem¹³⁰ ou a concessão de franquias telegráficas (as quais permitiam uma maior riqueza no noticiário para os jornais que as recebessem e eram, assim, fortemente disputadas¹³¹) também foram muito úteis na tarefa de conquistar a imprensa italiana de São Paulo, a qual também desejava, obviamente, ter um bom relacionamento com seus leitores (majoritariamente da pequena e média burguesia, desde cedo simpáticas ao

¹²⁸ - Ver “Confessioni preziose – Le falle del sistema cominciano a far acqua” in Il Risorgimento, II/37, 21/3/1929 e Ragognetti, Vincenzo. “Perche il fascismo è mal visto in Brasile” in Il Moscone, V/216, 7/9/1929.

¹²⁹ - Il Risorgimento, 20/9/1928, citado em HECKER (1988, p. 191).

¹³⁰ - “Chiediamo la protezione delle leggi brasiliane contro le insidie del fascismo” in Il Risorgimento, edição especial, 26/9/1928.

¹³¹ - Ver ASMAE/MinCulPop, b. 30, p. “Franchigie telegrafiche e tasse telegrafiche per l'estero”,

calou de vez a imprensa italiana no Brasil, de qualquer linha política, até o fim da II Guerra em 1945 (CORSETTI, 1986 e 1987). Foram problemas que não anularam, contudo, o controle fascista sobre a imprensa italiana de São Paulo.

Uma análise da inserção do fascismo dentro do mundo jornalístico italiano de São Paulo não ficaria completa, porém, sem referências detalhadas ao maior e mais importante jornal italiano do país: o Fanfulla.

O Fanfulla

O Fanfulla foi fundado por Vitaliano Rossellini em 1893 e só fechou 72 anos depois, em 1965, sendo o jornal chave da coletividade italiana de São Paulo e do Brasil. Para se ter uma idéia do prestígio e da importância do Fanfulla, basta recordar que ele foi o primeiro jornal paulista a adquirir linotipos em 1905 e que sua tiragem, em 1910, era de 15 mil exemplares. Pode parecer pouco, mas o grande jornal paulista da época, o O Estado de São Paulo, tinha uma tiragem não muito maior, de 20 mil exemplares, o que indica o poder de fogo do jornal de Rossellini (TRENTO, 1989, p. 191; CARELLI, 1985, p. 62).

Boa parte desse sucesso se deveu à seriedade com que o Fanfulla foi criado e gerido. Ele tinha um serviço de notícias eficiente (combinando notícias sobre a Itália, sobre o Brasil e sobre a colônia), era sério e profissional e foi, por isso, muito respeitado pela colônia italiana durante a sua longa existência¹³⁸.

¹³⁸ - Para a historiografia do Fanfulla pré fascismo, vide TRENTO (1988b, 1989 e 1990); CONSOLMAGNO (1993) e BAILY (1978). Ver indicações bibliográficas sobre a imprensa em língua italiana no Brasil em geral em TRENTO (1989) e BERTONHA (1998h).

Um periódico de tal importância não poderia deixar – apesar dos tons progressistas que ele tinha assumido desde o seu nascimento¹³⁹ - de representar alvo privilegiado para a conquista fascista. E ele não foi, de fato, esquecido nesse processo¹⁴⁰.

Na verdade, as primeiras impressões do Fanfulla sobre o fascismo não foram das melhores, com o jornal assumindo uma postura crítica em relação ao regime e se pondo na linha de frente da defesa da democracia, do Estado laico, da Maçonaria e da legalidade. Nesse momento, o Fanfulla parecia considerar o fascismo, também, como uma explosão passageira e necessária de ex-combatentes e populares contra o comunismo, a ser descartada logo frente à tradição democrática italiana¹⁴¹.

Essa posição vai se exaurindo rapidamente já a partir de 1923, quando os elogios ao novo regime começaram a superar as críticas. Grazia Dore (DORE, 1964, pp. 271-310) vai propôr que essa rápida conversão do jornal ao fascismo foi derivada do fato da ideologia democrática dos exilados intelectuais que o criaram ser insuficiente para sustentar uma batalha de idéias contra o fascismo. Uma posição curiosa e que merece ser discutida. O que é fora de questão, porém, é que a cooptação pura e simples também deve ter estado presente, pois desde 1922 o Fanfulla já recebia franquias telegráficas do governo italiano¹⁴².

¹³⁹ - TRENTO (1988b). Essa situação estava, porém, se modificando e o Fanfulla aparentemente estava se dirigindo, quando da I Guerra Mundial e mesmo antes, em direção de posições mais nacionalistas. Ver CONSOLMAGNO (1993).

¹⁴⁰ - A não ser quando indicado, as informações a seguir se originam de TRENTO (1989, pp. 324-327 e 1994, pp. 258-261).

¹⁴¹ - DORE (1964, pp. 271-310). Essa posição era compartilhada, aliás, por vários intelectuais antifascistas em ação no Brasil naquele momento, como Antonio Piccarolo. Ver BERTONHA (1994b).

¹⁴² - Ver ASMAE/MinCulPop, b. 30, p. "Franchigie telegrafiche e tasse telegrafiche per l'estero", diversos documentos.

A crise Matteotti causou uma certa hesitação no jornal sobre o seu posicionamento, o que foi comum, como visto, a outros jornais da coletividade e deixou o governo fascista em sérias dúvidas sobre o caráter favorável ou hostil do jornal ao regime¹⁴³.

Com a estabilização do regime, a arma das franquias ainda atuante¹⁴⁴ e a crescente simpatia que o fascismo despertava na coletividade italiana, o Fanfulla começou a se inclinar para o regime, atacando os antifascistas, apoiando a política fascista na Itália, etc. Um ou outro artigo crítico ainda podem ser encontrados no jornal até 1927, mas foram poucos e circunscritos a um ou outro tema, como as leis contra a liberdade de imprensa e a violência excessiva dos esquadristas. A idéia corporativa e a política externa do regime também foram fortemente apoiadas pelo jornal. A alteração de seu corpo de redatores onde, até pelo menos 1925, conviviam pessoas de fé fascista e antifascista¹⁴⁵, é um fator indicativo dessa caminhada em direção ao regime, pois esses redatores de esquerda foram sendo lentamente substituídos por outros mais próximos ao fascismo, o que fez, aliás, vários dos redatores antifascistas se transferirem para a imprensa antifascista¹⁴⁶.

No início da década de 30, o consenso fascista do jornal só cresceu e, em 1934, a conquista fascista se completou quando o regime conseguiu, através de vários artifícios, assumir o controle direto do Fanfulla, o qual se converteu, então, em fiel agente de Roma até a intervenção do governo brasileiro em 1942.

¹⁴³ - Ver ASMAE/MinCulPop, b. 30, p. "Franchigie telegrafiche e tasse telegrafiche per l'estero", diversos documentos e ASMAE/Archivio Gabinetto 1923-1943, Parte Prima, Série I – Gabinetto del Ministro, b. GM 153, p. "Brasile", telegrama de Mastromattei ao MAE, 8/1/1925. Ver também ACS/Archivio Cornelio di Marzio, Scatola 47, carta de Emidio Rocchetti a Bastianini, 24/5/1924, onde se discute o que se podia esperar do jornal e a evolução de suas posições frente ao fascismo.

¹⁴⁴ - Ver ASMAE/MinCulPop, b. 30, p. "Franchigie telegrafiche e tasse telegrafiche per l'estero", diversos documentos.

¹⁴⁵ - Ver Idem, relatório do fascio de São Paulo, 24/3/1925.

¹⁴⁶ - De fato, alguns dos redatores que o Fanfulla trouxe da Itália em 1926/1927 para trabalharem no jornal se tornaram antifascistas e foram para a imprensa antifascista e especialmente para o La Difesa. Foi o caso, por exemplo, de Nino Daniele e Giuseppe Fabi. Ver ACS/CPS, b. 1912, p. 1852 ("Fabi, Giuseppe"), carta Consulado italiano de São Paulo à Embaixada de Buenos Aires, 5/3/1930.

Com o controle da imprensa o governo fascista tinha, assim, uma excelente arma para atingir os italianos adultos e leitores de jornais. Aos filhos desses italianos era também dedicada, contudo, uma atenção especial, através de vários mecanismos de socialização das crianças e, especialmente, das escolas italianas, outro alvo a ser atingido pela rede fascista.

As escolas italianas

Se nos reportarmos ao capítulo 1, fica fácil entender como, para um regime que privilegiava a socialização ideológica das crianças e jovens como forma de criar um “homem novo” (DE FELICE, 1988^a) e a recuperação dos filhos dos emigrantes para a Itália, a tentativa de controle das escolas italianas do Brasil era uma derivação lógica. Nesse sentido, fica evidente que as escolas italianas do Brasil deveriam ter sido alvo privilegiado da ação dos fascistas e realmente o foram.

Não é esse certamente o lugar para uma reconstrução detalhada da história das escolas italianas no Brasil. Alguns elementos devem, porém, ser levantados para a compreensão do contexto onde se inseriu a ação fascista¹⁴⁷.

Parte substancial dos italianos que vieram para o Brasil era formada de analfabetos e de origem rural e se dirigiam a um país onde o analfabetismo também grassava e sem grande rede escolar. Estando, além disso, isolados, falando mais o dialeto que o italiano e concentrados (seja no meio rural, seja no urbano) na dura tarefa de sobreviver e, se possível, poupar, os italianos deram pouca atenção à escola, considerada supérflua para o sonho do enriquecimento.

Nesse contexto, o apoio para a criação de escolas devia vir do governo italiano. Como visto anteriormente, porém, Roma não tinha nem os recursos nem o interesse em concentrar seus esforços

¹⁴⁷ - As informações a seguir vem basicamente de TRENTI (1989, pp. 177-183) e PETRONE (1990).

na América do Sul, o que fez com que o incentivo italiano fosse pequeno e insuficiente para uma criação de rede escolar de apoio aos emigrantes e seus filhos como as que japoneses e alemães, por exemplo, conseguiram criar em São Paulo e no Rio Grande do Sul, respectivamente.

Em tal situação, não é espantoso o fato das escolas italianas do Brasil serem pequenas, com escassos recursos materiais e de efeitos pedagógicos bem limitados. Elas nasciam e morriam, além disso, com imensa facilidade e eram basicamente rurais no Rio Grande do Sul e urbanas (especialmente paulistanas) em São Paulo. Houve também umas poucas escolas geridas pelos anarquistas em São Paulo e um forte papel das escolas religiosas no sul do país.

Em termos numéricos, encontramos 232 escolas em 1908, com 13.656 alunos; 303 em 1911, com 16.295 alunos e 396, com 23.323 alunos. Em 1924, quando o fascismo começava a se introduzir no Brasil, havia 329 escolas italianas no país (27% religiosas), com 18.940 alunos (TRENTO, 1989, pp. 183-184). De qualquer forma, é visível o fato que as escolas italianas não atingiam realmente mais que uma fração dos filhos de italianos nascidos no Brasil. Uma iniciativa educacional de sucesso do governo italiano deve ser, porém, mencionada: o *Istituto Medio Dante Alighieri*.

A idéia de criar um Ginásio ou Colégio capaz de atingir a elite italiana local e garantir tanto a difusão da cultura italiana como a italianidade dos novos membros dessa elite era cara ao governo italiano e já em 1906 surgiram planos nesse sentido. Com contribuição do *Ministero degli Affari Esteri* e da própria colônia italiana de São Paulo, fundou-se, em 1911, o Ginásio que, com o tempo, adquiriu enorme relevância no panorama educacional de São Paulo, atraindo centenas de alunos da capital e do interior do estado e mesmo de outros pontos do país, interessados numa educação de qualidade e conveniente para aquelas famílias que queriam ver em seus filhos um mínimo de conservação da cultura italiana.

Parece óbvio, como já explicitado, que conseguir o controle do *Istituto Medio Dante Alighieri* e da rede de escolas primárias italianas era chave para os objetivos fascistas no país. E,

apesar da indignação dos antifascistas¹⁴⁸, foi justamente essa a política seguida pelos agentes fascistas em São Paulo, que usaram a cooptação e a ameaça de sanções para tentar convencer os italianos a enviarem seus filhos exclusivamente para as escolas italianas, além de procurarem renovar e reorganizar essas escolas nos moldes fascistas.

Se o primeiro objetivo (forçar os jovens italo-brasileiros a estudar exclusivamente nas escolas italianas) ficou, devido a razões a serem expostas a seguir, apenas na teoria, o segundo, ou seja, transformar as escolas italianas em escolas fascistas, foi grandemente atingido. De fato, as escolas italianas no Brasil assumiram caracteres muito próximos às das escolas da própria Itália.

Nesse sentido, as escolas italianas no Brasil, antes quase que abandonadas por Roma, passaram a receber uma atenção especial, com os representantes fascistas lutando para obter o controle delas e sua completa conversão ao modelo fascista de educação. Nessa linha de ação, procurou-se combater o uso do dialeto, implantar atividades esportivas e de ginástica em estilo fascista, etc. O *Istituto Medio Dante Alighieri* recebeu, nesse aspecto, atenção redobrada e se tornou um foco tão importante para a doutrinação fascista da juventude que chegou a chocar os inspetores brasileiros encarregados de sua custódia nos anos 40¹⁴⁹.

Um cuidado especial foi destinado às cartilhas e livros didáticos, os quais começaram a ser enviados da Itália para o Brasil já em 1923¹⁵⁰ e obedeciam rigorosamente às diretrizes ideológicas do regime. Nesse sentido, enfatizava-se o estudo da língua italiana e da geografia da Itália e, especialmente, a História, com vistas a demonstrar as realizações do regime, a grandeza do passado italiano e da nova Itália fascista, etc. Deixar claro, através de textos específicos para os estudantes

¹⁴⁸ - Ver "Problemi scolastici. L'infiltrazione fascista nelle scuole" in *Il Risorgimento*, II/56, 1/8/1929, onde os antifascistas denunciavam a investida do cônsul Mazzolini sobre as escolas italianas e questionavam a necessidade de uma educação italiana para filhos de italianos que eram, acima de tudo, brasileiros.

¹⁴⁹ - Vide AESP/DOPS, Pronuário 14484 ("Antonio Cuoco"), relatório policial de 3/2/1943. Pra se ter uma idéia da situação, os boletins de guerra eram lidos, durante a guerra africana do fascismo, em voz alta durante as refeições no Colégio. Ver TRENTA (1988a, p. 51).

¹⁵⁰ - AHI, Notas Embaixada italiana para o Itamaraty, 1923/24, 286/3/12, Ofício de 28/3/1923. Há outros registros para 1925 e 1926.

italianos do exterior, que a Itália não esquecia de seus filhos longe da Pátria e que eles deveriam se orgulhar do seu sangue italiano também era uma preocupação dos livros didáticos enviados pelo governo fascista para o Brasil¹⁵¹.

Essa doutrinação, que não deixava de ser eficiente¹⁵², irritava profundamente a opinião pública e as autoridades estaduais brasileiras, especialmente quando as cartilhas, livros e cadernos fascistas insistiam em acentuar a condição de “italianos” dos descendentes¹⁵³. Com isso, as autoridades paulistas fizeram algumas diligências para apreender esses livros no início dos anos 30 e, com o tempo, leis e normas foram sendo criadas (RIOS, 1959, p. 61 e TRENTO, 1989, pp. 295-297) com o intuito de nacionalizar essas escolas.

Com a exceção, porém, do Rio Grande do Sul a partir de 1937 (onde a “brasilidade” foi imposta a ferro e fogo), as leis estaduais não eram muito rigorosas com as escolas fascistas. Em 1938, com novas leis federais brasileiras – que proibiam o ensino em língua estrangeira para crianças menores de 14 anos – entrando em vigor, o destino das escolas primárias e do *Istituto Medio Dante Alighieri* parecia traçado. O governo brasileiro, contudo, foi imensamente condescendente com as escolas italianas e isso permitiu que elas tivessem, ainda que enfraquecidas, uma sobrevida de mais alguns anos até serem definitivamente fechadas pelas leis de guerra de 1942 (CORSETTI, 1986 e 1987)¹⁵⁴.

¹⁵¹ - Ver FANCIULLI (1936); LETTURE (1934) e STORIA (1937). Essas últimas são especialmente interessantes por terem sido recuperadas pelo autor com ex-alunos da escola italiana de Salto/SP.

¹⁵² - Informações indiretas que chegaram ao autor mencionam, por exemplo, como todos os ex-alunos da escola italiana de Salto/SP conservaram a mesma caligrafia (a uniformidade fascista) mesmo após dezenas de anos. Ver também o entusiasmo de um aluno da Quinta Classe Elementare do *Istituto Alessandro Manzoni* de São Paulo com o Duce e a nova temida Itália através de carta que ele enviou à Mussolini em 1929. Ver ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 906, p. 1646, carta de Luigi Franceschini, 30/9/1929.

¹⁵³ - Ver mais detalhes a respeito no capítulo 7.

¹⁵⁴ - Idem.

Ainda em 1939/1940, de fato, temos notícias de escolas italianas funcionando na capital de São Paulo (ainda que com a introdução de uma substancial parte “brasileira” em seus currículos¹⁵⁵) e informações sobre um acordo entre o Embaixador italiano e o Ministério da educação brasileiro sobre o *Istituto Medio dante Alighieri*. Por esse acordo, o ensino da língua, história e geografia da Itália seriam liberados na instituição, assim como os hinos italianos. O canto da “Giovinezza”, porém, seria permitido apenas em dias especiais e não, como era anteriormente, como atividade cotidiana¹⁵⁶. Não é difícil entender, assim, como um observador italiano, viajando no fim dos anos 30, pudesse ainda registrar observações como essa:

“Oh, vocês não podem imaginar o que significa entrar numa pequena sala de aula daqueles lugares de além mar e encontrar trinta crianças que cantam para você “Giovinezza” em italiano. E nem todas tem o rosto da nossa raça. Antes mesmo do professor lhes explicar, vocês terão visto e reconhecido, naquele loirinho branquela e gorducho, o filho do alemão, naquela amarelinha de olhinhos amendoados, a filha de um japonês, naquele preto de olhos brilhantes como brasas, o filho de um africano, naquele moreninho de olhar pensativo e triste, o resultado de um amor, nascido sabe-se lá como, entre um árabe da Síria e uma branca de vá saber que raça (...) “Giovinezza”, eles cantam “Giovinezza” e, terminado o canto, erguem as mãozinhas, todos, em nossa linda saudação fascista”¹⁵⁷

Além do universo escolar, a socialização das crianças também ocorria na organização do tempo livre e das férias, com a criação de colônias de férias para elas e sobre as

¹⁵⁵ - Ver as festas de fim de ano das escolas *Principe di Napoli* e *Maria Pia de Savoia* de São Paulo, com cantos e hinos brasileiros e italianos, exibição de ginástica na presença do inspetor escolar brasileiro Dr. Plínio Braga, etc em ACS/MinCulPop, DGP, b. 276, f. 10, sottof. 8, p. “Varie”, Informes do Consulado de São Paulo de 4 e 9/12/1939.

Um outro informe consular, de abril de 1940, por sua vez, informava que o governo brasileiro estava fechando as escolas italianas da zona rural (maior probabilidade de “quistos étnicos” segundo a percepção do governo brasileiro?), mas que as da cidade de São Paulo continuavam funcionando em ACS/MinCulPop, DGP, b. 276, f. 10, sottof. 8, p. “Istituto di Alta Cultura Italo Brasiliano”, Informe do Consulado de São Paulo, 16/4/1940.

¹⁵⁶ - Ver a carta do Embaixador Ugo Sola ao Ministro Gustavo Capanema em FGV/CPDOC, Arquivo Gustavo Capanema, Série Correspondência, filme 6, fotograma 230, Carta de Ugo Sola a Capanema, 18/9/1939.

quais já fizemos, aliás, algumas referências no decorrer do capítulo. Em 1930, é inaugurada a de Santos e havia outra, por exemplo, em Nova Friburgo, com o significativo nome de *Edda Mussolini Ciano*. Há também, como vimos, uns poucos registros sobre crianças ítalo-brasileiras sendo enviadas às colônias de férias na própria Itália. Suas atividades, cantos, etc não deixavam nenhuma dúvida sobre o forte teor de doutrinação e propaganda embutidos em suas atividades. Do mesmo modo, também a presença de muitas crianças nos grupos de “balilas” (a organização do PNF para a doutrinação fascista das crianças) mostra o esforço do regime em atingir a nova geração de ítalo brasileiros.

As informações disponíveis nos levam a acreditar, contudo, que os esforços fascistas, apesar de, provavelmente, ajudarem a desacelerar um processo de decadência do sistema escolar italiano no Brasil que vinha de longe, não foram capazes de detê-lo e muito menos de revertê-lo. Os dados numéricos podem comprovar isto e, para tanto, gostaríamos de retomar alguns dados mencionados anteriormente e acrescentar outros para formar as seguinte tabela:

Escolas italianas e número de alunos matriculados

Brasil

	1908	1911	1913	1924
	232	303	396	329
	(13.656)	(16.295)	(23.323)	(18.940)
1928	1930	1940		

¹⁵⁷ - PUCCINI (1940, pp. 112-113, citado em TRENTO (1989, p. 297).

310	167	18
(17.000)	(13.821)	(3.568)

Estado de São Paulo

	1908	1911	1913	1924	1928
	115	122	187	87	69
				(10.626)	(6.284)
	1930	1937	1939	1940	
	56	28	25	10	
	(6.934)	(4.455)		(2.500) ¹⁵⁸	

Como se nota, as escolas italianas do país sofreram um processo de decadência lento, mas contínuo e quase linear. Os próprios fascistas reconheciam, com pesar, essa situação¹⁵⁹, a ser atribuída, sem dúvida, à concorrência de uma rede escolar brasileira que começava a expandir-se, às

¹⁵⁸ - As informações para estas tabelas viream de TRENTO (1989, p. 183); AESP/DOPS, Prontuário 27804 ("Fascio de São Paulo – Lista de contribuintes"); AERJ/DOPS, Série Estados/SP, Pacote 22C, Dossiê "Fascio de São Paulo"; FLORIANI (1974, p. 79); MINISTERO (1928, p. 417 e 456); PISANI (1937, pp. 1338-1362); PUCCINI (1940, p. 77) e ADA, rolo 4/380, código 832,00F, fotograma 19, relatório "Italian Activities in Brazil" de 6/2/1939, pp. 42-46.

leis e pressões brasileiras, aos poucos recursos do governo italiano e, acima de tudo, ao desinteresse e/ou incapacidade financeira dos imigrantes para enviarem seus filhos à escola italiana. Tais fatores anularam, assim, o esforço de Roma de atingir a totalidade da nova geração com a socialização ideológica fascista. De forma mais capilar e geral, porém, essa nova geração não deixou de receber alguma influência da propaganda fascista, o que não deixou de ter alguma influência no panorama político brasileiro.

As associações

O assalto fascista às associações italianas (culturais, beneficentes, de lazer, etc) começou muito cedo e já em 1923-1925 temos registros de tentativas fascistas de se assenhorar da *Galileo Galilei* e da *Reduci* (1923); da *Dante Alighieri* (1924), do *Palestra Italia* (1925) e outras¹⁵⁹.

Os resultados desse primeiro avanço do fascismo foram incertos. Em algumas associações, os fascistas foram bem aceitos e algumas delas, como a *Vittorio Emanuele* e a *Leale Oberdan* eram classificadas, já em 1927, como “dóceis ao Consulado”¹⁶¹. Na maioria das associações, porém, os antifascistas conseguiram ou anular a ação fascista ou, ao menos, permanecer na estrutura das associações o suficiente para impedir a sua fascistização¹⁶². Tanto que, em 1924, a *Camera Italiana di Commercio* de São Paulo se vangloriava de sua habilidade em aceitar as diferenças políticas de seus membros (ITALIANI, 1924, p. 7) e, ainda em 1928, mantinha um presidente, Luigi Melai,

¹⁵⁹ - Ver “La colonia che non risponde” in *Il Moscone*, julho/1935 e PISANI (1937, p. 1342).

¹⁶⁰ - Ver *A Voz da Itália*, I/2, 9/11/1946.

¹⁶¹ - ACS/Min Int, DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 21, f. “San Paolo (Brasile) – fuorusciti e antifascisti”, relatório da Embaixada italiana de 29/10/1927.

acusado de antifascismo pelos fascistas. O mesmo ocorria com Antonio Ventura, da *Unione Viaggiatori Italiani*¹⁶³ e antifascistas como Antonio Piccarolo, por exemplo, ainda tinham algum espaço na vida associativa da colônia.

Um dos fatores que explicam o porque dos fascistas não terem conseguido controlar imediatamente as associações italianas – apesar da enorme vantagem por eles desfrutada enquanto detentores do poder oficial – foi a truculência e a arrogância com que eles atuavam, as quais conseguiam unir até velhos adversários para contê-los. Isso era admitido pelos próprios fascistas¹⁶⁴ e foi o que ocorreu em 1928, por exemplo, quando, por ocasião das eleições para a *Beneficienza Italiana* do Rio de Janeiro, os fascistas foram derrotados, tendo o *Fanfulla* anotado:

“A lista de oposição, é verdade, estava desgastada há alguns meses e fizera uma intensa propaganda não só entre os elementos antifascistas ou congeneres, mas também entre os que se colocavam como bastiões do conservadorismo associativo. Assim, levaram a crer que a Beneficiência corria o perigo de ser estrangulada, se vencesse a lista elaborada em comum acordo pelos administradores que encerravam seu mandato, o Fascio e os veteranos de guerra (...) Então, muita gente de boa fé (...) ocorreu às urnas, convencida de que estava realizando uma ação heróica e de salvação¹⁶⁵”

Claro que a arrogância e a falta de sutileza dos fascistas não incomodavam apenas por si só, mas principalmente por se chocarem diretamente com o espírito de independência que sempre havia marcado a vida das associações italianas em São Paulo (e que explica em boa parte, aliás, o

¹⁶² - Um caso curioso e inédito foi o de Rio Claro/SP onde, num primeiro momento, os antifascistas conseguiram expulsar alguns fascistas da associação italiana local por terem cantado a “Giovinezza”. Ver ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1638, relatório Consulado de São Paulo, 10/5/1928.

¹⁶³ - ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, b. 190, p. “Movimento antifascista – Brasile 1928”, Informe Consulado de São Paulo, 7/8/1928.

¹⁶⁴ - Ver as recordações dos antifascistas em *A Voz da Itália*, I/2, 9/11/1946 e a análise crítica da Embaixada italiana reconhecendo o problema e pedindo mais tato e sutileza em ACS/Min Int, DGPS, Polizia Política, fascicolo per materia, b. 21, f. “San Paolo (Brasile) – fuorusciti e antifascisti”, relatório da Embaixada italiana de 29/10/1927.

¹⁶⁵ - “Le elezioni alla Beneficienza Italiana” in *Fanfulla*, 15/3/1928, citado em TRENTO (1989, pp. 328-329).

seu imenso número), que continuava nesse início dos anos 20 e que Antonio Piccarolo chegava a indexar como um dos fatores que teriam levado ao surgimento do antifascismo em São Paulo¹⁶⁶.

Piccarolo certamente exagerava ao atribuir como único fator para o surgimento do antifascismo o espírito de independência das associações coloniais, mas é realmente curioso notar que mesmo alguns italianos simpáticos ao fascismo resistiram fortemente, em nome da independência das associações e do seu próprio primado pessoal nas mesmas, ao avanço fascista. Foi o que ocorreu, por exemplo, com Alfonso Falchetta, ardorosamente fascista, mas que não quis ceder seu controle da *Beneficienza italiana* de Belo Horizonte em favor dos fascistas e com Giovanni Rizzi, que não aceitou a interferência do Consulado italiano e do PNF na associação de mesmo nome no Rio de Janeiro e cuja ficha policial ressaltava que seu antifascismo se restringia a isso, à defesa de seu primado sobre a associação¹⁶⁷.

A situação só melhorou para os fascistas após a chegada do cônsul Serafino Mazzolini a São Paulo em 1928. Inicialmente, ele tentou unificar todas as associações em torno do Consulado. Não conseguindo cumprir essa meta, ele passou a utilizar todos os tipos de artimanhas, intrigas e conchavos para assumir o controle delas. A violência e o apoio da polícia brasileira também ajudaram, enquanto o dinheiro da elite industrial local e do Consulado conseguiu (ainda mais levando-se em conta a debilidade financeira do grossos das associações) eliminar muitas resistências¹⁶⁸. Essas técnicas, mesmo sendo classificadas como imorais pelos antifascistas¹⁶⁹, foram

¹⁶⁶ - *Il Risorgimento*, 16/4/1928, citado em HECKER (1988, p. 191).

¹⁶⁷ - - ACS/Min Int, DGPS, Divisione Generali Affari Generali e riservati, 1934, b. 30, p. "Movimento sovversivo antifascista - Brasile", relatório do Consulado de Belo Horizonte de 3/4/1934 e ACS/CPC, b. 4352, p. 136642 ("Rizzi, Giovanni"), Informe da Embaixada italiana de 30/6/1938.

¹⁶⁸ - Ver TRENTO (1988^a e 1989, p. 330) e "Agente Provocatore" in *Il Risorgimento*, 9, 1/5/1929.

¹⁶⁹ - "Fascismo provocatore di discordie e di disordini" in *Il Risorgimento*, II/45, 16/5/1929 e "A proposito di lotte coloniale" in *Il Risorgimento*, 6, 16/3/1928.

realmente eficientes, com a maioria das associações aderindo ao fascismo. Aos antifascistas, não restava nada mais que clamar no vazio pela liberdade e revitalização das delas¹⁷⁰ e admitir a derrota:

“As associações vivem sob a espada de Dâmocles, transformada hoje em espada do fascio. Depois da famosa reunião no Consulado, na qual negaram-se a renunciar à sua autonomia, a sua vida interna foi minada pelas trapaças do próprio Consulado ou do fascio, que não cessaram de usar meios para reduzi-las as suas vontades, semeando a discórdia e a divisão em todo lugar. A Dante transformou-se numa humilhadíssima mancebia do Consulado, o Circulo Italiano está entre as instituições suspensas e não se sabe bem claramente qual será a sua sorte; a Reduci, depois da marcha fascista reivindicada pelo Consulado, está morrendo, enquanto a seu lado está surgindo uma nova associação entre os reduci que querem manter a própria dignidade; as outras associações estão divididas em grupos: algumas se submeteram, renunciando à própria independência, outras foram colocadas em evidência e sobre elas recai a mira das intrigas consulares e fascistas. Os bancos, mais ou menos italianos, poderiam tirar de seu título esse adjetivo, que perdeu seu significado, substituindo-o por outro: fascista. Porque... os negócios não são mais tratados por critérios comerciais e muito menos italianos, mas com critérios fascistas... Enquanto tudo isso acontece... os interesses fundamentais da Itália e o nome italiano são relegados a um plano secundário”¹⁷¹

Poderíamos, a princípio, finalizar por aqui nossa descrição do processo pelo qual o fascismo se assenhorou da maior parte das associações italianas de São Paulo e do Brasil como um todo. Dada, porém, a crônica falta de informações sobre a história dessas associações nesse período¹⁷²), acreditamos ser conveniente aprofundar a análise em direção, ao menos, de algumas instituições chave.

¹⁷⁰ - Cilla, Nicola. “Conquistare la vecchia emigrazione italiana” in La Libertà – Giornale della Concentrazione Antifascista, VIII/18, 3/5/1934.

¹⁷¹ - Il Risorgimento, 20/9/1928, citado em HECKER (1988, p. 192).

¹⁷² - Os melhores textos disponíveis são de Ângelo Trento: TRENTO (1989 e 1992).

Nesse sentido, uma das associações que, sem dúvida, merecem maior atenção é a *Società Dante Alighieri*. Uma análise de sua atividade em linhas gerais já foi esboçada. Resta agora suplementar tais informações com a abordagem do caso brasileiro¹⁷³.

Os primeiros Comitês da *Dante Alighieri* no Brasil surgiram em fins do século XIX e início do XX: Porto Alegre (1898), São Paulo (1899), Curitiba (1900) e Santa Catarina (1901). Em 1910, o número de Comitês continuava o mesmo, mas com uma distribuição geográfica diversa: Rio de Janeiro, São Paulo, Sorocaba e Botucatu. Havia imensas lutas internas nesses Comitês e, segundo Ângelo Trento (TRENTO, 1989, p. 178), a atividade da associação no Brasil foi inexpressiva, sendo o único destaque a criação do *Istituto Medio Dante Alighieri* de São Paulo em 1911, cuja história já apresentamos antes.

Em 1918, existem referências a apenas três comitês (São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre), número que se amplia para quinze nos anos 20 (TRENTO, 1989, p. 178), quando a associação também subsidiava algumas escolas italianas locais. Em 1930, há notícias sobre sete Comitês, número que se mantém praticamente inalterado até 1940, quando existem oito comitês registrados: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Campinas, Jaú, Juiz de Fora e São Carlos (PUCCINI, 1940, p. 77).

A entrada dos fascistas na sede brasileira da *Dante* começou já em 1924, quando estes puderam contar com o apoio do presidente Vella, o qual não escondia seu apreço pelo regime. Foi só em 1928, contudo, que o cônsul Mazzolini conseguiu aumentar o domínio fascista na Instituição. Para isso, ele efetuou uma manobra, numa reunião onde só havia 13 sócios, de forma a garantir, para o cônsul, o privilégio de nomear o presidente da seção local e o grosso do Conselho diretivo, o que arrancou protestos dos antifascistas¹⁷⁴, mas que deu, efetivamente, o controle da associação aos fascistas.

¹⁷³ - Quando não houver indicação em contrário, as informações que se seguem são oriundas de SALVETTI (1995).

Depois dessa primeira investida, porém, era necessário depurar o corpo da associação de possíveis antifascistas. Os professores Isoldi e Tripoli, por exemplo, foram alvo de perseguições fascistas e o próprio Dino Grandi procurou, a partir de Roma, afastá-los de seus cargos no *Istituto Medio Dante Alighieri*. Em 1927, por exemplo, ele escrevia à Boselli, então presidente da *Dante Alighieri* em Roma, procurando eliminá-los do quadro de professores do Colégio:

“Chegou a informação ao Ministério que o comportamento político dos Professores Isoldi e Tripoli, do Instituto Medio mantido por essa “*Società Nazionale Dante Alighieri*” em São Paulo (Brasil) e notoriamente adeptos a uma loja maçônica filiada ao Grande Oriente brasileiro, é em contraste com as diretivas do Governo fascista, as quais a Sociedade, porém, guiada por Vossa Excelência, segue com entusiástica fé. Não duvido, portanto, que Vossa Excelência, ao qual os dirigentes locais do dito Instituto devem informar sobre a conduta política dos professores, fará todo o possível para que o Instituto (...) possa recomeçar a sua patriótica e já louvada missão com um pessoal de indubitável fé fascista”¹⁷⁵

O cônsul Mazzolini também se dirigiu à sede central da *Dante* nesse mesmo sentido no ano seguinte, incluindo não só os antifascistas, mas também os afascistas na categoria dos que deveriam ser perseguidos:

“No Instituto Medio (...) são muitas as deficiências. Dois dos professores – o Dante Isoldi e o advogado Tripoli – estão entre os mais determinados adversários do regime(...). O Conselho de Administração, com exceção do Conde Crespi e de uns poucos mais, é constituído de elementos de velha mentalidade, dentre os quais há muitos do mesmo tipo de Isoldi e de Tripoli. Precisaremos de um pouco de tempo e não pouca habilidade para corrigir essa situação. Muito poderia fazer o Presidente. Mas também o Magnocavallo, que se esforça para mostrar-se amigo do Regime, e, no fundo, um cético (...) Começar (a limpeza) substituindo-o e chamando-o de volta à Itália seria uma ótima coisa.”¹⁷⁶

¹⁷⁴ - “Le enormità del proconsole” e “Molti soci della Dante non intendono rinunciare ai propri diritti” in *Il Risorgimento*, 4, 16/2/1928.

¹⁷⁵ - Arquivo da Società Dante Alighieri, Roma, fascicolo 1927, A 34, carta de Grandi a Boselli, 1/12/1927, citada em SALVETTI (1995, p. 254).

¹⁷⁶ - Idem, fascicolo 1928 A12, citado em SALVETTI (1995, pp. 254-255).

Naqueles anos, porém, por diversas razões, não foi possível eliminar da instituição estes poucos antifascistas¹⁷⁷. Quando a situação mudou, porém, a depuração foi feita¹⁷⁸ e a *Dante* brasileira, seguindo os passos de sua matriz italiana, tornou-se firmemente fascista.

Essa *Dante* fascista manteve sua função chave de difundir a cultura italiana entre brasileiros¹⁷⁹ e italianos locais, com conferências de professores italianos convidados para lecionar em Universidades brasileiras como a USP¹⁸⁰, promoções conjuntas com os órgãos diplomáticos e os *Dopolavoro* para concertos de piano e música italiana¹⁸¹, etc. Não faltaram, contudo, manifestações mais diretamente políticas e fascistas, como as comemorações patrióticas em várias das sedes quando da Guerra da Abissínia (CAPARELLI, 1987). A tentativa dos fascistas de Ribeirão Preto, em 1931, de transformar a sede da *Dante* local num fascio feminino¹⁸² também demonstra como as atividades culturais do Instituto estavam cada vez mais imbuídas de funções políticas.

Essa situação só se exacerbou com as leis brasileiras de 1938, que vetavam a existência dos *fasci all'estero* no país. Como visto, boa parte da atividade deles continuou em uma roupagem camuflada, mas as organizações “apolíticas” como os *Dopolavoro* e os Comitês da *Dante* acabaram por assumir algumas de suas funções. Assim, não só a *Dante* continuou com suas atividades

¹⁷⁷ - Ver as cartas do Conde Rodolfo Crespi, presidente do *Istituto Medio Dante Alighieri* de São Paulo, a respeito em SALVETTI (1995, pp. 255-256).

¹⁷⁸ - Ver ACS/CPC, b. 2650, p. 1808 (“Isoldi, Dante”), diversos documentos.

¹⁷⁹ - A Embaixada americana ressaltava, inclusive, que a atividade da *Dante* visava especialmente, no caso dos brasileiros, aqueles mais cultos e membros da elite intelectual. Ver ADA, rolo 4/380, código 832,00F, relatório “Italian Activities in Brazil” de 6/2/1939, fotograma 19, p. 14 e o capítulo 6.

¹⁸⁰ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 276, f. 10, sottof. 8, p. “San Paolo – Università/Prof. Italiani”, Informe Embaixada italiana de 1/6/1938.

¹⁸¹ - Idem, b. 278, f. 14, sottof. 1, p. “Brasile – propaganda italiana”, Informe Consulado de São Paulo, 18/8/1938.

¹⁸² - ACS/CPC, b. 877, p. 20296 (“Bucchianesi, Lisandro”), diversos documentos.

culturais nos anos 40¹⁸³, como suas sedes passaram a servir para comemorações patrióticas como o “Natal de Roma” e os aniversários do Império italiano¹⁸⁴, as quais terminavam sempre com vivas ao Duce e ao rei¹⁸⁵. A estrutura da *Dante* ajudou, assim, a dar uma sobrevida às atividades fascistas no país entre 1938 e as leis de guerra de 1942.

Uma associação que foi pesadamente disputada por fascistas e antifascistas foi a *Associazione Italiana Mutilati, Invalidi e Reduci di guerra*, mais conhecida como *Reduci* e que reunia os veteranos de guerra italianos. Já em 1923, os fascistas procuraram controlá-la, mas não conseguiram, seguindo-se cinco anos de lutas e conflitos internos. Com a chegada do cônsul Mazzolini em 1928 e o fato das eleições da associação serem nesse mesmo período, o esforço fascista foi ampliado e inúmeras pressões consulares e dos empresários italianos locais foram dirigidas aos sócios¹⁸⁶. Até a polícia brasileira colaborou, prendendo antifascistas com direito de voto a pedido do Consulado¹⁸⁷. Mesmo assim, os antifascistas conseguiram 86 votos em 287, o que foi insuficiente, porém, para impedir que o Consulado assumisse o controle da associação. A simpatia da maioria dos sócios e as brutais pressões consulares deram, assim, a vitória aos fascistas, que imediatamente mudaram os estatutos e expulsaram os antifascistas¹⁸⁸.

¹⁸³ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottof. 1940, p. “Varie”, relatório da Embaixada italiana de 8/1/1940 e b. 276, f. 10, sottof. 8, p. “SP – Istituto di Alta Cultura Italo Brasiliano”, Informe Consulado de São Paulo de 16/4/1940.

¹⁸⁴ - Idem, b. 277, f. 13, sottof. 1, p. “Commemorazione del XI Aprile e IX Maggio”, Informe Consulado de Porto Alegre, 15/5/1939 e f. 8, sottof. 2, p. “Pratiche Varie”, Informe Consulado de São Paulo, 23/4/1941.

¹⁸⁵ - Idem, b. 276f. 10, sottof. 8, p. “Varie”, Informe Vice Consulado de Ribeirão Preto, 30/5/1940.

¹⁸⁶ - Ver TRENTO (1989, pp. 330-331); “Agente provocatore” in *Il Risorgimento*, 9, 1/5/1929; “O fascismo quer impôr-se no Brasil” in *O Combate*, 18/2/1925; “A infiltração fascista no estado de São Paulo” in *O Combate*; 16/10/1928 e o número único do jornal *Il Reduce*, 14/2/1928.

¹⁸⁷ - Ver “Agente provocatore” in *Il Risorgimento*, 9, 1/5/1929 e ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, b. 204, p. “Movimento sovversivo all'estero – Brasile (1928)”, relatório do Consulado de São Paulo, 5/3/1928.

¹⁸⁸ - Ver nota anterior. Havia também em São Paulo uma seção da *Unione Nazionali Ufficiali in Congedo d'Italia*, desde cedo de tendências fascistas. Ver, a respeito, ACS/CPC, b. 3899, p. 21607, (“Petroselli, Pasquale”), relatório do Consulado de São Paulo de 12/10/1928.

Esses últimos acabaram criando a *Associazione Ex-Combattenti Italiani Liberi*, a qual teve algumas atividades no final dos anos 20¹⁸⁹, quando, inclusive, recebeu um estandarte de um grupo de reduci antifascistas de Trieste e que havia sido contrabandeado da Itália¹⁹⁰. A associação não conseguiu, porém, reunir muitos sócios¹⁹¹ e, lacerada por lutas internas (BERTONHA, 1994b, pp. 128-129), desapareceu no início dos anos 30.

O caso do *Circolo Italiano* de São Paulo também demonstra o poder de pressão do Consulado. Fundada em 1911 e com centenas de sócios pertencentes ao grupo dos italianos mais abastados (TRENTO, 1989, p. 172), a associação foi alvo do fascismo já em 1923, quando foi eleito presidente Antonio Frontini, favorável ao regime. Muitos sócios, porém, não aceitaram a ingerência dos fascistas na associação e, especialmente, a imensa brutalidade e arrogância que eles faziam questão de manifestar¹⁹² e recusaram o controle consular. Tanto que, em 4/11/1925, o Embaixador Montagna, que participava da cerimônia de comemoração da vitória italiana na Primeira Guerra na sede do *Circolo Italiano*, teve que ouvir antifascistas responderem “Abaixo Mussolini” e “Viva Matteotti” após seu pedido de “Vivas à Mussolini”¹⁹³.

Essa situação continuou nos anos seguintes, a ponto do fascio local boicotar o *Circolo* (não permitindo ao aviador De Pinedo, por exemplo, participar a uma recepção a ele oferecida pela associação) e de um informante fascista registrar ainda em 1927:

¹⁸⁹ - Ver *Il Risorgimento*, II/46, 23/5/1929.

¹⁹⁰ - “Associazione Combattenti Italiani Liberi – San Paolo (Brasile), 24 Maggio” in *Il Risorgimento*, II/47, 30/5/1929.

¹⁹¹ - A estimativa do Consulado italiano (que era, certamente, tendenciosa, mas não cem por cento equivocada), era de que, em centenas de reduci moradores em São Paulo, só 23 pertenciam à associação antifascista. Ver ACS/CPC, b. 3899, p. 21607, (“Petroselli, Pasquale”), relatório do Consulado de São Paulo de 12/10/1928. De qualquer forma, o número de sócios certamente não superou algumas dezenas.

¹⁹² - Ver ACS/Min Int, DGPS, Polizia Política, fascicolo per materia, b. 21, f. “San Paolo (Brasile) – Fuorusciti e antifascisti”, relatórios do Consulado de São Paulo, outubro/1927.

¹⁹³ - O acontecimento é descrito em vários locais. Ver, por exemplo, ACS/CPC, b. 2334, p. 1839 (“Genta, Giulio”), relatório do Consulado de São Paulo de 31/5/1926.

“Resumindo, o *Circolo Italiano* é dirigido, atualmente, por um grupo social que, em sua maioria, embora não nutrindo nenhuma simpatia pelo fascismo como partido, estaria disposto a manter boas relações a manter boas relações com as autoridades pátrias. Não se deve, porém, atacá-lo a baioneta. É necessário tato, diplomacia. Só assim se conseguiria uma vitória proveitosa e segura.”¹⁹⁴

Com a chegada de Mazzolini em 1928, a pressão fascista sobre a instituição aumentou e um número crescente de manobras e artimanhas começou a ser utilizado para garantir o controle fascista¹⁹⁵. Em fins de 1928, inícios de 1929, por fim, a associação acabou, com a concordância de seu novo presidente, o Conde Crespi, sendo absorvida na rede de associações fascistas¹⁹⁶.

A partir daí, a sua sede passou a servir de palco para festas, bailes e reuniões fascistas; para a recepção de Edda Ciano, Bruno Mussolini, Guglielmo Marconi e outras personalidades italianas em visita à São Paulo (CIRCOLO, 1961), etc. Também do *Circolo Italiano* partiram dez voluntários para a Guerra da Abissínia em 1936 (TRENTO, 1980, p. 176); de sua sede foi retirada, quando da invasão policial em 1942, grande quantidade de objetos fascistas¹⁹⁷ e, segundo alguns pesquisadores (ROGATTO, 1990, p. 419), ainda hoje se respira um ar nostálgico do fascismo dentro da associação, o que demonstra as marcas deixadas nela pelo fascismo.

O *Ospedale Umberto I* também resistiu, mas acabou aderindo ao fascismo e realizando o expurgo dos antifascistas¹⁹⁸. O mesmo ocorreu, após fortes dissídios internos (TRENTO, 1989, p.

¹⁹⁴ - “Come si svolge la lotta per la conquista del *Circolo Italiano*” in *Il Pasquino Coloniale*, 12/5/1928.

¹⁹⁵ - “I primi risultati della concordia fascista” in *Il Risorgimento*, 16/5/1928.

¹⁹⁶ - Ver o desgosto antifascista com o final do processo de fascistização do *Circolo* em “Una commemorazione sabauda che si risolve in un tradimento” in *Il Risorgimento*, II/27, 10/1/1929.

¹⁹⁷ - AESP/DOPS, Prontuário 40632 (“*Circolo Italiano de São Paulo*”), Autos de Apreensão de 1942.

¹⁹⁸ - Ver TRENTO (1989, p. 330) e ASMAE/Archivio Gabinetto 1923-1943, Parte Prima, Serie I – Gabinetto del Ministro, b. 501, carta Consulado de São Paulo, 31/7/1930.

328), com o *Palestra Italia*, onde até o time de futebol foi fascistizado¹⁹⁹ e cujo estádio – o *Parque Antártica* – foi muito utilizado, nos anos 30, para as manifestações fascistas locais²⁰⁰.

Não poderemos obviamente abordar o processo de conquista fascista de todas as associações italianas de São Paulo e muito menos do Brasil como um todo. Além das principais associações, já mencionadas, contudo, não podemos deixar de nos referir brevemente a alguns casos emblemáticos, como o da associação *Muse Italiche*, fundada em 1926 e que promovia concertos, conferências literárias, etc numa roupagem fascista discreta, mas sempre presente²⁰¹; da *Società Filarmonica Pietro Mascagni* de Jaboticabal/SP, cuja singularidade esteve no fato que sua fascistização ocorreu, aparentemente, mais por um desejo espontâneo e não só por pressão consular²⁰²; de várias pequenas sociedades do interior de São Paulo e de outros estados que conseguiram resistir por mais tempo ao fascismo²⁰³ e, especialmente, da única associação italiana de São Paulo de alguma importância que se tornou antifascista, a *Lega Lombarda*.

¹⁹⁹ - Ver “Eia Eia Alalá” in *O Combate*, 24/9/1928 onde se relata como, num jogo entre os times do Palestra e do Corinthians, os palestrinos fizeram a saudação fascista para o cônsul Mazzolini.

²⁰⁰ - José Renato Campos Araújo (ARAÚJO, 1996) observa como o processo de criação de uma identidade italiana em São Paulo pelo futebol nas primeiras décadas do século condizia com a política do governo italiano de superação das diferenças regionais na colônia naqueles anos, mas que não haveriam indícios claros de associação do Consulado com o *Palestra*. Pequenos indícios encontrados na documentação fascista e antifascista, porém, indicam que esses contatos, ao menos no período entre guerras, existiram e que o *Palestra* era, sem dúvida, parte da rede de associações fascistas.

²⁰¹ - Ver “Fuori spettacolo” in *Il Pasquino Coloniale*, 6/4/1935; “Cultura fascista” in *Il Risorgimento*, 20/6/1929; notícia sem título em *Colombo*, II/3-4, jan/jun 1927 e o jornal *Muse – Organo della Società italiana di cultura Muse Italiche*, nesse período.

Outras associações italianas também mantinham esse tipo de atividades. Ver o *Bollettino Mensile della Società Italiana di Mutuo Soccorso Leale Oberdan* entre 1926 e 1927.

²⁰² - “Mania fascista” in *La Difesa*, III/70, 1/5/1926.

²⁰³ - Ver os casos de sociedades italianas do Rio de Janeiro, Uruguai, Ponta Grossa, Santos, Sorocaba e Rio Claro em TRENTO (1989, p. 332); ACS/CPC, b. 3915, p. 19656 (“Pettinelli, Dante”), relatórios de 22/9 e 15/10/1928 e Idem, b. 1050, p. 134833 (“Capra, Giuseppe”), diversos documentos. Para o caso de uma pequena associação italiana de Porto União/SC, que ainda em 1927 resistia aos fascistas, ver ASMAE/MinCulPop, b. 67, p. “Itálica”, relatório da Embaixada italiana de 14/10/1927.

Ressalte-se, nesse ponto, que essas associações ou eram pequenas demais para representar ameaça à supremacia fascista ou acabaram se convertendo com o tempo.

A *Lega Lombarda* foi, de fato, a única grande instituição que não só não caiu nas garras do fascismo, como se tornou centro nervoso de boa parte da atividade antifascista italiana – e mesmo brasileira (BERTONHA, 1995) – em São Paulo. Obviamente, o fascismo procurou conquistá-la e já em 1926 ocorreram imensos choques entre fascistas e antifascistas dentro da instituição. Tentativas fascistas de obter o seu controle se repetiram em 1927 e 1929, mas a vitória fascista só veio em 1936, quando uma série de manobras deu o controle da associação a um infiltrado fascista pertencente ao *Partido Repubblicano Italiano*. A partir desse momento, a *Lega Lombarda* foi usada pelos fascistas para suas comemorações e reuniões do *Dopolavoro*, mas sua conquista acabou desencadeando uma batalha jurídica entre fascistas e antifascistas que terminou com a vitória dos últimos em 1942/43, quando, porém, ela foi fechada devido às leis de guerra brasileiras²⁰⁴.

De qualquer forma, a *Lega Lombarda* foi uma exceção e as associações italianas também acabaram, dessa maneira, caindo na rede fascista destinada a atingir os ítalo-brasileiros.

Essa rede de associações italianas foi enfraquecida pelas leis de 1938, que proibiam brasileiros e naturalizados de participarem de associações estrangeiras²⁰⁵, mas o regime adotou uma série de medidas cosméticas de forma a manter ao menos o esqueleto das associações funcionando (GUERRINI, 1995, pp. 531-532) e atividades fascistas e pró Eixo são registradas ainda em 1941/42²⁰⁶, pouco antes da entrada do Brasil na guerra.

²⁰⁴ - Além de muitas citações na documentação fascista e antifascista, ver TRENTO (1989, pp. 363-369). Temos, porém, um ponto obscuro na história da associação: Segundo Ângelo Trento, citado, desde 1936 a *Lega Lombarda* foi controlada pelos fascistas. A polícia política brasileira registrava, porém, reuniões de antifascistas acontecendo na sua sede ainda em 1939 [AESP/DOPS, Prontuários 10569 (“Lega Lombarda”) e 994 (“Bixio Picciotti”)], o que significa que houve realmente um vai e vem de fascistas e antifascistas, provavelmente devido a disputas jurídicas, no controle da associação entre 1936 e 1943.

²⁰⁵ - Ver AESP/DOPS, Prontuários 12056 (“Unione Calabrese de São Paulo”) e 40632 (“Circolo Italiano de São Paulo”); ASMAE/Affari Politici 1931-45 (Brasile), b. 15, p. “Provvedimenti contro associazioni politiche straniere: fasciste e naziste”, relatório do Consulado do Rio de Janeiro, 7/5/1938 e as queixas do cônsul italiano de São Paulo sobre a decadência, por exemplo, da *Guglielmo Oberdan* em ACS/MinCulPop, DGP, b. 277, f. 8, sottof. 2, p. “Pratiche varie – SP”, Informe Consulado de São Paulo, 2/12/1939.

²⁰⁶ - Idem.

Seria muito interessante poder contar com estatísticas confiáveis sobre o número de associações italianas e seus sócios em todo o território brasileiro durante todo o período em estudo, de forma que pudéssemos não só analisar o grau de representatividade dessas associações dentro do universo italiano de cada região, como descobrir se houve crescimento ou queda dessas associações sobre o domínio fascista. Tais dados não existem. Foi localizado, porém, um documento muito interessante sobre as associações italianas da cidade de São Paulo no início dos anos 40 que, apesar de várias limitações, pode nos dar uma idéia de como estava o mundo associativo italiano de São Paulo naquele momento²⁰⁷

O que é possível observar, a partir dos dados desse documento, que o universo atingido pelas associações italianas em São Paulo (e num momento em que elas estão com suas atividades sendo cada vez mais restritas pelas autoridades brasileiras) estava na casa de alguns milhares de inscritos, com outros milhares, certamente, participando de cerimônias e festividades como simpatizantes. Isso indica como as associações, apesar de não conseguirem atrair realmente o grosso dos italianos locais para as suas atividades (o que era, aliás, algo que ocorria também no período pré fascista – GUERRINI, 1995, p. 529 e TRENTI, (1989, pp. 170-177) -, tinham, em conjunto, uma maior capacidade para atrair os imigrantes italianos que, por exemplo, os *fasci all'estero*, o que indica como a sua conquista foi importante para o fascismo.

Verificar se ação fascista representou um estímulo ou um problema a mais para a sobrevivência dessas associações, é ponto a discutir. Os fascistas, obviamente, insistiam que sua política de tentar deter a absorção cultural dos italianos no Brasil e seu apoio financeiro e logístico às associações teriam sido chave para renová-las e mantê-las ativas. Os antifascistas insistiam no contrário²⁰⁸ e observadores posteriores (ligados ou não ao antifascismo²⁰⁹) também ressaltaram o

²⁰⁷ - AESP/DOPS, Prontuário 27804 ("Fascio de São Paulo – Lista de contribuintes").

²⁰⁸ - Ver "Fascismo, provocatore di discordie e di disordini" in Il Risorgimento, II/45, 15/5/1929 e "A proposito di lotte coloniali" in Il Risorgimento, 6, 16/3/1928. Ver também o depoimento de D. Lélia Abramo ao autor (São Paulo, 17/12/1992).

²⁰⁹ - Ver SILVEIRA (1976), que considera que o fascismo matou o teatro italiano de São Paulo.

fato de que a ação fascista e, posteriormente, a repressão getulista acabaram eliminando as associações e o mundo cultural italiano de São Paulo, para prejuízo do próprio país.

Um exame numérico mostra como o número de associações italianas no Brasil passou de 192 em 1927 para 250 em 1942, enquanto em São Paulo esse número cresceu de 94 em 1927 para 156 uma década depois²¹⁰. Como bem demonstra Ângelo Trento (TRENTO, 1989, pp. 289-291), porém, essa proliferação de associações revela mais a permanência de certos problemas que sempre haviam marcado a vida associativa italiana em São Paulo (profundas rivalidades entre as associações, incapacidade de trabalho conjunto, baixo interesse do grosso dos italianos e pequeno número de sócios, etc) que um desenvolvimento real delas. É difícil saber, portanto, se a ação fascista prejudicou a existência das associações, mas é evidente que ela não conseguiu eliminar na íntegra os velhos problemas que afetavam o seu desenvolvimento e nem conter o processo de absorção cultural dos italianos e seus filhos, o qual afastava cada vez mais essas pessoas da vida associativa italiana local e que implicava, obviamente, na sua lenta decadência.

É mister admitir, porém, que, ainda que a autonomia das associações não tenha sido vencida completamente (TRENTO, 1989, p. 333), o grau de controle e coesão que o fascismo conseguiu imprimir às associações italianas de São Paulo foi inédito e que este controle se aperfeiçoou muito no decorrer do tempo. De fato, a partir das primeiras (e infrutíferas) tentativas de unificar as associações em torno do Consulado ainda nos anos 20, o regime foi aprofundando a dependência delas com relação aos órgãos diplomáticos italianos, num processo que culminou com a criação das *Casa d'Italia* na segunda metade dos anos 30.

As Casa d'Italia

²¹⁰ - Informações extraídas de MAE (1928, p. 456); PISANI (1937) e TRENTO (1989, p. 290).

A idéia da *Casa d'Italia* surgiu, como vimos, nos anos 30 e não só sua expansão no Brasil foi lenta e irregular, como os dados disponíveis sobre essa expansão são bastante fragmentários, o que dificulta uma visão mais clara da sua consistência real. De fato, já em 1932 temos referência a uma *Casa d'Italia* em Salvador e outra no Rio de Janeiro²¹¹. Em 1936, foi inaugurada a de Belo Horizonte²¹², enquanto em 1937 há informações sobre unidades em Juiz de Fora, Campinas, Recife e Salvador²¹³. Em 1938, finalmente, a mesma fonte fascista indica filiais em Belo Horizonte, Juiz de Fora, Salvador, Recife, Uberaba, Ubá e Belém, enquanto PISANI (1937, pp. 1253-1337) informa sobre a existência de 10 unidades no estado de São Paulo em 1937 e o consulado italiano de Porto Alegre dá o número de 6 *Casa d'Italia* no Rio Grande do Sul em 1940²¹⁴. Como se percebe, é difícil reconstruir totalmente o formato e o alcance da rede de *Casa d'Italia* e sua capacidade de atingir capilarmente as coletividades italianas do Brasil. O fato dela ainda estar em construção no final dos anos 30 indica, porém, que sua difusão foi menor que a dos *fasci all'estero* e dos *Dopolavoro*.

O que fica claro na documentação, contudo, é que a infraestrutura dessa rede não era perfeita e que problemas como a falta de local adequado²¹⁵, de recursos para a construção das sedes²¹⁶ e para a compra de projetores e equipamentos²¹⁷ continuaram a atingi-la mesmo durante seu

²¹¹ - ASMAE/Archivio Gabinetto 1923-1943, Parte Seconda 1930-1943, Série I Gabinetto del Ministro, b. 502, p. "Menzotti, Augusto", relatório de 25/10/1932 e Appunto MAE 8/12/1932.

²¹² - ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 4, p. "Casa d'Italia di Belo Horizonte", diversos documentos e notícia sem título em *Italia - Rivista Mensile di Cultura*, I, 3, agosto/1936.

²¹³ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 14, p. "Propaganda Culturale 1937, relatório do Consulado de Porto Alegre, 25/11/1937 e b. 12, p. "Stampa - 1937", recorte do *Jornal do Commercio*, Recife, 25/11/1937.

²¹⁴ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 24, p. "Rapporti politici 1940", relatório do Consulado de Porto Alegre de 23/1/1940.

²¹⁵ - Foi o que ocorreu no Rio de Janeiro, onde divergências entre o Embaixador Cerrutti e a *Direzione Generale degli Italiani all'estero* estavam atrasando a construção de uma sede própria. Ver - ASMAE/Archivio Gabinetto 1923-1943, Parte Seconda 1930-1943, Série I Gabinetto del Ministro, b. 502, Appunto MAE 8/12/1932.

²¹⁶ - Para o caso de Porto Alegre, ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 14, p. "Propaganda Culturale 1937", relatório do Consulado de Porto Alegre de 25/11/1937.

período áureo no fim dos anos 30. Ainda assim, as *Casa d'Italia* exerceram funções chave nas comunidades italianas do Brasil e nos parece interessante reconstruir um pouco suas atividades no país.

A primeira função das *Casa d'Italia* era abrigar e agrupar todas as associações italianas de suas cidades. A de Belo Horizonte, por exemplo, abrigava o Consulado, o Fascio, a Società Dante Alighieri, o Grupo Escolar Benito Mussolini, a Società di Beneficienza, a Società Reduci, o *Dopolavoro* (com palco, cinema, bar, praça de esportes, banda, etc.), o Centro Ítalo-Mineiro de Cultura e a Società "Amici della Latinità"²¹⁸, enquanto uma das mais bem sucedidas, a do Rio de Janeiro, abrigava, no primeiro andar do seu prédio, os escritórios da *Casa d'Italia*, a Câmara Italiana de Comércio, a Livraria italiana, a Gráfica italiana e a representação do *Fanfulla*. O segundo andar, por fim, era ocupado pelo *Dopolavoro*, o fascio e o cinema. Os quatro andares seguintes, por sua vez, alojavam o Consulado italiano, o salão de baile/auditório, o Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura e a escola italiana²¹⁹, enquanto há referências (TRENTO, 1989, p. 333) de que havia ainda mais associações e instituições funcionando sob o seu teto, o que deixa claro como era o funcionamento das *Casa d'Italia* e o poder de coordenação que cada uma delas exercia sobre a vida associativa italiana de cada localidade onde era instalada.

É óbvio que o conjunto de atividades de cada uma das *Casa d'Italia* variava conforme os recursos à disposição em cada localidade. Ainda assim, é possível verificar como, além das

²¹⁷ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 4, p. "Casa d'Italia di Belo Horizonte", diversos documentos e Idem, b. 277, f. 13, sottof. 1, p. "Pellicole - Fotografia - Apparecchi cinesonori", informe do Consulado de Porto Alegre, 3/8/1938.

²¹⁸ - *L'Italia in Marcia*, III, 3, dezembro/1937.

²¹⁹ - Ver ADA, rolo 4/380, código 832,00F, relatório "Italian Activities in Brazil" de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 16-17.

atividades de cada um dos órgãos que a compunham e das atividades culturais de praxe, as *Casa d'Italia* serviram para disseminar propaganda fascista entre brasileiros e italianos²²⁰.

O objetivo central que levou à criação das *Casa d'Italia* no Brasil era aquele geral expresso no capítulo 1: reforçar e garantir o controle absoluto das associações italianas pelo fascismo. No caso brasileiro, contudo, esse objetivo era flanqueado por dois outros oriundos especificadamente da realidade local: manter as atividades fascistas sobre a cobertura das *Casa d'Italia*, de forma a superar as leis de 1938²²¹ e agrupar todas as “forças da italianidade” presentes no Brasil para uma batalha final contra a desnacionalização dos imigrantes.²²² A tentativa parece ter fracassado (TRENTO, 1989, p. 373), mas durou até a entrada do Brasil na II Guerra Mundial em 1942, a qual desmontou não só as *Casa d'Italia*, como toda a rede montada pelo fascismo em território nacional. Resta agora ampliar a problemática do tema e verificar a reação dos italianos locais à influência dessa rede de controle e propaganda.

²²⁰ - Inclusive na época da II Guerra Mundial. Ver AERJ/DOPS, Série Temática “Italianos”, Pasta 2, Dossiê “Propaganda fascista”, onde se informe que a *Casa d'Italia* do Rio de Janeiro distribuía, em 1940, boletins de guerra no Mercado Municipal e em outros pontos da cidade.

²²¹ - Ver declarações explícitas nesse sentido em ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 21, p. “Rapporti politici – 1939”, relatório da Embaixada italiana de 31/1/1939 e Idem, b. 24, p. “Rapporti Politici – 1940”, relatório do Consulado de Porto Alegre, 23/1/1940. As edições do jornal *Il Legionario* de 1938 a 1942 mostram uma imensa quantidade de atividades fascistas nas *Casa d'Italia* no Brasil no período. As *Casa d'Italia* foram, assim, a cartada final do governo fascista – que, como vimos, utilizou, muitos disfarces para escapar das leis de 1938 – para manter as atividades fascistas no país mesmo quando isso não era mais oficialmente permitido, no que contaram com o beneplácito, aliás, das autoridades brasileiras. Ver capítulo 9.

²²² - Idem, b. 14, p. “Propaganda Culturale – 1937”, relatório do Consulado de Porto Alegre, 25/11/1937.

Parte C - A coletividade italiana de São Paulo e sua receptividade ao fascismo

Capítulo 4 - As divisões sociais, geracionais e regionais

O trabalho a ser desenvolvido nesse capítulo requer, antes de mais nada, algumas considerações metodológicas, sendo que a mais importante delas indica a absoluta necessidade de não procurar compreender a colônia italiana de São Paulo como um todo único. De fato, é muito difícil compreender a recepção ao fascismo no interior da coletividade italiana se não tivermos em mente que ela não era una e homogênea, mas profundamente marcada pelas diferenças de origem regional, geracionais e, principalmente, de classe. Mesmo reconhecendo a poderosa força do nacionalismo em termos gerais, nos parece claro que esses grupos em que se dividia a coletividade italiana deviam, dadas as suas experiências diversas, tomar decisões e selecionar alternativas de forma diferenciada e por razões diferenciadas, o que deve ser mantido sempre em mente quando de nossas análises.

Em resumo, entendemos que essa parte do texto deve ser desenvolvida com a expectativa que o fascismo afetou os diferentes segmentos da comunidade italiana de formas diferentes e por razões diferentes, o que, aliás, está de acordo com as tendências internacionais a respeito (CANNISTRARO, 1979 e CRESCIANI, 1988).

Várias dessas diferenciações serão abordadas nesse capítulo, o qual enfatiza, contudo, as diferenças de classe, que dividiram tão profundamente a coletividade italiana de São Paulo que não é difícil concordar com Nádia Venturini (VENTURINI, 1984) quando ela define “comunidade italiana” não como um grupo homogêneo e coeso de italianos, mas como uma reunião de pessoas com experiências diversas e que tinham como denominador comum apenas a

origem. É nessa perspectiva (que, note-se, valoriza o problema das divisões e das lutas de classe na colônia, mas que não as considera o único elemento a ser levado em conta) que procuraremos, agora, fazer uma varredura no edifício social da coletividade italiana de São Paulo e a relação de cada um de seus grupos com o fascismo.

A elite industrial¹

Uma boa maneira de começarmos a investigar a relação da imensamente rica e poderosa elite industrial italiana de São Paulo com o regime fascista é abordarmos como alguns dos mitos sociais surgidos no interior dessa elite se relacionaram com Mussolini e seu regime. Nesse sentido, temos que nos referir à figura do Conde Rodolfo Crespi e, especialmente, à do Conde Francesco Matarazzo.

Conde Rodolfo Crespi, nascido em 1873 e emigrado para o Brasil em 1892, foi o único que pôde tentar rivalizar com o Conde Matarazzo na disputa por poder e influência dentro da coletividade italiana, sendo imensamente rico e influente. Seu excelente relacionamento com o fascismo se iniciou já em 1924, quando recebeu uma condecoração e teve uma audiência com o Duce² e prosseguiu posteriormente, tendo ele doado 2 milhões de liras no “Prestito del Littorio” de 1927³ e mais mil contos de réis para apoiar o esforço de guerra italiano na invasão da Abissínia⁴ e sendo colaborador constante nas atividades fascistas locais⁵.

¹ - A parte desse texto relativa à elite industrial deverá ser publicada, em versão ligeiramente diferente, em BERTONHA (1998b).

² - “La medaglia di benemerenza ad un italiano nel Brasile” in I fasci italiani all'estero, I, 5, 12/6/1924.

³ - “Vita dei fasci” in Il Legionario, IV, 19, 7/5/1927.

⁴ - Ver RUBBIANI (1936) e MARPICATI (1939).

Foi por ocasião de sua morte em 1939, contudo, que seu apreço pelo fascismo ficou ainda mais visível. De fato, não só ele fez doações à diversas associações italianas de São Paulo⁶, como deixou meio milhão de liras para uso a critério do Duce⁷ e fez questão de ser enterrado com a camisa negra fascista. Mais ainda, ele deixou registradas em testamento as ilustrativas palavras que transcrevemos a seguir:

“O meu último pensamento, além do Brasil, volta-se, hoje, à minha Pátria e ao Duce, pelo qual, sempre, nutri a máxima devoção. Posso dizer que a minha maneira de pensar e de agir foi, sempre, fascista, mesmo antes que o fascismo existisse como partido”⁸

Mais que o Conde Crespi, porém, foi o Conde Matarazzo o grande símbolo da adesão da elite italiana de São Paulo ao fascismo. Este é, realmente, um dos aspectos mais reveladores da vida de Francesco Matarazzo. E não foi um traço provisório ou momentâneo. Já em 1923, após ter sido recebido por Mussolini, ele escreveu:

“Duas vezes fui recebido pelo Duce. Eu não tinha tido ainda a ocasião de me aproximar do homem cujo nome enche agora as crônicas políticas de todo o mundo e que muitas nações invejam. E digo com toda a franqueza que saí do Palácio Chigi profundamente impressionado. A impressão que nos vem é de estar diante de um homem cuja força de vontade tem o dom de penetrar aquilo a que é

⁵ - Ver, por exemplo, “Le elargizioni del Conde Matarazzo e del Conte Crespi per i festeggiamenti a S. Ecc. Balbo” in *Il Corriere degli Italiani*, I, 1, 16/3/1931.

⁶ - As instituições beneficiadas foram: *Istituto Medio Dante Alighieri* (350 mil liras); *Ospedale Umberto I* (250 mil); *Orfanato Cristoforo Colombo* (250 mil); fascio feminino (100 mil); colônias marítimas do fascio (100 mil) e obras assistenciais italianas (100 mil). Ver MARPICATI (1939, p. 619).

⁷ - Mussolini acabou decidindo manter o dinheiro no Brasil, doando 100 mil liras para a planejada construção de um monumento à Américo Vespucci e 400 mil ao *Istituto Italo Brasileiro* “*Conte Rodolfo Crespi*”, recém criado junto ao *Istituto Medio Dante Alighieri*. Ver ACS/SPD, Carteggio ordinario, b. 2393, p. 551043.

⁸ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 23, p. “Miscellanea”, recorte “A morte do Conde Crespi” in *Diário de São Paulo*, 29/1/1939.

dirigida. O futuro não está apenas no colo de Júpiter, mas também nas mãos do forte: se compreende rápido que esta é a sua divisa"⁹

Ou ainda:

"Eu sou um grande admirador de Mussolini. Estou convencido do ardente patriotismo e da forte sinceridade que o animam. Quem conheceu a Itália dos primeiros tempos do pós-guerra e a visita hoje, não pode deixar de admirar esse homem formidável (...)

Antes dele, a Itália era um perfeito caos. Não havia ordem, não havia disciplina. Hoje a Itália constrói pacificamente o seu amanhã e é tão grande a ordem, tão forte a disciplina que lá reina que milhares e milhares de estrangeiros não se cansam nunca de percorrê-la em todos os sentidos, amando-a e admirando-a através dos monumentos do seu povo"¹⁰

Outras provas seriam até supérfluas. Ele possuía a "Medaglia d'Oro di benemerenza dell'Opera Nazionale Balila" e a "Tessera d'Onore fascista"; foi recebido duas vezes por Mussolini e teve seu título de Conde tornado hereditário por ele (MOREIRA, 1937, pp. 12 e 51). Por duas vezes doou vultuosas quantias ao regime fascista: quando do boicote à Itália em 1936¹¹, quando ele também se posicionou fortemente do lado da Pátria mãe¹² e, numa segunda oportunidade, à *Opera Nazionale Balila*, órgão da juventude fascista. Além disso, até seu arquiteto era, mesmo após 50 anos de Brasil, italiano e fascista¹³ e, quando de sua morte, foi

⁹ - BLANCATO (1925, pp. 377-378).

¹⁰ - BLANCATO (1926, pp. 196-197). Ver também CRIVELLO (1937) e BERTONHA (1998c)..

¹¹ - A importância foi de 1000 contos de reis. Vide RUBBIANI (1936, p. 245). Ele também enviou mercadorias em abundância à Itália para ajudá-la a romper o bloqueio imposto pela Sociedade das Nações. Vide *CINQUANT'ANNI* (1936, p. 265).

Em 1940, as *Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo*, já sob a direção do filho do Conde, foram acusadas de desviar carvão para os navios italianos retidos no porto de Santos. Ver PRO, FO 371/24204, A5121, relatório "Enemy Propaganda and methods of trade penetration in South America" de 14/12/1940.

¹² - Ver MOREIRA (1937, p. 186).

¹³ - O arquiteto foi Marcelo Piacentini. Sobre sua presença no Brasil, vide TONHÃO (1993).

obedecido o ritual fascista¹⁴. Como dizer que a vida dele era apolítica (RIOS, 1959) ou que a sua aproximação ao fascismo foi apenas superficial (MARTINELLI, 1988, p. 69)?

Os exemplos do Conde Crespi e do Conde Matarazzo são, assim, bastante ilustrativos da relação dos grandes industriais italianos de São Paulo com o fascismo. Esses mesmos exemplos podem levar, porém, a uma impressão que destoa da realidade, ou seja, a de que essa opção pelo fascismo tenha sido uma posição meramente individual, de dois ou mais homens desejosos de garantir seu poder e seu prestígio na coletividade italiana através de uma ligação com o fascismo.

Como veremos a seguir, isso era, especialmente no caso do Conde Matarazzo (MARTINS, 1973), uma aspecto importante da questão. Quando se procura alargar o campo de análise para englobar não só os grandes industriais que pretendiam a liderança da coletividade italiana, mas também outros industriais de grande e médio porte, nota-se que o apoio ao fascismo não era só uma opção de um ou outro empresário por motivos pessoais, mas uma escolha de classe por parte da elite italiana, a qual teve pouquíssimas discordâncias a este respeito¹⁵.

Nesse hall de adesões, podemos incluir desde grandes fazendeiros como Geremia Lunardelli¹⁶ e Pietro Morganti, que cedia sua fazenda em Piracicaba para instruções de ginástica do fascio local e financiava as atividades fascistas na cidade¹⁷ a industriais de maior fama como Giuseppe Martinelli¹⁸, o industrial dos tecidos Scarpa¹⁹, Giovanni Ugliengo, presidente do

¹⁴ - O enterro de Matarazzo foi realmente uma grande demonstração da estética fascista, com seis camisas negras se revezando na guarda do caixão (onde também estava o estandarte do fascio), o ritual fascista de enterros sendo seguido, etc. Ver MOREIRA (1937).

¹⁵ - A mais importante delas foi a do Conde Egídio Gamba, que desaprovava o regime, abrigava antifascistas em suas empresas, os apoiava na luta contra o fascismo, etc. A pressão fascista sobre ele, porém, foi tão forte que ele acabou se convertendo. Ver ACS/CPC, b. 2262, p. 1824 ("Gamba, Egídio").

¹⁶ - Ver BARTOLOTTI (1928, pp. 29-30) e TRENTO (1980, p. 175).

¹⁷ - "Fascismo all'estero" in Il Legionario, VI, 4, 26/1/1929. Ver também ACS/MinCulPop, Divisione Generale di Propaganda (DGP), b. 276, f. 10, sottof. 8, p. "Manifestazioni varie a San Paolo del Brasile", informe do Consulado de São Paulo, 22/11/1938.

¹⁸ - Que construiu, no edifício Martinelli em São Paulo, um salão de nome *Littorio*, com um *fascio littorio* de 4 metros de altura. Ver Longhini, Mario. "Dove il lavoro italiano e brasiliano sono alleati" in Il Legionario, 30/8/1930.

“Moinho Santista” e suplente de direção do jornal *Il Piccolo*²⁰, o presidente da Cinzano Vermouth Company e importante líder do fascismo no Brasil no início dos anos 40 Osvaldo Riso²¹ e outros. As multinacionais italianas também eram, obviamente, ligadas ao fascismo²².

É a presença maciça dos pequenos industriais nas hostes fascistas, contudo, que nos confirma como a opção pelo fascismo que marcou a classe industrial italiana no Brasil foi verdadeiramente uma opção de classe²³. Nesse sentido, podemos nos recordar de Sabato D'Angelo, industrial do tabaco que forneceu 5 milhões de cigarros às tropas italianas na Guerra da Abissínia²⁴; do Commendatore Caruso, cuja fábrica de cigarros no Brás produzia maços com a efígie de Mussolini e mantinha insígnias do fascio e águias romanas em meio a seus operários²⁵; de Augusto Pisatti, dono da metalúrgica “Mercúrio” e líder do *Dopolavoro* paulistano²⁶ e muitos outros que não só estavam presentes desde cedo no financiamento do fascismo em São Paulo²⁷,

¹⁹ - “Os tecidos pagam os fascistas” in *O Combate*, 13/11/1928.

²⁰ - “A nominata do fascio em São Paulo” in *O Combate*, 29/9/1928.

²¹ - Sobre Riso ver, entre diversos documentos disponíveis, NACP/Records of the Office of Inter American Affairs, RG 229, 350/76/12/2, Entry 25, box 610, relatório “Fifth Column Activities”, 24 Agosto 1942.

²² - “Le pretese della Società fascista Pirelli” in *L'Italia*, 29/2/1932.

²³ - É realmente interessante observar nesse sentido, como, enquanto nos países latinos a elite italiana não só não se inclinou em massa ao fascismo (NEWTON, 1992), como era possível encontrar grandes empresários fornecendo recursos ao antifascismo (Como, por exemplo, Paolo Alberzoni no Paraguai e, especialmente, Torcuato di Tella na Argentina - BOSQUE, 1993, pp. 29-30; TOBIA, 1978 e COCHRAN, 1962), no Brasil os únicos empresários italianos que forneceram apoio ao antifascismo foram aqueles que haviam sido militantes de esquerda e se tornado pequenos industriais, como Giuseppe Scarrone. Eram, porém, muito poucos.

²⁴ - ASMAE/MinCulPop, b. 49, exemplar de *L'Italia in Marcia*, 1937, p. 56.

²⁵ - PACI (1929, pp. 204-206). A mesma estética fascista era mantida na fábrica de Ippolito Vignoti. Ver “Il Comitato di Propaganda del Gruppo Rionale dell'OND del Braz” in *L'Italia in Marcia*, II, 3, dez/1937.

²⁶ - AESP/DOPS, Prontuário 27968 (‘Augusto Pisatti’).

²⁷ - Ver TRENTO (1980, p. 175). Esse financiamento de grupos políticos italianos parece ter começado, aliás, muito cedo, pois o Grande Ufficiale Giuseppe Puglisi Carbone teria doado meio milhão de liras aos legionários do Fiume em 1919. Ver PISANI (1937, p. 1082).

como formavam parte substancial dos quadros dirigentes e dos filiados nas formações fascistas em São Paulo e também no resto do Brasil.

Uma busca nas motivações que levaram esses membros da elite industrial italiana de São Paulo a se aproximarem com tamanho fervor ao fascismo vai apenas confirmar essa hipótese de que tal adesão não era uma decisão meramente individual e oportunista, mas uma posição política de classe cuidadosamente ponderada e analisada.

Isso obviamente não significa dizer que o oportunismo e fatores mais subjetivos não tenham atuado e as fontes são claríssimas no sentido de indicar a importância do desejo de reconhecimento e atenção desses homens na sua aproximação ao fascismo²⁸. Do mesmo modo, devemos levar em conta que boa parte das atividades econômicas desses empresários ainda giravam em torno da Itália e dos imigrantes (remessas de dinheiro para a Itália, exportação e importação de mercadorias, representações no Brasil de firmas italianas²⁹) e que manter uma boa relação com a Pátria Mãe e o fascismo era, assim, algo básico (ainda mais levando-se em conta a rapidez com que o fascismo agia no sentido de prejudicar seus oponentes no exterior³⁰) para a própria sobrevivência deles³¹.

²⁸ - Ver BLANCATO (1925 e 1926) e MARTINS (1973) para o caso de Matarazzo. Sobre o fato de muitos empresários se converterem ao fascismo após terem sido agraciados com títulos de nobreza ver, por exemplo, as críticas dos antifascistas em "Telefonate" in Il Risorgimento, II/31, "L'augmentato prestigio" in La Difesa, III/59, 14/2/1926 e "Stelloncini settimanali" in La Difesa, III/63, 14/3/1926.

²⁹ - Ver DE ROSA (1980).

³⁰ - O Conde Gamba, por exemplo, teve que se associar ao fascismo para evitar as perseguições do Consulado, despedindo antifascistas de suas empresas e cedendo subsídios ao Consulado. Ver ACS/CPC, b. 2262, p. 1824 ("Gamba, Egidio"), diversos documentos.

³¹ - O governo italiano não deixava de demonstrar sua irritação, aliás, por muitos do industriais se aproximarem do fascismo por oportunismo e necessidade de manter seus negócios. Ver ACS/MinInt, DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 21, "f. 'Sao Paulo (Brasile) - Fuorusciti e antifascisti", carta Embaixada italiana, 22/10/1927.

Restringir essa associação a puros fatores subjetivos e oportunistas, porém, é um erro no sentido de despolitizar completamente a questão³² e é nossa opinião que foi justamente essa dificuldade de apreciar o problema de um ponto de vista mais político e classista que gerou a absoluta incapacidade dos antifascistas italianos de São Paulo de entenderem o porquê dos industriais se recusarem a se afastar do fascismo e, por conseguinte, o seu fracasso no esforço para trazê-los para as hostes do antifascismo, o que foi desastroso na história do movimento³³.

A elite italiana de São Paulo se associou ao fascismo, de fato, por fatores bastante objetivos como sua ligação econômica com a Itália (como já observado), os contatos culturais que sua posição financeira permitia manter - ao contrário da esmagadora maioria dos italianos e seus filhos - com a Pátria mãe e que possibilitavam tanto uma maior conservação da identidade italiana como favoreciam uma maior penetração do nacionalismo fascista³⁴ e pela imensa simpatia que a doutrina fascista e alguns de seus aspectos (corporativismo, restauração da ordem social na Itália, etc) exercia sobre ela³⁵.

Curiosamente (e demonstrando, na realidade, o quanto a opção pelo fascismo era ponderada e avaliada cuidadosamente), porém, esses industriais parecem ter sido extremamente cuidadosos quando se tratava de transformar esse seu apoio ao fascismo na Itália em apoio para a instalação do fascismo no Brasil. De fato, apesar deles terem papel chave na criação e

³² - Philip Cannistraro (CANNISTRARO, 1985^a) vai cometer esse mesmo equívoco ao analisar a conversão ao fascismo de Generoso Pope, grande empresário ítalo-americano e atribui-la ao seu nacionalismo e desejo de utilizar o fascismo para conseguir poder e prestígio na coletividade italiana de New York. Raciocínio perfeitamente aceitável, desde que não se esqueça que, muito provavelmente, alguma afinidade ideológica estava presente.

³³ - Para informações detalhadas sobre as tentativas dos antifascistas italianos de São Paulo em atrair o apoio dos ricos da colônia e a absoluta falta de interesse deles, ver BERTONHA (1994, pp. 393-395; 1994^a, pp. 126-133 e 1997).

³⁴ - Ver AIKMAN (1940, p. 243). O caso de Matarazzo, desde sempre nacionalista e ligado às coisas da Itália, é, nesse sentido, exemplar.

³⁵ - Ver BLANCATO (1925 e 1926). Ressalte-se, aliás, que a atração pelas soluções sociais do fascismo era geral na elite industrial - não só italiana - de São Paulo naquele momento. Ver DEAN (1971, pp. 184-187).

organização de órgãos como o *Dopolavoro* de São Paulo e na sua administração³⁶ e de favorecerem, como veremos a seguir, a participação dos operários de suas fábricas nos organismos fascistas, eles foram muito cuidadosos nessa questão da transferência das instituições fascistas para o Brasil e jamais aceitaram ser meros instrumentos nas mãos do Consulado.

Isso pode ser comprovado quando sabemos que eles se recusaram a assinar um documento emitido pelo cônsul Serafino Mazzolini em defesa de Luigi Freddi quando do caso do *Il Piccolo* em 1928, pois isso prejudicaria suas relações com os brasileiros³⁷ ou quando recordamos que eles não aceitaram dar apoio maciço aos integralistas, apesar do desejo de Roma, por considerar que isso seria danoso aos seus interesses³⁸.

Na verdade, o que fica evidente é que, quando os interesses desses grupo de industriais colidiam com os do fascismo, estes não hesitavam em se opôr a ele, admitindo, por exemplo, antifascistas e judeus em suas empresas quando isso era necessário aos seus negócios³⁹ ou continuando a produzir mercadorias localmente em detrimento das importações da Itália⁴⁰. Eles

³⁶ - Ver ACS/CPC, b. 2262, p. 1824 ("Gamba, Egídio"), relatório do Consulado de São Paulo de 6/6/1928 informando reunião dos industriais italianos de São Paulo para criar o *Dopolavoro* em São Paulo e "Il Comitato di Propaganda del Gruppo Rionale dell'OND del Braz" in *L'Italia in Marcia*, II, 3, dez/1937.

³⁷ - Ver Ragnognetti, Vincenzo. "Perchè il fascismo è mal visto in Brasile" in *Il Moscone*, 14/12/1929. O caso da destruição desse jornal por populares brasileiros será visto em detalhes no cap. 7.

³⁸ - Ver mais detalhes no cap. 8. No caso da Bahia, porém, há indícios de que recursos financeiros fluíram das empresas italianas locais em direção ao Integralismo. Se essa informação for verdadeira, a única maneira de explicar a diferença com a situação de São Paulo é, provavelmente, o fato das empresas italianas da Bahia serem majoritariamente multinacionais italianas, cujo grau de independência com relação aos desejos de Roma era muito menor que o das empresas de propriedade de italianos em São Paulo. Para essa informação, ver ADA, rolo 4/380, código 832.00F, relatório "Italian Activities in Brazil" de 6/12/1939, fotograma 19, p. 90.

³⁹ - Isso ocorria, normalmente, com a mão de obra mais especializada e mais difícil de ser substituída e com antifascistas que mantinham uma certa discrição. Ver ACS/CPC, b. 4625, p. 44822 ("Sasso, Davi"); b. 2744, p. 9087 ("Lazzarini, Antonio") e b. 4468, p. 2812 ("Rotasperi, Pietro") para informações sobre antifascistas trabalhando nas Indústrias Ramenzoni e nas *Industrias Reunidas Francesco Matarazzo*. Sobre os judeus emigrados, e trabalhadores de alta qualificação, ver TRENTO (1989, p. 384).

⁴⁰ - Ver queixa da Embaixada italiana nesse sentido em ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 4, p. "Rapporti Politici", relatório da Embaixada italiana de 25/5/1933.

também resistiam às vezes aos incessantes pedidos de dinheiro dos fascistas⁴¹ e nunca fizeram grandes tentativas, apesar dos apelos teóricos do fascismo em favor da solidariedade entre italianos, de melhorar a sorte de seus compatriotas, preferindo continuar explorando-os a tal ponto que até observadores vindos da Itália ficavam indignados⁴².

Os membros da elite italiana também insistiam na necessidade de muita cautela e cuidado frente ao desejo de Roma de doutrinar maciçamente a coletividade italiana e transferir os diferentes organismos do regime fascista para o Brasil, pois isso irritava a opinião pública brasileira e poderia trazer problemas para os seus negócios e sua prosperidade. O próprio Conde Francesco Matarazzo, por exemplo, assim se expressava:

“Não sou político. Nunca me meti em política, porque sou um estrangeiro e não poderia pretender intrometer-me em coisas do país que me hospedou. Se estivesse na Itália, seria fascista. Aqui não. Não sou coisa nenhuma. Não posso ser coisa nenhuma. Se os meus filhos quiserem, sejam políticos que eles são brasileiros. Eu não posso ser, não devo ser nem fascista no Brasil.

Admiro Mussolini como um homem extraordinário que deu prosperidade à Itália. A Itália de hoje é bem outra da que Mussolini encontrou. Mas é só o que eu me permito aqui no Brasil: admirar intimamente a figura invulgar de Mussolini. E eu penso que é o máximo a que os italianos se devem permitir no Brasil”⁴³

⁴¹ - Vide, por exemplo, o informe do governo britânico de 1939 onde consta que a exigência de recursos para o fascismo feita pela filha do Duce, Edda Ciano (então em visita ao Brasil) teria sido tão pesada que os industriais italianos de São Paulo teriam ficado indignados. Ver PRO, FO 371/23815, A5514, diversos documentos de 1939.

⁴² - MAGRINI (1926, p. 87) e BARTOLOTTI (1930, p. 309). Ver também RIOS (1959, p. 62).

⁴³ - “O empastelamento de “Il Piccolo” in A. Platea, 26/9/1928. Para declarações do mesmo tom do Conde Gamba, ver “O Conde Pinotti Gamba explica a sua atitude no caso de Il Piccolo” in O Estado de São Paulo, 29/9/1928.

Essa total neutralidade do Conde Matarazzo e de outros industriais italianos na política brasileira era, obviamente, apenas retórica, sendo eles participantes ativos na defesa da industrialização brasileira, nas associações de industriais, nas revoluções de 1930 e 1932 e em outros acontecimentos da vida política do país. O que havia era um cuidado para não deixar essas atividades expostas ao crivo da opinião pública brasileira, nem sempre disposta a aceitar a ingerência de estrangeiros em seus assuntos internos. Ver BERTONHA (1998b) para detalhes e, para o caso específico de Matarazzo e suas ligações com a política estadual e federal, o ensaio que escrevemos a respeito de sua vida em BERTONHA ().

o que obviamente irritava profundamente os representantes fascistas no Brasil (TRENTO, 1994, p. 253).

Dizer que os ricos da colônia não eram simples marionetes do fascismo e que eles sabiam defender seus interesses quando necessário não significa dizer, contudo, que essa oposição assumia um caráter antifascista⁴⁴. Realmente, a concordância entre os ricos industriais da colônia e os representantes do fascismo era muito maior que qualquer discordância e os industriais só se afastaram do fascismo (e, mesmo assim, apenas de forma cosmética⁴⁵) quando seus interesses foram realmente ameaçados por essa associação na II Guerra Mundial⁴⁶. Nesse sentido, a avaliação do Consulado italiano de São Paulo de que os ricos eram confiáveis, mas desde que seus interesses não fossem ameaçados, era realmente lúcida⁴⁷.

Um outro aspecto da vida italiana local relativa aos “graúdos” que o fascismo não conseguiu alterar por completo foi a profunda rivalidade e disputa por poder e prestígio entre eles e, especialmente, entre os Condes Matarazzo e Crespi, o que obviamente enfraquecia a solidariedade italiana pretendida pelo Consulado.

De fato, há várias informações disponíveis sobre como jornais como Fanfulla, Il Piccolo, Il Moscone e outros competiam entre si, apesar de serem todos fascistas, pelo público leitor e refletiam as disputas entre os “graúdos”, com o Il Piccolo, por exemplo, apoiando (e,

⁴⁴ - É através do uso de declarações “antifascistas” de Matarazzo e Lunardelli como as citadas a pouco que autores como Franco Martinelli (MARTINELLI, 1988, p. 69) e L. Giovanetti (GIOVANETTI, 1951) procuram isolar esses personagens de sua ligação com o fascismo. São, porém, declarações isoladas que, vistas no contexto geral, refletem apenas uma discordância tática com o fascismo e não uma real dissociação dele.

⁴⁵ - Eles não transferiram seu apoio, por exemplo, aos antifascistas italianos mesmo quando as condições políticas do país (II Guerra Mundial) indicavam esse apoio como um excelente instrumento de resguardar suas posições. Ver BERTONHA (1997).

⁴⁶ - Para o caso americano, muito similar, ver CANNISTRARO (1976 e 1985).

⁴⁷ - ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasil), b.905, p. 1644, relatório do Consulado de São Paulo de 1/1/1929.

provavelmente, recebendo subsídios financeiros dele) o Conde Crespi, enquanto o mesmo ocorria com o Il Moscone e o Conde Matarazzo. Tal situação impedia uma maior harmonia entre os fascistas e a imprensa colonial e irritava o Consulado, que tinha que intervir constantemente para superar os conflitos e os ataques de um “graúdo” e seu jornal contra o outro⁴⁸.

Apesar de tudo isso, contudo, é difícil não atribuir à forte adesão desses homens ao fascismo um papel fundamental no senso pró fascista que foi atravessando a comunidade italiana de São Paulo no entre guerras. Certamente, como alerta Nádia Venturini (VENTURINI, 1984) com relação ao caso americano, não é esse o único fator a ser considerado, mas seria problemático subestimá-lo.

De fato, basta recordarmos como o dinheiro dos “graúdos” foi fundamental para financiar o fascismo em São Paulo e o quanto as pressões sobre os seus empregados e operários aumentaram a base de adesão ao fascismo e causaram problemas aos antifascistas (como estes, aliás, não cessavam de recordar - BERTONHA, 1994 e 1994^a) para termos clara a sua importância na difusão do fascismo em São Paulo nas décadas de 20 e 30. Do mesmo modo, a relação clientelística que o Conde Matarazzo, por exemplo, estabelecia com seus operários (CONDE, 1934), com sociedades operárias como, por exemplo, a *Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli* em São Caetano/SP (MARTINS, 1992) e com grupos regionais de imigrantes como os oriundos da cidade de “Polignano al Mare”⁴⁹ era um fator a mais na divulgação do fascismo entre esses grupos, o que também era estimulado, obviamente, pelo enorme prestígio e respeito que os “graúdos” recebiam dentro da coletividade italiana⁵⁰. Sem o apoio deles, assim, dificilmente o fascismo teria tido uma divulgação tão grande como a que ele realmente teve.

⁴⁸ - ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b.905, p. 1638, relatório do Consulado de São Paulo de 13/7/1927.

⁴⁹ - Ver CASTALDI (1960) e a denúncia dos antifascistas de como os polignanesi teriam se aproximado do fascismo também como forma de agradar ao Conde em “Una Commemorazione sabauda che si risolve in un tradimento” in Il Risorgimento, II/27, 10/1/1929.

Delineada essa situação, resta partirmos para um outro grupo da coletividade italiana que também aderiu maciçamente ao fascismo, ou seja, aos membros das classes médias.

As classes médias

A afirmação de que os italianos em processo de ascensão social e pertencentes aos diferentes extratos sociais agrupáveis no termo “classes médias” formavam, junto com os industriais, a base do fascismo italiano em São Paulo é algo que pode ser comprovado pelo uso das mais variadas fontes, como os registros do fascio e do *Dopolavoro* de São Paulo e do Rio de Janeiro apreendidos pela polícia⁵¹ e onde são dominantes, como membros dessas organizações, os nomes de funcionários de empresas italianas, de profissionais liberais, pequenos comerciantes, etc; a listagem dos voluntários italianos que partiram de São Paulo para a guerra da Abissínia em 1936 (formada basicamente por estes mesmos profissionais)⁵² e confirmações dos próprios fascistas como Ragognetti e Sarfatti⁵³.

⁵⁰ - O que é simbolizado exemplarmente pelo envio, por Antonio Cimatti (antifascista e socialista italiano de São Paulo de primeira hora e que jamais se converteu ao fascismo), de uma coroa de flores no enterro de Matarazzo em 1937. Podemos ver, nesse episódio, o poder do mito Matarazzo na colônia daqueles anos, que não poupava sequer os antifascistas.

Cimatti, aliás, não só era mencionado pela polícia política fascista como a “eminência parda” do antifascismo em São Paulo, como se destacavam suas boas relações com Matarazzo, Gamba e outros “graúdos”, o que revela certas nuances na luta desses antifascistas contra eles.

Para o enterro de Matarazzo e o caso Cimatti, vide MOREIRA (1937, pp. 209-211). Para os relatórios da polícia política italiana de 14/3 e 24/7/1928, ver ACS/CPC, b. 1344, p. 47734 (“Cimatti, Antonio”).

⁵¹ - AERJ/DOPS, Série Temática “Italianos”, p. 1, Dossiê “Embaixada da Itália”, p. 3 e AESP/DOPS, Prontuário 29293 (“Organizzazione Nazionale Dopolavoro - Associação Nacional Desportiva”), relatório do DOPS de 1943; Prontuário 27804 (“Fascio de São Paulo - Lista dos Contribuintes”). Ver também AESP/DOPS, Seção Manuscritos, Caixa 1, Ordem 725, Acervo do delegado do DOPS Tavares da Cunha, pedido 19. Relação dos contribuintes do fascio de São Paulo, 21/1/1941.

Para o caso dos médicos italianos que trabalhavam em São Paulo e que tiveram larga participação nas atividades fascistas e comandaram vários *fasci all'estero*, ver SALLES (1997, pp. 107 e 147).

⁵² - “Volontari di San Paolo e Belo Horizonte” in *Il Legionario*, XIV, 42, 1/11/1935.

Buscar as razões dessa dedicação é tarefa um pouco mais complicada. De um lado, é evidente que aderir ao fascismo era algo necessário para a obtenção de um reconhecimento social (ROGATTO, 1990, p. 416) muito desejado por pessoas que começavam a ter sucesso na escalada social. Nesse sentido, Carlo Castaldi (CASTALDI, 1960) vai apresentar reflexões bastante úteis no sentido de demonstrar como muitos imigrantes se afastavam, ao ascender socialmente, da cultura dialetal e de aldeia com que haviam chegado da Itália em favor de uma cultura italiana (e fascista) que prometia um retorno muito maior em termos de prestígio e reconhecimento.

Castaldi vai cometer, porém, um equívoco bastante sério ao considerar que o processo de filiação dos imigrantes italianos economicamente mais bem sucedidos às associações fascistas era simplesmente um aspecto do processo de ascensão social deles e que estes não tinham nenhum tipo de consciência política, a qual era desestimulada por um suposto isolamento do imigrante italiano na sociedade brasileira.

Essa posição merece ser relativizada. De um lado, é evidente que essa busca de reconhecimento dentro de um processo de ascensão social realmente existia e levava, em muitos casos, à adesão ao fascismo, sendo que isso pode ser confirmado até pela experiência dos italianos em outros contextos, como os da Califórnia (CINEL, 1987). Por outro lado, essa teoria - que se aproxima das reflexões de Renzo de Felice (DE FELICE, 1988⁵³) sobre o fascismo como forma de expressão de uma pequena burguesia em ascensão - é perigosa no sentido de isolar as classes médias de outras classes sociais (pois o processo de ascensão social seria, num certo sentido, interno ao grupo) e ignorar os reflexos políticos da interação e das lutas destas classes médias com outras forças sociais.

O que queremos explicitar, portanto, é que propor que a classe média italiana de São Paulo aderiu ao fascismo por questões próprias (e não só por sua posição de classe) e por uma

⁵³ - Ragognetti, Vincenzo. "Perché il fascismo é mal visto in Brasile" in *Il Moscone*, V, 218, 21/9/1929 e SARFATTI (1931, p. 452). Sarfatti chegou a escrever que os intelectuais, burgueses e membros das classes médias eram a chave para enquadrar as massas italianas de São Paulo no fascismo.

busca de reconhecimento é algo perfeitamente aceitável, mas que é possível e necessário avaliar também as opções de classe desses grupos dentro do jogo político e social do Brasil dos anos 20 e 30.

Na busca de comprovações empíricas a essas teorias, tivemos a oportunidade de estudar alguns periódicos italianos editados no Brasil⁵⁴ e que serviam, em grande parte, como porta vozes de setores das classes médias de origem italiana. Dessa vez, contudo, as fontes se recusaram a responder às perguntas do historiador e, à parte certas obviedades (como a adesão positiva ao fascismo e o intenso relacionamento desses jornais com o Consulado), não encontramos provas concretas de que a adesão das classes médias de origem italiana de São Paulo tenha sido, também, uma opção ideológica.

Isso não parece invalidar, porém, a teoria. De fato, parece razoável acreditar que essas pessoas aderiram ao fascismo não só por terem uma relação mais íntima (dada sua instrução, posição social, etc - RIOS, 1959) com o Consulado e com os ideais nacionalistas do fascismo e por precisarem de um veículo para expressar sua ascensão social, como também por identificação ideológica com as idéias fascistas advinda de sua posição de classe e de busca de uma ideologia apta a atender seus anseios e medos. Esse foi o caminho seguido por boa parte das classes médias brasileiras daquele momento (que apoiaram o Integralismo e o *Estado Novo* de Vargas - CHAUI, 1978) e não há razão para crer que os caminhos das classes médias de origem italiana tenham sido diferentes. A grande especificidade delas parece ter sido, na realidade, apenas uma, ou seja, a divisão de seus membros entre as fileiras fascistas e integralistas, especificidade esta que será vista em detalhes no capítulo 8.

Seria útil, nessa altura, subdividir a análise para abarcar grupos específicos das classes médias como os intelectuais, os profissionais liberais, os estudantes, os comerciantes, etc, mas é

⁵⁴ - Como o *IL Nuovo Mondo - Bollettino della Unione Viaggiatori italiani*, o *Bollettino della Camera Italiana di Commercio* do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife; o *IL Viaggiatore* e outros.

uma tarefa difícil de cumprir dada a carência de fontes. Estas nos permitem, porém, aprofundar a análise em direção a um grupo bastante particular das classes médias e de enorme importância na divulgação do fascismo no Brasil: os clérigos e missionários italianos em ação no país.

Os padres italianos no Brasil

Uma abordagem da relação dos clérigos e missionários italianos no Brasil com o fascismo requer, antes de mais nada, uma revisão da literatura internacional sobre o tema. Numa primeira abordagem, a historiografia internacional é pródiga no sentido de oferecer exemplos de íntima colaboração dos padres italianos com o fascismo em contextos tão diversos como a Austrália (CRESCIANI, 1979^a), o Uruguai (MAROCCO, 1986), a Bélgica (MORELLI, 1987, pp. 104-137) ou os Estados Unidos (SALVEMINI, 1977, pp. 144-164) e seria bastante simples resumir toda a questão ressaltando a total associação da Igreja Católica com o fascismo e os óbvios efeitos na relação de seus membros no exterior com ele.

Os trabalhos historiográficos mais recentes tem demonstrado, porém, que a visão de uma Igreja totalmente subordinada ao fascismo é equivocada tanto quanto verificamos as ações do Vaticano e dos órgãos eclesiásticos dentro da própria Itália (POLLAND, 1991; MORO, 1975; WEBSTER, 1960; SCOPPOLA, 1975 e MALAVASI, 1982) como nas colônias italianas na África, onde conflitos com as autoridades fascistas sobre, por exemplo, as leis raciais e a violência com os nativos não foram incomuns (BORRUSO, 1989 e MARONGI, 1982).

Dentro do mundo da imigração, o mesmo ocorreu, com o fascismo agindo com vigor no sentido de controlar as associações católicas de apoio aos emigrantes e subordinar completamente os missionários a seus interesses e enfrentando a resistência dos clérigos nesse processo,

conforme inúmeros trabalhos (SARTORI, 1966; CANNISTRARO 1979b; ROSOLI, 1980b 1988 e 1988^a; BORRUSO, 1994 e BUTARELLI, 1994) tem demonstrado.

Um problema sério, porém, é levar esse raciocínio ao extremo e ignorar que, mesmo com conflitos e resistências, as relações entre os missionários e padres italianos do exterior com o fascismo foram mais de colaboração que de conflito⁵⁵ e que a concepção de época dos antifascistas italianos (“todo padre é, por definição, fascista e subordinado à Mussolini”) podia ser, sem dúvida, exagerada e simplificadora (WIEGANDT, 1986 e ROSOLI, 1980b 1988 e 1988^a), mas que não era cem por cento equivocada, pois as aproximações ideológicas e nacionalistas levaram, realmente, o grosso dos padres e missionários italianos no exterior a uma posição ao menos geral⁵⁶ de apoio ao fascismo (FRANZINA, 1995, pp. 209-233; DELLA ROCCA, 1981 e BUTARELLI, 1994) e que pode ser demonstrada, também, pelo fracasso de D. Luigi Sturzo em criar uma frente católica italiana de oposição ao fascismo no exterior.

Levando essas análises gerais para o caso brasileiro, é possível, sem dúvida, aceitar as reflexões e informações fornecidas por vários autores (ROSOLI, 1982a e PINZETTA, 1995) e que demonstram como o clero e os missionários italianos no Brasil (e, em especial, no Rio Grande do Sul) nunca se submeteram totalmente ao fascismo e que isso não só irritava profundamente as autoridades fascistas locais como inviabilizou uma maior penetração fascista nas comunidades italianas do Sul do Brasil.

Por outro lado, é realmente difícil concordar com eles na sua conclusão geral de que a Igreja nunca colaborou com o fascismo no Brasil, pois a documentação examinada comprova

⁵⁵ - Apesar das exceções óbvias como, por exemplo, D. Luigi Sturzo e Mosenhor Joseph Ciarrocchi, líder antifascista em Detroit. Ver CANNISTRARO (1975).

⁵⁶ - Para não falar, obviamente, de casos extremos de devoção ao fascismo como o de padre Joseph Caffuzzi em Nova York ou dos padres italianos de Montreal, que colocaram Mussolini nos afrescos de sua Igreja. Ver SALVATORE (1996, p. 861) e PERNICONE (1996, p. 622). Note-se, a propósito, que, nos países anglo saxões, a presença de sacerdotes italianos era chave para preservar a italianidade (identificada com o catolicismo) dos imigrantes italianos, o que aproximava ainda mais clérigos e fascistas. Ver PAUTASSO (1978, pp. 180-181) e BERTONHA (1998g).

como o apoio da Igreja Católica brasileira⁵⁷ e também dos padres e missionários italianos fluiu, ainda que certamente não nos níveis desejados por Roma, no sentido de apoiar as atividades fascistas no Brasil e de difundir uma imagem pró fascista entre os católicos de origem italiana e também brasileira⁵⁸.

As primeiras informações nesse sentido vem da imprensa antifascista local e da polícia brasileira, que denunciavam continuamente a articulação de padres italianos no fascismo local⁵⁹ e também dos órgãos de inteligência do governo dos Estados Unidos, que acusavam, por exemplo, Monsenhor Benedetto Aloisi Casella, Núncio Papal no Brasil, de recrutar, para atividade local, apenas padres nazistas e fascistas⁶⁰ e afirmando que a grande maioria dos padres italianos e alemães eram pró Eixo⁶¹. Em relatórios reservados, contudo, esses órgãos podiam ser ainda mais explícitos na sua denúncia da associação dos padres italianos em ação no Brasil com o Eixo:

“Os italianos, como os alemães, não hesitaram em usar a Igreja como um instrumento de penetração. Um padre, capitão do Exército italiano, usou a escola da sua missão no Espírito Santo, para propósitos de penetração fascista. Diretores da Agência de notícias católica Spes tem contatos próximos com círculos italianos. Muitas informações semelhantes poderiam ser acrescentadas. É óbvio que esses agentes sacerdotes são extremamente influentes e peculiarmente invulneráveis”

⁵⁷ - Ver Cap. 7. O autor fez um exercício de reunir todas as informações relativas ao relacionamento dos católicos brasileiros e os missionários italianos com o fascismo italiano e com o Integralismo em todo o país num ensaio único e mais elaborado. Ver BERTONHA (1998d).

⁵⁸ - Ver detalhes sobre o caso particular do Rio Grande do Sul um pouco adiante e, especialmente, em BERTONHA (1998 d e e),

⁵⁹ - Ver, por exemplo, “Padre Facchinetti e la Sacra Famiglia” in *Il Risorgimento*, II/55, 25/7/1929 e “Discorsi di gerarchi - La colonia italiana censita e militarizzata. Minacce e coazioni. Tentativi per corrompere la stampa” in *Il Risorgimento*, II/46, 23/5/1929 e, ainda no pós II Guerra Mundial, “Un prete fascista” in *La Voce d'Italia*, II/28, 22/11/1927.

⁶⁰ - NACP/Records of the Office of InterAmerican Affairs, RG 229, 350/76/12/2, Entry 25, Box 610, relatório “The Italians in Brazil” de 24/9/1942.

⁶¹ - NACP/Office of the Intelligence Research, Division of Research for the American Republics, RG 59, 250/46/9/3-5, Entry 451B, box 13, Reports prepared by the Special Section of the Division of the American Republics, 1942/43, pp. 9-14.

Ou ainda

“De quase todas as nações tem chegado notícias sobre a participação de padres de nacionalidade do Eixo ou simpatizantes nas atividades do mesmo. De fato, temos a impressão que os emissários religiosos tem sido mais dinâmicos na promoção da causa fascista na América Latina que os representantes consulares e diplomáticos do Eixo. A localização do Papado e o fato que a a maioria dos seus enviados são italianos tem sido talvez responsável para as mencionadas opiniões pró Eixo de importantes membros do clérigo, incluindo o Nuncio Papal em La Paz. Além disso, as ordens religiosas, especialmente os salesianos, parecem estar firmemente ligados, especialmente na América Central, num sem número de atividades de propaganda e espionagem do Eixo. Houve algumas tentativas, desde a ruptura das relações diplomáticas, para transferir ao pessoal religioso algumas das tarefas dos anteriores agentes do Eixo.

A influência da Igreja é, claro, tremenda tanto entre italianos como em latino americanos, que são propensos a aceitar opiniões emitidas em um púlpito, mesmo se sob assuntos eminentemente políticos. O Eixo tem tentado usar esse poder em sua vantagem injetando na Igreja da América Latina pessoas que não passam de agentes do Eixo. Para atividades de penetração de todos os tipos, a proteção oferecida pela Igreja a seus padres tem sido usada pelos clérigos e por aqueles que se dizem clérigos. Dessa forma, tanto a lei como a opinião pública tem inadvertidamente oferecido imunidade a atividades perigosas aos Aliados”⁶²

É sempre possível imaginar, claro, que os antifascistas e a espionagem americana estivessem tendo uma visão tendenciosa e distorcida da realidade e é provável que algum exagero estivesse presente. Quando recordamos, porém, o considerável número de padres italianos do Brasil que participavam das organizações fascistas⁶³ ou que escreviam à Mussolini para expressar sua admiração e devoção⁶⁴, as íntimas relações de associações de católicos italianos no Brasil com os fascios⁶⁵ e a própria admissão dos fascistas que os religiosos italianos

⁶² - Idem, relatório “The United States and Italians in Latin America”, p. 169 e 174-175.

⁶³ - Padre Giovanni Angeli, ex-capelão dos Arditi (tropa de elite italiana da I Guerra Mundial) e voluntário de guerra, por exemplo, era o secretário do fascio de Mococa/SP. Ver TRENTO (1989, p. 310).

⁶⁴ - Ver, por exemplo, ASMAE/Affari Politici 1919-1939 (Brasile), b. 906, p. 1646, diversos documentos.

⁶⁵ - Em 1939, por exemplo, a *Unione Cattolica italiana* de São Paulo promoveu uma conferência sobre os santos protetores da Itália justamente na sede do fascio paulistano. Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 276, f. 10, sottof. 8, p. “Conferenze”, Informe Consulado de São Paulo de 10/11/1939.

eram fiéis e úteis para o fascismo⁶⁶, fica difícil não concordar com as análises de época. As palavras do jornal católico italiano de São Paulo La Squila⁶⁷ defendendo a Conciliação da Igreja com o fascismo também são reveladoras que as desconfianças dos antifascistas e dos órgãos de inteligência americanos não eram totalmente errôneas.

Além disso, o fato de muitos desses missionários se esforçarem por manter a cultura italiana em seus fiéis (mesmo quando não a relacionavam com o fascismo) dava, obviamente, um imenso auxílio ao esforço fascista de manter a italianidade dos imigrantes. Ou, como dizia um observador fascista em 1937:

“A ação desenvolvida, no campo do ensino de nossa língua e da difusão de nossa cultura, pelos italianos pertencentes à algumas ordens religiosas, femininas e masculinas - como os salesianos, os jesuítas, os cappuccinos, os missionários de S. Carlos, os marcelinos, os salesianos de Dom Bosco, etc - foi, mesmo quando mais áspera estava o conflito político entre a Igreja e o Estado, sempre elogiável e de excelentes resultados”⁶⁸

Como bem ressaltado nessa citação, um capítulo a parte deve ser deixado para as missões religiosas italianas no Brasil, em atuação desde o século XIX⁶⁹ e que revelaram especial aproximação com o fascismo. Realmente, temos registros de frades franciscanos dando palestras pró fascismo⁷⁰; de escalabrinianos sendo elogiados por suas atividades pró regime⁷¹ ou de

⁶⁶ - Ver TRENTO (1994, p. 262).

⁶⁷ - “XI Febbraio” in La Squila, 7/2/1934.

⁶⁸ - PISANI (1937, p. 1341), citado em PETRONE (1990, p. 613).

⁶⁹ - Para a história das missões italianas no Brasil, ver BARTOLOTTI (1930, pp. 453-486); ROSOLI (1982^a); AZZI (1990); BEOZZO (1987) e ANDRADE (1992), entre outros.

⁷⁰ - “Padre Facchinetti e la Sacra Famiglia” in Il Risorgimento, II/55, 25/7/1929.

⁷¹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 26, p. “Miscellanea”, carta sem identificação de 13/1/1941.

cappuccinos rezando missas em reuniões do fascio do Rio de Janeiro ou em visitas navais italianas na Bahia⁷² e estes registros são indicativos do como a origem nacional desses padres e suas simpatias ideológicas pelo regime faziam deles um público privilegiado de penetração do fascismo.

Dentre esses missionários, porém, ninguém superou os salesianos na tarefa de apoiar as atividades fascistas no Brasil. De fato, os salesianos cediam continuamente seu teatro em São Paulo para cerimônias do fascio e participavam entusiasticamente delas⁷³, pressionavam seus empregados para abandonarem qualquer militância antifascista e de esquerda⁷⁴ e eram sempre vistos como entusiásticos fascistas pelos antifascistas⁷⁵.

Tal dedicação especial, que se repetiu em outros países⁷⁶, parece ter sido derivada não só da associação do fascismo com o patriotismo italiano e o catolicismo que a maioria dos missionários e padres italianos no exterior fazia, como também da particular repulsa dos salesianos pelas idéias socialistas e maçônicas (FRANZINA, 1995, pp. 221-222), o que deveria levar inevitavelmente a um sentimento contra o antifascismo e de aproximação com o fascismo.

Ressalte-se, além disso, que esses missionários tiveram um papel especial de difusão do fascismo justamente onde a coletividade italiana era muito pequena para que os órgãos de controle e propaganda fascista estivessem presentes. Isso ocorreu, por exemplo, em Mato Grosso,

Note-se, porém, que um dos poucos antifascistas católicos em ação no Brasil era justamente um missionário escalabriniano: Don Luigi Salvetti. Ver ACS/CPC, b. 4552, p. 2268 ("Salvetti, D. Luigi").

⁷² - ASMAE/Archivio Gabinetto 1923-1943, Parte Seconda, Serie I, b. 502, p. "Menzotti, Augusto", relatório de 25/10/1932 e "Gagliardetti fascisti e cuori italiani nel Mondo" in Il Legionario, VIII, 46, 21/11/1931.

⁷³ - "L'opera monumentale dei Salesiani in San Paolo" in Il Piccolo, 23/3/1928 e "Nel fronte unico" in Il Risorgimento, 7, 1/4/1928, p. 110.. Enquanto o fascio não tinha sede própria, aliás, era no *Istituto Salesiano Sacro Cuore di Gesù* que as reuniões ordinárias dele ocorriam. Ver TRENTO (1989, p. 310).

⁷⁴ - ACS/CPC, b. 3724, p. 19026 ("Pappalardo, Francesco"), Informe Consulado de São Paulo de 26/10/1931.

⁷⁵ - "Discorsi di gerarchi - La colonia italiana censita e militarizzata. Minacce e coazioni. Tentativi per corrompere la stampa" in Il Risorgimento, II/46, 23/5/1929.

onde os salesianos difundiam propaganda fascista e o Fanfulla e se esforçavam para distribuir filmes e boletins de guerra italianos⁷⁷; no Acre, onde padre Giuseppe Albarelli assumiu a defesa do Duce quando folhetos antifascistas foram espalhados na capital, Rio Branco, em 1928⁷⁸; no Amazonas, onde os salesianos estavam sempre pedindo dinheiro à Roma para suas obras⁷⁹, etc. Não é à toa a denúncia que o Itamaraty recebeu em 1942, acusando os padres italianos e alemães da Amazônia como agentes nazistas, fascistas e integralistas⁸⁰. Também em Santa Catarina, no Espírito Santo e, especialmente, no Rio Grande do Sul, o clero italiano foi ator importante no processo de difusão do fascismo entre os italianos⁸¹.

Clérigos, advogados, comerciantes e outros membros das classes médias não poderiam, porém, fornecer ao fascismo - dada a sua pouca representação numérica - as grande multidões que este desejava ver incorporada às suas cerimônias e à sua estrutura de controle e tutela. Isso só poderia ocorrer pela conquista do maior grupo social urbano formado por italianos e descendentes em São Paulo, ou seja, os operários e trabalhadores em geral, que receberam atenção especial do fascismo.

O fascismo italiano e o operários e trabalhadores italianos de São Paulo

⁷⁶ - Ver o caso do Uruguai em MAROCCO (1993, p. 170).

⁷⁷ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 275, f. 10, sottof. 7, p. "Propaganda italiana in Brasile", Informe Consulado de São Paulo de 18/4/1941 e Idem, b. 278, f. 14, sottof. 1, p. "Propaganda Culturale in Brasile", carta de Padre Ernesto Carletti (missão salesiana de Santo Alfonso, MT) de 21/11/1940.

⁷⁸ - ASMAE/Affari Politici 1919-1939 (Brasile), b. 905, p. 1642, Memorando da Embaixada italiana do Rio de Janeiro de 27/7/1928.

⁷⁹ - ASMAE/Affari Politici 1919-1939 (Brasile), b. 906, p. 1647, diversos documentos

⁸⁰ - AHI - Ofícios recebidos de associações políticas e de cultura política, 1931-1945, 112/2/9, carta da *Sociedade dos Amigos de Alberto Torres* de 17/3/1942.

⁸¹ - Ver mais adiante e, especialmente, BERTONHA (1998 d e e).

Que o fascismo dedicou um especial cuidado para cativar os numerosos operários italianos e filhos de italianos de São Paulo é algo que pode ser inferido quando sabemos que regularmente grupos fascistas visitavam as fábricas em busca de subscrições e adesões ao fascio⁸², que os operários recebiam propaganda específica e sofriam enorme pressão (com ameaças de dispensa, por exemplo, dos não fascistas por parte dos patrões - BERTONHA, 1994 e 1994*) para se filiarem às organizações fascistas e que a rede dos *Dopolavoro* (dedicada prioritariamente aos operários) foi cuidadosamente ampliada no decorrer dos anos 30.

Além disso, o fascismo criou em São Paulo, no final dos anos 30, um órgão associado ao *Dopolavoro* que era ainda mais direto na tarefa de atingir os operários, ou seja, a *Legione Operaia del Lavoro* que, fundada em 1937, parece ter atingido cerca de 400 membros em 1939 e que realizava atividades educativas, assistenciais e de propaganda anticomunista entre os operários italianos⁸³.

Pouco se sabe, na realidade, sobre esta organização e sobre os (poucos) operários que faziam parte dela. Na sua liderança, estavam homens de reputação duvidosa, como Vincenzo Guerriero (socialista expulso do PSI em 1920, tendo emigrado para o Brasil em 1927 e trabalhado como espião do DOPS⁸⁴) e Conrado Bernacca, antigo tecelão e militante de esquerda que se

⁸² - Ver, por exemplo, "Ai lavoratori" in *La Difesa*, III/48, 15/11/1925. Líderes fascistas em visita ao Brasil também costumavam visitar as fábricas. Foi o que fez, por exemplo, Luigi Federzoni em 1937. Ver *L'Italia in Marcia*, II/3, dezembro/1937.

⁸³ - Sobre esta organização, ver PRO, FO 128/393, relatório do Consulado britânico de São Paulo de 18/4/1931. Anexo 1 - "The Fascist Organization in the State of Sao Paulo"; ACS/MinCulPop, DGP, b. 275, f. 10, sottof. 8, p. "Articoli - Giornali", informe Consulado de São Paulo, 30/10/1939 e AERJ/DOPS, Série Temática "Italianos", Pasta 2, Dossiê "Propaganda fascista", p. 20.

⁸⁴ - ACS/CPC, b. 2576, p. 4437 ("Guerriero, Vincenzo").

inclinou para o fascismo num processo que até a polícia achava duvidoso⁸⁵ e onde os limites entre conversão ideológica e puro oportunismo são difíceis de se definir com clareza.

O que se pode estabelecer com mais segurança é o tipo de mensagem que os operários recebiam nesses órgãos. Em 1937, por exemplo, o secretário da Federação dos fasci all'estero de São Paulo, tenente Renato Bifano, visitou as indústrias Bernardini em São Paulo e lá um operário, Ernesto Fagnani, o saudou com o seguinte discurso:

“Ilustre representante do Fascismo e legionário da Guerra da África. Eu, antigo soldado da África, expresso à Vossa Senhoria, em nome de todos os operários desta fábrica, a nossa mais respeitosa saudação

Por favor, transmita ao nosso líder em Roma a nossa devota saudação romana, espontâneo, e queira este ato significar ao senhor Ugo Bernardini, o nosso reconhecimento pelo bem-estar e conforto que nos proporciona com o seu e o nosso trabalho. Eia Eia Alalà!!”⁸⁶

Posto isso, resta tentar desvendar o grau de popularidade que o fascismo conseguiu entre os trabalhadores de origem italiana de São Paulo, o que é uma tarefa de difícil realização, mas fundamental dentro dos propósitos desse capítulo.

As informações disponíveis indicam que, a parte o sucesso do fascismo em penetrar e controlar a maior parte das associações operárias italianas de São Paulo⁸⁷ e em atingir um número razoável de operários com a mensagem fascista através da eficiente ação dos

⁸⁵ - Achava-se, por exemplo, que Bernacca poderia ser um espião comunista encarregado de fazer propaganda comunista dentro do *Dopolavoro* e da *Legione Operaia del Littorio*. A princípio, isso poderia ser interpretado como mera paranóia da polícia e tudo leva a crer que era mesmo. Dado, porém, que o PCI realmente pensou, em um certo momento, em subverter o fascismo por dentro através da entrada dos comunistas nas organizações juvenis e de massa fascistas (DELZELL, 1966, cap. 5), a questão assume outros caracteres e indica necessidade de mais investigação.

⁸⁶ - “La visita del Segretario Federale Tenente Renato Bifano agli Stabilimenti di Ugo Bernardini” in *L'Italia in Marcia*, II, 3, dezembro/1937.

⁸⁷ - Para a sociedade de socorro mútuo de S. Caetano do Sul/SP, conquistada pelo fascismo, ver MARTINS (1992). Ver também AERJ/DOPS, Série Estados/SP, Pacote 22C, Dossiê “Fascio de SP”.

Dopolavoro, há indícios que os trabalhadores e operários foram o grupo social da coletividade italiana menos atingido pelo fascismo.

Temos sinais, de fato, que os jornais antifascistas atingiam, ao menos esporadicamente, os meios operários⁸⁸ e que o proletariado italiano era, ao menos até o início dos anos 30, a fração da coletividade italiana mais avessa ao fascismo⁸⁹ e mais aberta ao antifascismo. De fato, em 1927, a Embaixada italiana escrevia nesses termos à Roma:

“Os antifascistas convictos não são muitos mas encontram acolhida, em parte, entre o elemento operário do Braz e da Mooca e tem o apoio incondicional da Maçonaria”⁹⁰

e pode-se supor que esse sentimento antifascista de ao menos parte do operariado italiano foi derivado da ação de propaganda dos antifascistas (BERTONHA, 1994 e 1994^a). Outra fonte deve ter sido a herança das tradições anarquistas e socialistas (ou seja, de uma certa identidade operária) que influenciaram parte expressiva dos operários italo-brasileiros no início do século. É hipótese do autor que essa herança, apesar de estar enfraquecendo nos anos 20 e 30, deve ter ajudado os operários a se manterem afastados de uma conquista real pelo fascismo, o que não os afastou, porém, como veremos a seguir, de um leve sentimento (mediado, normalmente, pelo nacionalismo) de admiração pelo regime.

Essa situação parece se alterar no decorrer dos anos 30, quando os fascistas ampliam seu controle sobre a comunidade italiana como um todo (TRENTO, 1989) e quando a propaganda

⁸⁸ - Vide cartas de operários ao *La Difesa* em “Interessi operai” in *La Difesa*, III/56, 24/1/1926

⁸⁹ - Vide o depoimento do fascista Vincenzo Ragnetti in “Perché il fascismo é mal visto in Brasile” in *Il Moscone*, V/218, 21/9/1929 e um curioso acontecimento em Juiz de Fora/MG em 1927, quando um italiano - Augusto Maggiolaro - construiu um grupo de casas para operários e as batizou de “Vila Operária Giacomo Matteotti”. Vide Tagliaferri, Trento. “L’incredibile Juiz de Fora” in *A Voz da Itália*, 11, 26/4/1947. Ver também o depoimento do sr. Amadeu em BOSI (1987, p. 94), onde ele afirma que a aproximação dos operários italianos ao fascismo era superficial e a entrevista concedida ao autor por Lélia Abramo (São Paulo, 17/12/1992), onde a entrevistada afirma que haviam poucos trabalhadores realmente fascistas.

⁹⁰ - Informe Embaixada italiana (22/10/1927) in ACS/Min Int, DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 21, f. “San Paolo (Brasile) - Fuorusciti e antifascisti”.

fascista entre os operários passa de algo de um grupo italiano para italianos ou descendentes de italianos para uma propaganda para operários em geral. Ainda assim, os antifascistas conseguiram, entre os operários, uma receptividade que, se não foi suficiente para dar ao antifascismo uma sólida base de massa, foi maior do que a obtida em outros grupos sociais da colônia italiana, como, por exemplo, a burguesia industrial.

Nesse sentido, o que parece ter acontecido é que os operários se recusaram a se incorporar em massa nos organismos fascistas como fizeram os empresários e os membros das classes médias italianas, restando entre eles apenas um sentimento pró fascista “difuso” e genérico e que não se convertia em alinhamento político.

A questão do fascismo difuso será retomada e melhor delimitada no capítulo seguinte mas nos parece conveniente, a essa altura, verificar se essa adesão genérica dos operários ao nacionalismo e ao fascismo italianos representou um rompimento com suas tradições de luta de classe ou se tais lutas continuaram, mas convivendo com o ideário fascista. Nesse sentido, o que parece interessante é conferir se a disputa “identidade étnica X identidade de classe” vivida pelos operários italianos de São Paulo desde o fim do século XIX continuou ou se ela foi eclipsada pelo nacionalismo fascista⁹¹.

Esse debate, na realidade, não é novo e temos vários exemplos registrados, no período anterior ao fascismo, dos ricos industriais italianos de São Paulo tentando usar o argumento da solidariedade étnica ou mesmo regional (quando Matarazzo, por exemplo, tentou anular uma greve em suas fábricas em 1907 apelando para a solidariedade dos oriundos de Bari - CASTALDI, 1960 e CARELLI, 1985, p. 47) para anular as tensões capital/trabalho. A resistência dos operários a esse tipo de argumentação, sua exigência, na greve de 1917 nas indústrias Crespi, por exemplo, do fim da colaboração “Pro Patria” que os patrões faziam em prol da Itália em guerra (CARELLI, 1985, p. 47), as contínuas greves opondo patrões e operários italianos e até as divisões entre ricos e pobres nas próprias festas que deveriam congrega a nacionalidade italiana

⁹¹ - Ver, a propósito, HALL (1979) e MARAM (1979). Ver também FALCÓN (1992).

(MARRTINS, 1981, pp. 256-257 e CASTALDI, 1960) indicam, porém, que esse tipo de discurso nem sempre funcionava.

Isso não quer dizer, claro, que os operários italianos desconhecêssem o sentimento pátrio (pelo contrário) e parece óbvio que não só as duas identidades (a de italiano e a de operário) não eram excludentes a maior parte do tempo⁹², como que a solidariedade étnica às vezes vencia a de classe. Na maioria das vezes, porém, a imensa diferenciação social entre os italianos e a falta de uma xenofobia brasileira permanente capaz de gerar uma sólida consciência de grupo (FAUSTO, 1983) parece ter feito a consciência de classe superar a étnica na grande maioria dos casos em que uma foi colocada em contraposição à outra (BERTONHA, 1998f).

Para o período entre guerras, as informações disponíveis indicam que o nacionalismo fascista não conseguiu alterar radicalmente esse quadro, como as contínuas queixas em jornais, por parte dos operários, da superexploração nas indústrias de Matarazzo e outros empresários italianos⁹³, as diversas greves que sacudiram essas empresas em fins dos anos 20 e início dos 30⁹⁴ e outros acontecimentos⁹⁵ parecem indicar.

Outros indícios nesse sentido são as reações dos operários das *Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo* a desmandos da chefia em 1928 e a luta deles (ou, ao menos, de sua parte mais politizada) contra as tentativas do Conde de aliciar seus empregados para a aventura da Abissínia em 1935/36. Nos dois casos, percebe-se a solidariedade de classe vencendo a étnica e a

⁹² - De fato, ao menos nos locais onde os italianos foram ou plenamente aceitos ou responsáveis pela criação do movimento operário (o que não ocorreu nos países anglo saxões), eles puderam, dentro de certos limites, manter uma identidade étnica italiana, mas associada a de proletário e trabalhador. Ver OTTANELLI (1997), MARTINS (1981, pp. 254-256) e BERTONHA (1998f).

⁹³ - "Tirapiedi peggiori dei padroni" in *La Difesa*, VIII/370, 5/9/1931 e "Tribuna Italiana" in *La Difesa*, XII/483, 27/1/1934.

⁹⁴ - Para essas greves (majoritariamente de operários italianos e filhos de italianos), ver AESP/DOPS, Prontuários 716 ("Federação Operária de São Paulo") e 1088 ("Donato Angelo de Vitis"); "Greve na Fábrica Mariangela" in *A Platea*, 17/7/1934 e "A greve na ítalo brasileira" in *A Platea*, 2/7/1935. Para a confirmação que, ainda no entre guerras, parte substancial do operariado de São Paulo era formado de italianos e filhos de italianos, ver HALL (1979) e MARAM (1979).

⁹⁵ - Na revolução de 1924, por exemplo, italianos pobres saquearam armazéns e depósitos de italianos ricos, sem se importarem muito com a origem comum. Ver FAUSTO (1995, p. 19).

incorporação do discurso antifascista na luta operária, o que significa oposição ao discurso dos patrões.

No primeiro caso, as operárias da Fábrica de Tecidos Mariangela (IRFM) fizeram uma greve por não suportar a super exploração e os desmandos de um dos gerentes que, segundo as próprias operárias, tinha características bastante peculiares:

“E as operárias explicaram que o dito gerente, indivíduo recém chegado da Itália, vestido de camisa preta, símbolo da violência e do óleo de ricino, cabeça cheia das idéias mussolinicas, resolvera implantar ali o regime fascista, espisinhando as leis brasileiras e os sagrados direitos do operariado”

Nesse conflito, uma das operárias chegou a se manifestar de forma contundente:

“É esse o plano do agente do Conde, que trouxe da Itália as doutrinas renegadas dos camisas pretas. Porém, nós, que não somos bobas e vivemos num país de trabalho, não nos escravizaremos à canja do capital fascista”⁹⁶

e indicativa de como o fascismo não conseguiu conciliar patrões e operários italianos a partir do discurso da solidariedade étnica.

Em 1935, novamente a questão volta a tona quando Matarazzo tenta induzir seus operários a partir como voluntários na primeira guerra fascista e um operário do “Moinho Matarazzo” assim se manifestou:

“Matarazzo, esse polvo insaciável, que suga o nosso sangue diariamente, esse cínico empreiteiro do massacre dos trabalhadores que está aliciando para mandar para a aventura imperialista do ridículo Duce que infelicit o proletariado italiano, esse bandido tem a coragem de prometer

⁹⁶ - “Isto aqui não é a Tripolitania” in O Combate, 24/1/1928.

salário integral aos que se prestarem a ser assassinos do povo da Abissínia, garantindo até uma pensão para as viúvas.

Mas nós sabemos que prometer é fácil, os inconscientes que se deixarem arrastar por essa demagogia sórdida e patrioteira, vão ver no que dão as promessas quando voltarem aleijados e inúteis se não ficarem por lá atirados aos corvos. E, de qualquer forma, as famílias ficarão sem os chefes e terão que recorrer à caridade pública, porque na hora de receber a pensão, o salafrário do Matarazzo vai aparecer com medalhas de ferro para pagar a vida dos "heróis" que abandonaram a família para servirem de bucha de canhão. E essas medalhas não enchem barriga e nem dão casa e roupa"⁹⁷

Essas informações não devem, porém, nos levar a conclusões errôneas como a de que os operários eram total e firmemente antifascistas (como visto anteriormente) ou que o nacionalismo fascista não tenha exercido nenhum efeito sobre eles. Desenvolvemos exaustivamente essa questão do conflito entre identidades étnicas, nacionais e de classe entre os trabalhadores italianos de São Paulo entre 1890 e 1945 num ensaio próprio (BERTONHA) e voltaremos a ela no capítulo seguinte. Por ora, basta adiantar que esse fascismo "difuso" ou "genérico" era despertado normalmente entre os operários italianos através do nacionalismo e, especialmente, da imagem que o fascismo procurava projetar de restaurador da ordem e da grandeza imperiais da Itália, o que servia para os operários e trabalhadores italianos (e, especialmente, filhos de italianos) recuperarem o orgulho por suas origens e se inserirem melhor na sociedade brasileira. Era, porém, algo tão sutil que, na maioria dos casos, esses operários não viam nenhum grande problema em se identificarem como operários e brasileiros (no caso dos filhos de italianos) e, ao mesmo tempo, como levemente simpatizantes do fascismo e das glórias do regime, o que desagradava tanto os fascistas (que sonhavam com a conquista completa ou com a possível criação de uma sólida identidade "fascista" entre eles) quanto aos antifascistas, que não conseguiram jamais mobilizar em massa os operários italianos de São Paulo para a luta antifascista

⁹⁷ - AN/MJN 1933-1939, Caixa 292, Processo de Expulsão 703/37. Exemplar de A Classe Operária de novembro de 1935.

Outro grupo social de interesse a ser analisado, apesar de estar progressivamente perdendo expressão numérica a medida que os italianos se dirigiam em massa do campo para a cidade (TRENTO, 1989), mas que ainda era importantes era o dos colonos trabalhadores na zona rural e, especialmente, nas fazendas de café, que merecem ser também lembrados nesse trabalho.

É muito difícil tirar conclusões sobre o relacionamento dos colonos e trabalhadores rurais de São Paulo⁹⁸ com o fascismo pelo simples fato das fontes disponíveis serem em número incrivelmente reduzido. O que sabemos é que o fascismo fez tentativas de atingir a zona rural com sua propaganda, enviando filmes às fazendas e pequenas cidades do interior paulista⁹⁹, promovendo visitas dos cônsules e agentes consulares aos colonos (o que parece tê-los agradado de forma expressiva ao contrastar com a absoluta falta de interesse pelos italianos do campo por parte dos consulados italianos no Brasil no período anterior)¹⁰⁰, etc, mas que tais tentativas foram insuficientes para quebrar o isolamento dos colonos¹⁰¹. Como as tentativas dos antifascistas em atingir o campo também foram fragmentárias¹⁰² e reconhecidamente mal sucedidas¹⁰³, podemos supor que o conflito fascismo X antifascismo atingiu a zona rural de São Paulo com menos força que nos ambientes urbanos.

⁹⁸ - A questão dos colonos italianos do Rio Grande do Sul será abordada ainda nesse capítulo e foi abordada em profundidade em BERTONHA (1998e).

⁹⁹ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 2, p. "Invio di films nel Brasile", relatório da Embaixada italiana de 23/10/1933 e Idem, b. 275, f. 10, sottof. 8, p. "Pellicole di Propaganda -SP", Informe Consulado de São Paulo, 30/10/1938.

¹⁰⁰ - Ver, nesse sentido, SARFATTI (1931, p. 454); "Gagliardetti fascisti e cuori italiani nel mondo" in Il Legionario, VI/31, 3/8/1929 e VII/36, 6/9/1930 e "Da squadrista a giornalista" in Il Risorgimento, 15/16, 16/8/1928.

¹⁰¹ - BARTOLOTTI (1926, pp. 90-96) dizia que nas pequenas cidades e nas fazendas sabia-se muito pouco sobre o fascismo e que apenas a figura do Duce era cultivada.

¹⁰² - A única referência disponível é que um italiano administrador de uma fazenda no interior de São Paulo recebia semanalmente seis ou sete exemplares do La Difesa e os distribuía aos colonos italianos. Esse italiano, aliás, se converteu ao fascismo nos anos 30. Ver ACS/CPC, b. 5335, p. 16104 ("Vecchia, Vittorio").

¹⁰³ - Ver Frola, Francesco. "Agli antifascisti dell'interno" in La Difesa, IV/143, 27/2/1927.

Ainda assim, é possível presumir, através de pistas como a descoberta de casas de colonos italianos na região de Botucatu/SP com retratos do Duce e do Rei¹⁰⁴ ou a vigilância da polícia sobre pequenos proprietários italianos da região de Promissão/SP por simpatia fascista¹⁰⁵, que a questão do fascismo atingiu, de qualquer forma, a população italiana que vivia nas fazendas.

Os próprios fascistas admitiam, porém, que, apesar do fascismo e, especialmente, da figura de Mussolini serem muito bem vistos nas fazendas (BARTOLOTTI, 1926, pp. 90-96), o fascismo dos colonos era muito superficial e que o sentimento de italianidade deles tinha se tornado muito rarefeito com o passar dos anos.

Não se podia esperar outra coisa, porém, de colonos extremamente pobres, em boa parte analfabetos e quase que completamente isolados dos veículos de transmissão da italianidade e da cultura fascista que eram montados nas cidades. Nesse sentido, a avaliação profundamente pessimista que um viajante fascista fez em 1939 sobre esses colonos e a quase que total impossibilidade de “recuperá-los” para a Itália era extremamente realista¹⁰⁶.

Podemos ver, assim, como as origens sociais influenciavam grandemente a atitude dos italianos frente ao fascismo. Uma abordagem social dificilmente vai esgotar, porém, a questão, pois não só de conflito e relacionamento social vivem as pessoas. Outros aspectos devem ser considerados e, entre eles, um assume uma relevância especial: a questão geracional e a diferenciação entre os imigrantes italianos e seus filhos, nascidos no Brasil.

A diferença geracional

¹⁰⁴ - Notícia sem título em II Legionário, VI/31, 3/8/1929.

¹⁰⁵ - AESP/DOPS, Prontuário 8342 (“Famílias italianas em Promissão”).

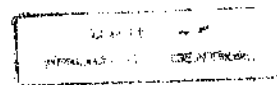
¹⁰⁶ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 278, f. 14, sottof. 1, p. “Brasile - Propaganda fascista”, carta de Cesco Tomaselli à Alessandro Pavolini de 4/12/1939.

Qualquer trabalho que se proponha a compreender aspectos da vida da coletividade italiana de São Paulo no entre guerras não pode deixar de notar, de fato, as fortes mudanças demográficas que esta coletividade foi sofrendo no decorrer do período estudado e que poderiam ser melhor visualizadas através de alguns dados estatísticos. Alguns desses dados, porém, são bastante incertos e apenas conclusões gerais, ainda que bastante úteis, poderão ser retiradas deles.

A grande dúvida, na verdade, se refere ao número de italianos existentes no Brasil nos anos 20 e 30. Os fascistas de São Paulo e mesmo os que escreviam a partir da Itália tendiam a incluir os descendentes de italianos no cálculo da população italiana local e inflavam visivelmente tais números com vistas a amplificar a importância da população italiana no conjunto da população brasileira. Nesse sentido, trabalhos de autores fascistas de 1928 (MINISTERO, 1928), 1936 (CINQUANT'ANNI, 1936); 1937 (PISANI, 1937) e 1942 (SOCIETÀ, 1942) levantavam números que indicavam uma população italiana na casa dos 600 ou 700 mil pessoas que, associados a pelo menos 1,3 milhão de filhos de italianos, dariam um total de ao menos dois milhões de ítalo vivendo no Brasil no final dos anos 30. Alguns autores americanos¹⁰⁷, por sua vez, chegavam mesmo a aumentar esses números.

As estimativas de Giorgio Mortara (MORTARA, 1950) de uma população italiana de 435 mil pessoas em 1930 e 325 mil em 1940 são muito mais sensatas e indicam, junto com outros estudos mais recentes (TRENTO, 1989, cap. VI, item 6.1), como os italianos que viviam em São Paulo no entre guerras formavam um grupo envelhecido (Idade média de 55 anos em 1940, segundo Mortara) e em desaparecimento em números absolutos e ainda mais em termos relativos,

¹⁰⁷ - Ver ADA, rolo 4/380, código 832,00F, relatório "Italian Activities in Brazil", 6/2/1939, fotograma 19, pp. 7-9 e DIFFIE (1940).



pois não passavam de 0,6% da população (mas ainda 5% da paulistana e 2,5% da paulista) em 1940, frente ao número de 3,1% em 1902.

A razão básica desse processo dificilmente pode ser atribuído, como defendem certos autores (SEITENFUS, 1985, p. 102) à maciça naturalização dos italianos. Muito mais razoável é verificar como a imigração italiana para o Brasil diminuiu fortemente nessas décadas¹⁰⁸ em comparação com o dilúvio de imigrantes no período anterior e como essa imigração foi insuficiente para repôr a migração de retorno para a Itália e a morte dos velhos imigrantes..

Nossa análise não pode abarcar, porém, apenas os italianos natos. Como bem ressaltou Nádia Venturini (VENTURINI, 1990, p. 259), considerar como pertencentes à coletividade italiana apenas os nascidos na Itália pode ser problemático, pois o impacto demográfico, econômico e cultural dos italianos no país de adoção (seja ele o Brasil, os EUA ou outro qualquer) compreendia também a segunda geração e é no interior da comunidade inteira que se formavam os comportamentos e as opiniões. A segunda geração deve ser, pois, incluída em nossas análises.

Calcular o peso demográfico desses filhos de italianos nesse período é tarefa dificultada, contudo, pela ausência, nos censos brasileiros, de questões sobre a origem étnica dos entrevistados e não apenas sobre seu local de nascimento. Parece óbvio, porém, que, dada a a longa permanência dos imigrantes italianos no país e sua alta taxa de natalidade, o número de filhos de italianos não só era enorme como devia ser muitas vezes superior ao dos italianos natos, o que indica que, quando falamos "italianos de São Paulo" no entre guerras, estamos nos referindo seguramente mais aos ítalo brasileiros que aos italianos, o que não poderia deixar de ter consequências quando se pensa na questão do fascismo.

¹⁰⁸ - Ângelo Trento calcula em 90 mil os imigrantes entre 1921 e 1940 segundo as estatísticas italianas e 120 mil segundo as brasileiras. Já Gianina Valerio calcula essa imigração em 140 mil pessoas. Ver TRENTO (1989, cap. VI, item 6.1) e VALERIO (1959).

Antes, porém, de passarmos a esse tópico, é conveniente verificar outra divisão demográfica chave no interior da coletividade italiana e que teve efeitos diretos na receptividade desta coletividade ao fascismo, ou seja, aquela existente entre os italianos que imigraram antes do período fascista e os que chegaram ao país durante o fascismo.

Nesse sentido, o exame da documentação italiana e brasileira revelou que havia, nas hostes dos *Dopolavoro* e dos *fasci all'estero*, representantes tanto da velha¹⁰⁹ como da nova¹¹⁰ imigração. O mesmo acontece com os antifascistas (BERTONHA, 1995, p. 67), mas é impossível, em ambos os casos, quantificar a porcentagem exata dos dois grupos dentro da militância fascista local.

O que é possível afirmar com certeza, contudo, é que o grau de adesão ao fascismo dos novos imigrantes era maior que o dos mais antigos. O fato desses imigrantes recentes serem, em boa parte, membros das classes médias (que, como vimos, era mais ligada ao fascismo), de sua ligação cultural com a Pátria mãe estar mais fresca e deles imigrarem para o Brasil já convertidos, em boa parte, pelo fascismo (RIOS, 1959) e propensos, ao contrário dos velhos imigrantes, a associá-lo com a italianidade¹¹¹, parece indicar as causas dessa situação, que se aproxima do caso americano (CANNISTRARO, 1976; DAMIANI, 1979). É possível supor, também, que a idade média mais elevada dos imigrantes chegados a longa data tenha feito os novos imigrantes aumentarem a sua representação com o decorrer do tempo.

¹⁰⁹ - Ver ACS/Min Int, DGPS, Polizia Politica, fascicoli per materia, b. 21, p. "San Paolo (Brasile) - Fuorusciti e antifascisti", relatório Polícia Política de 11/5/1927. Ver também ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 5, p. "Onoranze e Onoreficienze", diversos documentos, onde vários imigrados do século XIX e início do XX aparecem como fundadores de fasci em vários locais do país e "Eugenio Manetti e le sue impressioni d'Italia" in *L'Italia in Marzia*, II/3, dezembro 1937, onde se revela a trajetória de Eugênio Manetti, velho emigrado e ardente fascista.

¹¹⁰ - Ver, por exemplo, DIFFIE (1940). Estudando a coletividade italiana de São Caetano/SP, MARTINS (1992) também vai indicar a presença substancial de imigrantes recentes nas organizações fascistas locais.

¹¹¹ - Ver MARTINS (1992).

Como explicitado anteriormente, contudo, novos e velhos imigrantes eram minoria no conjunto da coletividade italiana e é entendendo como os filhos dos italianos receberam o fascismo que entenderemos como o grosso da colônia se comportou perante ele.

A Segunda geração e o fascismo

A literatura internacional sobre o tema do fascismo concorda, geralmente, que a segunda geração dos italianos nascida nos países de imigração tinha, provavelmente por seus laços com a Itália serem muito menores, uma relação menos íntima com o fascismo, a qual se comporificava numa representatividade menor deles em termos de adesão aos órgãos fascistas como o *Dopolavoro*, os *fasci all'estero*, etc (CANNISTRARO, 1975; ALBONICO, 1994).

As informações sobre o caso brasileiro confirmam essa afirmação que os italianos natos estavam mais pertos dos organismos fascistas que a segunda geração. De fato, os registros fascistas apreendidos pelos DOPS de São Paulo e Rio de Janeiro e já citados nesse capítulo, indicam uma esmagadora presença de italianos natos nas organizações fascistas, enquanto a segunda geração era muito menos representada.

Isso não significa dizer, obviamente, que não houvessem ítalo brasileiros nas atividades do fascismo no Brasil. De fato, encontramos ítalo-brasileiros nas listagens de participantes e subscritores de atividades dos *fasci*, participando de associações pró fascistas como a *Amigos da Itália*¹¹², distribuindo distintivos de apoio ao Eixo pelas ruas de São Paulo durante a II Guerra¹¹³

¹¹² - ACS/Min Int, DGPS, Polizia Politica, fascicoli per materia, b. 13, f. 16 "Brasile - Fuorusciti e antifascisti", Informe Consulado de São Paulo, 18/6/1931.

¹¹³ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 275, f. 10, sottof. 7, p. "Propaganda italiana a Rio de janeiro", Informe Consulado de São Paulo, 20/11/1941

e até se incorporando às Forças Armadas italianas no decorrer da mesma¹¹⁴. Parece evidente, porém, que os filhos de italianos, apesar de numericamente superiores aos italianos natos, eram significativamente subrepresentados nos quadros fascistas no Brasil.

Essa situação era grandemente lamentada tanto pelos diplomatas italianos no Brasil¹¹⁵ como pelos viajantes fascistas¹¹⁶, que comentavam amargamente como os filhos de italianos se sentiam muito mais brasileiros que italianos e, o que era ainda pior, estavam mais próximos culturalmente de Paris e Nova York que de Roma. Eles também reconheciam que, nessa situação, o destino das coletividades italianas do Brasil estava traçado, sendo inevitável a desagregação e morte delas pela simples falta de novos imigrantes e pelo desinteresse das novas gerações pela Itália. O fato de vários dos líderes responsáveis pelos “ataques à italianidade” no Brasil serem filhos de italianos também indignava a Embaixada¹¹⁷.

Dada essa situação, não é surpreendente que a ação de propaganda da Itália fascista, que era dirigida aos italianos e aos filhos de italianos, fosse extremamente cuidadosa quando se tratava desses últimos. De fato, se, no discurso, os filhos de italianos eram italianos e deveriam ser tratados como tais, na prática, eles eram trabalhados com cuidado para que em nenhum momento essa sua dupla lealdade (Brasil e Itália) fosse questionada em favor de uma única dirigida à Itália (BERTONHA, 1992 e 1996), pois a percepção do governo de Roma era que,

¹¹⁴ - Vide AHI, Ofícios da Embaixada brasileira em Roma, 41/4/11, Informes diversos de 1940 a 1942.

¹¹⁵ - Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 278, f. 14, sottof. 1, p. “Brasile - Propaganda fascista”, carta de Cesco Tomaselli à Alessandro Pavolini de 4/12/1939 e ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1644, relatório do Consulado de São Paulo de 1/1/1929. Ver também CANTALUPO (1941) e CINQUANT’ANNI (1936, pp. 220-244).

¹¹⁶ - Ver ROCCA (1936) e SARFATTI (1931) e uma visão oposta - e seguramente equivocada - em ROCCATI (1928).

¹¹⁷ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 3, p. “Scuole Italiane all’estero”, relatórios da Embaixada italiana de 27/4 e 27/5 de 1932. O caso mais emblemático era, sem dúvida, o de Sud Menucci, filho de italianos e líder da campanha da Diretoria de Instrução Pública de São Paulo contra as escolas italianas.

nesse caso, os italo-brasileiros optariam em massa pelo Brasil e qualquer chance de atingi-los estaria, então, perdida (SEITENFUS, 1990).

Mais importante que isso, porém, é perceber como a não adesão maciça e concentrada dos filhos de italianos aos organismos fascistas não só frustrava qualquer possível expectativa de poder contar com eles em caso de guerra¹¹⁸ como impedia Roma de usá-los mais diretamente na promoção de seus interesses no Brasil:

“Dadas as condições dos italianos no Brasil, deve-se destacar que as massas italianas ou ítalo-americanas manobráveis para o objetivo de influenciar os negócios interiores do país existem - mas somente até certos limites - em primeiro lugar no estado de São Paulo e depois, em linha decrescente, nos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

Até certos limites, porque as massas ítalo-americanas, brasileiras por cidadania e que poderiam intervir abertamente nos negócios interiores do país, mostram uma natural disposição a assimilar-se ao resto da população. (...)

Estes filhos de italianos - é doloroso constatá-lo - tendem normalmente a se passarem por autênticos brasileiros. Em São Paulo, centro máximo das massas italianas e ítalo-americanas, se verifica o fenómeno que se poderia chamar de “paulismo”, ou seja, a afirmação por parte dos filhos de italianos que não são italianos, mas paulistas”¹¹⁹

Nesse sentido (e retomando informações vistas ou a ver em outros capítulos), a única alternativa do governo italiano para realizar seu desejo de usar esses filhos de italianos como instrumento de sua política para a América Latina era induzi-los à entrada num partido irmão e relacionado com a Itália, o Integralismo:

¹¹⁸ - Somente 20 filhos de italianos (legalmente italianos e sujeitos ao serviço militar) se apresentavam por ano em São Paulo para regularizar sua situação militar, o que indignava o Consulado e confirma o grau de adaptação deles no Brasil. Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 6, p. “Servizio militare italo brasiliano”, relatório de 5/10/1934

¹¹⁹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 11, f. 9, relatório da Embaixada italiana de 20/3/1937.

“O elemento italiano, seja aquele representado da geração nascida na Itália seja aquela dos nascidos no Brasil, permaneceu quase sempre estranho às lutas políticas locais, um pouco porque eles não se sentem ainda profundamente ligados à sorte deste país, um pouco pelo desgosto em relação a vida política brasileira, um pouco porque, dedicado ao trabalho e a vontade de progredir em outras áreas, não encontrou tempo e vontade para ocupar-se de política e de procurar na política ocasião para afirmar-se (...)

Dado o grande número de partidos, o seu caráter e o seu comportamento mutável, aparece a questão de como poderia o elemento italiano, no seu conjunto, desenvolver uma ação unitária. Também devemos nos perguntar quais vantagens seriam extraídas de uma participação mais intensa dos italianos na vida política do país; sempre admitindo-se que fosse possível (...)

É verdade que, a algum tempo, surgiu um novo partido, diferente dos outros, de caráter nacional e orientado na direção das idéias fascistas: o Integralismo, partido ao qual aderiram muitos filhos de italianos. Se abrem, portanto, novas perspectivas para a atividade política das massas italo-brasileiras, que poderiam encontrar no Integralismo o terreno propício para colaborar na formação de um novo Brasil”¹²⁰

Detalhes do relacionamento do Integralismo com o fascismo italiano e a entrada maciça dos filhos de italianos no primeiro serão vistos no capítulo 8. Por ora, basta reter essa informação que os filhos de italianos estavam realmente muito mais próximos, dada a rápida assimilação¹²¹, ao Brasil que à Itália e ao fascismo e que, por isso, sempre foram considerados, ao contrário dos teuto-brasileiros, fiéis e não perigosos à soberania nacional tanto pelo governo brasileiro como pelo americano¹²².

¹²⁰ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 11, f. 9, Memorando reservado do Ministero degli Affari Esteri e resposta do Encarregado de negócios Menzinger, 26/4/1937.

¹²¹ - Ver uma análise teórica como a segunda geração tende geralmente a recusar a identidade dos pais para ser melhor aceita no país onde nasceu em CECCHI (1967).

¹²² - Ver, entre muitos documentos disponíveis, ADA, rolo 4/380, código 832,00F, relatório “Italian Activities in Brazil”, 6/2/1939, fotograma 19, p. 5 e NACP/Office of Intelligence Research, Division of Research for the American Republics, RG 59, 250/46/9/3, Entry 451A, Box 2, relatório “Survey of Rio de Janeiro Region of Brazil”, volume 1, 6/8/1942, p. 18.

É absolutamente fundamental notar, contudo, que o fato dos filhos de italianos estarem subrepresentados nos organismos fascistas de São Paulo e não se prestarem aos desígnios de Roma não significa que eles tivessem uma visão negativa de Mussolini e do fascismo. De fato, não só sabemos que havia filhos de italianos atingidos diretamente pela propaganda fascista¹²³ e que, num nível genérico, a simpatia pelo fascismo era bastante difundida entre os italo-brasileiros como foi essa simpatia, associada ao nacionalismo brasileiro deles, que levou muitos deles ao Integralismo, o que é um desdobramento político notável.

Tal constatação pode ser confirmada em várias fontes como, por exemplo, no seguinte relatório enviado pela Embaixada americana do Rio de Janeiro ao Depto de Estado em 1939:

“Com respeito à lealdade da segunda geração de italianos, o autor tem conversado com donos de restaurantes, garçons, trabalhadores, etc de origem italiana. Ao falar da Itália eles usualmente iniciam a conversa ressaltando que são brasileiros ou paulistas. Eles normalmente expressam sua admiração por Mussolini e pelos seus esforços em elevar a Itália ao posto de potência de primeira classe e aumentar seu prestígio. Por outro lado, sua lealdade parece estar com o Brasil, onde eles vivem e não há indícios de que muitos deles desejem a interferência política da Itália ou da Alemanha no Brasil”¹²⁴

e nas próprias fontes fascistas, que não só identificavam uma certa simpatia pela Itália entre os descendentes de italianos:

“Na realidade, salvo poucas exceções, em toda a América Latina os “filhos de italiano” se sentem – nacionalmente falando – muito mais ligados ao país onde nasceram que à Itália. Em muitos desses, porém – e,

¹²³ - Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 15, p. “Provvedimenti contro associazioni politiche straniere: fascisti e naziste”, relatório do Consulado do Rio de Janeiro 7/5/1938. Nesse documento, há estimativas indicando que 20% dos italianos e filhos de italianos do país (o equivalente a 300 mil pessoas) eram atingidos diretamente pelas atividades de propaganda italianas e que metade deles seriam filhos de italianos. Número discutível, mas que indica novamente a sub representação dos descendentes, que representavam, como visto, muito mais que a metade da comunidade italiana.

¹²⁴ - ADA, Rolo 4/380, Código 832.00, fotograma 19, p. 81. Relatório de 6/2/1939.

especialmente naqueles de terceira e quarta geração – se observa uma ligação espiritual com a Pátria dos pais que não pode ser desprezada”¹²⁵

como indicam um momento especial – a Guerra da Abissínia – onde mesmo os descendentes de italianos foram envolvidos pelo clima nacionalista e de apoio ao fascismo que varreu, como será melhor melhor descrito posteriormente, a coletividade italiana de São Paulo e do Brasil como um todo naqueles anos:

“Diante do luminosos exemplo da Pátria de origem, por tradição, por sentimento inato, estas massas italo brasileiras não dirigem sua simpatia em direção às tendências anarquistas e comunistas. Se trata de gente que, salvo aqueles – sobretudo jovens – que tendem decisivamente às formas fascistas de governo, limita-se a aceitar o atual regime como o melhor. Para que os italo-americanos do Brasil possam agitar-se, deve haver um perigo grave e iminente ou uma força que os anime e organize. Recorde-se, a propósito, que durante o conflito italo-etiópico e na época das sanções, estes filhos de italianos também trouxeram a sua contribuição à causa da Itália.

Foi necessário, porém, um grande incitamento como o entusiasmo suscitado para a defesa da Pátria de origem, perseguida pelas outras nações e bloqueada pelo assédio econômico”¹²⁶

Essa situação de apoio difuso ao fascismo, mas com firme defesa do Brasil e do nacionalismo brasileiro, parece ter varrido o grosso da população italiana vivendo em São Paulo e até em casos extremos onde descendentes de italianos manifestaram um apoio mais forte ao fascismo essa combinação (que, ressalte-se, era perfeitamente aceitável dentro da sociedade brasileira até a II Guerra Mundial¹²⁷) foi mantida. Nesse sentido, os casos de Giovanni Castaldi (filho de italianos e defensor da Itália nas guerras fascistas, mas que se recusava a negar sua

¹²⁵ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 11, f. 9, Memorando reservado do Ministero degli Affari Esteri e resposta do Encarregado de negócios Menzinger, 26/4/1937.

¹²⁶ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 11, f. 9, relatório da Embaixada italiana de 20/3/1937.

identidade como brasileiro¹²⁸ e de Menotti del Picchia (ardente admirador de Mussolini, mas defensor do nacionalismo brasileiro em oposição ao italiano (FONT, 1990, pp. 142 e 305) são bastante emblemáticos.

Num certo sentido, esse posicionamento da segunda geração se conecta com as questões de classe identificadas anteriormente (pois boa parte dessa segunda geração pertencia aquela classe média identificada antes¹²⁹), mas sua determinação básica parece estar na questão do novo prestígio desfrutado pela Itália durante o fascismo e que agradava aos filhos de italianos por permitir o resgate de sua auto estima e dignidade (OSTUNI, 1981) e sua melhor inserção na sociedade brasileira. Dizer, a partir daí, que os filhos de italianos eram majoritários no fascismo italiano de São Paulo (OSTUNI, 1981^a) ou que os italianos natos não fossem também afetados por esse sentimento é uma posição equivocada, mas esse aspecto da questão é, sem dúvida, chave para entender a presença e a difusão do fascismo em São Paulo.

De fato, a compreensão da diferença entre a adesão direta e formal ao fascismo (o que se corporifica na adesão formal aos órgãos fascistas), a qual é centrada, como visto, nos italianos natos e pertencentes à burguesia e às classes médias e uma simpatia geral e difusa por ele (espalhada basicamente entre os italianos mais pobres e pouco instruídos e na segunda geração) e a relação desses sentimentos com o nacionalismo e os problemas de inserção dos imigrantes na sociedade brasileira são a base de nossas discussões sobre a relação do fascismo com os italianos de São Paulo, o que indica a necessidade de um capítulo a parte para a discussão do tópico. Antes, porém, parece interessante fazer uma pausa para a discussão de um outro aspecto essencial

¹²⁷ - Ver BERTONHA () - *Varia Storia*.

¹²⁸ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 5, p. "A Capital", diversos documentos.

¹²⁹ - Em entrevista ao autor (São Paulo, 17/12/1992), D. Lélia Abramo (que foi militante antifascista em São Paulo nos anos 30) chegou a mencionar como muitos membros das novas gerações de italianos iam, a média que enriqueciam, abandonando a militância de esquerda que muitos dos seus pais haviam tido e caminhando para posições mais conservadoras.

dentro do relacionamento dos italo-brasileiros com o fascismo, ou seja, a questão das diferenças regionais.

As variantes regionais

Uma das dificuldades em se trabalhar com um tema como o da relação dos italianos do Brasil com o fascismo é a necessidade de dar conta de um sem número de realidades regionais. De fato, apesar da ênfase desse texto estar na comunidade italiana do estado de São Paulo e, especialmente, na da cidade de São Paulo, foi impossível não fazer referência, no decorrer do trabalho, às outras comunidades italianas espalhadas pelo país, as quais interagiam com as de São Paulo e que não poderiam ser deixadas à margem, portanto, de nosso estudo.

Na realidade, a historiografia internacional sobre o tema já revelou como a absorção das variantes regionais dentro de cada país só enriquece a análise global. Isso ocorre, por exemplo, nas historiografias canadense e australiana quando se discutem as especificidades de Toronto e Quebec¹³⁰ ou de New South Wales e Queensland¹³¹ e, especialmente, na francesa, onde os estudos regionais sobre a questão do fascismo e os imigrantes italianos são extremamente ricos e numerosos¹³².

O caso que mais se aproxima do brasileiro, contudo, é o americano, onde as dimensões continentais do país (equivalentes às brasileiras) permitiram imensas variações entre comunidades italianas espalhadas em pontos diversos (e com inserções sociais, étnicas e outras

¹³⁰ - Sobre Toronto, ver HARNEY (1981 e 1984) e ZUCCHI (1988). Sobre o Quebec, ver PERIN (1981) e RAMIREZ (1988). Ver também LIBERATI (1982, 1983, 1984 e 1984*).

¹³¹ - Ver CRESCIANI (1984); MENEGHETTI (1982) e O'CONNOR (1996). Sobre como as "internações de estrangeiros inimigos" de 1940 variaram enormemente dentro da Austrália, ver DOUGLASS (1992) e DIGNAN (1992).

¹³² - Particularmente interessantes são os trabalhos de Ralph Schor sobre a região dos Alpes Marítimos franceses. Ver SCHOR (1984, 1986, 1988, 1988* e 1994).

diferentes em cada contexto) do território americano. Nesse sentido, é possível notar grandes diferenças, por exemplo, entre a esmagadora maioria dos italianos vivendo nas grandes cidades da costa Leste como trabalhadores manuais (BAYOR, 1978; CANNISTRARO, 1975; NELLI, 1970; CICCOLELLA, 1986) e as comunidades menores, mais bem sucedidas economicamente e, aparentemente, mais ligadas ao fascismo justamente por isso, da Califórnia e da Costa Oeste em geral (CINEL, 1987; GUMINA, 1978; SALVETTI, 1982). Um estudo sistemático dos trabalhos monográficos sobre as diversas coletividades italianas espalhadas pelos Estados Unidos certamente levantaria outras particularidades regionais relevantes, como certos estudos (MORMINO, 1986 e 1987) já indicam.

A situação brasileira é realmente semelhante à americana. De fato, a coletividade italiana no Brasil pode ser dividida, grosso modo, em três grandes blocos: agricultores vivendo no regime de pequena propriedade no sul do país; trabalhadores rurais e, cada vez mais, urbanos residentes no estado e, especialmente, na cidade de São Paulo ao lado de uma elite industrial e de uma nascente classe média e um pequeno grupo de artesãos e comerciantes residindo nas grandes capitais do Norte e Nordeste e no Rio de Janeiro. Procuraremos trabalhar em cada um desses contextos a partir de agora.

O interior de São Paulo

Como vimos, a relação dos italianos da cidade de São Paulo com o fascismo poderia ser resumida do seguinte modo: um núcleo de fascistas militantes oriundos das classes médias e burguesas italianas locais e formada basicamente de italianos natos em conflito com um grupo menor de antifascistas e tendo como pano de fundo uma grande massa apolítica (e formada

basicamente por trabalhadores e filhos de italianos) que, com o decorrer do tempo, foi se tornando, devido à questões de nacionalismo e de aceitação social, mais e mais favorável ao fascismo em um nível genérico. É curioso notar como esse padrão parece se reproduzir, em escala menor, na maioria das pequenas cidades do interior paulista colonizadas por italianos.

De fato, em praticamente todas as cidades do interior o que se encontra é um pequeno núcleo de fascistas, reunidas em torno do *fascio all'estero*, de uma *Casa d'Italia* e de uma associação italiana fascistizada ou, no caso de uma coletividade pequena demais para sustentar uma associação, simplesmente se reunindo para manifestar sua fé fascista sempre que possível e um grupo muito menor (que, às vezes, podia se resumir a um único indivíduo ou podia nem existir no caso de postos muito pouco povoados) de antifascistas que procuravam combater a superior propaganda fascista. Entre esses grupos (sempre em contato com seus centros nervosos na cidade de São Paulo), massas de italianos apolíticos que só se dirigiam ao fascismo ou ao antifascismo (em algumas localidades e em casos excepcionais) num nível mais genérico e difuso.

Uma maneira de comprovar essa situação é verificar as informações disponíveis sobre as redes fascista e antifascista que se formaram no interior do estado. No caso dos fascistas, uma possibilidade é a utilização do livro de Salvatore Pisani (PISANI, 1937), o qual, apesar de um pouco tendencioso, descreve em detalhes a situação das comunidades italianas de todo o estado. Nessa reconstrução, é visível a presença dominante dos filhos de italianos sobre os italianos e a escassa participação desses italianos e descendentes nos órgãos fascistas de cada localidade. Não obstante, é verificável como um núcleo de fascistas militantes, ainda que pequeno, estava presente, capilarmente, em quase todas as cidades do interior do estado.

Se utilizarmos os registros da polícia política fascista arquivados no “Casellario Politico Centrale” e as notícias constantes nos jornais antifascistas (e, especialmente, no *La Difesa*), poderemos constatar que também a rede antifascista – muito menos desenvolvida que a fascista e que vai decair, note-se, no decorrer da década de 30 – estava presente nas diversas cidades do

estado, mesmo que fosse apenas pela ação de um único indivíduo, que se assumia como defensor e divulgador do antifascismo na região. As viagens de Ertulio Esposito, viajante do La Difesa, e que se encontrava, em cada pequena cidade do interior de São Paulo em que parava para cobrar as assinaturas do jornal, apenas um ou dois ou, no máximo, um punhado de antifascistas, também são indícios nesse sentido¹³³.

Outra maneira de comprovar essa situação é comparar diretamente os dados de Pisani sobre a composição das coletividades italianas do estado¹³⁴ com as informações disponíveis sobre os antifascistas isolados nessas mesmas comunidades. Nesse sentido, poderíamos citar muitos exemplos, como o de São João da Boa Vista, onde havia um núcleo bastante ativo de algumas dezenas de antifascistas se contrapondo a um fascio na disputa por 3.000 italianos e 5.000 filhos de italianos residentes no local, ou de Barretos, onde havia uma pequena atividade antifascista¹³⁵ disputando os 5.000 italianos e descendentes do local com um fascio e um *Dopolavoro*.

Um caso muito curioso é o da pequena localidade de Santo Anastácio, onde, dos 19.000 habitantes, 9.000 eram italianos e descendentes, na maioria trabalhadores rurais. Mesmo nesse lugar afastado, porém, a disputa fascismo vs. antifascismo se dava, com a propaganda e a influência fascistas se difundindo a partir dos poucos fascistas convictos residentes no local e das organizações fascistas existentes em cidades maiores próximas à Santo Anastácio e a antifascista seguindo o mesmo caminho a partir de um único antifascista isolado, Zeferino Oliva, distribuidor do La Difesa e de jornais e folhetos antifascistas que ele mesmo editava aos italianos da região¹³⁶.

¹³³ - Ver AN/IJ6 402, Processo de Expulsão de Ertulio Esposito, 1932, cartas do titular ao La Difesa de 1930 relatando suas viagens por Amparo, São João da Boa Vista, Santa Adélia, etc.

Uma nota: Entre fins dos anos 20 e inícios dos 30, cidades como São João da Boa Vista e Poços de Caldas eram consideradas "baluartes antifascistas". Seria interessante um trabalho de história local para verificar as razões do fato e a possível semelhança com centros antifascistas e de esquerda italo-americanos como Tampa, Barre e Paterson (MORMINO, 1987, pp. 162-164 e GABACCIA, 1988) ou franceses como Longwy (NOIRIEL, 1980).

¹³⁴ - Os dados a seguir virão desse texto.

¹³⁵ - Ver ACS/CPC, b. 1727, p. 99927 ("De Napoli, Nicola"), diversos documentinhos.

¹³⁶ - ACS/CPC, b. 3585, p. 91091 ("Oliva, Zeferino").

Essa situação, confirmada textualmente pela documentação de época¹³⁷, era ainda mais evidente nas cidades maiores do interior, como Ribeirão Preto, Santos e Campinas. Ribeirão Preto, por exemplo, tinha, em 1937 (PISANI, 1937), uma população de 80 mil habitantes, dos quais 10 mil italianos e 15 mil filhos de italianos. Havia um fascio (não muito ativo pelo menos até 1928¹³⁸), um *Dopolavoro*, um Vice Consulado e várias associações italianas com algumas centenas de membros. O outro lado da barricada também estava, porém, presente, com um grupo de antifascistas estimado em cerca de 45 pessoas em 1927¹³⁹, apoiados pela Maçonaria local¹⁴⁰ e que não só distribuía propaganda antifascista, como chegou a roubar a insígnia do Vice consulado como demonstração de antifascismo¹⁴¹. Os dois “núcleos duros” estavam, pois, presentes.

O caso de Santos é semelhante. A cidade tinha, no fim dos anos 30, cerca de 140 mil habitantes, com grande concentração de portugueses e cerca de 12 mil italianos e descendentes, segundo PISANI (1937) ou 33 mil, segundo o Vice consulado americano¹⁴². Há referências a um fascio – pouco desenvolvido no seu início¹⁴³ – e a um *Dopolavoro* que, em 1939, já tinham sido

¹³⁷ - Ver NACP/Office of Intelligence Research, Division of Research for the American Republics, RG 59, 250/46/9/3-5, Entry 451B, Box 13, relatório “The United States and Italians in Latin America”, pp. 167-168.

¹³⁸ - Ver ACS/MinInt, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1927, b. 190, p. “Movimento Antifascista – Brasile 1928”, Informes Vice Consulado de Ribeirão Preto, 20 e 21/9/1928.

¹³⁹ - ACS/CPC, b. 1921, p. 20298 (“Facci, Mario”), relatório da Polícia Política de 29/10/1927.

¹⁴⁰ - ACS/MinInt, Divisione Affari generali e riservati, 1927, b. 180, p. “Movimento Massonico – Brasile 1927”, Informe da Polícia política de 1/9/1927.

A existência de uma loja maçônica local era, aliás, chave para determinar a existência de um núcleo forte de antifascistas nas localidades do interior, o que é natural se lembrarmos do fundamental apoio da Maçonaria ao antifascismo no mundo e também no Brasil. Ver BERTONHA (1994 e 1994^b).

¹⁴¹ - Ver ACS/MinInt, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1927, b. 190, p. “Movimento Antifascista – Brasile 1928”, Informes Vice Consulado de Ribeirão Preto, 20 e 21/9/1928.

¹⁴² - Ver ADA, Rolo 4/380, código 832.00F, relatório “Italian Activities in Brazil” de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 81-85.

¹⁴³ - ACS/CPC, b. 2188, p.86826 (“Frola, Francesco”), relatório do Vice Consulado de Santos de 16/12/1927.

absorvidos por uma *Casa d'Italia* local. Há referências, nesse mesmo ano, de uma escola italiana com 200 alunos, à atividades fascistas discretas mas presentes e a um sentimento patriótico geral que tornava a coletividade permeável ao fascismo.

O antifascismo, apesar de ter enfraquecido quase até a morte nos anos 30, também existiu. Ele sempre foi pequeno (com cerca de 60 ou 70 simpatizantes, por volta de 1928¹⁴⁴), mas era real o suficiente para interagir e se opôr ao fascismo.

O caso de Campinas é mais documentado. A cidade tinha, em 1937, 130 mil habitantes, dos quais 23 mil eram italianos ou filhos de italianos. Havia na cidade um *Dopolavoro*, um Vice Consulado e um fascio muito ativo, que promovia bailes, peças de teatro e exibição de filmes, além de comemorar datas festivas italianas e fascistas. Ele também dispunha de uma *Associação Atlética Fascista*, cuja seção de futebol era importante no ranking regional e que dispunha de uma praça de esportes, situada no Bairro do Bosque e que os populares chamavam de “Campo do Fascista”¹⁴⁵.

Várias associações italianas também estavam presentes na cidade, como o *Circolo Italiani Uniti*, surgida em 1881 e que dispunha de um importante hospital¹⁴⁶. Havia também a escola *Gabriele d'Annunzio*, com centenas de alunos e onde a socialização política dos jovens de origem italiana era comprovadamente eficaz¹⁴⁷. Um núcleo fascista estava, pois, seguramente implantado na cidade.

¹⁴⁴ - ACS/MinInt, DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 21, p. “Santos (Brasile) – Fuorusciti e antifascisti”, informes Vice Consulado de Santos de 6/10/1927 e 9/2/1928.

¹⁴⁵ - As informações desse parágrafo são oriundas de uma pesquisa de 1975, não concluída, de Wagner José Geribello sobre o fascio de Campinas e a qual tivemos acesso graças ao Professor José Roberto do Amaral Lapa, da UNICAMP.

¹⁴⁶ - Segundo observadores americanos, as duas instituições estavam completamente fascistizadas nos anos 30. Ver NACP/Records of the Office of War Information, RG 208, 208/350/71/12/34, box 437, relatório “The Italian Community of Campinas” de 23/6/1943.

¹⁴⁷ - A Sra. Cezira Curty, que estudou na escola em fins dos anos 30, nos contou, em entrevista (Campinas, 18/5/1992), dos cantos e poemas fascistas que ela aprendeu, de uma viagem à colônia de férias em Santos, onde foi submetida à rígida disciplina fascista, etc.

A sua contraparte antifascista também existia, como demonstram as várias notícias referentes à Campinas que eram publicadas na imprensa antifascista de São Paulo no fim dos anos 20 e início dos 30. Também aqui, porém, o núcleo antifascista era muito mais fraco que o fascista. De fato, mesmo em 1942/43 (ano de ressurreição do antifascismo italiano no país – BERTONHA, 1997), o número de antifascistas militantes em Campinas se limitava a três dezenas, capazes apenas de uma pequena propaganda¹⁴⁸.

Esses exemplos não devem nos levar, porém, a pensar que todas as comunidades italianas espalhadas pelo interior do estado de São Paulo eram simples versões em escala menor da cidade de São Paulo. De fato, tais comunidades italianas tinham especificidades que as diferenciavam do caso paulistano.

Essas especificidades iam desde o cuidado dos fascistas em selecionar os métodos de propaganda mais adequados à comunidades isoladas e longe da mídia escrita da capital (como os filmes¹⁴⁹), como o fato dos *fasci all'estero* e outras organizações fascistas terem muito mais possibilidade, em pequenos centros urbanos, de se tornarem centros da vida social que em São Paulo, onde a concorrência era maior. Nessa linha de pensamento, parece haver sentido nas palavras de Giovanni Giuriati, que, já em 1924, dizia que a ação fascista era muito mais fácil nos pequenos centros que nos grandes (TOSCANO, 1980, p. 237).

A característica mais curiosa das cidades menos populosas, porém, era a menor importância das divisões sociais dentro da vida da comunidade e a diminuição das tensões de classe que abalavam a solidariedade fascista entre os italianos da cidade de São Paulo. Claro que essas tensões também existiam no interior (e ainda mais em centros maiores, como Campinas e Santos), mas eram muito menores, o que nos permite entender porque as recordações de Cezira

¹⁴⁸ - Ver NACP/Records of the Office of War Information, RG 208, 208/350/71/12/34, box 437, relatório "The Italian Community of Campinas" de 23/6/1943.

¹⁴⁹ - Vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 2, p. "Invio di films nel Brasile", Pro Memória Embaixada italiana, 4/1/1932.

Curty¹⁵⁰ sobre o fascio de Campinas insistam em ressaltar a congregação e a solidariedade que ele promovia – especialmente nos anos 30 – entre todos os italianos da cidade.

Nesse sentido, adquire relevância o recente trabalho de Aprigio de Almeida Júnior (ALMEIDA, 1997) sobre a cidade de Capivari onde, em 1936, 26% da população de 28 mil habitantes era composta de pessoas de origem italiana e onde não só, segundo o autor, as relações pessoais (típicas de cidade pequena) tendiam a suavizar as tensões sociais e congregar os italianos locais, como a própria participação nas festas e atividades fascistas era estimulada pela necessidade de reforçar a identidade de grupo e de “grande família”, mais presente num pequeno núcleo que numa metrópole como São Paulo.

Saindo do interior do estado de São Paulo, deveríamos partir para as coletividades italianas instaladas no resto do país. Isso não significa, obviamente, que possamos dar a cada contexto regional o mesmo grau de aprofundamento que demos à questão do fascismo italiano em São Paulo, pois isso implicaria numa pesquisa bem maior e em vários pontos do país, o que seria inviável. Ainda assim, entendemos que a suplementação dos pequenos pedaços de informação sobre o contato dos italianos de outras áreas do país com o fascismo apresentados nos capítulos anteriores com novos dados e uma organização própria pode estimular pesquisas de história local que certamente irão suplementar nossos conhecimentos sobre o tema, o que é ponto de relevância.

Ressalte-se, além disso, que optamos por transferir o grosso das informações relativas à questão do fascismo e do antifascismo entre as comunidades italianas fora do estado de São Paulo para artigos a serem publicados em revistas regionais¹⁵¹, o que parece uma alternativa lógica dado o caráter divulgativo que damos a tal material. Conservaremos, nesse capítulo, portanto, apenas

¹⁵⁰ - Ver nota 150.

¹⁵¹ - Ver BERTONHA (1998e) para o caso do Rio Grande do Sul e outros estados do Sul e BERTONHA (1998m) para os estados do Centro, norte e nordeste do Brasil.

os elementos necessários para enriquecer, pela contraposição, nosso entendimento do caso paulista.

O estado de Minas Gerais

Como bem ressaltou Zuleika Alvim em recente trabalho (ALVIM, 1994), os cerca de 65 mil italianos que emigraram para Minas Gerais e seus descendentes são pouco estudados em comparação aos de São Paulo e Rio Grande do Sul. Essa situação se repetiu no tocante à questão do fascismo entre esses imigrantes, com poucas informações disponíveis a respeito. Há indícios, porém, que a situação das comunidades italianas de Minas Gerais era – apesar da brutal inferioridade numérica – muito semelhante a do estado de São Paulo.

O núcleo da ação fascista no estado (que se concentrava, dada a distribuição dos italianos, no seu centro sul) era, obviamente, Belo Horizonte, onde o Consulado mantinha um forte núcleo de ação e propaganda fascista e onde os antifascistas também tinham um grupo de certa importância, liderado por um antifascista que atravessou toda a história do antifascismo italiano no Brasil, Eugenio Guadagnin¹⁵².

No interior de Minas, a situação não era diversa, com núcleos de propaganda fascista espalhados capilarmente pelo estado e enfrentando a oposição de pequenos núcleos antifascistas instalados, por exemplo, em Uberaba, Juiz de Fora e etc¹⁵³.

O maior núcleo de antifascismo italiano fora de Belo Horizonte, contudo, era o de Poços de Caldas, onde moravam antifascistas de peso como Fosco Pardini (ex membro do *Centro*

¹⁵² - Ver ACS/CPC, b. 2549, p. 19504 ("Guadagnin, Eugenio").

¹⁵³ - Ver NA/IJ6 402, Processo de Expulsão de Ertulio Esposito, 1932 e ACS/CPC, b. 1047, p. 31938 ("Cappiello, Vincenzo"), relatório do Consulado de Belo Horizonte, 14/5/1928.

Socialista Internacional de São Paulo) e Teresa Carini¹⁵⁴ e existia um núcleo antifascista de talvez não mais de dez ou vinte pessoas¹⁵⁵, mas suficientes para irritar os fascistas da cidade. O padrão identificado em São Paulo de 2 “núcleos duros” (um fascista e outro menor, antifascista) disputando uma grande massa apolítica que lentamente se dirigiu a um fascismo genérico parece permanecer, assim como as particularidades das pequenas comunidades verificadas antes, no caso mineiro.

O Norte/Nordeste

Escrever sobre as coletividades italianas do Norte e Centro Oeste do Brasil é algo muito simples devido à sua baixíssima representatividade numérica, raramente superando algumas centenas de pessoas. O fascio de Belém parece ter sido, segundo as notícias constantes no jornal *Il Legionario*, razoavelmente ativo e o fascismo foi, ao que tudo indica, realmente popular entre os itálos locais¹⁵⁶, mas as atividades fascistas parecem ter sido muito fracas, senão inexistentes, e o grande núcleo de propaganda fascista e italiana era formado, como visto anteriormente, pelos missionários italianos.

No Nordeste do Brasil, as comunidades italianas eram, apesar de ainda representarem um nada em comparação às comunidades italianas do sul e sudeste, mais consistentes e as atividades fascistas foram maiores.

¹⁵⁴ - Para sua militância antifascista, ver CANDIDO (1980, pp. 34-40).

¹⁵⁵ - ACS/Pubblica Sicurezza, Divisione AAGRR, categoria J5, b. 326, p. “Tagliaferri, Trento”, Informe Consulado de São Paulo, 18/5/1927.

¹⁵⁶ - Ver as notícias sobre a expulsão do antifascista Trento Tagliaferri, em visita a Belém, dos negócios de italianos devido ao seu antifascismo em ACS/Pubblica Sicurezza, Divisione AAGRR, categoria J5, b. 326, p. “Tagliaferri, Trento”, Informe Consulado de Belém, 25/11/1939.

Em Recife, o *fascio all'estero* surgiu em 1924 e as atividades fascistas se desenvolveram com regularidade no decorrer das décadas de 20 e 30, mas em escala muito reduzida se comparada às realizadas pelo governo italiano no sul e sudeste do país.

O que realmente surpreende, na realidade, é o sucesso do fascismo em recrutar os italianos locais. De fato, para uma população de cerca de 500 italianos no Recife em 1939, o fascio tinha cerca de 100 sócios e o *Dopolavoro* por volta de 150, além de cerca de 30 membros da *Camara di Comercio italiana*¹⁵⁷, o que é uma proporção de militantes em relação à população italiana local que supera astronomicamente os números, por exemplo, do estado de São Paulo. O mesmo ocorria na Paraíba, onde o fascio – fundado em 1929 – reunia 34 sócios no fim dos anos 30 (ANDRADE, 1992, pp. 154-155).

Esse maior sucesso fascista, reconhecido por vários observadores posteriores (ANDRADE, 1992, pp. 156-158) e que não implica na inexistência de um ou outro antifascista¹⁵⁸, se devia, provavelmente, à composição social da coletividade, onde a proporção de comerciantes, pequenos industriais e outros membros da pequena burguesia era muito maior que no Sul e em São Paulo (ANDRADE, 1990, 1992 e 1993; MELLO, 1990). Dada a maior afinidade desses grupos com o fascismo, não fica difícil entender como o porque dessas coletividades do Nordeste terem sido, proporcionalmente, mais receptivas aos apelos dos órgãos fascistas.

O mesmo pode ser observado com relação a Salvador, onde o fascismo mantinha uma estrutura de certa importância. O consulado americano considerava a difusão fascista pequena¹⁵⁹, mas há novamente sinais de que, para seu pequeno tamanho¹⁶⁰, o número de fascistas militantes

¹⁵⁷ - Idem.

¹⁵⁸ - Na Paraíba, por exemplo, havia três antifascistas: Hermenegildo di Lascio, Nicola Porto e Braz Crudo. Ver MELLO (1990).

¹⁵⁹ - Ver ADA, Rolo 4/380, código 832.00F, relatório "Italian Activities in Brazil" de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 86-91.

¹⁶⁰ - O Consulado dos Estados Unidos calculava os italianos da Bahia em 1.500 em 1939, com mais 5 mil descendentes. A avaliação do número de filhos de italianos é difícil de ser comprovada, mas a de 1.500

(100 em 1932¹⁶¹) era relativamente alto, o que novamente está relacionado com a origem social dos italianos locais¹⁶² e pode ser comprovado até em dados secundários como a existência de estabelecimentos comerciais de propriedade de italianos com nomes sugestivos como “Barbearia fascista”, “Barbearia futurista” e “Bar fascista” (DE AZEVEDO, 1989, p. 58).

Ressalte-se, além disso, que o fato da comunidade italiana local ser um pouco maior que a de Recife ou João Pessoa, por exemplo, permitiu que um movimento antifascista existisse por algum tempo. Era, porém, muito pequeno, com não mais de meia dúzia de membros liderados por Trento Tagliaferri e que não conseguiu, apesar de um ou outro ato simbólico (como a deposição de uma coroa de flores no Monumento à Castro Alves em 1932), quebrar o consenso fascista na cidade¹⁶³.

Logo ao sul da Bahia, está o Espírito Santo, onde a comunidade italiana era bem maior atingindo, entre italianos e descendentes, algumas dezenas de milhares de pessoas e que recebeu, portanto, uma certa atenção do governo italiano. Formada basicamente por pequenos proprietários rurais com fortíssima influência da Igreja Católica, tal comunidade respondeu de forma extremamente favorável aos apelos do fascismo e do Integralismo.

O conjunto de fatores que explicam essa adesão vai desde questões de classe (como o medo dos pequenos proprietários de perder suas terras em uma possível coletivização fundiária) e

italianos natos parece razoável por se equiparar às próprias estimativas italianas, que eram de 1.368 italianos residindo na Bahia em 1937. Ver nota anterior e ACS/MinCulPop, DGP, b. 276, f. 10, sottof. 8, p. “Mostre”, impresso sem maiores referências.

¹⁶¹ - Ver TRENTO (1994, p. 252).

¹⁶² - No documento italiano citado na nota 162, calculava-se que, dos 1.368 italianos vivendo na Bahia em 1937, 846 eram dependentes e 522 exerciam atividade profissional, sendo 125 agricultores, 319 comerciantes e 78 artesãos e profissionais liberais. Um predomínio claro, assim, da pequena burguesia.

¹⁶³ - Ver ACS/CPC, b. 1733, p. 112771 (“De Paola, Francesco”), diversos documentos; ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1932, I Sezione, b. 22, p. “Movimento sovversivo antifascista - Brasile”, Informe Vice Consulado de Salvador, 17/5/1932; ACS/Pubblica Sicurezza, Divisione AAGRR, categoria J5, b. 326, p. “Tagliaferri, Trento”, diversos documentos e ACS/MinInt, DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 13, f. 16, informes do Vice Consulado de Salvador, 14/10/1929.

étnico culturais (como o apreço pelas realizações do governo fascista e o forte apoio dado a ele pela Igreja Católica, que também acentuava, no Espírito Santo, a associação fascismo/Integralismo) até os de política regional que opunham a elite tradicional aos imigrantes e filhos de imigrantes querendo se afirmar política e economicamente (BUSSOLA, 1990, p. 278; LAZZARO, 1992 e BANCK, 1978). Nesse sentido, o caso do Espírito Santo se aproxima muito do catarinense e do gaúcho.

O Rio de Janeiro

A maioria dos italianos que imigraram para o Rio de Janeiro era constituída de meridionais e de profissionais dos serviços, o que faz a situação carioca diferente da paulista ou gaúcha e a aproxima do padrão verificado nas capitais do Nordeste. O número de italianos, porém, era um pouco maior, sendo de 20 mil em 1895, 30 mil em 1901, 35 mil por volta de 1910, 32 mil em 1920 e 22 mil em 1940 (TRENTO, 1989).

Sobre a questão do fascismo na cidade, temos ao menos alguns dados de relevância. Um deles, talvez o mais importante, indica que, apesar do fascio do Rio de Janeiro não ter conseguido controlar completamente a colônia e de ter sido até asperamente criticado por sua inatividade e insignificância em 1924 por Pietro Belli (RIOS, 1959, p. 57), ele teve uma atividade bastante razoável em comparação com outros *fasci all'estero* presentes no Brasil, como vários números podem demonstrar¹⁶⁴.

Os números do fascio do Rio de Janeiro impressionam especialmente se comparados com os do fascio de São Paulo, o qual, atuando numa área com uma população italiana

¹⁶⁴ - Ver as informações sobre adesões ao fascio e ao Dopolavoro, difusão do jornal *L'Italico* e outros números em "Le opere assistenziali del fascio di Rio de Janeiro" in *Il Legionario*, X/42, 15/10/1932.

substancialmente superior, não tinha, como visto anteriormente, mais de 1.755 filiados em 1928, contra cerca de 1.000 do fascio do Rio na mesma época. A composição social da colônia italiana no Rio (com muitos comerciantes e artesãos) e a presença onipresente da Embaixada italiana (controlando e potencializando diretamente as atividades fascistas) parecem explicar essa maior atividade e sucesso do fascio do Rio que, não por acaso, recebeu uma menção honrosa da *Segreteria generale dei fasci all'estero* em março de 1935¹⁶⁵.

Houve, porém, também um foco de antifascismo no Rio de Janeiro, talvez o mais importante depois do de São Paulo. Ele começou já em 1924, quando Giovanni Infante criou a *Unione Democratica* e prosseguiu por vários anos, sendo seus líderes chave Giuseppe Scala, Giuseppe Scarrone, Salvatore de Rosa, Nello Garavini e outros, mas tudo indica que esse ativismo antifascista declinou rapidamente, como de resto em todo o país, na década de 30, o que apenas reforçou a popularidade fascista entre os italianos do Rio de Janeiro.

O Sul do Brasil

Os estados do Sul eram a segunda maior concentração de italianos no território brasileiro. No Paraná, por exemplo, existiam cerca de 50 mil italianos e descendentes por volta de 1942¹⁶⁶, e sabemos que as agências consulares, os *fasci all'estero* e os *Dopolavoro* distribuíam

¹⁶⁵ - "Fasci, OGIE e Scuole italiani all'estero" in *Il Legionario*. XIII/13, 30/3/1935.

¹⁶⁶ - NACP/Records of the Office of War Information, RG 208, 208/350/71/12/34, box 437, relatório "Strategic Survey of South Brazil" de 11/8/1942, p. 2.

material de propaganda a italianos e brasileiros¹⁶⁷ e que até um busto de Mussolini foi inaugurado em Curitiba em 1938¹⁶⁸.

Há também informações sobre antifascistas isolados em pequenas cidades do interior do estado, de forte resistência contra os fascistas na *Società Dante Alighieri* de Ponta Grossa em 1929/31 (TRENTO; 1989, p. 332) e ainda em 1937¹⁶⁹ e preocupações fascistas com um “aguerrido núcleo antifascista no Paraná chefiado por Francesco Stobbia” em 1928¹⁷⁰. Fragmentos de uma realidade que uma pesquisa de história local poderia desvendar por completo.

Sobre Santa Catarina, onde os cerca de 10 mil italianos e descendentes eram grandemente minoritários frente aos alemães e aos teuto brasileiros, temos notícias de ao menos 3 sociedades italianas funcionando no estado em 1927 e de alguma atividade fascista. Os italianos de Santa Catarina, segundo um relatório do vice cônsul italiano de 1935¹⁷¹, viviam quase todos na zona rural como pequenos proprietários, sendo de pouca cultura e instrução e com ligações apenas sentimentais com a Itália. A segunda geração já se sentia brasileira, mas com algum sentimento filo-italiano, enquanto a terceira geração só se identificava com o Brasil¹⁷². A difusão cultural italiana seria nula, enquanto as associações e escolas seriam quase inexistentes.

¹⁶⁷ - Vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottot. 3, p. “Propaganda italiana a Curitiba”, diversos documentos e Idem, b. 273, f. 10, sottot. 5, p. “Fascio a Curitiba”, diversos documentos.

¹⁶⁸ - Vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottot. 6, p. “Manifestazioni varie – Brasile”, Appunto MinCulPop de 10/5/1938.

¹⁶⁹ - Ver ACS/CPC, b. 1050, p. 134833, (“Capra, Giuseppe”), Telexpresso do MAE de 12/6/1937.

¹⁷⁰ - Ver ACS/MinInt, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1927, b. 190, p. “Movimento Antifascista – Brasile 1928”, Informe Consulado de Curitiba, 7/2/1928.

¹⁷¹ - Idem, p. “Colletività italiana nello stato di Santa Catarina”.

¹⁷² - O fato da colônia italiana ter se formado mais cedo no sul do país que em São Paulo indica que essa possibilidade de, no Sul do país, termos que lidar não apenas com os italianos e seus filhos, mas também com seus netos, é bastante real.

O autor se queixava amargamente sobre as dificuldades para difundir o fascismo entre essa colônia de camponeses e onde não havia uma classe dirigente italiana ligada à Pátria que pudesse apoiar esse esforço como em São Paulo. De fato, numa colônia rural (onde os colonos falavam dialeto e recebiam notícias fragmentárias da Itália) e sem pessoas de mais cultura para cuidar dos *fasci all'estero*, a difusão do fascismo era virtualmente impossível, o que desagradava visivelmente Zecchin, que sugeria medidas para tentar corrigir o problema.

Ele também fazia referência ao Integralismo, ressaltando como muitos filhos e netos de italianos se dirigiam - por questões étnicas, de classe e de política regional - a ele, no que se aproxima notavelmente do caso já estudado do Espírito Santo e, especialmente, do gaúcho.

O Rio Grande do Sul

A rede de propaganda fascista no Rio Grande do Sul tinha como centro, obviamente, Porto Alegre, mas se estendia também ao interior do estado. Aparentemente, ainda no final dos anos 20, a estrutura fascista estava pouco organizada no estado, com os *fasci all'estero* atingindo apenas três localidades (Porto Alegre, Caxias e Pelotas) em 1927 (MINISTERO, 1928). Foi necessário esperar até a metade da década de 30 para que os *fasci all'estero* atingissem sete cidades (Caxias, Porto Alegre, Pelotas, Uruguaiana, Rio Grande, Garibaldi e Bento Gonçalves - GAGLIARDETTI, 1934, p. 9).

O real desenvolvimento da atividade fascista no estado só começou, de fato, a partir da chegada do cônsul Manfredo Chiostrì em Porto Alegre em 1926. A partir daí, o Consulado italiano de Porto Alegre trabalhou com afinco para converter ao fascismo a comunidade italiana do Rio Grande do Sul e, especialmente, a de Porto Alegre. Dentro desse esforço, podemos citar a

criação de um periódico fascista (*La Nuova Italia*)¹⁷³, o subsídio para a tradução de obras italianas para o português, o aumento das atividades culturais e de ensino (inclusive pela cooptação da seção da *Società Dante Alighieri* da capital¹⁷⁴), a criação de um clube esportivo (*Campo Sportivo Italo Balbo*) em Porto Alegre e de colônias de férias no litoral (*O Campeggio Mussolini*) para socializar fascisticamente as crianças e jovens italianos locais, conversão das escolas e associações italianas, etc.

Tal esforço fascista era concentrado em Porto Alegre. Ele também se dirigiu, porém, ao interior do estado, como o disseminar-se da rede dos *fasci all'estero* e dos *Dopolavoro* e a conquista de escolas e de associações como a *Società di Mutuo Soccorso* de Caxias do Sul (HISTÓRIAS, 1988, pp. 26-27) e a manutenção de um nível inédito de atividades culturais e recreativas promovidas pelo governo de Roma na região colonial italiana do interior do estado (GIRON, 1994, pp. 110-112) podem comprovar.

Determinar em que grau os italianos do Rio Grande do Sul foram atingidos pela propaganda fascista é tarefa que requer os mesmos cuidados metodológicos que tivemos quando do estudo da situação em São Paulo. Em primeiro lugar, fica evidente, a partir do trabalho de Lorraine Giron (GIRON, 1986 e 1994), como, apesar do grau de diferenciação social entre os italianos do Rio Grande do Sul (e, especialmente, os do interior do estado) ser muito menor que entre os de São Paulo, também a zona colonial gaúcha desde cedo se organizou em classes e que era impossível que tal evolução não se refletisse na apreciação dessas pessoas ao fascismo.

Nesse sentido, a autora é explícita ao identificar uma fortíssima penetração do fascismo italiano entre a assim chamada burguesia regional (que formava a base dos *fasci all'estero* e que, na definição de Giron, incluiria não apenas os industriais, mas também os comerciantes e os

¹⁷³ - Sobre esse jornal, que durou vários anos, ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 2, p. "La Staffeta Rio Grandense di Garibaldi", informe Consulado italiano de Porto Alegre, 6/6/1934.

¹⁷⁴ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 2, p. "La Dante Alighieri in Brasile", diversos documentos.

profissionais liberais), enquanto as classes médias (pequenos industriais, comerciantes e artesãos) teriam se tornado integralistas e os (poucos) operários teriam recusado a mensagem de ambos os movimentos.

Essa proposta de Giron parece refletir a realidade e se aproxima de nossas reflexões sobre São Paulo, as quais também identificam na burguesia e na classes médias o grande público fascista. Ainda assim, sua análise apresenta diversos problemas, como a falta de uma definição mais precisa dos limites entre a “burguesia regional” e as “classes médias” e um enfoque rigidamente marxista ao tentar explicar o porquê da burguesia regional aderir ao fascismo, o que a leva a reduzir todas as motivações desse grupo a “interesses econômicos”. Tal posicionamento também a faz considerar a ação fascista como algo não relacionado à luta social da região, o que não é cem por cento correto, pois a matriz fascista italiana vinha, sem dúvida, da realidade italiana, mas era vivida e reelaborada no contexto local, o que, dentro de certos limites, a incorporava à vida política e social da região. Os contatos dos fascistas locais com partidos gaúchos como o *Partido Republicano Liberal* (GIRON, 1994: 114-115) apenas confirmam isto.

O principal problema das teses de Giron, porém, é que elas não conseguem estabelecer uma explicação razoável para a dicotomia “burguesia regional = fascista; classes médias = integralistas” que ela identificou, se limitando a análises classistas rigidíssimas, de difícil comprovação empírica e que deixam o leitor na dúvida se ela realmente se deu e, em caso afirmativo, sobre o porquê.

Parece fundamental, antes de mais nada, verificar se essa divisão entre os movimentos fascista italiano e integralista era tão rígida como propõe Giron, o que não parece provável. De fato, temos alguns indícios de colaboração entre fascistas italianos e integralistas no Rio Grande do Sul¹⁷⁵ e a própria Giron identifica momentos de ação mútua e de relações de base entre eles

¹⁷⁵ - Ver ADA, rolo 2/380, código 832,00, relatório “Integralism, Fascism and Nazism in Rio Grande do Sul and Santa Catarina” do Consulado americano de Porto Alegre ao Departamento de Estado de 9/9/1937 e os comentários deste. O Consulado ressaltava, porém, que não havia um controle italiano ou alemão sobre a ação integralista e nem convergência total de opiniões e políticas, mas simpatia mútua e colaboração.

É uma realidade, contudo, que os italianos da zona colonial gaúcha tinham certas particularidades que merecem destaque. A primeira delas é a persistência de certos valores culturais (trabalho, disciplina, ordem, família) típicos dos imigrantes do norte da Itália (e, especialmente, do Vêneto), os quais podem ter facilitado a popularização do fascismo (GIRON, 1986 e 1994, p. 15) e, especialmente, o fortíssimo papel da Igreja Católica na região.

Cumprе ressaltar, de fato, como a área de colonização italiana do Rio Grande do Sul era uma região especial, onde os colonos vênets e de outras regiões do norte da Itália de forte tradição católica puderam se estabelecer de forma livre e estável e manter suas tradições religiosas. Esta é uma situação completamente diversa da de São Paulo e que permitiu uma imensa influência dos missionários e do clero italianos sobre a coletividade italiana da região¹⁸⁶.

De forma análoga ao ocorrido, como visto, em São Paulo e em outras regiões do país, os missionários e os órgãos da Igreja Católica da zona de colonização italiana do Rio Grande do Sul auxiliaram decididamente o fascismo, apoiando suas campanhas, trabalhando na difusão de sua ideologia e intervindo com seu poder e influência nas disputas locais, sempre em benefício dos italianos ligados ao regime (GIRON, 1994, pp. 91-92). Também há registros de uso, pelos fascistas, das organizações católicas para tentar escapar das leis brasileiras de fim dos anos 30¹⁸⁷, de cartas de padres italianos em atuação em solo gaúcho endeusando Mussolini e o fascismo¹⁸⁸,

¹⁸⁶ - Em São Paulo, a contínua rotatividade dos agricultores nas fazendas, a resistência do clero local e dos fazendeiros e a heterogeneidade dos imigrantes impediu o surgimento de uma influência católica equivalente. Sobre isso, ver ROSOLI (1980 e 1982^a); AZZI (1990); FAVERO (1989) e COSTA (1987).

¹⁸⁷ - Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 277, f. 13, sottof. 1, p. "Corsi di lingua e letteratura italiana", Informe do Consulado de Porto Alegre, 28/3/1939 para informações sobre cursos de língua e literatura italianas ocorrendo na *Associação dos Professores Católicos* para fugir dos problemas com o governo estadual.

¹⁸⁸ - ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1642, carta de Padre Luigi Strippoli ao Duce, 21/2/1928.

etc. A imprensa católica local também apoiava o fascismo¹⁸⁹. Parece óbvia, assim, a ligação do clero italiano com o fascismo no Rio Grande do Sul

Esse relacionamento não implicava, certamente, numa submissão desse clero aos interesses dos fascistas locais¹⁹⁰, mas a realidade é que o raciocínio feito pela esmagadora maioria dos missionários e do clero italiano, e que relacionava catolicismo com italianidade¹⁹¹, se inseria perfeitamente nos objetivos fascistas de manter a italianidade dos imigrantes e seus filhos residentes no Rio Grande do Sul via reforço contínuo de seu catolicismo¹⁹².

Sendo assim e dada também a imensa simpatia ideológica desses religiosos pelo fascismo italiano e pelo Integralismo¹⁹³, uma aliança era uma consequência inevitável que, se não levou a uma fascistização completa dos italianos do Rio Grande do Sul através da Igreja (pois esta se recusava a este papel), acabou conduzindo, dado o poder e a influência desta (especialmente entre a população rural), a uma maior preservação da cultura italiana entre essa população e à manutenção de uma forte simpatia com relação ao fascismo que pode ter superado aquela registrada, por exemplo, em São Paulo.

De fato, a ausência quase que completa de antifascistas na região colonial¹⁹⁴ e ação de forças imensamente poderosas (como a Igreja) inexistentes no resto do país em apoio ao fascismo

¹⁸⁹ - Há registros sobre jornais católicos apoiando o fascismo nas regiões urbanas e também de filofascismo do importante jornal *La Staffeta Rio Grandense*, que era dirigido pelos missionários italianos e muito popular entre os trabalhadores rurais. Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 2, p. "La Staffeta Rio Grandense" di Garibaldi", Informe Consulado de Porto Alegre de 6/6/1934 e HISTÓRIAS (1988).

¹⁹⁰ - Ver ROSOLI (1980 e 1982^a). Para o caso específico da criação da Diocese de Caxias do Sul e as tentativas fascistas, rechaçadas pela Igreja, de interferência direta do Consulado italiano, ver PINZETTA (1995).

¹⁹¹ - Ver RINALDI (1923). Ver também FRANZINA (1995, p. 230) e PINZETTA (1995).

¹⁹² - Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 277, f. 13, sottof. 1, p. "Pubblicazioni", informe Consulado de Porto Alegre, 14/4/1938 e ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 14, p. "Missioni e Missionari - 1937", informe da Embaixada italiana de 11/5/1937 e do Consulado de Porto Alegre de 24/7/1937.

¹⁹³ - Ver BRANDALISE (1992: 217-295).

¹⁹⁴ - O único caso registrado é D. Luigi Salvetti, escalibriniano e acusado de antifascismo em 1927. Ver ACS/CPC, b. 4552, p. 2268 ("Salvetti, Luigi").

pode ter feito a simpatia difusa dos italianos locais pelo regime ter sido ainda mais forte que no resto do país. Isso levou a um forte apoio dos italianos locais ao Integralismo, que viam nele uma expressão local de um regime - o fascista italiano - que parecia promissor¹⁹⁵ e que mereceria ser transplantado para o Brasil.

Que a popularidade do fascismo apoiou a difusão do Integralismo e que as ligações entre ambos eram forte arma de propaganda local desse último, é, portanto, ponto passivo. O fato do Integralismo ser um partido através do qual os descendentes de italianos da região colonial podiam se expressar como brasileiros sem romper com a “modernidade” que vinha do país de seus ancestrais também ajudou, sem dúvida (BRANDALISE, 1992) na sua popularização¹⁹⁶, restando apenas a questão das possíveis diferenças de “densidade” da conquista integralista entre as classes urbanas das cidades e os colonos rurais¹⁹⁷.

A ironia final desse processo foi detectada por Giron (GIRON, 1994: 129-137) quando ela afirma que o *Estado Novo* varguista perseguiu, após 1938, não os verdadeiros fascistas (os ricos burgueses), mas sim os pequenos proprietários rurais que eram só genericamente simpáticos ao fascismo. Não é de se excluir a hipótese que esse ataque vigoroso à comunidade italiana no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina (desconhecido nos outros estados brasileiros - CORSETTI, 1990) não tenha sido apenas um reflexo tardio das preocupações com os alemães e

¹⁹⁵ - De fato, a própria Igreja Católica fazia um raciocínio desse tipo, apoiando a difusão na região colonial italiana tanto do fascismo italiano como do Integralismo e enfatizando a ligação entre os dois movimentos. Ver GIRON (1994: 95-96) e BRANDALISE (1992: 244). A Ação Integralista também enfatizava, no Rio Grande do SUL, suas pontes com os fascismos europeus, o que não era, certamente, acidental. Ver BRANDALISE (1992: 144-149).

¹⁹⁶ - Alguns elementos da relação fascismo/integralismo no Rio Grande do Sul serão retomados no capítulo 8.

¹⁹⁷ - Carla Brandalise (BRANDALISE, 1992) demonstra, como já visto, que as classes médias urbanas da zona colonial eram simpáticas ao fascismo, mas ferrenhamente integralistas, como forma de se diferenciar da elite local e se expressar politicamente, enquanto, entre os colonos rurais, essa perspectiva de integração no contexto sócio político nacional através da AIB estava presente, mas em menor grau e associada a uma maior influência do clero e a uma maior valorização das ligações entre os dois movimentos. Ela indica (BRANDALISE, 1992: 289-290) que a penetração do Integralismo foi muito forte também na zona rural, mas parece razoável acreditar que, dado o fascismo mais “difuso” dos colonos e o caráter mais urbano e de

os integralistas, mas também um efeito da ascensão política e social das “colônias” dentro da vida gaúcha (GERTZ, 1988), o que apenas confirma a necessidade de estudos regionais para captar essas especificidades e a situação particular do Rio Grande do Sul.

classe média do Integralismo, a participação mais densa e efetiva no movimento tenha sido das classes médias urbanas das cidades da zona colonial, especialmente Caxias do Sul.

Capítulo 5 – O “fascismo difuso” e a questão do “nacionalismo defensivo”

O capítulo anterior deveria, a princípio, ter encerrado a nossa análise sobre o como os italianos de São Paulo responderam à propaganda fascista e a conclusão, como visto, foi que a resposta dos mesmos foi extremamente fria, não fornecendo aos *fasci all'estero*, aos *Dopolavoro* e aos Consulados a sonhada legião de fascistas disciplinados e fiéis prontos a responder às ordens de Roma.

Se o leitor pular alguns capítulos do texto e se dirigir à sua última parte, ele se deparará, contudo, com análises e conclusões que se baseiam na premissa que os italianos de São Paulo deram uma resposta positiva à propaganda fascista, o que, aparentemente, é uma contradição sem sentido.

Essa aparente contradição se desvanece, porém, se tivermos em mente que há diferentes gradações na aceitação de um movimento político como o fascismo. De fato, é importante notar que o fato dos fascistas realmente militantes (os alistados nas organizações fascistas) serem, pelas razões apresentadas anteriormente, muito poucos não significa, automaticamente, que o resto da imensa população italiana e de origem italiana que vivia na cidade e no estado de São Paulo naqueles anos tenha recusado completamente a mensagem fascista.

Nesse sentido, o que propomos é que é impossível estabelecer padrões, para a coletividade italiana, de adesão ou recusa do fascismo sem levar em conta que há níveis diversos de aceitação/rejeição. Realmente, o fato do grau de adesão formal ao fascismo ter sido pequeno não significa que ele não possa ter sido aceito de uma outra forma, menos direta e mais sutil, mas ainda assim importante, dentro da comunidade italiana. É básico ter em mente, assim, que um

simpatizante do fascismo é, sem dúvida, algo diferente de um militante, mas que também ele deve ser considerado em nossas análises¹.

É importante notar, assim, que a grande massa de italianos e filhos de italianos que viviam em São Paulo e no Brasil como um todo nos anos 20 e 30 dificilmente se engajava na atividade política relacionada ao fascismo ou ao antifascismo. Essa situação, que não significa dizer que os italianos eram totalmente apolíticos (FAUSTO, 1995), derivava da concentração dos italianos nas suas responsabilidades econômicas e familiares e, possivelmente, da relativamente pequena atenção que os filhos de italianos dedicavam às questões oriundas da terra de seus pais.

Ainda assim, apesar dessa resistência dos italianos em se engajar maciçamente nas hostes fascistas e também nas antifascistas (BERTONHA, 1994 e 1994^a), seria absolutamente impossível que, em vinte anos de contínua propaganda dos dois lados, não fossem formadas ao menos opiniões gerais e difusas sobre a questão, as quais, inevitavelmente, envolviam a esmagadora maioria dos italianos e seus filhos.

Em relação a alguns países (como os anglo saxões e, especialmente, os Estados Unidos) há um quase consenso sobre uma escassa adesão formal e militante da grande massa dos italianos e descendentes aos órgãos do fascismo italiano, adesão esta que convivía, porém, com uma simpatia difusa pelo fascismo que varria ao menos algumas das coletividades italianas do exterior e, especialmente, as além Oceano².

¹ - Um texto que comete o equívoco de confundir militância e simpatia pelo fascismo é o de Monte Finkelstein (FINKELSTEIN, 1988), o qual, estudando o caso americano, propõe que os ítalo-americanos responderam de forma totalmente desfavorável ao apelo fascista. Esse raciocínio é embasado no fato que poucos italianos se alistaram formalmente para lutar na Guerra da Abissínia em 1936 e na total lealdade aos EUA demonstrada por eles quando da II Guerra Mundial.

Tal conclusão contradiz, porém, toda a informação disponível na historiografia sobre a boa receptividade dos ítalo-americanos ao fascismo e só pode ser compreendida devido à opção do autor, que vê como possibilidades apenas cem por cento de adesão ou cem por cento de recusa, sem levar em conta os diferentes níveis de recusa/aceitação, os diferentes momentos, etc, o que é dificilmente justificável e leva a conclusões errôneas.

² - Para o caso australiano, ver CRESCIANI (1979 e 1988). Informações para o caso canadense podem ser encontradas em RAMIREZ (1988); LIBERATI (1982, 1983, 1984 e 1984^a); HARNEY (1981 e 1984) e SALVATORE (1995 e 1996), para o britânico em COLPI (1991) e SPONZA (1995) e para o sul africano em SANI (1990). O fundamental caso americano pode ser analisado através das obras de SALVEMINI (1977);

É realmente importante recordar que, sem dúvida, nem fascismo nem antifascismo conseguiram conquistar completamente as comunidades italianas emigradas e que o que houve realmente foi a presença de minorias de lado a lado disputando uma esmagadora maioria não politizada e que se inclinava apenas em termos genéricos e difusos entre o fascismo e o antifascismo. De fato, o que podemos identificar são locais onde a minoria fascista foi mais forte e a minoria antifascista mais fraca e um fascismo “difuso” (ou seja, de filiação mais emocional que ideológica e menos definida) esteve espalhado pelo grosso da comunidade italiana e outros onde a minoria antifascista teve mais força que o fascismo e conseguiu, se não espalhar um antifascismo “difuso” entre os italianos, ao menos quebrar o consenso em relação ao fascismo.

Dessa forma, enquanto em países como a França (onde o clima político era majoritariamente à esquerda e a Itália uma ameaça em potencial), o antifascismo foi o canal de integração dos italianos à sua nova sociedade³, em países como os Estados Unidos e o Brasil, foi o fascismo que teria fornecido às comunidades italianas o elemento que elas necessitavam para recuperar a auto estima e se integrar ao seu novo mundo (CANNISTRARO, 1979; DELLA CAVA, 1977, pp. 200-201)⁴.

As informações disponíveis indicam que essa situação se repetiu no caso brasileiro, onde uma pequena minoria de fascistas convictos e militantes e um grupo ainda menor de antifascistas

DIGGINS (1967 e 1972); COLPI (1991); RAMIREZ (1988); NELLI (1970); CRESCIANI (1988); CANNISTRARO (1979^a) e outros.

³ - Vide DAMIANI (1994); GUILLEN (1982 e 1988) e NOIRIEL (1986). Os trabalhos de CAREDDA (1994) e RAPONE (1986) vão por alguns limites no papel dos antifascistas italianos nessa integração, o que não parece mudar, porém, o quadro geral.

⁴ - Ver, a propósito, o excelente trabalho de Fraser Ottanelli e Donna Gabaccia (OTTANELLI, 1997), onde ele demonstra como a firme integração no movimento operário e no antifascismo foram chave para a integração dos italianos no Brasil, Argentina, França e Bélgica e como o papel integrador do antifascismo era, sem dúvida, superior ao do fascismo, que só apoiou essa integração de forma indireta e não desejada.

convivia com uma grande massa de pessoas não diretamente interessada em política, mas que manifestava, em diferentes gradações⁵, uma certa simpatia pelo regime.

Essa situação era claramente percebida na época. De fato, os órgãos de inteligência americanos registravam, ainda nos anos 40:

“O comportamento da maioria dos italianos do Brasil é condicionado, antes de tudo, por uma enorme falta de interesse pela política. A esmagadora maioria dos italianos e ítalo-brasileiros não tomou parte, apesar da admiração por Mussolini que um dia eles tiveram, das atividades fascistas e vem alterando seu posicionamento a medida que o Brasil se afasta do Eixo. Sempre houve, no caso de cada concentração de italianos, uma pequena minoria de fascistas ativos e uma minoria menor ainda de antifascistas, enquanto a esmagadora maioria (...) parece ter poucas aspirações políticas e ambicionar apenas ser deixada em paz. Os vários clubes e associações fascistas, que, a um tempo atrás eram ameaçadores, nunca foram muito grandes, e, aparentemente, nunca atraíram a simpatia de mais que uma pequena fração das pessoas que podiam fazer parte dos mesmos. Além disso, as vantagens materiais de fazer parte desses clubes atraiu pessoas que não eram ideologicamente simpáticas. As organizações antifascistas eram, evidentemente, ainda menos populares”

Ou ainda:

“Em comparação com os japoneses e alemães, os italianos tendem a ter menos laços com a sua Pátria mãe. Seja por causa de sua melhor adaptação, seja por causa de uma inerente flexibilidade, eles não conduziram ações espontâneas para apoiar a Itália fascista. Eles tiveram, em outras palavras, que ser forçados às atividades subversivas.

Embora muitos, talvez a maioria, dos italianos pareça ser ligada, em algum nível, as suas tradições e aparente ter tido algum tipo de admiração por Mussolini, este comportamento e essa admiração não são tão importantes como no caso da Alemanha e, especialmente no período de contínuas derrotas

⁵ - O governo italiano calculava que, a parte as dezenas de milhares de italianos diretamente envolvidos nos órgãos fascistas, cerca de 200 ou 300 mil italianos ou filhos de italianos eram atingidos em algum grau pela propaganda e pela vida comunitária italiana no Brasil. Mais de 80 por cento dos ítalo-brasileiros seriam indiferentes, mas com uma leve simpatia pelo fascismo. Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 15, p. “Provvedimenti contro associazioni politiche straniere, fasciste e naziste”, relatório da Embaixada italiana, 7/5/1938.

italianas, eles (os italianos) tendem a perder o interesse no esforço de guerra italiano.”⁶

Do mesmo modo, escrevendo muitos anos depois, Jacó Ginzburg, judeu morador do Bom Retiro, assim avaliava a relação dos italianos do bairro com o fascismo no meio dos anos 40:

“Entre os italianos, havia uma certa influência do fascismo, mas era uma coisa difusa. É claro que alguns torciam pela Itália, e que o fascismo manipulasse. Mas não se pode dizer que tenha havido uma posição (definida), porque nada obrigava a colônia italiana a se posicionar de modo muito decisivo. Por exemplo, os sentimentos judeus em relação à Itália sempre foram muito amistosos. A gente sentia, sem saber efetivamente, que o povo italiano não estava compactuando com a coisa”⁷

Para compreender como essa simpatia genérica pelo fascismo se desenvolveu na coletividades italianas do Brasil nesse período, parece-nos útil fazer recurso à história comparativa e trabalhar a questão, inicialmente, no plano internacional para verificarmos depois a adequação do caso brasileiro ao modelo geral. Nesse sentido, é útil verificar como a literatura internacional sobre o tema trabalha esse tópico, para só depois iniciarmos a análise sobre o Brasil e sobre São Paulo em particular.

A literatura disponível sobre os países onde, comprovadamente, o “clima” geral era mais favorável ao fascismo que ao antifascismo (ou seja, basicamente os países anglo saxões) é unânime em ressaltar que essa resposta favorável não era condicionada por um especial apreço pela ideologia fascista e nem, com exceção de alguns grupos, por um interesse político específico. Nesse sentido, a

⁶ - NACP/Office of Intelligence Research, Division of Research for the American Republics, RG 59, 250/46/9/3-5, Entry 451b, box 13, Reports prepared by the special sector of the Division of American Republics, Department of State, 2/1942 - 2/1943, v. 3, pp. 167-168 e 177.

simpatia pelo fascismo seria mais um reflexo social que uma resposta política consciente, sendo a sua origem derivada basicamente da questão nacionalista.

Na realidade, mesmo no caso dos grupos que se relacionaram mais intimamente com o fascismo, o aspecto nacionalista estava presente, sendo fundamental para articular, junto com as questões de classe, de nível de instrução e outros, um relacionamento mais harmonioso e direto com o fascismo, o que é comprovável em diversos contextos internacionais e também, como visto no capítulo anterior, no Brasil.

O nacionalismo não era, contudo, algo que só influía no reforço da fé dos militantes fascistas no exterior. De fato, era principalmente na atração de simpatizantes e na construção de um consenso ou “clima” pró fascista em algumas das coletividades italianas do exterior que a força do nacionalismo se fazia sentir mais intensamente e isso em dois níveis: na superação das identidades regionais em favor de uma identidade italiana e na questão do “nacionalismo defensivo”.

Em relação ao primeiro aspecto, é quase um consenso entre os historiadores da imigração italiana nos países anglo saxões⁷ que o campanilismo ou identidade local (aldeia/província) e o regionalismo ou identidade regional (regiões) que haviam caracterizado os imigrantes italianos em fins do século XIX e início do XX estavam sendo gradativamente substituídos, nas primeiras décadas do século, por uma identidade italiana e que foi com essa nova identidade que o fascismo teve que interagir no período entre as duas guerras mundiais.

Um consenso sobre as causas dessa transformação é algo obviamente difícil de ser obtido, dada a multiplicidade de realidades que esses trabalhos históricos procuram englobar. Ainda assim, é possível identificar duas causas básicas para a superação (ainda que, certamente, não absoluta) do campanilismo e do regionalismo nos países anglo saxões: a força do movimento nacionalista que

⁷ - FAERMAN (1995, p. 86).

⁸ - Ver ZUCCHI (1988); COLPI (1991); SALVETTI (1982); CINEL (1987); HARNEY (1981 e 1984) e outros.

emanava da própria Itália e atingia as coletividades italianas do exterior e a formação de uma nova identidade étnica a partir da vivência dos imigrantes no novo mundo.

Em relação ao primeiro aspecto, a historiografia ressalta o papel do governo, da Igreja Católica e, especialmente, dos organismos nacionalistas italianos, os quais teriam influenciado poderosamente as elites italianas no exterior com a idéia nacionalista (ZUCCHI, 1988; PAINCHAUD, 1988; CINEL, 1987 e outros) e ajudado a criar um clima patriótico italiano nas colônias, o qual atingiria o auge na I Guerra Mundial, quando os italianos do exterior manifestaram uma posição geralmente favorável e de solidariedade com a luta da Pátria mãe.

Mais importante, porém, para a formação de uma identidade italiana por parte dos imigrantes (a qual, é importante ressaltar novamente, não significou a eliminação total das identidades locais e regionais e não impediu, em alguns casos, a convivência com alguma identificação com o internacionalismo proletário, no caso dos operários⁹) teria sido a convivência forçada de italianos das mais diversas origens e regiões na vida nos seus novos países, a discriminação comum e a tendência das sociedades hospedeiras a vê-los e tratá-los como "italianos", o que ampliou, assim, os interesses e a identidade comum.

Seja como for, o que é evidente é que um nacionalismo italiano se desenvolvia a passos largos nas "Little Italy" dos países anglo saxões nas primeiras décadas do século e que tal nacionalismo não foi apenas potencializado pelo fascismo¹⁰, mas utilizado por ele para construir um clima de simpatia e apoio entre os italianos do exterior (SANTARELLI, 1971, pp. 110-115). Nesse sentido, tornam-se interessantes as reflexões de John Zucchi (ZUCCHI, 1988, pp. 176-177) sobre como os fascistas não tiveram que doutrinar os italianos do exterior com o sentimento nacionalista (pois ele já estava se desenvolvendo), mas simplesmente convencê-los de que o nacionalismo era

⁹ - Ver OTTANELLI (1997) para a convivência, entre os operários italianos em vários contextos, de um crescente nacionalismo italiano e de uma forte participação nos movimentos operários nesses países.

¹⁰ - Que, numa perspectiva italiana e fascista, tinha como um de seus objetivos centrais justamente a eliminação dos regionalismos nas colônias italianas. Ver HARNEY (1984).

algo igual ao fascismo, o que explica, aliás, porque boa parte da propaganda fascista girava em torno da equação "Itália = fascismo".

É com um outro tipo de nacionalismo, porém, que boa parte da historiografia dos países anglo saxões trabalha na tentativa de compreender a simpatia pelo fascismo entre os imigrantes italianos nesses países. Estamos nos referindo ao que chamamos de "nacionalismo defensivo".

A partir dos trabalhos pioneiros de Gaetano Salvemini (SALVEMINI, 1977), a historiografia americana foi pródiga em ressaltar como a resposta geralmente favorável que a propaganda fascista recebeu dos ítalo-americanos teria sua origem basicamente na discriminação e nas dificuldades de integração dos italianos na sociedade americana. Nesse raciocínio, a atração "difusa" dos italianos pelo fascismo seria derivada não da conquista ideológica, mas de um "nacionalismo defensivo, onde o orgulho pelas realizações e conquistas da Itália fascista serviria como instrumento para a recuperação da auto estima dos ítalo-americanos e para facilitar, inclusive, a sua própria integração na sua nova sociedade.

Nesse sentido, o fascismo, para estes imigrantes e filhos de imigrantes, seria o regime que havia recuperado a respeitabilidade que eles necessitavam em suas novas Pátrias. Para a maioria dos ítalo-americanos, portanto, o fascismo teria sido um simples instrumento de orgulho étnico, sem nenhuma conotação política. Ou, nos dizeres de Humbert Nelli:

"Ainda que os ítalo americanos de classe média e membros das classes trabalhadoras divergissem em muitos aspectos, suas opiniões coincidiam no que se refere a Mussolini: ambos os grupos o apoiaram. (...) os ítalo-americanos desejavam respeitabilidade e aceitação por parte da comunidade nativa, mas percebiam que muitos americanos os viam com desprezo. Eles apoiaram e glorificaram a Itália em boa medida para conseguir a admiração americana para as contribuições italianas para a civilização. Residentes nos subúrbios de classe média, assim como italianos vivendo em distritos de trabalhadores se orgulhavam com o crescente status internacional da Itália sob Mussolini, e engrandeciam as façanhas italianas como uma defesa contra o desprezo americano pelos "novos" grupos imigrantes.

Assim, a importância básica de Mussolini para os ítalo-americanos estava centrada no seu desejo de serem aceitos como americanos. Não era mais necessário recordar heróis mortos ou glórias já desaparecidas, porque a

Itália exibia agora um líder que recebia a admiração e o respeito de muitos americanos e ingleses durante os anos 20¹¹

A historiografia dos outros países anglo saxões¹² também utiliza esse mecanismo explicativo e mesmo trabalhos sobre países fora do mundo anglo e onde o fascismo não foi tão popular – como a Argentina e a Suíça¹³ – não deixam de trabalhar, ainda que com menor ênfase, este ponto.

É interessante notar, a respeito desse tópico, que esses dois tipos de nacionalismos não eram excludentes. De fato, o nacionalismo e a nova identidade étnica não se opunham, mas se articulavam com a respeitabilidade que o fascismo parecia dar à Itália e aos italianos para garantir ao mesmo uma aura de prestígio e um papel de definidor de identidade étnica de suma importância para a difusão de uma simpatia pelo fascismo entre os imigrantes italianos.

Essa idéia de um “nacionalismo defensivo” é bastante interessante ao fornecer um instrumento para compreendermos a boa recepção “difusa” que o fascismo realmente obteve em coletividades italianas chave como a americana, a canadense, a australiana, etc. Deve-se observar, porém, que parece razoável acreditar que o fascismo só podia servir como fator de integração e respeitabilidade dos imigrantes italianos em suas novas sociedades a partir do momento em que o fascismo fosse respeitado também fora dos limites das “Little Italy” (CICCOLELLA, 1986). Nesse sentido, pode-se concordar com Gian Giacomo Migone (MIGONE, 1971, p. 27), quando este propõe que o filofascismo dos emigrados foi também um reflexo do filofascismo dos estrangeiros nos mais diversos países.

¹¹ - NELLI (1983, p. 156).

¹² - Ver nota 2.

¹³ - Ver CANTINI (1975); LORENZI (1973) e NASCIMBENE (1987 e 1990). Para o caso do Peru, colônia de italianos ricos e próximos, por isso, ao fascismo, mas que, mesmo com sua riqueza, sofriam algum nível de discriminação como “europeus de segunda” e encontraram no fascismo, assim, também um meio de resgate de orgulho próprio, ver BONFIGLIO (1997, p. 30).

Avançando nessa linha de considerações, é bastante curioso perceber como, em alguns dos países transoceânicos como os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália e o Peru¹⁴, as comunidades italianas mostravam mais receptividade ao fascismo, enquanto em vários países europeus (como França, Bélgica e Luxemburgo) e na Argentina/Uruguai, as propostas do antifascismo conseguiram, mesmo sem ofuscar totalmente o fascismo, maior atenção¹⁵.

Explicar essa diferenciação é tarefa que requer que levemos em conta tanto as características internas de cada coletividade italiana (sua cultura política, a presença maciça de imigrantes recentes politizados e outros fatores determinando força ou fraqueza do antifascismo; as características - idade, relações de trabalho e classe, nível de assimilação cultural - sócio culturais de cada coletividade, etc) como a realidade das sociedades hospedeiras, como a presença de forças políticas e sociais locais capazes de apoiar o fascismo e o antifascismo, as relações do governo de cada país com a Itália, etc¹⁶. É no contato com a realidade política e social local, assim, que a reação dos italianos pode ser contextualizada e que o fascismo (ou o antifascismo) puderam ser usados como fator de afirmação e integração.

É nessa linha de raciocínio que torna-se difícil aceitar que o filofascismo dos imigrantes italianos em alguns países não incluisse um pouco de simpatia ideológica pelo mesmo, a ser combinada à simpatia geral pelo fascismo nesses lugares para gerar o resgate do orgulho étnico dos imigrantes. É só com esse aspecto da questão em mente que podemos superar os limites

¹⁴ - Para o caso americano, vide, entre outros, CANNISTRARO (1975, 1976, 1979, 1985 e 1995). Para o caso canadense, ver HARNEY (1984) e LIBERATI (1982, 1983, 1984, 1984a) e, para o australiano, CRESCIANI (1973, 1979, 1979a, 1979b, 1982, 1984, 1988 e 1996) e MONTAGNANA (1987). CICCARELLI (1988 e 1990) aborda o caso do Peru. Obviamente, não se pretende aqui esgotar a imensa bibliografia sobre o tema nesses países.

¹⁵ - Para o caso belga, consultar os textos de Anne Morelli (MORELLI, 1983 e 1987, entre muitos outros). Para a Argentina, ver FANESI (1989, 1991 e 1994); GENTILE (1986); LEIVA (1983) e NASCIMBENE (1987 e 1990), enquanto o Uruguai foi estudado por Gianni Marocco (MAROCCO, 1986 e 1993) e Juan Oddone (ODDONE, 1990).

A bibliografia sobre a França é muito numerosa. Ver, por exemplo, os trabalhos de GUILLEN (1981, 1982, 1984 e 1988); MILZA (1967, 1981, 1983, 1987, 1988, 1989) e NOIRIEL (1983 e 1986).

excessivamente antropológicos do conceito de “nacionalismo defensivo” e renová-lo com a adição de conflitos e problemas sociais e políticos que não podem ser ignorados. Do mesmo modo, certos efeitos do filofascismo dos italianos do Brasil dificilmente seriam explicáveis se nos restringissemos às questões de relacionamento cultural e fugissemos do problemas políticos, o que ressalta a necessidade de usarmos com cuidado o conceito.

Feitas essas ressalvas, porém, as reflexões até aqui apresentadas são bastante úteis e vale a pena, assim, introduzi-las no contexto nacional, para verificarmos se elas são realmente aplicáveis aqui e também as possíveis especificidades dessa aplicação no caso brasileiro.

Que a questão nacional era um dos elementos que conduziam pessoas das classes médias a um relacionamento mais íntimo com o fascismo, é ponto passivo e já trabalhado no capítulo anterior. Um pouco mais complicada é a verificação se houve um maciço reforço da identidade étnica na São Paulo das primeiras décadas desse século e se esse renascer nacionalista facilitou o trabalho dos fascistas no período posterior.

De fato, esse é um tema relativamente pouco pesquisado, mas há indícios que as fortes identidades regionais e locais dos italianos de São Paulo no século XIX (e que levavam, inclusive, a bairros separados e mesmo uma divisão de trabalho baseada, muitas vezes, nas afinidades locais e regionais¹⁷, estavam começando a ceder lugar, nas primeiras décadas do século, à uma identidade italiana, para o que teriam contribuído, sem dúvida, o ambiente brasileiro que tratava a todos como “italianos” (TRENTO, 1989, pp. 161-163) e colocava muitos deles em situações que estimulavam uma identidade comum e a psicologia do emigrado que, às vezes, parecia ter uma certa necessidade de recriar e endeusar simbolicamente a Pátria distante¹⁸.

¹⁶ - Ver, para um primeiro esforço de análise transnacional que procura explicar o desigual balanço de forças entre fascismo e antifascismo nos mais diferentes países de imigração italiana, BERTONHA (1998n).

¹⁷ - Ver IANNI (1972, pp. 113-116); RIOS (1959, pp. 38-46); TRENTO (1989, pp. 161-163), CENNI (1975, pp. 224-225) e FRANZINA (1995, pp. 477-482).

¹⁸ - IANNI (1972, pp. 113-116). Ver também, para a “cultura da nostalgia”, MIRELLA (1974) e PUGLIESE (1997).

Claro que as identidades regionais não foram completamente obliteradas pela identidade italiana (como não o seriam nem mesmo durante o período fascista¹⁹), mas é visível como, nas primeiras décadas do século, as comemorações e festas nacionais italianas começaram a atrair cada vez mais público, enquanto as elites italianas locais (e, em menor escala, o governo italiano), se lançavam ao trabalho para construir uma unidade cultural e linguística entre os italianos da colônia²⁰. As transformações do Fanfulla (que foi caminhando cada vez mais para posições nacionalistas com o decorrer do tempo – TRENTO, 1990; BAILY, 1978 e CONSOLMAGNO, 1993), a criação de associações como o *Circolo Italiano* e, especialmente, do *Istituto Medio Dante Alighieri* e a fundação do “Palestra Italia” em 1914 como instrumento para a criação de uma identidade italiana em São Paulo via futebol (ARAÚJO, 1996) podem comprovar essa situação. O frenesi nacionalista na coletividade durante a I Guerra Mundial (RIOS, 1959, pp. 49-53) é outro elemento nesse sentido.

Parece óbvio que, a parte algumas exceções notáveis²¹, esse nacionalismo foi importante para a difusão do fascismo na coletividade italiana, o que pode ser comprovado, aliás, por uma simples verificação do número de veteranos de guerra e membros das antigas associações nacionalistas italianas de São Paulo nas hostes dos *fasci all'estero* locais. Mesmo em termos mais difusos, porém, o nacionalismo italiano (e a fusão que o fascismo conseguiu fazer, nas mentes dos imigrantes, entre a nação e o regime) foi, sem dúvida, importante para a popularização do fascismo.

¹⁹ - A força da pressão do fascismo contra as identidades locais e regionais em São Paulo no entre guerras foi recordada vividamente por uma pessoa que viveu o período. Ver a entrevista de Cezira Curty ao autor, Campinas, 18/5/1992.

²⁰ - Para o curioso caso dos médicos italianos em atuação no Brasil e que, como membros da elite intelectual, foram muito perseverantes na defesa do nacionalismo italiano e, depois, do fascismo em São Paulo, ver SALLES (1997).

²¹ - Vide o caso de Antonio Piccarolo. Ele sempre esteve, apesar de ser um socialista, firmemente ligado à idéia do nacionalismo italiano, tanto que não só foi um dos fundadores da associação *Trento e Trieste* em São Paulo em 1914 (numa posição dissidente em relação ao PSI), como apoiou decisivamente a entrada da Itália na I Guerra Mundial. Mais ainda, ele participou ativamente da fundação da seção paulista da *Lega Nazionale per la tutela degli interessi nazionali*, organização nacionalista. No entanto, ao invés de se alistar nas fileiras do fascio paulistano, Piccarolo se tornou, por diversas razões, um dos principais líderes antifascistas de São

Curiosamente, porém, esse despertar do nacionalismo italiano ocorreu num momento em que a coletividade italiana estava em pleno processo de assimilação à sociedade brasileira, o que não podia deixar de ter reflexos, como veremos a seguir, nas relações desses imigrantes com o fascismo.

Se passarmos à questão do “nacionalismo defensivo”, parece evidente que o fascismo, sem dúvida, procurou levantar a questão do resgate do orgulho nacional italiano como forma de ampliar sua popularidade na colônia. Isso transparece em toda a documentação consultada e pode ser visualizado nas seguintes citações:

“Hoje vocês também, compatriotas de São Paulo, e vocês, filhos ou netos de italianos, sabeis que tendes o direito de declarar-vos orgulhosos da pátria de origem, a qual já não é uma nação proletária, mas um Império; e a bandeira italiana ergue-se respeitada e temida em todos os mares e em todas as latitudes. Graças a Mussolini (...) a Itália hoje está em pé, segura de si e do seu destino (...) Já não é o pobre país que, em um dia longínquo, vocês deixaram, ou vossos pais ou avós, tristemente obrigados a buscar sob outros céus uma condição de vida melhor. Agora, na Itália, há pão, trabalho, bem estar para todos(...)”²²

Ou ainda:

“Quem vive fora da Itália pode melhor de qualquer outro constatar o grande, o enorme prestígio de que hoje goza a nossa nação. Cessaram como que por encanto o ignorante desprezo e as ridículas injúrias com os quais frequentemente algumas pessoas costumavam nos presentear. O nosso velho emigrado, aquele que um dia caminhava quase tímido e vergonhoso da sua nacionalidade, ouve agora em redor de si a repetição contínua de palavras de admiração pela Itália e por Mussolini. Ele sabe que agora não é mais aquele humilde imigrante que foi constrangido, anos atrás, a deixar a Pátria e viver em terra estrangeira, frequentemente entre renúncias e humilhações, mas um italiano do exterior, protegido, defendido e respeitado em todo lugar e a todo momento. Ele sente, em resumo, que sobre ele, assim como sobre todos os conacionais, se reflete hoje o esplendor do prestígio moral e do fascínio

Paulo, o que demonstra que nem sempre a derivação nacionalismo/fascismo era automática. Ver detalhes sobre essa posição de Piccarolo em BERTONHA (1994b).

²² - Fanfulla, 3/8/1937, citado em CASTALDI (1960, p. 353).

universal do Duce. E também os descendentes de italianos, que eram, no início, incrédulos, tiveram que se render diante dos fatos e inclinar-se diante dos prodígios da vontade. Esses tiveram que reconhecer na Pátria tão denegrada dos seus avós, uma nação nova e ordenada, potente e dignitosa.²³

Saber com cem por cento de precisão os resultados dessa propaganda fascista não é realmente fácil. Se nos recordarmos, porém, do quanto esforço os antifascistas dedicaram à tentativa de quebrar a equação “Itália = Fascismo” e de como eles parecem ter fracassado (BERTONHA, 1992 e 1996); de como os preconceitos dos brasileiros incomodavam os italianos e, especialmente, os filhos de italianos²⁴, dos inegáveis indícios que são as inúmeras cartas enviadas por italianos do Brasil à Mussolini agradecendo pela nova e poderosa Itália²⁵ e de alguns dados complementares²⁶, fica difícil não aceitar a proposta de que a questão do aparente resgate da potência e do orgulho italianos pela Itália fascista foi fundamental para que os italianos e também os filhos de italianos (que, às vezes, pareciam ser ainda mais suscetíveis quanto à discriminação sobre suas origens – RIOS, 1959, p. 64) tivessem uma visão positiva do regime. Os observadores americanos, aliás, eram bastante explícitos nesse ponto:

²³ - PISANI (1937, p. 1058).

²⁴ - Ver entrevista de Cezira Curty ao autor (Campinas, 18/5/1992). Lélia Abramo (entrevista de 17/12/1992 ao autor) também se recordou desses preconceitos e como alguns italianos eram simpatizantes do fascismo porque, com ele, se falava bem da Itália. Ele ressaltou, porém, que a nova imagem da Itália fascista não teria sido suficiente para quebrar todos os problemas de aceitação dos italianos em sua nova sociedade e que só os fascistas imaginavam ter tido cem por cento de sucesso nesse processo, o que parece uma observação válida.

²⁵ - ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1637 e 1642 e b. 906, p. 1646. A disponibilidade de algum tipo de indexação geográfica (até agora inexistente) no imenso arquivo de correspondência de Mussolini (ACS/SPD) certamente levantaria enormes quantidades de material similar.

²⁶ - Ver, por exemplo, o depoimento do Sr. Amadeu sobre como “antes da guerra, o Mussolini era um herói para os italianos (de São Paulo) porque o que ele fez na Itália, parece-me, repercutiu bem em todo o mundo” in BOSI (1987, p. 93) e o de um jardineiro italiano de Santos que, em fins dos anos 30, demonstrava orgulho por Mussolini haver dobrado a Inglaterra na guerra da Abissínia em GUARIGLIA (1950, p. 332).

"Psicologia do imigrante"

A comunidade italiana, quase sem exceção, foi submetida à constante influência da propaganda fascista. A maioria dos italianos foi atraída, porém, não tanto pela ideologia fascista, mas pelo apelo patriótico que foi metodicamente organizado pelas autoridades consulares, os agentes fascistas, etc. A resistência que o fascismo encontrou no início foi sendo, pouco a pouco, vencida e a comunidade terminou por identificar, na sua quase totalidade, a Itália e o regime, no que foi induzida pelo que podemos chamar de "psicologia do imigrante". Frequentemente, os próprios companheiros de trabalho dos imigrantes os chamam de nomes que indicam sua nacionalidade: Miguel, o húngaro, José, o espanhol, Nicola, o italiano, etc. (...) Consequentemente, o italiano é constantemente julgado de acordo com a situação de seu país, o que ocorre também com o espanhol, o português, o russo, etc... O italiano do Brasil foi, por longo tempo, o "carcamano", um termo pejorativo cuja origem foi impossível de ser traçada. Ele também era chamado (no interior do estado) de "mameluco", termo que é usado tanto para pessoas mestiças como para aqueles italianos do sul da Itália que tem pele escura (...)

Depois do advento do fascismo, graças à organização de uma potente máquina de propaganda, favorecida pelo ambiente brasileiro, o valor da raça italiana cresceu nos olhos das outras pessoas. O blefe da potência fascista impressionou o Brasil (...) e os brasileiros estavam inclinados a acreditar nos slogans fascistas de "milhões de baionetas" e de "aviões escurecendo o céu". O vôo transatlântico de Balbo foi considerado uma prova disso e levantou entusiasmo nos brasileiros e orgulho nos italianos. Esse entusiasmo se transformou em histeria quando do "desafio italiano à 52 países" e quando a imprensa começou a falar da derrota da Inglaterra por Mussolini, da conquista da Etiópia e da transformação do Rei da Itália em Imperador. Foi então que o "carcamano" passou a caminhar pelas ruas de São Paulo e pelos cafezais e terreiros do interior se sentindo o mais importante imigrante no Brasil. Os portugueses, os espanhóis, os alemães, os japoneses, eram nada em comparação a ele... Dessa maneira, a colônia foi unida, o antifascismo reduzido ao silêncio e o amor e a gratidão à Itália foram tristemente confundidos com amor e gratidão ao fascismo.

Isto é, em resumo, a quase uniforme história da comunidade italiana do Brasil. Não é assim espantoso que, não obstante a repugnância pela aliança com a Alemanha, não obstante a vergonhosa intervenção de junho de 1940, não obstante as derrotas, o desapontamento e, finalmente, o espectro da catástrofe, a comunidade italiana continue mostrando, ainda, sinais de intoxicação fascista"²⁷

²⁷ - NACP/Records of the Office of War Information, RG 208, 208/350/71/12/34, Box 437, relatório "The Italian Community of Campinas" de 23/6/1943.

Outra fonte, absolutamente insuspeita, que confirma essa situação são os depoimentos dos líderes antifascistas italianos em atuação no Brasil no período, que não deixavam de se referir, amargamente, a este italiano satisfeito com o resgate do orgulho nacional como o “fascista de boa fé”:

"Em geral é um bom homem que a trinta anos não vê a Itália e a recorda como quando a deixou, pobre terra sem recursos, que caminhava lentamente no sulco do progresso.

Este Duce, que de um golpe se apoderou do timão do Estado (...) atinge profundamente a fantasia do bom homem, que pensa na sua terra distante com um senso infinito de nostalgia.

Ah, agora a Itália não é mais a pequena península, colocada entre os mares, da qual se precisa emigrar em busca de pão. É hoje uma grande senhora, que tem riqueza para seus filhos, e quando o seu líder levanta a voz, todas as potências do mundo se inclinam.

Este é o estado de ânimo que vive no fascista de boa fé. Ele é levado pelas mentiras dos gazeteiros a identificar o fascismo com a Pátria e a acreditar que o fascismo seja o motor, a razão das condições de bem-estar em que, segundo a propaganda fascista, estaria a nova Itália".²⁸

Trento Tagliaferri, escrevendo já em meados dos anos 40, será outro a ressaltar essa situação:

"As populações italianas emigradas, que nunca tinham sonhado com grandezas, começaram a ouvir falar, vaga e confusamente, a princípio, do nascimento de um novo império romano (...). A palavra "Roma" começou a invadir os cérebros dos trabalhadores italianos que até aquela época tinham se limitado a enviar garantias para a Itália, colaborando com os governos de suas cidades e auxiliando suas famílias. Ficaram imbuídos, através de uma propaganda falsa de que, por virtude de um homem, a pequena Itália, laboriosa e individualista, caminhava a passos largos para a conquista do mundo. Lia-se um orgulho postiço em todos os rostos e o mais humilde dos colonos italianos sentia-se como se fosse parte indispensável de um todo forte que se apoderaria em curto espaço de tempo da metade do hemisfério"²⁹

²⁸ - Frola, Francesco. "Il fascista in buona fede" in *La Difesa*, IV/129, 9/1/1927.

²⁹ - Esse texto foi publicado no artigo "A Máscara e o vulto": a Itália de ontem e a Itália de hoje". Tal artigo está, sem maiores referências, no "Arquivo Antonio Piccarolo", mas seguramente é de meados dos anos 40. Ver também o livro de memórias de Mário Mariani (MARIANI, 1947, p. 71).

Parece evidente, contudo, que, à luz das experiências diversas da imigração italiana nos países anglo saxões e latinos, o resgate do orgulho nacional italiano e sua influência na psique dos imigrantes e na formação de um consenso fascista entre eles, deve ter tido gradações e características um pouco diversas em cada contexto, o que merece, sem dúvida, ser melhor explorado.

A primeira diferença entre os contextos brasileiro e americano (para ficarmos no caso anglo saxão chave) com relação a este problema nacionalista é que, enquanto a coletividade italiana dos Estados Unidos criou, no entre guerras, uma estrutura de sobrevivência calcada na formação de um bloco econômico e político interno à sociedade americana (e para a concretização do qual a força unificadora do fascismo era chave – VENTURINI, 1984, 1985 e 1985^a), a coletividade italiana no Brasil se assimilou rapidamente e nunca criou, salvo em umas poucas ocasiões (FONT, 1990), qualquer tipo de voto ou bloco étnico, o que diminuía a necessidade do símbolo unificador que era o fascismo.

Do mesmo modo, parece evidente que, se é verdade que houve discriminação e preconceitos contra os italianos no Brasil (RIBEIRO, 1985; FONT, 1990 e ARAÚJO, 1996), não foram nem de longe comparáveis às profundas tensões étnicas que marcaram a inserção dos italianos nas sociedades de língua inglesa e, em especial, nos Estados Unidos (HARNEY, 1984 e 1985), o que deve ter tido efeitos óbvios na relação dessas comunidades com o fascismo.

De fato, os italianos que migraram para o Brasil e para a América Latina em geral encontraram condições³⁰ que permitiram não só uma mobilidade mais rápida e a aquisição de um

³⁰ - Além das similaridades étnicas e culturais, o fato do Brasil não encorajar nenhum tipo de identidade múltipla e/ou segmentação étnica e a forte inserção dos italianos no movimento operário local (em total contraste com o ocorrido nos países anglo saxões) também foram fatores de apoio a essa assimilação rápida. Ver OTTANELLI (1997) e GABACCIA (1997).

status social mais elevado que nos EUA (DI TELLA, 1994 e KLEIN, 1978), como uma assimilação social e cultural bastante rápida (TRENTO, 1989, pp. 191-205; GENTILE, 1986; CARELLI, 1985 e SEITENFUS, 1985). Tal situação aliviou os traumas de relacionamento dos italianos com a sociedade local (que, porém, existiram e foram importantes) e, por conseguinte, parece ter diluído um pouco a necessidade de uso do fascismo como agente de auto estima étnica³¹.

Ressalte-se, além disso, o fato do grosso da imigração italiana para os EUA ter se processado cerca de uma geração depois daquela que se dirigiu ao Brasil. A coletividade italiana do Brasil estava, assim, muito mais distante afetiva e culturalmente da Itália que, por exemplo, a americana, o que não podia deixar de ter reflexos na sua apreciação do fascismo e do antifascismo, vistos cada vez mais como problemas distantes e que não mereciam maior interesse e empenho para a maioria dos italo-brasileiros³².

Dadas essas diferenças, talvez seja possível afirmar que o “fascismo difuso” dos italo-americanos e de outros grupos de italianos no mundo (como nos outros países de língua inglesa e na Tunísia, por exemplo) era ligeiramente mais denso que o dos italo-brasileiros, o que se refletiu numa maior presença do fascismo na vida dos italianos da América do Norte e que parece indicado no fato de Gaetano Salvemini (SALVEMINI, 1977, pp. 243-249) calcular, na sua avaliação da colônia italo-americana de 1940, em 5% o número de fascistas convictos, em 35% os “quase fascistas” e em 50% os indiferentes, mas possivelmente simpáticos a ele. Provavelmente, se fosse realmente possível quantificar a questão, o número de “quase fascistas” seria menor e os de “indiferentes simpáticos” seria maior no Brasil.

Cumpramos ressaltar, nesse ponto, que tanto essas estimativas como todas as nossas reflexões sobre o “fascismo difuso” e o “nacionalismo defensivo” só podem ser compreendidas se levarmos

³¹ - Ver MIRELLA (1974, p. 107) para informações sobre como a nostalgia e a idealização do país de origem pelos imigrantes italianos era muito menor nos países latinos.

³² - De fato, também o movimento antifascista italiano em ação no Brasil teve dificuldades em repor seus quadros com o passar dos anos porque, a parte outros fatores, a coletividade italiana do Brasil estava se assimilando e perdendo interesse (especialmente no que se refere aos filhos de italianos) pelo problema do fascismo e do antifascismo. Ver HECKER (1988, p. 197).

em consideração diversas variáveis que afetam o conjunto e, especialmente, o aspecto temporal da questão, que deve ser melhor trabalhado.

O fator temporal

No decorrer dos capítulos anteriores, tivemos a oportunidade de demonstrar, em várias ocasiões, como a questão da presença do fascismo entre os italianos de São Paulo e do Brasil como um todo não pode ser vista de maneira uniforme e que há profundas diferenças entre o ocorrido na comunidade nos anos 20 e 30, por exemplo. De fato, parece óbvio que o imaginário fascista sobre os imigrantes italianos sem dúvida não permaneceu estático e imutável durante os mais de 20 anos em que ele esteve atuante no Brasil e que seria errôneo criar, na análise do tema, fórmulas analíticas que pretendessem analisar todo o período de forma homogênea.

É nesse sentido – no de deixar explícito esse movimento histórico dentro de nosso tema – que essa parte do capítulo foi planejada. Ao mesmo tempo, queremos trabalhar em detalhes certos momentos chave dentro das relações dos italianos de São Paulo com o fascismo (a Guerra da Abissínia, a II Guerra Mundial), os quais nos ensinarão muito, dado que são pontos focais da teia histórica em estudo, sobre essas próprias relações em todo o período estudado.

O primeiro fascismo. 1922-1927

Apesar das notícias sobre o movimento fascista estarem chegando ao Brasil já em 1919/1920³³, os primeiros textos sobre o fascismo só começaram a surgir, incluindo-se aí os dos antifascistas³⁴, em 1921. É visível, nesses artigos, a prudência e a curiosidade da colônia com relação ao movimento, curiosidade esta que só cresceu, obviamente, quando ele assumiu o poder na Itália.

Ainda assim, as fontes fascistas e antifascistas são unânimes em observar que a idéia fascista era ainda desconhecida dos italianos locais nos primeiros anos do regime³⁵ e um observador fascista em viagem pelo Brasil em 1927 ressaltava, após sublinhar que o “sentimento fascista é discretamente desenvolvido entre os italianos residentes no Brasil”, como dificilmente se poderia dizer que os italianos locais conhecessem realmente o que era o fascismo ou o antifascismo³⁶.

No mesmo ano, aliás, o Embaixador Montagna observava como:

“A maioria dos italianos de São Paulo não é nem fascista nem antifascista. O elemento fascista não é muito numeroso, para dizer a verdade, mas compreende as personalidades de maior destaque na colônia”³⁷

³³ - Nas edições de Il Pasquino Coloniale de 1920, por exemplo, há anúncios de vendas de jornais italianos, onde se incluía o Il Popolo d'Italia.

³⁴ - Ver os trabalhos de Antonio Piccarolo em BERTONHA (1994b, pp. 235-237).

³⁵ - Ver as observações de Domenico Bartolotti (BARTOLOTTI, 1926, pp. 90-96) sobre a perplexidade e a dúvida dos italianos com relação ao fascismo naquele momento e a maior popularidade da figura de Mussolini que da doutrina fascista.

³⁶ - ACS/Archivio Cornelio di Marzio, b. 48, relatório “Note sul mio viaggio nell’America Latina quale inviato della segreteria dei fasci all’estero e della presidenza dell’associazione nazionale combattenti”, de dezembro/1927.

³⁷ - ACS/MinInt, DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 21, f. “San Paolo (Brasile) – Fuorusciti e antifascisti”, carta da Embaixada italiana ao MAE, 22/10/1927.

O conflito entre fascistas e antifascistas dividiu a colônia já nesses anos iniciais, mas, curiosamente, havia ainda espaço para algum convívio (ainda que, certamente, não harmonioso) entre eles

De fato, não só o embaixador Badoglio escolheu a *Lega Lombarda* (local repleto de antifascistas) para comemorar o aniversário da vitória italiana na I Guerra Mundial em 1924³⁸, como antifascistas foram admitidos nas comemorações da vitória no ano seguinte³⁹.

Do mesmo modo, não havia problemas para um antifascista subscrever uma campanha fascista⁴⁰; para um antifascista como Antonio Piccarolo discursar na sociedade *Dante Alighieri* em 1923 (SILVEIRA, 1976, p. 197) ou ainda comparecer a um banquete ao lado de Matarazzo, Crespi, Pugliesi e outros membros da alta burguesia italiana de São Paulo já convertidos ao fascismo⁴¹ e recepcionar o primeiro quando de seu retorno ao Brasil em 1923⁴². Até as lojas maçônicas eram mais toleradas nesse momento, sendo mesmo mencionadas como patriotas em publicações da colônia (RUOTOLO, 1924, pp. 43-50 e 77). Uma fase da luta antifascista caracterizada, assim, por um antifascismo mais intelectual que de massa e por um fascismo já agressivo mais ainda prudente. Tal fase se encerrou, porém, com a chegada à São Paulo do cônsul Serafino Mazzolini em 1928.

³⁸ - Vide ACS/CPC, b. 1884, p. 5609 ("Enrico, Marco"), Informe Consulado Rio de Janeiro, 18/9/1927.

³⁹ - Vide ACS/CPC, b. 2334, p. 1830 ("Giunta, Giulio"), Relatório Consulado de São Paulo, 31/5/1926.

⁴⁰ - Foi o caso de Ugo Scalabrino, antifascista e republicano, que manteve sempre sua fé antifascista e que, mesmo assim, colaborou para a campanha fascista do dólar de 1925. Vide "Dichiarazione" in *La Difesa*, III/51, 20/12/1925.

⁴¹ - Vide "O Banquete da colônia italiana ao Sr. Washington Luís" in *A Platea*, XXXVI, 227, 24/3/1924. Cerca de um mês antes, a colônia italiana havia oferecido um outro banquete, desta vez ao governador eleito de São Paulo, dr. Carlos de Campos. Novamente, a elite italiana estava presente em peso e, junto dela, estavam antifascistas e/ou militantes de esquerda de peso como Antonio Piccarolo, Giulio Sorelli e Atilio Fasoli, estes últimos da *Liga Lombarda*. Vide ITALIANI (1924) e "La grande manifestazione italo brasiliana in onore del Dottore Carlos de Campos" in *Bollettino della Camera Italiana di Comercio - San Paolo*, ano XXI, número 178, jan/fev 1924.

O fascismo avança, 1928-1935

Como visto anteriormente, a chegada de Mazzolini a São Paulo em 1928 (assim como a dos outros cônsules e diplomatas fascistas em outras localidades do Brasil) realmente alterou os parâmetros da ação fascista na comunidade italiana local, com o controle do regime sobre a sua vida coletiva e sobre os próprios italianos crescendo extraordinariamente.

As fontes parecem indicar que essa maior capacidade de pressão (associada, obviamente, ao crescente prestígio que o fascismo ia conseguindo e a própria consolidação do regime na Itália) se reverteu em maior difusão e recepção do fascismo entre os italianos locais. Contudo, Mazzolini não conseguiu, como ninguém jamais conseguirá, eliminar por completo o antifascismo e nem transformar todos os italianos em militantes fascistas⁴³. Sua infatigável atividade – que os próprios antifascistas eram obrigados a reconhecer⁴⁴ – foi fazendo, porém, que a pequena minoria fascista sofresse um crescimento em termos de qualidade e quantidade (enquanto a ainda menor minoria antifascista ia perdendo as forças) e, especialmente, que o antifascismo da imensa maioria dos italianos fosse dando lugar, lentamente, ao “fascismo genérico” que estudamos anteriormente. Nesse sentido, Margherita Sarfatti anotou em 1931:

⁴² - À espera de Matarazzo no porto de Santos estavam, de fato, o representante do fascio paulistano Emidio Rocchetti e representantes de várias associações italianas, incluindo novamente Antonio Piccarolo (da *Università Popolare*) e Giulio Sorelli e Atilio Fasoli (da *Lega Lombarda*). Ver BLANCATO (1925, p. 394).

⁴³ - É nesse sentido apenas que podemos concordar com os antifascistas, que sempre ressaltavam que Mazzolini não havia conseguido fascistizar realmente a coletividade. Ver “La fascistizzazione della colonia” in *La Difesa*, VI/243, 13/1/1929.

⁴⁴ - Ver “Mazzolineide (versetti Biblici)” in *Il Risorgimento*, II/46, 23/5/1929 e “A infiltração fascista em São Paulo” in *O Combate*, 16/10/1928.

“O Cônsul Mazzolini conseguiu fundir a colônia em uma compacta coesão, fora dos ciúmes pessoais e de seitas que a dividiam e torná-la toda fascista ou, ao menos, tacitamente deferente ao regime”⁴⁵

Claro que a vitória do fascismo não se deu apenas por causa da melhoria da rede de propaganda e controle fascista a partir de Mazzolini. De fato, fatores como a decadência do antifascismo, o apoio maciço das elites e outros aspectos discutidos anteriormente também devem ser considerados para explicar a crescente difusão do regime. Nesse sentido, devemos recolocar as questões do “fascismo difuso” e do “nacionalismo defensivo” em bases temporais.

Examinando os jornais fascistas do Brasil entre 1923 e 1928, grosso modo, é possível verificar como as bases da argumentação fascista para provar a superioridade do regime sobre seus adversários se centravam, naquele momento, em questões como o papel fascista na salvação da Pátria italiana da anarquia, da desordem e da ameaça comunista e da renovação dessa Pátria em direção a um futuro de ordem e desenvolvimento⁴⁶ e não na questão do prestígio nacional italiano, que parece atingir a coletividade com mais ênfase nos anos 30.

Isso não significa dizer, e nossos próprios trabalhos (BERTONHA, 1996) o indicam, que essa questão não aparecesse na propaganda fascista em São Paulo nos anos 20 e nem que o fascismo não enfatizasse desde cedo o suposto automatismo da equação “Itália = fascismo”, mas, como veremos a seguir, a ênfase nesse tópico de propaganda é mais característica da década de 30, o que provocou alterações na relação dos italianos de São Paulo com o fascismo.

⁴⁵ - SARFATTI (1931, p. 443). Ver também BARTOLOTTI (1930, p. 227) sobre as imensas realizações de Mazzolini em São Paulo, que não haviam levado, porém, ao sucesso total.

⁴⁶ - Ver as coleções dos jornais fascistas e, especialmente, *La Tribuna Italiana* e *Il Piccolo* daqueles anos. Ver também a palestra de Otavio Dinale em São Paulo em 1923 descrita nesses jornais e em “Conferenza mancata e uomo liquidato” in *La Difesa*, I/5, 2/6/1923 e “Il fascismo in Italia e la sua funzione all'estero”, recorte não identificado de 1923 do “Arquivo Antonio Piccarolo”, coleção de recortes, pasta 8, p. 10..

A resolução da questão romana e o Tratado de Latrão de 1929 também são lugares comuns da propaganda fascista a partir de 1929.

Maria Rosário Ostuni (OSTUNI, 1990, p. 104) observou essa mesma diferença no tocante à propaganda italiana na Argentina.

De fato, é visível, na documentação de época, como a ênfase da propaganda, antes centrada em temas como a restauração da ordem e do bem estar dos operários (BLANCATO, 1925 e 1926; RUOTOLO, 1924), vai lentamente cedendo lugar a uma propaganda concentrada nos temas do poder e do orgulho italianos⁴⁷. Tal redirecionamento, não exclusivo do Brasil (BLANCHI, 1994), ampliou, pelas razões descritas anteriormente, o clima de consenso e apoio ao regime, o qual se desenvolveu até atingir seu cume num momento especial e que merece ser observado em detalhes: a guerra da Abissínia em 1935/1936.

A Guerra da Abissínia, 1935/1936

A Guerra da Abissínia representou, de fato, o auge do prestígio fascista entre os imigrantes e seus filhos instalados em território brasileiro. Em São Paulo, por exemplo, o período da guerra foi marcado por forte movimentação da coletividade, com manifestações de apoio à Itália se sucedendo, multidões indo ao Consulado para ouvir os discursos, via rádio, do Duce (PISANI, 1937, p. 1084), etc. Quando das sanções econômicas contra a Itália promovidas pela Sociedade das Nações com apoio inglês, o clima de apoio ao regime cresceu ainda mais, sendo organizados boicotes aos produtos ingleses e estimulado o consumo de produtos italianos⁴⁸. Também foram enviados voluntários para lutar na *Legione dei Fasci all'estero* e recolhidos dinheiro e mercadorias para apoiar a Itália, num esforço merecedor de ser visto em detalhes.

Sobre os voluntários, a avaliação de sua consistência numérica é dificultada por várias estatísticas discrepantes. O governo inglês, por exemplo, calculava em 150 os voluntários que

⁴⁷ - Ver, por exemplo, CANTALUPO (1934) e as coleções de *Il Piccolo*, *Fanfulla* e outros jornais fascistas de São Paulo no início da década de 30.

⁴⁸ - Ver matérias na imprensa colonial da época. Ver também TRENTO (1989, pp. 342-343).

havam partido até outubro de 1935⁴⁹, enquanto o jornal americano The New York Times estimava em 3.670 os italianos que haviam se apresentado para a guerra (VENTRESCO, 1980, p. 15), o que parece despropositado. Os números dos fascistas de São Paulo variavam de 199 (RUBBIANI, 1936, pp. 197-202) a 283 (PISANI, 1937, p. 1085) voluntários para o estado de São Paulo, o que parece mais razoável e indica, de qualquer forma, a mobilização da colônia⁵⁰, a qual teve 1 morto a contabilizar no fim do conflito⁵¹.

A mobilização para enviar dinheiro e mercadorias à Itália também foi grande, com a coletividade conseguindo angariar quase 6 mil contos de réis em dinheiro, 500 em ouro e mais 1.700 em mercadorias para o esforço de guerra italiano, num total de mais de 8 mil contos (ou 9 milhões de liras nos valores da época). Claro que essa ajuda foi fornecida principalmente pelos grandes empresários, como Matarazzo e Crespi e, em segundo lugar, pelos empresários de médio porte⁵². Ainda assim, a imprensa e as fontes da época (RUBBIANI, 1936 e PISANI, 1937) revelam listas e mais listas de contribuições modestas em favor da guerra italiana, o que confirma o alto grau de mobilização da colônia, em todos os níveis sociais.

Esse frenesi nacionalista não se restringiu, porém, à cidade de São Paulo, avançando pelo interior do estado, onde coletividades de cidades como, por exemplo, São Caetano do Sul, se cotizaram para enviar auxílio financeiro à Itália (MARTINS, 1992, p. 222), enquanto outras não só acompanharam com interesse tudo o que ocorria via rádio e imprensa, como promoveram

⁴⁹ - PRO, FO 371/18649, A 9359, relatório do Consulado britânico de São Paulo, 10/10/1935.

⁵⁰ - Parte substancial desses voluntários eram ex-militares e membros das classes médias, parecendo pouco provável que os operários ou trabalhadores urbanos quizessem ou pudessem – apesar da liberação dos industriais e garantia de salário e pensão (TRENTO, 1989, pp. 342-343) – partir em massa para a guerra, o que indica novamente como, mesmo em momentos de frenesi nacionalista geral, as diferenças de classe continuavam a existir.

⁵¹ - O morto – um dos 20 da *Legione dei Fasci all'estero* – era um italiano de São Paulo, Vincenzo Barbato. Ver “Il Glorioso elenco degli italiani all'estero caduti per la conquista dell'Impero” in Il Legionario, XIV, 39, 20/12/1936.

grandiosas festas para comemorar a vitória italiana e a criação do Império⁵³. Em outros estados, a situação foi a mesma⁵⁴.

Realmente, a agitação nacionalista foi tão grande que até o depoimento de um antifascista como Trento Tagliaferri deixa transparecer o que se passava nas colônias italianas do Brasil naqueles dias:

“As coisas da África tiveram e continuam a ter no Brasil, da parte de italianos, ricos e pobres, grandes e pequenos, um febril interesse. Tudo o que diz respeito o movimento das tropas, os embarques, os boletins, é avidamente lido e comentado. Há quem fala, entre os conacionais, de alistar-se para a África (...) Há - porque não dizê-lo? - em todos uma grande sede de revanche”⁵⁵

Note-se, além disso, que o apelo patriótico fascista não atravessou nem as hostes do antifascismo sem causar danos. De fato, temos vários exemplos de antifascistas que estavam em processo de afastamento do antifascismo, mas que só se converteram realmente ao fascismo dentro do clima da guerra⁵⁶ ou da criação do Império fascista⁵⁷. Há também o caso de um italiano que, em conversas particulares, manifestava idéias ou tendências antifascistas, mas que

⁵² - Ver, por exemplo, os casos da fábrica de cigarros de Sabato d'Angelo e do frigorífico Di Giulio/Martinelli, os quais enviaram, respectivamente, 5 milhões de cigarros e 30 cabeças de gado para as tropas em luta na África.

⁵³ - Ver ALMEIDA (1997, pp. 24-27) para o caso de Capivari/SP.

⁵⁴ - Para o caso gaúcho, ver GIRON (1994, p. 92).

⁵⁵ - ACS/Pubblica Sicurezza, Divisione AAGRR, Cat. J5, b. 326 (“Tagliaferri, Trento”), relatório da Embaixada italiana de 30/5/1935.

⁵⁶ - É o caso de Adriano Arcani. Vide relatório da Prefeitura de Treviso de 3/8/1938 in ACS/CPC, b. 175, p. 17662 (“Arcani, Adriano”). Ver também os casos de Egisto Rossi in ACS/CPC, b. 4452, p. 9069 (“Rossi, Egisto”), de Ugo Sgambati in ACS/CPC, b. 4787, p. 111065, relatório do Consulado de São Paulo de 26/3/1940 e o de Enrico Belli in ACS/CPC, b. 452, p. 75877, relatório do Consulado de São Paulo de 14/5/1940.

“em compensação, por ocasião da campanha abissínia e dos últimos acontecimentos internacionais, manifestou acesos sentimentos patrióticos e sustentou vivas discussões na defesa da ação italiana com elementos a nós contrários”⁵⁸

Parece razoável acreditar - ainda mais levando-se em conta as tendências internacionais⁵⁹ - que esses casos não foram isolados e que o antifascismo italiano de São Paulo teve que lidar, assim, não só com a dificuldade em abordar uma massa imigrante em histeria pela construção do Império e da potência italianos, mas com defecções em suas próprias fileiras, o que era, sem dúvida, lamentável.

Desse modo, não é difícil entender porque o resultado do esforço antifascista não parece ter sido muito eficaz⁶⁰ e visualizar o quanto a imagem de uma Itália finalmente poderosa e desafiante de todo o mundo parece ter galvanizado as massas italianas do Brasil em torno do fascismo e conseguindo mobilizar até mesmo os filhos de italianos para a guerra, como indica um documento fascista já mencionado no capítulo anterior.

Resta mencionar ainda as palavras de agradecimento dos diplomatas italianos com relação ao apoio dos ítalo-brasileiros à guerra, os quais, retórica a parte, indicam bem o “clima” daquele momento:

Mensagem de sua Excelência o Embaixador aos conacionais do Brasil:

⁵⁷ - Foi o que aconteceu com Francesco Itria. Ver ACS/CPC, b. 2651, p. 3851 (“Itria, Francesco”).

⁵⁸ - Relatório Ministero Affari Esteri de 25/5/1939 in ACS/CPC, b. 211, p. 74533 (“Attanasio, Genaro”).

⁵⁹ - ANDREUCCI (1975, III, pp. 39-51) e DELZELL (1966, p. 139) mostram, de fato, como até antifascistas importantes como Arturo Labriola, Mario Bergamo e outros se entusiasmaram com a idéia do novo “Império Romano” de Mussolini.

⁶⁰ - Como demonstram o sucesso da campanha fascista a que já nos referimos e dados como o fato de uma manifestação contra a guerra ter sido assinada, em Belo Horizonte (onde havia um bom número de italianos), apenas por 4 (!) italianos em 1935. Vide ACS/CPC, b. 5551, p. 13054 (“Zauli, Giuseppe”).

Celebrando ontem a noite a histórica jornada, entre milhares de italianos do Rio, felizes e orgulhosos, o meu pensamento era permanentemente dirigido aos conacionais de todo o Brasil e, particularmente, aqueles de São Paulo. Esses mantiveram, ainda dessa vez, uma perfeita fidelidade patriótica, colaborando na luta que a Pátria sustentava orgulhosamente sobre todos os fronts; cooperaram eficazmente no esforço da Nação com uma imponente e esplendorosa participação espiritual e com generosa contribuição material, conseguindo a admiração e o respeito de nossos caros amigos brasileiros.

Na hora da vitória militar e moral, na hora da paz romana, ditada por Mussolini, vamos nos reunir todos, sem distinção, ao redor dos símbolos vivos da Pátria engrandecida no espírito e nas forças. Bendito seja o Augusto Soberano, que uma vez mais vitoriosos os seus exércitos. Bendito seja o Duce, que com a sua formidável energia colocou a Itália em primeiro plano na história mundial. Bendita seja a nossa Nação, que conhece agora não só o valor, mas também o prêmio dos grandes e exemplares sacrifícios vividos. Bendito seja o Senhor, que nos deu a honra de nascermos italianos

CANTALUPO⁶¹

Na realidade, essa mobilização movimentou, em maior ou menor grau, todas as coletividades italianas espalhadas pelo mundo, como os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália, etc. Nos países onde o fascismo não conseguiu grande popularidade, porém, a resposta aos apelos guerreiros foi mais morna. Esse foi o caso da França e da Bélgica, por exemplo. Nenhum caso forma maior contraste com o brasileiro, porém, que o da Argentina.

De fato, a resposta da coletividade italiana da Argentina aos apelos fascistas foi muito fraca (FANESI, 1994, p. 125) e isso irritou tanto o governo de Roma que este começou a avaliar a hipótese (completamente irrealista, com certeza) de transferir os italianos da Argentina para São Paulo em caso de guerra com a Inglaterra⁶². O próprio Mussolini demonstrou seu desgosto em declarações como esta:

⁶¹ - ALMANACCO (1936, p. 220).

⁶² - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b.9, p. "Rapporti Politici - 1936", p. 1, f. 8, documento do MAE de 27/3/1936 e seguintes.

“Os italianos da Argentina não nos compreendem nem nos amam. Se as coisas continuarem assim, nós nos dirigiremos sempre mais aos italianos do Brasil”⁶³

A guerra africana foi, porém, um momento único na história do relacionamento dos italo-brasileiros com o fascismo. De fato, apesar da apreciação positiva do fascismo a partir de parâmetros nacionalistas existir antes de 1935 e continuar, como veremos, nos anos seguintes, nunca mais a coletividade se mobilizou no mesmo nível e intensidade. Nesse sentido, um diplomata italiano fez algumas lúcidas observações como sobre aquele momento tinha sido realmente particular e que uma mobilização igual dificilmente poderia ser esperada no futuro:

“A parêntese do conflito etiópico deve ser enquadrada naquele movimento espontâneo bem típico da alma italiana e que surge nos momentos de perigo sobre as multidões dos nossos patrícios, sobre o seu sub-consciente, sobre os seus sentimentos, sobre as suas paixões.

A massa italiana se deixa levar facilmente pelo entusiasmo que provoca o ressurgir de virtudes milenares e tradicionais e o senso de justiça, de solidariedade, de combatividade, que permite aos seus melhores filhos dedicar tudo de si para a Pátria em armas.

Mas, atingida a vitória, cada um retorna aos seus hábitos que, no caso específico, são de desinteresse e crônica apatia”⁶⁴

Aparentemente, contudo, os comentários desse diplomata não foram lidos por seus superiores no *Ministero degli Affari Esteri* e nem por Mussolini e a fundamental distinção entre uma coletividade totalmente fascistizada e obediente às ordens de Roma e uma simpática ao regime e num momento especial de exaltação nacionalista não foi suficientemente absorvida pelo Duce, que parece ter chegado à conclusão que as coletividades italianas do Brasil estavam cem por cento

⁶³ - GUARIGLIA (1950, p. 333). Ver também as palavras de Luigi Federzoni na sua visita à Argentina e ao Brasil em 1937 em FEDERZONI (1937). Estamos preparando um artigo com o intuito de estudar e explicar as inacreditáveis diferenças entre Brasil e Argentina no que se refere à recepção do fascismo e do antifascismo italianos. Ver algumas antecipações em BERTONHA (1998n)..

⁶⁴ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 14, f. 1, relatório do Consulado de Porto Alegre, 25/11/1937.

conquistadas e prontas para seguir suas ordens, estimulando-o em maior maior agressividade na sua política relativa ao Brasil e aos equívocos já vistos no capítulo 2.

Nos anos seguintes, há indícios que a política agressiva do fascismo, as leis raciais e a aliança com Hitler desagradaram os italianos locais⁶⁵, mas o entusiasmo pelo Império e pela potência italianos⁶⁶ e o cada vez maior entusiasmo das classes políticas brasileiras pelo fascismo ajudaram a manter o fascismo popular, em sua forma difusa, popular nas colônias⁶⁷. E ele continuaria assim até o momento chave representado pela II Guerra Mundial.

A coletividade italiana e a II Guerra Mundial

Em 12 de junho de 1940, a Embaixada italiana fez uma grandiosa cerimônia para comemorar a entrada da Itália na II Guerra Mundial. Em tal cerimônia, repleta de rituais fascistas e com 3 mil assistentes, o governo italiano recomendava o respeito à neutralidade brasileira e se declarava entusiasmado com as perspectivas de vitória das armas italianas⁶⁸.

⁶⁵ - Vide depoimento de Lélia Abramo ao autor (São Paulo, 17/12/1992).

⁶⁶ - Ainda em 1937/38 há um certo interesse de italianos residentes no Brasil pela África Oriental italiana, os quais enviavam cartas ao MAE manifestando orgulho e interesse em ajudar na colonização italiana. Ver ASMAE/Ministero Africa italiana, Pos. 181/66, p. "AOI – Domande cittadini stranieri per ottenere lavoro in AOI", diversas cartas.

⁶⁷ - O mesmo ocorreu nos Estados Unidos(DIGGINS, 1972 e ROSSI, 1977), onde o fascismo continuou difundido entre os ítalo-americanos, mas com uma queda de popularidade devido às novas políticas de Roma e à crescente desconfiança da opinião pública americana em relação ao fascismo. Essa desconfiança foi, porém, infinitivamente menor no Brasil, o que ajudou os fascistas. Ver cap. 7.

⁶⁸ - AERJ/DOPS, "Italiano", Pasta 1, Dossiê "Itália", pp. 15-17. Ver também TRENTO (1989, pp. 394-395).

Aparentemente, a colônia italiana não compartilhou desse entusiasmo (BARTOLOTTI, 1953, p. 37), talvez por prever os anos difíceis que viriam pela frente. Ainda assim, e apesar de novas medidas policiais brasileiras que afetaram a vida colonial (TRENTO, 1989, p. 395; CORSETTI, 1986 e 1990) e de um certo desgosto por se fazer a guerra ao lado de Hitler⁶⁹, os italianos de São Paulo continuaram simpáticos ao fascismo⁷⁰ e dispostos a ajudar a Pátria mãe na guerra. De fato, em apenas 3 meses depois da declaração de guerra, as primeiras remessas de ajuda humanitária já estavam prontas para o embarque, atingindo valores nada desprezíveis⁷¹.

A entrada do Brasil na guerra no lado dos Aliados em 1942 alterou, porém, as coisas e os italianos tiveram que se adaptar à repressão policial e a tumultos e perseguições diversas, que tornaram difícil a vida cotidiana dos italianos que viviam no Brasil naqueles anos.

Há vários registros, de fato, de destruição de monumentos e até de túmulos escritos em italiano; de proibição do uso do italiano falado e escrito; de perseguição econômica a agricultores, empresários e comerciantes italianos⁷²; de tumultos, saques e depredações contra propriedades de italianos em todo o país⁷³, etc.

É importante, porém, colocar essas agressões em perspectiva e perceber como os italianos, vistos como uma ameaça muito menor que a representada pelos alemães e muito integrados ao país, sofreram muito menos que os alemães e japoneses por conta da guerra. Tanto que, numa das primeiras ondas de prisões efetuadas pela polícia brasileira contra os estrangeiros em São Paulo em

⁶⁹ - Ver depoimento do Sr. Amadeu em BOSI (1987, pp. 93-94).

⁷⁰ - Vide AERJ/DOPS, "Inglês", Pasta 2, Dossiê "Campanha do V", informe de 12/9/1941.

⁷¹ - O total arrecadado foi de 1.236 contos de réis, 2.500 sacos de café, 200 sacos de açúcar, 1.500 kgs de algodão e 40 cabeças de gado. Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 24, p. "Rapporti Politici", telegrama do Consulado de São Paulo, 19/9/1940.

⁷² - Ver CORSETTI (1986 e 1990) e TRENTO (1989, pp. 398-399). Ver também ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 27, diversos documentos.

⁷³ - Idem, b. 28.

1942, só 20 italianos foram detidos, contra 142 alemães e 112 japoneses⁷⁴ e o próprio governo italiano admitia que não só a situação dos italianos era muito melhor que a das outras coletividades estrangeiras⁷⁵, como que a situação melhorou a olhos vistos depois do armistício italiano de 1943⁷⁶. Isso para não falar, claro, do contraste com a situação em outros países, onde os italianos foram verdadeiramente perseguidos e humilhados⁷⁷.

Essa situação não parece ter afetado substancialmente, porém, a posição geral da coletividade com relação ao fascismo, ao qual eram ainda dirigidos, aparentemente, sentimentos de simpatia, como podem demonstrar diversos documentos⁷⁸ e as seguintes citações, extraídas dos serviços diplomáticos italianos do pós II Guerra Mundial:

“Deve-se ressaltar que o fascismo tinha assumido, nas coletividades italianas do exterior, um caráter de movimento patriótico e baseado na idéia de que a Itália, por meio do regime, tinha conquistado uma verdadeira

⁷⁴ - Ver AERJ/DOPS, série estados/SP, Pacote 22E, Dossiê “Presos Políticos em São Paulo”. O mesmo relatório informava, contudo, que a situação dos marinheiros do Eixo era, devido a presença de vários mercantes italianos em Santos quando da declaração de guerra, diferente, com apenas 173 alemães internados, contra 566 italianos. Ver também, sobre a internação dos marinheiros italianos, NACP/General Records of Latin American Branch, RG 165, 390/35/17-18/5-1, Entry 188, Box 976, p. “Brazil – Italians”, súmula interrogatório de Arnold Werner, suíço, vindo do Brasil, em Nova York, 6/12/1943.

⁷⁵ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 27, p. “Protezioni Interessi italiani in Brasile – 1942”, relatório “Situazione italiani in Brasile e Uruguai”, Buenos Aires, 5/5/1942.

⁷⁶ - Ver TRENTO (1989, pp. 397-399) e Idem, b. 29, p. “Parte Generale – 1944”, Informe Consulado de Berna, 18/10/1944.

⁷⁷ - Os casos limite parecem ter sido os dos países do Império britânico, como a Austrália, o Canadá e o próprio Reino Unido. Além da bibliografia geral já citada, ver RAMÍREZ (1988); SALVATORE (1991); ALCORSO (1992); BOSWORTH (1992 e 1992^a); BRAY (1989); CRESCIANI (1984, 1985 e 1992); DIGNAN (1992); DOUGLASS (1992); FITZGERALD (1981); MENEGHETTI (1984); COLPI (1991); O'BRIEN (1992); GILLMAN (1980) e HUGHES (1991).

⁷⁸ - Ver o relatório do Serviço Secreto americano citado em FAENZA (1976, p. 14) e outros no mesmo tom em NACP/Records of the Office of War Information, RG 208, 208/350,71/12/34, Box 437, relatório “The Italian Community of Campinas”, de 23/7/1943 e Istituto Storico della Resistenza in Toscana/Archivio Giustizia e Liberta, Fondo Alberto Tarchiani, f. 1, sottof. 57, inserto 3, relatório “Synthesis of Montevideo”, de 1942.

Ver também ROSSI (1995, p. 121) sobre como a queda de Mussolini transtornou os italianos do Brasil em 1943.

posição de destaque no mundo. Esta impressão, alimentada pela propaganda e pelos largos meios gastos nessa empreitada, enchia de orgulho o emigrado, que tinha se habituado a suportar com resignação a humilhação derivada de sua pobre condição material e moral. É um fato inegável que o fascismo no exterior havia obtido, um pouco com a propaganda, um pouco com a imposição, adesões que eram meio espontâneas e meio impostas para evitar problemas com as autoridades italianas. Não era inexistente, porém, o entusiasmo em algumas ocasiões.

Até onde pude observar (...), uma parte substancial destes italianos é ainda permeada por idéias fascistas, sem saber fazer uma avaliação justa dos trágicos acontecimentos que ocorreram na Pátria e atribuindo, com um julgamento muito sumário, aos inimigos do fascismo a queda do regime (...) Se constata, assim, que há uma certa desorientação (e falta de informação) entre os italianos, especialmente dos grupos populares.”⁷⁹

Ou ainda:

“Procuramos fazer tudo aquilo que é possível para ajudar nosso pobre povo (...), mas o nosso trabalho é dificultado por duas circunstâncias. Antes de mais nada, pelo comportamento se não hostil, indiferente da maior parte da colônia, que havia confundido o fascismo com a Itália e que havia se embriagado de orgulho e de glória com vinte anos de “imprensa e propaganda”. Alguns dos italianos daqui esperam ainda a vitória do Nazi-fascismo, mas a maior parte se deixou levar por um sentimento de derrota e de humilhação, de perda do orgulho (próprio), de complexo de inferioridade, de vergonha de reconhecer o próprio erro e de ser italiano... alguma coisa como o complexo derrotista que invadiu a Itália dos anos 90 depois da derrota de Adua”⁸⁰

A melhor maneira, contudo, de evidenciar a dinâmica da colônia italiana e o seu relacionamento com o fascismo nos anos de guerra é através do estudo da atuação dos antifascistas italianos em ação no Brasil do período⁸¹.

⁷⁹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 30, p. “Rapporti Italia-Brasile – 1945”, relatório Consulado do Rio de Janeiro, 21/3/1946.

⁸⁰ - Idem, b. 29, p. “Parte Generale – 1944”, carta de Mario Mossa de Murtas a amigo na Itália, 21/2/1945.

⁸¹ - Ver detalhes sobre a ação antifascista italiana no Brasil no período da II Guerra em BERTONHA (1997).

Estes antifascistas esperavam que, no novo contexto representado pela entrada do Brasil na guerra, o apoio da opinião pública e do governo brasileiro iria fluir para as hostes antifascistas. Do mesmo modo, eles esperavam que a nova situação conduziria os italianos de São Paulo para fora de seu filofascismo e para a militância antifascista. A batalha, porém, não teve os resultados esperados pelos antifascistas.

Com relação aqueles grupos em que identificamos anteriormente uma adesão mais concreta pelo fascismo - os italianos natos e, mais especialmente, os italianos natos pertencentes à burguesia e às classes médias - há indícios que, a exemplo de seus colegas americanos (CANNISTRARO, 1976 e 1985; SALVETTI, 1982), eles se adaptaram sem maiores problemas a nova situação, ressaltando sua opção pelo campo Aliado, pela democracia e pelo antifascismo. Que isso era, no entanto, apenas uma estratégia de adaptação para a sobrevivência aos ventos da guerra, fica claro quando vemos os conflitos fascistas X antifascistas ressurgirem depois do fim da guerra⁸² e na aproximação apenas verbal⁸³ e esporádica⁸⁴ desses grupos ao antifascismo. A guerra não conseguiu, assim, trazer a elite italiana de São Paulo para o antifascismo. Sua apreciação favorável pelo fascismo continuou e a guerra os forçou apenas a uma leve adaptação para evitar que essa simpatia fosse confundida com deslealdade ao Brasil. Seria curioso, de qualquer forma, verificar para onde

⁸² - Ver BAIOCCHI (1974); HECKER (1988); TRENTO (1989, pp. 452-464) ROGATTO (1990) e CHIARINI (1992) para a permanência do debate sobre o valor do fascismo e do antifascismo entre partes da colônia italiana de São Paulo desde o pós II Guerra Mundial até os dias de hoje.

⁸³ - Antonio Piccarolo ("Aproximações fascistas". *Correio Paulistano*, cerca de 1945, Arquivo Antonio Piccarolo, Pastas de recortes) se referirá amargamente, de fato, aos "novos" antifascistas de tempo de guerra que, de antifascistas, só tinham o nome. Ver também as fontes diplomáticas italianas para aqueles anos e as coleções dos jornais *Fanfulla*, *Diário Latino* e *La Voce d'Italia*.

Sobre o terror que se abateu sobre vários fascistas de São Paulo quando da declaração de guerra e sobre o ridículo dos mesmos ao renegar vinte anos de passado para confirmar sua lealdade ao Brasil, vide AERJ/DOPS, série Estados, Pacote 221, Boletim de informações número 2 do DOPS/SP, 18/5/1942.

⁸⁴ - Ver, por exemplo, a participação da condessa Mariângela Matarazzo no "Comitê de Socorro às Vítimas da guerra" (organizado pelos antifascistas) em TRENTO (1989, p.402). Note-se que, coerentemente com o período anterior (BERTONHA, 1994a, pp.123-126), os antifascistas aceitavam o apoio dos ricos da colônia, mas que estes não transferiram nem uma parte mínima do apoio que haviam dado ao fascismo para o antifascismo.

foram as simpatias políticas da elite industrial de origem italiana de São Paulo imediatamente depois da guerra, quando o fascismo não era mais uma opção política real⁸⁵.

Perdida essa batalha, restava ao antifascismo, porém, uma outra ainda mais importante: a da grande massa de italianos do Brasil que tinha pelo fascismo apenas uma simpatia difusa. Já fizemos várias citações de autores antifascistas indicando como eles estavam conscientes sobre essa questão do “fascismo difuso” e de suas bases na mentalidade dos imigrantes.

O início da guerra levou os antifascistas a acreditar, contudo, que a situação começava a mudar e que deveria mudar mais ainda com o decorrer do tempo. Eles, os antifascistas, deveriam estar prontos para receber de braços abertos esses “fascistas de boa fé”, que nunca haviam sido verdadeiramente fascistas:

“Nesses últimos tempos muitos de nossos patrícios, que sabíamos conquistados pela propaganda fascista, não somente manifestaram a sua repulsa pelo credo mussoliniano, mas chegaram a externar a sua cólera pela infame ditadura que infelicitou a Itália. Estavam eles bem certos de que o fascismo, embora significasse privação de liberdade e acarretasse inúmeros sacrifícios aos italianos, estivesse forjando um futuro imperial da Itália e isso os prendia a uma doutrina de governo que, talvez, no íntimo de suas consciências, não apoiavam internamente”

e que, por isso, deviam ser culpados e nem punidos:

“Mas os que foram fascistas de boa fé, os que foram levados ao fascismo por um exaltado, por um errado patriotismo, os que foram enganados por uma propaganda de mentiras, nada tem a temer da próxima queda de Mussolini”⁸⁶

⁸⁵ - Lélia Abramo, em entrevista (São Paulo, 17/12/1992) chegou a dizer que muitos fascistas italianos só conseguiram fugir da Itália para São Paulo depois da guerra graças ao apoio dos ricos italianos locais e que até hoje os netos e bisnetos desses grandes industriais italianos continuam a subsidiar os neofascistas na Itália. Informação difícil de comprovar, mas indicativa do fato que a guerra não converteu verdadeiramente a elite ao antifascismo, mesmo sendo ele moderadíssimo como era o dos *Italianos Livres*.

Para um trabalho como este que sugerimos, mas dirigido ao caso americano, ver VENTURINI (1985).

⁸⁶ - Boletim dos *Italianos Livres* (24/5/1943) conclamando os “fascistas de boa fé” a mudarem de lado. AESP/DOPS, Prontuário 999 (“Bixio Picciotti”) e 48302 (“Tulio Escorelli”).

Além desses apelos diretos aos italianos, o antifascismo reativou, para tentar atraí-los para si, uma argumentação já a muito utilizada na luta antifascista (BERTONHA, 1992, pp. 157-160 e 1994, pp. 175-184): a diferença entre a Itália e o fascismo. A luta por definir quem (fascismo ou antifascismo) era o sinônimo de italianidade atravessou, de fato, os anos 20 e 30 e tem reflexos até no pós II Guerra Mundial.⁸⁷ Os fascistas parecem, como vimos, ter vencido essa batalha antes da guerra, mas, após 1942, os antifascistas estavam convencidos que havia chegado o momento da virada:

“Doutro lado, aqui existe uma colônia italiana numerosíssima (...) e todo abraçaram sinceramente os destinos da Pátria que lhes deu vida e bem estar. Toda essa gente (...) exprobra os governos que foram causa do estado presente das coisas; desde o primeiro momento se colocou ao lado do Brasil e do seu iluminado governo e não quer ser confundida com o governo que arrastou a Itália para a guerra (...).

Em nome, pois, de todos os italianos aqui residentes, espalhados por todo este vasto Brasil (...), vos dirijo a palavra para dizer-vos: a Itália verdadeira, a Itália do povo, a Itália que trabalha e que pensa está convosco, está com o Brasil e com todos os povos aliados em defesa da Liberdade e da Justiça.”⁸⁸

As informações disponíveis sobre o efeito dessa nova tentativa antifascista de mostrar que o fascismo era o verdadeiro traidor da Itália e que, agora, para ser simpático à Itália era necessário ser antifascista são raras. Parece haver indícios, entretanto, que, apesar do interesse pela Itália continuar em alta na colônia (SCARANO, 1969, pp. 524-526) e do sentimento filo fascista não ter desaparecido, como vimos, totalmente, a grande maioria dos ítalo-brasileiros, postos, pela primeira vez, diante da necessidade de escolher entre o Brasil e a Itália, optaram, a exemplo de seus irmãos

⁸⁷ - Ver, por exemplo, “Partigiani” (*Diário Latino*, 25/9/1947) e uma curiosa matéria do mesmo jornal de 26/6/1946 onde se diz novamente que os antifascistas são anti-italianos e que eles seriam, na realidade e fazendo um interessante jogo discursivo, “subversivos de boa fé”.

⁸⁸ - PICCAROLO (1944, pp.39-40).

americanos (CANNISTRARO, 1976), pelo Brasil, diminuindo, assim, sua atração pelo fascismo, que nunca voltaria, aliás, a ser um definidor de identidade como foi, dentro de certos limites (BERTONHA, 1998f) entre 1922 e 1942.

O que parece ter acontecido, assim, é que o fascismo continuou com uma certa popularidade na coletividade italiana mesmo durante o período difícil da II Guerra Mundial. Quando houve, porém, a necessidade – inédita – de escolher uma das duas identidades, a de brasileiro ou a de italiano, a colônia em sua quase totalidade (e, especialmente, os filhos de italianos), optou pelo Brasil⁸⁹, revelando uma fidelidade pela sua nova terra que não deixou de espantar – e tranquilizar – os observadores estrangeiros⁹⁰.

Não há sinais, porém, que essa diminuição do sentimento pró fascista e a afirmação da lealdade e da identidade brasileiras tenham implicado em adesão firme da coletividade italiana ao antifascismo no pós 1942. Várias causas poderiam ser elencadas para explicar isso, mas a básica parece ter sido a mais simples: se, nos anos 20 e 30, ser fascista não era automaticamente uma posição ideológica, ser antifascista – dada a dificuldade dos antifascistas para associar Itália com antifascismo – o era. Se recordarmos da importância do fascismo como agente de resgate étnico naqueles anos, das dificuldades do antifascismo para fazer propaganda e sua falta de apoios internos e externos e, principalmente, que os italianos de São Paulo nunca foram realmente um grupo de pessoas total e convictamente de esquerda (TRENTO, 1994, p. 262), podemos entender a dificuldade do antifascismo em formar uma base popular mesmo quando o momento parecia tão propício.

⁸⁹ - Essa mesma situação de uso do fascismo como definidor de identidade e de simpatia pelo mesmo enquanto isso não implicava em oposição ou negação da nacionalidade local e imediata recusa do mesmo quando a escolha foi necessária se repetiu em outros contextos, como os EUA e o Canadá. Ver CANNISTRARO (1976 e 1979^a); VENTURINI (1984 e 1985) e RAMIREZ (1988). Para as nuances do processo no Brasil, ver BERTONHA (1998f)..

⁹⁰ - Ver PRO, FO 420/294, relatório "British Mission to South America in Foreign Office" de 11/4/1941, p. 28; NACP/Records of the Office of War Information, RG 208, 208/350/71/12/34, Box 437, relatório "Developments in Italy as seen in Brazil" de 31/8/1943 e NACP/Office of Intelligence Research, Division of

O fato da nova identidade “brasileira” do grosso da colônia não pressupor automaticamente firme devoção ao antifascismo também foi fator que pesou contra o antifascismo, estando o governo brasileiro, aliás, satisfeito com a lealdade nacional e firmemente disposto a desencorajar um sentimento antifascista que, em última instância, se voltaria contra ele próprio (BERTONHA, 1997 e 1998f). Razões para a colônia não se tornar firmemente antifascista e conservar um certo filofascismo no período ao redor de 1942, o que não deixou de ter efeitos na sociedade que a hospedava.

Parte D - O fascismo italiano e o Brasil

Cap. 6 - A estrutura de propaganda italiana no Brasil¹

Os capítulos anteriores nos permitiram apresentar em detalhes a imensa máquina de propaganda montada pelo governo fascista com o objetivo de doutrinar e controlar as comunidades italianas presentes em solo brasileiro. É importante notar, porém, que não apenas essa estrutura de propaganda acabava, desde o início, atingindo indiretamente os brasileiros como, a partir de um certo momento, os brasileiros não descendentes de italianos passaram a ser alvo direto da propaganda fascista, desejosa de difundir os ideais e a grandeza do regime também fora das coletividades italianas. É esse esforço que veremos nesse capítulo.

Os anos 20

Nos dez primeiros anos do regime fascista, o grande objetivo de Mussolini e seus assessores era o de consolidar o próprio poder e domínio na Itália, ao mesmo tempo em que buscavam apoio e amizade no exterior. Isso se refletiu numa política externa menos agressiva do que aquela que viria na década seguinte e numa renúncia à propaganda ideológica maciça no exterior (MONTICONE, 1980).

¹ - Esse capítulo deve ser publicado, em versão bastante semelhante, em BERTONHA (1998k).

Essa renúncia era, em boa parte, apenas teórica, pois, desde cedo, ao menos algum esforço sistemático de propaganda fascista no exterior sempre esteve presente², esforço este, aliás, que teria nas colônias de emigrados um instrumento chave (SMITH, 1976). É uma realidade, porém, que a estrutura de propaganda fascista para o exterior ainda estava funcionando, na década de 20, em caráter embrionário e isso deve ser ressaltado³.

Obviamente, essa relativa precariedade da máquina de propaganda fascista para o exterior e para os não italianos sofria variações conforme o contexto para a qual era dirigida. Num país vital para o regime fascista como os Estados Unidos, por exemplo, há desde muito cedo referências à instituições mais organizadas de propaganda fascista para os americanos, como a *The Italian American Society* e o *The Institute of Italian Culture* (SALVEMINI, 1977, pp. 135-143). No Peru, por outro lado, o governo italiano pouco se preocupou, no decorrer dos anos 20, em difundir o fascismo e a grandeza da Itália para os peruanos, concentrando-se em questões comerciais e na doutrinação da pequena coletividade italiana local (CICCARELLI, 1988 e 1990).

No que se refere ao Brasil, a documentação italiana revela um interesse relativamente baixo do fascismo em difundir suas obras e sua doutrina entre os brasileiros, o que, aliás, decepcionava muita gente. Emblemática dessa situação foi a visita que o o padre português Josué de Castro, redator do Jornal do Brasil, fez à Mussolini em março/1929. Antes da entrevista, ele entregou um memorial com as questões que seriam discutidas. Entre estas, uma questionava o porquê da Itália não intensificar a difusão da cultura e da língua italiana na América Latina e

² - Vide, por exemplo, ACS/SPD, Carteggio Ordinario, b. 13, Série Alfa Numérica, p. G3/1, carta de Bastianini à Mussolini em 4/9/1925 informando que 300 mil folhetos sobre o fascismo já haviam sido distribuídos no exterior e ASMAE/MInCulPop, b. 305, onde vários ofícios e relatórios relatam as tentativas fascistas de difundir livros, filmes e outros produtos culturais fascistas no exterior já nos anos 20.

³ - Ressalte-se também que o governo fascista partiu, para construir sua estrutura de divulgação no exterior, de um aparato de imprensa e propaganda italiano extremamente frágil e que nem mesmo no calor da I Guerra Mundial havia crescido o suficiente (TOSI, 1977), o que também explica a demora do fascismo em construir uma estrutura de propaganda mais eficiente.

limitá-la aos filhos de italianos e outra insistia no caráter universal do fascismo, indagando ao Duce as razões dele considerá-lo algo somente italiano se suas leis em defesa do proletariado eram universais⁴. Tais questões são indicativas do relativo desinteresse dos italianos em realizar grande propaganda entre os brasileiros na década de 20.

Esse desinteresse se refletiu numa estrutura de propaganda realmente muito pobre e concentrada basicamente no aspecto cultural, com alguma distribuição de livros sobre a Itália⁵, conferências⁶, financiamento de viagens para a Itália de um ou outro jornalista brasileiro⁷, etc. Outras iniciativas foram a fundação de um *Istituto Italo Brasileiro di Alta Cultura* no Brasil⁸ e do *Istituto Colombo* em Roma, o qual procurava, segundo seus estatutos, apoiar a expansão cultural, econômica e comercial da Itália na América Latina⁹.

⁴ - ASMAE/MinCulPop, b. 396, p. "Jornal do Brasil".

⁵ - ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), Memorando de 17/12/1930 e idem, p. "Istituto di Alta Cultura Italo Brasileiro", documentos diversos de 1928.

⁶ - Idem. Ver também ACS/SPD, b. 719, p. 210842, "Pro Memoria sulla propaganda fascista fatta nel Brasile dal Prof. Ferruccio Rubbiani", 1930.

Para a visita e a série de conferências de Marinetti ao Brasil em 1926, vide FABRIS (1994, pp. 217-260).

⁷ - ACS/SPD, Carteggio ordinario, b. 719, p. 210842, carta de Ferruccio Rubbiani à Luigi Rezza de 11/8/1930 e ACS/Archivio Cornelio di Marzio, b. 48, carta de Bernardo Attolico ao titular, 6/1/1928.

Para o apelo dos antifascistas italianos em ação no Brasil para que os jornalistas brasileiros não participassem dessas viagens, vide "La Crociera - Nuovo tentativo de inganno e di corruzione", in *Il Risorgimento*, II/47, 30/5/1929.

⁸ - As idéias e projetos para a criação desse Instituto começaram já em 1924, mas sua fundação só se deu em 1926 e suas atividades só começaram realmente, com conferências sobre literatura, concertos, etc, em 1927. Vide ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 5, p. "Istituto di Alta Cultura Italo Brasileiro", documentos diversos de 1924 a 1930. Voltaremos a trabalhar com este órgão mais adiante.

⁹ - Tal Instituto surgiu em 1923 e manteve uma revista (*Colombo*) para a aproximação cultural da Itália com a América Latina. Com fins semelhantes, havia também a *Rivista d'Italia e d'America*, que durou de 1926 a 1930. Vide ASMAE/MinCulPop, b. 307, p. "Istituto Italo Ibero Americano "Cristoforo Colombo", as coleções das duas revistas na Biblioteca Nacional Italiana em Roma e, para o caso da última delas, VANGELISTA (1995).

Note-se, aliás, que essa busca renovada de contatos culturais com a América Latina ocorreu justamente num momento em que a Itália pensava em criar, conforme visto no capítulo 2, uma zona de influência na América Latina via emigrantes, comércio e relações culturais, o que não é, certamente, acidental.

Tais esforços eram, porém, uma gota de água num oceano de dificuldades para a difusão da cultura e das realizações italianas no Brasil. Realmente, ainda em 1927, havia vozes reclamando a necessidade de serviços telegráficos e de notícias mais eficientes entre Roma e a América Latina¹⁰ e confirmando o quanto a produção literária, cinematográfica e cultural italiana em geral tinham baixíssima repercussão no Brasil¹¹.

O fato dessa estrutura ser tão precária derivava, sem dúvida, da pouca importância dada pelo regime à divulgação de suas idéias entre os brasileiros (como já explicitado), da escassez de recursos financeiros¹² e, possivelmente, das lutas e conflitos internos entre os órgãos do governo italiano em ação no Brasil naquele momento¹³. Essa situação mudaria radicalmente com a chegada da década de 30.

Os anos 30

Como visto anteriormente, a propaganda fascista dirigida ao exterior era voltada prioritariamente, nos anos 20, aos italianos e descendentes residentes fora da Itália. Nos anos 30, essa situação se modificou substancialmente e o esforço para a difusão do fascismo cresceu de

¹⁰ - Vide ACS/Archivio di Marzio, Pro Memoria para o Duce, 19/9/1927.

¹¹ - Vide ASMAE/MinCulPop, b. 67, p. "Italica"; b. 305, p. "Diffusione del libro italiano all'estero", "Propaganda italiana all'estero" e "Espansione cinematografica italiana".

¹² - Idem, b. 517, diversos documentos, onde Mussolini concordava com a necessidade de ampliar a ação cultural italiana na América Latina, mas adicionava a observação que só poderia apoiar a iniciativa privada e não assumir, por falta de recursos, a tarefa por inteiro.

¹³ - Vide as declarações do Prof. Ferruccio Rubbiani, funcionário do Consulado italiano de São Paulo, acusando os fascistas locais de não apoiarem sua "sutil propaganda" em relação aos brasileiros entre 1926 e 1930. Vide ACS/SPD, Carteggio Ordinario, b. 719, p. 210842, diversos documentos.

maneira notável, atingindo a Suíça (CODIROLI, 1988, 1990 e 1992), a Alemanha (PETERSEN, 1986), a Hungria (PETRACCHI, 1995) e outros países. Também se registrou um aumento do uso do rádio para atingir as populações estrangeiras - especialmente na bacia do Mediterrâneo (MONTICONE, 1980) - e a transformação da política cultural de defensiva (preservação e divulgação dos valores italianos no mundo) à ofensiva (instrumento de política externa e da geopolítica - CODIROLI, 1988 e PETERSEN, 1986).

Outros sinais dessa sofisticação dos órgãos fascistas responsáveis pela divulgação do fascismo e da cultura italiana no exterior foram a assinatura de acordos culturais com um grande número de países em 1936 e a criação do *Istituto per le relazioni culturali con l'estero* em 1938 para unificar os esforços culturais fascistas no exterior, o que indica como o sistema de difusão cultural e de propaganda fascista estava se centralizando e se desenvolvendo (PETERSEN, 1986, p. 345).

Esse redimensionamento exigiu uma notável reorganização da arquitetura governamental italiana para dar conta dos novos propósitos do governo de Mussolini. De fato, surgiram em 1928 o Escritório de Imprensa do *Ministero degli Affari Esteri* e o Escritório de Imprensa do chefe de governo, os quais foram substituídos, em 1934, pelo Subsecretariado de Imprensa e Propaganda. O sistema se sofisticou mais ainda em junho de 1935, quando surgiu o Ministério de Imprensa e Propaganda e em janeiro de 1937, quando veio a luz aquele que seria o cume da estrutura de propaganda e de divulgação da cultura fascista dentro e fora da Itália, ou seja, o *Ministero della Cultura Popolare* ou MinCulPop (SERRA, 1986 e SANTINON, 1991, pp. 219-299).

Esse aperfeiçoamento da estrutura de propaganda italiana e, o que é mais importante, sua tentativa de transformar a mera propaganda em algo mais abrangente e sofisticado (ou seja, uma verdadeira máquina de divulgação da cultura italiana e da cultura fascista dentro e fora da Itália) se explica em boa parte pela concorrência ideológica crescente da Alemanha nazista e pelo

renovado desejo do fascismo em apresentar-se como solução dos problemas mundiais, assim como pela instrumentalização da política cultural e de propaganda feita pelo regime para favorecer uma política externa cada vez mais agressiva.

Na realidade, porém, a própria evolução do regime fascista também colaborou nessa transformação. De fato, desde muito cedo intelectuais fascistas discutiram o caráter da cultura fascista e sua difusão no exterior e foi nesse debate intelectual que se desenvolveu a idéia de quebrar a divisão cultura de elite/cultura popular e de encontrar uma síntese cultural capaz de transmitir a experiência política do fascismo ao mundo e de superar os limites da mera propaganda (PETRACCHI, 1995).

Philip Cannistraro (CANNISTRARO, 1975^a) é bastante enfático sobre o fato que, ao burocratizar e controlar rigidamente todas as atividades culturais e de propaganda e ao não conseguir quebrar a tendência de distinguir entre cultura de elite e cultura de massa, o regime inviabilizou a idéia da cultura totalitária fascista e que, para a maioria dos italianos, a revolução cultural fascista não passou de mera propaganda e doutrinação política.

As questões da incapacidade fascista de separar a cultura da elite da cultura de massa e seu esforço para fundir a propaganda propriamente dita e as atividades comumente chamadas de culturais deverão ser obrigatoriamente retomadas no decorrer do capítulo. Por ora, contudo, é fundamental retomar o caso brasileiro e verificar como essas substanciais alterações na política e no aparato estatal italianos se refletiram no Brasil.

Antes de mais nada, é básico recordar que apenas as modificações no aparato estatal italiano dificilmente teriam reflexo no Brasil se as políticas e os objetivos fascistas com relação ao país continuassem as mesmas dos anos 20. Como discutido anteriormente, porém, não só os interesses italianos em relação ao Brasil cresceram nos anos 30, como a carta ideológica foi sendo dada uma importância crescente na concretização desses interesses. Não surpreende, portanto, que

a estrutura de propaganda italiana para os brasileiros tenha começado a se sofisticar na primeira metade da década de 30.

Essa maior sofisticação se refletiu em vários campos. Ao lado da potencialização dos métodos já conhecidos de conferências, distribuição de livros e publicações, etc, o governo italiano começou a enviar grandes quantidades de artigos, fotos e material de propaganda para serem distribuídos para um bom número de jornais em todo o Brasil¹⁴ e há até algumas tímidas tentativas de colocar filmes italianos (como “Camicia Nera”) em circuito comercial no Brasil¹⁵.

Mais importantes que os filmes em circuito comercial, contudo, eram, como visto anteriormente, aqueles enviados pelo governo fascista para exibição interna nas coletividades italianas. Aparentemente, até o início dos anos 30, o público central dessas exibições eram os italianos e filhos de italianos, com vários cuidados sendo tomados para que essas exibições fossem discretas e, na medida do possível, excluíssem os brasileiros¹⁶. Já em 1933, porém, a *Direzione Generale degli italiani all'estero* começou a autorizar uma presença maior dos estrangeiros nas exibições¹⁷.

Nota-se, assim, que a máquina de propaganda fascista no Brasil estava sendo rapidamente aperfeiçoada nessa primeira metade dos anos 30. O auge desse processo de aperfeiçoamento e consolidação veio, porém, um pouco mais tarde, no período da Guerra da Abissínia.

¹⁴ - Vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 2, p. “Correio do Parana” e “Invio materiale di propaganda nel Brasile” e sottof. 3, p. “Diario da Manhã”; “Propaganda italiana a Curitiba”; “Materiale di propaganda per il Brasile” e “Invio pubblicazioni nel Brasile”.

¹⁵ - Idem, sottof. 2, p. “Invio di films nel Brasile”.

¹⁶ - Idem, carta Fascio “Carlo del Prete”, Salvador, 1/12/1932, onde se questionavam justamente essas instruções. Na mesma pasta, existe uma curiosa carta da Embaixada do Rio de Janeiro de 24/10/1933, onde a Secretaria dos fasci all'estero de São Paulo informava que continuava controlando quem assistia aos filmes, priorizando os italianos “mas autorizando a presença dos brasileiros, desde que não fossem “homens de cor”.

¹⁷ - Idem, carta de 14/2/1933.

A Guerra da Abissínia, 1935-1936

A Guerra da Abissínia entre 1935 e 1936 representou, sem dúvida, um dos momentos chave para a consolidação do aparato de propaganda do regime. Isso tanto no front interno, como no externo, onde em países tão diversos como o Canadá (LIBERATI, 1990), o Reino Unido (GOGLIA, 1984; WALEY, 1975), o Peru (CICCARELLI, 1990) e outros, a estrutura italiana para a propaganda foi grandemente ampliada. No Brasil, não foi diferente, com a máquina fascista sendo reforçada para garantir uma posição pró italiana do governo e da opinião pública brasileira.

Esse aumento de intensidade da propaganda fascista foi detectada pela Embaixada americana¹⁸ e acabou recebendo uma resposta (ainda que tardia) do governo britânico, que também começou a subsidiar jornais, distribuir material de propaganda em defesa dos pontos de vista de Londres, etc¹⁹. Não foi possível reconstruir completamente a atividade italiana no Brasil naquele momento, mas ao menos os itens referentes ao cinema e à imprensa foram razoavelmente clarificados.

Em relação ao cinema, há referências a grande quantidade de filmes de propaganda e cine jornais da LUCE sendo enviados para exibição nos *fasci all'estero* e nos *Dopolavoro* de todo o país, onde certamente eles atingiam também um público brasileiro. O filme *Itália - Abissínia*, por sua vez, foi liberado para exibição pública²⁰, mas os próprios italianos reconheceram enormes

¹⁸ - ADA, Rolo 4/380, código 832.00 F, relatório "Italian Activities in Brazil" de 6/2/1939, fotograma 19, pgs 50 e seguintes.

¹⁹ - Documenti Diplomatici Italiani, Oitava Série, vol. IV, doc. 101, pp. 117-118, telegrama de Cantalupo à Mussolini, 25/5/1936.

²⁰ - Ver anúncio indicando a exibição do filme no Cine República em São Paulo em II Moscone, 30/11/1935.

dificuldades, dada a concorrência americana, em fazer seus filmes de propaganda conhecidos pelo grande público brasileiro²¹.

No que se refere à imprensa, o desempenho italiano foi muito melhor. Não só imensas quantidades de artigos pró Itália e de fotografias foram distribuídos para jornais de todo o país²², como os consulados italianos passaram a fornecer auxílios, como franquia telegráfica e passagem naval a correspondentes de jornais amigos²³ e mesmo subsídios financeiros diretos aos jornais que apoiassem a guerra italiana²⁴.

Ainda no que concerne os jornais, uma técnica ainda mais direta foi, contudo, utilizada: o controle direto deles. Nesse sentido, um exemplo claro foi a compra do controle da *União Journalística Brasileira* pelo consulado italiano de São Paulo, através da qual artigos pró Itália foram despejados em dezenas de jornais brasileiros e que era até citada como “subserviente” nos relatórios do Consulado²⁵.

Um exame da bibliografia internacional sobre o esforço de propaganda do fascismo durante a guerra da Abissínia revela, de fato, que este variou enormemente conforme a prioridade dada a cada país pela Itália durante a crise. Nesse sentido, o Brasil certamente não era (ainda mais

²¹ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 4, p. “Invio pellicole di propaganda nel Brasile”.

²² - Idem, b. 272, f. 10, sottof. 3, p. “Invio pubblicazioni nel Brasile” e b. 273, f. 10, sottof. 4, p. “Invio materiale varie di propaganda nel Brasile”.

²³ - Foi o que foi cedido, por exemplo, ao *Correio Paulistano*. Vide ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 9, p. “Stampa Brasiliana”, f. 2, Telespresso Embaixada italiana, 9/3/1936.

²⁴ - Vide ADA, Rolo 4/380, código 832.00 F, relatório “Italian Activities in Brazil” de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 25-26 para o caso de *A Tribuna*, de Santos/SP.

Em 1937, a Embaixada italiana chegou a comentar como 20 contos de réis, bem distribuídos, haviam sido suficientes para desarmar a campanha anti italiana e de solidariedade com a raça negra que havia começado a circular na imprensa brasileira. Vide ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 16, p. “Situazione Politica interna”, relatório da Embaixada italiana de jul/1937.

²⁵ - AESP/DOPS, Prontuário 613 (“César Rivelli”), relatório do mesmo ao Consulado italiano, 20/5/1938 e ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 16, p. “Stampa Brasiliana”, f. 3, Informe Consulado de São Paulo, 1/10/1936.

levando-se em conta que o governo brasileiro desde cedo optou por uma posição pró Itália) um alvo preferencial frente a países chave como os Estados Unidos e o Reino Unido, cujas opiniões públicas receberam, não por acaso, especial atenção da propaganda fascista (NORMAN, 1949; WALEY, 1975; GOGLIA, 1984). Num ponto, porém, os diferentes contextos se assemelham, ou seja, no uso das coletividades italianas locais como fator de amplificação da propaganda italiana em direção à opinião pública dos países hospedeiros.

Já abordamos antes a intensa mobilização da coletividade italiana do Brasil em defesa da Itália durante a guerra e parece óbvio dizer que toda essa movimentação também atingiu o público brasileiro. O uso dos italianos do Brasil na batalha pela opinião pública durante a guerra teve, contudo, mecanismos ainda mais diretos. De fato, não só filmes e documentários eram exibidos para o público brasileiro nos *fasci all'estero* e nos *Dopolavoro*, como seções da *Società Dante Alighieri* organizaram conferências e reuniões para explicar ao público local a justiça da guerra italiana²⁶. Além disso, publicações sobre a guerra fluíram para o público brasileiro através dos órgãos italianos no país e o próprio dinheiro para pagar os subsídios aos jornais brasileiros vieram das “subscrições de guerra” da colônia italiana de São Paulo²⁷.

Em países como o Reino Unido (GOGLIA, 1984; WALEY, 1975) e o Peru (CICCARELLI, 1990), há sinais que a propaganda italiana dirigida aos não italianos atingiu seu pico justamente durante a guerra, retornando à sua concentração nas colônias italianas locais no período posterior. No Brasil, pelo contrário, as fontes indicam uma situação diversa.

²⁶ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 3, p. “La Dante Alighieri in Brasile: , carta da direção do Instituto ao Ministero per l'Imprensa e Propaganda, 23/12/1935.

²⁷ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 16, p. “Stampa Brasiliana”, f. 3, Informe Consulado de São Paulo, 1/10/1936 e relatório da Embaixada italiana de jul/1937.

Ver também ADA, , Rolo 4/380, código 832.00 F, relatório “Italian Activities in Brazil” de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 25-26 para o caso do jornal *A Tribuna* de Santos/SP, cujo subsídio teria sido pago pelos ricos italianos locais e p. 76 para o subsídio que foi solicitado aos ricos italianos de Porto Alegre/RS para manter o periódico italiano local durante a guerra.

A Guerra das Embaixadas, 1936-1940 (A propaganda direta).

Como vimos anteriormente, no intervalo entre as guerras fascistas da Abissínia e a II Guerra Mundial, a estrutura de propaganda italiana se solidificou imensamente, sendo a criação do MinCulPop um símbolo perfeito dessa solidificação. Simultaneamente, conforme indicado no capítulo 2, cresceram os interesses italianos com relação ao Brasil, ao mesmo tempo em que era à carta ideológica que os fascistas dedicavam o grosso de suas esperanças de dar conta desses interesses. Não é espantoso, assim, que, após a primeira experiência de propaganda em larga escala em 1935/36, os esforços italianos tenham prosseguido no período posterior.

Tais esforços parecem ter sido dirigidos a dois públicos distintos: à população em geral e à população mais intelectualizada e/ou intelectuais. É uma divisão um pouco artificial (pois é óbvio que ambos os níveis se cruzavam continuamente) e merecerá algumas reflexões específicas dentro em pouco. Por ora, o mais interessante a ser feito é uma apresentação dos caminhos e roteiros que a propaganda italiana seguiu para dar conta desses dois públicos alvo.

A primeira grande preocupação do regime era, sem dúvida, a imprensa brasileira e a batalha para dispor da maior quantidade possível de jornais ao lado do fascismo consumiu a boa parte do tempo e da energia do regime.

Alguns jornalistas brasileiros certamente eram simpáticos a ele e forneciam gratuitamente o seu trabalho e o seu espaço jornalístico para a divulgação de notícias positivas sobre o fascismo. Normalmente, porém, a obtenção do apoio da classe jornalística passava por um lento trabalho de

conquista, onde a farta distribuição de comendas²⁸ e as viagens gratuitas à Itália para os jornalistas brasileiros não eram incomuns²⁹. A distribuição de subsídios financeiros aos jornais também era, aparentemente, uma atividade costumeira³⁰.

A maneira mais usual de conquistar os jornais, porém, era a distribuição de facilidades para suas atividades. A concessão de franquias telegráficas era um método comum³¹ e, em 1939, discutia-se até a melhor estruturação do serviço telegráfico da Agência de informações e notícias italiana *Stefani* no Brasil³².

A técnica mais utilizada para fazer os jornais brasileiros difundirem notícias favoráveis à Itália e ao fascismo era, contudo, a distribuição maciça de artigos e fotografias para eles. De fato, os arquivos italianos estão repletos de documentos confirmando o envio em massa de artigos, fotografias e demais materiais de propaganda a dezenas (senão centenas) de jornais por todo o Brasil entre 1934 e 1940³³ e essa distribuição não era feita a esmo, mas com cuidadosas reflexões

²⁸ - Vide, por exemplo, a entrega de uma comenda ao jornalista Cásper Líbero, do jornal *A Gazeta* (São Paulo), em reconhecimento por sua amizade à Itália e à Alemanha em 1938 em ASMAE/MinCulPop, b. 412, p. "A Gazeta - 1939", Informe Consulado de São Paulo, 4/11/1938.

²⁹ - Vide vários informes sobre jornalistas brasileiros que visitaram a Itália à convite de Roma e voltaram escrevendo louvores ao fascismo em ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottof. Brasile 1940, p. "Articoli Giornali", Informe Embaixada italiana 15/12/1939; ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 14, p. "Propaganda Culturale - 1937", fs. 11 a 13 e ASMAE/MinCulPop, b. 49, diversas pastas e b. 333, p. "Viaggio di giornalisti brasiliani".

³⁰ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 22, p. "Stampa", diversos documentos e ASMAE/MinCulPop, b. 486, p. "Rocha, Osvaldo". Ver também uma descrição bastante detalhada sobre os jornais brasileiros subsidiados pelo governo italiano em todo o Brasil em ADA, Rolo 4/380, Código 832,00 F, relatório "Italian Activities in Brazil" de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 25-26 e 51-62.

³¹ - Como a de 2000 palavras ao mês concedida no fim dos anos 30 aos *Diários Associados*. Vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottof. Brasile 1940, p. "Agenzia di pubblicità in Brasile", Appunto MinCulPop, 24/11/1938. Há outros exemplos disponíveis nesse arquivo.

³² - ACS/Agenzia Stefani, Ufficio Liquidazione, b. 54, p. 3.

³³ - Vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 3, p. "Materiale di Propaganda per il Brasile" e "Invio pubblicazioni nel Brasile"; b. 273, f. 10, sottof. Brasile 1939, diversas pastas e outros.

sobre os momentos mais apropriados para difundir o material³⁴ e sobre como aperfeiçoar o serviço³⁵.

Uma estratégia particularmente eficiente utilizada pelo governo italiano para garantir a distribuição de seu material pelos jornais brasileiros foi a sua relação com a *União Jornalística Brasileira*. Essa agência de notícias já havia tido um relacionamento bastante íntimo com o governo italiano quando da Guerra da Abissínia, quando recebeu subsídios italianos e distribuiu grande quantidade de artigos pró Itália. Nos anos posteriores, quando a agência esteve sob a administração de Menotti del Picchia e Artur Monteiro, essa relação se solidificou ainda mais, tendo o italiano Cesare Rivelli, responsável pela área de política internacional da instituição e, possivelmente, representante do governo italiano na mesma, pedido, em 1938, o aumento do subsídio que era fornecido a ela, pois então:

“A *União Jornalística Brasileira* ficará sob o nosso controle. Melhor ainda, poderíamos dispor da mesma sem mais nenhuma reserva e usá-la contra quem quer que seja, sempre que se apresente a ocasião”³⁶

Com o uso dessa agência, os órgãos do governo italiano no Brasil parecem ter conseguido atingir centenas de jornais em todo o país³⁷, o que foi fundamental para seus objetivos de difundir a grandeza italiana e a doutrina fascista no país.

³⁴ - Dois desses momentos foram, segundo os órgãos diplomáticos italianos no Brasil, 1934 e o período posterior à ascensão ao poder do *Estado Novo* varguista. Vide Idem, b. 272, f. 10, sottof. 2, p. “Invio materiale di propaganda nel Brasile” e ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 12, p. “Stampa”, f. 3, relatórios Embaixada italiana de 26/11 e 6/12/1937.

³⁵ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 12, p. “Stampa”, f. 3, relatório Embaixada italiana de 12/2/1937.

³⁶ - AESP/DOPS, Prontuário 613 (“César Rivelli”), relatório redigido pelo mesmo, 20/5/1938.

³⁷ - ACS/Agenzia Stefani, Ufficio Liquidazione, b. 56, p. 32, diversos documentos.

Essa relação do governo italiano com a *União Jornalística Brasileira* sofreu revezes em 1938, quando documentos encontrados com Cesare Rivelli provaram seu envolvimento em atividades conjuntas com os integralistas para ampliar a influência fascista no Brasil e levaram a sua expulsão do país³⁸. Isso parece ter abalado a colaboração italiana com a instituição, mas entre 1939 e 1940 esta se refez³⁹. Ainda em 1939, aliás, a Embaixada italiana fez acordo também com o *Bureau Interestadual de Imprensa* para ampliar o fundamental trabalho de artigos e fotografias na imprensa brasileira⁴⁰.

Ainda com relação à mídia escrita, uma outra técnica bastante utilizada pelos fascistas para difundir sua propaganda pelo país foi a distribuição maciça de publicações sobre a Itália e sobre o fascismo. Tais publicações constituíam-se normalmente de folhetos de caráter divulgativo geral e para consumo popular. Escritas em português, italiano e espanhol, tais obras abordavam assuntos variados, como as grandes obras do fascismo, a doutrina corporativa, a guerra africana e outros aspectos da vida e da ideologia do fascismo⁴¹. Um órgão especial do MinCulPop, o escritório NUPIE, se encarregava de fazer propaganda anticomunista, enviando grandes quantidades de folhetos a respeito para o Brasil⁴².

Podemos ter uma idéia do volume dessas publicações lendo os informes de diversos consulados italianos no Brasil reportando, cada um, a entrega de centenas de impressos em suas

³⁸ - Sobre o caso, ver AESP/DOPS, Prontuário 613 ("César Rivelli"). Ver também o seu processo de expulsão do país em AN/MJN, 1933-1939, Caixa 392, p. 1031/38.

³⁹ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottof. Brasile 1940, p. "Unione Giornalistica Brasiliana".

⁴⁰ - Idem, p. "Articoli Giornali", informe Embaixada Rio de Janeiro, 15/11/1939.

⁴¹ - Vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 4, p. "Invio pubblicazioni di propaganda nel Brasile" e vários outros registros presentes nesse mesmo fundo. O Arquivo Edgar Leuenroth da UNICAMP conserva algumas dessas publicações enviadas ao Brasil.

⁴² - ACS/MinCulPop, Ufficio NUPIE, b. 16, f. 8, sottofs. 1 e 7.

jurisdições em curtíssimos períodos de tempo⁴³ ou recordando o fato que várias partidas de brochuras fascistas e anticomunistas (uma delas com 3000 exemplares) deveriam ter distribuídas na *Mostra anticomunista do Rio de Janeiro em 1938*⁴⁴ e, especialmente, através da seguinte tabela preparada pelo próprio MinCulPop:

Publicações enviadas à América Latina, janeiro a agosto 1937

Argentina 63.742	Honduras 401
Brasil 11.785	Nicarágua 950
Colômbia 4.337	Paraguai 426
Peru 688	Uruguai 1.513
México 2.022	Cuba 824
El Salvador 588	Assunção 11
Bolívia 761	Venezuela 948
Chile 4.274	Panamá 297
Costa rica 603	Rio de Oro (?) 420
Rep. Dominicana 391	Havana 33
Equador 666	São Domingos 7
Guatemala 1150 ⁴⁵	

É importante notar que essa massa de material de divulgação fascista não chegava ao país simplesmente como algo quase que imposto pelo governo de Roma. Sem dúvida, este fazia o

⁴³ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 5, p. "Pubblicazioni di Propaganda" e ASMAE/Affari Politici 1931-1945, b. 20, p. "Pubblicazioni".

⁴⁴ - Idem, b. 274, f. 10, sottof. Brasile 1940, p. "Mostra Anticomunista - Rio de Janeiro", Informe MinCulPop, 23/9/1938.

⁴⁵ - Idem, b. 273, f. 10, sottof. 5, p. "Propaganda nel Sud America", Appunto MinCulPop 8/10/1937. O mesmo documento é citado em SEITENFUS (1990, p. 40).

possível para que suas publicações atingissem a maior parte possível da opinião pública, mas elas também respondiam a um intenso desejo de informações sobre o fascismo de diversos setores da sociedade brasileira, como demonstra a imensa quantidade de pedidos de publicações (de indivíduos isolados, sindicalistas, associações as mais diversas, etc) acumuladas nos arquivos do MinCulPop relativos ao Brasil.

A propaganda fascista não se restringia, porém, à mídia escrita. Como convinha a um movimento que foi pioneiro no uso dos modernos meios de comunicação de massa, o fascismo não descuidou de dois inovadores métodos de propaganda que estavam sendo aperfeiçoados justamente no entre guerras: o rádio e o cinema.

No que se refere ao rádio, há referências à emissões diretas da Itália para o Brasil, com transmissão de discursos do Duce e programas em português⁴⁶, etc. Aparentemente, porém, o fascismo não dedicou grandes esforços a essa área⁴⁷, provavelmente porque a América Latina não era prioritária nos esforços radiofônicos do regime (MONTICONE, 1980) e também, possivelmente, por dificuldades técnicas⁴⁸, o que não significa dizer, obviamente, que muitos italianos e brasileiros não ouvissem as rádios italianas em geral.

As rádios brasileiras foi dedicado maior esforço e temos registros de programas *Hora italiana* (inclusive com amplo fornecimento de discos e outros materiais vindos diretamente da Itália⁴⁹) na Rádio Inconfidência de Belo Horizonte em 1937⁵⁰; na Rádio Gaúcha de Porto Alegre

⁴⁶ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 23, p. "Posti telegrafici e radio - 1939", diversos documentos e PRO, FO 371/21248, A1453, relatório "Annual Report for Brazil - 1937" de 26/1/1938, pp. 28-29.

⁴⁷ - Ao contrário do que ocorreu, por exemplo, com relação aos países árabes, onde o esforço radiofônico do regime foi intenso. Ver GRANGE (1974 e 1976) e McDONALD (1977).

⁴⁸ - Ver a carta de 18/6/1937 do consulado italiano de Porto Alegre dizendo ser quase impossível sintonizar rádios italianas no Rio Grande do Sul. Vide ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 13, p. "Servizi telegrafici, radiotelegrafici e Postali".

⁴⁹ - Idem, diversos documentos.

em 1938⁵¹ e na Rádio Cultura de São Paulo⁵². Na mesma época, havia um outro programa italiano diário na rádio PRA - 5 de São Paulo com o sugestivo título de *Littorio*⁵³, enquanto, no Rio de Janeiro, capital da República, há informes de uma *Hora italiana* na Rádio Vera Cruz, de noticiário italiano sendo veiculado pela Rádio Club do Brasil e de retransmissão de discursos do Duce pela Rádio Tupy ainda em 1939⁵⁴. Temos também registros de esforços italianos para divulgar notícias da Agência Stefani nas rádios brasileiras⁵⁵.

Esse quadro parece englobar o grosso dos esforços do regime, em termos de radiofonia, entre 1936 e 1939, tanto que, em 1938, a Embaixada italiana do Rio de Janeiro enviou nota ao *Ministero degli Affari Esteri* informando sobre programas de rádio semanais em Porto Alegre, Belo Horizonte e Rio de Janeiro e de sete horas diárias em italiano em São Paulo. Isso indica como, apesar dos esforços italianos, mesmo a radiofonia com base no Brasil teve pouco sucesso em atingir seja brasileiros seja italianos, o que é, aliás, reconhecido tanto pelos observadores americanos⁵⁶ como pelos italianos⁵⁷. Ainda assim um estudo específico sobre essa questão - como fez Jerome Bruner (BRUNER, 1941), por exemplo, com os italianos de Boston - seria muito útil.

⁵⁰ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 278, f. 14, sottof. 1, p. "Mostra della Stampa e del libro italiano - Brasile", Informe Consulado Belo Horizonte, 27/3/1937.

⁵¹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 19, p. "Radiotelegrafia", Informe Consulado Porto Alegre, 14/11/1938.

⁵² - Idem, b. 9, p. "Onoreficienze - Onoranze", Informe Consulado São Paulo, 13/10/1936.

⁵³ - *L'Italia in Marcia*, I, 1, 18/11/1936, p. 28.

⁵⁴ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottof. "Brasile 1939", relatório Embaixada italiana, 19/10/1939.

⁵⁵ - Ver as observações do governo americano sobre Júlio Barata, membro do Departamento de Propaganda de Vargas (o DIP) e que teria recebido suborno para facilitar justamente esse trabalho. Ver NACP/General Records of the Department of State, Box 5656, 865.20210 (Barata, Julio), relatório do FBI de 12/10/1942.

⁵⁶ - ADA, Rolo 4/380, Código 832,00 F, relatório "Italian Activities in Brazil" de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 28-30.

Com relação ao cinema, já ressaltamos como, no período anterior, os filmes enviados pelo regime tinham imensa dificuldade para enfrentar a competição americana e atingir o público brasileiro. Entre 1936 e o início da II Guerra Mundial, houve um grande esforço do governo italiano para reverter esse quadro⁵⁸ e, aparentemente, algum sucesso foi obtido, com vários cinemas passando a exibir filmes italianos, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais⁵⁹; com notícias italianas sendo inseridas nos cinejornais alemães da UFA⁶⁰, etc. Ainda assim, os próprios italianos eram pródigos em ressaltar as dificuldades do filme italiano (que seriam muito longos, pouco sutis e, dada a falta de subsídios italianos para tradução e divulgação, pouco interessantes para as grandes redes distribuidoras⁶¹) em atingir o grande público brasileiro.

O esquema de propaganda do fascismo não se limitava, porém, a utilizar a mídia escrita e audiovisual. Também expedientes mais clássicos, como exposições e pomposas visitas aero navais eram utilizados pelo regime para alcançar o público brasileiro.

Em relação às exposições, poderíamos nos referir, por exemplo, à participação italiana na *Exposição do Estado Novo* em 1939⁶² ou à grande mostra comemorativa dos cinquenta anos da imigração italiana em São Paulo em 1937, onde maquetes sobre a conquista da Abissínia e

⁵⁷ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 19, p. "Radiotelegrafia", Relatório Embaixada italiana, 25/2/1938.

⁵⁸ - De fato, diversos informes de 1937 informam sobre negociações com empresas brasileiras para a distribuição de filmes italianos e documentários LUCE aos cinemas brasileiros. Vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottot. 1940, p. "Pellicole - Fotografie".

⁵⁹ - Idem, informes de 4/6, 7/10 e 11/12/1937. Esses filmes incluíam desde documentários sobre as ruínas gregas e romanas em Paestum e Pompéia até filmes sobre a Guerra Civil espanhola como *Arriba Hespanha* ou cinejornais LUCE.

⁶⁰ - Idem, informes Artfilm, 6/12/1937 e LUCE, 5/4/1938.

⁶¹ - Idem, informe Embaixada do Rio de Janeiro, 12/6/1937 e idem, b. 275, f. 10, sottot. "San Paolo", p. "San Paolo - Brasile - Giornale LUCE - Italfilm", diversos documentos. Vide especialmente o Memorando do tenente Renato Bifano (secretário dos *fasci all'estero* de São Paulo e diretor da *Italfilm*) de 16/7/1940.

⁶² - ACS/MinCulPop, Ufficio NUPIE, b. 16, f. 8, sottot. 1, diversos documentos.

ilustrações sobre as grandes obras fascistas conviviam com tanques e tratores FIAT e que recebeu até uma mensagem radiofônica especial do Conde Ciano, direto de Roma⁶³.

A mais sugestiva participação italiana em exposições no Brasil foi, porém, a ocorrida em 1938, na *Grande Mostra anticomunista do Estado Novo* onde, além do estande próprio, foram distribuídas milhares de publicações de caráter anticomunista e planejou-se a exibição (não ocorrida por problemas técnicos) de filmes como *Camicia Nera* e *Vecchia Guardia*. Pode-se imaginar o efeito de uma mostra como esta, que era cuidadosamente planejada, aliás, tanto para não acomodar os cuidados do governo brasileiro em não se envolver abertamente com o Eixo (ênfatizando a propaganda anticomunista e não a fascista), como para enfrentar a crescente propaganda americana destinada a atrair a América Latina ao campo antitotalitário⁶⁴.

Sobre as expedições aéreas, já tivemos oportunidade de indicar o enorme efeito que elas exerciam sobre o público italiano residente no Brasil. O mesmo ocorria com a opinião pública nacional, que se excitava notavelmente com as grandes proezas aéreas de De Pinedo, Ferrarin, Del Prete, Bruno Mussolini, etc. De fato, até jornais de tendências antifascistas como *A Platea* e *O Combate* não se limitavam a registrar a enorme repercussão popular das expedições aéreas italianas⁶⁵, mas faziam questão de se incorporar ao coro de elogios e manifestações de admiração que caracterizavam a recepção desses aviadores⁶⁶.

⁶³ - Vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 276, sottof. 8, p. "Mostre" e ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 17, p. "Mostre e Esposizioni 1938". Ver também TONHÃO (1993).

⁶⁴ - Idem, b. 274, f. 10, sottof. Brasile 1940, p. "Mostra anticomunista - Rio de Janeiro". Vide especialmente o informe da Embaixada do Rio de Janeiro de 18/8/1939.

⁶⁵ - Cumpre ressaltar novamente que essas expedições aéreas eram comuns nesses anos de desenvolvimento da aviação, com americanos, portugueses, ingleses e até brasileiros (vôo de Barros, num Savoia Marchetti 55 italiano, em 1927) batendo recordes em todos os continentes. A admiração popular era geral por todos eles e não apenas para os italianos. Vide CUPINI (1973).

De qualquer forma, a mobilização popular pelas expedições aéreas italianas no Brasil era realmente grande. De fato, há referências a uma multidão de 300 mil pessoas no funeral de Del Prete em 1928 (TRENTO, 1989, p. 306) e de 1 milhão de expectadores esperando Balbo no Rio de Janeiro em 1931

O mesmo pode ser dito sobre as contínuas passagens de belonaves italianas nos portos brasileiros, as quais procuravam demonstrar a brasileiros e italianos o poder e a eficiência da nova Itália. Nessas visitas, cuidadosamente orquestradas⁶⁷, era comum os marinheiros se integrarem em grandes manifestações de cordialidade italo-brasileira⁶⁸, com presença maciça de autoridades brasileiras. Em 1938, por exemplo, o interventor federal em São Paulo, Ademar de Barros, passou em revista, em Santos, a tropa embarcada no cruzador *Eugenio de Savóia*⁶⁹ e a sua passagem pelo Rio de Janeiro só terminou com grandes discursos de simpatia mútua entre o almirante Somigli e o chanceler Osvaldo Aranha⁷⁰.

Podemos perceber, assim, o razoável esforço despendido pelo governo italiano para atingir, com sua propaganda, o grande público brasileiro. Havia, porém, um outro filão de propaganda a que o fascismo dedicava atenção especial e que convém examinar com mais cuidado: a propaganda cultural.

A Guerra das Embaixadas, 1936-1940 (A propaganda cultural)

(CERUTTI, 1951, pp. 159-160). Números certamente muito exagerados, mas certamente não cem por cento irreais.

⁶⁶ - Vide, especialmente, as edições de *O Combate* de 1927 e 1928 (vôos de Pinedo e Del Prete/Ferrarin) e de *A Platea* de 1931 (vôo Ítalo Balbo).

⁶⁷ - O capitão do cruzador *Duca d'Aosta*, por exemplo, preferiu deixar o porto do Rio Grande sob forte tempestade a chegar atrasado em sua próxima parada, pois atrasos não combinariam com a mística da eficiência fascista. Ver PRO, FO 371/23815, A 322, relatório "Visit of two Italian cruisers to Rio de Janeiro: Brazilian Italian relations" de 16/12/1938.

⁶⁸ - "O cruzador Trento" in *A Platea*, 17/8/1929.

⁶⁹ - Sobre a visita dos cruzadores *Duca d'Aosta* e *Eugenio di Savóia* ao Recife, Rio de Janeiro e Santos em fins de 1938, vide ADA, Rolo 4/380, Código 832,00 F, relatório "Italian Activities in Brazil" de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 28-30 e "Cronaca Sociale - L'Eugenio di Savoia nelle acque di Santos" in *Lictoria*, II, 15, dez/1938.

⁷⁰ - Vide *O Brasil Dinâmico*, dezembro/1938.

Um dos primeiros cuidados do regime para adentrar o mundo da cultura brasileiro era o de cativar os intelectuais. Para tanto, fazia-se ampla concessão de comendas⁷¹ e distribuía-se farta literatura sobre o fascismo, a qual não só era mais complexa que as brochuras e folhetos de divulgação geral, como era pensada especificadamente para os intelectuais⁷². Ressalte-se que tal literatura não era distribuída apenas por iniciativa dos consulados, pois havia sólido interesse da intelectualidade brasileira sobre a cultura italiana e sobre aspectos do fascismo (especialmente o corporativismo), o que se refletia num sem número de pedidos de jornalistas, professores universitários e de outros intelectuais brasileiros por material informativo sobre o fascismo⁷³. A distribuição de livros para universidades, escolas, etc também é amplamente documentada nos arquivos do MinCulPop e idéias de subsidiar a tradução de livros anticomunistas e fascistas italianos também não faltaram⁷⁴.

A concessão de honrarias e a distribuição de livros não eram, contudo, as únicas formas de cooptação dos intelectuais. Eram muito comuns, também, as visitas pagas à Itália para a divulgação da grandeza do fascismo e da riqueza cultural italiana. Nessas visitas, era usual a presença de jornalistas (como apresentado anteriormente), professores universitários, membros do

⁷¹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 8, p. "Onorificienze 1935"; b. 10, p. "Onoreficienze - Onoranze 1936" e outros.

⁷² - Em 1935, por exemplo, o Vice Consulado de Santos pediu 12 exemplares de El fascismo de Mussolini para distribuir aos intelectuais locais e, no ano seguinte, o de Juiz de Fora recebeu outros 115 livros para distribuir aos "cultos locais".

Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 3, p. "Invio pubblicazioni nel Brasile", Informe Vice consulado de Santos, 31/1/1935 e de Juiz de Fora, 11/1/1936.

⁷³ - Idem, b. 273, f. 10, sottof. 5, p. "Diffusione del libro italiano nel RS", Appunto MAE, 2/8/1937 e muitos outros.

⁷⁴ - ACS/MinCulPop, Ufficio NUPIE, b. 16, f. 8, sottof. 1, informe sem data.

alto escalão do governo, etc⁷⁵. Um especial cuidado, além disso, era tomado com os jovens universitários brasileiros, aos quais não só foi facilitada a concessão de bolsas de estudo na Itália⁷⁶, como se tornaram assíduos frequentadores das viagens subsidiadas à Itália⁷⁷, o que, segundo a Embaixada, tinha imenso efeito na popularização do fascismo entre eles⁷⁸.

As relações culturais também foram aprofundadas com o aumento do intercâmbio e dos contatos entre professores e intelectuais brasileiros e italianos. De fato, as conferências de intelectuais italianos sobre arte e cultura italiana passaram a ser relativamente comuns⁷⁹, assim como as relativas a aspectos da ideologia fascista⁸⁰. Não faltaram também conferências de cientistas e intelectuais italianos de passagem pelo Brasil, como a de Marconi em 1936.

⁷⁵ - ADA, Rolo 4/380, Código 832,00 F, relatório "Italian Activities in Brazil" de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 25-26. Ver também AERJ/DOPS, Série temática "Espionagem", pasta 1, pp. 9-17, informe de 18/9/1943, para o registro de personalidades brasileiras que visitaram a Itália em fins dos anos 30 (Prof. Aloísio de Castro, sr. Lourival Fontes, ex-chefe do DIP, ex-ministros Valdemar Falcão e Vicente Rao, muitos jornalistas) e voltaram encantadas com a Itália e com o fascismo.

⁷⁶ - AHI, 85/4/4, Memorando do ministro da educação Francisco Campos com o Embaixador Cerrutti e Piero Parini, 4/12/1931.

⁷⁷ - ADA, Rolo 3/380, Código 832,00 F, fotograma 1169, p. 5, relatório de 9/2/1938; 9, pp. 2; ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 14, p. "Propaganda culturale - 1937"; b. 20, p. "Propaganda culturale - 1938" e ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 5, p. "Viaggio in Italia di studenti brasiliani", onde constam os nomes de quinze estudantes de direito da USP que estavam viajando, sob guia do prof. Jorge Americano, à Itália à convite do MinCulPop. Entre eles, figura um nome futuramente famoso na política brasileira: Ulisses Silveira Guimarães. Não foi possível confirmar com absoluta certeza, porém, se ele realmente viajou.

⁷⁸ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 16, p. "Situazione Politica interna", relatório da Embaixada italiana de 1937. Ver também ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 5, p. "Crociera in Italia di studenti universitari", carta Consulado de Porto Alegre, 5/8/1937, onde o cônsul pediu apoio para enviar trinta estudantes de medicina gaúchos à Itália e como esse era um ótimo meio de atingir os "formadores de opinião", os intelectuais.

Anote-se, além disso, que esses estudantes eram recebidos, na Itália, por membros da *Gioventù Universitaria Italiana* (GUF), conforme registrado em ACS/Partito Nazionale Fascista, Direttorio nazionale, Segreteria GUF, b. 6, p. 51 "Studenti universitari brasiliani, jun/jul 1937".

⁷⁹ - Vide, por exemplo, diversas conferências culturais pronunciadas no Rio de Janeiro e Belo Horizonte em ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottof. Brasile 1939, relatório Embaixada italiana 18/12/1939 e ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 14, p. "Propaganda culturale 1937", diversos documentos.

⁸⁰ - Vide as conferências do Professor Aminetore Fanfani sobre Direito Corporativo em Porto Alegre e as relativas à literatura italiana no fascismo do Prof. Ferruccio Rubbiani na faculdade de Direito da USP em 1938 em ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 6, p. "Manifestazioni varie", Informe Embaixada

Outro método bastante eficiente para fomentar o intercâmbio cultural Brasil/Itália foi a transferência de professores universitários italianos para lecionar no Brasil. A maioria se fixou em São Paulo e lecionou na USP⁸¹, mas alguns permaneceram no Rio de Janeiro e até em lugares mais distantes, como Porto Alegre⁸². Há referências a estes professores já em 1934 e 1935⁸³ e, ainda em 1940, são mencionadas oito cátedras universitárias ocupadas por eles em todo o país (PUCCINI, 1940, p. 77) e aparecem denúncias sobre os artifícios usados pelo governo italiano para consolidar sua presença no país⁸⁴.

Entre os nomes mais famosos dentre esses intelectuais, devemos recordar De Falco (literatura italiana), Albanese (geometria), De Fiore (geologia), Piccolo (literatura italiana), Fantappiè (matemática), Galvani (estatística), Onorato (mineralogia), Wataghin (física), Ochialini (física) e Ungaretti (literatura italiana) (TRENTO, 1989, pp. 300-301), os quais colaboraram muito, sem dúvida, para a divulgação da cultura e da ciência italianas no Brasil e para o enriquecimento intelectual brasileiro.

É necessário observar, porém, que não só a maioria desses intelectuais tinha convicções políticas próximas ao fascismo (TRENTO, 1989, p. 301), como eles fizeram questão de incluir

italiana de 1/6/1938 e b. 278, f. 14, sottof. 1, p. "Brasile - propaganda italiana", relatório Consulado de Porto Alegre, 24/8/1938.

⁸¹ - Para informações sobre professores italianos na USP, vide Idem, b. 276, f. 10, sottof. 8, p. "SP-Universit' /Professori italiani" e "Varie". Ver também D'AMBROSIO (1987).

⁸² - Para a nomeação de dois docentes italianos na Faculdade de Engenharia de Porto Alegre, vide Idem, b. 273, f. 10, sottof. 5, p. "Diffusione del libro italiano nel Rio Grande do Sul", relatório Consulado de Porto Alegre, 15/12/1938.

⁸³ - Ver, por exemplo, a apresentação deles, por parte do Embaixador Roberto Cantalupo, ao ministro da Educação Gustavo Capanema em 1935 in Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, Arquivo Gustavo Capanema, Série Correspondência, Rolo 2, f. 341, Carta sem data do Embaixador Roberto Cantalupo, mas provavelmente dessa época.

⁸⁴ - Segundo José de León (DE LEÓN, 1940, pp. 68-70), o governo italiano teria doado um *Instituto de Ciências Econômicas* à São Paulo, com a condição de metade do corpo docente ser italiano.

temas fascistas em suas atividades acadêmicas⁸⁵, o que levantou críticas de setores da opinião pública brasileira⁸⁶, mas que, no geral, colaborou para dar maior prestígio ao regime dentro dela⁸⁷.

A constituição de Institutos Culturais especialmente direcionados ao intercâmbio cultural italo brasileiro foi outra novidade do período. Coerentemente com seu caráter binacional, tais Institutos tinham dupla localização, no Brasil e na Itália.

Na Itália, já havia a vários anos, como mencionado anteriormente, o *Instituto Colombo*, destinado a melhorar as relações culturais da Itália com a América Latina. Em 1936, contudo, surgiu um órgão específico para as relações culturais italo-brasileiras, a associação *Amici del Brasile*. Essa associação surgiu como contrapartida à sociedade *Amigos da Itália* (formada em 1936 por intelectuais brasileiros amigos da Itália e do fascismo) e reunia dezenas de nomes de relevo da vida política, diplomática e intelectual italiana, incluindo aqueles que já haviam passado pelo Brasil (Fermi, Piacentini, Marconi, etc) e teve, com o apoio pessoal de Mussolini, ramificações em várias cidades da Itália, promovendo conferências, feiras, solenidades diversas (incluindo uma homenagem ao falecido Conde Matarazzo em Roma em abril/1937 que contou

⁸⁵ - Vide o relatório de atividades do Prof. Luigi Fontappiè de 25/10/1939, onde ele ressaltava a doação, graças a seus esforços, de muitos livros italianos para a USP. Na listagem desses livros, ao lado dos de matemática e os de Dante e Petrarca, não faltavam os clássicos de Mussolini e Gentile. Vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 276, f. 10, sottof. 8, p. "Varie", relatório de 25/10/1939.

⁸⁶ - Vide "Propaganda fascista na Universidade de São Paulo" in *A Platea*, 12/6/1934.

⁸⁷ - Não é casual, aliás, o fato do governo italiano lamentar o fato do grosso dos professores enviados não serem da área de humanas, os quais seriam mais úteis na propaganda italiana que os de exatas. Ver relatório nesse sentido da Embaixada italiana de 24/1/1940 em vide Idem, b. 274, f. 10, sottof. Brasile 1940, p. "Articoli - Giornali".

com a presença do próprio Ministro das Corporações (Edmondo Rossoni), publicação de livros⁸⁸, competições esportivas, etc⁸⁹.

Em 1938, a associação passou a ser subordinada justamente ao órgão sucessor do *Istituto Colombo*, ou seja, o *Centro Studi americani* de Roma e há sinais que sua atividade, que nunca foi tão ampla quanto gostariam seus fundadores, estava quase que interrompida por volta de 1941⁹⁰, um ano antes de seu fechamento definitivo. Ainda assim, houve tempo para a publicação, no mesmo ano, de uma biografia de Getúlio Vargas, o que se insere, como vimos, no esforço fascista de aproximação com o *Estado Novo*⁹¹.

No Brasil, além da citada associação *Amigos da Itália*, formada por brasileiros, o governo italiano mantinha uma série de institutos locais destinados à divulgação da cultura italiana, como o *Centro Cultural Ítalo Mineiro*, o *Centro Cultural Ítalo Rio grandense*, etc⁹². Também existiu, a partir de 1938, uma *Associazione brasiliana di studi italiani*, que promovia cursos de música, arte e língua italiana e conferências culturais com intelectuais brasileiros de renome (Aloísio de Castro, Tristão de Ataíde, Pedro Calmon, Oliveira Vianna) e cujos diretores eram considerados “facilmente controláveis” pela Embaixada⁹³, o que revela o caráter instrumental que o fascismo dava a tais institutos.

⁸⁸ - Ainda em 1941, a associação publicou um livro sobre os italianos do Brasil. Ver PETTINATI (1941).

⁸⁹ - Para essas informações sobre a criação e os primeiros passos dessa associação, vide AHI, 41/3/13, diversos despachos da Embaixada brasileira em Roma de maio/1936; vide ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 14, p. “Propaganda Culturale - 1937”, diversos documentos e ASMAE/MinCulPop, b. 49, p. “Ass. Amici del Brasile”.

⁹⁰ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 26, p. “Propaganda Culturale - 1941”, relatório do *Centro Studi americani* de 27/12/1941.

⁹¹ - Idem, nota de setembro/1941.

⁹² - ASMAE/MinCulPop, b. 14, p. “Propaganda Culturale - 1937”, folheto 15 e ADA, Rolo 4/380, código 832.00 F, relatório “Italian Activities in Brazil” de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 28-30.

⁹³ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottof. Brasile 1939, p. “Associazione brasiliana di studi italiani”, carta Luciano Gilli de 22/12/1938 e relatório Embaixada italiana de 27/1/1939.

Sem dúvida, porém, os mais importantes deles foram os diversos *Institutos Ítalo brasileiros de Alta Cultura*. Como visto anteriormente, um órgão com esse nome havia surgido em 1926, mas havia cessado suas atividades cerca de três anos depois. A idéia foi retomada posteriormente, e um novo Instituto, com o mesmo nome, foi criado no Rio de Janeiro em 1933, com colaboração financeira dos governos brasileiro e italiano (CERVO, 1992, p. 141) e direção de Aloísio de Castro e Vincenzo Spinelli. Outros Institutos com o mesmo nome foram criados posteriormente, especialmente em São Paulo, e suas atividades foram consideráveis, com cursos de língua e literatura italianas, história da arte e do direito, tradução de livros de intelectuais brasileiros para o italiano⁹⁴, palestras de personalidades como Guglielmo Marconi, etc. Há referências ao funcionamento desses Institutos no Rio de Janeiro⁹⁵ e em São Paulo⁹⁶ ainda em 1939/40, quando eles eram usados inclusive para manter as atividades culturais dirigidas aos italianos proibidas pelas leis de 1938. Sua influência parece ter se limitado, porém, aos grandes centros ou, em muitos casos, apenas ao Rio de Janeiro e São Paulo (TRENTO, 1989, p. 300).

Por fim, completando o quadro da política cultural do regime destinada ao Brasil entre 1936 e 1940, não podemos esquecer que as atividades culturais dos *Dopolavoro*, das *Casas d'Italia*, das seções locais da *Dante Alighieri*, de associações como a *Muse Italiche*, etc foram sendo cada vez menos restritas ao público italiano, passando a atingir também o público brasileiro e que, portanto, as redes de propaganda italiana para os italianos locais e seus descendentes e para os brasileiros em geral vão acabar se cruzando nessa segunda metade dos anos 30.

⁹⁴ - Vide, por exemplo, DE CARVALHO (1936) e CALMON (1939).

⁹⁵ - Idem, relatório Embaixada italiana 18/12/1939 e f. 10, sottof. Brasile 1940, p. "Propaganda - Rio de Janeiro", relatório Embaixada italiana, 15/4/1940.

⁹⁶ - Idem, b. 276, f. 10, sottof. 8, p. "Istituto di Alta Cultura Italo brasiliano", diversos documentos.

Ainda sobre as atividades culturais do regime no Brasil nesse momento, é necessário fazermos algumas observações sobre o caráter dessa maciça propaganda dirigida pelo governo fascista à opinião pública brasileira no período considerado.

A primeira observação a ser feita se refere ao caráter dessa propaganda cultural. Parece evidente, a luz do já exposto, que ela não era, de forma alguma, neutra e que o interesse em transmitir, dentro de concertos, exposições, palestras e outras atividades culturais e artísticas, uma carga ideológica fascista, é manifesto⁹⁷.

De fato, dizer que a cultura é algo imparcial e neutro seria absolutamente errôneo⁹⁸ e os próprios representantes do fascismo no Brasil não deixavam de ressaltar como a difusão cultural não só era um tipo de propaganda, como um dos melhores, dada sua sutileza e discrição⁹⁹.

Essa tentativa de fundir a propaganda com a difusão da cultura não era, porém, um simples expediente tático do fascismo. Como ressaltado anteriormente, o regime fez, especialmente nos anos 30, um imenso esforço para quebrar a divisão cultura de elite/cultura popular e criar uma cultura fascista capaz de transmitir a experiência do fascismo ao mundo e superar os limites da mera propaganda (CANNISTRARO, 1975^a e PETRACCHI, 1995).

⁹⁷ - De fato, se examinarmos a propaganda italiana no Brasil durante a I Guerra Mundial (TOSI, 1977) e seus métodos - distribuição de artigos e telegramas, conferências, propaganda cultural - veremos que eles estão próximos da propaganda fascista, que se diferencia da mesma, porém, por uma maior força e organização e justamente por um fundo ideológico que não aparecia na propaganda da época da I Guerra Mundial, que girava em torno da idéia da "guerra justa dos italianos". Note-se, além disso, como a propaganda cultural do fascismo no Brasil na década de 20, já apresentada, não só era muito inferior, em volume, a dos anos 30, como tinha uma carga ideológica muito menor, o que reflete as mudanças vividas pelo regime fascista entre as duas décadas e que não significa dizer, claro, que ela era inexistente.

⁹⁸ - Vide, a propósito, o debate entre Giuseppe Prezzolini e Daria Frezza Bicocchi sobre o caráter "imparcial e cultural, sem orientação política" que o primeiro procurava atribuir à sua ação cultural na *Casa Italiana de Columbia University* nos anos 30 e as demolidoras críticas da autora em PREZZOLINI (1976); DE FELICE (1982); BICOCCHI (1970 e 1971) e FREZZA (1985). Ver também a contínua "ideologização" da política cultural da *Società Dante Alighieri* em SALVETTI (1995).

⁹⁹ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottof. Brasile 1940, p. "Articoli - Giornali", relatório Embaixada italiana de 24/4/1939 e ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 12, p. "Stampa - 1937", f. 3, relatório Embaixada italiana de 28/9/1937.

Esse esforço de criação da cultura fascista teve algum retorno¹⁰⁰, mas é um fato que o regime não conseguiu fazer com que ela atingisse os resultados esperados de síntese da propaganda e da cultura de massa com a cultura de elite. De fato, apesar dessa tentativa ter aproximado o mundo da propaganda e o da cultura em níveis desconhecidos na Itália pré fascista, não foi possível, por diversas razões, quebrar a identidade dos mesmos, o que representou o fracasso da idéia de construção de uma cultura fascista. A experiência da propaganda italiana no Brasil, onde propaganda, ideologia e cultura de elite se aproximaram fortemente, mas jamais se fundiram, é exemplar desses sucessos e fracassos do fascismo nos campos da cultura e da propaganda.

Cumprir ressaltar também que o esforço de propaganda e difusão cultural do fascismo não foi uma exclusividade do Brasil, com imensos esforços sendo dedicados à países como França (SERRA, 1986; MILZA, 1986), Inglaterra (SERRA, 1986^a), Suíça (CODIROLI, 1988, 1990 e 1992), Hungria (PETRACCHI, 1995) e outros. Em cada um desses contextos, além disso, a propaganda fascista procurava se adaptar (nem sempre, como veremos, com sucesso) às realidades locais e aos objetivos da política externa italiana e interagiu não só com a contra propaganda local como com as máquinas de propaganda de outros países que porventura estivessem presentes. Isso ocorreu, por exemplo, na Suíça, onde houve uma verdadeira guerra de propaganda e difusão cultural com o governo federal suíço pelo domínio cultural e ideológico do cantão Ticino (CODIROLI, 1992, cap. 3).

A veracidade dessa informação é absolutamente cristalina quando examinamos o caso brasileiro. De fato, esse período de 1936 a 1940 é realmente um momento único da história brasileira, quando o país foi transformado, nos dizeres de Ricardo Seitenfus (SEITENFUS, 1984,

Vários observadores indicaram, aliás, como a propaganda italiana, que valorizava mais o cultural e era mais discreta, causava menos reação negativa entre os brasileiros que a agressiva propaganda alemã. Ver PRO, FO 930/34, "Report on Latin America" de 9/8/1939, pp. 165-166 e FO 371/21428, A1241, recorte Cateledge, Turner. "Fascist publicity sweeping Brazil" in The New York Times, 3/2/1938.

¹⁰⁰ - Vide ampla bibliografia a respeito da cultura fascista em CODIROLI (1987).

item V), em campo de disputa ideológica das grandes potências. Nesse jogo, a grande batalha foi travada, sem dúvida, entre Estados Unidos e Alemanha. Atores secundários como o Reino Unido¹⁰¹, a França e a Itália também estiveram, porém, presentes.

De fato, temos indicações de que a propaganda dos governos inglês e francês sofreu um movimento ascendente no Brasil entre 1936 e 1940. Quem, porém, saiu de uma situação de quase inatividade em termos de propaganda e política cultural para um esforço redobrado e maciço nessas áreas foram os governos da Alemanha nazista¹⁰² e, especialmente, o dos Estados Unidos que, impressionado com a possibilidade do Eixo (e sobretudo da Alemanha) fincarem pé na América Latina via influência econômica, colônias de imigrantes e difusão das idéias nazi-fascistas (AIKMAN, 1940; SILVEIRA, 1992; HAGLUND, 1984 e COBBS, 1992), deram início a um monumental esforço para recuperar o terreno perdido nessas áreas¹⁰³.

¹⁰¹ - Para uma quantidade imensa de documentação sobre a propaganda inglesa no Brasil, vide PRO, FO/371, inúmeras pastas. Estas pastas também trazem muitos documentos sobre a propaganda alemã e americana no Brasil.

¹⁰² - Além de inúmeras menções na documentação de época, vide um relato de alemães solicitando mais recursos ao seu governo para suborno e para a necessária ampliação da agência de notícias *Transocean* para enfrentar a *Associated Press* e a *United Press* em SILVEIRA (1992). Ver também, sobre a propaganda alemã, AERJ/DOPS, Acervo DESPS, notação 52, relatório "Pequeno resumo da organização da propaganda alemã", com uma longa análise das atividades alemãs relativas à rádios, imprensa, etc.

¹⁰³ - Para um resumo dos imensos esforços desprendidos pelo governo americano na guerra de propaganda na América Latina nos anos 40 e uma visão dos infinitos recursos que eles destinaram à essa tarefa, ver MENEGHELLO (1996); PRADO (1995) TOTA (1993) e, especialmente, MOURA (1984). Ressalte-se, porém, que essas obras abordam especialmente o período áureo da propaganda americana, ou seja, os anos entre 1940 e 1945, sendo menos analisado o final dos anos 30, quando a propaganda americana já começava (ainda que certamente não atingindo o nível dos anos 40) a se solidificar.

Ver também NEWTON (1992) para uma bibliografia geral sobre a disputa política, econômica e ideológica entre alemães e americanos na América Latina. Os arquivos americanos a respeito (e especialmente o imenso fundo RG 239 - Records of the Office of Inter-American Affairs, do National Archives) ainda são, apesar de sua riqueza, pouco explorados e mereceriam uma maior atenção dos pesquisadores do Brasil, país que, pelo volume proporcional de documentação, era realmente o país chave dessa disputa.

Não é certamente este o espaço para uma reconstrução detalhada do trabalho desenvolvido pelas diversas embaixadas na tentativa de conquistar a opinião pública brasileira¹⁰⁴. Impossível não notar, porém, o quanto os métodos para essa conquista eram semelhantes, com o governo americano, por exemplo, fazendo maciça divulgação de seu idioma, promovendo o intercâmbio intelectual entre Brasil e Estados Unidos, ampliando o alcance de sua radiofonia¹⁰⁵, subsidiando com amplos recursos financeiros a publicação de jornais e revistas¹⁰⁶, etc.

Mais interessante, porém, que o fato dos métodos de conquista da opinião pública pelas várias embaixadas serem semelhantes¹⁰⁷ é a visualização do inter cruzamento e da competição feroz entre essas redes de propaganda¹⁰⁸. Como seria de se esperar, ingleses, franceses e americanos cooperavam entre si na defesa do bloco democrático e ao menos alguns contatos foram

¹⁰⁴ - Um grande volume de documentos sobre essa "Guerra das Embaixadas" pode ser localizado em AERJ/DOPS, Pastas temáticas, setores Estados, alemão, japonês, norte-americano, italiano, inglês, francês e outros. Para indicações sobre essa documentação, vide ARQUIVO (1996).

¹⁰⁵ - Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottof. Brasile 1940, p. "Esposizione del libro americano a Rio de Janeiro", relatório Embaixada italiana de 16/8/1939. Ver também GELLMAN (1979).

¹⁰⁶ - ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, b. 39/b 1939, p. "Brasile - Movimento sovversivo antifascista", relatório do fascio de São Paulo, 20/7/1939; ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 15, p. "Brasile - Italia", f. 6, relatório Embaixada italiana de 18/10/1938 eb. 21, p. "Rapporti Politici" 1939, Informe Consulado de São Paulo, 24/8/1939.

¹⁰⁷ - O governo brasileiro nunca criou no exterior, obviamente, uma rede de propaganda equivalente à montada pelos países europeus e pelos EUA no Brasil. Muitas vezes, porém, até o governo brasileiro fez uso de métodos semelhantes para influenciar a opinião pública desses países em senso pró brasileiro. Para ficarmos no caso da Itália, vide informações sobre subvenções indiretas (assinaturas) a jornais, divulgação de livros e folhetos, conferências de intelectuais brasileiros na Itália e distribuição de condecorações à cidadãos italianos em AHI, Ofícios da Embaixada brasileira de Roma, 1927 (229/3/10), Ofício de 3/2/1927 e 1934/35 (41/3/10), ofícios diversos.

¹⁰⁸ - Ver o interessante telexpresso da Embaixada italiana de 31/12/1936, onde se informa que unidades navais inglesas, francesas, alemãs e americanas haviam visitado o Brasil recentemente e que era fundamental o envio de uma divisão naval italiana para que os interesses italianos e sua influência no país fossem custodiados e para que a Itália não ficasse para trás na guerra de propaganda em ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 11, f. 1.

Ver também um telegrama da Embaixada francesa ao *Ministre des affaires etrangeres* em 18/3/1936, onde se comunicava que jornais pró alemães haviam publicado notícias tendenciosas sobre a remilitarização da Renânia e Locarno e como a "nossa" Havas havia "contra-atacado", o que indica como até mesmo ao nível da linguagem uma rede de propaganda era sempre pensada em oposição às

estabelecidos entre as redes italiana e alemã. Curiosamente, contudo, ao mesmo tempo em que demonstram imensa sensibilidade para qualquer possível avanço dos americanos¹⁰⁹, os italianos parecem ter procurado evitar uma associação ostensiva com os alemães¹¹⁰, o que reflete não só as oscilantes relações entre as potências fascistas, como também o cuidado italiano em não perder a sua relativa popularidade no país pela associação direta com os temidos e odiados alemães¹¹¹.

O momento de maior crescimento das redes de propaganda estrangeiras no Brasil e de maior conflito entre elas estava, porém, ainda por vir: a Segunda Guerra Mundial.

O II Conflito Mundial e a propaganda italiana, 1940-1942

Com o início das hostilidades em 1939 e a entrada da Itália na guerra em 1940, a propaganda dos Aliados cresceu exponencialmente no Brasil, com os americanos reforçando sua

outras. Telegrama constante em Documents Diplomatiques Françaises, 1932-1939, Segunda Série (1936-1939), Tome 1, doc. 459.

¹⁰⁹ - Vide, por exemplo, documento italiano de 29/3/1938 pedindo recursos para combater a propaganda “semita e americana” no Brasil em AESP/DOPS, Prontuário 613 (“César Rivelli”).

¹¹⁰ - Em 1938, por exemplo, a revista Obra Prima do Brasil, do Rio Grande do Sul, ia lançar um número especial sobre a colonização italiana e alemã no estado e pedia apoio do governo italiano. O MinCulPop recusou-se a dar esse apoio e alertou para o risco de serem associados aos alemães. Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 278, f. 14, sottof. 1, p. “Propaganda Culturale in Brasile”, Appunto de 1938 do MinCulPop.

¹¹¹ - Voltaremos a esse tópico no capítulo seguinte.

própria estrutura de propaganda e enviando auxílio financeiro e logístico aos ingleses¹¹², além de colaborar na vigilância de alemães e italianos¹¹³.

Foi a propaganda inglesa, porém, que sofreu maior realce nesses anos iniciais do conflito. Contando com apoio da pequena, mas rica e influente, coletividade britânica local e das multinacionais britânicas para o fornecimento de fundos extras¹¹⁴, a Embaixada do Reino Unido ampliou seu serviço de imprensa e propaganda¹¹⁵ e começou a distribuir imensas quantidades de folhetos e artigos, muitos deles em alemão e italiano, para jornais e para a população em geral¹¹⁶, além de reforçar seu serviço cultural¹¹⁷ e organizar, através da *British Chamber of Commerce* de São Paulo, o boicote das empresas alemãs e italianas locais¹¹⁸. Segundo o DOPS do Rio de

¹¹² - ACS/MinCulPop, DGP, b. 278, f. 14, sottof. 1, p. "Viaggi in Italia"; ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 24, p. "Rapporti Politici - 1940", relatório Embaixada italiana de 1/5/1940 e AERJ/DOPS, Série Temática "Inglês", p. 1, Dossiê "Embaixada inglesa", informe de 31/7/1941..

¹¹³ - Vide PRO, FO 128/340, informe Consulado britânico de Recife, 4/7/1941.

¹¹⁴ - Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 24, p. "Rapporti Politici - 1940", relatório Embaixada italiana de 1/5/1940; PRO, FO 128/393, Informe Embaixada britânica do Rio de Janeiro, 22/1/1941 e AERJ/DOPS, Série Temática "Inglês", Pasta 3, Dossiê "Serviço Secreto Inglês", vários documentos.

¹¹⁵ - Além de iniciar a exibição de filmes, o serviço teria passado de oito para dezessete funcionários, dos quais dois "franceses livres". Vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 278, f. 14, sottof. 1, p. "Propaganda inglese nel Brasile", Informe Consulado de São Paulo, 28/9/1939 e AERJ/DOPS, Série Temática "Inglês", Pasta 3, Dossiê "Serviço de Propaganda e Imprensa da Embaixada britânica", informe de 23/4/1941.

¹¹⁶ - Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 278, f. 14, sottof. 1, p. "Propaganda inglese nel Brasile", Appunto MinCulPop, 20/6/1940; AERJ/DOPS, Série Temática "Inglês", p. 1, Dossiê "Embaixada inglesa" e uma amostragem substancial desses folhetos em AERJ/DOPS, fundo DESPS, Notação 51 e na listagem de material apreendido.

¹¹⁷ - AERJ/DOPS, Série Temática "Inglês", p. 3, Dossiê "Sociedade Britânica de Cultura inglesa", diversos documentos.

¹¹⁸ - AERJ/DOPS, Série Temática "Inglês", p. 1, Dossiê "Embaixada inglesa", circular de 25/7/1940 com a "lista negra" de empresas a serem boicotadas e atualização da mesma de 1942.

Os americanos também apoiaram, mesmo antes de sua entrada oficial na guerra, esse boicote e ajudaram os ingleses na tarefa de impedir as empresas brasileiras de comerciar com o Eixo e empregar cidadãos italianos e alemães. Para desgosto do Consulado italiano de São Paulo, essa pressão era tão eficiente que até empresas de cidadãos italianos (incluindo os grandes industriais) cederam às exigências aliadas. Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 24, p. "Propaganda Culturale 1940", Informe Consulado de São Paulo, 30/8/1941.

Janeiro, além disso, dezenas de agentes do *Intelligence Service* foram enviados ao Brasil para combater a propaganda e a espionagem do Eixo¹¹⁹ e os órgãos diplomáticos britânicos discutiram longamente sobre como melhorar e amplificar a propaganda de Londres no país¹²⁰.

Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, o esforço de propaganda americano (suplementado pelo de ingleses e franceses¹²¹) cresceu ainda mais, como inúmeros despachos da Embaixada italiana e das delegacias do DOPS não cessavam de ressaltar. De fato, diversos informes sobre filmes, distribuição de notícias e de artigos, intercâmbio de intelectuais, subsídios a jornais, etc por parte dos americanos não param de ser enviados pelos órgãos italianos do Brasil ao *Ministero degli Affari Esteri* e ao *MinCulPop*, o que revela a imensa força da propaganda americana nesse período.

O mesmo pode ser dito da propaganda alemã, que também sofreu um forte incremento nesse momento justamente para combater a propaganda aliada. Nessa reação, uma farta distribuição de folhetos e material de propaganda, a organização de sessões cinematográficas

Para informações de como esse boicote foi tão forte que chegou a irritar até mesmo o governo brasileiro e pessoas pró americanas como Osvaldo Aranha, ver HILTON (1994, pp. 368-372).

¹¹⁹ - Idem, p. 3, Dossiê "Serviço Secreto inglês", lista organizada pelo DOPS. Para mais informações sobre a espionagem alemã e italiana, vide cap. 3.

¹²⁰ - PRO, FO 218/393, informes diversos da Embaixada britânica de 1941 e, especialmente, o memorando "British Propaganda Services" de março/1941.

O governo inglês também questionou sua Embaixada sobre a validade de se apoiar o renascer do movimento antifascista italiano no Brasil como parte do esforço de guerra, mas a mesma informou não só ser desnecessário (pois a imensa maioria da coletividade italiana era fiel ao Brasil) como perigoso e inútil, pois os antifascistas estavam fracos demais para serem de alguma utilidade. Vide PRO, FO 218/393, vários documentos. Ver também BERTONHA (1997).

¹²¹ - Um tema curioso para uma monografia seria a do relacionamento entre a propaganda que o regime de Vichy fez no país durante um certo tempo e o seu choque com a dos grupos de "franceses livres" que surgiram rapidamente no Brasil a partir de 1940. Vide documentação a respeito em AERJ/DOPS, Série Temática "Francês", diversas pastas; fundo DESPS, Notações 9 e 58; ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 25, p. "Rapporti Politici - 1941", diversos documentos; PRO, FO 218/409 e ACS/MinCulPop, DGP, b. 275, f. 10, sottof. 7, p. "Propaganda francese nella stampa carioca - brasiliana".

próprias, o subsídio a rádios, jornais e jornalistas (pago, muitas vezes, com o auxílio das multinacionais alemãs) e métodos análogos aos dos outros competidores voltaram a ser usados¹²².

É a esse contexto que a propaganda italiana teve que se adaptar. Para tanto, ela prosseguiu o seu já tradicional esforço de fornecimento de publicações e notícias para os jornais¹²³ e de controle e suborno dos mesmos¹²⁴, distribuição de filmes e noticiários para as rádios¹²⁵, etc. A propaganda cultural também continuou¹²⁶.

Nesse momento, o governo italiano começou a coordenar seus esforços de propaganda com os da Alemanha a um nível antes desconhecido, com subsídios unificados a jornais, sessões cinematográficas conjuntas, etc¹²⁷. Parece óbvio que isso só ocorreu porque, com a aliança italo-germânica na guerra, não só era impossível manter o sempre presente cuidado italiano em não se associar abertamente ao nazismo aos olhos da opinião pública brasileira, como era muito mais racional e econômico o trabalho coordenado de ambos.

¹²² - Ver AERJ/DOPS, Série Temática "Alemães" e, no mesmo arquivo, o fundo DESPS, Notação 52. Ver também PERAZZO (1996).

¹²³ - Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottof. Brasile 1940 e bn. 275, f. 10, sottof. 7, p. "Propaganda italiana a Rio de Janeiro", diversos documentos. e ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 26, p. "Stampa - 1941" e "Varie".

¹²⁴ - O Consulado italiano de São Paulo organizou, por exemplo, um "pool" de empresas italianas para possibilitar a compra e/ou conquista de vários jornais em São Paulo. Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 275, f. 10, sottof. 7, p. "Propaganda italiana a Rio de Janeiro", Informe Consulado italiano de São Paulo, 9/12/1940.

¹²⁵ - Idem, relatório Consulado de São Paulo, 17/10/1941.

¹²⁶ - Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 24, p. "Rapporti Politici - 1940", relatório Embaixada italiana de 3/1/1940 para ampla análise da situação da cultura italiana no país e as medidas práticas para acelerar a sua difusão. Ver também ACS/MinCulPop, DGP, b. 275, sottof. 7, p. "Mostra fotografica italiana - Rio de Janeiro" e outras.

¹²⁷ - Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 26, p. "Stampa - 1941", diversos documentos; AERJ/DOPS, fundo DESPS, Notação 52, diversos documentos e um informe da Embaixada italiana de 26/9/1940 em ACS/MinCulPop, DGP, b. 275, sottof. 7, p. "Pellicole ed apparecchi cinesonori".

Podemos ter, assim, uma visão mais clara do esforço italiano destinado à opinião pública brasileira desde os anos 20 até o período áureo do fim dos anos 30 e da II Guerra Mundial. Esse foco dirigido à propaganda italiana pode, contudo, nos levar a uma visão equivocada sobre o seu poder e a sua eficiência. Realmente, o fato de nos centrarmos na propaganda italiana e de abordarmos apenas marginalmente a propaganda das outras potências envolvidas nessa “Guerra de Embaixadas” pode criar uma perspectiva errônea e superestimar a capacidade dos italianos e sua real influência nessa disputa. Para relativizar tal perspectiva, é fundamental abordarmos os problemas e defeitos da máquina de propaganda italiana instalada no Brasil e a balança de poder dessa máquina com suas rivais no período considerado.

Os defeitos da estrutura de propaganda italiana no Brasil

Os órgãos representativos do governo italiano e do *Partito Nazionale Fascista* no Brasil eram sempre os primeiros a reconhecer os defeitos e as limitações de seu sistema de propaganda. Problemas no sistema de radiodifusão, na distribuição de publicações, etc são uma constante na documentação italiana e várias vezes, no decorrer do capítulo, fizemos breves comentários sobre eles. Essa mesma documentação faz, além disso, contínuas referências sobre as dificuldades nos dois esquemas chave do sistema de propaganda italiano no país: o controle dos jornais e a exibição de filmes, as quais merecem ser discutidas em detalhe.

Com relação à fotografias e artigos, não só ainda em 1939/40, a agência de notícias italiana *Stefani* não havia conseguido organizar perfeitamente seu serviço de distribuição de

notícias no Brasil¹²⁸, como são constantes as lamentações dos consulados sobre o fato que a maioria dos artigos e das fotos que eram enviadas aos jornais não eram publicados na íntegra¹²⁹. Tanto que, em um relatório de outubro de 1936, no qual são analisados os esforços de propaganda no Brasil entre janeiro e setembro de 1936, surge a informação que, dos 224 artigos e 2235 fotografias enviadas ao país no período, só 8 artigos e 35 fotografias foram realmente publicados¹³⁰. Um número certamente exagerado de recusas e que caiu no período posterior. Um sinal claro, porém, das dificuldades que a falta de coordenação dos esforços italianos e sua escassa adaptabilidade ao contexto local¹³¹ traziam ao trabalho de propaganda italiano.

Outro indicador das dificuldades da propaganda italiana nessa disputa de posições na imprensa vem de uma série de relatórios que o Consulado italiano de São Paulo enviou à Embaixada em 1941¹³². Nesses relatórios, o consulado informou sobre diversas atividades de propaganda (distribuição de distintivos do Eixo, conferências e livros sobre a guerra italiana, etc), que os telegramas *Stefani* estavam sendo enviados e divulgados por várias rádios do estado, que a maioria dos jornais aceitava os boletins de guerra, telegramas, fotos e artigos enviados pelo Consulado, etc. O relatório de 14/10/1941 traz, porém, uma interessante tabela onde constam o

¹²⁸ - ACS/Agencia Stefani, Ufficio Liquidazione, b. 54, p. 3. Ver também PRO, FO 371/25969, A 2275, Informe da inteligência militar de 20/3/1940.

¹²⁹ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 276, f. 10, sottof. 8, p. "Propaganda Italiana all'estero", relatório do Consulado de São Paulo de 20/7/1939 e b. 273, f. 10, sottof. 4. P. "Fascismo e rexismo", relatório do Consulado de São Paulo de 28/4/1939.

¹³⁰ - Idem, b. 273, f. 10, sottof. 47, p. "Fascismo e rexismo", relatório para o MAE de 9/10/1936. Seria útil ter os mesmos números para a propaganda inglesa ou americana, por exemplo, mas tais números não estão disponíveis atualmente.

¹³¹ - Vide uma discussão sobre a necessidade de uma política coordenada de subsídios aos jornais brasileiros (através da criação de uma Agência de Publicidade italiana) e de um material de propaganda mais bem elaborado e que não cometesse gafes como insultar a raça negra num país onde ela era abundante in ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 16, p. "Integralismo - 1938", relatório sem data mas provavelmente de 1937 e ACS/MinCulPop, DGP, b. 276, f. 10, sottof. 8, p. "Propaganda italiana all'estero", relatório do Consulado de São Paulo de 20/7/1939.

¹³² - Idem, b. 275, f. 10, sottof. 7, p. "Propaganda italiana a Rio de Janeiro", relatórios do Consulado de São Paulo de 18/4, 17 e 24/10/1941.

número de telegramas publicados por cada Agência de notícias nos jornais de São Paulo, Santos e Campinas em agosto/1941:

“AGÊNCIA	N. TELEGRAMAS	CENTÍMETROS DE COLUNAS
Agência Nacional (Brasil)	1.961	16.536
Associated Press (EUA)	1.847	8.734
DOMEI	232	1.901
HAVAS (França)	3.877	22.695
RDV	111	1.592
Reuter (Reino Unido)	9.928	68.275
United Press (EUA)	10.689	48.378
Transocean (Alemanha)	5.279	38.097
Stefani (Itália)	3.071	17.933”

Essa tabela confirma o enorme esforço feito pelos italianos (e também pelos alemães) no sentido de divulgar a sua propaganda e que algum resultado positivo foi obtido, mas indica que, mesmo nesse momento de guerra e de esforço máximo, a avassaladora superioridade das agências aliadas e, principalmente, americanas era indiscutível. O mesmo pode ser dito quando analisamos o item filmes.

De fato, a disputa cinematográfica também revela algumas debilidades da propaganda italiana. Vejam-se, por exemplo, os filmes exibidos no Brasil em 1937 e sua metragem na seguinte tabela:

PAÍS	FILMES	METROS DE FILMES
Estados Unidos	1.324	1.179.932
Alemanha	138	107.435
França	51	70.330
Itália	35	24.552
Reino Unido	23	27.531
Portugal	11	13.365
Japão	10	9.692
Brasil	?	120.941 ¹³³

Vários outros informes do MinCulPop desde 1935 até 1941 também ressaltam a competição com os americanos e como estes controlavam o mercado de filmes comerciais, cinejornais, etc. Para explicar essa vitória dos Estados Unidos sobre alemães e italianos¹³⁴, os responsáveis pela propaganda italiana no Brasil não hesitavam em ressaltar os defeitos e problemas de sua estrutura de distribuição e venda de filmes no país: qualidade técnica e artística dos filmes a desejar¹³⁵ e pouco adaptáveis à realidade brasileira¹³⁶; aluguel caro dos filmes

¹³³ - PRO, FO 930/34, relatório "Report on Latin America" de 9/8/1939, p. 16

¹³⁴ - Ver outra confirmação de como, malgrado o imenso esforço, os filmes e cinejornais alemães e, ainda mais, italianos, eram muito menos difundidos que os americanos em PRO, FO 371/21428, A1453, relatório "Annual Report for Brazil - 1937" de 26/1/1938, pp. 28-29.

¹³⁵ - Idem, b. 272, f. 10, sottof. 2, p. "Invio di films nel Brasile", carta de Alberto Radolfi (Rio de Janeiro) à Embaixada italiana, 18/6/1934.

¹³⁶ - Idem, b. 274, f. 10, sottof. Brasile - 1940, p. "Pellicole - Fotografie", Telexpresso da Embaixada italiana de 12/6/1937.

italianos enquanto muitos dos alemães e americanos eram gratuitos ou mesmo subsidiados¹³⁷; sistema de distribuição insuficiente¹³⁸ que fazia, por exemplo, com que os cinejornais LUCE chegassem sempre atrasados e desatualizados¹³⁹; boicote dos inúmeros cinemas controlados pelos americanos¹⁴⁰ e, finalmente, o problema representado pela censura¹⁴¹ a partir do momento em que o governo brasileiro, malgrado suas simpatias pelo fascismo, começou a inclinar-se para o campo aliado.

No campo da radiofonia, a mesma situação de inferioridade italiana se repete, como mostra a seguinte tabela de horas de transmissão em português para o Brasil do exterior em 1939:

Estados Unidos:	63 horas
Alemanha:	56 horas
Reino Unido	20 horas

¹³⁷ - Idem, b. 272, f. 10, sottot. 3, p. "Propaganda italiana a Curitiba", Informe Consulado Curitiba, 18/2/1935; b. 275, f. 10, sottot. 8.7, p. "San Paolo - Brasile - Giornale Luce - Italfilm", Memorando do tenente Renato Bifano (Secretário dos *fasci all'estero* e da *Italfilm*, São Paulo) de 16/7/1940 e vários outros.

¹³⁸ - Idem, b. 272, f. 10, sottot. 2, p. "Invio di films nel Brasile", diversos documentos e b. 275, f. 10, sottot. 8.7, p. "San Paolo - Brasile - Giornale Luce - Italfilm", relatório da Embaixada italiana de 6/6/1940.

Para as dificuldades gerais para o aprimoramento do cinema italiano no entre guerras, apesar dos esforços do fascismo, vide GILI (1981).

¹³⁹ - Idem, b. 275, f. 10, sottot. 8.7, p. "San Paolo - Brasile - Giornale Luce - Italfilm", diversos documentos de outubro e novembro de 1940 e b. 277, f. 8, sottot. 2, p. "Pellicole e apparecchi cinesonori - SP", informes de 1941.

¹⁴⁰ - Idem, b. 273, f. 10, sottot. 4, relatório Consulado de São Paulo de 2/1/1937. O boicote aos filmes italianos e alemães feito pelos cinemas controlados pelos americanos chegou a tal ponto que os alemães começaram a comprar seus próprios cinemas. Os italianos, porém, aparentavam não ter recursos para tanto. Ver PRO, FO 371/25969 A6136, Informe da Embaixada britânica de 15/8/1941.

¹⁴¹ - Para informações sobre a crescente censura sobre os filmes do Eixo ea maior liberdade desfrutada pelos americanos. Vide ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 19, p. "Cinematografia" ; ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottot. Brasile - 1940, p. "Pellicole - Fotografie, Telexpresso Embaixada italiana 12/6/1937 e b.275, f. 10, sottot. 8.7, p. "Pellicole di Propaganda - SP", Appunto MinCulPop, 24/8/1938. Ver Também TRENTO (1989, p. 396).

Itália	10 horas
Japão	7 horas¹⁴²

Na realidade, fica evidente, à luz do exposto, que o problema central da estrutura de propaganda italiana no Brasil era a imensa escassez de meios e recursos financeiros para a sua real aplicação. De fato, não só iniciativas como a criação de uma Agência de publicidade italiana no Brasil e a incrementação do serviço radiofônico italiano no Rio de Janeiro foram suspensas por falta de dinheiro¹⁴³, como a Embaixada italiana era pródiga em solicitar reforços de verba para suas ações no Brasil, mas sem conseguir acompanhar a escalada promovida pelos alemães e, especialmente, pelos americanos. Tal incapacidade derivava, certamente, da crônica escassez de fundos do governo italiano no período e, principalmente, da pouca prioridade dada pelo governo italiano à sua ação no Brasil que, se era certamente um país estratégico e que recebia atenção de Roma, não era tão prioritário como, por exemplo, os países europeus, o que explica a relativa falta de recursos italianos para a propaganda no país.

Seria muito interessante se pudéssemos quantificar a soma de dinheiro gasta pelo governo italiano no seu esforço de propaganda no Brasil e compará-la com as suas equivalentes alemã, americana, inglesa e francesa, o que nos daria condições de verificar com mais precisão a relação de forças entre os diferentes competidores da guerra de propaganda.

Tais dados não estão, porém, disponíveis e levá-los numa pesquisa mais aprofundada nos arquivos dos diferentes países envolvidos seria um exercício que mereceria a atenção de um

¹⁴² - PRO, FO 930/34, relatório "Report on Latin America" de 9/8/1939, pp. 13-14.

¹⁴³ - ASMAE/MinCulPop, b. 49, p. "Agenzia Italiana de Pubblicità" e "Associazione brasiliana di studi italiani", carta de Luciano Gili de 22/12/1938 e ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottof. Brasile - 1940, p. "Agenzia di Pubblicità Italiana in Brasile".

pesquisador. Tudo o que temos até agora, de fato, são informações isoladas e que devem ser vistas com cautela, mas que confirmam o escrito anteriormente, ou seja, como, aparentemente, os recursos italianos para a propaganda no Brasil foram crescendo no decorrer da década de 30, mas como estes jamais conseguiram atingir os níveis daqueles disponíveis pelos alemães¹⁴⁴ e ingleses¹⁴⁵, para não falar dos americanos.

A disponibilidade de recursos financeiros não era, porém, o único elemento a ser levado em conta para explicar as dificuldades da propaganda italiana. No caso específico da propaganda cultural, por exemplo, onde o objetivo central dos italianos era superar a incômoda supremacia francesa, há várias menções, na documentação italiana, à imensa dificuldade em quebrar a tradicional francofilia das elites brasileiras e ao fato que a maioria dos esforços nesse sentido estavam rendendo frutos modestos tanto pela escassez de recursos como pela persistência desse traço cultural¹⁴⁶.

Outro elemento de enfraquecimento da propaganda italiana era a necessidade de transferir parte dos recursos destinados a ela para a vasta comunidade italiana local. Esse elemento e vários outros são exemplarmente delineados num lúcido relatório da Embaixada italiana de 1940, que convém citar longamente:

¹⁴⁴ - Os órgãos diplomáticos italianos no Brasil sempre recorriam à comparação com os alemães para justificar seus pedidos de mais recursos. Em agosto de 1940, por exemplo, a Embaixada italiana informou que, com sua verba de sete ou oito mil libras (oriunda de Roma e das coletividades italianas), ela mal conseguia subsidiar oito jornais (cinco do Rio de Janeiro e três de São Paulo), enquanto os alemães disporiam de nada menos de 400.000 libras para o mesmo fim. Números extremamente discutíveis, mas que dão uma idéia das dificuldades financeiras italianas. Vide ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 24, p. "Stampa", Informe Embaixada italiana de 16/8/1940.

¹⁴⁵ - A verba inglesa para propaganda no Brasil atingiu 250 contos de réis (250 mil libras) ao mês em 1941. Ver PRO, FO 128/393, carta Embaixada britânica do Rio de Janeiro ao Foreign Office, 13/3/1941.

¹⁴⁶ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 5, p. "Diffusione del libro italiano nel RS" e b. 274, f. 10, sottof. Brasile - 1940, p. "Varie", carta de Vincenzo Boffoni, livreiro italiano do Rio de Janeiro, à Embaixada, cerca de 1940.

“A propaganda estrangeira no Brasil - norte americana, francesa e britânica - se desenvolve em larga escala, deixando a nossa a uma longa distância. Esta Embaixada já indicou várias vezes as suas manifestações e sublinhou os seus efeitos.

Note-se, porém, que enquanto a maior parte dos nossos esforços, e das nostras despesas nessa rubrica, se dirigem às massas de italianos e italo-brasileiros - e assumem, portanto, formas adequadas a este objetivo, como as escolas primárias e secundárias, o Dopolavoro, etc - a propaganda dos outros países, com a exceção da Alemanha, não ligados à presença aqui de numerosas colônias, mira diretamente o público brasileiro e se dirige à média e alta burguesia e aos extratos mais cultos, sendo, especialmente com relação a estes últimos, ajudados pela larguíssima difusão da língua e da cultura francesa, difusão esta que permite o envio ao Brasil de companhias teatrais, a venda em larga escala de livros e revistas e, enfim, a benevolência de alguns dos mais importantes jornais (como o “Correio da Manhã”) pelo simples fato do público ter grande interesse nos acontecimentos da vida política e espiritual francesa.

Com outros meios - penetração econômica, exploração e corrupção de homens e entidades - age, em profundidade, a propaganda americana. As missões navais e militares dos Estados Unidos, a frota da “Boa Vizinhança”, as correntes turísticas, etc são outros úteis peões nas mãos dos agentes propagandísticos do Atlântico Norte.

Infuentíssimo, também, o cinema. Os filmes americanos - como é natural - inundam o mercado e são os mais bem recebidos (...)

Aos filmes ordinários devemos acrescentar os jornais cinematográficos. Da América do Norte chegam por avião quatro jornais por semana e são largamente distribuídos às salas de projeção. Da França chegam, também por via aérea, documentários e jornais Pathé e Havas, que agradam especialmente o público (...) e que são gratuitamente distribuídos, se não impostos, com cada fita francesa.

Desde o início da guerra, a propaganda naturalmente se intensificou e não só assumiu proporções mais vastas como abandonou o caráter - que até agora os franceses sabiam manter - de propaganda indireta para assumirem sem hesitação as formas mais abertas.”¹⁴⁷

Dada essa situação, não é difícil concordar com as análises de Mario Toscano (TOSCANO, 1980, pp. 248-250), o qual, após ressaltar as imensas dificuldades da propaganda fascista no Brasil, conclui que a mesma foi feita com escassez de meios, limitação de conteúdo,

¹⁴⁷ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 24, p. “Propaganda Culturale - 1940, relatório da Embaixada italiana de 3/1/1940.

com um contexto local desfavorável e com pouca perspectiva, assim, de influenciar a situação brasileira.

Ainda assim, é nossa opinião que a última afirmação de Toscano merece ser relativizada. Sem dúvida, ele está correto ao considerar que as debilidades da propaganda italiana ajudaram, como vimos no cap. 2, na falência de um projeto fundado na exportação de uma ideologia e na liderança italiana dessa ideologia. A propaganda italiana não foi, porém, cem por cento ineficaz e, através dela, a mensagem fascista foi transmitida - ainda que a níveis inferiores ao desejado - à parcelas significativas da sociedade brasileira, colaborando, junto com outras fontes de propaganda locais e externas (como os integralistas e a propaganda nazista), a alimentar a idéia fascista no Brasil do período¹⁴⁸ e a ampliar a sua popularidade, popularidade esta que merece ser vista, agora, em detalhes.

¹⁴⁸ - Ver as observações sobre como “grande parte da atividade fascista no país parece ter uma fonte externa” em NACP/Office of Intelligence Research, Division of Research for the American Republics, RG 59, 250/46/9/3-5, Entry 451B. Box 13, , relatório “The United States and Italians in Latin America”, p. 168.

Capítulo 7 - O fascismo italiano, o governo e a sociedade brasileira

No capítulo anterior, apresentamos a máquina de propaganda mantida pelo governo italiano com o objetivo de gerar uma imagem positiva do regime fascista entre os brasileiros. Resta agora discutir os efeitos reais dessa propaganda e tentar elucidar o grau de consenso obtido pelo fascismo entre os diversos grupos que formavam a sociedade brasileira daquele período. Ressalte-se que não discutiremos nesse capítulo, obviamente, apenas a reação da população brasileira à propaganda italiana, mas sim o seu relacionamento com as diversas imagens do fascismo italiano que chegavam ao país também pela propaganda italiana, mas não só através dela.

Antes de iniciarmos a discussão desses tópicos, porém, são fundamentais algumas observações metodológicas. Em primeiro lugar, é necessário ressaltar a dificuldade em se trabalhar a questão da opinião pública, objeto extremamente fluido e onde emoções subjetivas de difícil avaliação se sobrepõem às análises racionais e aos fatos mais objetivos (DIGGINS, 1972, pp. 1-3). Em outras palavras, o que queremos ressaltar é que nem sempre a relação das pessoas com o fascismo foi inteligível, lógica e, portanto, facilmente recuperável e que questões subjetivas como a empatia e a irracionalidade não devem ser descartadas (DIGGINS, 1966).

Posto isso, é básico deixar clara a opção do autor por um viés analítico que busca combinar uma avaliação global da popularidade do fascismo dentro da sociedade brasileira com estudos específicos sobre grupos particulares dessa sociedade. Tal posicionamento emana da convicção de

específicos sobre grupos particulares dessa sociedade. Tal posicionamento emana da convicção de que a imagem do fascismo não era uniforme e que ele podia significar coisas diferentes para pessoas e grupos sociais diferentes (DIGGINS, 1966). Daria Frezza Bicocchi (BICOCCHI, 1974) nos chama a atenção, porém, sobre como é problemático delimitar um tema tão vasto e que não basta dividir a sociedade em todos os seus grupos e divisões para conseguir resultados válidos: deve-se evitar a visão desses grupos como realidade estanques e percebê-los como articulados entre si numa rede de interesses e conflitos, que deve ser resgatada. Uma reflexão lúcida, que procuraremos, sem renunciar à opção metodológica mencionada, incorporar ao texto.

Nesse sentido, a primeira parte do presente capítulo visa formar um quadro geral da apreciação feita pela sociedade brasileira com relação ao regime fascista italiano no decorrer dos mais de vinte anos em que este esteve presente na vida e no imaginário dos brasileiros, o que nos obriga a seguir uma linha temporal precisa, que se inicia nos anos 20 e vai até a entrada do Brasil na Segunda Guerra mundial em 1942.

A sociedade brasileira e o fascismo: a evolução temporal da questão

Não há muita informação disponível sobre como a opinião pública brasileira via o fascismo no decorrer da década de 20. Isso se deve provavelmente ao fato do fascismo ainda ser considerado algo italiano e que não deveria interessar aos estrangeiros (DE FELICE, 1978, I, 1) e da concentração da propaganda de Roma, como visto no capítulo anterior, no interior das coletividades

italianas do Brasil. De fato, há registros de que, apesar das notícias vindas da Itália serem amplamente difundidas na mídia brasileira, o interesse pela ideologia fascista em si não era tão elevado e que uma grande ignorância persistia sobre ela².

Em linhas gerais, porém, pode-se dizer que, apesar dessa ignorância generalizada e de alguns poucos momentos em que a opinião pública se voltou contra o fascismo³, este era em geral bem visto como aquele que havia restaurado a ordem na Itália e iniciado um período de grandeza para ela. Ou, como dizia o Dr. Pessoa de Queiroz, diretor do Jornal do Comércio:

“Para aqueles que se recordam da situação italiana de alguns anos atrás, não pode existir nada além de admiração pelas idéias e pela obra da grande falange patriótica e regeneradora que acolhe no seu seio a fina flor da juventude italiana (...) e pelo Fascismo, que é a expressão das verdadeiras aspirações do país, ao qual restituiu a ordem e no qual eficientemente opera para o seu progresso e para a sua grandeza”⁴

Essa situação começou a se modificar no final da década de 20 e início da de 30, quando a opção fascista parou de ser vista como adequada apenas à Itália e as conquistas e realizações do

² - Vide ACS/SPD - Carteggio ordinario, b. 719, p. 210842, “Pro Memoria sulla propaganda italiana fatta nel Brasile dal Prof. Ferruccio Rubbiani, 1930”.

³ - Como foi o caso da grande comoção gerada pelo assassinato de Matteotti em 1924. Ver Documenti Diplomatici Italiani, Sétima Série, III, doc. 335, p. 194, telegrama de Badoglio à Mussolini, 25/6/1924. O próprio embaixador ressaltava, porém, que o sentimento antifascista logo havia se dissipado.

⁴ - “La Denigrazione del fascismo e le Dichiarazioni di una personalità brasiliana” in I fasci italiani all'estero, I, 5, 12/6/1924. Ver outra entrevista no mesmo tom em Il Legionario, III, 26, 26/6/1926.

regime passaram a ser observadas com maior interesse e atenção⁵. Dentre estas, a grande vedete era a teoria do corporativismo, que passou a atrair cada vez mais a atenção da intelectualidade e da opinião pública brasileiras⁶ a partir desse momento⁷. O interesse pelo fascismo, porém, ainda não era tão grande.

No meio dos anos 30, de qualquer forma, o fascismo teve a oportunidade de testar sua popularidade por ocasião de sua primeira grande aventura militar: a Guerra da Abissínia.

Como aconteceu em boa parte do mundo, a opinião pública brasileira parece ter se dividido no tocante à questão da guerra entre a Itália e a Abissínia e a primeira causa dessa divisão era ideológica. De fato, enquanto a solidariedade de idéias fazia os integralistas apoiarem a guerra fascista⁸, o oposto também era verdadeiro, com a esquerda brasileira condenando o regime de Mussolini e apoiando os antifascistas italianos em ação no Brasil⁹ na sua luta anti-guerreira.

⁵ - Vide os pedidos de informação de brasileiros sobre o fascismo nos arquivos do MinCulPop, que crescem notavelmente a partir dos anos 30. Ver também outros comentários nesse sentido em ADA, Rolo 4/380, Código 832,00, relatório "Italian Activities in Brazil", fotograma 19, p. 60.

⁶ - Vide RIOS (1959, p. 63) e MUNAKATA (1981).

⁷ - Vide as palavras favoráveis ao corporativismo pronunciadas pelo deputado Azevedo, presidente do Congresso Brasileiro, já em 1928, quando de sua visita à Itália, em Colombo, III, 2, 15/4/1928, pp. 84-85.

⁸ - Vide os jornais integralistas da época e a carta de 20/5/1936 do integralista Alberto Cotrin Duarte ao fascista Ettore Giorno comemorando, em nome da solidariedade fascista e latina, a vitória italiana e a derrota inglesa em ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 4, p. "Invio pubblicazione nel Brasile".

Em muitos lugares do Brasil, os integralistas comemoraram juntos com os fascistas italianos a conquista do Império. Para o caso de Capivari, pequena cidade do interior de São Paulo, onde integralistas e fascistas promoveram uma grande manifestação conjunta para comemorar a derrota abissínia, vide ALMEIDA (1997, vários momentos).

⁹ - Para considerações iniciais a respeito dessa colaboração, vide BERTONHA (1995).

A apreciação positiva do fascismo também fez largos setores das classes dirigentes e intelectuais apoiarem a agressão italiana¹⁰, enquanto o governo brasileiro, apesar de ser simpático ao fascismo e apoiar decididamente a Itália, parece tê-lo feito por interesses políticos e comerciais próprios e não por simples solidariedade ideológica¹¹. Ainda assim, é possível dizer que estes grupos tenderam a apoiar o fascismo na sua guerra.

Outro traço curioso que levou certas pessoas e, especialmente, os intelectuais, a apoiarem o fascismo foi um não diretamente ideológico: a “solidariedade latina”. Há, de fato, informes a respeito da publicação de livros sobre a latinidade no período¹², de conferências sobre o tema sendo pronunciadas¹³, etc., o que indica que a questão da “solidariedade latina” teve algum peso na tarefa de gerar simpatia entre a população brasileira para a guerra fascista. Ainda assim, o fato dessa questão da latinidade¹⁴ não ser, como foi em outros lugares, um catalisador e uma arma para o conflito político local¹⁵, diminuiu o seu efeito como instrumento de aproximação entre brasileiros e italianos no momento da guerra.

¹⁰ - Documenti Diplomatici italiani, Oitava Série, doc. 802, p. 821, telegrama de Cantalupo à Mussolini, 24/8/1935.

¹¹ - Idem, doc. 523, p. 498, telegrama de 30/10/1935; doc. 569, p. 545, telegrama de 6/11/1935 e doc. 523, pp. 498-500, telegrama de 30/10/1935.

¹² - ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 4, p. “Ave Roma”, Comunicado do Consulado de São Paulo, 14/7/1936.

¹³ - Ver FOÀ (1937).

¹⁴ - Para a reelaboração que o fascismo fez do conceito de latinidade de forma a poder utilizá-lo para seus fins, vide FILIPPI (1988).

¹⁵ - É realmente interessante notar como, em certos contextos, o posicionamento pró ou contra a guerra fascista interagiu diretamente com o equilíbrio político das etnias no interior de cada país, o que não ocorreu no Brasil. Para o caso suíço, onde a latinidade e a italianidade do cantão Ticino serviam como fator de equilíbrio entre os diferentes cantões, vide SIGNORI (1977). Para os casos belga e sul africano (onde valões e boers apoiaram a guerra fascista em oposição a flamengos e anglos), ver WEGNEZ (1974) e SANI (1990),

Quanto às classes populares, não parece haver indícios da existência de um grande e organizado movimento pacifista e de defesa da *Sociedade das Nações* como o que surgiu, por exemplo, nos Estados Unidos e, especialmente, no Reino Unido¹⁶. Por outro lado, também não há sinais de uma mobilização popular a favor da guerra e as próprias fontes fascistas são ambíguas a esse respeito¹⁷, o que dificulta a elaboração de conclusões definitivas. As fontes diplomáticas britânicas, contudo, nos esclarecem que a maioria dos brasileiros ficou com a Abissínia, “apesar da intensa propaganda conduzida pela Itália na imprensa e da presença de uma imensa coletividade italiana”¹⁸. Informação esta que mereceria, de qualquer forma, ser confirmada com mais pesquisa.

Foi possível reconstruir em mais detalhes, contudo, um aspecto bastante curioso da relação das classes populares brasileiras com a Guerra da Abissínia: a revolta da população negra brasileira com o fascismo.

Dizer que a população de origem africana de São Paulo se sentiu ultrajada pela ação de um país europeu contra a última nação africana livre seria quase um lugar comum, confirmado pelas

enquanto o curioso caso canadense (onde os habitantes de Quebec cerraram fileiras em torno da guerra fascista para se autoafirmarem como latinos e católicos frente aos anglos) é estudado em LIBERATI (1984, cap. 3). Ver também LIBERATI (1982; 1983; 1984a e 1985).

¹⁶ - Ver PROCACCI (1978, pp. 51-89) e WALEY (1975). Em outro trabalho (PROCACCI, 1984), Giuliano Procacci vai analisar as reações à guerra fascista nos diversos países coloniais da Ásia, África e Oriente Médio. Infelizmente, porém, a América Latina não é contemplada no seu estudo, o que nos impede de verificar a existência de sentimentos antiguerreiros baseados no anti-colonialismo na população brasileira, os quais não são improváveis.

¹⁷ - De fato, em telegrama à Mussolini de 9/10/1935 (*Documenti Diplomatici Italiani*, doc. 302, p. 283), o embaixador Cantalupo comunicou que a população em geral era pró Abissínia enquanto outro de 3/1/1936 (ASMAE/MinCulPop, b. 394, p. “Correio da Manhã”) informava que o uso sábio da máquina de propaganda (vide capítulo anterior) havia revertido a situação. Como se vê, dados ambíguos e insuficientes.

¹⁸ - PRO, FO 371/19767, A3819, relatório da Embaixada britânica de 16/4/1936. Ver também FO 371/20193, A1821, relatório da Embaixada britânica de 6/8/1936.

fontes fascistas¹⁹ e equivalente ao ocorrido em outros lugares²⁰. Explicar esse posicionamento, contudo, parece ser algo um pouco mais difícil do que parece a primeira vista. Claro que Abissínia foi tema de discussão e conflito²¹, mas um estudo que procurasse entender porque negros e italianos ficaram em campos opostos em São Paulo em 1935/36 deveria levar em conta também as relações entre os dois grupos, a competição/solidariedade entre eles naquele período e outros pontos. Dessa forma, poderíamos reproduzir em São Paulo o excelente trabalho de Nadia Venturini (VENTURINI, 1990) sobre a questão em Nova York e enriquecer muito a limitada literatura disponível sobre o relacionamento inter-étnico na São Paulo do entre guerras.

Não é esse, porém, o espaço para tal tarefa. O que devemos fazer aqui é identificar o posicionamento dos negros brasileiros (ou, ao menos, de sua parte mais organizada politicamente) em relação à guerra e a curiosa aliança de parte da comunidade negra com os antifascistas italianos em atuação em São Paulo naquele momento.

¹⁹ - Vide telegrama de 24/8/1935 do Embaixador Cantalupo à Mussolini em Documenti Diplomatici Italiani, Oitava Série, vol. 1, doc. 802, pg 821; relatório reservado sem data em ASMAE/Affari Politici 1931-1945, Brasile, b. 23, f. 9 ("Antonio Corrado Limongi") e uma explicação de fundo racista para explicar o posicionamento anti-italiano dos negros brasileiros em RANIERI (1940).

²⁰ - Ver VENTURINI (1990); WEISBORN (1973); SCOTT (1993); HARRIS (1993) e VENTRESCO (1980) para o caso americano. Para as minorias negras americanas e também européias, vide PROCACCI (1984, pp. 184-242) e para a canadense LIBERATI (1984a, pp. 109-110). O caso dos negros das ilhas do Caribe é abordado por WEISBORN (1973, pp 102-110) e o dos sul africanos em SANI (1990, pp. 264-270). Todos esses autores indicam bibliografia complementar.

²¹ - Em 20/11/1935, por exemplo, um negro e um italiano entraram em luta corporal na Praça do Correio em São Paulo após discutirem sobre a Abissínia. Fato isolado ou exemplo de conflitos maiores que desconhecemos? Tema adequado para uma pesquisa monográfica.

Vide "Por causa da guerra" in A Platea, 21/11/1935 e também a carta de Metello Benedetti a Pilo Bovani em 7/11/1935 (ACS/CPC, b. 491, p. 32862, "Benedetti, Metello"), onde ele reclama da hostilidade dos negros brasileiros contra os italianos por causa da guerra.

Temos informações de que o movimento negro organizado se posicionou firmemente contra a agressão fascista e que não permitiu que a questão abissínia fosse reduzida a uma luta de raças, aceitando colaborar com os antifascistas italianos e não identificando na raça italiana o agressor²². Também sabemos que negros e antifascistas italianos participaram de cerimônias conjuntas²³, fizeram reuniões na *Lega Lombarda*²⁴ (baluarte do antifascismo italiano em São Paulo) e há até registros de italianos tentando organizar os negros para lutar contra a guerra fascista²⁵. Essa ação conjunta dos negros e dos antifascistas irritava o governo italiano e o levava até a preocupações paranóicas, como demonstra o seguinte documento:

“É público e notório que, no começo da guerra na África Oriental, os renegados italianos da Lega Lombarda tinham pensado em alugar o local a uma sociedade de negros brasileiros para um comício e depois disparar uns tiros de revólver com o objetivo de criar um conflito entre os italianos e os negros brasileiros. Tal conflito deveria, segundo o plano criminoso dos renegados italianos, produzir a ruptura das relações amigáveis entre a Itália e o Brasil no momento em que começava a guerra na África”²⁶

²² - Vide “O Negro brasileiro desperta e fecha os punhos num movimento de protesto” in *A Platea*, 22/8/1935, onde os negros proclamam solidariedade com os “verdadeiros italianos”.

²³ - Vide “Italianos, negros, brasileiros, homens de todas as raças comparecem ao comício monstro de domingo” in *A Platea*, 11/10/1935; “Italianos e negros confraternizam” in *A Platea*, 14/11/1935 e “A Federação dos negros do Brasil” in *A Platea*, 15/11/1935.

²⁴ - Vide informe de 15/11/1935 em AESP/DOPS, Prontuário 1538 (“Frente Negra Brasileira”).

²⁵ - É o caso de Giuseppe Sgai, registrado em relatório do Consulado italiano de São Paulo de 13/3/1936 e disponível em ACS/CPC, b. 4787, p. 62471 (“Sgai, Giuseppe”).

²⁶ - ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, b. 55, 1938, p. “Massoneria - Brasile”, Relatório Consulado italiano de São Paulo, 25/4/1938.

Vemos assim que os antifascistas italianos e o movimento negro agiram em conjunto contra a guerra fascista. Dizer o que significou essa ação conjunta dos dois grupos no sentido de anular uma tensão que, nos Estados Unidos, por exemplo, causou conflitos bastante sérios (VENTURINI, 1990) é questão, porém, em aberto.

Com isso, podemos concluir que as elites econômicas, as classes dirigentes²⁷, a Igreja, boa parte da intelectualidade e os movimentos mais à direita apoiaram a guerra fascista, enquanto os movimentos antifascistas e de esquerda e parte não quantificável das classes populares sustentaram o lado abissínio na guerra. São, porém, apenas conclusões iniciais que indicam a necessidade de uma boa monografia a respeito do tema.

A mesma falta de informações aparece quando abordamos a guerra da Espanha e a intervenção italiana na mesma. De fato, as informações disponíveis nos arquivos italianos são poucas e contraditórias²⁸ e tudo o que podemos afirmar com certeza é que não só o governo brasileiro, a Igreja e o grosso da imprensa apoiavam os nacionalistas e Franco, como havia uma rigorosa proibição, por parte do governo, à manifestações de apoio aos republicanos²⁹, os quais recebiam,

²⁷ - Entre as elites políticas, o único grupo que manteve alguma distância do fascismo foi o dos "liberais" de São Paulo centrados no jornal *O Estado de São Paulo* e no *Partido Democrático*. Voltaremos a este grupo posteriormente.

²⁸ - Um relatório de 1937, por exemplo, informava que a opinião pública brasileira era pró Itália durante a guerra (ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 5, p. "Stampa Brasiliana", relatório Embaixada italiana, 12/7/1937), enquanto, em 1938, um italiano residente no Brasil teria afirmado, durante visita à Milão, que a opinião pública brasileira apoiava o fascismo e sua doutrina, mas que, cansada da ambição insaciável de Mussolini, não estava dando seu apoio à Guerra espanhola. Vide ACS/MinInt, DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 23, f. "Brasile - Propaganda antifascista", informe de origem desconhecida, Milão, 13/9/1938.

²⁹ - O exame da documentação fascista sobre a Guerra da Espanha na América Latina traz volumosos dossiês sobre a Argentina, o México, a Bolívia, etc, mas nada sobre o Brasil. Um sinal, talvez, da força do bloqueio imposto pelo governo brasileiro às atividades pró republicanos. Ver ASMAE/Archivio Gabinetto (1923-1943), Parte Seconda (1930-1943), Ufficio Spagna, diversas pastas.

porém, o apoio de artistas e intelectuais (BOM MEIHY, 1996; BATTIBUGLI, 1996, pp. 45-53).

Novamente, a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada parece imperativa.

O período do final dos anos 30 é mais documentado e essa documentação revela alguns aspectos muito interessantes da imagem do fascismo no Brasil no período. O primeiro deles é a forte atração que o modelo corporativo foi exercitando sobre intelectuais, políticos, industriais e outros membros das classes dirigentes brasileiras. O auge dessa popularidade foi justamente nesse período, quando muitos viam no fascismo o governo ideal para o Brasil e a única alternativa contra o comunismo³⁰ e quando o *Estado Novo* varguista absorveu algumas idéias do fascismo italiano, como a organização corporativa da sociedade, a necessidade de um líder carismático, alguma simbologia, etc. Um sinal claro dessa popularidade pode ser identificado nas recordações do famoso intelectual conservador Oliveira Vianna, que assim recordava aquele momento:

“Quando a Constituição de 1937 foi publicada, o regime fascista estava no esplendor de seu prestígio e do seu êxito. Os tratadistas italianos de Direito sindical e de Direito corporativo eram todos conhecidos; as suas obras entravam aqui em copiosa abundância; rumas e rumas delas se acumulavam nas vitrines dos livreiros. Havia mesmo casas especializadas na matéria - como a livraria Boffoni (...) Os volumes (...) de toda a luminosa plêiade do corporativismo mussoliniano ali chegavam e para logo lhe desapareciam das estantes, absorvidos pela sede de saber dos estudiosos da nova doutrina”³¹.

Certamente, não é este o lugar para retomar a discussão sobre o caráter fascista do *Estado Novo*, mas as lúcidas palavras do cônsul italiano de Curitiba em 1938 merecem ser resgatadas como

³⁰ - Vide ADA, Rolo 4/380, Código 832,00, relatório “Italian Activities in Brazil”, fotograma 19, p. 24 e ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 4, p. “Fascismo e rexismo”, Informe Embaixada italiana, 31/8/1936.

um indicio da absorção de idéias fascistas pelo Estado brasileiro no final dos anos 30, mas com a manutenção de caracteres políticos já existentes na configuração do mesmo:

“O país, portanto, não pode ser considerado, no meu entender, em poder de verdadeiros fascistas, pois permanece nas mãos de uma ditadura proveniente das velhas coalizões políticas que, baseando-se na fórmula fascista, procuram manter-se no poder.

No estado atual das coisas, portanto, se tem no Paraná a impressão da instauração da costumeira ditadura pessoal do tipo sul americano sob formas novíssimas, mas não do estabelecimento dos verdadeiros postulados do fascismo”.³²

Um aspecto bastante curioso dessa absorção e reelaboração de ideais fascistas por setores da máquina estatal e da sociedade brasileira do período é o fato desta ser uma absorção que privilegiou o fascismo italiano (e, também, o regime de Salazar em Portugal) e ignorou e/ou desprezou o regime nazista alemão, cujas idéias tinham bem menos repercussão na sociedade que as fascistas.

As razões para essa maior popularidade do fascismo em detrimento do nazismo já foram esboçadas anteriormente. Convém recordar, porém, algumas delas: imigração italiana de fácil assimilação, sem criação de “quistos étnicos” como os alemães e japoneses; moderação e sutileza da propaganda italiana em comparação com a alemã, mais direta, visivelmente imperialista e menos aceitável para a opinião pública³³ (que tendia a ver, além disso, com mais simpatia a versão italiana

³¹ - VIANNA (1943, p. 27).

³² - ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, b. 54 1938, “Brasile - Propaganda comunista”. Informe Consulado de Curitiba, 7/2/1939.

³³ - Ver PRO, FO 371/34, relatório da Embaixada britânica de 9/8/1939, pp. 65-66 e ADA, Rolo 4/380, Código 832,00, relatório “Italian Activities in Brazil”, fotograma 19, pp. 20-21 e 47. Essa situação, aliás, parece não ter sido exclusiva do Brasil. Vide BOREJSZA (1971), para o caso dos países do Leste Europeu.

de fascismo que a alemã); visão do fascismo como algo necessário à Itália³⁴ e, especialmente, a idéia de que a Itália não era, ao contrário da Alemanha, uma ameaça ao Brasil. Ou, como registrava um diplomata americano em 1939:

“Quase sem exceção, os residentes locais com os quais a questão das atividades do fascismo e do nazismo tem sido discutidas tendem a ignorar o lado fascista da questão e confinam suas observações às atividades alemãs. O sentimento geral é que qualquer ameaça séria à democracia ou à independência do Brasil viria da Alemanha e não da Itália.”³⁵

Esse prestígio fascista vai sofrer um certo abalo a partir do momento em que o regime assumiu um caráter ostensivamente imperialista³⁶ e totalitário³⁷ e, especialmente, quando a Itália se aproximou da Alemanha nazista³⁸. Jamais, porém, a opinião pública deixou de separar a simpática e confiável Itália e seu Duce dos ameaçadores alemães³⁹ e confiar que a Itália não faria a guerra ao

³⁴ - ADA, Rolo 4/380, Código 832,00, relatório “Italian Activities in Brazil”, fotograma 19, p. 100.

³⁵ - Idem, pp. 79-80. Ver também PRO, FO 371/30361, R4770, diversos documentos e especialmente relatório de 22/3/1942 e FO 371/29935, R811, diversos documentos.

³⁶ - Vide Idem, p. 62, onde os diplomatas americanos registravam que o totalitarismo e o expansionismo italianos faziam o fascismo perder prestígio e ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 22, p. “Stampa”, Rassegna della Stampa, set/out 1939, onde há indícios que o prestígio da Itália crescia quando ela parecia querer conduzir o processo de paz europeu e evitar a guerra e diminuía quando esta assumia seu lado belicoso.

³⁷ - Segundo a Embaixada italiana, as leis raciais e anti-semitas, por exemplo, foram muito mal vistas no Brasil. Vide Idem, b. 15, p. “Brasile e Itália”, Informe Embaixada italiana 28/7/1938.

³⁸ - Idem. Ver também ASMAE/MinCulPop, b. 49, p. “A Batalha”, onde o jornal *A Batalha* (Rio de Janeiro, julho/1939) ataca os excessos pagãos e racistas do fascismo e do nazismo.

³⁹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 17, p. “Documentazione - 1938”, Telexpresso Embaixada italiana, 4/10/1938 e PRO, FO 371/22725, A11984, relatório da Embaixada britânica de 14/1/1939, p. 29.

lado da Alemanha, o que é um dado interessante sobre a percepção que a sociedade brasileira tinha dos diferentes movimentos fascistas naqueles anos. Voltaremos obrigatoriamente ao tema no decorrer do texto.

Com a contínua aproximação do governo brasileiro com os Aliados e a forte propaganda destes na direção dos ideais democráticos e antitotalitários, o prestígio do fascismo começou a declinar, num processo que se acentuou com a guerra italiana ao lado dos nazistas e com a entrada na guerra do Brasil em 1942. Os italianos residentes no Brasil sofreram, como visto anteriormente, sanções econômicas e morais e tumultos antifascistas e anti-italianos ocorreram em várias cidades brasileiras⁴⁰. Os próprios italianos reconheciam, porém, que a histeria anti Eixo era dirigida muito mais aos alemães e japoneses que aos italianos.

Temos, assim, um quadro geral das diferentes fases e imagens com que o fascismo foi recebido na sociedade brasileira e poderíamos passar imediatamente à análise de certas peculiaridades e sutilezas dessa imagem em diversos grupos sociais. Nos parece interessante, porém, fazer antes uma rápida verificação sobre o estado da questão em outros contextos, como forma de verificar as possíveis especificidades do caso brasileiro.

Em relação aos primeiros anos do movimento e do regime fascista, a opinião pública brasileira em geral parece ter se comportado de forma semelhante a de outros países⁴¹, considerando-

⁴⁰ - Vide um grande número de relatórios a respeito dessas tensões entre brasileiros e italianos em *Idem*, b. 27.

⁴¹ - Para o caso inglês, ver SHORROCK (1976); SERRA (1986^a); DI NOLFO (1954); BOSWORTH (1970); EDWARDS (1970) e WOOLF (1973). Para o francês, ver VIVANTI (1965); MILZA (1967 e 1987) e DI NOLFO (1954). Já informações sobre a situação nos Estados Unidos podem ser encontradas em DIGGINS (1972); CANNISTRARO (1971) e DAMIANI (1980), enquanto as informações sobre o Canadá e a Austrália estão em LIBERATI (1983, 1984 e 1984^a) e CRESCIANI (1979).

o um remédio específico para os problemas da Itália e bem vindo, já que restaurava a ordem num país no caos e bloqueava qualquer possibilidade da esquerda assumir o poder. Alguma hesitação dos liberais em apoiar um regime ditatorial e uma certa confusão na esquerda também não parecem ter sido incomuns⁴², enquanto a preocupação de vários países com a política externa do fascismo⁴³ obviamente não existia num país distante como o Brasil. Dessa forma, o grosso da opinião pública e da mídia brasileiras parecem ter compartilhado da boa impressão geral que o fascismo suscitou ao ter restaurado a ordem e bloqueado qualquer possível ameaça comunista na Itália.

No período entre 1925 e 1935, o crescente expansionismo fascista causou apreensão cada vez maior em círculos intelectuais, políticos e da opinião pública do Reino Unido e, especialmente, da França, mas sólidos blocos da opinião pública desses países (especialmente no Reino Unido) continuavam a apoiar o regime⁴⁴, inclusive pela descoberta do corporativismo como possível remédio para os males sociais do capitalismo⁴⁵. Foi o que ocorreu também nos Estados Unidos⁴⁶. No Brasil, porém, não só não há indícios que o prestígio do fascismo tenha sofrido qualquer dano por estes

⁴² - Ver KESERICH (1975) para o caso dos trabalhistas do Reino Unido e BERSELLI (1971) para as primeiras hesitações dos liberais britânicos frente ao fascismo.

⁴³ - Ver MANNING (1980) para o caso britânico e LIBERATI (1984 e 1984^a) para o canadense.

⁴⁴ - Sobre essa fase áurea da popularidade fascista no exterior entre 1925 e 1935, Richard Bosworth (BOSWORTH, 1991) vai nos alertar para o fato que ela não era tão dominante quanto os fascistas e a historiografia posterior propuseram, o que é um alerta importante, mas que não modifica nossas conclusões gerais.

⁴⁵ - Ver WOOLF (1973); SERRA (1986); SHORROCK (1975); BOSWORTH (1991); BERSELLI (1971) e MILZA (1967, 1981 e 1987). A situação no Canadá e na Austrália era semelhante. Ver LIBERATI (1983, 1984 e 1984^a) e CRESCIANTO (1979).

⁴⁶ - Ver VAUDAGNA (1975); IORIZZO (1971); DIGGINS (1972) e CANNISTRARO (1971). Segundo Claudia Damiani, porém, a popularidade fascista nos EUA entre 1925 e 1935 teve dois momentos: um de afastamento pelos crescentes expansionismo e autoritarismo fascista entre 1925 e 1930 e um de aproximação (devido a Latrão, moderação na política externa, a descoberta do corporativismo, etc) entre 1930 e 1935. Ver DAMIANI (1980).

motivos no período considerado (o que é explicável pela falta de preocupação brasileira com os conflitos territoriais na Europa), como este se reforçou ainda mais com a divulgação do corporativismo como remédio universal para os males sociais.

Foi por essa época, também, que o fascismo deixou de ser visto como uma questão especificadamente italiana e passou a ser compreendido como um problema de caráter global. Isso se refletiu numa proliferação de partidos de caráter fascista em quase toda a Europa e a América e numa mudança de posição da esquerda mundial que, ao invés de pensar no fascismo como algo italiano e reduzir, salvo exceções, o seu combate à mera solidariedade com os antifascistas italianos refugiados (como ocorria nos anos 20⁴⁷), passou a atuar em peso na luta antifascista⁴⁸. Isso gerou uma grande polarização política em vários países, com a extrema direita local se alinhando (mesmo quando não era esse o desejo de Roma) com os fascistas italianos e procurando manter a opinião pública a seu favor e a esquerda no pólo oposto. Isso se deu também, sem dúvida, no Brasil, onde o surgimento da *Ação Integralista Brasileira* criou um firme defensor do fascismo dentro da opinião pública e a formação das frentes únicas contra o fascismo permitiu aos antifascistas italianos, até então relativamente isolados da política nacional (BERTONHA, 1994 e 1994^a), um maior sucesso na tarefa de estender à opinião pública brasileira (BERTONHA, 1995) a mensagem antifascista.

⁴⁷ - É curioso realmente notar como essa percepção do fascismo como problema italiano esteve presente, nos anos 20, até em países onde o firme apoio da esquerda aos antifascistas italianos refugiados (por solidariedade ideológica e humanitária) foi uma constante, como a França (DI LEMBO, 1982). Aparentemente, só em lugares como a Suíça - onde a ameaça fascista estava muito próxima para ser ignorada - é que o fascismo foi realmente uma questão política chave desde o início do regime. Ver CERUTI (1983 e 1986).

⁴⁸ - Para a Argentina e o Luxemburgo, vide LEIVA (1983) e FAYOT (1983). O caso belga foi estudado por MORELLI (1987 e 1987^a) e PINZANI (1966) e o francês por GULLEN (1978); FEDELE (1976) e DI LEMBO (1982). Informações sobre a Suíça podem ser encontradas em CERUTI (1983 e 1986); VISANI (1857) e ZUCARO (1970b).

A Guerra da Abissínia parece ter abalado a boa imagem do fascismo em países tão diversos como a França (MILZA, 1967, 1981 e 1987), o Reino Unido (BOSWORTH, 1970) e os Estados Unidos (CANNISTRARO, 1971; DIGGINS, 1972; SCHMITZ, 1988 e DAMIANI, 1980) onde, apesar de alguma simpatia generalizada continuar em certos círculos e a da esperança de “recuperar” a Itália para o campo aliado terem continuado, a face agressiva do fascismo roubou boa parte de sua popularidade⁴⁹. Já no Brasil, tudo indica que a guerra não teve efeito negativo sobre a imagem fascista, senão o contrário.

É no final da década de 30, porém, que encontraremos a maior disparidade entre o Brasil e outros países. Enquanto os cada vez mais claros caminhos do totalitarismo e do imperialismo que o regime fascista ia tomando foram acelerando o processo de rompimento de sua imagem positiva iniciado na Guerra da Abissínia em países como França (BLANCHI, 1994); o Uruguai (MAROCCO, 1986 e 1993; ODDONE, 1990) e os Estados Unidos (SCHMITZ, 1988 e DIGGINS, 1967a), no Brasil essa queda de popularidade foi, dados os traços autoritários da sociedade brasileira de então e outros elementos já mencionados anteriormente, mínima, só se verificando efetivamente uma perda maior de popularidade quando da aproximação do Brasil com os Aliados e, finalmente, com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial em 1942, o que diferencia a situação brasileira das demais países ocidentais.

Completado, assim, o objetivo de confrontar o caso brasileiro com o de outros países, podemos aprofundar nossa análise deste caso. Nesse sentido, uma primeira distinção fundamental a

⁴⁹ - O caso do Canadá é curioso nesse aspecto, pois a guerra abalou a imagem do fascismo entre os anglo-canadenses mas a consolidou, por razões de política local, entre os habitantes de Quebec. Ver LIBERATI (1984 e 1984^a) e SALVATORE (1996).

ser trabalhada é aquela feita sem problemas por parte substancial da opinião pública brasileira do período considerado e que diferenciava o fascismo na Itália e sua ação no Brasil.

O fascismo na Itália e o fascismo no Brasil: lados diferentes de uma mesma moeda

Os órgãos do governo e do partido fascista italiano no Brasil ficavam normalmente indignados pelo fato de boa parte da imagem fascista no país ser elaborada não a partir da grandeza e das realizações do regime, mas de suas políticas e atos locais. Ou, como dizia um elucidativo relatório do Consulado italiano de São Paulo de 16/4/1929:

“Daí nasce a aversão ao Regime, acusado de subtrair “brasileiros ao Brasil”. O estudo da essência doutrinária e da prática de governo do fascismo não interessa. São os pequenos episódios locais - o jovem que freqüenta a escola italiana vestido de balila, o grito fascista pronunciado no estádio pelo time do “Palestra Itália”, o “Evviva Roma!!” gritado por um nadador italiano que chega em primeiro em uma importante competição no Club Esperia - que oferecem ocasião à imprensa de assinalar o “perigo fascista” e de iniciar campanhas e polêmicas.” (...)

“Não é raro eu escutar de jornalistas e homens políticos adversários do Regime que eles não sabem realmente nada das origens, do espírito e das realizações do Fascismo, mas que o afrontam porque o reforço do sentimento patriótico que este traz à coletividade italiana retarda o processo de assimilação”⁵⁰

⁵⁰ - in ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1929, b. 1922, p. “Brasile - Movimento sovversivo, 1929”.

Essa citação indica claramente o primeiro ponto sobre o qual a imprensa e a opinião pública brasileira entravam continuamente em atrito com o fascismo: a sua política de tentar retardar a assimilação dos imigrantes italianos e, especialmente, de seus filhos, nascidos no Brasil.

Encontrar exemplos da firme reação da mídia e da opinião pública brasileira contra esse estado de coisas é algo bastante simples. No fim dos anos 20, por exemplo, um jornal de São Paulo publicou notícias sobre crianças brasileiras, filhas de italianos, sendo levadas para a casa do cônsul italiano, onde o saudaram com a saudação fascista e onde uma menina fez um discurso em italiano e chamando a Itália de Pátria. O jornal se indignou contra tal prática e pediu imediata intervenção da Inspetoria de Educação nas escolas estrangeiras⁵¹. A distribuição de livros e cadernos com material de propaganda italiano e fascista nas escolas italianas no Brasil também chocava a opinião pública e as autoridades, que chegaram a fazer diligências para apreender tal material⁵².

A questão se refletia também em locais como a Câmara dos Deputados de São Paulo, onde não era incomum, por exemplo, o posicionamento do deputado Alfredo Ellis que, apesar de considerar os italianos excelentes elementos e bons trabalhadores, condenava vigorosamente qualquer tentativa de manutenção dos seus laços com a Pátria de origem:

“Defendia o senador peninsular a idéia de que o imigrante traz perpetuada, na esteira de sua travessia, a nacionalidade de origem, que transmitirá aos seus descendentes, que estão na obrigação de mantê-la. Queria ainda (...) fosse criado um aparelhamento na fiscalização no país de

⁵¹ - “As escolas estrangeiras no Brasil”, recorte não identificado em Arquivo Antonio Piccarolo, pasta 16, p. 15, mas seguramente de fins dos anos 20. Ver também, no mesmo arquivo, “A infiltração fascista no Brasil” in *Diário Nacional*, 25/7/1929 e a resposta fascista em Greco, Nunzio. “Un altro attacco fallito della offensiva antifascista” in *Il Piccolo*, 27/7/1929.

⁵² - Ver RIOS (1959, p. 61) e REVOREDO (1934). Ver outros exemplos em TRENTO (1988^a, p. 51).

imigração, afim de que o imigrante aqui fosse tratado como proprietário, que lhe fosse garantido o exercício de sua nacionalidade primitiva e que lhe fosse facultado o idioma de nascimento e outras coisas muito agradáveis para o imperialismo dos países de emigração, mas incompatíveis com a soberania e a dignidade dos países de imigração”⁵³

É curioso notar também que os antifascistas italianos se utilizavam justamente desse temor brasileiro relacionado com a política nacionalista fascista dirigida aos imigrantes para tentar obter maior apoio e difusão para a sua causa⁵⁴. Aparentemente, eles foram bem sucedidos nesse ponto e recebiam apoio de parte substancial da mídia escrita e da opinião pública quando defendiam a completa identificação dos ítalo-brasileiros com o Brasil. Não conseguiram fazer, porém, com que tal apoio extravasasse os limites dessa questão, o que foi bastante decepcionante para eles. Podemos perceber, de qualquer forma, a importância desse tópico para o relacionamento de fascistas e antifascistas italianos com os brasileiros naquele momento.

Na realidade, toda essa discussão sobre a identidade dos filhos de italianos (brasileiros ou italianos?) só pode ser compreendida dentro do contexto da época, com a renovada política fascista de “recuperar” italianos para a Itália e o despertar, por diversas razões⁵⁵, do nacionalismo brasileiro amplificando a questão e radicalizando as posições de lado a lado. Vê-se, assim, que a disputa entre a opinião pública brasileira e os fascistas a respeito dessa questão não é um fato isolado, mas uma manifestação de um conflito maior (a busca da identidade e da lealdade dos imigrantes estrangeiros e

⁵³ - Atas da Câmara dos Deputados de São Paulo, 1927, pp. 353-354, citado em RIBEIRO (1985, pp. 165-166).

⁵⁴ - Para as cuidadosas técnicas dos antifascistas italianos para atingir o público brasileiro através dessas questões, vide BERTONHA (1992 e 1996).

⁵⁵ - Ver CARELLI (1985, cap. 1, item C); RIOS (1959, pp. 59-61); FAUSTO (1995) e, especialmente, FONT (1990).

seus filhos) que estava em pleno desenvolvimento naqueles anos e que gerava grandes tensões entre o fascismo e os brasileiros.

Tal situação de irritação da opinião pública com a tentativa fascista de retardar a absorção dos filhos de italianos nos países de imigração não foi exclusivo do Brasil, tendo se verificado também nos Estados Unidos (CANNISTRARO, 1995; MIGONE, 1971 e outros), na Austrália (CRESCIANI, 1979, cap. 2), na França (SCHOR, 1986; 1986^a e 1994) e em outros locais. Nesses países também se manifestou o segundo grande motivo de atrito entre a população brasileira (ou ao menos de setores da mesma) com o fascismo: a questão da soberania nacional.

De fato, não só as atividades fascistas irritavam profundamente os brasileiros por parecerem um desrespeito à soberania e independência do país⁵⁶, como a instalação de seções do PNF em solo brasileiro parecia ser uma afronta intolerável, que não devia ser aceita em nenhuma circunstância e que podia levar, inclusive, a curiosos desdobramentos políticos:

“Até agora, os italianos tem convivido conosco na mais perfeita harmonia. Trabalham, enriquecem, passam com os brasileiros as boas e as más horas (...). Já começam a aparecer, porém, entre a colônia italiana, pruridos de organização política especializada. Os italianos fascistas arregimentam-se. Um sr. Deputado Bastianini anuncia a sua vinda em março para inspecionar as decúrias e centúrias fascistas. A direção dos camisas negras cabe ao Cav. Braz Altieri, italiano residente em São Paulo (...)”

O jornal “A Gazeta” acha excelente a idéia de arregimentar os fascistas do Brasil. Não compartilhamos esse entusiasmo ingênuo. O melhor, o mais prudente seria ficarem os italianos como tem estado até agora: independentes das lutas políticas de sua distante pátria (...)

⁵⁶ - Vide, por exemplo, a irritação do jornal *O Combate* quando os jogadores do *Palestra Itália* cumprimentaram o cônsul Serafino Mazzolini com a saudação fascista em 1928 e o contínuo confronto entre fascistas e antifascistas italianos para decidir quem seriam realmente aqueles que violavam as leis do país em “Eia, eia Alalá” in *O Combate*, 24/9/1928 e BERTONHA (1992 e 1996).

Permitir que o fascismo, seita política intolerante e violenta, se arregimente como tal no Brasil é abrir a porta para que o comunismo também reclame para si o mesmo direito”⁵⁷

O exemplo mais claro da importância dessa questão da soberania nacional para a construção da imagem do fascismo e do antifascismo italianos no Brasil, contudo, foi o grande debate sobre a chegada do líder antifascista Conde Francesco Frola ao Brasil em 1926. O governo italiano usou de todos os meios para tentar impedir seu desembarque, o que levou a intenso debate público sobre o caso e a vitória, aparentemente, de uma posição favorável à Frola dentro da opinião pública brasileira. O interessante, porém, é que o que estava em discussão⁵⁸ não era o fascismo ou o antifascismo, mas a questão da ingerência do governo fascista nos assuntos internos brasileiros. Novamente, portanto, é a questão da soberania que volta à tona.

Como já ressaltado, toda essa problemática só faz sentido dentro de um contexto onde o medo dos estrangeiros potencialmente subversivos, em ascensão social e possivelmente política levou setores das elites brasileiras a defender uma política para assimilar rapidamente os imigrantes e criar uma Pátria brasileira que parecia dissolver-se nas ondas de imigrantes (ROGATTO, 1990; FONT, 1990 e FAUSTO, 1995). É dentro desse pano de fundo que podemos entender também o momento mais emblemático desse conflito dos nacionalismos italiano e brasileiro: o empastelamento do jornal Il Piccolo em 1928.

⁵⁷ - Matéria publicada no jornal A Manhã, do Rio de Janeiro e reproduzida em “Echi” in Il Piccolo, 23/1/1926. Ver também Serva, Mário Pinto. “O fascismo no Brasil” in Folha da Noite, 4/1/1926 e inúmeros recortes de jornais brasileiros em ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1642, onde vários jornais se manifestavam contra a transferência de organismos fascistas para o Brasil.

⁵⁸ - Para coleções quase completas de recortes sobre o caso Frola, vide ACS/CPC, b. 2188, p. 86826 (“Frola, Francesco”) e FROLA (1927, 1938 e 1947).

O empastelamento do *Il Piccolo*, 1928

O caso da destruição da sede do jornal *Il Piccolo* em São Paulo em 1928 certamente não foi o único atrito causado pelo choque de nacionalismos naqueles anos. De fato, sabemos, por exemplo, do ataque às sedes do jornal *Fanfulla* e da sede da empresa FIAT em São Paulo em 1930 pelo apoio destes ao governo Washington Luís⁵⁹, de sólida reação e indignação no Brasil contra certos artigos de Osvaldo Brancaloni difamando a mulher brasileira também em 1928⁶⁰, etc. O caso do *Il Piccolo* foi, porém, o mais grave e que suscitou maiores controvérsias.

Apesar de denúncias que o verdadeiro motivo do incidente estava no desvio de fundos e no enriquecimento ilícito de certos fascistas de São Paulo⁶¹, o seu estopim parece ter sido realmente a imensa falta de sutileza de um importante fascista italiano em atuação em São Paulo naquele momento, Luigi Freddi⁶². Tudo se iniciou com a morte do aviador Carlo del Prete no Brasil em 1927, a qual levou a sonoras e pomposas manifestações fascistas em São Paulo. Quando uma jornalista

⁵⁹ - Vide ASMAE/Affari Politici 1919-1930, b. 906; p. 1648, relatório da Embaixada italiana de 26/10/1930.

⁶⁰ - Ver "Inqualificável e profundamente lamentável" in *A Platea*, 10/10/1928.

⁶¹ - Ragognetti, Vincenzo. "Perché il fascismo è mal visto in Brasile" in *Il Moscone*, 7/9/1929 e "Ma non è una cosa seria" - Pirandello/Freddi" in *Il Risorgimento*, 26/9/1928.

⁶² - Nascido em 1895, Luigi Freddi foi nacionalista, futurista, legionário de Fiume, fascista de primeira hora, vice secretário dos fasci all'estero em 1927 e, posteriormente, responsável pela área de cinema do MinCulPop entre 1934 e 1939 e adepto da República Social Italiana. Ver MISSORI (1986, p. 210) e CANNISTRARO (1982, p. 233). Ver também ACS/SPD, Carteggio riservato 1922-1943, b. 45, f. "Freddi, Luigi".

brasileira, Maria Lacerda de Moura, publicou um texto em O Combate questionando a necessidade e a conveniência destas⁶³, Luigi Freddi respondeu com um violento artigo, nas colunas de Il Piccolo, onde ameaçava a autora e questionava a honra da mulher brasileira, o que serviu de ponto de partida para o conflito⁶⁴.

Assim que o artigo de Freddi foi publicado, de fato, centenas de populares, especialmente estudantes de Direito do Largo de São Francisco, atacaram a sede do jornal (25/9/1928), destruindo seus equipamentos. Também pipocaram manifestações anti-italianas pela cidade, inclusive com gritos de “Morte à Itália”, ao mesmo tempo em que parte da imprensa iniciou uma furiosa campanha contra a ação do fascismo no Brasil⁶⁵ e as repercussões da crise atingiram até o Legislativo estadual⁶⁶. A firme ação da polícia (apesar das queixas do cônsul Mazzolini, que insistia em repressão ainda maior⁶⁷) impediu que a sede do Fanfulla, o Consulado e a residência do Conde Matarazzo fossem atacadas⁶⁸. A rápida intervenção dos governos brasileiro e italiano⁶⁹ e a remoção de Luigi Freddi do

⁶³ - Ver os jornais da época e um resumo dos textos da autora em MOURA (1928).

⁶⁴ - Ver RIBEIRO (1985, pp. 167-169); FONT (1990, p. 202 e seguintes) e, especialmente, GERTZ (1998), para um resumo do conflito, especialmente em sua parte jornalística.

⁶⁵ - Ver “O inimigo da colônia italiana” in Diário da Noite, 25/9/1928 e ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1928, b. 35, p. “San Paolo (Brasile) - Dimostrazioni antiitaliane e devastazione giornale Piccolo”, documentos diversos.

⁶⁶ - Ver RIBEIRO (1985, pp. 167-169)

⁶⁷ - ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1642, relatório do Cônsul Mazzolini de 20/10/1928.

⁶⁸ - “O inimigo da colônia italiana” in Diário da Noite, 25/9/1928; “O empastelamento do Il Piccolo pelos estudantes, secundados pelo povo” in A Platea, 25/9/1928 e “O empastelamento do Il Piccolo” in A Platea, 26/9/1928. Ver também ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1928, b. 35, p. “San Paolo (brasile) - Dimostrazioni antiitaliane e devastazione giornale Piccolo”, documentos diversos.

país conseguiram acalmar os ânimos, mas o ambiente esteve tenso na cidade por vários dias, com cargas de cavalaria pelas ruas, conflitos entre populares⁷⁰, manifestações, etc.

Poderíamos supor, obviamente, que essa fúria popular contra o Il Piccolo era derivada de um firme sentimento antifascista e não da irritação que a ascensão política e social dos imigrantes e a aparente “arrogância” fascista contra o Brasil produzia em setores da sociedade brasileira. Essa suposição se desvanece, porém, quando examinamos quem foram os principais agentes do ataque ao jornal, ou seja, estudantes de direito, membros do *Partido Democrático*, do jornal O Estado de São Paulo e outros círculos da velha elite. Tais grupos não deixavam de ter uma certa inclinação à crítica do fascismo em termos políticos e em tons antifascistas e liberais, mas o que realmente parecia incomodá-los eram as questões nacionais internas do Brasil⁷¹ e é nessas que devemos procurar o pano de fundo que permitiu que as simples palavras de um fascista desavisado produzissem os resultados que produziram.

Vemos, assim, que a ação antifascista de certos setores da sociedade brasileira não era uma posição cem por cento ideológica, refletindo também questões e problemas específicos desta sociedade no período. Também não necessariamente ideológica era uma outra faceta da imagem fascista no Brasil nas décadas de 20 e 30, ou seja, o mussolinismo.

67 - “Conferência entre o chanceler brasileiro e o embaixador da Itália” in A Platea, 26/9/1928. Ver também PRO, FO 371/13468, relatório “Brazil – Annual Report, 1928” de 30/1/1929.

70 - Ver o conflito entre dois motoristas de táxi da capital pela questão do Il Piccolo em “Não permitiu que o chauffeur fascista censurasse a briosa atitude do povo brasileiro” in O Combate, 26/9/1928.

71 - Ver FONT (1990) e FAUSTO (1995, p. 18). O fato dos antifascistas italianos terem insistido com especial vigor na diferenciação italiano/fascista nesse momento pode ser considerado um outro indicio que o que estava realmente em jogo não era a luta contra a ideologia fascista, mas contra o nacionalismo italiano. Ver “O Brasil ainda é dos brasileiros” in Diário da Noite, 24/9/1928 e “A Campanha fascista” in O Combate, 12/9/1928. Ver também BERTONHA (1992 e 1996).

John Diggins (DIGGINS, 1966⁷² e 1972, cap. 4) vai destrinchar com bastante agudeza essa questão do mussolinismo nos Estados Unidos⁷², ou seja, do porque da figura de Mussolini ser mais popular que o próprio fascismo em certos momentos. Ele centra suas reflexões no caso americano e procura explicar como a imagem heróica de Duce projetada pelo fascismo se adequava à psique do americano médio, fazendo o Duce do fascismo ser, especialmente nos anos 20, mais popular que o próprio.

Não há material suficiente para reproduzir a análise de Diggins para o caso brasileiro. Há indícios, porém, de uma certa popularidade da figura, do mito de Mussolini no Brasil. Tais indícios vão desde a existência, nos arquivos italianos, de numerosas cartas e documentos de cidadãos brasileiros dirigidos ao Duce em busca de entrevistas, atenção ou mesmo de uma simples oportunidade para manifestar sua admiração, até à existência de loteamentos com o nome de Mussolini nos arredores de São Paulo, de cigarros com a sua efígie ou de vendedores de bilhetes de loteria usando a figura do Duce para vender seus produtos em meados dos anos 30⁷³. Sinal de que algum tipo de trabalho investigativo no sentido de estudar o mussolinismo no Brasil mereceria realmente ser feito.

Com essa observação, consideramos encerrada a apreciação geral que nos propusemos fazer sobre a imagem do fascismo italiano no Brasil no entre guerras. Resta agora delimitar em mais detalhes como grupos específicos da sociedade brasileira se relacionaram com o fascismo.

⁷² - O mesmo parece ter ocorrido no Canadá. Ver SALVATORE (1996, p. 861).

⁷³ - Para essas informações, consultar ACS/SPD - Carteggio ordinario. B. 362, p. 128301; AN/MJN, 1933-1939, Caixa 75, p. 908 e PACI (1929, pp. 204-206).

O Estado brasileiro e o fascismo: o governo federal

O primeiro cuidado a se tomar nesse sub-item é o de diferenciar claramente as diferentes instâncias do governo brasileiro (federal, estadual e municipal), pois há claros sinais de diferenças de receptividade e de relacionamento conforme o nível de governo com que se trabalha.

Nesse sentido, devemos começar nossa análise pelo governo federal, cujas relações com o regime fascista foram extremamente cordiais e bastante harmoniosas. Tal cordialidade se expressava tanto em aspectos menores como a troca de condecorações, comendas e gentilezas (como visto no capítulo anterior), como em outros mais relevantes, como o apoio brasileiro a diversas iniciativas do governo italiano (como a Guerra da Abissínia), a quase total tolerância às atividades fascistas e à repressão, dentro de certos limites, aos antifascistas italianos presentes no país, que eram continuamente obstados em suas atividades tanto por desconfiança genuína do governo brasileiro com relação à esquerda, como para que as boas relações do Rio de Janeiro com Roma não fossem afetadas⁷⁴.

Buscar as razões desse íntimo relacionamento não é tarefa das mais difíceis. Em primeiro lugar, o fato do fascismo ser o representante oficial da Itália fazia dele o repositário de todas as atenções motivadas por décadas de bom relacionamento entre Brasil e Itália. O líder antifascista

⁷⁴ - Foram essas mesmas razões que levaram, aliás, as polícias de diversos países como a França, a Suíça, o Canadá e a Austrália a colaborar com os consulados italianos na repressão aos antifascistas. Ver GUILLEN (1981, 1983 e 1984); CERUTI (1986); LIBERATI (1984) e CRESCIANI (1979, pp. 187-211).

Mário Mariani não deixou de registrar, aliás, a decepção dos antifascistas por não conseguirem romper, aos olhos do governo brasileiro, a associação “Itália = fascismo”:

“(...) tivemos que constatar - com dor, nunca nos cansaremos de repetir - que todos os nossos esforços para manter-nos obedientes às autoridades, para merecermos o respeito dos que sabemos respeitar, foram em grande parte vãos (...). Os governos são sempre governos. E, para o governo brasileiro, os legítimos representantes dos italianos residentes no Brasil são os embaixadores, os cônsules, os vice-cônsules, os funcionários dos consulados. Isto é, os representantes do fascismo (...). Ora, os embaixadores e os cônsules italianos vivem, de manhã a noite, na polícia, difamando os antifascistas, declarando-os todos comunistas, todos anarquistas, todos turbulentos, todos maus elementos. Mas são eles que executam as violências”⁷⁵

A questão do contínuo apoio do governo brasileiro ao regime fascista extrapola, porém, os limites da identificação de um país tradicionalmente amigo com o regime. De fato, esse foi, sem dúvida, um fator a ser considerado, mas a simpatia do governo brasileiro pelo fascismo também era uma questão de contexto política. De fato, em países como - para ficarmos apenas na área geográfica mais próxima ao Brasil e para não mencionar o excepcional caso francês - a Argentina e o Uruguai, uma cultura laica, de defesa da democracia e antifascista se manteve por quase todo o período entre guerras (MAROCCO, 1986 e 1993; FANESI, 1991 e FRANZINA, 1995, pp. 369-371), o que teve implicações chave para a atividade dos fascistas e antifascistas italianos nesses países.

Realmente, se preservou, nesse contexto, um espaço político onde o antifascismo italiano pôde sobreviver e germinar mesmo quando o fascismo acumulava vitórias e se firmava no poder na

⁷⁵ - Mariani, Mario. “Per l’ordine: se pariamoci” in La Difesa, 2/2/1930, citado em TRENTO (1989, p. 359-360).

Itália. Isso não significa dizer, claro, que não tenham havido vozes pró-fascistas nesses países, mas o fato é que o espaço político que os antifascistas italianos da Argentina, por exemplo, dispunham, graças a esta cultura e a um quadro político onde os partidos de esquerda, por exemplo, eram mais sólidos, era muitas vezes superior ao disponível para os antifascistas italianos do Brasil, o que é sem dúvida fundamental para explicar as diferentes relações de força fascismo/antifascismo nos dois países⁷⁶.

Parece evidente como essa falta de espaço político se refletia na questão do apoio governamental. É visível na bibliografia internacional sobre o tema como o apoio ou a neutralidade dos governos estrangeiros era fundamental para o sucesso do fascismo e de sua propaganda. E isso não apenas no campo institucional (prestigiando suas atividades, etc), mas também num sentido mais amplo: muitos italianos e descendentes de italianos nos países de imigração sentiram-se muito mais tranquilos para apoiar o fascismo quando sabiam que não teriam problemas com seus governos e nem a rejeição de suas sociedades.

Outro aspecto curioso da relação do governo brasileiro com o fascismo é a profunda dicotomia que o grosso do governo brasileiro identificava entre o fascismo italiano e o nazismo alemão, a qual já fizemos referência anteriormente, mas que merece ser aprofundada.

Já identificamos, a pouco, as posições geralmente favoráveis das políticas do Estado brasileiro com relação às demandas do governo italiano. Outros sinais desse relacionamento positivo podem ser identificados - como a posição francamente pró Itália de membros influentes da máquina

⁷⁶ - Ver detalhes em BERTONHA (1998n) e num futuro trabalho comparativo sobre a questão, em redação pelo autor.

estatal⁷⁷, o íntimo relacionamento deles com o governo italiano⁷⁸, etc - ao mesmo tempo em que as opiniões favoráveis à Alemanha nazista parecem ter sido muito menos significativas. Já ressaltamos as opiniões dos diplomatas americanos a respeito e as dos seus equivalentes franceses não eram diferentes⁷⁹.

Os dois exemplos mais emblemáticos dessa posição do governo brasileiro (que é, sem dúvida, mais característica dos anos 30 - quando o fascismo italiano tinha o nazismo como concorrente ideológico e a questão da ameaça externa adquiriu mais consistência - que dos 20), porém, são o caso do ministro do Exterior Osvaldo Aranha e o das leis contra os partidos políticos estrangeiros de 1938.

⁷⁷ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b.6, p. "Brasile - Rapporti politici - 1934", Informe da Embaixada italiana de 4/8/1934 ressaltando como vários membros do recém empossado novo governo federal brasileiro tinham simpatias pelo fascismo.

Os diplomatas brasileiros em atuação na Itália também parecem ter sido próximos ao fascismo. De fato, os despachos da Embaixada brasileira em Roma de 1922 ressaltam, após uma certa hesitação inicial, que o regime fascista havia restaurado a ordem na Itália e os de anos posteriores também revelam uma discreta, mas presente, simpatia pelo fascismo e pelo regime. O fato de dois dos chanceleres brasileiros do período entre guerras (Félix Pacheco e Macedo Soares) serem abertamente italianófilos e próximos ao fascismo e do cônsul brasileiro em Trieste, Vinicius da Veiga, ter publicado, em 1935, um livro pró-fascismo também não são certamente casuais.

Ver AHI, Ofícios da Embaixada brasileira em Roma; HILTON (1994, pp. 225-228); PRO, FO 371/9516, A2810, Informe da Embaixada britânica de 14/4/1924 e, para o livro de Vinicius da Veiga, ASMAE/MinCulPop, b. 395, p. "L'appello di Wotan".

⁷⁸ - De fato, não só Francisco Campos e outros nomes do *Estado Novo* escreviam em revistas fascistas locais como *Littoria* como o embaixador italiano Ugo Sola era tão íntimo do ministro da Educação Gustavo Capanema que conseguia até empregos para seus protegidos com o mesmo. Ver os exemplares de *Littoria* de 1938 e Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, Arquivo Gustavo Capanema, filme 6, fotograma 230 e seguintes, cartas de Capanema a Sola de 29/12/1939 e 6/7/1940.

⁷⁹ - Ver *Documents Diplomatiques français 1922-1939*, Segunda Série (1936-1939), Tomo XIII, Note de l'Etat major general de la Marine sur les influences étrangères su Brasil, 5/1/1939.

Em relação ao primeiro caso, é notória a aversão de Osvaldo Aranha pela Alemanha e pelo nazismo⁸⁰ e sua simpatia pelos Estados Unidos. Esses sentimentos conviviam, porém, com grande simpatia pela Itália, pelo Duce e pelo fascismo⁸¹, que se expressava em cartas do próprio:

“Os italianos, por exemplo, vivem entre nós e entre nós cultivam suas tradições, engrandecem sua pátria, honrando o seu Grande Chefe com nosso aplauso e a nossa admiração. Nada temos a restringir e menos a opor a que se organizassem sob a flâmula de uma grande voz latina, cheia de nossa fé, de nossa admiração e de nossa amizade (...)

Não acreditamos que a Itália sempre amiga e que a tutelar genialidade latina do Duce possa favorecer essa manobra de substituir o esforço brasileiro pela anarquia de ambições tão criminosas”⁸²

e que confundia um pouco os americanos e ingleses⁸³. De fato, em fins de 1938, o Encarregado de negócios da Embaixada americana conversou com Osvaldo Aranha sobre um suposto plano alemão de controlar a América do Sul e este, apesar de ser solidário com a posição americana e relembrar sua amizade pelos EUA, teria ressaltado que

⁸⁰ - Sobre as contradições desse seu ódio à Alemanha, mas recusa da imigração judaica, ver LESSER (1995) e TUCCI CARNEIRO (1988, pp. 258-295).

⁸¹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 6, p. “Visita Ministro Aranha a Roma” e b. 15, f. 5, relatório da Embaixada italiana de Washington, 11/3/1938. Ver também HILTON (1994, pp. 188-189; 225-228 e 334-336) para informações sobre como essa simpatia não transbordou, porém, em amizade pelo Eixo ou em recusa da aliança com os EUA e da preferência pelo seu sistema político.

⁸² - FGV/CPDOC, Arquivo Osvaldo Aranha, filme 15, f. 609, carta de Osvaldo Aranha à Sparano, 16/4/1938.

⁸³ - Ver PRO, FO 371/19767, A3819, relatório Embaixada britânica de 16/4/1936. Na verdade, contudo, a diferenciação entre fascismo e nazismo não era exclusiva do Brasil, se mantendo na França (MILZA, 1967, 1981 e 1987), no Reino Unido (WOOLF, 1973) e mesmo nos Estados Unidos (SCHMITZ, 1988). A especificidade brasileira parece ter sido a intensidade atribuída a essa distinção.

“ (...) seu governo está em ótimas relações com o Sr. Mussolini e não tem receios dos fascistas começarem a causar qualquer problema aqui. Os alemães, contudo, são uma categoria totalmente diferente e Aranha está convencido que o Brasil tem que se preocupar com eles”⁸⁴

Essa posição certamente não era incomum no governo brasileiro, tanto que, quando este decidiu decretar algumas leis contra o funcionamento de partidos políticos estrangeiros no país em 1938, essas foram centradas visivelmente contra os alemães. Os italianos⁸⁵ não só sofreram restrições menores⁸⁶ como a eles foram dadas todas as garantias de que não seriam os alvos diretos delas⁸⁷. É claro que houveram restrições também com relação aos italianos (até por coerência jurídica) e as organizações italianas em ação no Brasil são pródigas em se queixar das mesmas. Foram, porém, aplicadas com menos rigor do que com relação aos alemães e até as mais severas leis anti-estrangeiros de 1942 atingiram menos os italianos (AQUINO, 1942; DANTAS, 1942).

Essa política diferenciada do governo brasileiro explica porque, como vimos no capítulo anterior, os italianos lutavam para não se confundirem com os alemães no período pré-1940 e

⁸⁴ - ADA, rolo 8/380, 832.00 Rev, fotograma 631, Memorando do Encarregado Negócios da Embaixada americana ao Secretário de Estado, 4/11/1938.

⁸⁵ - Outras coletividades estrangeiras também receberam garantias de que não seriam substancialmente afetadas por estas leis. Ver PRO FO 371/21428, A3532, Informe da Embaixada britânica de 28/4/1938 e FO 371/22725, A11984, relatório da Embaixada britânica de 14/1/1939.

⁸⁶ - Ver os comentários nesse sentido dos órgãos de inteligência americanos em NACP/Office of Intelligence Research, Division of Research for the American Republics, RG 59, 250/46/9/3-5, Entry 451B, Box 13, relatório “The United States and Italians in Latin America”, pp. 169-170. Ver também FGV/CPDOC, Arquivo Gustavo Capanema, filme 6, fotograma 230 e seguintes, carta do embaixador Ugo Sola a Capanema de 19/9/1939, onde o embaixador agradece a flexibilidade das leis com relação aos italianos. Ver também SILVA (1971) e SOUZA (sem data)..

⁸⁷ - FGV/CPDOC, Arquivo Osvaldo Aranha, filme 15, f. 609, carta de Sparano a Aranha de 7/12/1938 e ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 15, p. “Provvedimenti contro associazioni politiche straniere - fasciste e naziste”, Informe Embaixada italiana de 1/5/1938.

porque, quando das leis de 1938, recusaram-se a um esforço conjunto com Berlim para combatê-las, pois isso poderia prejudicar sua boa imagem com o governo brasileiro⁸⁸.

A relativa discrição da propaganda italiana, o tradicionalmente cordial relacionamento italo-brasileiro, a capacidade reduzida da Itália para se tornar ameaça ao Brasil, o fato da colônia italiana estar se assimilando rapidamente e a maior identidade dos homens públicos brasileiros com as propostas do fascismo italiano (especialmente o corporativismo) que com as do nazismo⁸⁹ explicam essa diferenciação⁹⁰. Novamente, porém, havia um pequeno ponto que gerava alguns atritos e problemas: a questão nacional.

De fato, temos registros de alguns atritos de alas do governo brasileiro com as propostas nacionalistas italianas a partir de 1930⁹¹ e mesmo antes e de disputas jurídicas entre Roma e o Rio de Janeiro para a definição da nacionalidade dos filhos de italianos e a questão do serviço militar dos mesmos (CERVO, 1992), etc. Ressalte-se, porém, que o governo brasileiro era tão cioso das boas relações com Roma e tão confiante da lealdade dos italianos e da inocuidade das atividades fascistas

⁸⁸ - Ver os documentos a respeito em Idem, diversos documentos e em Documents on German Foreign Policy, Série D (1937-1945), volume 5, documentos 602, 608 e 616. Ver também SILVA (1971) e TERCEIRO (1968, pp. 39-41).

⁸⁹ - O que não quer dizer, obviamente, que não houvessem pessoas no governo federal preocupadas com a questão dos alemães no Sul do país, mas com simpatia pela Alemanha nazista e com desejos de bom relacionamento com a mesma. Ver GERTZ (1988).

⁹⁰ - Stanley Hilton (HILTON, 1994, pp. 274-275 e 281) nos relembra, contudo, como essa tendência a separar italianos e alemães também era uma tática (em boa parte arquitetada pessoalmente por Osvaldo Aranha) para dividir o Eixo e impedi-lo de fazer pressão conjunta contra o Brasil nessa questão. Observação lúcida, mas que não desautoriza nossas outras observações.

⁹¹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 2, p. "Rapporti politici", diversos documentos e MUGNAINI (1986, p. 211).

que pouquíssimo se fez, a nível federal, contra as atividades fascistas⁹². A situação era diferente, porém, a nível estadual.

O Estado brasileiro e o fascismo: os governos estaduais e municipais

Realmente, as relações dos governos dos estados brasileiros com o fascismo foram menos uniformes que as do governo federal com o mesmo⁹³. Reconstruir a situação em cada um deles seria, contudo, não só muito difícil como desnecessário, pois a atuação dos italianos e dos fascistas nas políticas estaduais só teve reais implicações nos pontos onde os italianos estavam mais concentrados: o Rio Grande do Sul e, especialmente, São Paulo.

Já fizemos algumas referências, em capítulo anterior, a certas especificidades do caso gaúcho. Convém, nesse momento recordar apenas como as minorias étnicas do estado (alemãs e italianas, na sua maioria) estavam participando com cada vez mais força na política gaúcha (e também de Santa Catarina) e que as oligarquias/velhas elites de cada estado giraram entre a

⁹² - A exceção óbvia a essa regra é o período pós 1938 e, especialmente, pós 1940 e 1942, quando a aliança brasileira com os Estados Unidos e o recrudescimento do nacionalismo brasileiro fez o governo federal agir com mais rigor contra as manifestações de fascismo e nacionalismo italianos no Brasil. Foi, porém, um momento anormal nesse aspecto. Ver CORSETTI (1986 e 1990) e GIRON (1994).

⁹³ - A única real uniformidade era a contínua cordialidade que tanto fascistas como antifascistas italianos procuravam manter com as autoridades de cada estado e a presença contínua destas, em boa parte apenas por cordialidade e necessidade política de agradar os eleitores de origem italiana, nas cerimônias fascistas e, mais raramente, nas antifascistas.

cooptação clientelística (Rio Grande do Sul) e o conflito (Santa Catarina) com elas⁹⁴ até o fim dos anos 30, quando apoiaram o *Estado Novo* varguista e suas leis anti-estrangeiros, entre outros motivos, para poderem justamente bloquear a ascensão das colônias (GERTZ, 1988). Com isso, podemos perceber como a relação do governo estadual gaúcho com os imigrantes (alemães principalmente, mas também italianos) passou de uma situação de relativa estabilidade até um rompimento que fez do Rio Grande do Sul (e também Santa Catarina) um caso à parte, onde a repressão contra as minorias étnicas e contra fascistas e nazistas no fim dos anos 30 e início dos 40 foi muito mais sistemática e radical que nos outros estados⁹⁵.

No caso de São Paulo, não há sinais de uma relação tão problemática e nem de uma repressão tão rigorosa como a ocorrida no Rio Grande no final do período estudado. O governo paulista era geralmente menos bem visto, porém, que o governo federal pelos órgãos diplomáticos italianos presentes no estado. Isso é documentado já em 1924⁹⁶ e 1927⁹⁷ e, nos anos seguintes, não

⁹⁴ - Ver GERTZ (1987). Ver também GIRON (1994, pp. 114-116). A mesma autora também indica (GIRON, 1994, p. 128) a relação dos fascistas italianos da região colonial gaúcha com a elite política gaúcha, o que dava certa imunidade ao fascismo frente ao governo estadual.

⁹⁵ - Para essa situação colaborou também, obviamente, o fato de serem nesses estados que aquela que era vista como a real ameaça, a colônia alemã, estava concentrada. Sobre a repressão às colônias estrangeiras no Rio Grande do Sul, ver, entre outros, CORSETTI (1986 e 1990); GIRON (1994) e GERTZ (1987 e 1988). Ver também, para confirmação de época sobre especial repressão também contra os italianos no Rio Grande do Sul, ACS/MinCulPop, Ufficio NUPIE, b. 16, f. 8, sottof. 1, relatório da Embaixada italiana de 12/5/1939 e ADA, Rolo 4/380, Código 832,00, relatório "Italian Activities in Brazil", fotograma 19, p.24.

⁹⁶ - Neste ano, Giovanni Giuriati não considerou adequada sua recepção pelo presidente do estado de São Paulo, Washington Luís (que seria hostil ao governo italiano pela recusa deste em apoiar o retorno da migração em massa para São Paulo), e fez uma troca de descortêsias com o mesmo. Ver PRO, FO 3719516, A3103, Informe da Embaixada britânica de 24/4/1924.

⁹⁷ - ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, b. 146, p. "Movimento sovversivo - Movimento antifascista, Brasile 1927", Informe Embaixada italiana 23/2/1927.

faltaram momentos embaraçosos na relação do governo do estado com os diplomatas italianos⁹⁸ e críticas aos “tenentistas” (como Miguel Costa) que teriam subido ao poder em 1930 e que estariam ameaçando as escolas italianas de São Paulo entre 1931 e 1932⁹⁹. Acusações aos “antifascistas” supostamente presentes no governo paulista em fins dos anos 30 também estavam presentes¹⁰⁰.

Tudo parece indicar, porém, que os lamentos italianos eram exagerados e que, apesar de alguma irritação do governo do estado pelo problema da volta da imigração italiana a São Paulo, de um pouco de preocupação quanto à tentativa do governo fascista de educar os filhos dos imigrantes na escola italiana (o que contrariava as normas estaduais) e de um ou outro personagem da máquina estadual estar próximo aos antifascistas italianos (normalmente por mediação da Maçonaria), nunca houve uma política consistente, no governo paulista, de ataque aos fascistas italianos e apoio aos antifascistas, pelo contrário. Curioso notar, além disso, que boa parte do debate fascismo/antifascismo italiano no estado de São Paulo só veio à tona por problemas específicos da política estadual no entre guerras, a qual convém examinar um pouco melhor.

Não é certamente este o lugar para fazermos uma detalhada reconstrução da vida política estadual no entre guerras. É muito curioso, porém, abordar as íntimas relações de dois partidos chave

⁹⁸ - Em 1931, por exemplo, quando da visita de Ítalo Balbo ao Brasil, houve um sério incidente entre o Embaixador italiano e membros do governo paulista, que teriam sido insultados pelo primeiro. Ver PRO, FO 371/15810, relatório da Embaixada britânica de 29/1/1932, p. 25.

⁹⁹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 1, p. “Rivoluzione in Brasile - Governo provvisorio”, relatórios do Consulado de São Paulo de 12/2 e 28/7/1931 e b. 3, p. “Scuole Italiane all'estero”, telegrama da Embaixada italiana de 18/4/1932.

¹⁰⁰ - ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, b. 146, p. “Movimento sovversivo - Movimento antifascista, Brasile 1927”, Informe Embaixada italiana 23/2/1927 e ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 16, p. “Situazione politica interna - 1938”, relatório da Federação dos fasci all'estero de São Paulo à Segreteria dos fasci all'estero, 27/6/1938 e b. 21, p. “Rapporti politici - 1939”, relatório Consulado de São Paulo de 12/4/1939.

na política paulista daqueles anos com o fascismo e o antifascismo italianos. Estamos nos referindo ao *Partido Democrático* e ao *Partido Republicano Paulista*.

O *Partido Democrático*, fundado em 1926, era um partido oriundo das classes médias e de setores da oligarquia liberal do estado¹⁰¹, que se opunham aos setores mais conservadores da elite paulista, agrupados no *Partido Republicano Paulista*. Tal partido sempre deu forte apoio aos antifascistas italianos de São Paulo, o que é explicável pelo fato dos ideais democráticos e reformistas do PD serem próximos aos dos antifascistas italianos de São Paulo e também por um fator crucial: ambos concordavam com a necessidade do imigrante italiano assimilar-se o mais rápido possível à sua nova Pátria¹⁰².

De fato, os ideais liberais e a concordância sobre a questão assimilatória fizeram dos membros do PD bons aliados dos antifascistas italianos¹⁰³. O curioso, porém, é que o antifascismo dos democráticos não era apenas um apoio a um aliado que compartilhava das mesmas idéias, mas também um reflexo de um fato especificadamente local, ou seja, o filofascismo do grande inimigo do PD e bastião por décadas do poder da elite paulista, o PRP.

Tal partido não era totalmente favorável aos imigrantes, mas, da mesma forma que fazia com a população brasileira, procurava cooptá-los numa relação clientelística. Era nesse contexto que parece se situar o filofascismo do partido. Claro que, ideologicamente, eles tinham simpatias pelo regime de Mussolini (FAUSTO, 1995, p. 18), mas muito mais importante era o fato de que, através do filofascismo, eles pareciam ter uma ponte a mais com a elite industrial italiana de São Paulo e,

¹⁰¹ - Ver, sobre esse partido, CHACON (1981); PRADO (1986) e FONT (1990).

¹⁰² - Ver FAUSTO (1995, pp. 20-25) e FONT (1990).

¹⁰³ - Ver reflexões iniciais a respeito desse tópico em BERTONHA (1994 e 1994*).

especialmente, um canal para aproximar e incorporar parte dos italianos dentro de seu sistema clientelístico¹⁰⁴. Um fato que merece maior investigação, mas que demonstra, de qualquer forma, como a questão do fascismo e do antifascismo se articulava com a política local e determinava com quais aliados, no jogo do poder e no apoio/perseguição da máquina do governo estadual, os dois movimentos podiam contar e porque o governo estadual, apesar de tudo, nunca teve uma política firmemente antifascista.

Um último ponto. O fato do PRP estar em decadência nos anos 30 talvez ajude a explicar também a transferência do apoio de muitos italianos e descendentes, antes absorvidos em parte pela máquina do partido, ao movimento integralista. Nesse sentido, a observação de Mauricio Font (FONT, 1990, p. 305) que o fascismo italiano local não forneceu as bases para um partido fascista brasileiro ao ser cooptado pelo PRP revela-se talvez verdadeira para os anos 20, mas não, certamente, para os 30. Voltaremos ao tema no capítulo seguinte.

Com relação aos governos municipais, não existe muita informação a ser divulgada. Sabemos que os fascistas italianos, e, algumas vezes, até os antifascistas, eram normalmente bem recebidos pelas autoridades dos municípios onde residiam muitos italianos e que a cooptação de autoridades locais e a presença de prefeitos, vereadores, juízes e outras autoridades municipais nas cerimônias fascistas¹⁰⁵ era algo comum. Na Prefeitura de uma cidade como São Paulo, a presença de centenas de milhares de italianos fazia da questão do fascismo e do antifascismo, obviamente, algo

¹⁰⁴ - Ver mais detalhes em FONT (1990).

¹⁰⁵ - Ver, por exemplo, as cerimônias fascistas em Santos, Jundiaí e Urussanga em "Fascisti all'estero" in Il Legionario, VI, 4, 26/1/1929; "Gagliardetti fascisti e cuori italiani nel mondo" in Il Legionario, VII, 36, 6/9/1930 e artigo sem título em Il Legionario, VI, 31, 3/8/1929.

que se refletia na política local¹⁰⁶, mas a impressão que se tem é que, em geral, os fascistas italianos eram geralmente bem aceitos pelos poderes municipais, na maior parte das vezes por desejo de agradar aos imigrantes italianos, sendo que só questões de política local ou reflexos de posicionamentos do governo federal ou dos estaduais podiam turbar esse bom relacionamento.

A imprensa brasileira e o fascismo

No capítulo anterior, discutimos exaustivamente o crescente esforço do fascismo para controlar a mídia escrita brasileira. Resta agora um rápido exame de alguns dos resultados obtidos pelo fascismo nesse trabalho.

Ressalte-se a impossibilidade evidente de um estudo sistemático de toda a imprensa brasileira daquele período e a precariedade de nossas fontes de informação, a qual nos impede de ir além de algumas reflexões gerais que, espera-se, ajudem a elaboração de monografias capazes de delimitar melhor o argumento em questão.

Tal precariedade é evidente quando examinamos a relação da imprensa brasileira com o regime fascista no período entre o início do fascismo e a guerra da Abissínia em 1935. À parte algumas indicações gerais, apresentadas anteriormente, que indicam uma boa recepção, na imprensa

¹⁰⁶ - Em 1924 e 1926, por exemplo, a Câmara Municipal de São Paulo foi sacudida por dois pedidos de autorização, por parte da coletividade italiana, para a construção de um monumento à Mussolini. Os debates entre os vereadores foram intensos (girando em torno da ideologia fascista e da ameaça do nacionalismo italiano ao brasileiro), o que demonstra como, desde cedo, mesmo políticos de menor expressão e de âmbito local já tinham suas opiniões a respeito do fascismo. Ver mais detalhes em MARANHÃO (1986).

brasileira, ao fascismo como ideologia¹⁰⁷ e uma rejeição ao mesmo quando do choque de nacionalismos desde muito cedo¹⁰⁸, tudo o que temos a apresentar de específico sobre os anos 20 é essa interessante listagem organizada pela Embaixada italiana em 1928 e que classificava os principais jornais brasileiros da seguinte forma:

“Jornal do Commercio - governista

Diário da Noite - antifascista

O Combate - socialista de antifascista

O Estado de SP - conservador antifascista

Diário Nacional - democrático antifascista

São Paulo Jornal - filofascista

Correio Paulistano - oficioso

Correio da Manhã - democrático antifascista

Jornal do Brasil - conservador filofascista

O Paiz - oficioso

Gazeta de Notícias - conservador”¹⁰⁹

¹⁰⁷ - Ver ASMAE/MinCulPop, b. 288, p. “Commenti di giornali esteri sulla Carta del Lavoro” para a boa apreciação dos jornais brasileiros sobre a “Carta del Lavoro” em 1927. Ver também CAPELATO (1980a) sobre como o grupo “Folhas” não apreciava o “tirano” Mussolini, mas aceitava as “coisas boas do regime”, como a organização operária.

¹⁰⁸ - Ver PRO, FO 371/9516, A2108, relatório Embaixada britânica de 17/3/1924.

¹⁰⁹ - ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1642, Informe Embaixada italiana de 27/3/1928.

O período das duas primeiras guerras fascistas (Abissínia e Espanha) também é pouco documentado. Aparentemente, a maior parte da imprensa paulista ficou a favor da Itália durante a guerra africana¹¹⁰ e na guerra da Espanha¹¹¹, mas não houve unanimidade, tanto que várias revistas brasileiras foram sequestradas na Itália¹¹². A situação, de qualquer forma, parece não ter sido cristalina, com todos os jornais com posições claras e definidas pró ou anti Itália, como o caso do jornal Correio da Manhã demonstra exemplarmente¹¹³.

A diferenciação entre o fascismo e a Itália e o nazismo e a Alemanha na segunda metade dos anos 30, já abordada anteriormente, é muito mais visível, com os jornais fazendo, apesar de alguns ataques reflexos ocorrerem devido à associação italo-alemã¹¹⁴, continuamente essa diferenciação¹¹⁵.

¹¹⁰ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 9, p. "Stampa brasiliana - 1936", diversos documentos. Ver também PRO, FO 371/20193, A4751, telegrama da Embaixada britânica de 21/5/1936 e A4979, Informe de 28/5/1936 dando os nomes de alguns jornais (Jornal do Comércio, O Correio da Manhã) que teriam publicado artigos contra a Itália, mas ressaltando que a maioria da imprensa tinha sido comprada por Roma e que era, portanto, a favor da guerra fascista.

¹¹¹ - Ainda assim, a Embaixada italiana se queixava que, apesar do grosso da imprensa brasileira ser a favor de Franco e da intervenção italiana, ela via o conflito como algo europeu e não como a luta de vida e morte entre fascismo e comunismo que a Itália procurava apresentar. Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 12, p. "Stampa - 1937", relatório da Embaixada italiana de 17/3/1937.

¹¹² - Ver exemplos em ACS/Min Int, Pubblica Sicurezza, Divisione AAGRR, cat. F4, b. 4, p. "Anhanguera" e b. 66, p. "Pan".

¹¹³ - De fato, as fontes fascistas se contradizem na avaliação da posição desse jornal frente a guerra e, aparentemente, ela foi realmente bem fluida, variando conforme a política de subsídios de ingleses e italianos, a opinião de seu diretor, etc e muito pouco por razões ideológicas. Vide ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 9, p. "Stampa brasiliana - 1936", diversos documentos e ASMAE/MinCulPop, b. 394, p. "Correio da Manhã".

¹¹⁴ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 24, p. "Propaganda Culturale 1940", relatório da Embaixada italiana de 3/1/1940 e ADA, Rolo 4/380, Código 832,00, relatório "Italian Activities in Brazil", fotograma 19, p. 90.

¹¹⁵ - Ver, por exemplo, ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 6, p. "Giornali e riviste - 1934"; b. 12, p. "Stampa - 1937", relatório da Embaixada italiana de 17/3/1937 e ASMAE/MinCulPop, b. 412, p. "A Gazeta 1939".

Até os jornais alinhados no campo democrático e ferrenhos opositores do nazismo e do Integralismo não só se recusavam, segundo a Embaixada italiana¹¹⁶, a atacar o fascismo, como publicavam artigos enviados pelo MinCulPop¹¹⁷.

Nesse sentido, é interessante apresentar a avaliação que o governo italiano faz da imprensa brasileira em 1937, onde podemos ter um quadro geral da relação do fascismo com a imprensa brasileira nesse ano e verificar com mais detalhes não só como a situação se torna mais complexa com relação ao quadro equivalente de 1928, como também a imensa fluidez de posições dessa imprensa

“A Batalha - democrático, mas filofascista

Correio da Manhã - democrático, artigos fascistas e antifascistas

Diário Carioca - Democrático, antifascista por conveniência

Diário da Noite - Democrático, antifascista

Diário de Notícias - Democrático

Gazeta de Notícias - Não fascista mas favorável ao Eixo graças a subsídios alemão e japonês. Favorável ao Integralismo e ao acordo deste com Vargas.

O Globo - Democrático antifascista, mas mais centrado contra os nazistas que contra os fascistas, cuja conduta no Brasil considera exemplar

O Imparcial - Amigo da Itália. Anti integralista e, apesar de grande simpatia pelo fascismo e pelo Duce, questiona a universalidade fascista e defende a democracia

¹¹⁶ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 12 , p. “Stampa - 1937”, relatório da Embaixada italiana de 29/10/1937.

¹¹⁷ - Recorde-se, nesse ponto, que a Embaixada italiana agia com especial cuidado justamente para desviar a fúria anti totalitária dos jornais democráticos para o nazismo. Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 16 , p. “Situazione Politica interna - 1938”, relatório sobre a situação brasileira no ano de 1937.

O Jornal - Democrático, mas filofascista

Jornal do Brasil - Ambíguo, mas publica matérias pró fascistas

Jornal do Comércio - idem

A Nação - Era antifascista, mas apoiava a política internacional italiana. Atualmente, caiu nas mãos de jornalistas controlados por nós e é confiável.

A Noite - neutro

A Nota - Anti Itália na Guerra da Abissínia. Com a vitória italiana, tornou-se amigo.

A Offensiva - Da Ação Integralista, filofascista

O Povo - idem

A Vanguarda - Antifascista

O Estado de São Paulo - Liberal e antifascista

Correio Paulistano - Filofascista

A Gazeta - Idem

A Pátria - imprensa marrom

O radical - Imprensa marrom¹¹⁸

Foi só no período posterior à instauração do *Estado Novo* varguista em fins de 1937, de qualquer forma, que o fascismo pôde contar, por razões óbvias, com um maior consenso na imprensa brasileira, tanto que a Embaixada italiana não hesitou em considerar este período como uma oportunidade única para a propaganda italiana no Brasil¹¹⁹ e a censura italiana sobre alguns jornais

¹¹⁸ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 16, p. "Situazione Politica interna 1938", "Elenco Giornali Brasiliani - 1937".

¹¹⁹ - Idem, b. 12, p. "Stampa - 1937", relatórios da Embaixada italiana de 26/11 e 6/12/1937.

oriundos do Brasil (presente em todo o período pré 1937¹²⁰) diminuiu fortemente nesse final da década de 30. Só a lenta evolução do Estado brasileiro em direção aos Estados Unidos e à crescente repressão das atividades italianas e alemãs no início dos anos 40 impediram que esse consenso fosse consolidado¹²¹.

Temos, assim, um quadro geral sobre a relação da imprensa brasileira com o fascismo nos anos 20 e 30. Impossível encerrar esse balanço, porém, sem uma atenção especial a um dos jornais mais importantes do Brasil no período e, seguramente, o de maior influência no cenário paulista naquele momento: o O Estado de São Paulo.

O Jornal o Estado de São Paulo

O jornal O Estado de São Paulo era um jornal já bastante antigo e que se propunha à defesa dos ideais liberais e dos interesses de uma camada mais progressista da elite paulista (CAPELATO, 1980 e 1989). Era defensor da imigração européia como forma de melhorar a raça brasileira e de atingir a modernidade e o desenvolvimento, mas manifestou desde cedo um certo preconceito contra

¹²⁰ - Para a censura italiana sobre diversos jornais brasileiros entre 1927 e 1937, vide ASMAE/MinCulPop, b. 288, p. "Giornali italiani e stranieri", f. 4/11 e, especialmente, ACS/Min Int, Pubblica Sicurezza, Divisione AAGRR, cat. F4, b. 25, 29, 31, 36, 40, 42 e 70.

¹²¹ - Note-se que, mesmo quando as atividades italianas foram reprimidas no Brasil nos anos 40, a boa imagem do fascismo dentro da imprensa brasileira permaneceu, em boa parte porque o governo não permitia ataques diretos contra ele por temor que estes ataques se voltassem para si próprio. Ver NACP/Records of the Office of War Information, RG 208, 208/350/71/12/34, Box 436 relatório "Developments in Italy as seen in Brazil", 31/8/1943.

os imigrantes quando estes procuravam conservar traços de sua cultura de origem e/ou começaram a competir econômica e politicamente com a velha elite dominante no estado (FONT, 1990; FAUSTO, 1995 e ARAÚJO, 1996).

Foi a partir desses seus traços (defesa do liberalismo e de uma assimilação rápida dos imigrantes na sociedade brasileira) que ele se aproximou do *Partido Democrático* e avaliou a experiência fascista¹²², a qual era criticada enquanto oposição ao liberalismo. Note-se, contudo, que não só o jornal foi muito mais tolerante ao fascismo que ao comunismo (CAPELATO, 1980, pp. 101-104), como chegou a ser conivente com o antisemitismo (TUCCI CARNEIRO, 1988, pp. 393-403).

De fato, o que para ele era absolutamente inaceitável no fascismo não era tanto a sua ideologia, mas a sua pretensão de intervir nos assuntos brasileiros e impedir a absorção dos italianos na sociedade brasileira, o que o levou a apoiar incidentes como o do *Il Piccolo*¹²³ e a ter contatos com os antifascistas italianos, cuja defesa dos ideais democráticos e liberais (traço dominante dos antifascistas italianos de São Paulo) e da rápida integração dos italianos não podiam deixar de agradar ao jornal.

Os sinais desse contato são inúmeros: Piccarolo foi um colaborador contínuo do periódico (HECKER, 1989) e Mariani também escreveu nele por vários anos (FALCO, 1980, cap. IV). Frola

¹²² - Na realidade, o fato do jornal avaliar o fascismo a partir da ótica do interesses daqueles grupos sociais que se identificavam com ele e dos seus próprios é bastante comum. Vide o caso, por exemplo, do jornal *The Times*, que via o fascismo pela ótica das classes dirigentes inglesas ou do *La Prensa* de Buenos Aires, cuja crítica liberal leve ao fascismo e combate à sua ação no país eram muito próximas aos posicionamentos do *O Estado de São Paulo*. Ver NASCIMBENE (1987, p. 453) e GUARINI (1965).

¹²³ - ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1928, b. 35, p. "San Paolo (brasile) - Dimostrazioni antiitaliane e devastazione giornale Piccolo", telegrama da Embaixada italiana de 27/9/1928.

foi correspondente do jornal na França em 1929 (FROLA, 1947^a, p. 194) e vários de seus redatores se posicionaram a favor do antifascismo em diversas ocasiões¹²⁴. Além disso, O Estado de São Paulo chegou a fazer uma entrevista com Filippo Turati em 1930 (SCHIAVI, 1956, pp. 384-391), publicou um imenso volume de artigos de Francesco Saverio Nitti entre 1930 e 1940¹²⁵ e a polícia política fascista chegou a informar que seu diretor, Júlio de Mesquita, teria doado 30.000 francos à *Giustizia e Libertà* em 1931¹²⁶.

Claro que esse posicionamento do jornal não foi sempre tão cristalino e imutável. Há sinais, por exemplo, que o jornal teve uma certa simpatia pela Itália quando da Guerra da Abissínia¹²⁷ e ele, obviamente, mudou um pouco sua orientação liberal democrática em favor de uma posição mais favorável ao fascismo após o início da rigorosa censura do *Estado Novo* em 1937 e da intervenção direta do governo em 1940¹²⁸. Que seus traços democráticos nunca foram, porém, cem por cento eliminados é algo que pode ser inferido quando sabemos que ele nunca se converteu, mesmo na fase de intervenção, em propagandista dos regimes fascistas¹²⁹ e, especialmente, pelo fato de que, apenas o

¹²⁴ - Ver matéria sem título em *L'Italia*, 10/6/1932.

¹²⁵ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 12, p. "Stampa 1937", relatório da Embaixada italiana de 12/7/1937 e, especialmente, ACS/Archivio Francesco Saverio Nitti, b. 69, f. 223.

¹²⁶ - ACS/CPC, b. 3059, p. 814 ("Mariani, Mario"), relatório da Polícia Política de 3/12/1931.

¹²⁷ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 9, p. "Stampa Brasileira 1936", telegramas da Embaixada italiana de 9/3 e 3/7/1936.

¹²⁸ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 274, f. 10, sottof. Brasile - 1940, p. "Articoli Giornali", Informe da Embaixada italiana de 10/4/1940 e p. "O Estado de São Paulo", Informe Consulado de São Paulo de 1/6/1940.

¹²⁹ - Para informações sobre como, ainda em 1941, o jornal publicava majoritariamente artigos pró Aliados e aceitava artigos italianos, mas não alemães, vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 275, f. 10, sottof. Brasile - 1940, p. "Propaganda italiana a Rio de Janeiro", relatório do Consulado italiano de São Paulo, 17/10/1941 e b. 277, f. 8, sottof. 2, p. "Articoli e fotografie", informe Adido de Imprensa da Embaixada, 16/6/1941.

jornal tendo saído da intervenção varguista em 1946, reiniciaram-se imediatamente os artigos de Nitti e, também, de D. Luigi Sturzo¹³⁰.

A experiência de O Estado de São Paulo indica, assim, alguns dos caminhos seguidos pela imprensa brasileira no tocante ao fascismo. Resta agora trabalhar a questão no tocante a outro grupo de fundamental importância: os católicos.

A Igreja Católica Brasileira e o fascismo¹³¹

Analisar o comportamento dos católicos brasileiros frente ao fascismo não é tarefa simples pois, além do fato de ser impossível avaliar o posicionamento político de milhões de pessoas a partir de fontes pouco informativas nesse aspecto como as nossas, teríamos que dar conta de uma multiplicidade de momentos, de contextos locais, de subdivisões no clero e nos intelectuais católicos, etc, e isso é realmente problemático.

A literatura internacional a respeito do tema pode nos dar uma idéia dessa complexidade. De fato, a partir de um fundo geral onde os católicos receberam relativamente bem o fascismo inicialmente, se entusiasmaram com ele quando do Tratado de Latrão e perderam um pouco de seu encanto quando do caminho totalitário, racista e de aliança com a Alemanha nazista que o fascismo

¹³⁰ - Fondazione Luigi Sturzo/Archivio Luigi Sturzo, g. 669, c. 33, carta de Salvatore Cristaldi à D. Luigi Sturzo, São Paulo, 16/4/1946.

¹³¹ - Para um estudo mais detalhado sobre a relação dos católicos, brasileiros e italianos, com o fascismo, ver BERTONHA (1998d).

começou a tomar na segunda metade dos anos 30¹³², temos sacerdotes católicos furiosamente fascistas até o fim como, por exemplo, padre Charles Coughlin em Detroit¹³³ e uma minoria antifascista centrada em torno de figuras como D. Luigi Sturzo; avaliações totalmente distintas sobre o fascismo entre jornais e revistas católicas em países como Bélgica e Alemanha¹³⁴ e enormes divisões dentro da Igreja mesmo em países de forte tradição católica como a França¹³⁵. Tomar a Igreja Católica como um todo único e homogêneo seria, pois, um erro de interpretação.

Isso é bastante evidente no contexto brasileiro. Ainda assim, é possível identificar algumas tendências dentro da mesma, as quais indicam ampla e positiva recepção da idéia fascista. E isso tanto na alta hierarquia católica, como na base da estrutura eclesiástica.

No que concerne à alta hierarquia, não é difícil localizar indícios de suas boas relações com o regime e sua apreciação favorável dele e também do Integralismo¹³⁶. Em 1929, por exemplo, D. José Maurício da Rocha, bispo de Bragança, elaborou uma Pastoral de elogios à Mussolini, o qual teria melhorado o povo italiano e não havia esquecido de promover o ensino de religião nas escolas italianas e de reintroduzir o crucifixo nas mesmas e também nas repartições públicas de toda a Itália¹³⁷. O corporativismo também era bem vista (DE SOUZA, 1998, pp. 272-274).

¹³² - Ver REMOND (1971); GRANGE (1986); SALVEMINI (1977), NAZZARO (1971) e DIGGINS (1967 e 1972). Sobre as relações dos protestantes com o regime fascista, ver ROCCO (1979) e DIGGINS (1972).

¹³³ - Ver CANNISTRARO (1974) e MARX (1962).

¹³⁴ - GROGNARD (1983); SAUVAGE (1983) e LONNE (1971).

¹³⁵ - Ver CRIVELLIN (1984) e BUTARELLI (1994).

¹³⁶ - Para as ligações do clero brasileiro com o Integralismo, ver WILLIAMS (1974); BERTONHA (1998d) e BRANDALISE (1992). Para o caso específico do Ceará, ver PARENTE (1986) e MONTENEGRO (1986).

¹³⁷ - PACI (1929, pp. 248-249).

Em 1932, um bispo recepcionando Cardeal Pacelli no Rio de Janeiro não teve escrúpulos em dar “vivas” à Itália católica e à Mussolini (PINZETTA, 1995, p. 548) e, dois anos depois, o Cardeal D. Sebastião Leme, do Rio de Janeiro, recebeu uma condecoração italiana e seu discurso de agradecimento não deixava de salientar sua amizade e admiração pela Itália e pelo fascismo¹³⁸.

A Guerra da Abissínia não abalou esse idílio, muito pelo contrário. Tanto que, no Congresso Eucarístico de Belo Horizonte de 1936 (que reuniu mais de 50 bispos brasileiros e 30 mil católicos), vários dos mais importantes prelados brasileiros - como o Nuncio Apostólico Aloísio Masella, o Legado Pontifício Cardeal Leme e os arcebispos de Cuiabá, D. Francisco Aquino Correa e de Porto Alegre, D. João Becker¹³⁹ - manifestaram seu apreço pelo fascismo, suas obras e pela expansão do catolicismo que ele estaria promovendo na África. Vários desses prelados também foram recebidos na *Casa d'Italia* da capital mineira, onde o cônsul agradeceu a posição pró italiana do clero brasileiro durante a guerra e teve o prazer de escutar o discurso de D. João Becker defendendo a “civilização de Benito Mussolini”¹⁴⁰.

Não é realmente um acaso que a Embaixada italiana assim se expressasse em 1928:

¹³⁸ - “Gagliardetti fascisti e cuori italiani nel mondo” in *Il Legionario*, X, 19, 7/5/1932. O Cardeal Leme era, não por acaso, um dos articuladores do apoio da Igreja Católica Brasileira ao Integralismo. Ver WILLIAMS (1974).

¹³⁹ - Sobre a defesa da “democracia autoritária” de D. João Becker e sua coerência em se aproximar do fascismo e do Integralismo, vide ISAIA (1992) e BRANDALISE (1992, pp. 254-264)..

¹⁴⁰ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 10, p. “Missioni e Missionari”, recorte do *Diário da Tarde* de 7/9/1936. Parte dessas informações são reproduzidas em PINZETTA (1995, p. 548)..

“Não é a primeira vez, além disso, que tive a ocasião de ressaltar à Vossa Excelência os ótimos laços existentes entre as Autoridades eclesiásticas e as ordens religiosas do Brasil e esta Embaixada”¹⁴¹

O baixo clero também era muito próximo às organizações do fascismo italiano no Brasil, especialmente durante o período em que a assinatura do Tratado de Latrão aproximou de maneira notável católicos e fascistas. Temos, assim, registros de viajantes fascistas bem recebidos pelos párocos de pequenas cidades do interior do Brasil (PACI, 1929, pp. 329-331); de sacerdotes benzendo os estandartes dos *fasci all'estero* e dos *Dopolavoro* em pequenas cerimônias locais¹⁴², etc. Às grandes festas onde se reuniam as cúpulas da Igreja Católica e dos órgãos fascistas do Brasil¹⁴³ e às reuniões de caráter estadual¹⁴⁴ se associavam, assim, as de âmbito local, demonstrando como era consistente o relacionamento da Igreja Católica Brasileira com o regime fascista italiano.

¹⁴¹ - ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1642, carta Embaixada italiana ao Ministero degli Affari Esteri, 12/9/1928.

¹⁴² - Para os casos de Salto e Jundiaí, no interior de São Paulo, ver notícia sem título em Il Risorgimento, II/50, 20/6/1929 e “Fascismo all'estero” in Il Legionario, VI, 12, 23/3/1929. Vários outros exemplos estão disponíveis.

¹⁴³ - Vide, por exemplo, a grande festa comemorativa do Tratado de Latrão no Rio de Janeiro em 1929, onde se reuniram o Embaixador italiano e altas autoridades eclesiásticas brasileiras e a inauguração do *Dopolavoro* do Rio em abril/1929, com a presença do Nuncio Apostólico. Informações constantes em “Le nostre colonie” in Il Legionario, VI/13, 30/3/1929 e BARTOLOTTI (1930, p. 107).

¹⁴⁴ - Ver, por exemplo, a grande festa promovida por associações católicas mineiras e pelo Consulado italiano de Belo Horizonte para comemorar Latrão em 1929, com a presença do cônsul e do Arcebispo da cidade e uma outra equivalente em São Paulo em BARTOLOTTI (1928, p. 311) e em matéria sem título em Il Risorgimento, II/34, 28/2/1929.

Outros sinais desse bom relacionamento podem ser encontrados na falta de registros sobre um movimento antifascista dentro da Igreja Católica brasileira¹⁴⁵, no exame de várias revistas católicas brasileiras exaltando o fascismo¹⁴⁶, nos relatórios consulares dos Aliados¹⁴⁷ e até em cartas de seminaristas brasileiros ao governo italiano exaltando Mussolini como a glória da latinidade cristã contra a barbárie comunista¹⁴⁸.

Há sinais que os católicos brasileiros ficaram desgostosos com os rumos do governo fascista na segunda metade dos anos 30 e, especialmente, com a aliança com a “pagã” Alemanha nazista e as leis raciais de 1938¹⁴⁹. Mesmo assim, o apoio dos católicos brasileiros ao fascismo foi, obviamente com altos e baixos, chave para a suadifusão no país ao dar a ele uma aura de respeitabilidade e mais facilidade para ser aceito numa nação majoritariamente católica como o Brasil¹⁵⁰.

¹⁴⁵ - Nos arquivos de D. Luigi Sturzo, em Roma, existem muitas cartas de católicos americanos, argentinos, franceses, etc. manifestando seu antifascismo. Não há nada, porém, sobre o Brasil, o que sugere a ausência de sentimentos antifascistas mais desenvolvidos dentro dos quadros da Igreja Católica Brasileira.

¹⁴⁶ - ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1644, Carta da Embaixada italiana de 12/7/1929.

¹⁴⁷ - Ver PRO, FO 371/30477, A3854, diversos documentos de 1942 ressaltando a pouca simpatia da Igreja pela causa aliada, uma vez que ela poderia significar a vitória dos judeus, maçons e comunistas.

¹⁴⁸ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 12, p. “Stampa - 1937”, carta de 11/10/1937.

¹⁴⁹ - Ver Idem, b. 15, p. “Brasile e Italia”, Informe Embaixada italiana de 28/7/1938; ASMAE/MinCulPop, b. 49, p. “O Diário” e “A Batalha” de 1939; PRO, FO 128/393, relatório “The Catholic Church in Brazil” maio/1941 e FO 371/24204, relatório de 1/12/1939. Ver também NACP/Office of Intelligence Research, Division of Research for the American Republics, RG 59, 250/46/9/3 - 5, Entry 451B, Box 13, “Reports prepared by the special section of the Division of American Republics, Department of State, Volume 1, pp. 9-29.

Realmente, a Igreja Católica Brasileira era muito mais simpática ao fascismo que ao nazismo e mesmo no clero alemão no sul do país houve vozes, ainda que minoritárias, contra o nazismo. Ver GERTZ (1987, pp. 91-94).

¹⁵⁰ - Ver Idem, relatório “The United States and Italians in Latin America”, p. 175

Esse apoio também se transmutou, note-se, em apoio logístico às atividades fascistas, como o uso de associações católicas como sede para atividades culturais italianas¹⁵¹, aproveitamento de intelectuais católicos dentro da máquina de propaganda fascista¹⁵² e uso de estudantes de colégios católicos para formar a necessária massa para as comemorações fascistas quando a colônia italiana era numericamente insuficiente para esta finalidade, como, por exemplo, em Belém do Pará¹⁵³.

Com esse estabelecimento de alguns parâmetros da relação dos católicos brasileiros com o fascismo, consideramos encerrada a análise de como certos grupos da sociedade brasileira viveram e interpretaram a experiência fascista italiana. Não podemos encerrar o capítulo, porém, antes de fazer referência a um grupo bastante particular e diferenciado da sociedade brasileira e característico do período entre guerras e do Sul do país e, especialmente, de São Paulo: as outras coletividades estrangeiras.

O fascismo e as outras colônias estrangeiras no país

A literatura sobre a imigração no Brasil já é bastante extensa (HALL, 1989 e FAUSTO, 1991). Vários grupos étnicos importantes mereceriam estudos mais detalhados, como os espanhóis e

¹⁵¹ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 277, f. 13, sottof. 1, p. "Corsi di lingua e letteratura italiana", Informe Consulado de Porto Alegre, 28/3/1939.

¹⁵² - Idem, b. 278, f. 14, sottof. 1, p. "Mostra della Stampa e del Libro italiano - Brasile", Informe do Consulado de Belo Horizonte, 27/3/1937.

¹⁵³ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 13, p. "Onoreficienze e Onoranze", relatório do Consulado de Belém do Pará, 31/8/1937.

portugueses, enquanto os estudos sobre alguns grupos minoritários como árabes, armênios, judeus e eslavos estão apenas no início. A história dos alemães, italianos e japoneses, porém, é melhor conhecida e os trabalhos sobre estes grupos já são consideráveis. Ainda assim, a maioria dos estudos segmenta os grupos étnicos em compartimentos estanques, o que não corresponde, especialmente no caso da cidade de São Paulo, à realidade, pois as diferentes etnias interagiram continuamente entre si e a rica história das trocas culturais, dos conflitos e acomodações entre eles (e também com a população brasileira nativa) ainda está por ser escrita¹⁵⁴.

Já trabalhamos com a relação dos fascistas italianos com a população negra brasileira num momento especial, a Guerra da Abissínia, e parece evidente que mais trabalhos a respeito são necessários. O mesmo pode ser dito sobre o relacionamento do fascismo italiano com as diferentes coletividades estrangeiras do Brasil. Alguns elementos, porém, já puderam ser identificados.

A primeira evidência que surge do material consultado é que, em muitos casos, a relação de uma coletividade estrangeira com o fascismo italiano local dependia muito das relações de seu país de origem com Roma. É o caso da colônia iugoslava, razoavelmente organizada no Brasil do entre guerras, e onde não só as divisões entre croatas, sérvios e bósnios originárias da Pátria de origem continuavam, como se mantinha, aparentemente, uma posição de certa antipatia pelo fascismo devido às contínuas tensões entre Roma e Belgrado¹⁵⁵.

¹⁵⁴ - Para o caso dos Estados Unidos, onde tais trabalhos são aparentemente mais comuns, mas que também parecem ser insuficientes, ver o prefácio de Rudolf Vecoli em VENTURINI (1990). Ver também diversos interessantes trabalhos sobre as relações dos italianos dos EUA com outras etnias em BAYOR (1978); KANAWADA (1982); STACK (1979) e MORMINO (1987), entre outros.

¹⁵⁵ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 15, p. "Brasile e Italia", f. 17, Telexpresso de 28/9/1938 e SANGIRARDI (1993). Segundo este último, havia também em São Paulo um núcleo de guerrilheiros croatas, os quais foram apoiados, na Europa, por Mussolini. Seria curioso verificar a existência de algum tipo de contato entre estes e os fascistas italianos de São Paulo.

Também com as diferentes coletividades oriundas do mundo árabe havia essa tendência de avaliar o fascismo a partir da relação deste com a Pátria de origem. Havia, assim, libaneses que apoiavam o fascismo como forma de libertar o Líbano do domínio francês¹⁵⁶ e que deveriam, na visão da Embaixada italiana, receber uma manifestação de apoio dos italianos de São Paulo, enquanto os libaneses católicos eram firmemente pró França e anti Itália¹⁵⁷.

O caso mais emblemático dessa situação, porém, é o caso da coletividade húngara. Como é de domínio geral, a Hungria manteve, no período entre guerras, uma relação bastante próxima com a Itália (BRECCIA, 1980). Isso se refletiu numa relação muito harmoniosa entre os italianos e os húngaros locais, que participavam da acolhida de dignatários fascistas¹⁵⁸, demonstravam continuamente sua admiração pelo Duce¹⁵⁹, colaboravam na propaganda fascista¹⁶⁰ e recebiam especial atenção do governo italiano, que fornecia aos dois jornais húngaros de São Paulo (Magyar Hirlap e Ujsag) o mesmo serviço telegráfico fornecido ao Fanfulla¹⁶¹.

Ainda sobre os croatas, ver NACP/Office of Intelligence Research, Division of Research for the American Republics, RG 59, 250/46/9/3-5, Entry 451B, Box 13, relatório "Subversive Activities on the part of the croats in this Hemisphere".

¹⁵⁶ - Idem, b. 9, p. "Stampa Brasile - 1936", recorte da Gazeta de Notícias de 7/8/1936.

¹⁵⁷ - Idem, b. 4, p. "Rapporti Politici", relatório Embaixada italiana de 29/4/1933. Os filo fascistas seriam minoritários e basicamente muçulmanos e greco-ortodoxos.

¹⁵⁸ - Idem, b. 17, p. "Mostre e Esposizioni", Informe Consulado de São Paulo de 12/4/1937.

¹⁵⁹ - Ver o telegrama da Liga Húngara Brasileira em Idem, b. 9, p. "Rapporti Politici", f. 3, telegrama de 2/12/1936.

¹⁶⁰ - Ver a irradiação de hinos fascistas e canções italianas na "Hora húngara" da Rádio Cultura de São Paulo em Idem, b. 14, p. "Onoreficienze ed Onoranze", f. 3, Telexpresso Embaixada italiana de 1/6/1937.

¹⁶¹ - Idem, b. 12, p. "Stampa - 1937", f. 4, Informe Embaixada italiana de 21/6/1937.

O caso da colônia portuguesa demonstra, porém, que também as tensões e problemas locais podiam afetar a maneira como outras coletividades estrangeiras viam o fascismo e a Itália. De fato, apesar de sabermos muito pouco sobre a relação da colônia portuguesa do Brasil com o salazarismo¹⁶² (o que seria relevante para entender sua visão do fascismo italiano) e de haver trocas de gentilezas entre os diplomatas portugueses e italianos no Brasil e participação de cidadãos portugueses em exhibições de filmes e cerimônias fascistas¹⁶³, os órgãos diplomáticos italianos se queixavam continuamente da inimizade dos portugueses frente aos italianos, inimizade esta que teria chegado a um boicote comercial anti-italiano quando da Guerra da Abissínia¹⁶⁴ e que continuava ainda em 1940, quando a Legação italiana em Lisboa fez um protesto frente ao governo português devido ao tom anti-italiano da imprensa portuguesa no Brasil¹⁶⁵.

Discutir as razões dessa inimizade seria tarefa que extrapola, obviamente, os limites desse texto. Parece provável, porém, que a competição por espaços econômicos e trabalho entre os dois

¹⁶² - Que a questão interessava à colônia é algo que pode ser inferido quando sabemos da existência de organizações como o *Centro Tradicionalista Português*, a *Liga D. Manuel* e o *Centro Republicano Português* (esta última de esquerda e que chegou a ter contato com os antifascistas italianos locais) no Brasil. Ver “Ancora adesioni e solidarietà” in *La Difesa*, VIII/360, 20/6/1931; “Brasileiros e italianos confraternizam em festa antifascista” in *A Gazeta*, 11/6/1945 e FGV/CPDOC, Arquivo Filinto Muller, FM/relatórios chp/SIPS “Inquérito político econômico entre as colônias estrangeiras”, 4/10/1938. Ver também DA SILVA (sem data) e PAULO (1994). A mesma autora pesquisa a ação salazarista entre os imigrantes portugueses no Brasil entre 1930 e 1960..

¹⁶³ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 275, f. 10, sottof. 8, p. “Pellicole di Propaganda - Brasile”, diversos informes de 1938; b. 276, f. 10, sottof. 8, p. “Manifestazioni varie a San Paolo del Brasile”, diversos documentos e b. 278, f. 14, sottof. 1, p. “Brasile - propaganda italiana”, informe Consulado de São Paulo, 27/8/1938.

¹⁶⁴ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 9, p. “Rapporti Politici 1936”, f. 4, Telexpresso Embaixada italiana, 16/8/1935 e “Cordialità italo-portoghese” in *Fanfulla*, 29/5/1939, citado em Idem, b. 21, p. “Rapporti Politici 1939”.

¹⁶⁵ - Idem, b. 24, p. “Stampa - 1940”, Informe MinCulPop à Embaixada italiana da Rio de Janeiro, 23/11/1940.

grupos e, no caso do movimento operário, a fama de “fura greves” do português¹⁶⁶, tenha conduzido a uma certa tensão entre as comunidades que se convertia em manifestações anti italianas por parte dos portugueses, que tinham uma relação tensa, aliás, também com os brasileiros (RIBEIRO, 1990 e CHALHOUB, 1986).

O caso espanhol também merece ser recordado, ainda que seja apenas para contestar análises recentes que tendem a ignorar as tensões e problemas que a luta contra e pró Franco e a Guerra Civil Espanhola trouxeram para a coletividade espanhola no Brasil. De fato, num pioneiro e valioso trabalho sobre os imigrantes espanhóis no Brasil, Herbert Klein (KLEIN, 1994, p. 94) atribui à coletividade espanhola uma quase apatia frente aos acontecimentos vividos pela Espanha no entre guerras, afirmando inclusive que o grosso dos brasileiros que foram lutar nas Brigadas Internacionais ou ao lado de Franco eram brasileiros sem antepassados espanhóis.

Ora, não só essa última afirmação é refutada em um recente trabalho de Thaís Battibugli (BATTIBUGLI, 1996, pp. 86-94), onde aparecem vários espanhóis e descendentes de espanhóis partindo para a Espanha, como há muitos indícios que ao menos alguma atividade franquista e antifranquista esteve presente no Brasil no período entre guerras e que, portanto, a observação de Klein é, no mínimo, prematura.

Em relação aos espanhóis republicanos e antifascistas, sabemos, por exemplo, de contatos dos mesmos com os antifascistas italianos de São Paulo¹⁶⁷, da existência de jornais antifranquistas

¹⁶⁶ - Não cabe aqui discutir se esta fama era justa ou não (FAUSTO, 1977; MARAM, 1979 e RIBEIRO, 1990). Aparentemente, contudo, ela existia e deve ter sido motivo de atrito entre os operários de origem italiana e portuguesa de São Paulo.

¹⁶⁷ - Vide “Ancora adesioni e solidarietà” in *La Difesa*, VIII/360, 20/6/1931; “Brasileiros e italianos confraternizam em festa antifascista” in *A Gazeta*, 11/6/1945 e ACS/CPC, b. 4357, p. 20109 (“Robba, Achile”), relatório Ministero Interno 29/10/1931. Essa aliança era, aliás, natural se nos lembrarmos em conta a aliança assinada entre o PRJ e os republicanos espanhóis em 1928. Ver SCIOSCIOLI (1975).

como Gaceta Hispanica e Espana Republicana, de atividade geral de propaganda antifranquista, inclusive com tentativas de cooptação dos operários espanhóis do Brás¹⁶⁸, e que, ainda em 1941, estas atividades incomodavam o governo espanhol¹⁶⁹, mas são apenas fragmentos de uma realidade maior que mereceria ser investigada¹⁷⁰.

A mesma observação pode ser feita para o outro lado da barricada, ou seja, a atividade franquista entre os espanhóis do Brasil. Sabemos que, quando da Guerra Civil, houve uma transposição do conflito para as colônias espanholas fora da Espanha¹⁷¹ e que, em fins da década de 30, o franquismo começou a ser divulgado no exterior com mais decisão¹⁷². No caso brasileiro, temos evidências da existência de vários jornais nacionalistas espanhóis no fim dos anos 30¹⁷³, de atividades

¹⁶⁸ - AERJ/DOPS, Série Temática "Espanhol", Pasta 1, diversos dossiês. Ver também NACP/Records of the Office of War Information, RG 208, 350/71/12/34, Box 437, relatório "The dissolution of Comintern - Repercussions on the Free Movements in Brazil", 2/7/1945 e NACP/Office of Intelligence Research, Division of Research for the American Republics, RG 59, 250/46/9/3-5, Entry 451BBox 14, "Reports prepared by the special section of the Division of American Republics - Department of State, volume 5, 7 a 12/1943, pp. 99-100, onde se diz que a maioria dos espanhóis de poucas posses vivendo no Brasil eram republicanos e contra a Falange.

¹⁶⁹ - FGV/CPDOC, Arquivo Filinto Muller, FM/33.04.26 chp/ad, carta Embaixada espanhola de 13/10/1941 pedindo providências contra o *Centro Republicano Espanhol* de São Paulo.

¹⁷⁰ - Para trabalhos recentes sobre os exilados antifascistas espanhóis no Brasil, mas que se concentram nos anos 40 e 50, ver GATTAZ (1996) e DE OLIVEIRA (1997). Ver também BERTONHA (1998i). Para dados esparsos sobre a reconstrução do antifranquismo espanhol no Brasil pós II Guerra Mundial, ver NACP/Records of the Bureau of War Communication, RG 259, 570/74/34/3 - 4, Entry E-32, Box 5, p. "Monthly Reviews, 1945", informe de 30/6/1945.

¹⁷¹ - Para informações gerais, ver GOMEZ ESCALONILLA (1988).

¹⁷² - Para o caso francês, ver BERMEJO (1994), para o mexicano, MONTFORT (1984) e, para o argelino, BESSIS (1994^a, pp. 435-441)..

¹⁷³ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 5, p. "Stampa Brasileira", relatório Embaixada do Rio de Janeiro, 12/7/1937.

gerais de propaganda e vigilância sobre a coletividade espanhola¹⁷⁴, de apoio logístico da Embaixada italiana para as atividades falangistas no país¹⁷⁵, de solidariedade falangistas/integralistas¹⁷⁶ e de alguma vigilância policial sobre os fascistas espanhóis na época da guerra¹⁷⁷. No mais, pouco se sabe, e seria um excelente tema para uma monografia específica.

Para concluir, seria fundamental abordar o problema das atividades nazistas no país e verificar como a imensa coletividade alemã instalada no Brasil via e se relacionava com o fascismo italiano e seus representantes no país. Os indícios sobre essa questão são, porém, vagos em excesso para podermos ter conclusões definitivas. Como vimos no capítulo anterior, os italianos tinham uma certa resistência a associações ostensivas com os alemães para evitar a transferência para si do sentimento geralmente anti alemão e anti nazista da opinião pública brasileira, o que não impediu, porém, um certo número de atividades conjuntas entre as duas coletividades¹⁷⁸. Alguma simpatia

¹⁷⁴ - Para informações sobre o franquismo entre os espanhóis do Brasil, ver AERJ/DOPS, Série Temática "Espanhol", Pastas 1 a 4 e NACP/ Office of Intelligence Research, Division of Research for the American Republics, RG 59, 250/46/9/3-5, Entry 451B, Boxes 13 e 15, diversos e volumosos relatórios. Ver também NACP/General Records of Latin American Branch, RG 165, 390/35/17-18/5-1, Entry 1988, Box 982; NACP/Records of Foreign Economic Administration, Pan American Branch, RG 169, diversos; PRO, FO 371/33651, A3706; HUMPHREYS (1981); BRADFORD (1943, pp. 97-106) e CHASE (1943).

¹⁷⁵ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 14, p. "Servizi Telegrafici, radiotelegrafici e postali - 1937", f. 5, Informe Consulado de São Paulo, 6/7/1937 e Idem, b. 15, p. "Rapporti Politici", Telex ao MAE, 15/3/1938.

Os jornais franquistas do Brasil também demonstravam grande apreço pelo fascismo e pelo Duce. Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 5, p. "Stampa brasiliana", relatório da Embaixada do Rio de Janeiro de 12/7/1937.

¹⁷⁶ - Um ato neste sentido ocorreu em 1936, quando deputados republicanos espanhóis solicitaram ao governo brasileiro a libertação de Luís Carlos Prestes. Como resposta, os integralistas atacaram a Embaixada espanhola. Ver PRO, FO 371/19766, A5105, relatório da Embaixada britânica de 20/6/1936.

¹⁷⁷ - AERJ/DOPS, Série Estados/SP, Pacote 22I, Boletim de Informações, 8/12/1942.

¹⁷⁸ - ACS/MinCulPop, DGP, b. 275, f. 10, sottof. 8, p. "Pellicole di propaganda - SP", Informes diversos de 1938.

mútua (assim como um pouco de desconfiança¹⁷⁹) derivada das indas e vindas da aliança entre fascismo e nazismo no plano internacional parece ter, assim, existido, mas é um tema ainda pouco pesquisado e que nem a já razoável bibliografia sobre as atividades do NSDAP no Brasil¹⁸⁰ aborda consistentemente, o que é um pouco frustrante.

Temos, assim, um quadro geral de como a sociedade brasileira recebeu a propaganda e a imagem da Itália fascista no decorrer do período entre guerras. Sem dúvida, é um quadro ainda fragmentado e que merece correções e complementações, mas ele já é suficientemente claro, no nosso entender, para demonstrar com o fascismo italiano foi geralmente bem visto no Brasil do período. Tal fato não podia deixar de ter implicações políticas ao popularizar a idéia fascista no país e ao deixar parte substancial da população brasileira inclinada a apoiar os movimentos de extrema direita locais e, especialmente, o Integralismo, cuja relação com o fascismo italiano será o tema do próximo capítulo.

¹⁷⁹ - Em 1932, por exemplo, os nazistas do Rio de Janeiro pediram ao fascio local a cessão de uma sala para uma reunião semanal. A Embaixada parece ter hesitado um pouco sobre a conveniência desse empréstimo. Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 2, p. "Rapporti politici", telegrama Embaixada do Rio de Janeiro, 13/2/1932. A disputa pela influência no Integralismo também é uma prova dessa desconfiança entre fascistas e nazistas no Brasil, especialmente antes da formação do Eixo na Europa.

¹⁸⁰ - Apenas para citar a bibliografia mais recente, ver CAMARGO (1997); PERAZZO (1997); COHEN (1988); GERTZ (1987), MAGALHÃES (1998) e SEYFERTH (1979).

Cap. 8 - A influência do Fascismo italiano na política brasileira: o Integralismo¹

No decorrer desse texto, tivemos a oportunidade de indicar os interesses italianos no Brasil (e os diferentes instrumentos utilizados por Roma para atingir esses objetivos) e de apresentar a imensa propaganda do governo fascista no Brasil juntamente com os efeitos dessa propaganda em diversos segmentos da sociedade brasileira do período. Resta agora examinar alguns desdobramentos dessas atividades italianas dentro da história política brasileira. Nesse sentido, a chave de nossas reflexões devem se centrar nas relações entre o governo fascista italiano e a *Ação Integralista Brasileira*, as quais foram realmente intensas²

As primeiras notas sobre a formação da AIB foram enviadas à Roma pelo cônsul de São Paulo, Serafino Mazzolini, em 1931. Mazzolini foi transferido, porém, para Montevidéu em 1932 e os cônsules e embaixadores subsequentes (até 1936) só fizeram análises superficiais sobre o Integralismo. Tais análises preocupavam-se, principalmente, em identificar os pontos comuns da ação dos integralistas com a do fascismo italiano e escondiam várias preocupações: o nacionalismo integralista, que parecia ser uma fonte de conflito com a Itália; a crescente influência nazista no movimento e consequente perda de prestígio do fascismo, etc.

A partir de 1936, a atitude italiana frente à AIB mudou e esta passou a ser vista como movimento de importância e analisada com maior positividade. Tal mudança de política foi devida à maior evidência de crescimento do poder político do Integralismo, maior atenção do governo

¹ - Uma versão muito reduzida, e preparada para um público não brasileiro, desse capítulo, deve ser publicada brevemente em inglês. Ver BERTONHA (1998e).

² - As informações a seguir vem basicamente de TRENTO (1982) e SEITENFUS (1984, 1985 e 1990).

italiano³ e à agudeza e capacidade de observação do encarregado de negócios italiano Menzinger, que tomou conta dos assuntos da Embaixada a partir de meados de 1936.

O documento que marcou essa mudança de postura é um telegrama do Conde Ciano aos cônsules e à Embaixada no Brasil em outubro de 1936, pedindo informações sobre o Integralismo e a conveniência em apoiá-lo. As respostas dos cônsules desaconselharam o apoio por temor de choque de nacionalismos e por uma certa desconfiança residual com a AIB. Já a Embaixada do Rio de Janeiro, sob a responsabilidade de Menzinger, propôs ajudar o Integralismo através de subsídios e da transferência do apoio dos ítalo-brasileiros sob a influência de Roma para o movimento.

O *Ministero degli Affari Esteri* aceitou as propostas de Menzinger e resolveu acreditar nas informações colhidas de que a Ação Integralista estava tendo penetração real na sociedade brasileira e que se poderia tirar o movimento da órbita nazista para a fascista. Além disso, o governo italiano enviou um emissário ao país, o Dr. Gomes, para estudar o Integralismo e este se impressionou com o movimento, defendendo o apoio ao mesmo para facilitar o seu controle e aumentar a influência italiana na política brasileira. Com isso, um subsídio financeiro passou a ser transferido regularmente dos cofres italianos para os integralistas⁴, apoiando o seu esforço para se tornar um movimento de massa.

Após a instauração do *Estado Novo*, porém, a Itália desestimulou os integralistas a lutarem contra Vargas, instando-os a colaborar com o novo regime. Não é de estranhar essa

³ - Em 1935, Ferruccio Cabalzar, representante dos *Comitês pela Universalidade de Roma* (órgão italiano encarregado de criar uma "Internacional Fascista" às ordens de Roma), deveria vir ao Brasil. Não é improvável que seu objetivo fosse iniciar os estudos sobre o Integralismo.

Vide AHI, 41/3/12, Ofícios da Embaixada da Itália ao Itamaraty - 1935 (ag/dez), Ofício de 21/8/1935 e ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 6, p. "Movimento fascista no Brasil".

⁴ - Um dos portadores do dinheiro italiano para os integralistas, aliás, era o conhecido militante fascista italiano e morador de São Paulo Nunzio Greco. Vide a sua entrevista no jornal *O Globo* de 27/5/1946 confirmando o fato e citada em ASMAE/Affari Politici 1946-1950, (Brasile), b. 1, p. "Stampa - Brasile, 1946".

mudança de atitude italiana: o novo governo Vargas era simpático à Roma; Vargas tinha, nos altos círculos fascistas, um juízo mais alto que Plínio Salgado e o Brasil, sob o *Estado Novo* varguista, parecia se fascistizar com rapidez. Razão para o afastamento do governo italiano da AIB, recusa de fornecimento de armas e cancelamento dos subsídios financeiros em 1938.

O embaixador Lojacono era de opinião, mesmo em 1938, que o Integralismo ainda teria algum papel na história do Brasil e que seria útil continuar fazendo o jogo duplo de boas relações tanto com Salgado como com Vargas, mas Roma, satisfeita com o novo governo brasileiro e certa agora que o Integralismo não tinha mais futuro político, confirmou o cancelamento dos apoios em 1938, mesmo ano em que os integralistas tentaram dar um golpe de estado (quando pediram, aliás, ajuda italiana para o mesmo e asilo político quando ele falhou⁵) e foram dispersados e reprimidos pelo governo. Um fim melancólico para uma relação que, apesar de tudo, foi amigável a maior parte do tempo.

As boas relações entre a AIB e o governo fascista italiano não se limitaram, porém, ao fornecimento de fundos por parte dos italianos. Elas foram muito mais complexas e intrincadas do que parecem à primeira vista e, como veículo para esse íntimo relacionamento, foram fundamentais as coletividades italianas presentes no Brasil e a estrutura de catequese montada pelo governo fascista para atingi-las.

Essa faceta do movimento integralista é muito curiosa e nos permite levantar vários elementos interessantes sobre sua constituição e caráter. De fato, o debate a respeito do caráter fascista do Integralismo pode ser muito enriquecido por essa visão das suas intensas relações com o fascismo italiano. Ao mesmo tempo, esse relacionamento é a chave para entendermos algumas

⁵ - Hélio Silva traz bons documentos sobre o golpe integralista e a tentativa de fuga do integralista Severo Fournier na Embaixada italiana. Vide SILVA (1971, pp. 275-294).

Para notícias de pedidos de ajuda integralistas à Roma quando do golpe de 1938, vide ADA, rolo 8/380, código 832.00 Rev., fotograma 606, memorando da Embaixada americana para o Departamento de Estado de 25/5/1938. Os despachos da Embaixada americana de fins de junho/início de julho de 1938 também comentam a tentativa de asilo de Severo Fournier e outros integralistas na Embaixada italiana.

das influências que as atividades italianas trouxeram à cena política brasileira. Nesse sentido, examinemos, em primeiro lugar, a questão do fascismo italiano como fonte de inspiração para os fascismos nacionais e os caminhos pelos quais pedaços da experiência fascista italiana foram transplantados para o corpo do movimento integralista.

Infelizmente, os primórdios do fascismo no Brasil são ainda pouco estudados. Não resta dúvida, porém, que os primeiros passos do fascismo no Brasil foram, em boa parte, inspirados pelo fascismo italiano e por sua atividade no Brasil. De fato, já em 1922, surgiu, com clara inspiração fascista, a *Legião Cruzeiro do Sul*. Os movimentos posteriores, como o *Partido Nacional Fascista/Ação Social Brasileira* de J. Fabrino, a *Legião Cearense do Trabalho*⁶, o *Partido Nacional Sindicalista* de Olbiano de Mello, o *Partido Fascista Brasileiro* e a *Legião 3 de Outubro* também tiveram, ao lado de um enraizamento no clima intelectual brasileiro, uma inspiração - que é expressa diretamente em seus manifestos e que, obviamente, varia de movimento para movimento⁷ - na Itália de Mussolini, sendo razoável acreditar que parte dessa inspiração foi motivada pela propaganda pró-fascismo (certamente menos forte, como vimos, que nos anos 30, mas ainda sim presente) desenvolvida pelos consulados italianos no período. Nesse ponto, concordamos com Carone⁸ quando ele identifica, no Brasil dos anos 20, duas correntes de pensamento e ação de extrema direita que se interligavam : a fascista italiana e as pequenas tentativas de criação de um fascismo indígena. A influência italiana nesse momento está, pois, mais que clara.

Essa situação de inspiração num referencial externo é não apenas mantida, como ampliada no pós 1932, período em que surge a *Ação Integralista Brasileira*. Não é esse

⁶ - Sobre a Legião Cearense do Trabalho, vide CORDEIRO (1992).

⁷ - Vide CARONE (1973, p. 289) e TRINDADE (1974, pp. 103-116).

⁸ - CARONE (1974, pp. 194-195).

certamente o momento para rediscutir em profundidade as influências do fascismo italiano na ideologia integralista ou fazer comparações pontuais entre elas. É impossível não reconhecer no Integralismo, porém, uma série de influências do fascismo italiano. Essas influências passavam especialmente pelo campo ideológico, como a doutrina corporativa, a descrença na democracia, a priorização do Estado em relação à sociedade, etc, mas também se manifesta em itens aparentemente secundários, como a mística e a simbologia onde são evidentes as influências do fascismo italiano (e também de outros movimentos fascistas europeus) na mitologia do líder, na coreografia das grandes manifestações, na doutrinação da juventude (onde a organização dos “plinianos” se assemelhava notavelmente à dos “balilas” italianos), etc⁹.

Mais importante que o reconhecimento dessa influência, contudo, é verificar os canais concretos pelos quais elementos do organismo fascista italiano passaram ao seu equivalente brasileiro e influenciaram seu caráter e sua constituição.

Um desses canais foi a coletividade italiana e os órgãos fascistas em ação no Brasil, especialmente os de São Paulo. De fato, assim como militantes do antifascismo italiano presentes no Brasil conseguiram transferir conceitos da luta antifascista mundial para o antifascismo brasileiro¹⁰, foi também através da embaixada italiana e dos órgãos da colônia italiana que se criou um fluxo não só de apoio institucional entre o Integralismo e o governo de Mussolini (como já comentado), mas também de influências intelectuais¹¹ e políticas que foram relevantes para a

⁹ - Para a influência dos movimentos fascistas europeus na mística e na ritualística integralista, ver BERTONHA (1992a e 1993).

¹⁰ - Vide BERTONHA (1995).

¹¹ - Que se originava também, sem dúvida, do enorme volume de bibliografia sobre o fascismo que circulava no país naqueles anos e do imenso volume de propaganda que o governo fascista despejava no Brasil nos anos 30 e que atingia também os integralistas. Em 1935, por exemplo, o MinCulPop distribuiu grande quantidade de livros sobre a doutrina fascista para líderes da AIB como Gustavo Barroso, Miguel Reale, Jeová Motta e Olbiano de Mello. Vide ACS/MinCulPop DGP, b. 272, f. 10, sottof 30, p. “Invio di pubblicazioni nel Brasile”, Informe MinCulPop, 21/3/1935.

difusão de idéias de extrema direita no país e para a própria definição do caráter do movimento. Isso é evidente em líderes como Miguel Reale, que era de origem italiana e estudou em escolas italianas de São Paulo¹² e também em Plínio Salgado.

De fato, Plínio Salgado mantinha colaboração intensa com os órgãos do fascismo italiano em São Paulo e, apesar dessa colaboração ser até hoje (intencionalmente?) desconhecida, ela foi marcante. Realmente, ele não só editou, junto com Ferruccio Rubbiani (conhecido intelectual fascista de São Paulo) a publicação Rivista Latina nos anos 30¹³; como participou em posição de destaque, por exemplo, da “Saudação à Roma”, cerimônia promovida pelo consulado italiano em 25/4/1932¹⁴ e escreveu em revistas como Hierarchia onde não só se copiava o título do órgão oficial do fascismo italiano, como se sucediam artigos laudatórios a este, retratos de Mussolini¹⁵, etc.

Os sinais de colaboração de Miguel Reale e de Plínio Salgado com os órgãos do governo fascista italiano em São Paulo são, pois, conclusivos e nos ajudam a ver um dos caminhos

Registros sobre fornecimento maciço de material de propaganda e sobre a doutrina fascista italiana para bibliotecas, centros de estudo e simples militantes integralistas também são abundantes nesse arquivo.

¹² - Ver REALE (1987). À Reale era atribuído, pelo governo italiano, um papel chave para a penetração e o desenvolvimento da influência fascista no Integralismo dada a sua origem e admiração pelo Duce e pelo fascismo. Vide Relatório do Encarregado de Negócios Menzinger de 19/10/1936 in ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 16.. Reale também se refugiou na Itália após o fracassado golpe integralista e foi muito bem recebido. Vide ACS/ DGPS, Div. Affari Generali e riservati, 1939, b. 1/J, “Brasile - Notizie”, divs documentos.

¹³ - Vide anúncio a respeito em Il Pasquino Coloniale, 16/3/1932. Ferruccio Rubbiani também foi fundador de uma editora em São Paulo chamada *Sociedade Editora Latina*, que durou pouco, mas cuja primeira publicação foi, não casualmente, Como eu vi a Itália, de Plínio Salgado (TRENTO, 1989, p. 299).

¹⁴ - Vide CARONE (1973, pp. 299-305).

¹⁵ - Ver TRINDADE (1974, p. 100).

concretos pelos quais o fascismo italiano influenciou o pensamento e a prática política integralista¹⁶.

Um outro indício nesse sentido pode ser encontrado no relatório do Consulado Geral dos Estados Unidos em São Paulo ao Departamento de Estado de 19/7/1937¹⁷, onde se informava a realização de um grande desfile integralista na Avenida Paulista e que Plínio Salgado tinha passado os milicianos integralistas em revista a partir da sacada da residência de ninguém menos que Angelo Poci, diretor do *Fanfulla* e conhecido fascista italiano em ação no estado. No mesmo ano, aliás, Plínio Salgado participou da comemoração do “Natal de Roma” no *Circolo Italiano Carlo del Prete* em São Paulo, onde fez uma palestra sobre Roma e o fascismo, ‘instrumento de redenção dos povos’.¹⁸ e recebeu calorosamente Luigi Federzoni, em visita ao Brasil¹⁹

Vemos, assim, que o relacionamento de Salgado com o fascismo italiano em São Paulo era tão intenso que não surpreende que um observador da época tenha escrito que:

“O fato de que a Itália tomou o lugar da França, encontra sua razão no desenvolvimento político do Estado italiano desde 1922. Plínio Salgado conhecia a experiência fascista porque em São Paulo, onde morava, milhares de italianos guardaram a sua nacionalidade e são adeptos entusiastas de Mussolini. Já formavam um grupo importante que tem o seu jornal e com o qual Plínio Salgado mantém relação há longo tempo”²⁰

¹⁶ - Aparentemente, naqueles anos, Plínio Salgado não tinha problemas em admitir que tinha sido influenciado pelo fascismo e que essa influência tinha vindo tanto de suas viagens pela Europa, como de seus laços com os italianos locais. Ver informação nesse sentido em PRO, FO 930/34, relatório “Report on Latin America” de 9/8/1939, p. 65.

¹⁷ - Vide ADA, Rolo 2/380, código 832.00, fotograma 1041.

¹⁸ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 14, p. “Onoreficienze ed Onoranze”, f. 3, Informe Consulado de São Paulo, 24/4/1937.

¹⁹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 11, f.9, Relatório Embaixada italiana de 3/7/1937

²⁰ - Lechler, Pfaner. “Der Integralismus in Brasilien”, in *Der Deutsche Auswanderer* (Berlim, 1935), citado em TRINDADE (1974, p. 43).

Uma relação íntima em vários aspectos e de solidariedade ideológica²¹ e alguns dos caminhos concretos pelos quais elas se deram são, pois, evidentes e revelam aspectos desconhecidos da história da AIB e da própria política italiana e brasileira no período, aspectos estes que ressaltam como os dois movimentos se viam como semelhantes, trocavam apoio direto e experiências entre si através do canal concreto dos órgãos diplomáticos e da colônia e que as aproximações entre os dois foram realmente mais fortes que as divergências.

Os aspectos mais curiosos da relação entre os dois movimentos aparecem, porém, quando discutimos a questão da base social, onde os conflitos e disputas entre fascistas e integralistas se sucediam, ao mesmo tempo em que jamais cessava a colaboração entre ambos. Dentro dessa dinâmica de colaboração/rivalidade entre os dois movimentos a nível de base, o grande campo de batalha era a comunidade italiana local e, especialmente, os brasileiros descendentes de italianos, que eram disputados por ambos os movimentos e são o foco central de nossa análise.

Aparentemente, o choque de nacionalismos entre a *Ação Integralista Brasileira*, desejosa de converter a comunidade ítalo-brasileira num grupo de pessoas que ignorassem sua primeira parte do hífen e os fascistas italianos em ação no Brasil, lutando para manter a italianidade dessas mesmas pessoas, devia ser insuperável e levar a conflitos inadministráveis. Aparentemente prenunciando isto, Plínio Salgado escreveu várias vezes, em seu famoso romance de 1926, O Estrangeiro, contra o esforço fascista de querer manter os ítalo-brasileiros ligados à Itália e chegou a colocar um de seus personagens no papel do nacionalista brasileiro que, muito simbolicamente,

²¹ - Que não indica necessariamente, note-se, igualdade absoluta de idéias mas, simplesmente, que ambos os movimentos se identificavam como pertencentes, malgrado as diferenças que pudessem existir, a uma mesma família ideológica.

assassinava os papagaios de um italiano que só cantavam a *Giovinezza* (o hino fascista) no lugar do hino nacional brasileiro²². O conflito parecia inevitável.

Do lado italiano, essas preocupações também existiam. Em 1935, por exemplo, o vice cônsul italiano em Florianópolis, Guido Zecchin, escreveu ao Ministério das Relações Exteriores italiano:

“Um novo inimigo da existência dos fasci é o Integralismo que, embora descendendo mais ou menos legitimamente do Fascismo, faz continuamente prosélitos entre os nossos compatriotas e, infelizmente, rouba nossos melhores elementos”²³

Na mesma época, o embaixador Cantalupo também se manifestava no mesmo tom:

“Eu não dei até agora um verdadeiro apoio ao Integralismo, pois não acredito que uma tal política seria útil para os nossos interesses no Brasil; de fato, se, por hipótese, os princípios patrióticos do movimento integralista fossem aplicados, não seria possível para a Itália defender e difundir entre seus compatriotas e seus descendentes o nosso idioma, com a criação de dezenas e dezenas de escolas, com a organização de Institutos Ginásiais, de Casas de Itália, com a difusão de jornais em idioma italiano, etc, o que venho fazendo de dois anos para cá com confortante e sempre maior sucesso. Os nacionalismos elidem-se”²⁴

Como vimos, porém, as contradições fascismo/Integralismo não foram tão violentas assim²⁵. No campo da base social, não foi diferente, com vários descendentes de italianos

²² - SALGADO (1926, pp. 174-175).

²³ - ASMAE/MinCulPop, Divisione Generale di Propaganda, b. 277, p. “Collettività italiane nello Stato di Santa Catarina”, relatório de Guido Zecchin ao MAE, 31/5/1935.

²⁴ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 6, f. 8, Relatório do Embaixador Cantalupo de 9/3/1935.

presentes não só na estrutura de propaganda²⁶, como também na cúpula da AIB²⁷. Além disso, casos de brasileiros descendentes ou não descendentes de italianos como o comendador Antônio de Pompeu Camargo (que foi chefe do *Dopolavoro* da Moóca e Secretário de Finanças do Integralismo - ²⁸) e o ministro da Justiça de Getúlio Vargas, Vicente Rao, que admitia sem problemas ter sido fascista e integralista²⁹, não parecem ter sido incomuns. Também o emissário do Integralismo à Itália em 1938, por exemplo, era italiano e de longa militância nas fileiras do fascio³⁰.

Mesmo quando saímos das lideranças e tentamos nos aprofundar no mais obscuro mundo das bases dos movimentos, há alguns indícios de uma certa fluidez entre os militantes fascistas e integralistas. De fato, há casos registrados de simples militantes integralistas que se relacionavam intimamente tanto com seus equivalentes fascistas³¹, como com os órgãos do governo fascista em São Paulo³². Há também sinais de cruzamento das máquinas de propaganda

²⁵ - Para o caso do relacionamento entre nazistas e integralistas, que também oscilou entre conflito e colaboração, mas que parece ter sido menos harmonioso, vide GERTZ (1980 e 1987).

²⁶ - Vide, por exemplo, os sobrenomes dos representantes da revista integralista *Panorama* em São Paulo: Chiurco, Biaggione, Zecchini, Bazzera, Zaccaro, etc. Informação extraída de RIOS (1959, p. 65).

²⁷ - Como Miguel Reale, Antonio Gallotti, Eduardo Graziani, Francisco Stello, Mario Giorgi e Carlo Crisci, entre outros. Sobre isso, ver TRENTO (1989, p. 393).

²⁸ - AESP/DOPS, Prontuário 29293 ("Opera Nazionale Dopolavoro"), relatório de 30/5/1939

²⁹ - Ver AERJ/DOPS, Série temática "Espionagem", volume 1, pp. 9-17, relatório de 18/9/1943.

³⁰ - Trata-se do Dr. Colpi. Vide ACS/DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1939, b. 1/I, p. "Brasile - Notizie", informe MAE 5/8/1938..

³¹ - Vide, por exemplo, a carta do integralista João de Freitas, de Barra do Pirai/RJ à Mussolini em 1/9/1936, onde ele não só se mostrava admirador da Itália fascista e pedia 'uma foto do Duce para colocar ao lado da de Plínio Salgado', como admitia ter aprendido muito sobre o fascismo com um amigo italiano, o camisa negra Carmine Montuori. Ver ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 9, f. 2

³² - Ver o depoimento do senhor Antônio, filho de italianos e integralista que discursou no *Dopolavoro* de Sorocaba em 1934 em BOSI (1987, p. 188) e AESP/DOPS, Prontuário 29293 ("Opera Nazionale Dopolavoro"), relatório de 19/9/1940, onde um depoente, filho de italianos, afirmava frequentar sem problemas rodas fascistas e integralistas. Um outro caso curioso é o de Giuseppe Giorgi que, ao retornar à

dos dois grupos³³, registros de reuniões integralistas acontecendo nas sedes das associações italianas fascistizadas³⁴ e de que uma mão inversa também estava presente³⁵. Nesse sentido, um velho italiano chegou a afirmar que:

“Eu era italiano e fascista. Achava que Mussolini era um grande homem que governou a Pátria e fez muito por ela. Os movimentos de antes da guerra eram autorizados pelo governo brasileiro. Aqui em Rio Claro marchavam juntos os fascistas de camisas pretas e os integralistas de camisas verdes”³⁶

Itália em 1935 para combater como voluntário na guerra italo-abissínia, afirmou ter pertencido ao *Partido Fascista Brasileiro* nos anos 20, o que indica que essa fluidez pode ser até anterior à Ação Integralista. Ver ACS/CPC, b. 2428, p. 86583 (“Giorgi, Giuseppe”), diversos documentos e, especialmente, a Súmula de Interrogatório, Prefeitura de Roma, 29/10/1935.

Os integralistas realizavam atividades conjuntas também com os nazistas e com os falangistas espanhóis presentes no Brasil, o que ressalta sua identificação com o fascismo internacional. Sobre as relações de colaboração/conflito dos mesmos com os nazistas, ver GERTZ (1987). Para a associação dos integralistas com os falangistas, ver NACP/General Records of Latin American Branch, RG 165, 390/35/17-18/5-1, Entry 188, box 980, Digest of Information on Axis Activities in Latin America, 14/1/1942, p. 6.

³³ - O Arquivo Edgar Leuenroth/UNICAMP conserva uma coleção de livros que pertenceu a um italiano que vivia em Jundiaí/SP nos anos 30 e na qual livros fascistas italianos (inclusive com carimbos de doação do governo italiano e do fascio de Jundiaí) convivem com farta bibliografia integralista, o que parece indicar que a propaganda dos dois movimentos se cruzavam e se interpunham regularmente a nível de base. Para outras informações no mesmo sentido, ver TUCCI CARNEIRO (1997, p. 44).

³⁴ - Vide, por exemplo, o livro de atas do núcleo integralista de Rio Claro/SP (disponível no Museu da cidade), que revela que diversas das reuniões do núcleo aconteceram na sede da Sociedade italiana local e a reunião conjunta integralista/fascista na Sociedade italiana *Vittorio Veneto* em Tambaú (SP) em 15/3/1937, com calorosas manifestações de apreço mútuo, registrada em AESP/DOPS, Prontuário 40499 (“Ação Integralista Brasileira”). Ver também a cessão da sala “Marina Crespi” do *Circolo Italiano de São Paulo* à Ação Integralista, mencionada em AESP/DOPS, Prontuário 40632 (“Circolo Italiano de São Paulo”), relatório de 28/6/1945.

O uso de associações italianas para manifestações integralistas ficou tão evidente em certo momento que Menotti del Picchia afirmou ter se dirigido ao cônsul Giuseppe Castruccio com um pedido para que isso não ocorresse mais, dados os óbvios inconvenientes dessa visibilidade. Vide AESP/DOPS, Prontuário 613 (“Cesar Rivelli”), depoimento de Menotti del Picchia de 24/5/1938.

³⁵ - Temos informações, de fato, que vários integralistas, aparentemente frustrados com o fim da AIB em 1938, se filiaram a órgãos como o *Dopolavoro* de São Paulo. Vide AESP/DOPS, Prontuários 22879 (“Antonio di Giorgi”); 41367 (“Aureliano Nero”), 46983 (“Sidrago Soliani”) e outros.

Há algumas informações, além disso, de integralistas servindo como espões italianos no período da II Guerra Mundial. Ver NACP/General Records of the Department of State, RG 59, 250/34/10/3-4, box 5662, 865.20210 (Suassuna, Aurino), Informe FBI, 30/4/1942.

³⁶ - Vide SCARANO (1969, p. 517).

Vê-se, assim, que o tradicional conflito vivido entre os movimentos fascistas (desejo de diferenciação/choque de nacionalismos e vontade de demonstrar solidariedade ideológica) parece ter sido superado, no caso das relações entre a AIB e o fascismo de Mussolini, sem grandes dificuldades³⁷, ampliando o relacionamento entre ambos, gerando uma intensa solidariedade ideológica (positiva³⁸ e negativa³⁹) e dando mais força ao Integralismo na política brasileira. Claro que não havia absoluta convergência de opiniões entre eles⁴⁰ e nem uma unificação total de

³⁷ - O único lugar onde houve uma divisão mais séria entre fascistas e integralistas foi o Rio Grande do Sul, mas mais por problemas de política local e não por incompatibilidade ideológica. Ver capítulo 4 e BERTONHA (1998e).

³⁸ - Os integralistas comemoraram, por exemplo, a vitória dos italianos na Guerra da Abissínia em 1936. Vide os jornais integralistas da época e a carta do integralista Alberto Cotrin Duarte à Ettore Giorno em 1936, cheia de júbilo pela vitória da "idéia fascista" in ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof 4, p. "Invio di pubblicazioni di propaganda nel Brasile". Para uma demonstração de como isso ocorria até em pequenas comunidades italianas no interior de São Paulo, vide a comemoração conjunta de integralistas e fascistas italianos pela criação do Império italiano em Capivari/SP em 1936 em ALMEIDA (1997, vários momentos)..

Os jornais integralistas também estão cheios de menções de elogio e admiração pelo fascismo e pelo Duce, enquanto a polícia paulista registrou, entre 1940 e 1942, várias manifestações pró Eixo de ex-integralistas (descendentes ou não de italianos), o que revela a continuação do sentimento de solidariedade ideológica entre eles. Vide AESP/DOPS, Prontuário 40499 ("Ação Integralista Brasileira"), vários documentos.

Ver também o caso do integralista Arci Tenório de Albuquerque, autor de diversos livros sobre o Integralismo nos anos 30 (onde defendia, contraditoriamente, que o Integralismo era diferente do fascismo e do nazismo) e produtor de folhetos de propaganda do Eixo no Rio de Janeiro em 1940. Vide AERJ/DOPS, Série Temática "Inglês", Pasta 3, Dossiê "Serviço de propaganda e imprensa da Embaixada italiana".

³⁹ - De fato, a solidariedade se dava também pela via inversa, com antifascistas italianos em ação no Brasil polemizando com os integralistas e sendo incomodados em suas atividades por eles.

Para o caso da polêmica entre Antonio Piccarolo e elementos integralistas sobre a questão judaica, vide seu texto em PORQUE (1933), a réplica integralista em DE CARVALHO (1934) e um comentário sobre o episódio em TUCCI CARNEIRO (1988). Sobre o segundo caso, mencionáramos os registros de integralistas causando distúrbios numa palestra antifascista em 1936. Vide "O elogio da democracia através de uma conferência do Prof. Piccarolo", recorte não identificado guardado no Arquivo Antonio Piccarolo (Instituto Italiano de Cultura/SP), pasta 19. Para informações iniciais sobre o conflito de outros antifascistas italianos com os integralistas, vide BERTONHA (1995).

⁴⁰ - Note-se que, no caso da AIB atingir o poder, os choques poderiam ter sido maiores. De fato, há registros de existência de uma ala do Integralismo que repudiava a ligação integralista com os

políticas⁴¹. Na realidade, porém, os brasileiros (descendentes de italianos ou não) simpáticos à Mussolini e à Plínio Salgado nunca tiveram que fazer a escolha “Integralismo ou Fascismo”. Eles só foram induzidos a uma escolha semelhante no período da II Guerra Mundial, quando tiveram que escolher entre Brasil e Itália e optaram maciçamente pelo primeiro. Nesse período, porém, a AIB já está morta e a dimensão política dessa escolha se perdeu.

Resolvemos então todos os nossos problemas confirmando a permeabilidade entre fascistas e integralistas e reforçando, assim, o nosso propósito de identificar as ligações entre ambos? Gostariamos que fosse assim, mas uma análise mais cuidadosa dos dados empíricos disponíveis sobre a questão revelam outros problemas, que também devemos enfrentar nesse balanço que estamos fazendo das relações entre o Fascismo italiano e o Integralismo.

As informações disponíveis sobre o Integralismo hoje em dia confirmam que ele teve uma sólida participação da comunidade de origem alemã⁴² e também da italiana. De fato, segundo Héliog Trindade, 16 por cento dos militantes integralistas de todo o país tinham origem italiana (TRINDADE, 1974, p. 150), o que superava largamente a proporção de italianos e filhos de italianos na população nacional.

Em alguns núcleos (especialmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul), porém, essa situação de presença maciça de descendentes de imigrantes é ainda mais pronunciada. No núcleo integralista de Rio Claro/SP, por exemplo, o livro de atas revela que, de um total de 197 inscritos em todos os níveis, 72 (36%) tinham sobrenome italiano e 21 (10%) tinham sobrenome alemão.

‘imperialismos de Roma e Berlim’. Documento nesse sentido foi apreendido pelo DOPS paulista. Vide AESP/DOPS, Prontuário 40499 (“Ação Integralista Brasileira”, documento de agosto de 1937).

⁴¹ - Vide informação nesse sentido num relatório do cônsul americano de Porto Alegre (“Integralism, Nazism and Fascism in Rio Grande do Sul and Santa Catarina”) em 9/9/1937. Ver ADA, rolo 2/380, código 832.00, fotograma 1051.

⁴² - Vide GERTZ (1987, pp. 111-202).

O mesmo se repete na seção de Capivari/SP, onde, dos 12 camisas verdes do núcleo local, nada menos que sete eram de origem italiana, o que é revelador⁴³.

Também as listas de integralistas presos pelo DOPS paulista em 1938 e a documentação de inúmeras células integralistas do interior do Estado apreendidas pela polícia estão recheadas de sobrenomes italianos. Os livros publicados pelo governo italiano na época ⁴⁴ também não se cansavam de destacar o grande número de filhos de italianos na AIB. Os cálculos fascistas são certamente exagerados, mas é inegável que os descendentes de italianos tinham grande participação nas hostes integralistas (muito especialmente em São Paulo e Rio Grande do Sul, mas provavelmente também no resto do país), tanto que boa parte dos integralistas mortos em brigas de rua com os antifascistas (como Nicola Rosica, Alberto Secchini, Amedeo Santini e outros) eram de origem italiana.

Uma quantificação precisa dessa participação de italianos no Integralismo como um todo é dificultada pela escassez de fontes, mas devia girar em torno de muitas dezenas de milhares de militantes, especialmente em São Paulo, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, e um número muito maior de simpatizantes e eleitores.

Sabemos hoje também que o Integralismo foi basicamente e malgrado algumas especificidades regionais⁴⁵, um movimento de classe média⁴⁶, e que foram os italianos deste grupo

⁴³ - Ver ALMEIDA (1997, p. 16). Note-se que, nesse caso específico, a proporção de italianos ou de filhos de italianos no movimento integralista superava a sua proporção no conjunto da população local. Essa situação se repetiu em muitas localidades de São Paulo e do Rio Grande do Sul (BRANDALISE, 1992, p. 189) e, como visto, no Brasil em termos gerais. Não é possível afirmar, contudo, que todas as cidades brasileiras seguissem esse padrão.

⁴⁴ - Como MOVIMENTI (1935).

⁴⁵ - Para o integralismo no Sul do Brasil, vide BRANDALISE (1992) e GERTZ (1987). Para o integralismo no Ceará, vide CORDEIRO (1992); MONTENEGRO (1986) e PARENTE (1986).

⁴⁶ - Ver TRINDADE (1974) e CHAUI (1978).

que mais responderam ao apelo integralista⁴⁷ Com isso, poderíamos concluir que os italianos que realmente aderiram à AIB⁴⁸ eram basicamente de classe média e que o fizeram única e exclusivamente como uma opção política derivada das contradições e necessidades da política do momento, sem que qualquer variável étnica estivesse presente.

Essa hipótese é muito confortável, mas esbarra em outras informações que confirmam que os italianos que efetivamente militavam nos órgãos do Partido Fascista, ou seja, os realmente conquistados pelo fascismo, também eram basicamente de classe média, o que nos indica que deve haver algo mais que ajude a explicar essa curiosa divisão⁴⁹ da pequena burguesia de origem italiana de São Paulo entre Fascismo e Integralismo.

Outro ponto curioso a ser examinado é a ausência de contatos entre a poderosa burguesia industrial italiana de São Paulo (e mesmo de outros estados – GIRON, 1994) com o Integralismo. Mesmo apoiando com fervor o fascismo italiano e mesmo sendo esse apoio em boa parte de caráter político, de firme adesão à ideologia fascista (como vimos antes), a burguesia italiana de São Paulo recusou sistematicamente os pedidos de ajuda integralistas⁵⁰, o que causava irritação nos círculos integralistas:

⁴⁷ - TRENTO (1982, p. 1603).

⁴⁸ - Novamente deve-se deixar clara a distinção entre os militantes integralistas de origem italiana (normalmente filhos de italianos de classe média) e os descendentes de italianos que apreciavam o fascismo a nível difuso (e, por analogia, o Integralismo) e eram em número muito superior, sendo eleitores e simpatizantes em potencial da AIB, mas provavelmente não militantes do partido.

⁴⁹ - Como ficou evidente pelo exposto, essa divisão era muito fluida e havia pessoas que combinavam as duas militâncias. Ela estava, ainda assim, presente. Tanto que é possível verificar que os italianos que militavam nos fasci eram normalmente apenas simpatizantes do Integralismo, enquanto os filhos de italianos pertencentes à AIB podiam até comparecer à cerimônias conjuntas e admirar profundamente o Duce e a Itália, mas sem nunca esquecer que eram, acima de tudo, brasileiros e integralistas.

⁵⁰ - No caso da Bahia, por exemplo, parece haver indícios que recursos financeiros fluíram das empresas italianas locais em direção ao Integralismo. Se essa informação for verdadeira, a única maneira de explicar a diferença com a situação de São Paulo é, provavelmente, o fato das empresas italianas da Bahia serem majoritariamente multinacionais italianas, cujo grau de independência com relação aos desejos do governo italiano era muito menor que o das empresas de propriedade de italianos em São Paulo. Para essa

“Nos primeiros tempos, os dirigentes da Ação Integralista procuraram obter das empresas industriais de São Paulo a necessária ajuda e alento, pois mesmo sendo movidos por entusiásticos propósitos, faltava-lhe uma base financeira para iniciar o movimento com a necessária intensidade. Infelizmente, não foram levados a sério pelos gráudos da coletividade italiana, particularmente pelos filhos de nossos capitalistas que, valendo-se da qualidade de cidadãos brasileiros, teriam podido manter e, se fosse o caso, forçar as orientações do novo partido acerca do fascismo”⁵¹

Ângelo Trento (TRENTO, 1989, pp. 393-394) ressalta que a burguesia italiana de São Paulo agiu, ao recusar o Integralismo, em defesa de seus interesses e em sintonia com as classes dominantes locais, que não viam no Integralismo um sério candidato ao sucesso político e preferiram optar pela solução varguista. Isso é perfeitamente aceitável, mas novamente parece haver um “algo mais” que ajude a explicar essa situação.

Esse “algo mais” parece ser a questão étnica e/ou geracional. Já apresentamos anteriormente informações, de fato, que revelam que essa burguesia italiana a que nos referimos acima era constituída majoritariamente de italianos natos; que a maior parte dos presentes nas cerimônias fascistas era de italianos natos e que foram os descendentes de italianos que mais aderiram à Ação Integralista⁵². Isso parece tão claramente na documentação de época que a Embaixada italiana chegou a chamar essa situação de “conflito de gerações”:

informação, vide ADA, rolo 4/380, código 832.00 F, relatório “Italian Activities in Brazil” de 6/12/1939, fotograma 19, p. 90.

⁵¹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 16, f. ½, relatório do Encarregado de Negócios Menzinger, 19/10/1936

⁵² - Os acervos policiais brasileiros trazem muitos relatórios sobre reuniões integralistas em São Paulo. A presença de descendentes de italianos (identificados pelo nome brasileiro e o sobrenome italiano) é manifesta nessas reuniões.

“Os italianos, especialmente aqueles imigrados há muito tempo, estão envolvidos nas facções dos velhos partidos e não mostram compreender o Integralismo mesmo quando são inscritos ou simpatizantes do Fascio. Os seus filhos, por outro lado, seja porque tenham estudado na Itália e trazido consigo a nostalgia da Camisa negra, seja porque sentem haver encontrado finalmente no Brasil o ideal condutor que antes a juventude não podia encontrar, são todos integralistas. Entre as duas gerações de italianos, a velha e a nova, há portanto uma fratura que pode também, no período eleitoral, dar lugar a atritos e conflitos mas que, para os efeitos de nossa ação de apoio ao Integralismo, representa somente uma desvantagem local, acidental e não geral”⁵³

Com isso, é possível concluir que, ao lado das preocupações de ordem política e de classe que levaram as elites e as classes médias aos caminhos da direita, havia uma variável étnica que prendia os italianos natos (mais sujeitos ao lado nacionalista da propaganda de Roma) ao fascismo e os descendentes, mais abasileirados e aculturados e desejosos, em muitos casos, de se afirmarem e serem aceitos como brasileiros, ao Integralismo. Casos de militantes integralistas registrados por Ecléa Bosi⁵⁴ e o caso de Luciano Crespi⁵⁵ são exemplos nesse sentido.

Nesse ponto, é básico recordar reflexões de Renê Gertz (GERTZ, 1987, p. 118 e seguintes; 1989 e 1994), onde ele propõe, com razão, que não é possível entender a forte penetração do Integralismo nas zonas de colonização alemã ou italiana do Brasil pensando apenas na questão étnica e que questões como a inserção política e social dos descendentes de imigrantes devem ser abordadas.

Estamos de acordo com Gertz. Há, no caso dos italianos de São Paulo e também de outros estados, mais a ser considerado que simplesmente a etnia e criar explicações somente a partir de

⁵³ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 15, p. “Integralismo - Rifugiati politici” 1/2”, relatório de 18/3/1937.

⁵⁴ - Ver BOSI (1987, p. 179), para o caso de um filho de italianos nacionalista e integralista.

pressupostos étnicos que não absorvem a diferenciação social interna à colônia e as lutas de classe é algo realmente problemático (GERTZ, 1994).

De fato, acreditamos, como já explicitado antes, que o contexto e as lutas sociais do período também são fundamentais para entender a firme adesão da burguesia e das classes médias de origem italiana de São Paulo às idéias de direita. Nos parece, porém, que a questão étnica não pode ser esquecida. Seria difícil, sem dúvida, aceitar a hipótese que os filhos de italianos só se ligaram ao Integralismo pela sua origem étnica. Só ela nos ajuda a entender, porém, a polaridade Fascismo/Integralismo entre os italianos e seus filhos, assim como à ação fascista em São Paulo não pode ser negado o papel de ativo propagandista que deu ao Integralismo (e também ao *Estado Novo* varguista) uma imagem pró-fascista (dentro e fora da colônia italiana) pré estabelecida que muito o ajudou na formação de sua base popular. É assim que entendemos o termo “fator étnico” e é só assim, interagindo com o mundo da política e com questões de classe⁵⁵, que ele pode ser útil.

Claro que essa divisão que fizemos não pode ser vista de forma rígida (ainda mais levando-se em conta a fluidez da militância fascista e integralista que identificamos antes) e que as relações entre os dois movimentos foram realmente complexas, mas é evidente que o contexto político nacional e a ferrenha propaganda do regime de Mussolini (da ideologia fascista e do nacionalismo italiano) atraiu boa parte dos italianos (como a burguesia industrial e parte da classe média) à militância direta nas hostes dos fascios, enquanto um clima geral e difuso de apoio ao fascismo atingiu (malgrado a atuação dos antifascistas brasileiros e italianos) a colônia italiana como um todo.

⁵⁵ - Luciano Crespi, filho de poderoso industrial italiano de São Paulo ligado ao fascismo, foi preso por envolvimento no golpe integralista de 1938. Sobre isto, ver TRENTO (1989, p. 394).

⁵⁶ - O fato da maioria desses filhos de imigrantes que queriam ser aceitos plenamente como brasileiros através da militância no Integralismo e que eram simpáticos ao fascismo ou ao nazismo também por origem étnica ser de membros das classes médias desejosos de representação política e preocupados com a ordem social do país apenas ressalta como a questão étnica se conecta com as de classe.

Os descendentes de italianos, influenciados por esse contexto político nacional, por seus próprios e específicos problemas de aceitação na sociedade brasileira como filhos de imigrantes e pelo clima geral de apoio às idéias de extrema direita suscitado pela propaganda italiana, poderiam ter sido cooptados pelos fascios, mas acabaram, dada a sua aculturação e desejo de ser vistos como brasileiros⁵⁷, por aderir à Ação Integralista (vista, por mais de um motivo, como a versão brasileira do fascismo). Pensando nesse sentido, José Arthur Rios escreverá palavras muito elucidativas a respeito:

“Não temos dados que permitam esclarecer em que medida o Integralismo atraiu os italianos. Sendo movimento de características nacionalistas, não devia possuir estrangeiros em suas fileiras. Segundo tudo indica, atraiu números considerável de ítalo-brasileiros, para os quais teria talvez representado uma forma, como outra qualquer, de se ligarem à comunidade brasileira e de se libertarem do complexo de inferioridade que sua condição de marginalidade sempre acarretou (...)

Em muitos ítalo-brasileiros, a camisa verde, a saudação “indígena”, a declamação nacionalista, eram a forma de se verem confirmados na comunidade brasileira, de fugirem à instabilidade de cidadãos de duas pátrias. Para outros, porém, perfeitamente assimilados, sem nenhum problema de marginalização, o nome italiano seria mero acidente e sua adesão ao movimento, uma resultante da atmosfera de exaltação nacionalista do meio em que viviam”⁵⁸

O próprio embaixador Cantalupo, aliás, se queixava a respeito e mostrava algumas ligações entre o interesse da nova geração em participar da política de seu país e influências do fato deles serem de origem italiana:

“Impressionante é o número de filhos de italianos que aderem ao Integralismo, principalmente, é claro, no Estado de São Paulo e nos estados meridionais. A meu parecer, eles aderem ao movimento não só porque o mesmo requer fé, energia e entusiasmo, e os filhos de italianos são os únicos

⁵⁷ - Sobre o assunto, vide CECCHI (1967) e BRANDALISE (1992, pp. 217-295).

⁵⁸ - RIOS (1959, pp. 64-65).

brasileiros um tanto enérgicos e entusiastas, mas também porque a amplíssima dosagem de italo-filia que Plínio Salgado, com grande habilidade, põe constantemente dentro da propaganda do movimento, evoca nos filhos dos nossos antigos emigrantes, que nós abandonamos completamente por tantas décadas, improvisas e não infecundas saudades sentimentais, e talvez também nacionais, que nos levam a perguntar-nos qual poderia ser hoje a nossa força no Brasil se tivéssemos sabido utilizar em tempo a imensa massa fluida constituída pela italianidade”⁵⁹

Como já dito, nosso eixo analítico central no tocante às bases sociais do fascismo italiano e do Integralismo no Brasil (e especialmente em São Paulo) se concentra no grupo onde havia os maiores pontos de cruzamento entre os dois movimentos, ou seja, os italianos e descendentes de italianos. Há sinais, porém, que, mesmo fora da coletividade italiana e fora de São Paulo, a imensa propaganda fascista foi de grande utilidade para a formação de uma opinião pública mais favorável às idéias de direita e facilitando, assim, a difusão do Integralismo.

Um indicio nesse sentido é levantado por Héglio Trindade (TRINDADE, 1974, p. 152), quando ele aborda as motivações dos integralistas para a entrada no partido. Depois do anticomunismo, o segundo motivo mais forte de adesão foi a simpatia pelos fascismos europeus. Como não atribuir à propaganda fascista dentro e fora da comunidade italiana boa parte do crédito pela existência deste clima favorável às ideologias de direita?

A propaganda e as atividades fascistas conseguiram, assim, criar um clima geral favorável à Itália, ao Fascismo e à Mussolini na comunidade italiana e mesmo fora dela, tendo seu esforço ajudado a levar (ao lado de outros fatores não relacionados à etnia como a inserção e a luta social e a problemas regionais próprios) muitos italo-brasileiros de segunda e terceira geração ao Integralismo, o que é um resultado no mínimo curioso (e que pode ser confirmado mesmo em

⁵⁹ - ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 6, p. “Brasile - Rapporti politici - 1934”, relatório do Embaixador Cantalupo, 1/10/1934.

outras comunidades italianas espalhadas pelo Brasil⁶⁰) para a propaganda fascista no território nacional.

Em 1937, Luigi Federzoni, então presidente do Senado Italiano, escreveu um artigo no jornal Il Popolo d'Italia onde, além de comemorar a “força e vivacidade” do Integralismo e a firmeza do presidente Getúlio Vargas, ressaltou justamente essa idéia de que um fator importante na assimilação de idéias fascistas pelo Integralismo e na criação de um sentimento de apoio difuso às ideologias de direita no Brasil foi a atividade do Fascismo italiano no Brasil e, em especial, em São Paulo:

“De fato, é certo que um importante fator para a ascensão (...) do Integralismo foi fornecida pela atividade dos nossos fascistas, os quais, no Brasil e em todo lugar, constituem centros vitais dentro das comunidades italianas(...) É um fato que nossos fasci, nossa imprensa e nossas escolas ajudaram a criar uma nova mentalidade naquela nação, onde os italianos representam uma formidável contribuição de trabalho e intelecto. De fato, vários dos jovens líderes do Integralismo, conhecidos por sua cultura e valor moral, são filhos de italianos e foram educados em nossa esplendida Dante Alighieri e vários dos mártires camisa-verdes que caíram em defesa da causa eram de origem italiana.

Eu devo acrescentar que em nenhuma das nações sul americanas que eu visitei, eu encontrei um conhecimento tão acurado e profundo, uma compreensão tão cordial e penetrante da história do Fascismo e do pensamento e trabalho de Mussolini”⁶¹

⁶⁰ - Os casos do Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul são, nesse sentido, exemplares, pois a imensa penetração do Integralismo entre os descendentes de italiano nessas regiões derivou não só de razões de classe (reccio dos pequenos proprietários rurais frente à socialização das terras defendida pela esquerda) e étnicas (descendentes de italianos que admiravam o fascismo e estavam sob forte influência da Igreja Católica e que eram, por isso, simpáticos à AIB.), como a outras de ordem local, de luta contra as elites estaduais. O fato de alguns desses elementos (a força da Igreja, a luta contra a elite tradicional) não estarem presentes no contexto paulista ajuda a explicar porque, em termos percentuais, parece haver mais descendentes de italianos integralistas no extremo sul do país que em São Paulo. Ver BERTONHA (1998 e e m).

Para o caso da Bahia, onde as áreas (muito pequenas, é verdade), de colonização italiana também parecem ter sido base de fortes sentimentos integralistas, ver DE AZEVEDO (1989, p. 58).

⁶¹ - Não tivemos acesso ao artigo original do jornal, de 13/11/1937. Uma transcrição se encontra no relatório da Embaixada dos Estados Unidos em Roma ao Depto de Estado de 18/11/1937. Vide ADA, Rolo 3/380, Código 832.00, fotograma 1114.

Reconhecer essa importância do fascismo italiano como suporte para o desenvolvimento do Integralismo (e também do regime varguista) não significa esquecer outras influências externas (especialmente do *Estado Novo* português e do nazismo alemão) dentro do Integralismo, as suas especificidades dentro do conjunto dos movimentos fascistas e nem propôr que ele só se desenvolveu como reflexo de algo externo. O reconhecimento dessa influência e dos precisos canais pela qual ela se transmitiu nos permite, porém, não só ampliar o debate clássico sobre a natureza do movimento através da inserção de novos elementos (existência de solidariedade ideológica, contatos e relacionamento mútuo a nível de cúpula e ao nível de base, etc), como verificar o grau de aprofundamento dos ideais fascistas na sociedade brasileira do entre guerras e o papel das potências fascistas e seus interesses estratégicos nesse processo⁶², o que é uma tarefa fundamental.

Ver também o artigo de Bailey Diffie, onde ele relaciona, ainda que de maneira simplista, a propaganda do fascismo italiano no Brasil com a forte adesão de certos grupos ao Integralismo. Vide DIFFIE (1940).

⁶² - Nesse sentido, Grazia Dore estava correta ao associar as coletividades italianas e as políticas fascistas com o fornecimento de doutrinas e justificativas para os regimes autoritários da América Latina no período entre guerras. Ver DORE (1964). Ver também GENTILE (1986).

Conclusão

O fascismo se baseou, no seu esforço de pensamento relativo aos emigrantes italianos, nos velhos debates da Itália liberal relacionados a eles e ao seu uso como instrumento de poder italiano dentro da luta imperialista global. Através, especialmente, da mediação dos nacionalistas, o regime de Mussolini reelaborou a antiga discussão em termos fascistas (associando “italianidade” com “fascismo”), mas mantendo como linha geral a diretriz de utilizar as comunidades italianas do exterior como fatores e ferramentas da política externa italiana.

Um reflexo dessa política foi uma potencialização maciça dos antigos mecanismos que o Estado italiano tradicionalmente já havia utilizado para manter contato com seus emigrados e a criação de outros, mais diretamente relacionados com a ideologia e o estilo fascista, no exterior, com a busca de controle sobre os antigos mecanismos de socialização (associações, imprensa, escolas) dos emigrados italianos em todo o mundo e a implantação de outros (os *fasci all'estero*, os *Dopolavoro*, as *Casa d'Italia*) especificadamente fascistas.

O Brasil não ficou imune a essas transformações da política do Estado italiano com relação a seus emigrantes, os quais foram convertidos em instrumentos privilegiados nas relações Brasil-Itália. Nesse sentido, as coletividades italianas do Brasil e, especialmente, as de São Paulo, foram particularmente atingidas pelo esforço fascista de reconexão dos antigos emigrantes e seus filhos com a Itália e transformou-os em componente chave da ativa política italiana dirigida ao Brasil no entre guerras.

No tocante à receptividade dos italianos do Brasil à propaganda fascista, é patente que ela foi muito variável em intensidade e que também oscilou fortemente segundo critérios sociais,

geracionais, regionais e outros. Nesse sentido, é evidente uma forte popularidade do regime e da ideologia fascista entre os italianos natos e pertencentes às classes burguesas e médias das colônias (e, em especial, a de São Paulo), enquanto o grosso dos trabalhadores urbanos e rurais e os filhos de italianos manifestaram uma certa simpatia pelo fascismo (normalmente mediada pelo resgate do orgulho da origem italiana que a ativíssima política externa do fascismo proporcionava), mas sem uma adesão direta. Variações regionais e temporais também estiveram presentes, assim como foi importante para a popularização do fascismo entre os imigrantes e seus filhos a fraqueza do antifascismo italiano com base no país¹ e a própria popularidade fascista entre os brasileiros.

É importante notar, de fato, como a maciça propaganda italiana (que a passou a ser dirigida também aos brasileiros a partir dos anos 30) encontrou terreno fértil no mundo político e social brasileiro do período, ajudando a criar uma simpatia pelo fascismo que colaborou, sem dúvida, para alimentar a cultura de direita nacional que vicejava naquele momento.

A ação fascista no país (seja a voltada para os italianos e seus filhos, seja a voltada para os brasileiros) foi muito útil, realmente, à direita nacional ao popularizar as idéias de direita e estimular muitas pessoas a uma maior simpatia em relação ao *Estado Novo* e ao Integralismo. Dentro das coletividades italianas, o mesmo ocorreu, com o intenso relacionamento dos fascistas italianos com os integralistas e a propaganda italiana levando, ao lado de outros fatores além etnia, muitos filhos de italianos (basicamente, mas não só, os oriundos das classes médias), a militarem diretamente nas hostes integralistas e muitos outros (especialmente aqueles apenas levemente conquistados pelo fascismo) a simpatizarem com o mesmo. O esforço fascista de controlar totalmente as mentes e as almas dos italianos e seus filhos residentes no Brasil não foi, assim,

¹ - Para uma longa discussão sobre as razões da incapacidade do antifascismo italiano em se manter estruturado no Brasil e sobre os efeitos de seu colapso para a maior popularidade do fascismo, ver BERTONHA (1998f) e, especialmente, BERTONHA (1998n). Este último texto é, também, uma extensa discussão transnacional sobre o antifascismo italiano em várias partes do mundo.

coroado de êxito, mas colaborou decisivamente para o reforço da cultura política de direita no Brasil do período e isso deve ser ressaltado.

De fato, é fundamental analisar os efeitos da atividade fascista no Brasil tanto em relação às comunidades italianas, como para a sociedade que as hospedava. No caso dos Estados Unidos, por exemplo, a historiografia levanta a hipótese (CANNISTRARO, 1979; DELLA CAVA, 1977, pp. 200-201) que o reforço da identidade étnica que o fascismo promoveu entre os ítalo americanos foi, paradoxalmente, fator fundamental na integração dos mesmos na sociedade americana. Nesse sentido, a assimilação dos italianos não teria sido o cume de um lento trabalho de assimilação econômica e cultural, mas um processo político.

No caso brasileiro, há indícios (FONT, 1990), que a ideologia fascista forneceu meios para um certo número de italianos se integrarem melhor no sistema político brasileiro ou, ao menos, no paulista, mas seguramente a coletividade italiana já estava em forte processo de assimilação nos anos 20 e 30 e o fascismo não parece ter tido nenhum papel relevante (se não em sentido contrário) nesse processo.

Como compensação, os efeitos das lutas políticas italianas no interior da sociedade brasileira parecem ter sido maiores que nos Estados Unidos. De fato, no Brasil, não só os antifascistas italianos foram chave na criação de um movimento antifascista brasileiro nos anos 30 (BERTONHA, 1995), como a ação e a propaganda do fascismo no Brasil foi fundamental para a criação e o desenvolvimento do movimento fascista nacional, o Integralismo, e também, indiretamente, do *Estado Novo* de Getúlio Vargas. À questão de Emilio Gentile (GENTILE, 1986) sobre se a influência do fascismo italiano na vida política latino americana, via comunidades italianas, contribuiu para a difusão dos mitos totalitários na América Latina, só podemos ter, para o caso brasileiro, uma resposta positiva. Aos fascistas italianos coube, assim, um papel importante na guinada à direita da sociedade brasileira no entre guerras, o que não se repetiu nos Estados

Unidos. Diferença relevante e que talvez ajude a explicar o caminho político da sociedade brasileira também nas décadas posteriores ao fim do fascismo na Itália.

A constatação da influência do fascismo italiano na sociedade brasileira e nos imigrantes italianos em particular e de sua importância dentro da política nacional naquele período não esgota, contudo, as colaborações que este trabalho tem a oferecer à historiografia. De fato, vários aspectos pouco conhecidos da história da imigração italiana no Brasil, como a vida associativa no período entre guerras, o poder e a influência da poderosa elite industrial italiana de São Paulo na vida da colônia e na política nacional, as lutas de classe entre patrões e operários dentro da comunidade, as relações dos italianos com outros grupos de imigrantes e com os brasileiros e outros pontos também foram exaustivamente trabalhados e nos dão uma visão mais abrangente sobre o processo de integração da comunidade italiana na sociedade brasileira e as influências de tal integração nessa sociedade.

As tensões surgidas no decorrer desse processo a partir da colisão dos pontos de vista do governo italiano e do nacionalismo brasileiro, a intensa batalha de propaganda travadas pelas grandes potências no Brasil dos anos 30 e vários outros pontos também analisados aqui indicam, contudo, que esse não é um trabalho restrito às fronteiras da comunidade italiana e nem mesmo, na realidade, às fronteiras brasileiras, sendo mais adequado classificá-lo como um estudo centrado nos italianos do Brasil, mas com uma sólida orientação transnacional que se constitui, na nossa opinião, num dos aspectos mais inovadores e fecundos desse texto.

Escrever esse trabalho em uma perspectiva transnacional não foi tarefa simples, pois exigiu um intenso estudo das historiografias italiana, brasileira e de diversos outros países de imigração italiana onde o esforço fascista de atingir as comunidades italianas e as sociedades locais também se manifestou. Ela permitiu, porém, compreender a ação do fascismo italiano no Brasil a partir dos pressupostos italianos e fugir, assim, de uma visão cheia de lugares comuns e

generalizações que uma análise do processo a partir unicamente do ponto de vista deste lado do Atlântico iria inevitavelmente conduzir.

A perspectiva transnacional também nos permitiu colocar em perspectiva a experiência do fascismo italiano no Brasil e compreendê-la não como uma realidade estanque, mas como inserida numa teia que atingia proporções globais e que só assim poderia ser compreendida. A tão falada globalização não é, portanto, algo específico desse fim de século e o estudo da experiência do fascismo e do antifascismo italianos no Brasil apenas confirma como a história do Brasil tem que ser vista a partir da consciência dos contextos maiores onde ela se insere. Sem isso, a nossa visão sempre parcial e fora de perspectiva e as possíveis colaborações dos historiadores para o entendimento da nossa realidade serão inevitavelmente prejudicadas. Só temos a ganhar, enquanto historiadores e enquanto cidadãos do Brasil e do mundo, com a superação desse limites, sendo esse texto uma colaboração nesse sentido.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS

1 - ARQUIVOS

1.1 - Arquivos Brasileiros

Arquivo Nacional (Rio de Janeiro) : Tribunal de Segurança Nacional
Processos de Expulsão de estrangeiros

Arquivo do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro): Arquivo DOPS

Fundação Getúlio Vargas/CPDOC (Rio de Janeiro): Arquivos Gustavo Capanema, Filinto Muller e Osvaldo Aranha

Arquivo do Estado de São Paulo (São Paulo) : Arquivo DOPS

Instituto Italiano de Cultura (São Paulo): Arquivo Antonio Piccarolo

Arquivo Edgar Leuenroth (Campinas): Arquivo Diplomático Americano

Museu “Amador da Veiga”(Rio Claro/SP): Atas seção integralista local

Arquivo Histórico Municipal (Rio Claro/SP): Diversos

1.2 - Arquivos italianos

Archivio Centrale dello Stato (Roma):

Casellario Politico Centrale
Ministero Interno, DGPS, Div. AAGRR

Ministero Interno, DGPS, Polizia Politica,
fascicolo per materia

Ministero Interno, DGPS, Div. AAGRR,
cats. F4, G1, J5

Ministero della Cultura Popolare - Divisione
Generale di Propaganda e Ufficio NUPIE

Archivio Cornelio di Marzio

Segreteria Particolare del Duce,
Carteggio riservato, 1922-1943 e
Carteggio Ordinario, 1922-1940

Agenzia Stefani/Ufficio Liquidazione

Archivio Francesco Saverio Nitti

Ministero Africa Italiana

Archivio Storico Ministero Affari Esteri (Roma):

Affari Politici 1919-1930 Brasile

Affari Politici 1931-1945 - Brasile

Affari Politici 1946-1950 - Brasile

Ministero Cultura Popolare

Archivio Gabinetto, 1923-1943

Documenti Diplomatici Italiani

Documents Diplomatiques Françaises

Documents on German Foreign
Policy

Fondazione Pietro Nenni (Roma): Archivio Pietro Nenni

Fondazione Luigi Sturzo: (Roma): Archivio Luigi Sturzo

Istituto Storico della Resistenza in Toscana (Firenze):

Archivio Giustizia e Libertà

Istituto Gramsci (Roma): Archivio Partito Comunista d'Italia

1.3 - Arquivos britânicos

Public Record Office (Londres): Arquivo Foreign Office

1.4 - Arquivos Americanos

<u>National Archives:</u>	Records of the Bureau of War Communication RG 259
	General Records of the Department of State* RG 59
	Records of the Office of Interamerican Affairs RG 229
	Records of Foreign Economic Administration RG 169
	Records of the Office of War Information RG 208
	General Records of Latin American Branch RG 165
	Foreign Relations of The United States
	Office of Intelligence Research, Division of Research for the
American Republics RG 59	
	Records of the Foreign Economics Administration, Pan American
	Branch, RG 169

2 - Bibliotecas consultadas

Campinas/SP Biblioteca Arquivo Edgar Leuenroth/UNICAMP

* - Os arquivos do Departamento de Estado foram examinados através de duas maneiras. Em primeiro lugar, examinamos o material relativo ao Brasil, microfilmado pelo BANESPA, e que está disponível no Arquivo Edgar Leuenroth da UNICAMP. Essa documentação foi citada nesse trabalho com a sigla ADA. No arquivo de Washington, examinamos apenas aquilo que não constava no material microfilmado e citamos tal material com a rubrica "General Records of the Department of State", que é o fundo original também da parte microfilmada.

Biblioteca IFCH/UNICAMP

Biblioteca Centro de Memória/UNICAMP

São Paulo/SP Biblioteca Municipal Mário de Andrade

Biblioteca FFLCH/USP

Biblioteca Instituto de Estudos Brasileiros/USP

Biblioteca Faculdade de Direito/USP

Biblioteca Instituto Italiano de Cultura

Biblioteca Arquivo do Estado de São Paulo

Biblioteca Instituto Histórico e Geográfico

Rio de Janeiro(RJ): Biblioteca Nacional

Roma (Itália): Biblioteca Archivio Centrale dello Stato

Biblioteca Ministero Affari Esteri

Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele II

Biblioteca Lelio Basso

Biblioteca Instituto Gramsci

Biblioteca Centro Studi Emigrazione

Biblioteca Istituto Italo latinoamericano

Biblioteca Centro Studi Americani

Biblioteca di Lettere/Universita La Sapienza

Biblioteca Alessandrina/Università La Sapienza

Biblioteca Scienze Politiche/Università LS

Milano (Itália) : Biblioteca Fondazione Feltrinelli

Londres (Inglaterra): Biblioteca Institute of Historical Research/
University of London

British Library of Political and Economic
Science/University of London

British Library

Washington (EUA): Biblioteca National Archives

Library of Congress

Paris (França): Bibliothèque Nationale de France

Buenos Aires (Argentina): Biblioteca Nacional

3- Periódicos consultados

3.1 - Periódicos fascistas italianos

Aquilotti d'Italia (jornal da Segreteria Generale dei Fasci all'estero).

Colombo (Roma, 1926/1931)

I fasci italiani all'estero (Revista da Segreteria Generale dei Fasci all'estero).
Código de Prontidão: 0

Il Legionario - Organo Ufficiale della Segreteria Generale dei fasci all'estero
(Roma - 1925 a 1943).

Rivista d'Italia e d'America (Roma, 1923/1930)

3. 2 - Periódicos fascistas editados no Brasil

Bolletino Mensile della Società Italiana di Mutuo Soccorso (São Paulo/Capital 1926/27)

Bolletino Mensile della Società Italiana di Mutuo Soccorso Leale Oberdan (São Paulo/Capital - 1922 a ?). Editor: A. Calcio.

Bolletino Ufficiale della Camera Italiana di Commercio (São Paulo/Capital - 1902 a 1945). Mensal.

Bollettino ufficiale della Camera Italiana di Commercio (Rio de Janeiro/RJ - 1928 a 1930).

Bollettino ufficiale della Camera Italiana per il Nord del Brasile (Recife/PE - 1921 a 1936).

Il Corriere degli Italiani (São Paulo/Capital - 1931 a 1939). Editores: G. Andalo e A. Capodaglio

Diário Latino (São Paulo/Capital, 1946-1948). Editor: V. De Masi

Il Ficanaso (São Paulo/Capital - 1919 a 1939). Editor: A. Pozzi. Humorístico.

Italia (Belo Horizonte/MG - 1936 a ?). Editor: M. Alessandrini.

Italia (São Paulo/Capital). Editor: Nasonelli.

L'Italia in Marcia (São Paulo/Capital - 1936 a ?). Editor: M. Nisticò. Mensário fascista.

Il Moscone (São Paulo/Capital, 1925-1941). Editor: Vincenzo Ragnonetti

Muse - Organo della Società Italiana di Cultura Muse Italiche (São Paulo/Capital - 1919 a 1941). Orgão da Società Italiana di Cultura Muse Italica.

Il Nuovo mondo (São Paulo/Capital - 1924 a 1928). editor: A. Venturi. Orgão semanal dos viajantes comerciais.

Il Pasquino Coloniale (São Paulo/Capital - 1909 a 1941). Editor: A. Trippa e depois Rocchetti. Humorístico que se torna fascista em 1929.

Il Piccolo (São Paulo/Capital, 1918-1931). Editores: P. Mazzoldi, Arturo Trippa e Nunzio Grecco

Roma na era fascista (São Paulo/Capital - 1936 a ?). editor: E. Zannaro. Mensário fascista.

La Squila (São Paulo/ Capital - 1906 a 1939), Católico.

Il Viaggiatore (São Paulo/Capital - 1928 a ?). Editor: A. Venturi. Boletim da unione viaggiatori italiani. substituiu "Il Nuovo Mondo".

3.3 - Periódicos antifascistas editados no Brasil

O Combate (São Paulo/ Capital - 1927-1928)

Il combattente (São Paulo/Capital - 1928).

La Difesa (São Paulo/Capital - 1923 a 1934). Diversos editores

L'Italia (São Paulo/Capital - 1931 a 1932) Editor: Mario Mariani. Continuação, como diário, do "La Difesa"

A Platea (São Paulo/Capital)

Il Risorgimento - Rivista brasiliana di Sociologia, Politica, Scienze ed Arti (São Paulo/Capital - 1928). Editor: Antonio Piccarolo.

Il Risorgimento (São Paulo/Capital - 1928 a 1930). Editor: A. Piccarolo

La Rivista Coloniale (Rassegna di Economia, Finanza, Industria, Agricoltura, Commercio, Lettere ed Arti della colonia Italiana de São Paulo (São Paulo/Capital - 1912 a 1924). Editor: Antonio Piccarolo.

A Voz da Itália (São Paulo/Capital - 1947 a 1948). Editor: L. Gonzaga Alves. Quinzenário progressista e antifascista do pós guerra. Mudou de nome para "La voce d'Italia" em 1947.

La Voce d'Italia (São Paulo/Capital - 1947 a 1948). Editor: L. Gonzaga Alves. Antifascista.

4 - Fontes orais

entrevista com Cezira Curty, Campinas, 18/5/1992

entrevista com Lélia Abramo, São Paulo, 17/12/1992

entrevista com Miguel Costa Jr., Carapicuíba, 24/10/1994

BIBLIOGRAFIA E LIVROS DE ÉPOCA

- AIKMAN, Duncan. The all american Front, New York, Doubleday Company, 1940
- ALBONICO, Aldo. "Immagine e destino delle comunità italiane in America Latina attraverso la stampa fascista degli anni 30" in Studi Emigrazione, XIX, 65:41-52, 1982
- , e Rosoli, Gianfausto. Italia y America, Madrid, Mapfre, 1994
- ALCORSO, Claudio e Alcorso, Caroline. "Italians in Australia during the World War II" in Australia's italians - Culture and community in a changing society, St Leonards, Allen & Unwin, 1992, 18-34
- ALESSANDRI, Cesare. Verso l'Impero del Lavoro - Emigrazione e colonie, Roma, 1936
- ALMANACCO degli italiani del Brasile, São Paulo, 1936
- ALMEIDA Jr, Aprígio de. 1936 - A comunidade italiana de Capivari entre o fascio e o sigma, Piracicaba, UNIMEP, 1997 (mimeo)
- ALVIM, Zuleika. Brava Gente - Os italianos em São Paulo 1870-1920, São Paulo, Brasiliense, 1986
- ANDRADE, Manuel Correia. "Italianos em Pernambuco" in De Boni, José Luiz. A presença italiana no Brasil, v. 2, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, 107-124
- , A Itália no Nordeste - Contribuição italiana ao Nordeste do Brasil, Torino/Recife, Fondazione Giovanni Agnelli/Fundação José Nabuco, 1992
- , "A colônia italiana em Pernambuco nos anos 20 e 30" in Quaderni, São Paulo, Nova Série, 5: 79-94, 1993
- ANDREUCCI, Franco (org). Il movimento operaio italiano - Dizionario Biografico 1853-1943, Roma, Riuniti, 1975
- AQUINO, Ivo de. Nacionalização do Ensino - Aspectos políticos, Florianópolis, Imprensa Oficial, 1942
- ARALDI, Vinicio. Il Brasile sotto la presidenza Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 1937
- ARENA, Celestino. Italiani per il mondo, Milano, Alpes, 1927
- ARAÚJO, Luís Renato de Campos. Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália, dissertação Mestrado em Sociologia, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1996

ARQUIVO do estado do Rio de Janeiro. Os arquivos das policias políticas - reflexos de nossa história contemporânea, Rio de Janeiro, FAPERJ, 1996

AZZI, Riolando. "Fé e italianidade: a atuação dos escalabrinianos e dos salesianos junto aos imigrantes" in BONI, Luís A. de. (org.). A Presença italiana no Brasil. Vol. II, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 63-80

BAILY, Samuel. "The role of two newspapers in the assimilation of Italians in Buenos Aires and Sao Paulo, 1893-1913" in International Migration Review, 12 (3): 321-340, 1978

BAIOCCHI, Giuseppe. "Scheda sui fascisti nell'emigrazione europea" in Il Ponte, XXX, 11/12: 1596-1600, 1974

BALBO, Ítalo. Legiões aladas sobre o mar, Rio de Janeiro, 1932

----- Stormi d'Italia sul mondo, Verona, Mondadori, 1934

BANCK, Geert Arent. "Estratégias de sobrevivência em duas comunidades italo capixabas" in Estudos em Homenagem a Ceciliano Abel de Almeida, Vitória, Editora da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1978

BARTOLOTTI, Domenico. In Brasile, Genova, SIAG, 1926

----- L'oro verde del Brasile, Firenze, Società Editrice Toscana, 1928

----- Il Brasile Meridionale, Roma, Casa Editrice Alberto Stock, 1930

----- Alcune verità sulla emigrazione italiana, Milano, Gastaldi, 1953

BASTIANINI, Giuseppe. "I fasci italiani all'estero - Il valore di un Congresso" in Gerarchia, IV, 10: 633-639, out/1925

----- Gli italiani all'estero, Milano, Mondadori, 1939

BATTIBUGLI, Thais. A participação brasileira na Guerra Civil espanhola (1936-1939) e as repercussões no País de Vargas, da Igreja e do PCB, monografia de graduação, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1996

BAYOR, Ronald. Neighbors in Conflict - The Irish, Germans, Jews and Italians of New York City, 1929-1941, Baltimore and London, The John Hopkins University Press, 1978

BEOZZO, José Oscar. "O clero italiano no Brasil" in De Boni, José Luiz. A presença italiana no Brasil, v. 1, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1987, 34-62

BERMEJO, Benito. "La Phalange Espagnole en France" in Milza, Pierre e Peschanski, Denis. Exils et migration - Italiens et espagnols en France, 1938-1945, Paris, Editions L'Harmattan, 1994, 517-529

BERSELLI, Aldo. L'opinione pubblica inglese e l'avvento del fascismo, Milano, Franco Angeli, 1971

BERTELLO, Lúcia. "I fasci negli Stati Uniti d'America – La propaganda fascista e le comunità italiane" in Bollettino del Comitato di Coordinamento per gli studi di storia americana, 3: 29, janeiro/1974

BERTONHA, João Fábio. "Mazzolini vs Piccarolo: Fascismo e antifascismo a confronto nella San Paulo degli anni 20" in Letterature d'America, 47-48: 138-160, 1992

-----, "A máquina simbólica do Integralismo. Propaganda e controle político no Brasil dos anos 30" in História e Perspectivas, Uberlândia, 7: 87-110, jul/dez 1992a

-----, "Integralismo: um movimento fascista? Uma perspectiva simbólica" in Boletim do Centro de Memória da UNICAMP, 9: 25-32, jan/jul 1993

-----, "La Base sociale dell'antifascismo a São Paulo: un'analisi, 1923-1930" in Blengino, Vanni (org). La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970, Milano, Nicola Teti Editore, 1994, 390-399

-----, "Entre burgueses e operários - A representatividade social do antifascismo socialista italiano - São Paulo, 1923-1934" in História Social, Campinas, I, 1:117-144, Primeiro Semestre/1994a

-----, "O fascismo na visão de Antonio Piccarolo: antifascismo e reformismo no Brasil dos anos 20" in História e Perspectivas, Uberlândia, (11): 233-269, jul/dez 1994b

-----, O antifascismo socialista italiano de São Paulo nos anos 20 e 30, dissertação de mestrado, Campinas, UNICAMP, 1994c

-----, "A resistência além oceano: os "fuorusciti" italianos e a experiência antifascista brasileira dos anos 30" in Anos 90, Porto Alegre, número 4: 59-76, dezembro/1995

-----, "Contra o fascismo e contra Mussolini: as estratégias dos socialistas italianos de São Paulo na luta contra o fascismo, 1923-1934" in Textos de História, Brasília, volume 4, número 1: 39-73, 1996

-----, "Política em tempos de guerra: a tentativa de reconstrução do antifascismo italiano em São Paulo em 1942/43" in Revista de História, São Paulo, USP, 137: 43-63, 1997.

-----, "O Brasil, os imigrantes e a política externa fascista (1922-1943)" in Revista Brasileira de Política Internacional, Brasília, volume 40, número 2: 106-130, 1997a.

-----, "A migração internacional como fator de política externa: os emigrantes italianos, a expansão imperialista e a política exterior da Itália, 1870-1943" in Contexto Internacional, Rio de Janeiro, 1998, no prelo.

-----, "Uma política externa não estatal? Os fasci all'estero e a política externa do Partito Nazionale Fascista, 1919-1943" in Anos 90, Porto Alegre, 1998^a, em avaliação.

-----, "Comendatori, Cavalieri e Grand'Ufficiali a serviço do fascio: A burguesia industrial italiana de São Paulo e o fascismo, 1919-1945" in Pós História, Assis, 1998b, em avaliação.

-----, "Conde Francesco Matarazzo e o ser italiano no Brasil: o enfoque biográfico na pesquisa sobre a colonização italiana em São Paulo" in LPH - Revista de História, Ouro Preto, 1998c, em avaliação.

-----, "Entre a cruz e o fascio littorio: a Igreja Católica brasileira, os missionários italianos e a questão do fascismo, 1922-1943" in História e Perspectivas, Uberlândia, 1998d, no prelo.

-----, "Entre a bombachã e a camisa negra: notas sobre a ação do fascismo italiano e do Integralismo no Rio Grande do Sul" in Estudos Ibero Americanos, Porto Alegre, 2, 1998e, no prelo.

-----, "Trabalhadores imigrantes entre identidades nacionais, étnicas e de classe: o caso dos italianos de São Paulo, 1890-1945" in Varia História, Belo Horizonte, 1998f, em avaliação.

-----, "Fascism and the Italian communities in Brazil and in the United States: a comparative perspective" in Italian Americana, Providence, 1998g, no prelo.

-----, "A imprensa italiana em São Paulo, 1880-1945" in Cadernos de História, Uberlândia, 1998h, em avaliação.

-----, "Fechando lacunas: franquistas, antifranquistas e os imigrantes espanhóis no Brasil (resenha da obra de Gattaz, André. *Braços da Resistência - Uma história oral da imigração espanhola*)" in Textos de História, Brasília, 1998i, em avaliação.

-----, "Observando o littorio do outro lado do Atlântico: a opinião pública brasileira e o fascismo italiano" in Revista Brasileira de História, São Paulo, 1998j, em avaliação.

-----, "Divulgando o Duce e o fascismo em terra brasileira: A propaganda italiana no Brasil, 1922-1943" in O Olho da História - Revista de História Contemporânea, Salvador, 1998k, no prelo.

-----, "Between the Sigma and the Fascio. A balance of the relationship between the Italian Fascism and the Brazilian Integralism" in Luso Brazilian Review, Madison, 1998l, no prelo.

-----, "Fascismo, antifascismo e as comunidades italianas no Centro Norte e Nordeste do Brasil. Algumas notas de pesquisa" in Cadernos do CEAS (Centro de Estudos e Ação Social), Salvador, 1998m, em avaliação.

-----, "O antifascismo no mundo da diáspora italiana. Elementos para uma análise comparativa a partir do caso brasileiro" in Altreltalie, Torino, 17:16-30, jan/jun 1998n.

BESSIS, Juliette. La Mediterranee fasciste - L'Italia mussolinienne et la Tunisie, Paris, Khartala, sem data.

-----, "Une emigration effacée: italiens et espagnols en Afrique du Nord Française" in Milza, Pierre e Peschanski, Denis. Exils et migration - Italiens et espagnols en France, 1938-1945, Paris, Editions L'Harmattan, 1994a, 429-444

BETCHERMAN, Lita Rose. The Swastika and the maple leaf - Fascist Movements in Canada in the Thirties, Fitzhenry Whiteside, 1978

BIANCHI, Anne Marie. "L'opinion grenoblaise sur l'Italia et les Italiens de 1938 a 1946" in Perona, Gianni. Gli italiani in Francia, 1938-1946, Milano, Franco Angeli, 1994, 295-323

BIANCHI, Gianfranco. Dino Grandi racconta l'evitable asse, Milano, Jaca Book, 1984

BIANCHI, Ornella. "Fascismo ed emigrazione" in Blenghino, Vanni. La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970, Milano, Nicola Teti Editore, 1994, 96-114

BICOCCHI, Daria Frezza. "Propaganda fascista e comunità italiane in USA: La Casa italiana della Columbia University" in Studi Storici, XI, 4: 661-697, 1970

-----, "A proposito di Casa Italiana alla Columbia University e di fascismo" in Studi Storici, XII, 2: 396-418, 1971

-----, "I rapporti Italia-USA nel periodo fascista" in Studi Storici, XV, 1: 184-194, 1974

BLANCATO, Vincenzo. Conte Francesco Matarazzo, São Paulo, Cia Gráfica/Editora Monteiro Lobato, 1925

-----, Scelta di discorsi e interviste del Conte Francesco Matarazzo, São Paulo, Tipografia Paulista, 1926

BOM MEIHY, J. C. Sebe. "O Brasil no contexto da Guerra Civil Espanhola" in O Olho da História - Revista de História Contemporânea, Salvador, v. 2, n. 2: 117-122, 1996

BONACCI, Giovanni. L'Italia vittoriosa e la sua espansione nel mondo, Roma, Banca Italiana di Sconto, 1920

-----, L'Italia Economica e la volontà della Stirpe, Firenze, Rivista delle arte grafiche, 1928

BONFIGLIO, Giovanni. "La presenza italiana in Peru, una prospettiva storica" in Altrel'Italie, 16: 26-35, jul/dez 1997

BOREJZSA, Jerzy. Il fascismo e l'Europa Orientale, Bari, Laterza, 1971

BORRUSO, Paolo. "Le missioni cattoliche italiane nella politica coloniale del fascismo (1936-40)" in Africa, XLIV, 1: 50-78, março 1989

-----, "Organizzazione e ruolo delle missionari cattoliche italiane in Francia (1938-1945)" in Perona, Gianni. Gli italiani in Francia, 1938-1946, Milano, Franco Angeli, 1994, 105-120

BORSA, Giorgio. "Tentativi di penetrazioni dell'Italia fascista in Cina: 1932-1937" in Il Politico, XLIV, 3: 381-419, 1979

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos. São Paulo, T.A. Queiroz/Edusp, 1987

BOSIO, Giovanni. Il console e la sua figura giuridica, Roma, INCD, 1939

El BOSQUE de la memoria - la comunidad italiana en el Paraguai, Assunción, 1993

BOSWORTH, Richard. "The British Press, The Conservatives and Mussolini, 1920-1934" in Journal of Contemporary History, v. 5, n. 2: 163-182, 1970

-----, Italy - The least of great powers: Italian Foreign Policy before the first World War, Cambridge, Cambridge University Press, 1979

-----, "Fremantle interned: The Italians Experience" in Bosworth, Richard. War, Internment and mass migration: the Italo australian experience, 1940-1990, Roma, Gruppo Editoriale Internazionale, 1992, 75-88

-----, "Oral Histories of Internment" in Bosworth, Richard. War, Internment and mass migration: the Italo australian experience, 1940-1990, Roma, Gruppo Editoriale Internazionale, 1992a, 105-116

BRADFORD, Sax. The battle for Buenos Aires, New York, Harcourt Brace and Company, 1943

BRANDALISE, Carla. O fascismo na periferia latino-americana: o paradoxo da implantação do Integralismo no Rio Grande do Sul, dissertação de mestrado em Ciência Política, Porto Alegre, URGs, 1992

BRAY, Paul. "Francesco Fantin: internment and antifascism in Australia" in Studi Emigrazione, XXVI, 94: 221-246, 1989.

BRECCIA, A. "La politica estera italiana e l'Ungheria (1922-1933)" in Rivista di studi politici internazionali, XLVIII, 1, 1980

BRENNA, Paolo. Storia dell'emigrazione italiana, Roma, Mantegazza, 1928

BRESADOLA, Gianfranco. "Le colonie libere" in Il Ponte, XXX, 1-2: 1490-1499, 1974.
BRIANI, Vittorio. Il lavoro italiano all'estero negli ultimi venti anni, Roma, 1970

BRITO, Jolúma. História da cidade de Campinas, Campinas, edição do autor, 1969, v. 26

BRUNER, Jerome. "Shortwave listening in an Italian Community: a study of Boston's Italian North West End" in The Public Opinion Quarterly, v. 5, n. 4: 640-656, 1941

BURDEN, William. The Struggle for Airways in Latin America, New York, Council of Foreign Relations, 1942

BURGWYN, H. James. Il revisionismo fascista - La sfida di Mussolini alle grandi potenze nei Balcani e sul Danubio, 1925-1933, Milano, Feltrinelli, 1979

----- Italian Foreign Policy in the interwar period, 1918-1940, Westport/London, Praeger, 1997

BUSSOLA, Carlo. "Alguns aspectos da cultura dos descendentes dos imigrantes italianos no estado do Espírito Santo" in De Boni, José Luiz. A presença italiana no Brasil, v. 2, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, 267-280

BUTARELLI, Aroldo. "Missionari Bergamaschi in Francia tra emigrazione e crisi belica (1938-1946)" in Perona, Gianni. Gli italiani in Francia, 1938-1946, Milano, Franco Angeli, 1994, 185-222

CALMON, Pedro. Storia della civiltà brasiliana, Rio de Janeiro, Instituto Italo-brasileiro de Alta cultura, 1939

CAMARGO, Haroldo Leitão. A colônia alemã de Santos e a construção do perigo alemão : da formação ao expurgo, dissertação de Mestrado, USP, 1997

CAMERA Italiana di Comercio ed arti di San Paolo del Brasile. Relazione presentata alla Crociera della R. Nave "Italia", São Paulo, Rossetti & Rocco, 1924

CAMERA Italiana di Comercio ed arti di San Paolo del Brasile. Relazione presentata al Congresso Internazionale del Comercio in Rio, São Paulo, Typografia Paulista, 1927

CANDIDO, Antonio. Teresina etc., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980

CANNISTRARO, Philip. "Il fascismo italiano visto dagli Stati Uniti: cinquant'anni di studi e di interpretazioni" in Storia Contemporanea, II, 3: 599-622, set/1971

-----, E Kovaleff, T. "Father Coughlin and Mussolini: impossible Allies" in Journal of Church and State, XIII, 3: 427-443, 1974

-----, "Fascism and Italian americans in Detroit, 1933-1935" in International Migration Review, 9: 29-40, 1975

-----, La fabbrica del consenso - Fascismo e mass media, Bari, Laterza, 1975a

-----, "Gli italo americani di fronte all'ingresso dell'Italia nella Seconda Guerra Mondiale" in Storia Contemporanea, VII, 4: 855-864, dez/1976

-----, e Rosoli, Gianfausto. "Fascist Emigration Policy in the 1920's: an interpretive framework" in International Migration Review, 13: 673-692, 1979

-----, "Fascism and Italian Americans" in De Felice, Renzo (org). Cenni storiche sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in australia, Milano, Franco angeli Editore, 1979a, 125-142

-----, e Rosoli, Gianfausto. Emigrazione. Chiesa e fascismo. Lo scioglimento dell'Opera Bonomelli (1922-1928), Roma, Studium, 1979b

-----, Historical Dictionary of fascist Italy, Westport/London, Greenwood Press, 1982

-----, "Luigi Antonini and the Italian Antifascist Movement (1940-1943)" in Journal of American Ethnic History, 21-40, 1985

-----, "Generoso Pope and the Rise of Italian American Politics, 1925-1936" in Tomasi, Lidio. New Perspectives in Italian Immigration and Ethnicity, New York, Center for Migration Studies, 1985a, 264-288

-----, "Per una storia dei Fasci negli Stati Uniti (1921-1929)" in Storia Contemporanea, XXVI, 6: 1061-1144, dez/1995

CANTALUPO, Roberto. "Una lettera agli italiani in Brasile" in Mussolini, Benito. Vita di Arnaldo, Rio de Janeiro, Tipografia Italiana, 1934

-----, Il Rimpatrio degli italiani, Roma, Edizioni della Rassegna Italiana, 1939

-----, "Recupero di italiani perduti e sperduti nel mondo" in Racconti politici dell'altra pace, Milano, ISPI, 1940, 294-333

-----, Brasile Euro-americano, Milano, ISPI, 1941

CANTINI, Claude. "Per una storia del fascismo italiano a Losanna" in Italia Contemporanea, 119: 51-77, abr/jun 1976

-----, Le Colonel fasciste suisse. Arthur Fonjalaz, Lausanne, Pierre Marcel Favre, 1983

CAPARELLI, Filippo. La "Dante Alighieri", 1920-1970, Roma, Bonacci, 1987

CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Lígia. O Bravo Matutino. Imprensa e Ideologia - o jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, Alfa Omega, 1980

----- e MOTA, Carlos Guilherme. História da Folha de São Paulo (1921-1981), São Paulo, Impres, 1980^a

-----, Os Arautos do liberalismo. Imprensa paulista 1920-1945, São Paulo, Brasiliense, 1989

CAPORILLI, Pietro. L'educazione giovanili nello Stato fascista, Roma, Sapienza, 1930

CAREDDA, Giorgio. "I comunisti italiani in Francia" in Perona, Gianni. Gli italiani in Francia, 1938-1946, Milano, Franco Angeli, 1994, 121-137

CARELLI, Mário. Carcamano e comendadores - Os italianos de São Paulo da realidade à ficção, 1919-1930, São Paulo, Ática, 1985

CAROCCI, Giampiero. La politica estera dell'Italia fascista (1923-1928), Bari, Laterza, 1969

CARONE, Edgar. A Segunda República, São Paulo, DIFEL, 1973

-----, A República Nova, 1930-1937, São Paulo, DIFEL, 1974

CARRAZONI, André. Getulio Vargas, Padova, CEDAM, 1941

CASSELLS, Alan. "Fascism for export: Italy and the United States in the twenties" in American Historical Review, 69: 707-712, 1964

----- Mussolini Early Diplomacy, Princeton, Princeton University Press, 1970

CASTALDI, Carlo. "O ajustamento do imigrante à comunidade paulistana: estudo de um grupo de imigrantes italianos e seus descendentes" in Hutchinson, Bertram. Mobilidade e trabalho - um estudo na cidade de São Paulo, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960, 281-359

CECCHI, Camilo. "L'identificazione etnica nella seconda e terza generazioni degli emigrati" in Studi Emigrazione, IV, 9: 209-252, 1967

CENNI, Franco. Italianos no Brasil, São Paulo, Edusp, 1975

CERUTI, Mario. Fra Roma e Berna. La Svizzera italiana nel ventennio fascista, Milano, Franco Angeli, 1986

CERUTTI, Elisabetta. Visti da vicino - Memorie di un'ambasciatrice, Milano, Gorzanti, 1951

CERVO, Amado Luis. "As relações diplomáticas entre o Brasil e a Itália desde 1861" in DE BONI, Luis Antonio. A presença italiana no Brasil, vol. 2, Porto Alegre/Torino, EST/Fundação Giovanni Agnelli, 1990, 21-35

----- As relações históricas entre o Brasil e a Itália - O papel da diplomacia, São Paulo/Brasília, Instituto Italiano de Cultura/Editora da UnB, 1992

----- História da política externa do Brasil, São Paulo, Ática, 1992^a

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque, São Paulo, Brasiliense, 1986

CHASE, Allan. Falange: The Axis Secret Army in the Americas, New York, G. P. Putnam's, 1943

CHAUÍ, Marilena. "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira" in Chauí, Marilena e Franco, Maria Silvia Carvalho. Ideologia e Mobilização Popular, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978

CHIARINI, Ana Maria. Imigrantes e italianos all'estero - Os diferentes caminhos da italianidade em São Paulo, dissertação de Mestrado em Antropologia, Campinas, UNICAMP, 1992

CICCARELLI, Orazio. "Fascist Propaganda and the Italian Community in Peru during the Benavides regime, 1933-39" in Journal of Latin American Studies, 20: 361-388, nov/ 1988

----- "Fascism and Politics in Peru during the Benavides Regime, 1933-39" in Hispanic American Historical review, v. 70, n. 3:405-432, ag/1990

CICCOLELLA, Erasmo. Vibrant Life. Trenton's Italian Americans, New York, Center for Migration Studies, 1986

CINEL, Dino. "Dall'Italia a San Francisco. L'esperienza dell'emigrazione" in Euroamericani - La popolazione di origine italiana negli Stati Uniti, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 1987, 327-388

CINQUANT'ANNI di lavoro degli italiani in Brasile São Paulo, Società Editrice Italiana, 1936

CIRCOLO italiano - São Paulo, 1911-1961, São Paulo, 1961

COBBS, Elisabeth. The Rich Neighbor Policy - Rockefeller and Kaiser in Brazil, New Haven, Yale University Press, 1992

COCHRAN, Thomas Child. Capitalism in Argentine culture: a study of Torcuato di Tella and SIAM, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1962

CODIROLI, Pierre. "Appunti riguardanti la politica culturale dell'Italia fascista nel Cantone Ticino, 1922-1930" in Cenobio, XXXVI, 2: 127-147, abr/jun 1987

-----, L'ombra del Duce - Lineamenti di politica culturale nel cantone Ticino (1922-1943), Milano, Franco Angeli, 1988

-----, "Il Cantone Ticino tra fascio e balestra, 1922-1945: storia di una penetrazione culturale" in Nuova Antologia, v. 564, f. 2175: 301-311, jul/set 1990

-----, Tra fascio e balestra. Un'acerba contesa culturale (1941-1945), Locarno, Armando Dadò, 1992

COHEN, Ester. O governo federal e o partido nazista no Brasil, dissertação de Mestrado, UFF, 1988

COGGIOLA, Osvaldo. Segunda Guerra Mundial. Um balanço histórico. São Paulo, FFLCH/USP, 1995

COLPI, Terri. The Italian Factor - The Italian Community in Great Britain, Edinburgh and London, Mainstream Publishing, 1991

O CONDE Matarazzo aos oitenta anos, São Paulo, Pannon, 1934

CONSOLMAGNO, Marina. Fanfulla - Perfil de um jornal de colônia, dissertação de Mestrado em História, São Paulo, USP, 1993

CORDEIRO, Raimundo Barroso. A Legião do Trabalho: política e imaginário no Integralismo cearense (1931-1937), dissertação de Mestrado, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1992

CORSETTI, Berenice. "A reação do Estado Novo aos movimentos políticos da zona de colonização italiana no Rio Grande do Sul" in História: ensino e pesquisa 2: 33-54, 1986

-----, "O crime de ser italiano: a repressão do Estado Novo" in DE BONI, Luis A. . (org.). A Presença italiana no Brasil. Vol. II, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, pp. 363-382

COSTA, Rovilio. "Il Contributto del clero italiano alla colonizzazione rio grandense" in Scalabriniani tra vecchio e nuovo mondo, Roma, Centro Studi Emigrazione, 1987, 411-429

COUDER, Laurent. "Les italiens de la region parisienne dans les annès 20" in Milza, Pierre. Les italiens de France de 1914 a 1940. Roma, Ecole Française de Rome, 1986, 501-546

CRESCIANI, Gianfranco. "L'opposizione al fascismo degli italiani in Australia, 1922-1940" in Il Movimento di Liberazione in Italia, XXV, 113:107-119, out/dez 1973

-----, Fascismo, antifascismo e gli italiani in Australia, 1922-1945. Roma, Bonacci, 1979

-----, "Italian Anti fascism in Australia 1922-1945" in Felice, Renzo de (org). Cenni storiche sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in australia, Milano, Franco angeli Editore, 1979a, 143-164

-----, "The proletarian migrants: Fascism and Italian Anarchists in Australia" in The Australian Quarterly, V, vol. 51, número 1: 4-19, mar/1979b.

-----, "I socialisti italiani in Australia" in L'emigrazione socialista nella lotta contro il fascismo (1926-1939), Firenze, Sansoni, 1982, 293-303

-----, "L'internamento degli italiani nella Nuova Galles Meridionale" in Cresciani, Gianfranco. L'Australia, gli australiani e la migrazione italiana, Milano, Franco Angeli, 1984, 81-102.

-----, "Lo spettro della Quinta colonna in Australia, 1939-1942" in Affari Sociali Internazionali, 4: 45-61, 1985

-----, "Italian Fascism in Australia, 1922-1945" in Studi Emigrazione, XXV, 90: 237-246, jun/1988

-----, "The Bogey of the Italian Fifth Column: internment and the making of Italo Australia" in Bosworth, Richard. War, Internment and mass migration: the Italo australian experience, 1940-1990, Roma, Gruppo Editoriale Internazionale, 1992, 11-32

-----, "Omero Schiassi in Australia: l'avvocato dei poveri" in Studi Emigrazione, XXXIII, 122: 304-324, junho/1996

CRIVELLIN, E. Walter. Cattolici francesi e fascismo italiano - "La vie intellectuelle (1928-1939)", Milano, Franco Angeli, 1984

CRIVELLO, O. Quem foi Matarazzo?, São Paulo, Condor, 1937

CUPINI, Ranieri. Cieli e mari. Le grandi crociere degli idrovolanti italiani (1925-1933), Milano, Mursia, 1973

D'AMBROSIO, Ubiratan. "A influência italiana nas atividades científicas brasileiras" in DE BONI, Luis A. de. (org.). A Presença italiana no Brasil. Vol. II, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, 508-591

DAMIANI, Claudia B. "L'emigrazione italiana negli Stati Uniti durante il periodo fascista" in Felice, Renzo de (org). Cenni storiche sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in australia, Milano, Franco angeli Editore, 1979, 105-142

----- Mussolini e gli Stati Uniti, 1922-1935, Bologna, Cappelli, 1980

DAMIANI, Rudy. "Les italiens du Bassin minier du Nord Pas de Calais de 1939 a 1945" in Milza, Pierre e Peschanski, Denis. Exils et migration - Italiens et espagnols en France, 1938-1945, Paris, Editions L'Harmattan, 1994, 455-464

DANTAS, Mercedes. A força nacionalizadora do Estado Novo, Rio de Janeiro, DIP, 1942

DA SILVA, Douglas. Visões sobre Portugal – nação, diáspora e estratégias da cidadania (reconfiguração identitárias de um grupo de imigrantes portugueses), dissertação Mestrado, IFCH/UNICAMP, 1998, em andamento.

DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo (1880-1945), São Paulo, DIFEL, 1971

DE AZEVEDO, Thales. Italianos e Gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, A Nação/Instituto Estadual do livro, 1975

-----, "Italianos na Bahia" in Italianos na Bahia e outros temas, Salvador, Empresa Gráfica da Bahia, 1989, 13-60

DE CARVALHO, Brasilino. O anti semitismo de Hitler... e o julgamento apressado de alguns autores, Salvador, Cia Editora Grafica, 1934

DE CARVALHO, Ronald. Piccola storia della Letteratura brasiliana, Firenze, Valecchi, 1936

DECLEVA, Enrico. "Relazioni culturali e propaganda negli anni trenta: I comitati "France-Itàlia" e "Itàlia-Francia" in Duroselle, Jean Baptiste e Serra, Enrico. Il vincolo culturale tra Italia e Francia negli anni 20 e 30, Milano, ISPI/Franco Angeli, 1986, 108-157

DE FELICE, Renzo. Explicar o fascismo, Lisboa, Ed. 70, 1978

-----, "Prezzolini, la guerra e il fascismo" in Storia Contemporanea, XIII, 3: 361-426, jan/1982

-----, Il fascismo e l'Oriente. Arabi, ebrei e indiani nella politica di Mussolini, Bologna, Il Mulino, 1988

-----, Entrevista sobre o fascismo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988^a

DE GRAZIA, Victoria. Consenso e cultura de massa nell'Italia fascista, Bari, Laterza, 1981

DEL BOCA, Angelo. Gli italiani in Africa Orientale - La conquista dell'Impero, Bari, Laterza, 1979

DE LEÓN, José Bernal. La quinta columna en el Continente americano, Mexico, Ediciones Culturales Mexicanas 1940

DELLA CAVA, Ralph. "The Italian Immigration Experience: views of a Latinamericanist" in Tomasi, Silvano. Perspectives in Italian immigration and ethnicity, New York, Center of Migration Studies, 1977, 187-206

DELLA ROCCA, Roberto. "L'emigrazione contesa: un aspetto della politica ecclesiastica del fascismo" in Storia e Politica, XX, 3: 556-565, set/1981

DELZELL, Charles. I nemici di Mussolini, Torino, Einaudi, 1966

DE MICHELIS, Giuseppe. "La politica nazionale dell'emigrazione" in Gerarchia, IV, 10: 629-632, out/1925

----- La difesa del lavoro italiano all'estero, Roma, CGE, 1927

DE OLIVEIRA, Maria Candelaria Volpini. Centro Democrático Espanhol – Um pedaço da Espanha no coração de São Paulo: centro de cultura e resistência ao franquismo, 1957-1975, dissertação de Mestrado em História, São Paulo, PUC/SP, 1997

DE ROSA, Luigi. Emigrazioni, capitali e banche (1896-1906), Napoli, Edizioni del Banco di Napoli, 1980

DE SOUSA, Jane Vieira. Da transcendência à disciplina : Os Círculos Operários e a intervenção da Igreja Católica no mundo do trabalho, 1930-1964, tese de Doutorado em História, Rio de Janeiro, UFRJ, 1998

DE ZUANI, Ettore. "Problemi di vita sudamericana: gli emigranti e i loro figli" in Nuova Antologia, 317 (1581): 303-308, 1938

DIFFIE, Bailey. "Some foreign influences in Contemporary Brazilian Politics" in Hispanic American Historical Review, XX, 3: 402-429, ag/1940

DIGGINS, John. "Flirtation with Fascism: American Pragmatic Liberals and Mussolini's Italy" in American Historical Review, LXXI, 2: 487-506, jan/1966

-----, "Mussolini and America: Hero Worship, Charisma and the Vulgar Talent" in Historian, XXVIII, 4: 559-585, agosto/1966a

-----, "American Catholics and Italian Fascism" in Journal of Contemporary History, v. 2, 4: 51-68, out/1967

-----, "The italo american Anti Fascist Opposition" in Journal of American History, LIV, 3: 579-598, dez/1967a

-----, L'America, Mussolini e il fascismo, Bari, Laterza, 1972

DIGNAN, Donald. "The internment of Italians in Queensland" in Bosworth, Richard. War, Internment and mass migration: The italo Australian experience, 1940-1990, Roma, Gruppo Editoriale Internazionale, 1992, 61-73

DI MARZIO, Cornelio. Il Fascismo all'estero, Milano, Imperia, 1923

———. "Fascisti all'estero" in Pomba, Giuseppe. La Civiltà Fascista illustrata nella dottrina e nelle opere, Torino, Editrice Torinese, 1928, 637-647

DI NOLFO, Ennio. "L'opinione pubblica europea e l'ascesa al potere di Mussolini, in Il Mulino, ano III, v. 10, f. 36: 635-647, out/1954

———. Mussolini e la politica estera italiana (1919-1933), Padova, CEDAM, 1960

———. "Le oscillazioni di Mussolini" in Nuova Antologia, V. 564, f. 246: 172-195, out/dez 1990*

DI TELLA, Torcuato. "Comments on Italian Immigrants in Latin America" in Tomasi, Lidio. The Columbus People – Perspectives in Italian Immigration to the Americas and Australia, New York, Center for Migration Studies, 1994, 286-291

DONATO, Hernani. "Desinformação, arma de guerra em 1932" in D.º Leitura, 11 (133), junho 1995

DORÉ, Grazia. La democrazia italiana e l'emigrazione in America, Brescia, Morcelliana, 1964

DORIA, Gino. Storia dell'America Latina, Milano, Hoepli, 1937

DOUGLASS, William. "Images and adages: Anglo Australian perception of Italians in Queensland" in Bosworth, Richard. War, Internment and mass migration: The italo Australian experience, 1940-1990, Roma, Gruppo Editoriale Internazionale, 1992, 33-59

DUCCI, Gino. Orientamento politico militari degli Stati Americani, Roma, 1938

DUGFIELD, Marcos. "Mussolini's American Empire" in Harper's Magazine, CLIX: 661-672, nov/ 1929

DUPONT, Amelio. "I fasci all'estero" in Realizzazioni fasciste nella vita pubblica italiana, Roma, 1932, 279-287

EDWARDS, P.G. "The Foreign- Office and Fascism, 1924-1929, in Journal of Contemporary History, v. 5, n. 2: 153-161, 1970

FABIANO, Domenico. "La Lega italiana per la tutela degli interessi nazionali e le origini dei fasci italiani all'estero (1920-1923)" in Storia Contemporanea, XVI, 2: 203-250, 1985

FABRIS, Annateresa. O Futurismo paulista, São Paulo, Perspectiva/EDUSP, 1994

FAERMAN, Marco. "Oh, Bom Retiro. Uma reportagem em 3 tempos" in Cidade – Revista do Depto do Patrimônio Histórico, São Paulo, II, 3: 78-87, 1995

FALCO, Emilio. Mario Mariani tra letteratura e politica, Roma, Bonacci, 1980

FALCÓN, Ricardo. "Immigración, Cuestión Etnica y movimiento obrero (1870-1914)" in DE VOTO, Fernando. Asociacionismo, trabajo e identidad étnica – los italianos en América Latina en una perspectiva comparada, Buenos Aires, CEMLA, 1992, 251-285

FALORSI, Vittorio. Problemi di Emigrazione, Bologna, Zanichelli, 1924

FANCIULLI, Giuseppe. Glorie d'Italia, Roma, 1936

FANESI, Pietro Rinaldo. "El antifascismo italiano en Argentina" in Estudios Migratorios Latinoamericanos, Buenos Aires, 4 (12): 319-352, 1989

-----, Albano Corneli e l'esilio antifascista in Argentina, Milano, Franco Angeli, 1991

-----, "El esilio antifascista e la comunità italiana in Argentina", in BLENGUINO, Vanni. La riscoperta delle Americhe - Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970, Milano, Teti Editore, 1994a, 115-131

FASCI italiani all'estero, 35 morti, 212 feriti, Roma, 1930

FASCI italiani all'estero, 45 morti, 283 feriti, Roma, 1933

FAUSTO, Bóris. Trabalho Urbano e conflito social, São Paulo, Difel, 1977

-----, Trabalho Urbano e Conflito Social, 1890-1920, São Paulo, Difel, 1983

-----, Historiografia da Imigração para São Paulo, São Paulo, Ed. Sumaré, 1991

-----, "Imigração e participação política na Primeira República: o caso de São Paulo" in FAUSTO, Bóris et alii. Imigração e política em São Paulo, São Paulo, Sumaré, 1995, 7-26

FAVERO, Luigi. "Los Scalabrinianos y los emigrantes italianos en Sudamerica" in Estudios Migratorios Latinoamericanos, 4, 12: 231-256, agosto/1989.

FAYOT, Ben. "Les socialistes luxembourgeois et L'Italie fasciste (1925-1940)" in Dumoulin, Michel. Aspects des relations de la Belgique, du Grand Duché de Luxembourg et les Pays Bas avec l'Italie, 1925-1940, Bruxelles, 1983, 189-206

FEDELE, Santi. Storia della Concentrazione Antifascista, 1927-1934, Milano, Feltrinelli, 1976

FEDERZONI, Luigi. Parole fasciste al Sud America, Bologna, Zanichelli, 1938

FERRETTI, Valdo. "La politica estera giapponese e i rapporti con l'Italia (1936-1939)" in Storia Contemporanea, VI, 4: 783-824, 1976

-----, "La politica estera italiana e il Giappone imperiale (gennaio 1934 - giugno 1937)" in Storia Contemporanea, X, 4/5: 873-923, 1979

-----, "Il patto cino sovietico del 21/8/38 e i suoi riflessi nella politica estera italiana" in Storia E Politica, 2, 1979a

-----, Il Giappone e la politica estera italiana, 1935-1941, Milano, Franco Angeli, 1983

- FERRI, Vincenzo. L'Italia nel Brasile di domani, Milano, La Stampa Commerciale, 1924
- "I FIGLI degli italiani all'estero" in Patria nell'anno XII, Roma, 1934
- FILIPPI, Alberto. Istituciones e ideologias en la Independencia Hispanoamericana, Buenos Aires/Madrid, Alianza Editorial, 1988
- FINKELSTEIN, Monte. "The Johnson Act, Mussolini and Fascist Emigration Policy: 1921-1930" in Journal of American Ethnic History, VIII, 1: 38-55, 1988
- FIORAVANTI, Gigliola. Mostra della Rivoluzione fascista, Roma, Archivio Centrale dello Stato, 1990
- FIORENTINO, Adriano. Emigrazione transoceanica, Roma, USILA, 1931
- FITZGERALD, Alan. The italian farming soldiers: Prisoners of war in Australia 1941-1947, Carlton, Melbourne University Press, 1981.
- FLORIANI, Giorgio. Cento anni di scuole italiane all'estero, Roma, Armando Editore, 1974
- FOÀ, Carlo. Nazionalismi sud-americani, Milano, Il Popolo d'Italia, 1937
- FONT, Mauricio. Coffee. Contention and Change in the making of modern Brazil, Oxford, Basil Blackwell, 1990
- FRANCFORT, Didier. "Etre mussolinien en Lorraine: les fascistes italiens face aux associations (1921-1939)" in Revue d'histoire moderne et contemporaine, XXXVIII: 313-336, 1991
- FRANZINA, Emilio. Stranieri d'Italia - Studi sull'emigrazione italiana dal Risorgimento al Fascismo, Vicenza, Odeon, 1994
- , Gli italiani al Nuovo Mondo - L'Emigrazione italiana in America, 1492-1942, Milano, Mondadori, 1995
- FREZZA, Daria. "Prezzolini and Fascism: some critical evaluations" in RSA - Rivista di Studi americani, III, 4/5: 427-440, 1984/85
- FROLA, Francesco. De Parigi a São Paulo (Storia Documentata d' un fiasco Fascista), São Paulo, 1927
- , Recuerdos de un antifascista, 1925-1938, Cidade do México, Editorial México Nuevo, 1938
- , Ventun'anni di esilio, 1925-1946, Torino, Quartara, 1947
- , Il Vecchio Scemo e i suoi compagni, Torino, Fiorini Editori, 1947^a
- GABACCIA, Donna Rae. Militants and Migrants - Rural Sicilians become American Workers, New Brunswick and London, Rutgers University Press, 1988

-----, "Per una storia italiana dell'emigrazione" in AltreItalie, 16: 7-16, jul/dez 1997

GABRIELE, Mariano. "Su un progetto di spedizione navale italiana contro il Brasile nell'anno 1896" in Storia e Po'litica, ano V, 2: 329-344, 1967

GAGLIARDETTI italiani nel mondo, Novara, 1934

GALLO, Max. Cinquieme Colonne. 1930-1940, Paris, Plon, 1970

GAMBINI, Roberto. O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo, Símbolo, 1977

GATTAZ, André. Braços da Resistência - Uma história oral da imigração espanhola, São Paulo, Xamã, 1996

GELLMAN, Irwin. Good Neighbor Diplomacy. US Policies in Latin America, 1933-1945, Baltimore and London, The John Hopkins University Press, 1979

GENTILE, Emilio. "L'emigrazione italiana in Argentina nella politica di espansione del nazionalismo e del fascismo 1900-1930" in Storia Contemporanea, XVII, 3: 355-396, 1986

-----, "La politica estera del partito fascista. Ideologia e organizzazione dei Fasci italiani all'estero, 1920-1930" in Storia Contemporanea, XXVI, 6: 897-956, dez/1995

GERACI, Francesco. "La nazione e l'emigrazione" in Gerarchia, IV, 1: 45-51, jan/1925

GERTZ, René. "O integralismo na zona colonial alemã" in Dacanal, José. Rio Grande do Sul: Imigração e colonização, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980, 195-233

-----, O fascismo no Sul do Brasil - Germanismo, Nazismo, Integralismo, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987

-----, "Nazismo, Fascismo, Integralismo e o apoio das oligarquias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina ao Estado Novo" in Estudos Ibero Americanos, XIV, 1: 21-30, 1988

-----, "Preconceitos de sangue" in História: Questões e debates, X, 18/19: 157-190, 1989

-----, "Resenha de "As sombras do Littorio - O fascismo no Rio Grande do Sul" in Estudos Ibero Americanos, XX, 1: 237-240, jul/1994

-----, "A História do Brasil na Alemanha (1980-1994)" in Anos 90, Porto Alegre, 4: 87-114, dez/1995

-----, "O episódio do "Il Piccolo" em 1928" in Anais da XVII Reunião da SBPH, Curitiba, 1998, 295-300

GIANANTONIO, L. Le scuole italiane all'estero, Roma, 1935

GILI, J.A. "Le distribution des films italiens en France de 1930 a 1943" in Risorgimento - Revue europeenne d'histoire italienne contemporaine, II, 2/3: 165-180, 1981

GILLMAN, Peter e Gillman, Leni. Collar the Lot! How Britain interned and expelled its wartime refugees. London, Quartet Books, 1980

GIOVANETTI, L. O rei do café - Geremia Lunardelli, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1951

GIRON, Loraine Slomp. "O fascismo na região colonial italiana no RS" in História: ensino e pesquisa 2 (86): 55- 64, 1986

----- Nas sombras do Littorio - O Fascismo na região colonial italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Parlanda, 1994

GIUDICI, Ernesto. Hitler conquista America, Buenos Aires, Editorial Acento, 1938

GIURIATI, Giovanni. La Crociera italiana nell'America Latina, Roma, Istituto Coloniale, 1925

GODLEY, Michael. "Fascismo e nazionalismo cinese, 1931-1938. Note preliminari allo studio dei rapporti italo cinesi durante il periodo fascista" in Storia Contemporanea, IV, 4: 739-777, 1973

GOGLIA, Luigi. "La propaganda italiana a sostegno della guerra contro l'Etiopia svolta in Gran Bretagna nel 1935-1936" in Storia Contemporanea, XX, 5: 845-906, out/1984

GOMEZ ESCALONILLA, Lorenzo delgado. Diplomacia franquista y politica cultural hacia IberoAmerica, 1939-1953, Madrid, CSIC, 1988

GRANDE, Adriano. La legione Parini, Firenze, Vallecchi, 1937

GRANGE, Daniel. "Structure et techniques d'une propagande: les emissions arabes de Radio Bari" in Relations Internationales, 2: 165-185, 1974

----- "La propagande arabe de Radio Bari (1937-1939)" in Relations Internationales, 6, 1976

----- "L'image de l'Italie fasciste chez les catholiques di gauche français durant les annees 30" in Duroselle, Jean Baptiste e Serra, Enrico. Il vincolo culturale tra Italia e Francia negli anni 20 e 30, Milano, ISPI/Franco Angeli, 1986, 50-86

GREGOR, A. James. Italian Fascism and developmental dictatorship, New Jersey, Princeton University Press, 1979

GROGNARD, Christian. "La "Revue Catholique des idees et les faits" et le fascisme (1921-1922)" in Dumoulin, Michel. Aspects des relations de la Belgique, du Grand Duché de Luxembourg et les Pays Bas avec l'Italie, 1925-1940, Bruxelles, 1983, 37-50

GUARIGLIA, Raffaele. Ricordi 1922-1946, Napoli Edizioni Scientifiche Italiane, 1950

GUARINI, Elena F. "Il Times di fronte al fascismo (1919-1932)" in Rivista Storica del Socialismo, VIII, 25/26: 155-185, mai/dez 1965

GUERRINI, Irene e Pluviano, Marco. "L'organizzazioni del tempo libero nelle comunità italiane in America Latina" in Blenghino, Vanni. La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970, Milano, Nicola Teti Editore, 1994, 378-389

-----, "L'Opera Nazionale Dopolavoro in Sud America, 1926-1931" in Studi Emigrazione, XXXII, 119: 518-537, 1995

GUILLEN, Pierre. "La question des "fuorusciti" et les relations franco italiennes (1925-1935)" in Duroselle, Jean Baptiste. Italia e Francia dal 1919 al 1939, Milano, ISPI, 1981, 21-38

-----, "L'antifascismo, facteur d'integration des Italiens en France dans l'entre deux guerres" in L'emigrazione socialista nella lotta contro il fascismo (1926-1939), Firenze, Sansoni, 1982, 209-220

-----, "Le rôle politique de l'immigration italienne en France dans l'entre deux guerres" in Risorgimento - Revue europeenne d'histoire italienne contemporaine, IV, 1-2: 109-122, 1983

-----, "Il ruolo politico dell'emigrazione italiana in Francia tra le due guerre" in Affari Sociali Internazionali, XII, 2: 125-140, 1984

-----, "L'integration et ses limites. Le facteur politique et syndical" in CEDEI. L'immigration italienne en France dans les annès 1920, Paris, Editions du CEDEI, 1988, 301-310

GUMINA, Deanna Paoli. The italians of San Francisco, 1850-1930, New York, Center for Migration Studies, 1978

HAGLUND, David. Latin America and the transformation of US Strategic Thought, 1936-1940, Albuquerque, University of New Mexico Press, 1984

HALL, Michael M. "Italianos em São Paulo" in Anais do Museu Paulista, 29: 201-215, 1979

-----, "The present state of the studies" in Studi sull'emigrazione. Un'analisi comparata, Biella, 1989, 149-154

HARNEY, Robert. "Toronto's Little Italy 1885-1945" in Little Italies in North America, Toronto, 1981.

-----, "La Little Italy di Toronto, 1919-1945" in Dalla frontiera alle little Italies. Gli italiani in Canada, Roma, Bonacci, 1984, 237-260

-----, "Italophobia: English speaking malady?" in Studi Emigrazione, XXII, 77: 6-43, março/1985.

HARRIS, Bruce. The USA and the Italo-Ethiopian crisis, Stanford, 1969

HARRIS, Joseph. African American reaction to War in Ethiopia, 1936-1941, Baton Rouge and London, Louisiana State University Press, 1994

HECKER, Alexandre. Um Socialismo Possível. A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1988

HILTON, Stanley. Suástica sobre o Brasil - A história da Espionagem alemã no Brasil, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977

-----, A Guerra Civil Brasileira, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982

-----, A guerra secreta de Hitler no Brasil, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983

-----, Osvaldo Aranha - Uma biografia, Rio de Janeiro, Objetiva, 1994

HISTÓRIAS da Imprensa em Caxias do Sul, Caxias do Sul, Museu Municipal, 1988

HUGHES, Collin. Lime, Lemon and Sarsaparilla. The Italian Community in South Wales, 1881-1945, Seren Books, 1991

HUMPHREYS, R. * Latin America and the Second World War, London, University of London, 1981, 2 vs.

IANNI, Constantino. Homens sem paz - Os conflitos e os bastidores da emigração italiana, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972

IMPERATORI, Ugo. Italia prodiga - Gli italiani all'estero, Milano, Alpes, 1924

-----, Italia Madre - Gente Nostra per il mondo, Roma, Sapientia, 1929

IORIZZO, Luciano e MONDELLO, Salvatore. "Italian American Fascism" in The Italian Americans, New York, Twayne Publishers, 1971, 193-208

ISAIA, Artur Cesar. "A defesa de uma "democracia autoritária" no pensamento político de D. João Becker" in Anais da XII Reunião da SBPH, Porto Alegre, 1992, 223-226

Gli ITALIANI nel Brasile, São Paulo, 1924

KANAWADA, Leo. Franklin D. Roosevelt's Diplomacy and American Catholics, Italians and Jews, Ann Arbor, UMI Research Press, 1982

KESERICH, Charles. "The British labour Press and Italian Fascism, 1922-1925" in Journal of Contemporary History, v. 5, n. 2: 153-161, 1970

KLEIN, Herbert. "A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e nos Estados Unidos" in Novos Estudos CEBRAP, 25: 95-118, outubro/1989

-----, A imigração espanhola em São Paulo, São Paulo, Sumaré/Fapesp, 1994

LALLI, Mario Tedeschini. "La propaganda araba del fascismo e l'Egitto" in Storia Contemporanea, VI, 4, 1976

LAZZARO, Antonio. et alii. Lembranças camponesas: a tradição oral dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante, Vitória, Editora da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1992

LEIVA, Maria de Luján. "Il movimento antifascista italiano in Argentina 1922-1945" in Bezza, B. (org). Gli italiani fuori d'Italia, Milano, Franco Angeli Editore, 1983, 549-570

LEONINI, Camilo. L'emigrazione italiana nell'America Latina, Roma, Selecta, 1926

LESSER, Jeffrey. O Brasil e a questão judaica. Imigração, diplomacia e preconceito, Rio de Janeiro, Imago, 1995

LETTURE Classe Quarta, Roma, Scuole Italiane all'estero, 1934

LEVINE, Robert. O regime de Vargas - Os anos críticos, 1934-1938, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980

LIBERATI, Luigi Bruti. "La società canadese e il fascismo; view from a fire proof house" in Storia Contemporanea, XIII, 4/5: 877-908, out/1982

-----, "La comunità italo-canadese tra le due grande guerre" in Bezza, B (org). Gli italiani fuori d'Italia, Milano, Franco Angeli Editore, 1983, 397-418

-----, Il Canada, L'Italia e il fascismo, Roma, Bonacci, 1984

-----, "OVRA e Royal Canadian Mounted Police a confronto: il controllo politico sulla comunità italo canadese negli anni tra le due guerre mondiale" in Storia Contemporanea, XV, 3: 421-441, jun/1984a

-----, "Le relazioni tra Canada e Italia e l'emigrazione italiana nel primo novecento" in Studi Emigrazione, XXII, 77: 44-67, março 1985

-----, "La serie Affari Politici - Canada dell'Archivio storico diplomatico del Ministero degli Affari Esteri, 1931-36" in Il Veltro - Rivista della Civiltà italiana, XXXIV, ½: 113-125, jan/abr 1990

LONNE, Karl Egon. "Il fascismo nel giudizio del cattolicesimo politico della repubblica di Weimar" in Storia Contemporanea, II, 4: 697-716, dez/1971

LORENZI, Andrea. "Come sono sorti e come sono morti i fasci italiani in Svizzera" in Emigrazione italiana, Zurique, 26/4/1973.

LUMINARI, Laura. "Armi all'Irak: obiettivi e mezzi della politica fascista in Medio Oriente (1931-1941)" in Storia Contemporanea, XXVI, 4: 537-571, 1995

MAGALHÃES, Marionilde. Pangermanismo e nazismo no Brasil, Campinas/São Paulo, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.

MAGGIO, Sebastiano. "Movimento migratorio nel ventennio fascista: il caso siciliano" in Archivio Storico per la Sicilia Orientale, LXXIII, 1-2: 309-328, 1977

MAGRINI, Luciano. In Brasile, Torino, Piero Gobetti Editore, 1926

MALAVASI, Gioacchino. L'antifascismo cattolico: il movimento Guelfo d'Azione (1928-1948), Roma, Edizioni del Lavoro, 1982

MALESANI, Emilio. Brasile: condizioni materiali e economiche, Roma, Mantegazza, 1929

MANCINI, T. Problemi e mezzi della nostra penetrazione economica nell'America latina, Santiago del Chile, 1924

MANNING, A. "Reports of the British Embassy in Rome on the Rise of fascism" in Risorgimento - Revue europeenne d'histoire italienne contemporaine, I, 1: 33-55, 1980

MANTELLI, Brunello. "Gli emigranti italiani in Francia tra Roma, Berlino e Vichy (1940-1944)" in Perona, Gianni. Gli italiani in Francia, 1938-1946, Milano, Franco Angeli, 1994, 367-397

MARAM, Sheldom. Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário no Brasil, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979

MARANHÃO, Ricardo. "Relíquia fascista" in Boletim Histórico da Eletropaulo, 5: 5-57, junho/1986

MARIANI, Mário. Vent'anni dopo, Milano, Sonzogno, 1947

MAROCCO, Gianni. Sull'altra Sponda del Plata. Gli italiani in Uruguai, Milano, Franco Angeli, 1986

-----, "Per una storia della collettività italiana in Uruguai: l'incidente di Durazno (1941)" in Quaderni, São Paulo, n. 4: 167-186, jun/1993

MARONGIU, Cesare. Politica e religione nel colonialismo italiano (1882-1941), Roma, Giuffrè, 1982

MARPICATI, Arturo. "Rodolfo Crespi" in Le Vie del Mondo, VII, 6: 613-619, jun/1939

MARTINELLI, Franco. San Paolo: gli italiani. Integrazione sociale e diffusione culturale, Roma, Bulzoni, 1988

MARTINS, José de Souza. Conde Matarazzo - O empresário e a empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento, São Paulo, Hucitec, 1973

-----, "Empresários e trabalhadores de origem italiana no desenvolvimento industrial brasileiro entre 1880 e 1914 - O caso de São Paulo" in Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, XXIV, 2: 237-264, 1981

-----, Subúrbio - Vida Cotidiana e História no Subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha, São Paulo/São Caetano do Sul, Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992

MARX, Gary. The Social Basis of the Support of a Depression Era Extremist: Father Coughlin, Berkeley Survey Research Center, 1962

MASI, Giuseppe. "Movimenti migratori in Calabria nel periodo fascista" in Storia Contemporanea, XVII, 1: 67-86, 1986

MASTELLONE, Salvio. "Emigration as na ideological problem for the fascist state" in Bosworth, Richard. War, internment and Mass Migration: the italo Australian experience, 1940-1990, Roma, Gruppo Editoriale Internazionale, 1992, 117-123

MAZZOLINI, Serafino. Parole di Fede, São Paulo, A. Tisi, 1928

MCDONALD, C. "Radio Bari and Italian propaganda in Middle East and British counter measures" in Middle East Studies, 2, 1977

MELLO, José Otávio. "Os italianos na transição da Paraíba" in DE BONI, Luís Antonio. A presença italiana no Brasil, vol. 2, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, 125-183

MENCARELLI, Igino. Francesco de Pinedo, Roma, Ufficio Storico Aeronautica Militare, 1987

MENEGHELLO, Cristina. Poeira de Estrelas - O cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50, Campinas, Editora da UNICAMP, 1996

MENEGHETTI, Diane.. "North Queensland antifascism and the Spanish Civil War" in Labour history (42):63-73, 1982.

-----, "L'internamento degli italiani nel Queensland Setentrionale" in Cresciani, Gianfranco. L'Australia, gli australiani e la migrazione italiana, Milano, Franco Angeli, 1984, 103-117.

MICHAELIS, Meir. "I rapporti tra fascismo e nazismo prima dell'avvento di Hitler al potere (1922-1933)" in Rivista Storica Italiana, LXXXV, 3: 544-600, set/1973

MIGONE, Gian Giacomo. "Il regime fascista e le comunità italo-americane; la missione di Gelasio Caetani (1922-1925)" in Problemi di storia nei rapporti tra Italia e Stati Uniti, Torino, Rosenberg & Sellier, 1971, 25-41

-----, "Gli Stati Uniti e le prime misure di stabilizzazione della lira (estate 1926)" in Italia e America dalla grande guerra ad oggi, Padova, Marsilio, 1976, 33-62

-----, Gli Stati Uniti e il fascismo - Alle origini dell'egemonia americana in Italia, Milano, Feltrinelli, 1980

MILZA, Pierre. L'Italie fasciste devant l'opinion française, 1920-1940, Paris, Armand Colin, 1967

-----, "L'image de l'Italie fasciste dans la France des années 1936-1939" in DUROSELLE, Jean Baptiste. Italie e Francia dal 1919 al 1939, Milano, ISPI, 1981, 271-303

-----, "Le fascisme italien a Paris" in Revue d'histoire Moderne et Contemporaine, XXX: 420-452, jul/set 1983

-----, "Les cultures de l'émigration italienne dans la France des années 30" in Duroselle, Jean Baptiste e Serra, Enrico. Il vincolo culturale tra Italia e Francia negli anni 20 e 30, Milano, ISPI/Franco Angeli, 1986, 181-196

-----, Le fascisme italien et la presse française, 1920-1940, Paris, Editions Complexe, 1987

-----, "Les Cultures de l'immigration italienne dans la France des années 30" in Duroselle, Jean baptiste e Serra, Enrico. Il vincolo culturale tra Italia e Francia negli anni trenta e quaranta, Milano, ISPI/Franco Angeli, 1988, 181-196

-----, "L'Italia ufficiale in Francia" in Italiani di Francia - L'immigrazione tra le due guerre, Colezione Storia e Dossier 35, Firenze, Giusti, 1989, 19-22

-----, "Le fascisme italien en France (1938-1945)" Perona, Gianni. Gli italiani in Francia, 1938-1946, Milano, Franco Angeli, 1994, 91-104

MINISTERO degli Affari Esteri. Censimento degli italiani all'estero alla metà dell'anno 1927, Roma, 1928

MINISTERO della Educazione Nazionale. Dalla riforma Gentile alla Carta della Scuola, Firenze, 1941

MIRELLA, Giovanni. "La nostalgia degli emigrati per il paese di origine" in Affari Sociali Internazionali, II, 3: 101-113, 1974

MISSORI, Mario. Gerarchie e statuti del Partito Nazionale Fascista, Roma, Bonacci, 1986

MONELLI, Paolo. La Tua Patria, Roma, Segretaria Generale degli italiani all'estero, 1929

MONTAGNANA, Marcelo. "I rifugiati ebrei italiani in Australia e il movimento antifascista "Italia Libera" (1942-1946)" in Notiziario dell'Istituto Storico della Resistenza in Cuneo e Provincia, 31: 5-114, 1987

MONTEIRO, Alcindo. Os italianos no Brasil, São Paulo, Nova Jurisprudência, 1944

MONTENEGRO, João Alfredo. O Integralismo no Ceará - Variações ideológicas, Fortaleza, Imprensa Oficial, 1986

MONTFORT, Rocardo Peres. "Notas sobre el falangismo en Mexico (1930-1940)" in Mentz, Brigida von. Fascismo y antifascismo en America Latina y Mexico (apuntes historicos), Mexico, 1984, 61-82

MONTICONE, Alberto. "La radio italiana e l'emigrazione dal fascismo alla democrazia: appunti per una ricerca" in Studi Emigrazione, XVII, 59: 285-303, set/1980

MORAES, Luís Edmundo de Souza. Ein Volk ein Reich, ein Führer - A seção brasileira do partido nazista e a questão nacional, dissertação de Mestrado em Antropologia, Museu Nacional/UFRJ, 1997

MOREIRA, Roberto. In Memoriam, São Paulo, Graphicas Orlandi, 1937

MORELLI, Anne. "Les tentatives d'implantation fasciste dans l'emigration italienne en Belgique" in Risorgimento - Revue europeenne d'histoire italienne contemporaine, I, 1: 47-57, 1980

-----, "Le mouvement ouvrier belge et l'emigration italienne, du debut du 20 siecle a 1940" in Bezza, Bruno (org). Gli italiani fuori d'Italia, Milano, Franco Angeli, 1983, 679-736

-----, Fascismo e Antifascismo nell'emigrazione italiana in Belgio (1922-1940), Roma, Bonacci, 1987

MORMINO, Gary. Immigrants on the Hill: Italian Americans in St. Louis, 1882-1982, Urbana, Chicago, Univ. of Illinois Press, 1986

----- e Pozzetta, George. The Immigrant World of Ybor City - Italians and their Latin Neighbors in Tampa, 1885-1985, Chicago, University of Chicago Press, 1987

MORNATI, Fiorenzo. "Gli intellettuali, il partito e il fascismo italiano a Losanna" in Storia Contemporanea, XXVI, 6: 1003-1059, dez/1995

MORO, Renato. "Afascismo e antifascismo nei movimenti intellettuali di Azione Cattolica dopo il 31" in Storia Contemporanea, XI, 4: 733-799, 1975

MOURA, Gérson. Tio Sam chega ao Brasil - A penetração cultural americana, São Paulo, Brasiliense, 1984

MOURA, Maria Lacerda de. De Amudsen a Del Prete, São Paulo, O Combate, 1928

MOVIMENTI fascisti esteri, Roma, Ministero degli Affari Esteri, 1935

MUGNAINI, Marco. "L'Italia e l'America Latina (1930-1936): alcuni aspetti della politica estera fascista" in Storia delle relazioni internazionali, II, 2: 199-144, 1986

MUNAKATA, Kazumi. A Legislação Trabalhista no Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1981

MUSSOLINI, Benito. "Il Problema dell'emigrazione" in Scritti e discorsi, Milano, Hoepli, 1934, v. 3, 97-100

NASCIMBENE, Mario. "Storia della collettività italiana in Argentina (1835-1965)" in Euroamericani - La popolazione di origine italiana in Argentina, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 1987, 210-455

-----, "Fascismo y antifascismo en la Argentina" in C'era una volta la Merica - Immigrati piemontesi in Argentina, Cuneo, L'Arciere, 1990, 137-142

NAZZARO, Pellegrino. "L'atteggiamento della stampa cattolica moderata americana verso il Fascismo prima e dopo la Conciliazione" in Storia Contemporanea, II, 4: 717-737, dez/1971

-----, "The immigrant Quota Act del 1921, la crisi del sistema liberale e l'avvento del fascismo in Italia" in Gli italiani negli Stati Uniti, Firenze, Universidade de Firenze, 1972, 323-364

-----, "Italy from the American Immigration Quota Act of 1921 to Mussolini's Policy of Grossraum: 1921-1924" in The Journal of European Economic History, III, 3: 705-723, 1974

NELLI, Humbert. The Italians in Chicago, 1880-1930 - A Study in Ethnic Mobility, New York, Oxford University Press, 1970

-----, From Immigrants to Ethnic: The Italian Americans, Oxford, Oxford University Press, 1985

NELLO, Paolo. "Introduzione" in Grandi, Dino. La politica estera dell'Italia dal 1929 al 1932, Roma, Bonacci, 1985

-----, Dino Grandi - la formazione di un leader fascista, Bologna, Il Mulino, 1987

-----, Un fedele disubbidiente - Dino Grandi dal Palazzo Chigi al 25 Luglio, Bologna, Il Mulino, 1993

NEWTON, Ronald. The Nazi Menace in Argentina, 1931-1947, Stanford, Stanford University Press, 1992

-----, El cuarto lado del triangulo. La "amenaza nazi" en la Argentina (1931-1947), Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1995

NOBILE, Annunziata. "Politica migratoria e vicende dell'emigrazione durante il fascismo" in Il Ponte, XXX, 11-12: 1322-1341, 1974

NOIRIEL, Gerard. Longwy, immigrés et proletaires, 1880-1980, Paris, PUF, 1980

-----, "Le fascisme italien dans le Bassin de Longwy pendant l'entre deux guerres" in Risorgimento, t.4, 1/2: 139-145, 1983

-----, "Les immigrés italiens en Lorraine pendant l'entre deux guerres: du rejet xenophobe aux stratégies d'intégration" in Milza, Pierre. Les italiens en France de 1914 à 1940, Collection de L'Ecole Française de Rome 94, Roma, Ecole Française de Rome, 1986, 609-632

NORMAN, John. "The influence of the pro fascist propaganda on american neutrality, 1935-1936" in Lee, Dwight e McReynolds, G. Essays in History and International Relations, Worchester, 1949, 193-214

NUCCI, Vladimiro. I fenomeni migratori e le providenze del Regime, Roma, Nicosia, 1941

O'BRIEN, Ilma Martinuzzi. "The internment of Australian Born and naturalized British subjects" in Bosworth, Richard. War, Internment and mass migration: the Italo australian experience, 1940-1990, Roma, Gruppo Editoriale Internazionale, 1992, 89-104

O'CONNOR, Desmond. No need to be afraid. Italians settlers in South Australia between 1939 and the Second World War, Kent Town, Wakefield Press, 1996

ODDONE, Juan. Uruguai entre la depresión y la guerra, Montevideo, FCU, 1990

ORANI, Annibale. La legislazione fascista sulle scuole italiane all'estero, Roma, G.B. Paravia, 1928

ORANO, Paolo. Espansione Coloniale, Roma, Pinciana, 1937

-----, Avanguardie d'Italia nel mondo, Roma, 1938

OSTUNI, Maria Rosaria. "Emigrati italiani e politica in Brasile (1890-1915)" in De Felice, Renzo. L'Emigrazione italiana in Brasile, 1800-1978, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 1980, 119-149 (mim).

-----, "I fondi archivistici del Commissariato Generale dell'emigrazione e della Direzione Generale degli italiani all'estero" in Studi Emigrazione, 59: 360-371, 1980^a

-----, "Fonti e appunti di ricerca per la storia dell'emigrazione italiana" in Movimento Operaio e socialista, IV, 1/2: 131-144, jan/jun 1981

-----, "Note per la storia dell'emigrazione italiana in Brasile: le fonti" in Del Roio, José Luis. Lavoratori in Brasile - Immigrazione e industrializzazione nello stato di San Paolo, Milano, Franco Angeli, 1981a, 61-78

-----, "Una più grande Italia? Istituzioni, coperture ideologiche ed emigrazione italiana in Brasile (1901-1927)" in Franzina, Emilio. Un altro Veneto - Saggi e studi di storia dell'emigrazione nei secoli XIX e XX, Albano Termi, Francisci Editore, 1983, 285-319

-----, "Momenti della "contrastata vita" del Commissariato generale dell'emigrazione in Bezza, Bruno (org). Gli italiani fuori d'Italia, Milano, Franco Angeli Editore, 1983a 101-118

-----, "L'archivio di Feditalia a Buenos Aires" in AltreItalie, II, 3: 98-113, abril/1990

-----, "Operai e antifascismo a Buenos Aires: la Società "Lieber Piemont" in DE VOTO, Fernando. Asociacionismo, trabajo e identidad étnica - los italianos en America Latina en una perspectiva comparada, Buenos Aires, CEMLA, 1992, 303-309

OTTANELLI, Fraser e GABACCIA, Donna. "Diaspora or International Proletariat? Italian Labor, Labor Migration and the Making of Multiethnic States, 1815-1939" in Diaspora, v. 6, n. 1: 61-84, 1997

PACI, Giuseppina. Sotto la croce del Sud. Lo stato di San Paolo, São Paulo, A. Tisi, 1929

PAINCHAUD, Claude e POULIN, Richard. Les italiens en Quebec, Montreal, Editions Asticou, 1988

PANICACCI, J. "Les communistes italiens dans les Alpes Maritimes (1939-1945)" in Peschanski, Denis. Vichy: 1940-1944, Fondazione Giangiacomo Feltrinelli, Annali, XXIV, Milano, 1986, 155-180

PARENTE, Josênio. Anauê - Os camisas verdes no poder, Fortaleza, Editora da UFCE, 1986

PARINI, Piero. Gli italiani nel mondo, Milano, Mondadori, 1935

PAULO, Heloisa. Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil . O SPN/SNI e o DIP, Lisboa, Minerva, 1994

PAUTASSO, Luigi. "La Donna italiana durante il periodo fascista in Toronto, 1930-1940" in The Italian Immigrant Woman in North America, Toronto, The Multicultural History Society of Ontario, 1978, 168-186.

PEDRAZZI, Orazio. I nostri fratelli lontani, Roma, Segretaria dei fasci all'estero, 1929

_____, "Il lavoro degli italiani nel mondo" in DE BLASI, Iolanda. Italiani nel mondo, Firenze, Sanzoni, 1942, 571-587

PERAZZO, Priscila. O perigo alemão e os mecanismos de repressão do Estado Novo, diss. De Mestrado em História, São Paulo, USP, 1996

PERIN, R. "Conflits d'allegiance et d'identit: le propaganda du consulat italien a Montreal dans les anns trente" in Questions de Culture - Revue de l'Institute quebecois de recherche sur la culture, v.1, t.2, 1981.

PERNICONE, Nunzio. "Il caso Greco Carrillo - Un episodio della lotta tra fascismo e antifascismo negli Stati Uniti" in Storia Contemporanea, XXVII, 4: 611-641, agosto/1996

PETERSEN, Jens. "L'accordo culturale tra l'Italia e la Germania del 23 Novembre 1938" in Bracher, Dietrich. Fascismo e nazionalsocialismo, Bologna, Il Mulino, 1986, 331-387

PETTINATI, Francesco. Il contributo degli italiani alla formazione del Brasile, Roma, 1941

PETRACCHI, Giorgio. "Un modelo per la diplomazia culturale. L'Istituto Italiano di Cultura per l'Ungheria, 1935-1943" in Storia Contemporanea, XXVI, 3: 377-402, jun/1995

PETRONE, Pasquale. "Italianos e descendentes no Brasil: escola e língua" in DE BONI, Luis Antonio. A presença italiana no Brasil, vol. 2, Porto Alegre/Torino, EST/Fundação Giovanni Agnelli, 1990, 603-626

PEVIANI, Filippo. L'attuale problema italo-brasiliano, Roma, SASI, 1922

PICCAROLO, Antonio. Valor Histórico e Moral de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1944

PINZETTA, Alvaro Luiz. "A criação da Diocese de Caxias do Sul (8-9-1934)" in DE BONI, Luis A. A Presença Italiana no Brasil, Porto Alegre/Torino, EST/Fundação Giovanni Agnelli, volume 3, 1995, 534-554

PISA, Beatrice. Nazione e politica nella Società dante Alighieri, Roma, Bonacci, 1995

PISANI, Salvatore. Lo Stato di San Paolo nel Cinquantenario dell'Immigrazione, São Paulo, 1937

POLLAND, John. "Il Vaticano e la politica estera italiana (1860-1985)" in Bosworth, Richard e Romano, Sérgio. La politica estera italiana (1860-1985), Bologna, Il Mulino, 1991, 197-230

PORQUE ser anti semita? Um inquérito entre intelectuais brasileiros, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933

PRADO, Maria Lígia. A Democracia Ilustrada (O Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934), São Paulo, Ática, 1986

-----, "Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a guerra" in Revista USP, 26: 52-61, jun/ago 1995

PREZZOLINI, Giuseppe. The Case of the Casa italiana di Columbia University, New York, American Institute of Italian Studies, 1976

PROCACCI, Giuliano. Il socialismo internazionale e la guerra d'Etiopia, Roma, Riuniti, 1978

-----, Dalla parte dell'Etiopia, Milano, Franco Angeli, 1984

PUCCINI, Mario. Nel Brasile, Roma, Società Dante Alighieri, 1940

PUGLIESE, Stanislao. "The Culture of Nostalgia: Fascism in the Memory of Italian Americans" in The Italian American Review, V, 2: 15-26, outono/inverno 1996/1997

QUARATO, Raffaele. "La politica estera fascista nei scritti di Renzo de Felice" in Analisi Storica, V, 8: 101-127, 1987

QUARTARARO, Rosaria. "L'Italia e lo Yemen. Uno studio sulla politica di espansione italiana nel Mar Rosso" in Storia Contemporanea, X, 4/5: 811-871, 1979

RAGIONIERI, Ernesto. "Italiani all'estero ed emigrazione di lavoratori italiani: un tema di storia del movimento operaio" in Belfagor, 17: 640-669, 1962

RAINIERO, Roman. La rivendicazione fascista sulla Tunisia, Milano, Marzorati, 1978

-----, "Presenza Culturale e scuole italiane all'estero in Tunisia negli anni 30" in Duroselle, Jean Baptiste e Serra, Enrico. Il vincolo culturale tra Italia e Francia negli anni 20 e 30, Milano, ISPI/Franco Angeli, 1986, 220-231

-----, "Le gouvernement français et les italiens de Tunisie (1938-1945)" in Milza, Pierre e Peschanski, Denis. Exils et migration - Italiens et espagnols en France, 1938-1945, Paris, Editions L'Harmattan, 1994, 163-174

RAMIREZ, Bruno. "Ethnicity on Trial: The Italians of Montreal and the Second World War" in Hillmer, Norman. On Guard for Thee: War, Ethnicity and the Canadian State, 1939-1945, Ottawa, Ottawa University Press, 1988, 71-84

RAMPELLI, Ugo. Crociera Atlantica Italia - Brasile 1930-1931. Conseguenze e sviluppi, Modena, STEM Mucchi, 1981

RANIERI, Renato. "Il problema razziale brasiliano" in La Difesa della razza, III, 7:39-42, 5/2/1940

RAPONE, Leonardo. "I fuorusciti antifascisti, la seconda guerra mondiale e la Francia" in Milza, Pierre. Les italiens en France de 1914 a 1940, Collection de L'Ecole Française de Rome 94, Roma, Ecole Française de Rome, 1986, 342-384

REALE, Miguel. Memórias, São Paulo, Saraiva, 1987

REMOND, Renè. "Il fascismo italiano visto dalla cultura cattolica francese" in Storia Contemporanea, II, 4: 685-696, dez/1971

- REVOREDO, Júlio de. Imigração, São Paulo, Editorial Paulista, 1934
- RIBEIRO, Gladys. Mata Galegos. Os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha, Coleção Tudo é História 129, São Paulo, Brasiliense, 1990
- RIBEIRO, Maria Teresinha Janine. Desejado e Temido - Preconceito contra o imigrante italiano em São Paulo na Primeira República, Dissertação de Mestrado, USP, 1985
- RIOS, José Arthur. Aspectos políticos da Assimilação do Italiano no Brasil, São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política de SP, 1959
- ROCCA, Enrico. Avventura sudamericana, Milano, Alpes, 1936 (1925)
- ROCCATI, Alessandro. Impressioni di viaggio nel Brasile, Torino, Emilio Bono, 1928
- ROCCO, Claudio. "L'America protestante di fronte all'Italia fascista e del dopoguerra" in Bollettino della Società di Studi Valdesi, 146: 119-139, 1979
- ROCHE, Jean. A Colonização alemã e o Rio Grande do Sul, Porto Alegre, O Globo, 1969
- ROGATTO, Geraldo M. "Achiropita, Fettucine e vinho. Sobre a italianidade e a colônia italiana em São Paulo", in BONI, Luís A. de. (org.). A Presença italiana no Brasil. Vol. II, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 411-424
- ROSOLI, Gianfausto. "Le organizzazioni cattoliche e gli emigrati italiani in Brasile" in De Felice, Renzo. L'emigrazione italiana in Brasile (1800-1978), Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 1980, 191-233
- , "Gli emigrati italiani nei campi di concentramento francesi nel 1940. Considerazioni su alcuni diari di prigionia" in Studi Emigrazione, XVII, 59: 304-330, set/1980a
- , "Chiesa ed emigrazione italiana tra '800 e '900" in Studi Emigrazione, XIX, 66: 162-234, 1982
- , "Chiesa ed emigrazione italiana in Brasile, 1880-1940" in Studi Emigrazione, XIX, 66: 225-251, 1982^a
- , "Santa Sede e propaganda fascista all'estero tra i figli degli emigrati italiani" in Storia Contemporanea, XVII, 2:293-315, abril/1986
- , "Ruolo delle missioni cattoliche italiane nel Sud della Francia (1922-1940)" in Temine, Emile. Gli italiani nella Francia del Sud e in Corsica (1860-1980), Milano, Franco Angeli, 1988, 42-67
- , "La problematica religiosa degli italiani in Francia" in L'immigration italienne en France dans les années 20, Paris, CEDEI, 1988^a, 311-327
- ROSSI, Ernest. "Italian Americans and U.S. Relations with Italy in the Cold War" in Nelli, Humbert. The United States and Italy: The first two hundred years, New York, 1977, 108-129

ROSSI, Luigi. "L'etnia italiana nelle Americhe: la strategia statunitense durante la seconda guerra mondiale" in Nuova Rivista Storica, LXXIX, 1: 115-142, jan/abr 1995

RUBBIANI, Ferruccio. Almanacco degli italiani del Brasile, São Paulo, 1932

----- Almanacco degli italiani del Brasile, São Paulo, 1936

RUGGIERO, Americo. Italiani in America, Milano, Fratelli Treves, 1937

RUOTOLO, Francesco. Il libro d'oro degli italiani nel Brasile, Rio de Janeiro, Typografia Alba, 1924

SALA, Umberto. L'emigrazione italiana in Brasile, relatório ao Ministério degli Affari Esteri, 1925. Exemplar datilografado

SALGADO, Plínio. O Estrangeiro, São Paulo, 1926

SALLES, Maria do Rosário. Médicos italianos em São Paulo (1890-1930), Série Imigração 7, São Paulo, Sumaré/FAPESP, 1997

SALVATORE, Filippo. "La Quinta colonna inesistente: ovvero l'arresto e la prigionia degli italiani in "Città senza donne" di Mario D'Ulani" in La Letteratura dell'emigrazione. Gli scrittori di lingua italiana nel mondo, Torino, 1991, 517-524

----- Le fascisme et les italiens a Montreal - un histoire orale, Montreal, Guernica, 1995

----- "Il fascismo e gli italiani in Canada" in Storia Contemporanea, XXVII, 5: 833-862, out/1996

SALVEMINI, Gaetano. Le origini del fascismo in Italia - Lezioni di Harvard, Milano, Feltrinelli, 1966

----- Italian Fascist Activities in the United States, New York, Center for Migration Studies, 1977

SALVETTI, Patrizia. "La comunità italiana di San Francisco tra italianità e americanizzazione negli anni 30" in Studi Storici, XIX, 65: 3-40, 1982

----- Immagine nazionale ed emigrazione nella Società Dante Alighieri, Roma, Bonacci, 1995

SANGIRARDI Jr. "Sarajevo - Marselha - São Paulo" in D.O. Leitura, 12 (134), jul 1993

SANI, Gabriele. History of the Italians in South Africa. 1489-1989, Zonderwater Block South Africa, 1990

SANTARELLI, Enzo. Ricerche sul fascismo, Urbino, Argalia Editore, 1971

----- Storia del fascismo, Roma, Riuniti, 1981

SANTINON, Renzo. I fasci italiani all'estero, Roma, Settimo Sigillo, 1991

SARFATTI, Margherita. "Terra do Brasil" in Nuova Antologia, 277 (1421): 436-458, 1931

SARTORI, Giacomo. "I missionari degli emigrati italiani in Francia di fronte al fascismo nel decennio 1924-1934" in Studi Emigrazione, II, 5: 164-176, 1966

SAUVAGE, Pierre. "La Cite Chretienne" face a l'Italie fasciste" in Dumoulin, Michel. Aspects des relations de la Belgique, du Grand Duché de Luxembourg et les Pays Bas avec l'Italie, 1925-1940, Bruxelles, 1983, 67-94

SCARANO, Júlia Maria Leonor. "Considerações Preliminares sobre uma cidade de imigração teuto italiana e os efeitos do Segundo Conflito Mundial" in Colonização e Migração - Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, São Paulo, 1969, 507-532

SCARZANELLA, Eugenia. "L'emigrazione veneta nel periodo fascista" in Studi Storici, XVIII, 2: 171-199, 1977

SCHIAVI, Alessandro. Esilio e morte di Filippo Turati, Roma, Opere Nuove, 1956

SCHMITZ, David. The United States and Fascist Italy, 1922-1940, Chapel Hill and London, The University of North Carolina Press, 1988

SCHOR, Ralph. "Il fascismo italiano nelle Alpes, 1922-1939" in Notiziario dell'Istituto Storico della Resistenza in Cuneo, 26: 21-56, dez/1984

-----, "L'image de l'Italien dans la France de l'entre deux guerres" in Milza, Pierre. Les italiens en France de 1914 a 1940, Collection de L'Ecole Française de Rome 94, Roma, Ecole Française de Rome, 1986, 87-109

-----, "Les italiens dans les Alpes Maritimes, 1938-1946" in Milza, Pierre. Les italiens en France de 1914 a 1940, Collection de L'Ecole Française de Rome 94, Roma, Ecole Française de Rome, 1986a, 576-607

-----, "Les italiens dans les Alpes maritimes durant les annees 30" in Termini, Emile. Gli italiani nella Francia del Sud ed in Corsica (1860-1980), Milano, Franco Angeli, 1988, 231-238

-----, "Les italiens dans les Alpes maritimes au cours des années 1930: portrait d'une communauté immigrée" in L'immigration en France dans les années 20, Paris, CEDEI, 1988a, 199-209

-----, "L'image des italiens dans les Alpes Maritimes, 1938-1946" in Milza, Pierre e Peschanski, Denis. Exils et migration - Italiens et espagnols en France, 1938-1945, Paris, Editions L'Harmattan, 1994, 299-311

SCHRODER, J. "I rapporti tra le potenze dell'Asse e il mondo arabo" in Storia Contemporanea, II, 1, 1971

SCIOSCIOLI, Massimo. "L'Alleanza Repubblicana italo spagnola nella lotta contro il fascismo" in Archivio Trimestrale, I, 3: 264-271, set/1975

SCOPPOLA, Pietro. I cattolici tra fascismo e democrazia, Bologna, Il Mulino, 1975

SCOTT, William. The sons of Sheba's race – African Americans and the Italo Ethiopian War, 1935-1941, Indianapolis, Indiana University Press, 1993

SEGRÈ, Claudio. Italo Balbo – A fascist life, Berkeley, University of California Press, 1987

SEIFERHELD, Alfredo. Nazismo y fascismo en el Paraguay. Visperas de la II Guerra Mundial, 1936-1939, Assunción, Historica, 1985

-----, Nazismo y fascismo en el Paraguay. Los años de la guerra, 1939-1945, Assunción, Historica, 1986

SEYFERTH, Geralda. "O nazismo e a imprensa teuto brasileira de Santa Catarina" in Revista do Museu Paulista, XXVI: 267-284, 1979

SEITENFUS, Ricardo. "Ideology and Diplomacy: Italian Fascism and Brazil (1935-1938)" in Hispanic American Historical Review, 64/3: 503-534, 1984

-----, O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos 1930-1942 (O processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial), São Paulo, Cia Editora Nacional, 1985

-----, "As relações entre Brasil e Itália no período 1918-1939" in DE BONI, Luís Antonio. A presença italiana no Brasil, vol. 2, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, 37-52

-----, "Quatro teses sobre a política externa brasileira nos anos 30" in Albuquerque, José Augusto Guilhon. Sessenta anos de política externa brasileira, 1930-1990 – Crescimento, modernização e política externa, Volume 1, SP, NUPRI-USP/Cultura Editores Associados, 1996, 115-160

SERRA, Enrico. "Appunti sull'immagine della Francia nella propaganda fascista" in Duroselle, Jean Baptiste e Serra, Enrico. Il vincolo culturale tra Italia e Francia negli anni 20 e 30, Milano, ISPI/Franco Angeli, 1986, 11-49

-----, "Diplomazia italiana, propaganda fascista e immagine della Gran Bretagna" in Rivista di storia contemporanea, XV, 3:442-477, jul/1986^a

-----, "La burocrazia della politica estera italiana" in Bosworth, Richard e Romano, Sérgio. La politica estera italiana (1860-1985), Bologna, Il Mulino, 1991, 69-90

-----, "La normativa sull'emigrazione italiana dal fascismo al 1948 con particolare riguardo alla Francia" in Perona, Gianni. Gli italiani in Francia, 1938-1946, Milano, Franco Angeli, 1994, 3-18

SHORROCK, William. "France and the Rise of Fascism in Italy, 1919-23" in Journal of Contemporary History, v. 10, n. 4: 591-610, out/1975

SIGNORI, Elisa. "I rifugiati italiani di orientamento liberale nel Canton Ticino dal 1943 al 1945" in Critica Storica, XIV, 4:51-81, dez/1977

-----, La Svizzera e i fuorusciti italiani - Aspetti e problemi dell'emigrazione politica, 1943-1945, Milano, Franco Angeli, 1983

SILVA, Hélio. 1938 - Terrorismo em Campo Verde, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971

SILVEIRA, Helder Gordim da. "A ofensiva política dos Estados Unidos sobre a América Latina na visão alemã: uma face do conflito interimperialista (1938)" in Estudos Ibero americanos, XVIII, 1: 19-27, jul/1992

SILVEIRA, Miroel. A contribuição italiana ao teatro brasileiro (1895-1964), São Paulo/Brasília, Quiron/INL, 1976

SMITH, Dennis Mack. Le guerre del Duce, Bari, Laterza, 1976

SOCIETÀ Dante Alighieri. Italiani in America, Roma, 1942

SOLARI, Juan Antonio. América - presa cobiciada - Planes de dominación nazi, Buenos Aires, 1942

SOLERI, Marcelo. L' Italia in Brasile, Milano, 1928

SORI, Ercole. "Emigrazione all'estero e migrazioni interne in Italia tra le due guerre" in Quaderni Storici, X, 29/30: 579-606, 1975

-----, L' Emigrazione dall'unità alla seconda guerra mondiale, Bologna, Il Mulino, 1975a

SOUZA, Liana Cardoso. O preconceito contra os italianos em São Paulo nos anos 20 e 30, monografia de graduação em História, IFCH/UNICAMP, 1998, em andamento.

SPONZA, Lucio. "La presence italienne en Grande Bretagne a travers sus journaux (1890-1990)" in Bechelloni, Anotnio. L'integration italienne en France, Paris, Complexe, 1995, 281-291

STACK, John. International Conflict in na American City - Boston's Irish, Italians and Jews, 1935-1944, Westport, Greenwood Press, 1979

STORIA e geografia per la V Classe Elementare, Scuole Italiane all'estero, Roma, 1937

STRIKA, Vincenzo. "Il mancato viaggio di re Faysal in Italia. I rapporti italo irakeni (1929-1933)" in Storia Contemporanea, XV, 3: 371-398, 1984

SULPIZI, Francesco. Il problema dell'emigrazione dopo la rivoluzione fascista, Roma, Albright, Segatti e Co, 1933

TEMINE, Emile. "Les italiens dans la region marseillaise pendant l'entre deux guerres" in Milza, Pierre. Les italiens en France de 1914 a 1940, Collection de L'Ecole Française de Rome 94, Roma, Ecole Française de Rome, 1986, 547-575

O TERCEIRO Reich e o Brasil, Rio de Janeiro, Laudes, 1968

TOBIA, Bruno. "Il problema del finanziamento della Concentrazione d'azione antifascista negli anni 1928-1932" in Storia Contemporanea, 9 (3): 425-464, 1978

TOMASI, Silvano. "L'assistenza religiosa agli italiani in USA e il Prelato per l'emigrazione italiana; 1920-1949" in Studi Emigrazione, XIX, 66: 167-190, junho/1982

TONHÃO, Marcos. Marcelo Piacentini. Arquitetura no Brasil, dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 1993

TOSCANO, Mario. "Il fascismo e l'Estado Novo" in De Felice, Renzo. L'emigrazione italiana in Brasile, 1800-1978, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 1980, 235-270

TOSI, Luciano. La propaganda italiana all'estero nella Prima Guerra Mondiale, Pordenone, Del Bianco Editore, 1977

TOTA, Antônio Pedro. "Americanização no condicional: Brasil nos anos 40" in Perspectivas - Revista de Ciências Sociais, SP, 16: 191-212, 1993

TRENTO, Ângelo. "Il periodo tra le due guerre" in De Felice, Renzo. L'emigrazione italiana in Brasile, 1800-1978, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 1980, 149-190

-----, "Relações entre fascismo e Integralismo: o ponto de vista do Ministério dos Negócios estrangeiros italianos" in Ciência e Cultura, XXXIV, 12: 1601-1613, 1982

-----, "Il fascismo e gli italiani in Brasile" in Latinoamerica, IX, 29: 49-56, jan/mar 1988

-----, "La nascita del Fanfolla: un foglio democratico al servizio della giustizia (1893-1895)" in Novos Cadernos, São Paulo, 2: 7-78, 1988a

-----, Do outro lado do Atlântico - Um século de Imigração italiana no Brasil, São Paulo, Instituto Italiano de Cultura/Nobel, 1989

-----, "La stampa periodica italiana in Brasile, 1765-1915" in Il Veltro - Rivista della Civiltà Italiana, XXXIV, 3/4: 301-315, mai/agos 1990

-----, "Le associazioni italiane a San Paolo, 1978-1960" in DE VOTO, Fernando. Associacionismo, trabajo e identidad étnica - los italianos en America Latina en una perspectiva comparada, Buenos Aires, CEMLA, 1992, 31-58

-----, "Il Brasile, gli immigrati e il fenomeno fascista", in BLENQUINO, Vanni. La riscoperta delle Americhe - Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970, Milano, Teti Editore, 1994, p. 250-264

TREVES, Anna. Le migrazioni interne nell'Italia fascista, Torino, Einaudi, 1976

-----, Natalità e politica delle nascite - L'Italia e le esperienze europee tra le due guerre, Milano, NIG, 1980

TRINDADE, Héglio. Integralismo - O fascismo brasileiro na década de 30, São Paulo, Difel, 1974

TUCCI CARNEIRO, Maria Luísa. O anti semitismo na era Vargas (1930-1945), São Paulo, Brasiliense, 1988

-----, Livros proibidos, Idéias malditas. O DEOPS e as minorias silenciadas, São Paulo, Estação Liberdade, 1997

VALERIO, Gianina. "A emigração italiana para o Brasil (Notas e observações)" in Revista de História, São Paulo, XIX, 40: 385-429, out/dez 1959

VALLI, Roberta. "Il fascio italiano a Londra. L'attività politica di Camilo Pellizzi" in Storia Contemporanea, XXVI, 6: 957-1001, dez/1995

VANGELISTA, Chiara. "Uma revista e a imigração no Brasil durante os primeiros anos do fascismo: Le Vie d'Italia e dell'America latina, 1924-1932" in Veritas, Porto Alegre, v. 40, n. 158: 243-254, junho 1995

VANNI, Clementina. Scuole e fasci all'estero, Veneza, Zanetti, 1934

VAUDAGNA, Maurizio. "Il corporativismo nei giudizi dei diplomatici americani a Roma (1930-1935)" in Studi Storici, XVI, 3: 764-796, jul/set 1975

VENERUSO, Danilo. "La politica estera fascista dal nazionalismo alla rivoluzione senza contenuto" in Affari Sociali Internazionali, 28: 808-822, out/1975

VENTRESCO, Fiorello. "Italian Americans and the Ethiopian crisis" in Italian Americana, VI, 1: 4-28, out/dez 1980

VENTURINI, Nadia. "Le comunità italiane negli Stati Uniti tra storia sociale e storia politica" in Rivista di Storia Contemporanea, XIII, 2: 189-218, 1984

-----, "Italian American Leadership, 1943-1948" in Storia Nordamericana, v. 2, n. 1: 35-62, 1985

-----, "Proeminenti at War: the order Son's of Italy in America" in RSA - Rivista di studi anglo americani, III, 4/5: 441-470, 1985

-----, Neri e italiani ad Harlem - Gli anni trenta e la guerra d'Etiopia, Roma, Edizioni Lavoro, 1990

VIANNA, Oliveira. "O espírito antifascista da nova legislação sindical" in Problemas de direito sindical, Rio de Janeiro, Max Limonad, 1943, pp. 25-33

VILLA, Oreste. L'America Latina - Problema fascista, Roma, Nuova Europa, 1933

VILLARI, Luigi. Le aggressioni degli Stati Uniti nell'America Latina, Roma, Carlo Colombo, 1941

VIVANTI, Corrado. "La stampa francese di fronte al fascismo (luglio 1922 - gennaio 1925)" in Rivista Storica del Risorgimento, VII, 24: 52-92, jan/abr 1975

WALEY, Daniel. British Public Opinion and the Abyssinian War, 1935-36, Londres, Maurice Temple Smith, 1975

WEBSTER, Richard. The Cross and the fasces: Christian Democracy and Fascism in Italy, Stanford, Stanford University Press, 1960

WEGNEZ, Anne Marie. "Les reactions liegeoises au conflit italo ethiopien" in Revue Belge d'Histoire Contemporaine, V, ½: 101-122, 1974

WEISBORN, Robert. "Black America and the Italian Ethiopian Crisis: An episode in Pan Negroism" in Ebony Kinship - Africa, Africans and the Afro Ameircans, London - Westport, Greenwood Press, 1973, 89-114

WIEGANDT SAKOUN, Caroline. "Les Missions Catholiques italiennes das l'entre deux guerres; l'exemple français" in Milza, Pierre. Les italiens en France de 1914 a 1940. Collection de L'Ecole Française de Rome 94, Roma, Ecole Française de Rome, 1986, 470-480

-----, "Le fascisme italien en France" in Milza, Pierre. Les italiens en France de 1914 a 1940. Collection de L'Ecole Française de Rome 94, Roma, Ecole Française de Rome, 1986, 279-287

WILLIAMS, Margaret T. "Integralism and the Brazilian Catholic Church" in Hispanic American Historical Review, V. 54, n. 3: 431-452, agosto/1974

WOOLF, Stuart. "British Attitudes toward Fascism, 1922-1940" in Inghilterra e Italia nel 900, Firenze, La Nuova Italia, 1973, 183-191

ZOLI, Corrado. Sud America, Roma, SIAG, 1927

ZUCCHI, John. Italians in Toronto. Development of a National Identity. 1875-1935, Kingston/Toronto, McGill Queen's University Press, 1988.